3 1761 07149917 2

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/quadrosnavaesouc01soar

QUADROS NAVAES

OU

COLLECÇÃO DOS FOLHETINS MARITIMOS

DO PATRIOTA

SEGUIDOS DE HUMA

EPOPEIA NAVAL PORTUGUEZA

PARTE I—TOMO I

QUADROS NAVAES

OU COLLECÇÃO

DOS

FOLHETINS MARITIMOS

DO PATRIOTA

SEGUIDOS DE HUMA

EPOPEIA NAVAL PORTUGUEZA

POR

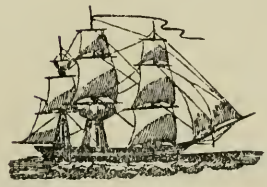
JOAQUIM PEDRO CELESTINO SOARES

OFFICIAL DA ARMADA

PARTE I—FOLHETINS

Segunda impressão

TOMO I



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1861

LIBRARY
APR
5
1970
UNIVERSITY OF TORONTO

PROLOGO

DA PRESENTE EDIÇÃO

Imprimem-se pela terceira vez os *Quadros Navaes ou Folhetins Maritimos do Patriota,* quer por não apparecer á venda hum só exemplar da edição de 1845, feita pelo sr. Antonio Joaquim da Costa, quer pelo favor que os mesmos *Quadros* tem merecido a muitas pessoas competentes neste genero de trabalho.

Não só a *Revista Universal Lisbonense* lhe fez elogios quando elles sahiram pela primeira vez anonymos no *Patriota,* se não ainda o sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos no segundo volume da sua *Illustração* de julho de 1846, lhe deo novos applausos como abaixo se verá. Alem destes lisongeiros testemunhos de apreço da obra, outros hei recebido por escripto que podéra apresentar, incitando-me a proseguir na tarefa encetada, e aconselhando-me a dal-a novamente á luz.

Animado por taes juizes na materia, e lembrando-me que com effeito não havia nenhuma outra obra original deste genero em portuguez, ainda faltando-lhe o merecimento que alguem lhe suppõe, era incentivo para outras producções, e hum documento de haver na arma da marinha pessoa ou pessoas, que se dedicavam a fazer-lhe serviços, recordando

alguns de seus factos notaveis; resolvi-me a pedir ao sr. ministro da marinha o seu auxilio para a fazer reimprimir, e com effeito s. ex.ª o sr. Carlos Bento da Silva annuio aos meus desejos, ordenando que a despeza fosse feita pela repartição a seu cargo.

Se a vaidade me não cega, e os gabos dos meus amigos me não illudem, creio ser esta publicação hum serviço feito á marinha nacional, que mais não seja lembrando-a e tornando notorios muitos dos seus combates, e os sujeitos que nelles entraram. Eis-aqui o meu principal empenho, que outro serviço não cabe actualmente em minhas forças, que lhe possam, pela minha parte e no meu entender, ser mais proveitosos.

Joaquim Pedro Celestino Soares.

Lisboa, 13 de abril de 1861.

JUIZO DA OBRA

Publicado a pag. 60 do n.º 4 do vol. II do mez de julho da 'Illustração' do anno de 1846

BIBLIOGRAPHIA

Quadros Navaes ou Collecção dos Folhetins Maritimos, publicados no Patriota pelo sr. Joaquim Pedro Celestino Soares

A nação portugueza e a hespanhola, parecem talhadas de molde pela providencia para serem grandes por feitos maritimos. A disposição do nosso territorio, o numero dos seus portos de mar, e a particular excellencia do de Lisboa, a abundancia de madeiras de construcção, e finalmente, o natural valor e animo arrojado a emprezas difficeis que nos é proprio, deviam concorrer poderosamente para isso.

E com effeito fizemos muito; descobrimos novos mundos, derramámos sobre a Europa com mão larga os abundantes thesouros que nos vinham aportar ao Tejo, e fomos pela importancia das nossas colonias e pelo valor dos nossos soldados, huma das primeiras nações da Europa.

Este estado de prosperidade não mudou de repente, e pelo que pertence á marinha ainda na occasião da partida do senhor D. João VI para o Brazil, a nossa esquadra era respeitavel. Tudo isto se perdeu, e até a memoria dos sujeitos mais insignes d'aquella arma, e das suas mais estremadas gentilezas, se ia tambem sumindo no ingrato esquecimento em que tudo fica entre nós.

O sr. Celestino com a sua obra pôs hum obstaculo a este

immerecido desprezo; não que elle tivesse a lembrança de escrever todos os feitos dos nossos mais celebres maritimos, mas porque tratando de alguns, protestou contra o descuido geral, e abriu a porta a outros escriptores, se não a si proprio, como muito seria para desejar.

Este opusculo é com effeito precioso, mesmo pelo seu merecimento litterario, e sem repetir os louvores ao muito grande amor das cousas patrias, que resumbra em todo o escripto. As scenas navaes são descriptas com a propriedade de termos de quem se educára sobre as ondas, e com tal interesse, que não hé possivel deixar de captivar toda a affeição do leitor.

Tem hum defeito: é pequeno o escripto! Mas esse defeito póde e hade de certo remediar o auctor, dando-nos maiores occasiões de o louvar, e continuando o serviço feito á marinha portugueza.

A redacção da *Revista Universal*, soube logo conhecer-lhe o avultado merecimento, desde a publicação anonyma do primeiro folhetim, e tributou-lhe os devidos louvores.

DO EDITOR

O abaixo assignado, editor e impressor dos *Quadros Navaes ou Folhetins Maritimos do Patriota*, tendo noticia do apreço que mereceram, esgotando-se todos os numeros do jornal em que foram publicados, lembrou-se de os colligir n'hum pequeno folheto, persuadido que nisto satisfazia o empenho de muita gente curiosa de saber os factos contemporaneos da nossa marinha a que se referem; e entendeo que prestava hum serviço á mesma marinha, perpetuando deste modo noticias de acontecimentos honrosos, que dispersos como estavam em curto praso se esqueceriam.

Convindo o auctor nesta nova publicação, emprendeo o abaixo assignado leval-a a effeito desde logo, no que foi contrariado até hoje, esperando comtudo se lhe leve a bem o esmero com que buscou diffundir huma obra original, patriotica, e puramente portugueza.

Lisboa, 1 de abril de 1846.

Antonio Joaquim da Costa.

PROLOGO

DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Hum nome de mais se inscreverá na lista dos romanceiros; tanto póde a vaidade no coração humano, que do individuo só afeito ao mugir das vagas, e ao sibilar do vento na enxarcia, faz hum auctor! Mas sirva de desculpa a quem se apresenta nas ruas da cidade cheirando a marezia, o lisongeiro modo por que muitas pessoas de exquisito olfato, receberam as producções da sua penna immersa em alcatrão. *Os Folhetins Maritimos* publicados no *Patriota,* foram bem aceitos; a *Revista Universal Lisbonense,* dedicou-lhe huma columna de louvores; huma senhora de abalizado merito, invocou as musas em seu applauso; e bibliographos de tacto subtil mostraram desejos de que o marinheiro se não descuidasse da laboriosa faina de pintar as scenas de bordo.

Comtudo, nem o desejo de figurar entre os litteratos me induz a compor hum livro, nem a affectada modestia de occultar o nome para me inculcar personagem, me dirige os dedos n'esta publicação. Os motivos que me levaram a escrever sobre o assumpto, já os declarei no *Agradecimento á Revista Universal;* não escondo a minha assignatura porque se sabe quem compoz os *Folhetins Maritimos.* Agora só busco offerecel-os

ao publico, isentos de muitos erros com que foram impressos; e depois, conforme o acolhimento que obtiverem assim correctos, me determinarei a colligir outros factos curiosos, ou darei por concluida a minha derrota, e toda a manobra por acabada.

Este primeiro volume comprehende apenas os doze numeros referidos; o segundo comprehenderá menos porção delles, porém de viagens de mais longo curso. Até hoje não só o seu assumpto hé todo nacional, mas até a idéa não foi emprestada. Meus amigos o sabem, porque hum bem conhecido, me alcançou os oito volumes de *Coopers*, depois que a *Revista* mencionou este auctor, e *Eugenio Sue*, cujas composições maritimas tambem não vi. Ou máos ou bons, são essencialmente portuguezes como o foi e hade ser

O capitão tenente da armada

Joaquim Pedro Celestino Soares

AO ILLUSTRE EMIGRADO

JOSÉ ESTEVAM COELHO DE MAGALHÃES

Estás longe da patria e dos amigos, hum sentimento generoso te acarretou a desgraça, mas que grande consolação te deve dar a parte que geralmente se toma nos teus dissabores! Nunca foste ministro, nunca foste chefe de facção, nunca tiveste clientella apalavrada, eras só, eras José Estevam; sem os atavios, as influencias do poder, desprezando todos os meios de engrandecimento que não dependessem da perfeita contextura dos teus orgãos intellectuaes, da grandeza da tua alma, da bondade do teu coração; e tanto bastava para te fazer distincto e o mais importante do teu partido! Se fallavas na camara, teus adversarios eram fulminados, arrebatando-se de te ouvir a gente cuja opinião seguias; se transitavas de hum a outro ponto, fagueiros os grandes te faziam róda, cortejando-te gostosos os pequenos; se apparecias nos theatros, o teu camarote mal continha os concorrentes; qualquer cousa que se emprendesse, não se discutia, não se executava sem a tua cooperação!... E huma existencia tão cheia de gosos, arriscastel-a

por mero capricho! Não soffreste que se dissesse —José Estevam quer isto— Não quer; mostrou que não queria associando-se aos descontentes! A vida mais grata, o modo de estar mais lisongeiro, sacrificam-se no altar da patria, quando alguem entende que isso lhe póde ser util. Procedendo assim, jogaste hum valor que todos os ambiciosos juntos não poriam em contingencia n'este seculo de egoismo. Huma carreira sem mancha, huma joventude esperançosa, huma posição brilhante, huma influencia indisputavel, huma reputação de estrondo. Mas deixa que talvez a perda temporaria da ventura te aproveite; hum contratempo na vida, hé sempre necessario para nos advertir da instabilidade das cousas humanas. Se continuasses na posse de tantos bens, apesar do teu bom juizo, havias ensoberbecer-te, fascinar-te, julgar os teus similhantes muito inferiores a ti; agora não; tirarás partido d'este revés que em certo modo te põe ao nivel do mais commum dos nossos compartidarios. Quando hajas de voltar, ver-te-hão prudente, se prudencia não tinhas; estudioso, se mingua de estudo te notavam; possuindo pratica do mundo, que só correndo terras, e desvalido se alcança; e mais que tudo, cheio das bençãos d'aquelles que hoje conhecem a tua falta e almejam pelo teu regresso.

Não sei ao certo onde paras, supponho-te errante, e por isso não te escrevi ainda, pois a minha carta havia de ser extensa, reflectida, e contendo allusões e referencias, que a outros não quizera communicar; mas tenho-te presente, penso em ti, e fallo de ti como sempre fallei porque a minha amizade hé fundada no conhecimento do muito que vales, e no justo apreço das tuas rectas intenções. Nisto não diffiro do povo que, segundo observo, te considera como eu, e acredita na tua boa fé. Em nome pois da nobre confiança que inspiras, te offereço quanto fui escrevendo, possuido de amor patrio, e de respeito pela arma a que pertenço. Lê os *Folhetins Maritimos*, corre os olhos pelas scenas da vida do navegante, e pondera a situa-

ção do official da armada, quando satisfaz a todas a indicações do serviço que d'elle se exige. Espero que dês valor a estes quadros, resumidos mas verdadeiros, pelo sentimento de nacionalidade que significam; e tambem que te seja grata a idéa de que, sem pretender lisongear-te, e conhecendo bastante o mundo e os homens, te dá o primeiro logar no seu coração, o

Teu amigo

Celestino (Joaquim).

Quinta de Leccia, 1 de setembro de 1845.

POESIA MARITIMA

4173 Lord Byron, Walter Scott, Cooper, Eugène Sue e outros mostraram que a poesia do mar era immensa, profunda, esplendida como elle. Léon Gozlan, posto conhecesse tão pouco a historia do mar, que disse de Vasco da Gama «este rião fez mais que ajuntar hum pequeno traço á carta maritima», escreveu hum artigo, não sem merecimento e verdade, aconselhando á litteratura da sua terra o que os medicos tantas vezes receitam ás damas, enfraquecidas pelo abuso dos bailes e prazeres: os banhos do mar. O conselho era bom, o peior era ser pouco exequivel. Não trata, ou pelo menos não deve tratar hum assumpto senão quem o conhece; e o mar para os poetas e novellistas de Paris, tinha o seu *tu n'iras pas plus loin* nos bastidores da opera. Os nossos poetas de outros tempos poderiam ter escripto de mar muito e muito bem; pelos nossos prosadores de historia de viagens, descobrimentos e conquistas se conhece. Pena hé que em tal não advertissem; o proprio Camões, tão marinheiro na vida e homem de tão admiraveis instinctos, não soube resistir á torrente do costume, e assim como esperdiçou as bellezas do christianismo, caldeando-as absurdamente com as do paganismo, assim estragou o navegante com o arcade; poucas oitavas dos seus *Lusiadas* tem a necessaria fragrancia das espumas salgadas e do alcatrão; o som fresco do vento pela enxarcia, o baloiço, a vida rouca, vacillante e saudosa do navio; em todos os outros seus poemas, os carneiros do mar são sempre substituidos pelos da terra,

as tempestades pelas auroras floridas, o ranger do leme pela flauta namorada, e as commoções fortes á aproximação do inimigo, do tufão ou do porto, pelas cantilenas dos pegureiros, já de Theocrito até elle, tres mil vezes repetidas.

Hé de esperar que a litteratura que principia a introduzir-se nos nossos officiaes de marinha, fará com que em quanto não dizemos o ultimo adeus aos mares, outr'ora nossos, algum espirito bem nascido, cheio de nobre emulação diante dos exemplos dos escriptores já citados da poesia nautica, se abalance a conquistar tambem para nós hum quinhão n'este novo mundo; e apressar, apressar que se não nos enganâmos, o vapor dentro em pouco tempo haverá feito desapparecer a ultima véla da superficie dos mares; e de então ávante essa poesia haverá mudado muito de natureza. Muitas das suas tradições e effeitos primitivos cederão a vez a outros effeitos e a outras tradições, mais ou menos grandes, mais ou menos bellas, não hé essa a questão; mas differentes, e que por consequencia deixarão inutilisado todo o immenso thesouro desde Fuas Roupinho colligido até nossos dias.

Taes foram as reflexões que se nos suscitaram ao lermos no *Patriota* os bellissimos artigos intitulados *Folhetins Maritimos* (o primeiro veio no n.º 529, o segundo no n.º 534 e o terceiro no n.º 537). O auctor, que não sabemos porque, julgou dever esquivar o seu nome aos applausos publicos, mostra não só que possue por longa pratica toda a sciencia technologica e moral do seu objecto, mas que recebeo da natureza e do estudo todas as partes de que se fórma o escriptor de merito. Todas estas scenas historicas e contemporaneas de combates navaes e de naufragios que nos elle tem escripto, denunciam mão de mestre! pena hé que em artigos desconnexos e fugazes e morredoiros como tudo, e até o optimo que em periodicos se lança, se haja de gastar todo o seu talento. Não lhe aconselhâmos que renuncie a continuação de taes memorias contemporaneas: — são recompensas a meritos verdadeiros, e podem ser incentivos para outros: — como taes, são indubitavelmente preciosas. Folgáramos porém de que emprehendesse

obra maritima de mais largo fôlego, de hum ou muitos volumes, romance ou historia, mas onde a curiosidade de huma narrativa mais extensa, attrahisse, prendesse e fecundasse melhór o espirito dos seus leitores.

Revista Universal Lisbonense, n.º 40.

FOLHETIM DE AGRADECIMENTO

Á

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE

Mui desapercebido estava hoje, 25 de abril, quando recebi o n.º 40 da *Revista Universal Lisbonense*, remettido por amigo officioso, que n'ella tinha deparado com artigo que me dizia respeito. Estava em familia, e comecei a ler, esperando encontrar o meu nome; fui tomando sentido, até que na penultima folha apparece a epigraphe —Poesia Maritima—. Ha de ser aqui; queres ouvir Marianna? Ouvirei. Formou-se pequenino circulo e comecei a ler pausadamente, a ver onde a cousa iria parar. Foi-nos parecendo bem, mas á proporção que se ia acabando o primeiro paragrapho, foi-se-me alterando a voz; cheguei ao fim d'elle, e descancei de huma certa anciedade. Olhei para minha mulher, e vi que tambem tinha alguma differença no rosto, como quem perguntava —acabará isso em bem ou em mal?— Tomei larga aspiração e entrei no segundo. Fui lendo, e o coração a batter-me apressado, a voz embargou-se-me de todo, parei, e dei-lho. Não posso, lê tu. Olhei para ella, tinha os olhos arrazados de agua, e hum dos meus bons irmãos (por que são bons) acontecia-lhe o mesmo; a mim já me cahiam no papel.

Pouco merecido e ainda menos esperado louvor, me fôra dirigido por habil e desinteressada pena! Quem quer que tu és, sou teu amigo; o teu coração hé como o meu, hé portuguez; nascidos em Portugal ha muitos, porém amantes desta terra não são todos. Comprehendeste o meu pensamento, ainda bem; o amor da Patria, e o afferro á minha nobre profissão,

me levaram a escrever aquellas linhas para o povo, que como tu e eu, as olha com interesse.

Desde a infancia dedicado á marinha, militar porque de soldado nascêra, tudo me agrada quanto com ella tem relação, todas as minhas idéas tendem para o mar, e a maior parte da minha vida tem sido empregada em objectos maritimos; por isso vendo que o alvo dos meus cuidados ia merecendo pouca consideração, tornando-se a marinha de guerra quasi nulla e inutil, appellei para as sympathias populares, esperando que as vozes da multidão unidas á minha, despertassem aquelles que lhe podem acudir.

Não escrevi pois hum livro; que homem do povo tem tempo para ler, e dinheiro para comprar livros?! Nenhum, quando hé possivel que comprem hum jornal que passa de mão em mão, sendo talvez lido por quinhentas ou seiscentas pessoas. Eis-aqui o meu proposito, lembrei a marinha, sem aspirar á gloria de auctor; referi com singeleza e verdade factos contemporaneos, tirando delles a necessaria moralidade. Procurei para meu interprete o jornal de menos vulto como eu, porém que o povo présa e acredita; porque este povo intelligente e bom (apesar de que alguem só lhe reconhece instincto) sabe que os redactores delle não tem grandes pretenções, e menos presumem domina-lo.

O dia de hoje hé para mim de grande ventura, pois alcancei o testemunho de que, alem dos que eu esperava mover, hum genio transcendente me escutou com attenção, e bem disse o meu trabalho. Não podes deixar de ser bom, neste mundo não ha maior recompensa do que a estima dos homens de bem, e por isso muito me uffano de ter obtido estes louvores, tendo em maior valia as 75 linhas que me dirigiste, do que grandes cabedaes. Quando nos encontrarmos havemos reconhecer-nos, ja sabes que sou marinheiro, tu és escriptor distincto, e amante da Patria; serei o primeiro a procurar-te, e espero que cordialmente apertarás a mão do

Teu amigo

C. J.

O MARINHEIRO

TRADUCÇÃO DO FRANCEZ

OFFERECIDA

AO AUCTOR DOS FOLHETINS MARITIMOS

PUBLICADOS NO PATRIOTA

DEDICATORIA

Joven, ou ancião, quem quer que sejas,
Espirito brilhante que divagas
Pelos topes das náos, e pela fronte
De inclitos domadores do Oceano;
Oh, não deixes a plaga, onde tranquillo,
(Em quanto das paixões referve a luta
Por esse orbe de Lysia) só te enleva
O bramido alongado das tormentas;
A bosina do corso, e o retinido
Do apito, que á manobra avisa os nautas.
De hum gageiro do Senna escuta os carmes,
Que eu quero repetir ao patrio Tejo:
Aceita-me esta publica offerenda,
Pela doce impressão que me vibraste,
Com a gloria naval do pendão luso.

Lisboa, 29 de abril.

ODE

Oh, eis do Oceano as ondas crystallinas,
O odor nauseante, o módulo ruído!
É melhor este odor, que os mil perfumes
Das nossas bellas, este som mais grato,
Que o seu cantar mimoso!
Habitações, collinas, fortalezas,
Campanarios, adeos!... Aqui sentado
Sobre a amurada, resvalar vejo ainda,
Fendendo o mar co'as azas, a gaivota,
De enegrecido dorso!
Meu brigue de dois mastros, como é lindo!...
Fosse elle o meu alvergue!... Que ventura...
Adormecer nas vagas balançado...
Por entre a mastreação brincando a briza,
Vir beijar-me, qual mãi que o seu filhinho
Acalanta no berço...
Oh se fôra meu tumulo o Oceano!
Mas eu te mancharia, a ti, que altivo,
De teu seio arrebatas nossos corpos,
E encarregas a terra, a ti submissa,
De sepultar teus mortos!
Avança, meu baixel... desprende a amarra...
Mergulha a prôa, ao resaltar do ferro,
Que a figura enlaçadas duas serpes;
Desferra as vélas: o escaler pendura;
E marcha!... roja a toga verde,
Que a longa airosa quilha te reveste:
O mar não'stá cançado, elle ainda ignora
Qual pesa mais, se hum arbustinho tenro,
Se huma náo de tres mastros.
No horizonte só vejo os céos, e os mares!...
É para delirar... Eu amo o Oceano,
Porque elle é só, mais bello que os dois mundos,
E é rei omnipotente.

Por vassallagem ao seu grão monarcha,
Ao formidavel rio, os rios correm:
Por diadema, sómente o sol radiante
Na fronte se lhe ajusta!
Sempre ao romper do dia, a urna ingente,
Sem nunca se exhaurir aos céos se eleva,
Como um suave fumegante incenso;
E o vaporoso céo lhe outorga, em paga,
Candidas nuvens, que sopea hum anjo;
Com seus soberbos dons ambos se brindam,
Como dois reis que mutuos se festejam.
Ai! E quando em horrisono duello,
Lutam os elementos conjurados!...
Que ígneo ribomba o céo, e o mar furioso:
Se ergue em serras de porfido e alabastro,
Da pôpa á prôa sobre nós se atira,
Afferra o brigue, cospe-lhe e sacode-o!...
As trevas e os relampagos se encruzam!
As vélas amainai! Correi grumetes,
Ás vergas! Marinheiros ás enxarcias!
Nós os nautas jogamos nossa vida
Aos furacões, aos raios, aos abysmos!
O Oceano rebrama... e Deos o abate,
Co'o fero açoite dos tufões em punho,
Como um senhor que pune o seu escravo,
E tu para que estás em ira eterna!...
São mais puros os céos, são mais brilhantes?
Precisas tu de seus esmaltes de oiro,
De seus sóes invisiveis, mar zeloso?
A terra hé mais extensa? Ou tu no espaço
Quererias ficar unico e livre,
Sem nada a par de ti, nada mais alto!
C'o estridulo cachão de cem torrentes,
Perfilam-se, e despenham tuas vagas;
Os escarcéos de espuma, igual a um vélo,
Te argenteiam... Mas Deos, lá desde o Empyreo,

Ri-se da tua colera... não podes
Teus limites franquear: sê orgulhoso,
Porque o cárcere teu, hé meio globo.
Porém quando esbravejas és sublime!
Amo-te mesmo então, que te assemelhas
Ao leão potentado das florestas,
Quando o furor ás visceras lhe adhere,
Que as fauces escancara, erriça as jubas,
E as selvas faz tremer com grão bramido!
A procella passou—já vem propicio,
Doce galerno afugentando as nuvens,
Afagar-te, e da côr do céo tingir-te:
Surge brilhante o sol, e se resplende
Nas aguas tuas, em mil conchas de oiro:
Foi o auxilio do céo, foi o soccorro
Da mãi dos navegantes.
Agora folga e ri, minha equipagem:
Cadenceia com os zéphiros teu canto;
O cantar dos gageiros enfeitiça...
O nauta é a avesinha, que apparece
Após a tempestade, e se espaneja,
Esvoaça, chilria, outra vez solta
Seu cantico altaneiro.

Maria J. S. Canuto.

RESPOSTA

DO

AUCTOR DOS FOLHETINS MARITIMOS

Á DEDICATORIA QUE LHE FOI DIRIGIDA

E PUBLICADA NO N.º 545 DO PATRIOTA

SONETO

Figura juvenil eu já não tenho,
Não me acurva tambem a muita idade,
Mas do que póde a mão d'adversidade,
Mostra meu rosto o mais fiel desenho:

De completar em fim dez lustros venho
Havendo aos seis perdido a liberdade;
Das paixões supportei a intensidade,
Sendo a da Patria honrar meu mór empenho.

Hé crivel que nunca o haja conseguido,
Posto ver o baixel que commandára
Pelos canhões imigos submergido;

Como então, por ella hoje me arriscára,
Mas canto o que dos lusos hei sabido
Porque a sorte outra cousa não depara.

Lisboa, 2 de maio de 1845.

C. J.

EM AGRADECIMENTO

A ILLUSTRISSIMA E EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. M. J. S. C.

Ninfa que d'agua amára cantar sabes
Os perigos e a força omnipotente
Em metro suavissimo e elegante;
Que te apraz o medonho negro quadro
Das lutas de Neptuno embravecido
Contra Eólo que o dorso lhe fustiga;
Dos dons que a tua lyra tão cadente
Comigo generosa mal reparte,
Mil graças te daria se eu soubesse
Canticos entoar dignos de ouvir-se;
Mas já que a rouca voz, e pouco engenho
Transumptos ser não podem do que sinto,
Acolhe do tostado navegante
Os desejos que tem de ser-te grato
Em maritima frase mal expressos:
Repara n'outro quadro ainda mais negro,
Mais medonho, mais digno de notar-se
Quando elle contra Tellus se arremessa
E rabido em vão busca esboroal-a.
Lá em longiqua plaga desenhado
Por callejadas mãos de nauta agreste
Em prancha alcatroada e mal geitosa,
Talvez que por grosseiro te enfastie;
Mas perdoa todo o tosco da pintura,
A troco da verdade que revella
Acaso por mim bem presenciada.

O TUFÃO

ODE

Quão sereno e macio está o tempo!
Duas vezes o sol já temos visto,
Passar nosso zenith assim risonho:
Amenissima tarde!
Que comprido horisonte se descobre!
Soffregos olhos transcender pretendem
Da inclinação sua o limite extenso:
Mais longe se alcançára.
Nem sequer uma nuve o céo povôa!
Alegres passarinhos se namoram:
Odoriferas flores dos casulos
Como á porfia sahem.
O mar, quasi de estanho que parece;
Nem hum Zefiro brando de Neptuno
As espadoas lhe enruga salitrosas:
De Nerêo dorme a prole.
Mas como ronca surdo em seu lethargo!
Té dormindo, inimigo formidavel!
Como naquella praia se desdobra
Quebrando rijo a vaga!
D'onde virá, que tanto se esperguiça?
E sôa, que parece alvorotado!
Fenomeno que custa a perceber-se,
Não o alcança a physica.
Mas que ave peneirando ali se eleva?
Hé do vasto Oceano habitadora:
Outras ao largo vem, como fugindo
De grande tempestade.

Já o carro brilhante do deos loiro,
Se escondeo pelo madido elemento;
Mas purpureo clarão o céo a mostra
Mais que do costume.
Brandos favonios ei-los pouco, e pouco
Das arvores c'o as folhas se entretendo;
Eis que o seu manto, a noite humido espalha:
Do Norte já vem nevoas.
Já os pharoes ethereos se eclipsaram,
Bem negra se tornou agora a noite;
E como assobiando do Nordeste
Chove e sopra duro!
Que rapida mudança fez o tempo,
Que ainda no fim da tarde bello estava!
Que celeuma lá vai já pelo rio
Dos nautas assustados.
Como tremem as casas sacudidas,
C'o as refregas, que passo a passo crescem;
Se ellas assim durarem muitas horas
Em pé nenhuma fica.
Escuridão tristissima, quem déra
Que os crinitos Ethontes governasse;
Se o intonso cocheiro agora fôra,
Depressa tu fugiras.
Mas eis que por Titão a triste amante
Ao dia as portas abre descontente;
Seu carro nacarado hé todo luto:
De noite até parece.
Quão avidos de algum seguro abrigo
Baixeis desmantellados vem chegando,
Por entre a marulhada lá diviso
Já restos de algum lenho.
Pequenino batel, por agua abaixo,
Ali vai soçobrado, e quasi immerso;
Quantos troncos alem todos partidos
Vão em cima das vagas.

Os barcos alterosos não resistem,
Ei-los se apinham todos, todos garram;
As amarras rebentam de alguns d'elles;
Ó quantos vão á praia!
Lá bate nos rochedos Taó [1] grande,
Quebrar-se aqui vem este já sem leme! [2]
Velho infeliz, creança que ides dentro
Quem déra soccorrer-vos!
Como inchado o cerúleo soberano,
Engolir quer a terra, que estremece!
Não só rochas esb'rôa, e meche o fundo,
Mas cresce em superficie!
Como este cáes aqui todo desfeito
Ficou por estas ondas que lhe batem:
Vão-se alluindo mesmo os alicerces,
Em pouco as casas caem.
Como ao pé já de outras abatidas,
Alguns barqueiros tentam acoitar-se!
Alem áquella porta espedaçada
Guiaram sua Lorcha.
Isolados estão todos na baixa,
O mar cobrindo vai as ruas todas,
Das janellas sem custo se pescára
Se peixe agora houvesse!
Quaes as ligeiras folhas que subindo,
Impellidas do vento lá se sómem,
Assim, pesadas telhas, pedras mesmo,
Vejo vir de bem longe.

---

[1] Nome dos navios grandes de guerra, que são como os juncos, porém mais finos e veleiros.

[2] Foi verdade; levava dois infelizes que iam gritando, aos quaes accudiram dois corajosos portuguezes, Victorino José Ferreira Braga e Antonio Pedro de Sequeira, que com todos os Atays e Cules da Feitoria, lhe atiraram cabos e seguraram a Somma.

Que horroroso estrugido se ora escuta!
Eólo nas abobadas celestes,
Co'as carroças dos deoses misturado,
O mesmo mundo abala!
De Deucalião a chronica sagrada,
Não pinta tão medonha desventura;
Despenhadas torrentes dessas serras,
Formam mil cataractas!
Não sabem olhos, onde vão primeiro
Atrahidos de assombros taes cevar-se;
Continuado susto, horror interno,
Tem como oppresso o peito!
Com que braços o vento enraivecido
De aquelle galeão torceo os mastros!
Por pé dos tamboretes, em estilhas
Os tres ao mar sacode. [1]
Que lanço de muralha alem cahida,
Obstrue naquella rua, a que se passe;
E como a demolio, fluido impalpavel
Qual magico artifice! [2]
Que annoso não seria aquelle tronco
Daquella de Pagode, immensa arvore?
Mas lá vão raizes, copa, tudo
Por esse chão de rojo!
Como de agua, de areia ali cobertas,
Viçosas sementeiras se sumiram!
Semanas, mezes, annos de trabalho
Sepultaram-se em horas!
A falta de equilibrio que se observa,
Talvez do grande fim começo seja!
Ó Deos! se o mundo assim tornas ao nada
Para que fizeste homens?!

---

[1] Navio *Duque,* de 800 tonelladas que estava em franquia perdeo todos os tres mastros e parte da borda, aguentando-se incrivelmente sobre as amarras.

[2] Na travessa do Bil, todo o seu muro cahio e o das casas proximas.

Mas não que a tua voz omnipotente,
O raio da vingança não despede;
De tantos desgraçados, aos clamores
Ser surdo não podias.
Já menos guerreando os elementos
Esperança nos dão que o mal se acabe:
De Themis, seus quadrantes doze vezes
Viram a custo as filhas.
Quando outros doze passos lá marcarem
Cançados que talvez os Brontes durmam;
E que a próle esgotasse de Dânaùs
O inexgotavel rio.
Volveram, que o de Daphne loiro amante
A quadriga veloz, festivo açoita;
Brandos Favonios, já co'as azas brandas
As nuvens dispersaram.
Mas que estragos agora não divisam,
Os pacificos olhos assombrados?
Como dentro passou de aquellas rochas
Grande e inteiro hum navio!
E quantos sobre a areia estão varados!
Só com guindollas quantos vem entrando,
Quantos cadaveres essas praias todas
Amostram lastimosos!
Ai que tantos milhares de infelizes
Nas ondas se sumiram para sempre!
Dezoito mil, e mais não apparecem:
Cem barcos grandes faltam! [1]
Que prantos lutuosos se não ouvem!
Que divisas funéreas todos trazem!
Hum só não ha, não ha huma familia
Que muitos não perdesse!

---

[1] Numero attestado pelo mandarim, dos barcos ali da ilha de Chusam, que regularmente trazem huma companha de 20 pessoas, faltaram 2:000 chins, o resto para os 18:000 foram das outras ilhas.

Ó nunca imaginado se não visto
Furioso tufão, indescriptivel;
Mal haja quem habita onde tu reinas,
E longe não deserta!

Macáo, em 22 de setembro de 1831, por occasião do furioso tufão deste dia.

QUADROS NAVAES

OU

COLLECÇÃO DOS FOLHETINS MARITIMOS

DO PATRIOTA

FOLHETIM MARITIMO

Nos ultimos dias de dezembro de 1820, recolhia-se a fragata *Perola* de ter comboiado varios navios ao sul das ilhas de Cabo Verde, por causa dos corsarios, e ter feito longo cruzeiro nos Açôres e costa de Portugal; deixando de proseguir na caça á curveta *Heroina*, que era de muito melhor pé, e tinha entrado para o estreito, depois de disparados alguns tiros.

Fez-se o ponto, achava-se a fragata 14 milhas ao su-sud-oeste [1] da Roca: todos esperavam ter o ferro no fundo antes da noite, defronte de Belem. O vento era sul a su-sueste, levantando-se barras grossas do sud-oeste a oeste. Dera o gageiro parte de navio ao sul.

—Ó da gavia, já vês que embarcação hé?

—Sim, senhor; brigue escuna.

[1] Costuma escrever-se SSO., que hé huma abreviatura usada a bordo; porém, para intelligencia dos leitores que ignoram a linguagem technica, escrevi os rumos por extenso.

Subiram alguns officiaes a cima das peças, e disseram:

—Ei-la ali, estava cozida com a terra do cabo, e vai agora no mar.

—Que horas são? Pergunta o commandante.

—Hé mais de huma hora.

—Atravesse a gavia: esperemos hum pouco a ver o que faz.

Posémos a gavia sobre, e o navio depois de ir no mesmo bordo cousa de dez minutos, virou botando em cheio para nós; tendo navegado quasi outros dez, ao que pareceo para nos reconhecer, tornou a virar, e metteo de ló, cingindo o vento no bordo do sud-oeste.

—Será aquillo algum corsario? Disse o commandante para o capitão de fragata [1].

—Será, respondeo este, mas que se lhe hade fazer nestas alturas? acabámos o nosso cruzeiro, temos apenas mantimento para quinze dias a meia ração, hé inverno, daqui a bocado hé noite, e o tempo mostra ahi huma carranca do oeste, que não hé para graças.

—Mostre o que mostrar, replicou o primeiro; se ainda hoje ou ámanhã aquelle navio fizer alguma presa, que dirão de nós em Lisboa? Porque não entra? Que anda fazendo com aquelles bordos? hé suspeito, e devemos desenganar-nos. Ála braços.

Havia refrescado o vento de maneira que, quando a fragata pôs no outro bordo, e orçou custava-lhe a aguentar os joanetes.

—Amura a véla grande, caça a drayva; mande metter a artilharia de sotavento dentro, para a fragata se adrissar melhor: obras de joanetes na mão.

A fragata levava-se bem, mas ia com os batentes das portas, e a abatocadura debaixo d'agua.

—Marinheiro do leme, olha para o panno, não toques.

Teriamos andado obra de 5 a 6 milhas, rompeo a trovoada fortissima, forrando-se tudo.

—Arria joanetes, carrega, abafa; carrega a véla ré, chega para o estingue grande; punho de sotavento em cima.

[1] João Ignacio Silveira da Motta.

A fragata não podia mais, porque a trovoada tinha crescido, e o vento era fortissimo.

—Arria a bujarrona, carrega a véla grande; arria gavias, mette a gata dentro: mestre Leite.

—Senhor!

—Gavias aos segundos.

Foi a arriar-se a bujarrona, mas fez-se em tiras; o vento calou duro, muito duro, travessia do oeste a oés-noroeste, com aguaceiros de pedra, sem se ver mais navio, nem terra.

—O tenente da tropa que atraque a artilharia a ficar, com peitos de morte, metta os oculos, e pregue travessões, isto já. Mestre Leite, em acabando de rizar, bote abaixo as vergas dos joanetes, e acachape os mastaréos, que não fiquem muito arriados para poder içar as gavias: vamos antes que chegue a noite.

O gageiro de prôa, que tinha ido para o láis do velacho, arrebenta-lhe o impunidoiro, cahe com a cabeça em cima do ferro de B B, deixa os miolos, e foi-se pela borda fóra: a gata desferra-se, e atira com o gageiro entre as bitaculas: não deo hum ai, e ficou para sempre.

Deram seis ampulhetas, não se via nada; o commandante desce do degráo, enfurna pela escada da meia laranja, o immediato, Silveira da Motta, fica ao catavento, e a fragata vai seguindo bastante em duas gavias arriadas, e traquete, fazendo prôa do norte. Chega o cabo do quarto.

—Srs. officiaes á camara, fique o piloto.

Estava o commandante com a carta em cima da mesa, o creado Manoel Domingues segurando huma das suas pontas, e hum castiçal, e o commandante com outro na mão; assim que entrámos retirou-se o creado, e elle disse.

—Hé quasi noite, não se descobre a terra, menos se verão faroes, não se póde commetter a barra, precisâmos aguentarnos fóra até pela manhã; ao meio dia demorava a Roca ao nor-noroeste, 14 milhas, andariamos 3 a es-sueste, estivemos de gavia sobre, meia hora, fomos outra meia no mar andando 4 milhas, temos gasto meia hora em rizar, botar ver-

gas dos joanetes abaixo e arriar mastaréos, tendo cahido agora e o tempo que estivemos atravessados talvez 3 milhas, o que tudo sommado, dá pouco mais ou menos a mesma posição do meio dia: o vento hé de rajadas, entre oeste e oés-noroeste, seguindo neste bordo com bastante panno, podemos montar a Roca; no outro bordo perdemos em virar em róda, variação e abatimento, vamos ficar ensacados, digam a sua opinião.

Ouviram-se todos, e concordaram em seguir com a mesma amura; e se o vento escaceasse depois, encalharmos na Praia das Maçãs.

—Bem, tudo para cima: sr. Silveira[1], mande pregar os encerados nas escotilhas; sirvam-se pela escada da praça de armas.

Subiram todos, o commandante foi para o catavento, e mandou:

—A seus póstos, quatro marinheiros para o leme, chega para as adrissas, iça gavias; amura a véla grande; chega para a escota.

—Diz o immediato: a fragata não póde com esse panno.

—Hade poder, replicou aquelle, o mar hé grosso, e sem a véla grande não se aguenta o navio para barlavento, não podemos desprezar hum decimo; ás sete horas devemos estar livres de perigo, ou encalhados; caça; hum official superior para a escota, e o estingue na mão para carregar se fôr preciso.

Tudo assim se fez, sem ninguem dar palavra. Logo que acabou de caçar-se a véla grande, a fragata veio para o ló adornando toda, e mettendo a trincheira de estibordo debaixo d'agua: chaleiras de balas, cabos, e gente que não estava agarrada, tudo cahio a sotavento; hum mar embarcou pela amura e levou a trincheira, algumas balas rolando pela tolda e castello cahem ao convés[2], partem pernas e braços a soldados e marinheiros.

—Homem ao mar!

[1] Francisco de Paula Borges da Silveira, capitão tenente.

[2] A fragata éra de pôço, tinha bailéos, e por isso cahiam as balas, que rolavam na tolda e castello, ao convés.

Não se lhe pôde acudir, ninguem se largou donde estava.

Quando passou a refrega chamou o commandante.

—Todo o mundo para barlavento; bote a barca; quanto deita?

—Sete milhas.

—Veja bem, torne a deitar; quanto?

—Sete milhas e quatro decimos.

—Abate muito?

—Não, senhor, fica a esteira pela alheta, não chega á quarta e meia.

—Andar assim; ás sete devemos ter montado a Roca: onde está a prôa?

—Norte quarta do noroeste, com a rajada chega á quarta e meia.

—Não hé preciso grivar, deixe-a seguir, sem arribar da quarta.

Andámos assim até tocarem seis ampulhetas, cavalgando as ondas de huma banda á outra da fragata; diz o commandante:

—A Roca já fica pela poppa, falta a Berlenga, se o vento não escacear, havemos diminuir de panno antes da meia noite.

Neste momento veio outra onda immensa que fez adornar a fragata, até assentar a trincheira da tolda na agua; quando adrissou ouvio-se hum forte esticão, era o escaler dos turcos de estibordo, que enchendo-se d'ella tinha arrebentado talhas e funda, e lá ia pelo mar fóra. Grita o homem do leme:

—O leme dá muita força, a róda não quer andar!

—Que dizes?!

—O leme está parado.

—Sr. Silveira, vá lá abaixo com o mestre e hum carpinteiro ver o que tem o leme.

Chega o calafate e diz:

—Ha muita agua na bomba.

—Isso não hé nada, responde o commandante, sempre senhor de si; temos as amarras talingadas, e hé agua que entra

pelos escovens e bateria, vai do convés á cuberta, e talvez ao porão: toque á bomba, se não bastarem duas, toque a todas quatro.

Voltou o capitão tenente Silveira, dizendo que o leme não girava, e parecia muito afastado do cadaste.

—Dêm talhas á cabeça, e atraquem-o para vante: vão governando assim, pondo gente que accuse a voz do piloto, para andar com o leme a bombordo ou estibordo.

Esta situação era na verdade horrivel, não deviamos estar meia milha longe da terra, e se a fragata ficasse sem governo, ia de encontro ás pedras, sem esperança de salvação para ninguem. Davam oito.

—Onde está a prôa?

—Nor-noroeste por barlavento.

—Então já hé oeste?

—Sim, senhor.

—Andar assim, folgado. Bote a barca.

—Oito milhas.

—Bem, daqui a bocado poderemos desvelejar.

As refregas e a pedra que chovia não deixavam olhar para o horisonte, mas os relampagos e a enxofria do escaracéo que alagava a fragata bem nos mostravam a curvatura dos mastros e dos mastaréos todos a sotavento. Nesta occasião vem huma serra de agua que alagou o navio todo, o qual adormeceo por mais de hum minuto, cahe-lhe a maior refrega que ainda não tinhamos sentido, arrebenta o braço do traquete, parte-se a verga de encontro ao estáe, e fica pendurada pelos laizes nos punhos do velacho. Com esta falta de panno á prôa a fragata adrissou, mas vindo a vento, cahio a ré e deo huma culapada, que julgámos ir logo a pique, embarcando o mar por todas as bandas.

—Carrega a véla grande, arria gavias, iça a véla de estáe do traquete contro, contro.

Tudo assim se fez, a fragata arribou, e tornou a seguir; deram seis ampulhetas, tinhamos andado 53 milhas, estavamos ao norte da Berlenga!!

Passados onze dias entrou a fragata em Lisboa com tres homens de menos, perdidos naquella noite; alguns com pernas, outros com braços quebrados, e toda a gente com cara de fome, tendo andado a hum quarto de ração e hum quartilho de agua, depois de supportar huma tormenta que lhe fez partir todos os machos do leme, menos o ultimo debaixo, a verga do traquete, hum escaler de menos, as trincheiras e quasi todo o panno.

O commandante d'ella era o sr. Manoel de Vasconcellos, todos os seus officiaes eram soldados e discipulos da academia, menos hum, que faltando-lhe o curso mathematico, tinha muita pratica e havia entrado de creança para a marinha, seguindo com honra os póstos desde sargento de mar e guerra até primeiro tenente; este official era o bom camarada França.

FOLHETIM MARITIMO

A ATRACAÇÃO

II

No dia 13 de julho de 1827, de viagem 91, de lua 19, de Cabo Verde 57, navegava a charrua *Pr inceza Real* por trinta e cinco gráos sul, amurada por bombordo, com todo o seu panno largo, cutélo de velacho e barredoira, fazendo prôa de es-sueste, a caminho de Gôa. Tocaram sete ampulhetas, desceo o cabo do quarto á praça d'armas, e avisou os srs. officiaes, que eram horas de sol. Haviam-se carteado as milhas, e pela barca, suppunha-se a charrua no Parcel. Hum tenente que fazia derrota, e o piloto Neves, academicos, pegaram dos sextantes, e foram subindo para a tolda. O tempo tinha estado lindo, porém vinham a essa hora despegando-se nuvens grossas do noroeste, e com ellas crescendo o vento. Rectificaram-se os instrumentos, chegaram-se os observadores para o portaló, e ainda bem não os tinham posto á cara, grita a vigia dos váus:

—Navio a sotavento da prôa.

—Vai como nós? Pergunta o tenente.

—Não, senhor, vem em bordo desencontrado.

—Conheces que embarcação hé?

—De tres mastros; da tolda já se hade ver, ahi mesmo pelo turco.

Com effeito assim era, e dentro de cinco ou seis minutos, se descobria todo o casco, porque vindo como dissera o gageiro, e caminhando a charrua de 8 a 9 milhas n'hum

rumo opposto, dentro de meia hora deveriam encontrar-se. Içou-se bandeira, e do navio mostraram a ingleza, amarrando-a na enxarcia da mezena. Aproximou-se mais, era huma bonita galéra, pequena, mas muito pintadinha, que trazia as gavias nos segundos, vindo á trinca com o vento, e tendo botado ao convés, depois de avistar-nos, as vergas dos joanetes, começando agora a arriar mastaréos; ao que parecia, com receio da borrasca, de que as nuvens grossas eram precursoras, as quaes iam forrando o horisonte, já escuro do norte, a oeste.

Praticavam alegremente os da charrua, ácerca da fortuna dos que navegam com vento favoravel, e desgraça dos outros que sempre o encontram pela prôa: os de cá, levavam tudo largo, e a onda ao correr do cabello, que não se sentia; aquelles, custava-lhes a poder com as gavias nos segundos, e a vaga espirava-lhes na bochecha do barco, alagando-lhe os papafigos. Acabára havia muito, de correr a ampulheta, era cedo de mais; em fim tomou-se o sol, chegou meio dia, deo-se a latitude ao commandante, tocou a caixa, resaram-se as trindades, e deram-se as boas tardes ao general [1] que, por suas maneiras urbanas, e genio fagueiro, se fazia crédor desta civilidade. As senhoras, e desembargadores de passagem, estavam d'oculos, á mira de algum chapellinho de palha no outro navio, e rindo-se, de como o vagalhão arrebentando-lhe na amura, lhe borrifava o panno todo.

Já elle demorava pelo través de estibordo obra de meia milha, quando o general disse:

—Se podesse ser, estimaria bem, mandar noticia para a Europa, de que passâmos hoje nesta altura!

—Nada hé mais facil, respondeo o tenente que estava acondicionando o instrumento na caixa: em o sr. commandante mandando içar a bandeira de general no tope, lá fará elle menção disso, e logo consta que devia ser a charrua da India.

[1] D. Manoel de Portugal e Castro.

—Venha a bandeira, venha a bandeira, acodem todas as senhoras que almejavam por alguma novidade. Então, sr. commandante? ice a bandeira, vamos a ver o que elle faz.

Veio com effeito a bandeira, mas ainda não estava a topetar, diz o commandante:

—Sempre me resolvo a fallar-lhe.

—Agora?! replica o tenente; isso já nos faria perder muito tempo e caminho, precisâmos pôr no outro bordo, porque a galéra já demora a ré do portaló, e carecemos desvelejar, porque a charrua não aguenta com este panno na amura; nem outro navio era capaz de ir para o vento, do modo que elle está, com as gavias fóra dos rizes.

—Veremos, tornou o commandante.

—Veremos, respondeo o tenente, olhe aquelle que ali vai; para poder com ellas duas nos segundos, não leva mastaréo de sobre-gata, e arriou os dois dos joanetes. Por aqui não se brinca, o vento está de má parte, aproveitemos em quanto se póde puxar, ao menos a ver se agarrâmos fundo antes de noite [1], e deixemo-nos de navio, que já leva a noticia de que vai aqui hum general; quanto mais, que a bujarrona na ponta do páo, atira-lhe com elle pela prôa fóra em o navio orçando.

—Qual fóra, nem meio fóra, torna o commandante em ar de chasco; cuida que o navio hé de estopa, e o páo de manteiga? isto aqui não são mathematicas, nem versos. Mette a barredoira dentro, arria o cutélo do velacho. Ó da gavia, deixa-

[1] Este modo de fallar, queria dizer, sondar, e não surgir, como alguem menos pratico talvez supposesse. *Agarrar o fundo* com o prumo, de 150 a 200 braças, para verificar a posição do navio, hé hum modo usado entre os navegadores de cabos a dentro. Vão occorrendo com o tempo explicações, que ao principio pareceram ociosas, más que vem a ser essenciaes para quem não hé da profissão, e mesmo para os maritimos não praticos da India. No Parcel não se dá fundo, mas acha-se fundo a 120, 150 e 200 braças. Quando escrevemos isto, fallavamos como homem do mar, a outro igualmente do mar. Hoje julgâmos necessaria toda a explicação para intelligencia do texto, e obstar a censuras mal cabidas, e filhas da ignorancia.

ficar o páo para logo. Ála secco e gata a estibordo, grande e gavia a bombordo, ála traquete e velacho; cá o leme.

Pôs o vento na alheta de estibordo, e procurou o navio.

Assim que a charrua arribou, julgaram da galéra que lhe iam pedir a longitude, e por isso saltou á mesa da gata hum homem, e escreveo com giz na trincheira: Cap. N. E. 4 ½ E—Dist. 30. Isto hé, para evitar demoras, e alguma atracação, disse por aquelle meio, que o Cabo, demorava por 45 gráos nordeste, em distancia de 30 milhas. Porém o commandante que só lhe importava dar noticias verbaes para a Europa, sobe á trincheira com a bosina na mão, agarra-se a hum ovém, e já perto da galéra diz para o homem do leme:

—Orça; carrega o traquete; atravessa a gata.

Tudo isto se fez mal, e vagarosamente pela indisciplina da guarnição, que correo á borda a ver o navio, e ouvir as perguntas e respostas; por isso a charrua seguio mais do que convinha, e quando orçou, e pôs a gata sobre, partio-se-lhe esta verga, e o páo da bujarrona que, levando comsigo o da giba, foi enrascar-se na prôa da galéra. O vento assoprava duro, os joanetes iam largos, e as gavias fóra dos rizes, pelo que a charrua adornou, cahindo em cima do navio; o páo do cutélo do velacho, partio-se de encontro ao mastaréo daquelle; os aros do láis grande, e do traquete, pegam nos brandaes, braços, e enxarcia do outro navio; o ferro de vante da charrua, péga nas unhas do seu ferro, bota-lho ao mar, e faz-lhe hum rombo; o ferro da mesa do traquete, e o ancorote da mesa grande, pegam-lhe nos fuzis e bigotas de ambas aquellas mesas, arrancam tudo, partem-lhas, mettem-lhe a borda falsa dentro, enchem-o de rombos, e botam-o á banda, quasi a pique. Duas pipas d'agua, que levava atracadas á borda arrombada pelo ancorote, vão de encontro á amurada de sotavento onde havia outras duas, arrombam tudo, e cahem no mar. Nesta confusão, do estalar da madeira, da concussão dos dois cascos, do assobiar dos cabos, levanta-se alta grita de «Sênhor Deos, misericordia, misericordia»; os passageiros de

rojo pela tolda, as senhoras em pranto, e alaridos, o general seguro ao catavento, branco como huma estatua, o commandante mudo, os inglezes com as mãos erguidas, procurando alguns salvar-se na charrua, e esta quasi a soçobrar!!

O tenente e o piloto Neves, que ambos contavam com atracação e rascada, por casos anteriores, gritam á gente, tiram volta ás escotas dos joanetes, pegam das machadinhas pregadas no camarim, saltam com ellas á enxarcia ajudados de dois marinheiros, cortam quantos cabos encontram, mandam caçar a drayva; e com os remos dos escaleres empurram a galéra, até que ella se afastou, arribando, e seguindo então a charrua. Mas que lastima, não era ver o naviosinho pela alheta com todo o seu panno roto, suas manobras cortadas, seus fuzis arrancados, sua borda partida, seu costado cheio de rombos, abandonado no meio do Oceano, havendo meia hora antes, que tão pintadinho, tão bem mareado, tão seguro aparelho, passára pelo través de huma charrua de desalmados, que sem dó, nem consciencia tanta cousa destruiram, não fazendo agora caso delle.

No meado de outubro, salvava a náo de viagem com sua bandeira de general no tope as fortalezas da Aguada e Mormugão, sabendo-se já em Gôa pelos periodicos de Bombaim, que hum navio de guerra portuguez, com igual bandeira, tinha no Parcel, atracado com huma galéra ingleza, sahida do Cabo no dia antecedente, fazendo-lhe muitos rombos, e toda a sorte de avarias, deixando-a depois sem soccorro.

O commandante desta charrua, que desprezava a poesia e a mathematica, fiando-se apenas na sua pratica, por igual impericia a esta com que envergonhou a bandeira nacional, perdeo depois huma náo no Cabo de S. Vicente, não sabendo evitar a abordagem que lhe deo a fragata *Rainha!*

— —

FOLHETIM MARITIMO

A PRESA

III

Pela tarde do dia 19 de setembro de 1820, navegava a escuna *Maria Thereza*, a sotavento da fragata *União* na costa de Angola, em procura de huns corsarios que haviam apresado differentes navios do commercio, roubando outros, e posto em consternação os povos daquella provincia; sendo o mais temivel e afamado delles hum brigue de vinte peças, bem tripolado, e veleiro. O vento assoprava bonançoso, a fragata menos andadora do que a escuna ia ficando a ré, e o commandante desta, para não passar a prôa do outro mais antigo, mandára atravessar o velacho.

Era isto perto da bahia de Loango, onde, por pratica havida com o Mafuca em Cabinda, constava achar-se o brigue pirata. O vento foi enfraquecendo, e já quasi que, nem alevantava o catavento de pennas. Fez a fragata signal de força de véla á escuna, o commandante mandou marear o velacho, largar joanete, e gafe de tope, e içar a giba, seguindo em demanda do ancoradoiro; perto do pôr do sol, pôde descobri-lo, até que ao anoitecer, deo vista de embarcação nelle surta, que parecia brigue. A fragata fundeára desgovernada, e a escuna que era navio fino, com as bafagens, tinha avançado obra de 12 a 15 milhas, até que de todo ellas morreram fundeando tambem para não se sotaventar.

Estava calma podre, o céo leve, o mar estanhado; rendeo-se o quarto, poseram-se vigias dobradas, e toda a gente ficou em

cima, cobrindo-se as armas por causa da cacimba. Correram quatro ampulhetas sem toque de sino, ou grita de «álerta», conversando o commandante mansamente com o official, ácerca da embarcação suspeita, quando este diz:

—Parece-me que ouço a modo de bater de remos!

—Isso hé sonho, responde o primeiro, estamos 12 a 15 milhas da fragata, e talvez ainda mais da terra, mas o que fôr soará, escutemos; de que lado pareceo que remavam?

—Do lado da terra, na direcção donde ao anoitecer marcámos o brigue.

Chegaram-se para a trincheira, e com effeito ouviram muito ao longe a bulha compassada dos remos na agua.

—Acima gente, acima, diz o commandante; silencio, péga em armas, presto, leva rumor, não quero ouvir ninguem, prolonga pela amurada, escorva, e tudo esteja prompto á primeira voz.

Escutaram de novo, o bater dos remos foi-se percebendo melhor, até que finalmente se enxergou o vulto negro da embarcação. Ouvio-se susurro de vozes, cessando a boga, e immediatamente perguntarem pela bosina em inglez:

—Ó do navio!

—Que dirá? responderam na mesma lingua.

—Que navio hé esse?

—Huma escuna de guerra ingleza; que escaler hé esse?

—Do brigue hespanhol que está fundeado á terra; que embarcações são aquellas que fundearam antes da noite?

—São da conserva desta escuna: venha a bordo esse escaler.

Bateo remos, endireitou para a escuna, prolongou-se com o portaló, subio huma pessoa que conduziram á camara; e no entanto saltam dez ou doze homens ao escaler, apoderam-se delle, e fazem subir a sua guarnição surprendida. Era gente e embarcação do brigue, que com o seu primeiro piloto, vinham, não se sabe, se roubar a escuna julgando-a mercante, ou tomar lingua suppondo-a ingleza; o certo foi que os prisioneiros poseram-se a bom recado, e os portuguezes dispondo-se para combater logo que podessem.

Antes do raiar da aurora, começou a sentir-se huma araje de oeste a oés-sudueste; assim que calou diz o commandante:

—Mestre! Vamos a suspender, nada de apito, e accusem as vozes de vagar: chega para as barras, vamos, vira de longo, pouca bulha, que logo teremos occasião de fallar alto.

Começaram a virar ao cabrestante, sentindo-se apenas o baque dos linguetes, até que o mestre disse da prôa:

—Está a pique!

O commandante sobe ao degráo de estibordo, e diz:

—Caça o velacho, iça a véla grande, iça a bujarrona, larga as carregadeiras do traquete; ála traquete e velacho a estibordo, iça bem o pique; volta; vira ao cabrestante, de longo.

Pôs-se o ferro em cima, a escuna fez cabeça, e foi puxando para o ló quanto lhe dava o vento, fazendo prôa do sul, quarta do sueste, onde lhe demorava o brigue ao anoitecer.

Despontou o sol claro, e vio-se então o pirata, que estava envergando a véla grande; logo que concluio esta faina, caçou gavias e joanetes que tinha içadas, largou a amarração n'uma lancha que tinha á borda, e deitou em cheio para a escuna, forcejando até com as vélas de entre mastros, para travar combate antes que a fragata podesse protege-la. Pelas nove horas achava-se á falla, porém a barlavento, pois navegava largo, e a escuna de bolina. Hum homem de casaca, em pé na trincheira, diz com grande arrogancia:

—Mande-me já o escaler para bordo, e o meu official, se não metto-o no fundo..

Esta ameaça foi seguida de injurias, mostrando os morrões accesos, e muita gente de taifa, arribando logo após, como que para abordar a escuna. O commandante desta evitou o golpe, acenando ao homem do leme que orçasse, e dizendo:

—Fogo.

Toda a artilharia se disparou a hum tempo, e a escuna pôs no outro bordo. Do brigue responderam igualmente, e mais huma descarga de fuzilaria, porém o seu fogo não produzio o effeito que era de esperar, achando-se a escuna já em direcção obliqua, ao mesmo tempo que todos os tiros della fize-

ram grande estrago ao inimigo, que tinha commettido o erro de começar a acção, com todo o seu panno largo. Muitos cabos se lhe cortaram, braços e estingues, principalmente os do traquete que ficou empandeirado; fazendo porém muito fogo em grande desordem e alarido. O commandante da escuna, aproveitando-se daquelle descuido, deixou-se ficar hum pouco a ré do brigue, e d'ahi o bateo a ponto de que, ás dez horas, elle arriou a sua bandeira hespanhola, em consequencia dos muitos feridos, e grande avaria que já tinha na mastreação.

Cessára o fogo da escuna, tambem maltratada, e com dezeseis feridos, começando a saltar gente ao escaler apresado para se apoderar do brigue, quando este tendo-a pelo través, iça novamente a bandeira, e rompe hum fogo vivissimo. A esta traição inesperada os portuguezes enfurecem-se, o commandante manobra opportunamente, e dá a voz de fogo.

—Fogo alto ao arvoredo; ála traquete e velacho, larga as espingardas, firma as pontarias.

Os tiros empregam-se todos, de parte a parte havia a mesma vontade, porém a escuna ganhára melhor posição, e tão bem tudo se executou, que o pirata desesperando do successo, procurou encalhar. O commandante evita-lhe a fuga seguindo com a escuna, e atravessando-lha na prôa, donde descarregando toda a sua artilharia o tratou de maneira, que lhe cahiram as gavias sobre as pêgas, faltas de adrissas, e rompendo-lhe o panno todo. Então o pirata arriou a bandeira, e amainou a bujarrona e joanetes.

Ás onze e meia os portuguezes victoriosos, tomavam posse de hum bello e grande brigue, armado com vinte peças de 12, tripolado com huma valente e numerosa companha de setenta pessoas de todas as nações; cheio de riquezas, com trinta e sete mil duros em prata, e muito ouro, conseguindo-se este feito com huma escuna artilhada apenas com quatorze caronadas de 12, e sessenta e cinco praças de guarnição; devido isto, não só ao valor dos nossos marinheiros e soldados, se não á intelligencia e pericia do seu commandante o sr. Izidoro Francisco Guimarães.

FOLHETIM MARITIMO

O COMBATE

IV

Tinha-se acabado de observar o sol, o tempo estava claro, o geral fraco, nós com todo o panno de bolina, andando 3 milhas e meia. Grita o gageiro grande:

—Navio!

—Por onde diz?

—Pela alheta de bombordo.

Deo-se parte ao commandante, que estava pondo o ponto na carta, o qual pouco depois subio ao tombadilho, correo com a vista o horisonte, e fallou para a gavia:

—Onde demora a embarcação?

—Na alheta de bombordo.

—Como vai?

—Vê-se pela prôa, vem como nós, e já se vê melhor.

Ás duas tinha entrado bastante, porque do tombadilho se lhe descobriam as gavias que eram de navio grande. Foi-se aproximando, tocaram seis ampulhetas, o official do quarto subio ás arreigadas da gata, e diz para o commandante:

—Parece-me hum fragatão!

O commandante subio dois ou tres enfrechates, pôs o oculo á cara, esteve cousa de cinco minutos, desceo, e diz:

—Hé fragata, anda bem, ao pôr do sol está comnosco; mande apressar a ceia.

O official voltou para o catavento:

—Ronda! chamar o cozinheiro; como vamos de ceia?

—Falta pouco, daqui a bocado póde-se dar.

Tocaram sete.

—Mestre, apite a rancheiros.

Distribuio-se.

—De longo, diz o official, que ha outras fainas entre mãos; vamos, hé mexer os queixos.

Ás quatro horas já do tombadilho se via bem o casco da fragata, ella orçou, mostrando bandeira ingleza, firmada com polvora secca. Diz o official:

—Hé ingleza, estava visto, aquelle panno, aquelle andar; e quer fallar-nos.

Responde o commandante assim com huma especie de reticencia:

—Hé ingleza..., e quer fallar-nos...! Ice lá a bandeira, e firme-a com bala; e para o homem do leme: cheio mais, anda huma quarta largo do vento; aonde está?

—Ao sul, quarta do sudoeste.

—Anda ao su-sudoeste.

Passeou duas ou tres vezes até á grinalda, e na ultima diz ao ouvido do immediato:

—Sr. Silva [1], desça á camara, e veja aquelle saco de officios, amarre-lhe bem a bôca, metta-lhe dentro duas balas, e mande-mo pôr ao pé do catavento; e para o official de quarto: mande tocar a póstos.

O capitão tenente não tardou muito já fardado, seguido do marinheiro que trazia o saco, entregou-o ao commandante, que o pôs junto do degráo: e este diz-lhe:

—Fique aqui, que eu já venho.

Desceo voltando dentro de cinco ou seis minutos, com os seus melhores uniformes, dizendo-lhe:

—Hoje temos funcção, devemos vestir-nos de gala; parece-me que o sr. Silva tinha tempo de se arranjar melhor, se o bahú estivesse á mão.

—Está, sim senhor, e como ha tempo, sempre envergarei outra farda.

[1] Joaquim José da Silva, capitão tenente.

—Faz bem, que ellas não são para outra cousa, e hoje parece-me que isto vai a valer; sr. Lacerda [1], faça o mesmo.

O sol ia a mergulhar-se, o capitão tenente a desembocar da meia laranja para o convés, quando huma bala de 18 arromba o tombadilho, vai partir a braçola da escotilha grande e quebra huma perna ao chefe da ultima peça de vante. Era da fragata que, achando-se a alcance, arriou a bandeira que trazia, içou a franceza, dando fogo ao cachorro de prôa, e mais a duas peças da amura.

—Então era ingleza? diz o commandante para o tenente Lacerda, aquelle panno, aquelle andar; e queria fallar-nos?!

Responde este:

—Parecia-me...

—E a mim não: Ó da gavia de prôa, bota o cutélo fóra; mestre, vamos tambem com a barredoira e cutélos dos joanetes, Álá secco e gata a estibordo, grande e gavia a bombordo, ála traquete e velacho; cheio mais, mais; assim, não passar do rumo para bombordo.

Chegou-se para o immediato, e diz-lhe:

—Hé preciso aproveitar o maximo andar da curveta, a fim de ver se lhe levâmos alguma vantagem, que duvido; a fragata anda muito!

Responde este:

—Quem sabe se tambem com o vento pelo través, como agora vamos, será o mesmo; o peor hé a lua, que se ella nascesse tarde, ou fosse a noite escura, poderiamos escapar-lhe (olhando para a fragata); anda como hum passaro! veja como entra, botando nós talvez 7 milhas!

—Bote a barca; quanto deita?

—Sete e dois.

—Escorrega menos mal com o pouco vento que faz, porém aquella anda mais de nove; para navio grande hé bem fino! Mande distribuir huma praça de aguardente por cabeça, e outra tanta ahi n'huma tina com o dobro d'agua, ao pé do

[1] José Bernardo de Lacerda, que morreo tenente coronel da brigada real da marinha.

cabrestante para matarem a sêde: daqui a bocado está comnosco.

Neste tempo outra bala da fragata cruza por entre os mastros, rompe o traquete e corta os patarrazes do páo da bujarrona; e outra, e outra sem cessar, que cortam o estáe grande, e a véla no láis de bombordo, rompendo a barredoíra. Passaram-se os dois cachorros para ré, servindo de guardas lemes, respondendo-se com elles ao inimigo, e botou-se mais em cheio; o sol era posto havia bocado, a lua cobrio-se, e o vento acalmou de maneira que o panno batia de encontro ao arco da gavia; o mar chico, quasi estanhado, e a curveta apenas deitando 2 milhas. Da fragata orçavam para fazerem fogo por brigadas, tornando a proseguir a caça, pelo que algum tanto se demorava.

Escureceo de todo, mas assim mesmo distinguia-se perfeitamente o inimigo que navegava nas mesmas aguas; seriam seis e meia estava na alheta, a menos de meio alcance; então o commandante diz para a gente:

—Attenção! Vamos entrar em combate, o inimigo hé grande, mas que fosse maior, não me mettia medo: aquella bandeira que ali está (e apontou para o penol) hé portugueza, n'hum escaler que ella estivesse haviamos defende-la. O que recommendo pois hé silencio, e nada de confusão; sei que ninguem faltará ao seu dever, a bordo deste navio não conheço nenhum fraco, por isso á voz de fogo, disparar toda a artilharia, e depois cada hum trate de servir bem a sua peça; o alvo hé grande, não se póde errar. Mestre, vamos a metter a barredoira e cutélos dentro, carregando tambem os papafigos á pancada; larga a bateria, ficando só os chefes de peça e porta cartuchos; chega para os cabos, e ála de longo quando cantar o apito.

O mestre apitou para a gavia grande.

—Senhor?

—Cutélo e páo dentro.

Apitou para a de prôa.

—Senhor?

—Cutélos e páos dentro, á huma: obras da barredoira, cabos da véla grande e do traquete; está tudo prompto.

—Apite.

Apitou, carregou-se tudo como por encantamento, ficando a curveta em gavias e joanetes. Então aproximou-se a fragata que, ao prolongar-se com a curveta a tiro de pistola, carregou papafigos e joanetes, dizendo-se de seu bordo em hespanhol:

—Ó da curveta, arria a tua bandeira, que esta fragata hé franceza, e de quarenta e quatro peças.

O commandante respondeo-lhe:

—Esta curveta hé portugueza, não arria a bandeira a ninguem; arria tu a tua.

—Arria (dizem de lá) que te não faço mal, se não metto-te no fundo.

—Não arrio: fogo.

Toda a artilharia se disparou ao mesmo tempo, a curveta parece que saltou fóra da agua, enchendo-se de fumo.

—Fogo á vontade, fogo, mas vivo, vivo.

Com effeito era hum nunca acabar; da fragata como que tardaram tres ou quatro minutos, porém rompeo com huma descarga geral, continuando o fogo por brigadas inteiras. Da curveta sustentava-se admiravelmente, sem grande prejuizo; porque, sendo pequena e rasa, e a fragata alterosa, e estando alem disto a tocar-se com os láis das vergas, ficava ella debaixo da bateria, cujas pontarias salvavam a borda, não lhe offendendo o casco, e empregando-se toda a munição no arvoredo. De mais a mais, o fumo que se tinha condensado pelo pouco vento ou calma que reinava, encobria a curveta, occultando a sua verdadeira posição ao inimigo.

Assim se bateram por espaço de cinco quartos de hora que, sendo perto das oito, já os mastaréos e vergas empachavam o convés, ficando toda desmantellada. O commandante vendo diminuir o fogo diz para o capitão tenente:

—Sr. Silva, porque afrouxa o fogo? essa brigada do portaló está muito mal servida!

—Não póde estar melhor, senhor, venha ver; a véla grande, a gavia e cabos do joanete tudo aqui veio cahir, que ninguem hé capaz de mover huma peça, e á prôa acontece o mesmo; a vontade não falta, ninguem daqui arredou pé, mas tudo está empachado.

—Esta hé boa, então visto isso não póde jogar a artilharia?

—Não, senhor.

—Está bem, leva mão, chega tudo cá para ré; está tudo?

—Sim, senhor!

—Bem. Temos cumprido a nossa obrigação, em quanto as peças poderam jogar, todos trabalharam, agora que o convés está empachado com o panno, cabos e vergas, nada se póde fazer; a nossa bandeira vai arriar-se, porém creio que isso nos não causará vergonha: agradeço á guarnição e mais camaradas o modo por que se conduziram; assim era de esperar de portuguezes. Sr. Silva arrie a bandeira.

Da fragata fallaram:

—Venha a bordo o escaler com o commandante.

—Não hé possivel porque todos estão arrombados.

Demorou-se algum tempo, vindo por fim hum da fragata com o seu immediato para capitão de presa, o qual para entrar o portaló se demorou bastante, sendo mister acabar de cortar a véla grande que o cobria. Embarcou o commandante e officiaes, subiram para a fragata; e quando ao entrar na tolda, aquelle foi a entregar a espada ao commandante inimigo, este offerecendo-lhe a mão diz-lhe:

—Hum official que se bate com tanta honra, não deve largar a espada; sois hum valente e habil marinheiro, vinde comigo, e o vosso estado maior.

Conduzio-os á camara, e ali, dirigindo-se a toda a sua officialidade, diz-lhe:

—Convido-vos a beber hum copo de moscatel á saude deste bravo commandante, e de toda a sua intrepida guarnição; confessai que nenhum de vós, nem eu, esperavamos de navio tão pequeno tamanha temeridade.

Beberam todos, e elle pegando n'outra garrafa, continuou:

—Quem visse huma curveta ao pé de huma fragata, não daria nada por ella; porém depois de presenciar o combate que sustentou, honrar-se-hia da acção; hé por isso que de novo vos convido a beber hum copo de Madeira á saude do soberano que governa o paiz, cujos cidadãos o sabem defender tão bem.

O commandante da curveta pedindo licença para agradecer, bebeo e repetio o brinde pela gloria das armas francezas, e conclusão da paz geral.

Ao amanhecer via-se a curveta apenas em páos reaes, como hum bote, ao pé da fragata, com todo o seu panno e aparelho por cima da borda arrombada, ou de rojo na agua, admirando-se todos de não ter ido a pique. Formou-se a guarnição, amarraram dezeseis marinheiros e soldados ás culatras das peças, dizendo-lhes o commandante:

—Vão ser castigados na presença dos seus inimigos para maior vergonha, são huns covardes; e virando-se para o commandante da curveta: não são francezes, nem quero saber a sua patria; estes vis abandonaram a bateria, á primeira banda com que vós respondestes á minha intimação: fogo, e rijo, que lhes rasguem bem as carnes.

Cada hum levou cem açoutes, depois do que disse aos portuguezes:

—Na verdade ninguem esperava similhante arrojo da vossa parte!

—Era minha obrigação, responde o commandante, os nossos artigos de guerra mandam que a bandeira não se arrie senão na ultima extremidade, e o caso extremo só chegou huma hora depois.

—Mas se eu vos mettesse a pique?

—Lá estava a posteridade.

Recolheo-se á camara com o estado maior, fez conselho ácerca da sorte da curveta, havendo opiniões de a metter no fundo, ou queima-la sendo impossivel dar-lhe hum destino conveniente; porém occorreo a idéa de que, indo a fragata de cabos a dentro, tamanho acrescimo de gente, causaria em-

baraço na longa viagem, por falta de mantimentos. Portanto concluiram por tirar-lhe as armas e petrechos, entregando-a á guarnição se quizesse capitular promettendo não pegar em armas contra a França até ser trocada, ou á conclusão da paz. Isto proposto e aceito, passaram os francezes a bordo da curveta, lançaram-lhe a artilharia ao mar, recolhendo na fragata, bandeiras, polvora, armas, munições, cartas, instrumentos bellicos, e nauticos, deixando apenas huma só bandeira, huma agulha, e hum oitante de páo para procurarem a terra.

Duas semanas depois entrava na Bahia hum pequeno navio de tres mastros, em guindollas, cheio de rombos, sem artilharia, mas de flamula, surgindo no ancoradoiro dos navios de guerra, com geral espanto dos maritimos daquella cidade! Era a curveta *Andorinha* de vinte e quatro caronadas de 18, e cento e vinte praças de guarnição, cujo commandante, o intrepido Ignacio da Costa Quintella, tinha tido a audacia de a expôr por espaço de cinco quartos de hora ao fogo da fragata franceza *Chiffone*, de 44; e que batendo-se denodadamente com forças tão disparatadas, soube conservar a honra da sua bandeira, posto que arriando-a na presença do inimigo, no dia 19 de maio de 1801.

Decorreram tres decadas, e hum pequeno navio de tres mastros, e vinte e seis caronadas, com todo o seu panno, e artilharia, e tambem de flamula, mas não a topetar, foi surgir perto dos navios de guerra em Brest... Era a curveta *Urania* que, encontrando-se com huma fragata franceza perto dos Açôres, arriou a sua bandeira sem disparar hum tiro...!! 1831 [1].

[1] O commandante d'ella iça hoje a sua flamula no galope da melhor curveta da marinha nacional. 1845.

FOLHETIM MARITIMO

NAUFRAGIO

V

No dia 4 de abril de 1807 cruzava no Estreito de Gibraltar, entre a Ponta da Europa e a Mina de Ceuta, a fragata *S. João Principe,* com a fragata *Golfinho,* e o brigue *Lebre,* tendo ficado a náo *Vasco,* que era o navio chefe, surta em Poenta Maiorca. A commissão da esquadra reduzia-se a obstar á sahida dos argelinos para o Oceano. O vento assoprava do sueste, fresco com seus salseiros, o mar grosso bastante, o céo escuro e cobrindo-se cada vez mais. Depois do meio dia alevantou-se o mar, a vaga arrebentava em flôr, o vento assobiava rijo e o horisonte ficou curto e medonho; pelo que de bordo da *Golfinho* fizeram signal de gavias aos segundos. Ás quatro horas o tempo estava pessimo, dando indicios de crescer para a noite; os aguaceiros cahiram com mais força e o sueste mais duro; as fragatas e o brigue mal podiam aguentar os papafigos, sendo mister de quando a quando carregar-se o punho grande. Em huma das sotas em que ficou menos escuro fez a fragata *Golfinho* signal de arribar «Bahia de Jeremias.» O *Lebre* reconheceo logo e foi botando em cheio; o encarregado dos signaes a bordo da *S. João* deo parte ao commandante que o *Lebre* já ia arribado, porém que a *Golfinho* continuava no mesmo bordo com signaes içados, talvez á espera que esta fragata fizesse o mesmo. Respondeo:

—Não reconheça, quem tem medo traz hum cão; se o commandante da *Golfinho* receia o tempo, que arribe, quanto a

mim heide conservar-me no meu logar: esta vida não hé para todos, se o sr. Garção vem cá para estas arribadas, melhor fizera se ficasse em Lisboa; não reconheça.

A *Golfinho* demorou-se, deo hum tiro de peça para advertencia, porém não se fez caso d'elle, até que arribou seguindo o *Lebre;* fazendo-se a bordo dos tres navios muitos commentarios pouco lisongeiros ao orgulhoso, insciente e insubordinado commandante, que recusava obedecer a huma ordem tão justa.

Continuou a *S. João* no mesmo bordo do norte, carregando a véla grande depois que ficou só, virando no sul ás oito, e continuando a bordada até á meia noite. Rendeo-se o quarto, pôs-se outra vez no bordo do norte, tambem com pouco panno, porque com effeito o vento era fortissimo, e a fragata só com muito risco supportaria a véla grande na amura; mas o risco era dos maiores, e ella necessaria para o navio não cahir como ia fazendo, impellido pelo vagalhão, e a corrente. O commandante conservou em cima as vergas e mastaréos de joanetes; não só para ostentar valentia, se não para caçar os argelinos que podessem apparecer; e por isso com tal pendor, a fragata aguentava menos, seguia menos, e rolava mais, tendo tres ou quatro quartas de abatimento. Ás sete ampulhetas (tres horas e meia) foi o official do quarto perguntar ao commandante se queria virar antes delle rendido, ou com toda a gente em cima.

—Não, senhor; como vai o tempo?

—O mesmo, ou peor, nem sei como, quando cahe o aguaceiro as gavias ficam inteiras; o pratico diz que precisâmos virar, porque a fragata segue pouco, e abate muito, estando nós já bastante ensacados.

—O pratico hé hum tolo, não sabe o que diz; quanto deita a fragata?

—Trez milhas.

—Continue na bordada.

Subio aquelle, e o pratico pergunta-lhe:

—Vamos virar?

—Nada, talvez o queira fazer depois do quarto rendido; por ora mandou seguir a bordada; tambem as oito não tardam [1].

—Deos queira que antes disso não aconteça alguma desgraça; forte teima de homem, tomára já que subisse o sr. capitão de fragata, a ver se elle resolve o commandante; não temos tempo a perder, e bom seria que o chamassem antes das oito; sr. tenente, veja se elle vem, diga-lhe que estamos em muito perigo.

—Abaixo não vou, nem mando, que não quero róda de poltrão, onde os outros morrerem, morro eu tambem; veja ahi essa ampulheta, mexa com ella, a ver se corre mais depressa; a areia está humida, e pára, dê-lhe quatro safanões; vossê está peor que huma gallinha!

O pratico apertou as mãos.

—Valha-me Deos, daqui a bocado o que será de mim, e desta gente toda!

Desceo ao convés, chegou-se á sentinella da camara.

—Sacuda esse demonio, ande que talvez seja a ultima que o faça.

—Está a acabar.

Deo huma sacudidela.

—Cabo do quarto, acabou-se a ampulheta, são oito!

Subio o cabo:

—Sr. tenente, são oito!

—Toque.

—Ronda! Oito, corra o sino.

Veio toda a gente.

Subio o capitão de fragata, logo, pois era activo e habil, e tinha sido acordado ás tres horas pelo pratico, avaliando bem qual a situação do navio; mas esquivando-se de dizer nada ao commandante, por lhe conhecer a insolencia e rusticidade. Rendeo-se o quarto, tornou o pratico a instar.

[1] *Tambem as oito não tardam,* deve entender-se oito ampulhetas, e não oito horas. Para quem hé da profissão, escusava definir o dito, mas hé preciso explicar o termo technico a quem não sabe a fraseologia de bordo.

—Senhor, olhe que vamos encalhar, depressa, porque já o tempo não hé muito; ai meu Deos! Meu Deos, não torno a ver a minha casa!

E tornava a apertar as mãos ao pé do capitão de fragata, como louco. O vento assobiava, a chuva cahia, os trovões e relampagos continuavam, e a gente de folga não se retirava, como para acudir ao perigo: nestas occasiões solemnes, a multidão hé previdente e observadora, aproveita qualquer cousa que a póde salvar, e conhece quem hé a pessoa capaz disso; pelo que, não se arredavam do immediato, cuja intelligencia e audacia eram notorias; este por disfarce pergunta:

—Onde está a prôa?

—Nordeste quarta de este.

—Não está máo caminho para Estepona!

—Bote a barca; quanto deitou na ultima hora?

—Tres, responde o tenente, que entregára o serviço; eu mesmo a deitei, olhe onde deixa a esteira, fica aqui pelo portaló! Nem que estivessemos de kapa!

—Bello, tudo isto hé para o norte, porque a vaga atira com ella para sotavento: sr. guarda marinha, dê parte ao sr. commandante, que o pratico diz ser tempo de virar no sul; diga-lhe que a fragata róla muito, e informe-o do estado da atmosféra.

Desceo o guarda marinha.

—Sr. commandante?

—Que hé!

—O sr. capitão de fragata diz que o pratico quer virar; o mar hé muito grosso, e o tempo cada vez peor.

—Chame lá o sr. capitão de fragata.

Desceo este.

—Então que quer o pratico?

—Diz que já se devia ter virado; e que não virando quanto antes vamos encalhar; o tempo está máo...

—Então o pratico hé profeta? Tambem temos Bandarras cá a bordo? Para haver de tudo, haja mais isso. Continue com a mesma amura, que ainda ha muito mar para correr;

se elle tem medo, que passe para bordo da *Golfinho*, que talvez o Garção goste de conselhos, cá por mim não preciso delles.

Francisco Maximiniano, pois era elle, que grandes brios animavam, pouca attenção deo ao ultimo periodo, porque partíra quando o commandante disse «Continue» e ao embocar pela meia laranja ferrando os dentes.

—Cão! Tanta gente sacrificada sem proveito, por estupidez!

Foi para o degráo sem dizer palavra, e o pratico torna a perguntar.

—Então, sr. capitão de fragata, nada de virar?!

—Nada, deixe ir:

—Ai que desgraça! Não arribou, por desfeitear o outro, e agora não vira por teima; maldito navio!

O mestre que havia muito se achava ao pé do cabrestante, advertido pelo pratico, cheio de susto apesar de ser marinheiro velho e valente, chegou-se ao immediato.

—Então, sr. capitão de fragata, morreremos aqui todos sem mais nem menos? Nunca tive medo de nada quando hé preciso expôr-me, mas agora sem necessidade...

—Basta! Se tem alguma observação a fazer desça á camara, que lá está o commandante.

—Mas...

—Tenho dito!

Tudo ficou mudo; porém chegando-se para a amurada, juntos do degráo, para acudirem á primeira voz, tranzidos de frio e susto; quando se sente hum choque extraordinario, huma pancada nunca ouvida, hum estalar medonho, superior ás refregas do furacão que assoprava, e logo após outro ainda maior, procedido de huma vaga que atirando com a fragata acima das pedras, lhe faz deitar os mastaréos e vergas de joanetes pela borda fóra.

—Misericordia! Encalhou!.. Encalhou! Gritam na cuberta, misericordia!

Quem estava em baixo não pôde subir ao convés, a fragata

cahíra sobre o portaló de bombordo, entrando-lhe a agua até á braçola da escotilha grande; tudo era desordem, tudo alarido, ninguem atinava com o que fazia, tudo era escuridão, agua, e vento. As vagas encapellavam por cima do costado, e iam levando quanto estava na tolda; antenas, mastaréos e gente, a qual ia sendo esmagada pelos pedaços de escaleres desfeitos; pelos madeiros que se destacavam, mastros e vergas que se partiam, e jogavam huns contra outros, seguros por alguns cabos! Este horror mais se augmentou, se isso foi possivel, com a separação da fragata em duas metades, ficando o castello e bailéos muito afastados da tolda. O commandante fallava, ninguem o attendia; e cada qual procurava salvar-se, mas perecendo no meio das vagas; outros agarrando-se a alguma carreta de estibordo, esperavam que amanhecesse, mas lá vinha a onda que a desatracava, esmagando com ella os miseraveis que a tinham procurado para abrigo: tudo era destroço e morte, quem cahio ou se deitou ao mar, foi por este engulido ou arrojado á praia, e envolto na areia pela ressaca, que toda espuma acabava de suffocar quem tinha ali chegado com vida!

Por milagre o soldado «Galrão» da brigada tomou pé, seguro a hum remo, corre á praça, dá aviso, a população de Gibraltar acorda, sabe o caso, corre toda á praia de Estepona, com archotes, cabos e quantas cousas suppõem necessarias para acudir aos naufragos; o dia amanhece escuro, como a noite, porém com sufficiente claridade para alumiar aquella horrorosa scena. O commandante da náo ingleza *Malta* acode com parte da sua gente, lança-se ás ondas amarrado a hum cabo, agarra este e aquelle; em terra álam o cabo, salva tres ou quatro; o seu exemplo hé seguido por varios officiaes corajosos, que fazem outro tanto. O chefe Scarnichia salta igualmente com quanto tem a bordo da *Vasco*, e vai soccorrendo aquelles que conseguem chegar vivos ao rôlo da praia. O espectaculo era horrendo, dezenas de cadaveres jaziam pela areia, ali abandonados pela maré vasante, outros fluctuavam envoltos na espuma, membros dispersos appareciam

aqui e ali; mas o que causava maior lastima, era ver ainda hum cento de infelizes apinhados sobre os dois pedaços da fragata, acenando e pedindo soccorro, sem se lhe poder levar, desprendendo-se hum ou outro, impellido pela onda, que logo o engulia. No meio desta anciedade dão todos hum grito:

—Ai, que lá se submergio a prôa!

Huma vaga impetuosissima desfaz o castello e dispersa os seus madeiros que, cheios de pregos, vão ferindo e dilacerando os desgraçados que nadam em procura da terra.

Na parte restante da tolda e poppa achava-se o causador desta catastrofe, bem como alguns officiaes e marinheiros, todos esperando a morte, e vendo o modo de escapar-lhe. O generoso e valente Francisco Maximiniano ia a lançar-se ao mar, seguro a dois pedaços de cortiça da trincheira, que apanhára, quando o tenente Figueiras lhe diz:

—Ó Francisco, tu sabes nadar, e eu não, nem este filho; tu podes escapar, porém nós morreremos ambos; se tu me desses essa cortiça, de certo escaparia eu, e este innocente, que não posso largar daqui.

O rapazinho segurava-se ao pai, e este ao cabrestante, para não ser levado pelas ondas.

—Pois sim, toma lá, ainda que eu morra não faço falta a ninguem, e tu estás carregado de familia; deixa cahir o pequeno que eu o agarro.

—Deos te dará o pago!

—Larga-te, e deixa-te ir sem te importar mais nada, que a onda te levará á praia; eu te acompanho.

Lançaram-se todos tres á agua, elle e mais os dois, mas Deos não quiz salvar a todos, sómente o homem generoso teve o premio da sua boa acção, os outros chegaram a ella mortos, o pai abraçado com o filho! Das trezentas e cincoenta praças que havia a bordo ás quatro horas da manhã, quando eram oito apenas existiam cento e cincoenta, tendo perecido duzentas neste horrivel naufragio. Scarnichia e o commissario geral da esquadra, o sr. João Baptista da Silva, ajudados

pelas primeiras pessoas de Gibraltar, tinham feito cozer nas casas mais proximas, gallinhas e vacca para acudirem aos extenuados de forças, agasalharam os feridos, vestiram os nus, forneceram roupa aos que a tinham molhada, e deram-lhe toda a sorte de consolação. A fragata desappareceo logo depois.

Mal que os naufragos poderam caminhar, dirigiram-se á praça: a procissão era edificante, quando entraram na igreja catholica a dar graças, tudo foram lagrimas e soluços, mulheres, homens, crianças, pobres e ricos tudo chorava, pois nunca ali se tinha visto cousa mais lastimosa; olhando o povo com rancor para o homem soberbo e ignorante, cujo endurecimento e maldade fizera tantas victimas, para Rodrigo José Ferreira Lobo, que tambem escapára!

Este official não era theorico, nem mesmo tinha outros estudos; pertencendo, não sei porque, á casa dos Marialvas, e devendo a hum delles, quando governador da Bahia, a sua passagem para a marinha, de capitão de artilharia, que era da mesma provincia, galgou os póstos até chegar ao de capitão de mar e guerra, e commandante de huma fragata excellente que perdeo. E tal patrocinio tinha que, quando o conde da Anadia, então ministro da marinha, deo parte ao principe da perda della, disse-lhe: Real senhor, perdeo vossa alteza huma boa fragata e duzentos homens; porém sirva-lhe de consolação o haver-se salvado o seu commandante, hum dos melhores officiaes da marinha real!!

Foi mandado responder a conselho, mas como seria a sentença, quando o ministro mostrava tal interesse? Sahio absolvido, e nomeado logo commandante da fragata *Minerva!* Passados tres annos, em 1810, içava elle o seu pavilhão de chefe no tope da náo *Vasco*, commandando a esquadra do Estreito; e no mesmo sitio, em claro dia, e á vista de todos os habitantes de Gibraltar envergonhou ainda mais a bandeira portugueza, deixando de tomar, por ignorancia ou covardia, as fragatas argelinas, attribuindo as suas faltas e culpas aos honrados commandantes dos outros navios da esquadra, mór-

mente ao muito digno José Joaquim Xavier de Velasco, commandante da fragata *Amazona*, que elle comprometteo, e desgraçou [1]!

[1] Por este facto entraram em conselho de guerra o chefe de divisão Rodrigo Lobo, e os capitães de mar e guerra Velasco e Aboim, no qual conselho sahiram estes absolvidos, e aquelle condemnado. Procedeo-se a segundo conselho, e succedeo o mesmo; até que recorrendo o chefe Lobo á côrte do Rio de Janeiro, obteve hum decreto que annullou as sentenças dos conselhos de guerra, e o deo por innocente, e culpados os verdadeiros innocentes, da fórma seguinte: Pasmem os leitores!!

« America portugueza.—Rio de janeiro, 29 de março.—Por permissão regia publicâmos o seguinte decreto.—Havendo constado na minha real presença que se havia procedido com notaveis irregularidades no conselho de guerra, que novamente mandei formalisar sobre a conducta do chefe de divisão *Rodrigo José Ferreira Lobo*, commandante da esquadra que ultimamente esteve no Estreito de *Gibraltar*, e dos dois commandantes das fragatas *Amazona* e *Fenix*, pertencentes á mesma esquadra, o capitão de mar e guerra *José Joaquim Xavier de Velasco*, e o capitão de fragata *Antonio Correia Manoel Torres de Aboim:* Fui servido mandar rever por pessoas intelligentes e zelosas do meu real serviço, assim o processo como as sentenças proferidas a respeito daquelles officiaes: E resultando do sisudo exame que se fez conhecer-se na maior evidencia, não sómente as illegalidades que se commetteram em toda a marcha do processo, como a existencia de sentimentos de parcialidade da parte dos juizes, o que tudo deve tornar nulla aquella sentença: Hei por bem, por todos estes respeitos, e porque seria de graves inconvenientes, depois de quatro annos decorridos, formalisar-se hum terceiro conselho de guerra, em circumstancias taes, que requerem que eu prova de remedio prompto hum negocio de tanta gravidade, mandar declarar, como por este declaro, o referido chefe de divisão *Rodrigo José Ferreira Lobo*, completamente innocente, e livre de toda e qualquer imputação que lhe podesse provir dos tristes acontecimentos dos dias 26 de abril e 4 de maio de 1810, em que houveram os encontros com a esquadra *argelina*, tendo este official em huma e outra occasião cumprido exactamente com os seus deveres, e mostrado aquelle valor e actividade, que sempre o fizeram digno da minha real attenção. E porque ao mesmo tempo exigem os sentimentos da minha inalteravel justiça que não fiquem impunes os dois citados commandantes, *José Joaquim Xavier de Velasco*, e *Antonio Correia Manoel Torres de Aboim*, que se reconhece haverem-se conduzido com impericia, ou cobardia;

sou servido determinar que sejam privados do exercicio dos seus póstos, até que embarcados completem, com exercicio de voluntarios, tres annos, não entrando no numero o tempo que possam estar no porto de *Lisboa,* depois do que, dependerá ainda da conducta, que tiverem tido, merecerem que eu lhes faça a graça de os mandar restituir aos póstos que dantes tinham, e em que por isso mesmo não poderão contar o tempo do serviço decorrido na satisfação da pena, que lhes mando impôr. O conselho do almirantado o tenha assim entendido, e o faça executar. Palacio do *Rio de Janeiro,* em 27 de janeiro de 1815.= *Com a rubrica do principe regente nosso senhor.* » *(Gazeta do Rio de Janeiro de* 29 *de março de* 1815.)

Bellezas do governo absoluto!!

FOLHETIM MARITIMO

O COMMANDANTE

VI

Havia na marinha de guerra portugueza, huma pequena charrua que, antes de pertencer ao estado, se chamava *Os Dotes de Iá-iá,* e depois que se comprou para a fazenda publica, *Gentil Americana.* Com effeito era bonito naviosinho, não lhe ficava mal o nome, e por huma coincidencia singular tambem o seu commandante era bonito e gentil; gentil a todos os respeitos, e mais que tudo na gentileza com que se expôs e perdeo a vida na defeza da bandeira nacional; Joaquim Manoel Mendes, n'huma palavra, era o gentil commandante da *Gentil Americana.*

Sahíra ella do Pará para Lisboa carregada de madeira para o arsenal da marinha, em o dia 7 de agosto de 1822, botou fóra dos baixos com difficuldade a 11, porque o vento lhe era contrario, assoprando duro de éste e es-suéste, com tanta furia que foi mister aguenta-lo de kapa, tendo-se no decurso desse tempo perdido da sua conserva o brigue *Portugal Feliz,* que a junta provisional lhe tinha incumbido de comboiar por causa dos muitos corsarios que infestavam as costas do norte do Brazil. O navio apesar de bonito, andava pouco, e nenhuma das suas outras qualidades correspondia á bella figura que apresentava. O tempo diminuio pela madrugada do dia 17, e o commandante aborrecido da demora, logo que se acabou a baldeação, resolveo-se a bordejar do modo possivel.

—Onde está a prôa?

—Nordeste, quarta de éste na orçada, e na arribada nordeste quarta do norte.

—Não hé má de todo; até que venha a és-nordeste, vamos aproveitando a bordada em gavias nos segundos, e papafigos? sr. Corrêa, mande largar o velacho, e a gata; ice a bujarrona hum terço dentro, e amure a véla grande; depois bote á cunha os mastaréos de sobre, para puxar com joanetes se isto fôr aliviando, como hé de esperar.

Desceo do degráo, e o immediato grita:

—Ó da gavia de prôa, tira lá as bichas ao velacho, o gageiro do gurupés, que ponha o áro da bujarrona a mais de meio páo: ó da gata, larga a gata; gavia grande, toca os cabos á véla grande. Sr. mestre, veja lá se póde caçar o velacho.

—Sim, senhor.

—Chega para a prôa, péga nas escotas do velacho, de longo, caça tambem aqui a gata; cabo de marinheiros mette as escotas na mão a essa gente, caça a beijar, volta; péga nas adrissas; tambor, toque a caixa, vamos de longo, iça a bujarrona, iça o velacho, iça a gata, bate o pé; cabo de marinheiros larga os braços de sotavento.

—Está a beijar, diz o mestre.

—Volta; amura a véla grande, toca os amantilhos; ó da gavia, toca o estingue, amura bem, caça, entra mais, está bem bom, volta, ála bolinas de ré.

—Onde está a prôa? tornou a perguntar o commandante.

—És-nordeste!

—Bem, até que chegou, bote fóra dos segundos e vamos com os sôbres; logo que estejam em cima puxe com os joanetes, que o vento abonançou, e vá indo de ló o que elle lhe dér.

Desceo para a camara, e o tenente Corrêa chama o mestre.

—Vamos a içar os mastaréos de sôbres.

Elle apitou para as gavias.

—Senhor!

—Senhor!

—Páos para cima; larga ahi os brandaes de sotavento, péga nos enderbelos, talha de rabicho com elles, reparte a gente por todos tres; olha lá o de prôa, aqui o da gata?

—Tudo está prompto.

—Iça.

—Ó... É! Basta!

Metteram-lhe cunhas, bateram.

—Larga!

—Tésa a enxarcia, vamos com os joanetes: gavia grande!

—Senhor?

—Joanete! gavia de prôa!

—Senhor?

—Joanete: ó da gata larga a sobregata; olha que isto não hé a charrua dos alhos, ouviste? anda com a mão; ó gaiatinho dos váos, que diabo estás tu ahi a catingar, toca esse briol; chega para as escotas, caça, volta, larga braços de sotavento, iça; volta, ála braços por bombordo, ála as bolinas.

—Ora deixa andar o barco que vai n'agua, saffa com o tal este, que nos moeo a paciencia, menos aqui ao padre capellão, que em quanto elle bufava, ia gramanteando missas por alma dos tapuios, e os pintos a tinir: não hé assim, padre Manoel? antes aqui dez dias de kapa, do que no convento, hum de capote; jube done.

—Vá-se dahi, que nunca está calado, tomára que apparecesse hum corsario de Lartigas, ou Artigas, ou que demonio hé, a ver se galra tanto.

—Navio: diz o gageiro grande.

—Ei-lo ahi, parece que me estava ouvindo, agora o veremos, eu vou para baixo cuidar dos feridos, e vossê hade amargar a buchada: e em tão boa hora, que lhe não deite a absolvição!

—Melhor o hade fazer Deos, que me guarda para o levar a vossê até á portaria de Jesus, e entrega-lo a Satanaz: então onde demora o navio, ó da gavia?

—Aqui pela alheta de estibordo.

—Está longe?

—Não, senhor, vê-se bem, hé de dois mastros, e já se devia ter visto, se não fosse o estar a gente com o cuidado na manobra.

Desceo a dar parte ao commandante, o qual logo subio.

—Onde está o navio?

—Pela alheta de barlavento.

Lançou-lhe o oculo.

—Hé huma escuna de duas gavias, muito grande, e mexe-se bem: para que não deram parte ha mais tempo? a vigia precisava agora huma duzia de chibatadas; veja, são quasi sete horas, e ella devia ver-se ao romper do dia; ás oito está comnosco; mande tocar a póstos. Francisco, dá-me a espada, e outro chapéo. Mestre, bote fóra dos primeiros.

Botaram fóra dos rizes, acenderam-se as tranças, escorvou-se a artilharia, e esperou-se a embarcação que, segundo todas as apparencias, era hum grande corsario.

Chegou a alcance antes das oito, andava bastante, trazia seis caronadas por banda, e hum rodizio; virou, içando bandeira e flamula portuguezas, firmadas com polvora secca. O commandante diz:

—Bem te conheço, tu hé que me não conheces, cuidas que sou do caroço, e que levo assucar; mas chega-te para cá, e veremos se te mordo. Ice a bandeira ingleza, e firme-a como elle; chega todos para ré, e toma [1] bem sentido: aquelle navio hé pirata, cuida que este hé alguma galéra mercante, como o casco em baixo indica, e hade aproximar-se, dar a sua banda e seguir á abordagem, não esperando grande resistencia; mas ainda que a esperasse, e fosse huma fragata, para mim era o mesmo, e creio que para todos os que me ouvem; a bandeira portugueza vai içar-se, e não se arria por caso nenhum, o sr. piloto, responde-me com a vida; esta minha advertencia talvez seja desnecessaria, porém hé para se saber o

[1] *Chega todos para ré, e toma bem sentido.* Fallando grammaticalmente, deveria dizer «Cheguem-se todos para ré, e tomem bem sentido». Mas no mar singularisam-se os termos, como ao diante se verá no artigo: *Linguagem maritima.*

animo de que estou. Chega todos para a amurada, e agacha de modo, que elle os não pesque, e supponha que isto hé barco mercante, deixem-o chegar, e á voz de fogo, cuidar de fazer boas pontarias; e vossês das gavias, deixa estar deitados, não façam fogo, nem se levantem, antes de romper no convés.

E para o immediato Pedro José Corrêa:

—Se de bordo daquella escuna houvesse juizo e alguem exercitado, podia incommodar-nos ás direitas, e até metternos a pique sem risco seu; aquelle rodizio deve ter, e tem triplicado alcance destas caronadas, pelo que, conservando-se a certa distancia, e fazendo boas pontarias, não se lhe podia resistir. Por isso zanguei sempre com esta especie de arma, são huns assobios que apenas servem para comprometter; que vergonha não seria, ver huma charrua tomada por hum corsario?! O que vale, hé não desconfiarem do que somos, e virem affoitos á abordagem; porém se lhes désse na cabeça servirem-se só do rodizio, como seria o resultado? e de quem seria a culpa, não seria de quem armou a charrua só com dez caronadas de 18, sem huma peça de caça? antes quatro peças de 12, que estas coronadas de 18, ou 32 que fossem.

Subio para cima do camarim [1], onde nunca tinha estado, todo descoberto, quando muito melhor fizera, se ficasse ao catavento: porém era destemido, e buscou a posição mais arriscada. Louco! O pirata fez hum tiro com o rodizio, cuja bala cruzou por entre os mastros, e foi cahir a grande distancia.

—Chega para as obras da véla grande, que o ladrão vai começar.

Neste tempo arriou a escuna a bandeira portugueza, fez segundo tiro, e içou a de Artigas.

—Vamos, péga nos cabos, porém carrega de vagar, e de-

[1] A *Gentil Americana* tinha hum camarimsinho, huma gaiuta do tempo em que a camara trazia carga da praça, no qual se accommodavam o capitão e piloto, e assim foi ficando depois de comprada pela junta do Pará.

pois o traquete, para nos suppor mercante, e com pouca gente: sr. Corrêa, que se conservem agachados até á voz de fogo: carrega.

Carregou-se o panno conforme o dizer do commandante, a escuna chegou a tiro de pistola, deo huma banda de metralha, e hum tiro de bala encadeada com o rodizio.

—Iça a bandeira, diz o commandante, fogo. Viva o Soberano Congresso.

—Viva.

—Fogo.

A *Gentil Americana* era, como acabámos de saber, armada apenas com cinco caronadas de 18 por banda, e armada mais por ceremonia e costumeira, do que com o fim de brigar (o que de ordinario acontece nestas nossas cousas de marinha que são quasi todas feitas por apparato e impostura); mas tão perto estavam os dois navios, e tão acertadas foram as pontarias, que o inimigo para se refazer, atravessou a gavia, cahio a ré, e só atirava com o rodizio. Joaquim Manoel Mendes que desconfiou da abordagem pela alheta, e de alguma bala de coxia, manobrou para as evitar.

—Ála secco e gata a estibordo, a estibordo o leme, ála traquete e velacho, larga a bateria a estibordo, passa a bombordo, vivo; a taifa para ré, prolonga ahi pela grinalda.

Pôs na outra amura, e deo-lhe segunda banda; a escuna orçou tambem, fez fogo com toda a sua artilharia, e veio arribando para dar a abordagem, com hum grupo de gente sobre o gurupés.

—Todos aqui, e esperem o inimigo nas pontas das baionetas; ó das gavias, fogo sobre esses cachorros, que são ladrões, firma bem as pontarias.

Ainda mal não acabava de fallar, hum tiro de metralha do rodizio, acerta no lado esquerdo do valente commandante, e atira com elle de cima do camarim ao convés. Tudo ficou assombrado dizendo:

—Lá mataram o commandante!

Porém elle grita:

—Não hé nada, ainda estou vivo, sentem-me outra vez lá em cima.

—Lá em cima? vá para baixo, diz-lhe o tenente Corrêa, aqui póde a gente esmorecer vendo-o neste estado.

—Não me vendo, hé que talvez lhe acontecesse isso, e não defendesse a abordagem julgando-me morto; assim julga-me ferido levemente, e vai continuando; sustente o fogo, e deixe-me. Francisco, faz hum chumaço dos lenços, e mette-mo aqui na ferida, para me não esvair tão depressa. Não me posso ter sentado, alguem que me segure a cabeça... segurem-me.

O valente homem todo era sangue, que lhe sahia aos borbotões da ferida vendo-se-lhe parte das costellas, pouco fallava, e a custo; mas sempre animoso dizia ao immediato:

—Quero ver isto até ao fim, mande fazer fogo ao arvoredo, e das gavias, que atirem para o convés. Francisco, vira-me para a poppa, quero morrer no mesmo logar onde comecei a acção.

Francisco, que era hum cabo de marinheiros velho, soluçava, ajoelhou, sentou-o de encontro a si, apertando-lhe o chumaço dos lenços contra a ferida.

—Ah! meu commandante, para que veio pôr-se aqui?

—Não hé nada, chama o sr. tenente. Sr. Corrêa, o ladrão, não leva a melhor; se tivesse sabido usar da sua peça, tomava a charrua, agora já hé tarde, não póde nada, fogo de fuzilaria que faz effeito, porque a borda não os defende, fogo sempre.

Assim aconteceo, a escuna era rasa, das gavias da charrua que lhe ficavam muito sobranceiras, faziam-lhe hum fogo terrivel; a sua borda era falsa, e a metralha passava-a de banda a banda, não tinha outra cousa a fazer, senão lançar hum golpe de gente; mas a *Gentil Americana* era alterosa relativamente á escuna, e podia bem repellir a abordagem, pois tinha huma guarnição muito superior áquella que o corsario lhe julgava como mercante. Joaquim Manoel Mendes, já moribundo, ainda chamou o immediato, e lhe disse que posesse no outro bordo, para na orçada dar huma banda ao inimigo, o

que se fez tão opportunamente, que elle desistio logo do combate, caçando os seus latinos, e pondo-se em fuga. O commandante tinha expirado.

Joaquim Manoel Mendes era academico, e tinha além disso regular instrucção: era da mais agradavel presença, bello homem, querido das damas, delicado, das melhores maneiras; conservou a mais extraordinaria presença de espirito até ao derradeiro instante, e morreo como o mais valente de todos os valentes; o combate não durou huma hora, e o commandante depois de ferido não resistio vinte minutos.

FOLHETIM MARITIMO

EVOLUÇÕES NAVAES

VII

No dia 4 de maio de 1823, navegava á vista da Bahia a esquadra portugueza commandada por João Felix, com tempo excellente, vento bonançoso pelo quadrante do N E, e mar chão. Ás seis horas fez a náo chefe o signal n.º 72 parte 4.ª—Virar por davante pela contra marcha, — estando a esquadra formada na 5.ª ordem, devendo principiar a manobra, a testa de columna de sotavento.—Ás seis horas e cinco minutos fez o signal n.º 7 parte 3.ª—Apparecem navios de mais—e logo em seguida—Rumo de ENE, cinco navios.—Ás seis horas e vinte e cinco minutos o signal n.º 68 parte 2.ª—Virar por davante; —e então ficámos com a amura a E B; a mesma com que navegavam os navios avistados. Ás seis horas e trinta e dois minutos fez o mesmo signal á sumaca *Conceição*, e ás seis horas e trinta e cinco minutos, o do n.º 91 parte 2.ª—Força de véla —para a curveta *Calipso*. Ás seis horas e quarenta e cinco minutos tendo a nossa esquadra virado já de bordo, fez a náo o signal n.º 77 parte 1.ª—Diminuir distancias—e ás sete horas o n.º 121 para o brigue *Audaz*.—Que se retirem todos os caçadores.—A este tempo já se descobriam sete navios e conhecia-se distinctamente pela sua direcção, que navegavam para a nossa esquadra, largos do vento. Ás sete horas e cinco minutos fez a náo o signal n.º 8 parte 3.ª—Os navios avistados são de suspeita.—Ás sete horas e trinta minutos, o n.º 87 parte 2.ª—Pôr á kapa com amura a E B;—e ás oito

horas o n.º 22 parte 2.ª—União—para o brigue *Audaz*, e sumaca *Conceição*. A esta hora estava a nossa esquadra formada em duas linhas com amura a E B, e os navios em vista pelo nosso través de barlavento; porém conhecendo-se que cinco delles eram grandes, e dois paquenos, navegando para nós com toda a força de véla. A esta mesma hora deram os gageiros parte de huma embarcação pequena a barlavento dos navios avistados.

Tocou-se a póstos, posemos em ordem de combate, estavamos no nosso logar da linha, navegando em gavias e joanetes, tendo atravessado a gata para conservar a posição, aproando do N até NNO; o vento ENE bonança, o céo limpo e comprido. Ás nove horas conhecemos bem que os navios avistados eram da esquadra inimiga do famigerado Cokrane, composta de huma náo, duas fragatas, duas curvetas, hum brigue, um brigue escuna e huma embarcação pequena, que parecia brulote; todas ellas vinham navegando em linha, e em cheio para a nossa esquadra. Ás nove horas e trinta minutos içou a sua bandeira, e a náo, a de almirante no tope grande. Ás nove horas e quarenta e cinco minutos demoravam os inimigos para ré do nosso través de barlavento, navegando á poppa. Ás dez horas metteram mais de ló, dirigindo-se a náo que fazia a vanguarda da sua linha a atacar (segundo parecia) a nossa náo, que se achava então em gavias, e com a gata atravessada, fazendo a vanguarda da primeira linha, ou linha de barlavanto. A esta hora passou a sumaca *Conceição* á falla da fragata *Perola*, que fazia a vanguarda da linha de sotavento, e lhe ordenou da parte do chefe, que avançasse com a sua columna para avante da prôa da náo, para quando esta engajasse o combate, virar por davante, e metter o inimigo entre dois fógos. Esta mesma ordem foi communicada aos demais navios da linha. Ás dez horas e trinta minutos fez a nossa náo o signal n.º 91, parte 2.ª—Força de véla—para a fragata *Constituição;* e á mesma hora deo hum tiro o segundo navio da linha inimiga, que era a fragata *União*, continuando elles a navegar ao mesmo rumo.

Ás dez horas e quarenta e cinco minutos deitou a nossa náo dois escaleres ao mar, que ficaram amarrados pelo portaló de sotavento, e cinco minutos depois fez o signal n.º 77 parte 4.ª—Diminuir distancias—para a charrua *Princeza Real*, e navio *Principe;* cujo signal repetio depois em geral, e logo após o n.º 1.º, que hé—A hum terço de amarra.—A este tempo já a linha de sotavento tinha avançado, e estava em distancia apta para executar a ordem que a sumaca *Conceição* lhe havia dado. O signal foi repetido pela fragata *Perola*, testa de columna de sotavento, e que a esse tempo formava a vanguarda de toda a esquadra; e em consequencia delle os navios da dita columna fizeram força de véla.

Ás onze horas e dez minutos fez a náo o signal n.º 76 parte 2.ª—Marear com a mesma amura com que se está atravessado—á fragata *Constituição* (hoje *Diana);* a esta hora navegavam os inimigos na diagonal da nossa linha, e a sua vanguarda distante da nossa mais de 2 a 3 milhas. Ás onze horas e quarenta minutos fez a náo o signal n.º 22 parte 2.ª—União —que foi repetido pela *Perola,* a qual fallando-lhe a sumaca *Conceição,* pôs o seu panno sobre, cahio a ré e pareceo ter fallado á náo, passando-lhe pela poppa, e vindo depois buscar o seu logar, ficando porém mais a sotavento: a este tempo diminuio de panno a náo inimiga, e a nossa esquadra içou bandeira e insignias [1]. Ás quatro horas depois do meio dia, já quando os inimigos estavam a pouca distancia, fez a náo o signal n.º 74 parte 2.ª—Marear á bolina com amura a E B—para a fragata *Constituição;* e aos trinta minutos o n.º 91 parte 2.ª—Força de véla—para a curveta *Regeneração* (que foi a pique no Tejo, chamando-se charrua *Galatea,* máo navio mercante, comprado na Bahia).

Achando-se já a náo inimiga a menos de meio alcance do navio *Principe,* e pelo seu través, deitou em cheio a passar por entre elle, e a charrua *Princeza Real,* e foi então que

[1] Note-se bem «bandeira e insignias» porque a bandeira éra a mesma em todos os navios, porém as insignias differentes em alguns.

esta lhe descarregou toda a bateria, ao que a náo inimiga respondeo fazendo fogo de ambos os bordos para a mesma charrua e navio *Principe*, passando para sotavento da nossa linha; soffrendo hum vivissimo fogo da charrua, a qual desarvorou do mastaréo de joanete grande, pelos tiros da náo. Esta ao receber o fogo da charrua içou hum signal que, sendo reconhecido de todos os navios da sua rectaguarda e centro, viraram, fazendo força de véla, e fugindo em debandada. O navio *Principe* tendo arribado logo, fez tambem o que pôde, mas com pouco effeito, porque o inimigo fugia velozmente, e com tanta rapidez que, arribando a nossa náo, não pôde caça-lo. As curvetas *Calypso* e *Dez de Fevereiro* (hoje *Urania)* que faziam a rectaguarda da linha, fizeram muito fogo sobre os navios fugidos. A náo foi fazendo fogo com os cachorros de prôa, não podendo servir-se de toda a bateria, por lhe ficar entre meio a fragata *Constituição,* e a charrua *Princeza Real;* e fez então signal de força de véla á *Constituição,* que estava com a gata sobre. Á huma hora e trinta minutos fez a náo o signal n.º 99 parte 3.ª—Caça geral.—Todos os navios da segunda columna viraram, e com toda a força de véla seguiram os inimigos. As duas fragatas *Perola* e *Constituição* empenharam-se em caçar a náo as duas fragatas *União* e *Successo* e a curveta *Maria da Gloria,* que todas continuavam sua preciptada fuga; as quaes de tal modo eram perseguidas pelos nossos dois navios caçadores que, para se escaparem e defenderem, largaram ao mar os escaleres da poppa, fazendo tiros com os guardas lemes. Os outros navios da nossa esquadra fizeram toda a força de véla, porém não conseguiram acompanhar as duas fragatas.

Por se ir aproximando a noite, fez a náo o signal n.º 22 parte 2.ª—União—a toda a esquadra, desistindo da caça as nossas fragatas.

Eis-aqui huma relação exacta e simples dos acontecimentos do dia 4 de maio de 1823, que podia ser muito glorioso para a esquadra portugueza, se o inimigo tivesse, pelo menos, a coragem de querer medir as suas forças com as nossas por

espaço de hum quarto de hora; e tambem se a fragata *Constituição* tirasse a vantagem que era de esperar do seu excellente pé. Não commemoremos porém factos que podem ser menos bem apreciados, e lembre-se apenas aquillo que sempre dará honra; aquelle denodo com que o sr. Francisco de Borja Pereira de Sá arrostou o fogo da náo *Pedro Primeiro*, e lhe deo a conhecer o que seria o combate com a nossa náo ou fragatas, quando apenas huma charrua como aquella, do commando do nosso brioso e intelligente academico, lhe matou dezesete soldados e marinheiros, ferindo-lhe muitos outros, e forçando-a a fugir vergonhosamente. A gloria deste dia, por assim dizer, foi toda da charrua *Princeza Real*.

A bordo da náo almirante inimiga, hum facto aconteceo tambem que muito honra o nome portuguez. O destacamento compunha-se de soldados de diversas nações, porém huma boa parte, era de antigos soldados da brigada. Quando começou a acção, o fiel da artilharia, hum escoteiro e o cabo, que estavam ao paiol da polvora, fecham a porta, pegam das espadas e gritam:

—Daqui não sahe mais polvora, para atirar a portuguezes!

Cahiram sobre elles os estrangeiros, maltrataram-os, prenderam-os, e foram logo carregados de ferros para huma despensa de prôa. Chegaram ao Rio de Janeiro, fez-se-lhes conselho, foram condemnados á morte, e iam ser fuzilados. A execução ia fazer-se perto do convento das freiras da Ajuda, os portuguezes residentes na cidade estremeciam de ver os seus patricios soffrerem a pena ultima por tamanho amor patrio; tres homens, no meio de oitocentos, arriscarem-se a ser logo mortos, dando aquelle heroico testemunho de nacionalidade entre rebeldes, e por paga o supplicio, era cousa que ninguem tolerava em silencio; aquelle acto de coragem despertou as extinctas ou apagadas lembranças da patria: requerimentos, insinuações e tudo quanto foi possivel empregar, se pôs por obra, a fim de obter o perdão dos réos. O imperador não se moveo, os accusados foram conduzidos ao logar do supplicio, todas as terriveis e solemnes disposições se

fizeram, vendaram-se-lhes os olhos, ajoelharam, seis soldados sahem da fileira, aproximam-se dos padecentes, que não mostram o mais pequeno signal de arrependimento ou susto, o povo tremia, os portuguezes choravam! Os soldados mettem as armas á cara, esperam o signal de fogo, huma sege vem a toda a brida, sahe della hum camarista do imperador, nasce a esperança em todos os corações, e logo consta que o sr. marquez de Cantagalo era o feliz mensageiro do perdão que Sua Magestade concedia aos criminosos! Os nossos tres portuguezes não morreram!!

Os sinos da Ajuda repicaram, as freiras desfaziam-se em lagrimas e a acenarem freneticamente com seus lenços brancos, os nossos compatricios, mesmo os mais esquecidos da terra que os víra nascer, sentiram-se alliviados de hum grande peso; os outros que della se lembravam, copioso pranto lhes inundava o rosto, e todo o mundo nesse dia louvou o imperador; pois se bem o interesse da revolução reclamava o castigo dos criminosos, a acção tinha huma origem tão nobre, e era tão honrosa para o nome portuguez, que o filho de hum rei de Portugal não podia deixar de perdoa-la.

Que mais fizeram os soldados de Affonso de Albuquerque e de Duarte Pacheco?! Em 1823 houve estes, que se exposeram a morrer ignominiosamente; em 1510, quem se expunha era para morrer com honra; os nomes de muitos daquelles foram celebrados, chegaram até nós, e os destes, não houve ninguem que os escrevesse!!

FOLHETIM MARITIMO

TYPO PORTUGUEZ

VIII

N'hum dia de inverno do anno de 1799 cruzava a fragata *Fenix* a oeste dos Açôres, á espera de varios navios do Brazil, para os comboiar até á barra de Lisboa, e depois ir reunir-se ás fragatas *Carlota* e *Minerva,* em cuja conserva tinha andado sobre a costa de Portugal, e se achavam então no estreito. A lua começára má, e com a força do quarto, o vento crescêra, assoprando do ultimo quadrante terrivelmente, seguido de pesados aguaceiros; o horisonte era curto, e via-se cuberto de massas de nuvens acastelladas, prenhes de fuzis, que estalavam a cada instante; a vaga muito alta, como se encontra pelas ilhas quando o noroeste bufa, de modo que, quando a fragata cahia com a prôa, assentava o gurupés na agua, e a onda alagava-lhe o castello; posto ser navio tão grande, que tinha quatro peças de 36 na cuberta. Fragata das maiores que se tem visto, bello barco, de bom pé, muito aguentadora, mas de excessivo jogar, puxando bastante pelo arvoredo e artilharia; sendo necessario traze-la sempre subjugada com muito panno, mórmente nas occasiões de mar grosso, para lhe diminuir o balanço. N'huma palavra, era navio valente de mais, e o tempo era tambem de arripiar o pello.

Desde o amanhecer que andavamos em tres gavias nos terceiros, véla d'estáe de prôa, mezena e papafigos, carregando-se o punho grande na força das refregas. Outro navio não aguentava assim, mas a fragata portava-se bem, seguindo só

demasiado, sendo mister virar de duas em duas horas para não fugir da posição; e por isso mais conveniente se tornava pôr de kapa, caso ella a soffresse, até para a experimentar em todas as situações possiveis. Deram seis ampulhetas, chegou o sargento de mar e guerra com a amostra do jantar, foi o voluntario Margiochi pedir licença ao commandante, e o tenente Manoel Pereira de Macedo, que espreitava o horisonte, não o mandou distribuir; antes pelo contrario, calculando pelo arco do aguaceiro, a immensa força que trazia, mandou pegar nas carregadeiras da mezena, nas obras da véla grande e adrissas das gavias. O intelligente commandante não ouvindo apitar a rancheiros, logo suppôs que alguma occorrencia imperiosa lhe obstava, subio a ver o que era, olhou para a carranca de barlavento e diz:

—Traz força bastante, e ha de cahir duro; não espere mais, carregue.

Macedo dá a voz:

—Carrega, lasca as adrissas, arria a gata; mais gente ás carregadeiras de sotavento da mezena, carrega de longo, pouca bulha; cabo de quarto, applique esses camaradas aos cabos; cheio mais, ó do leme cuidado; tésa os braços.

O mestre que estava na tolda apitou, correo a gente ás manobras, carregou-se o panno, e quando desabou a maior pancada, que vinha medonha, já achou a fragata prompta para a receber, só com as tres gavias. Tornou o commandante:

—Metta a gata dentro e ferre a véla grande; ponha no outro bordo, e fique de kapa com a gavia e traquete, véla d'estáe, rebeca e mezena na antegalha, a ver que tal se comporta. Repare no abatimento que tem, e veja se dá grandes arribadas, bote a baixo as vergas dos joanetes, porque como a fragata dá grandes balanços póde atirar com algum mastaréo pela borda fóra, tendo aquelle pendor lá por cima; recommende que as vigias espreitem o horisonte, pois do modo que elle está, descobre-se mais depressa cá debaixo que das gavias; não venha algum desalmado espetar-se na prôa e fazer-nos alguma avaria.

Desceo, e o tenente foi para o degrão.

—Cabo do quarto!

—Prompto.

—Retém para cima, sr. mestre, apite a virar.

O mestre apitou, veio a tropa, subiram da coberta alguns marinheiros, e o voluntario Margiochi foi para a prôa por ser o segundo daquelle quarto.

—Carrega ahi a gata, carrega o briol, sobe a cima, ferra: chega para os braços a estibordo, ála grande e gavia, ála traquete e velacho, entra a escota do traquete a estibordo, põe o leme a estibordo de vagar, larga brandaes; ó da gavia, bota brandaes a ré a estibordo, tésa a bombordo, olha esse amantilho, olha as troças; sr. Margiochi, olhe esse traquete que fique bem amurado; entra a escota, caça bem, volta. Mette o velacho dentro, péga nas obras, estingue de barlavento primeiro, ajuda com o briol e sergideira; larga a escota, carrega, vira caras a sotavento, ligeiro, carrega de longo, não encapele no láis, carrega, sobe a cima, volta, ferra; sr. Margiorchi, olhe essa talha da verga, quando vier o balanço; tése bem: cabo de marinheiros, tésa esse braço do velacho de encontro ao outro, não vês que está gente na verga? Gata, desce, vamos á véla grande; apite, sr. mestre.

Apitou a descer, tanto da gata como do velacho, e o tenente continuou:

—Vamos á véla grande, tésa os amantilhos, tésa as troças, sobe acima, ferra.

O mestre apitou a subir, correram pela enxarcia, espalharam-se pela verga, e o tenente cauteloso diz para o gageiro:

—Cuidado não captivem algum cabo da gavia, aperta bem as bichas, olha a escota da gavia, que fique clara; gageiro toma conta, recorre a verga, se ficar algum cabo captivo, mando-te esfregar as costas com doze chibatadas.

—Está tudo claro.

—Olha a verga do joanete que vem ao convés; gavia da gata, olha a sobre gata, o sota que a vá amichellando, e tu

trata de metter a mezena na antegalha; sr. Margiochi, olhe a verga do joanete de prôa que venha abaixo quando as outras.

—Sim, senhor.

Tudo assim se fez com promptidão, porque a gente estava bem disciplinada, e Macedo era fino manobrista. Depois de tudo nos seus logares, caçada a mezena e os cabos colhidos, mandou botar a barca, e mesmo assim a fragata seguia 3½ milhas.

—Como governa?

—Com meia volta de ló.

—Quando der a cabeçada, allivia-lhe o leme, toma sentido no mar, em elle estando perto do navio põe o leme a meio; onde chega a orçada?

—Ao nordeste quarta do norte.

—E na arribada?

—Chega a és-nordeste, e oeste.

—Sr. piloto, torne a deitar a barca, mas espere que venha para o vento: allivia o leme!

Hum mar immenso vem, pilha a fragata atravessada, galga por cima da trincheira, e inunda o convés horrivelmente. O commandante, que sentio aquelle arruido, subio apressado e pergunta:

—Que diabo d'homem de governo hé este? Ou a fragata fica atravessada? Deste modo não presta a kapa, hé preciso ver se vem mais para o vento.

Responde Macedo:

—Até agora tinha ido menos mal, porém deo-lhe a vaga na bochecha que a fez arribar; e tambem, talvez queira a mezena toda larga!

—Pois sim, mande desfazer o tomadoiro, e se deste modo não receber o mar pela amura, largue o velacho, e carregue o traquete.

Executou-se a ordem do commandante, caçou-se bem a mezena, a fragata recebia como se esperava o mar pela amura, e os balanços, posto que grandes, eram regulares, apesar

do immenso vagalhão que arrebentava em flor, deixando o mar e a tolda cubertos de espuma.

—Dê o jantar!

Distribuio-se, mas ainda não se tinham reunido em torno das bandejas, n'huma clarina que fez o horisonte, gritam da prôa:

—Navio a barlavento, perto.

—Lá vai o jantar com todos os diabos, dizem alguns marinheiros que começavam a tirar as colheres dos sacos dos rancheiros; agora hé que o demo havia de apparecer.

Com effeito o balanço atirava com a gente á amurada, quanto mais com as bandejas; ali era perder-lhe as esperanças.

Deo-se parte ao commandante, elle subio, olhou para o horisonte e descobrio debaixo da cerração hum grande navio, lançou-lhe o oculo.

—Hé fragata, e vai á poppa em duas gavias e traquete; deixa-la ir, que nos não incommoda.

Porém passados dois ou tres minutos:

—Vem para nós, larga as bandejas; tambor, toca a póstos, de longo, bota o comer na caldeira; gavia grande, tira as bichas á véla grande; gavia de prôa, larga o velacho; mestre, caçar o velacho, chame a gente, vamos já, apite; ála ali o braço do velacho por sotavento, volta, caça o velacho.

—Está a bejar.

—Iça, volta; carrega o traquete; larga a gata, caça aqui a gata; ála secco e gata a barlavento. Sargento! Acender as traças, tire os oculos; o sr. tenente que desatráque a artilharia e fique sobre meias voltas. Carrega a mezena, carrega a rebeca, volta a tudo; a gente da taifa que pegue nos braços grande e gavia, artilharia prompta.

O navio de barlavento quando nos descobrio orçou, veio para nós, içou a gata carregando o traquete, chegou á nossa alheta e pôs no mesmo borbo, chegando-se quasi a tiro de pistola. Era huma grande fragata que mostrou a sua bateria aberta, e a gente a póstos.

—Sr. Macedo, a artilharia prompta á primeira voz.

Deram huma arribada ficando quasi com o seu pão da giba

na nossa alheta, o commandante mandou andar em cheio, elle orçou hum pouco e seguio a ficar pelo través, porém a pouca distancia, donde fallaram pela bosina.

—Ó do navio, que embarcação é essa?

—A fragata portugueza *Fenix;* e que fragata hé essa?

—Fragata ingleza; venha a bordo hum escaler com official que quero reconhecer.

—Não vai escaler nem official; diga o nome da fragata.

—Venha já o escaler, se não faço-te fogo.

O commandante diz:

—Iça a bandeira e flamula, fogo á primeira brigada; o resto da bateria espere segunda voz.

Içou-se a bandeira, dispararam as cinco peças de ré, passou o fumo, e o commandante diz para a fragata.

—Venha a bordo hum escaler com official, se não continuo o fogo.

A fragata içou logo bandeira e flamula inglezas, arribou toda, e passou pela nossa poppa, ficando na alheta de sotavento.

—Cheio mais, assim. Venha já o escaler.

Responderam:

—Ahi vai o escaler, ahi vai.

E atravessou a gavia e a gata.

—Orça, ála grande e gavia a bombordo, ála secco e gata a estibordo: mestre, safe o escaler dos turcos de estibordo, ligeiro; a guarnição passe para estibordo.

O mar era immenso, entrava pela bateria, que alagava tudo; a chuva era a mesma, os aguaceiros cahiam com immensa força, dando cuidado a artilharia por causa dos balanços; e a fragata ingleza a distanciar-se, como fugindo ou arribando, de maneira que não se adivinhava aquella navegação, tendo largado o escaler, que corria o maior risco de afundar-se. O commandante arribou tambem para o tomar, pois na verdade, era impossivel que elle rompesse para barlavento; e a sua miseravel guarnição pôde emfim atracar com muita difficuldade, meia morta de susto e frio. Subio o official, que vinha alagado, e disse:

—Aqui estou! Onde está o commandante?

—Eis-me...

—Que pretendeis, senhor? Para que nos forçaste a vir ao mar com este tempo? Para que perder vidas entre alliados, sem motivo justo? Para que, aquelle fogo?! Mandai hum official vosso a bordo, trazer-vos-ha a noticia de que nos mataste sete homens, partiste a róda do leme, de modo que lá vai a fragata sem governo, ou mal governada com talhas na coberta e a borda toda arrombada; vêde, lançai-lhe o oculo e descobrireis o mal que fizeste, sem rasão, a hum navio amigo: o meu commandante vai fazer contra vós as mais energicas reclamações deste acto de barbaridade incrivel, vai...

—Bem, bem, mas porque veio o vosso commandante tomar-me barlavento com a sua bateria aberta, gente a póstos e tranças acesas? Para que me fallou sem bandeira e me ordenou que lhe mandasse hum escaler a bordo!

—Julgou que ereis francezes!

—E eu julguei que tambem o fosseis, porque d'outro modo não esperava da vossa parte igual procedimento; as vossas disposições indicavam principio de combate, e por isso vos quiz prevenir. Dizei-me, se a vossa fragata fosse inimiga e me désse huma banda que me desmastreasse ou fizesse outra avaria, como ficaria eu? Com que direito me ordenou o vosso commandante que lhe mandasse hum escaler?

—A guerra com a França auctorisa...

—Nada, nunca daquelle modo; vieste com muito risco, lamento a vossa sorte, não concorri para ella; e não era barbaridade exigir que fosse ao mar o meu escaler? Para mim não estava máo o tempo? Dizei ao vosso commandante que tenho pezar das avarias que lhe causei, que estou prompto a dar-lhe satisfação cabal, posto ser elle quem me constrangeo a proceder assim; quanto ás justas reclamações, póde faze-las, porque eu igualmente darei parte dos motivos que me compelliram a responder-vos desta maneira. Não mando escaler, pois hé desnecessario, e podeis afiançar-lhe que em todas as occasiões nos havemos conduzir como soldados. Quereis retirar-vos?

—Sim!

—Cheio mais, ála grande e gavia, secco e gata.

A fragata cada vez ficava mais longe, por isso mareámos quasi a tocar-lhe com o páo da giba na alheta, do mesmo modo que elles nos fizeram, orçámos e á sombra dos dois navios pôde o escaler navegar com menos perigo, o qual era realmente infinito para a sua guarnição, que tinha a morte diante dos olhos.

—Atravessa a gata, ála grande e gavia.

Atravessámos até que a fragata recebeo o escaler; depois mareámos passando perto della, em tal distancia que o commandante lhe fallou sem bosina.

—Quereis alguma cousa desta fragata? Não.

—Boa viagem.

—Boa viagem.

—Amura o traquete, amura a véla grande, vivo; caça, caça a tudo; governa bem, cuidado no leme, deixa andar.

A fragata *Fenix* era como já disse hum navio valentissimo, grande e bonito, mas aquella força de panno excedia qualquer arrojo de temeridade, só huma especie de frenisis o podia lembrar; quando orçou e caçou os papafigos, metteo a bateria debaixo d'agua, pouco faltava para fazer da quilha portaló, mas andava como hum peixe. Aquelle raro atrevimento, era para mostrar aos aggressores, o animo heroico de quem a tripolava; d'ali a ir ao fundo, pouca differença havia; só aquelle destemido e peritissimo commandante, seria capaz de huma igual audacia, e de reprimir a insolencia de quem o quiz abater, mostrando-lhe que, passado o perigo do compromettimento de homens a homens, se affrontava outro maior perigo, o de hum temporal desfeito, com aquelle panno largo! Dentro em dez minutos lá se perdeo de vista pela poppa fóra a fragata ingleza, que conservou a sua bandeira içada todo o tempo que se descobrio da *Fenix*.

—Arria a bandeira e flamula. Sargento, o sr. tenente que atraque a artilharia e metta os oculos. Sr. Macedo, ás cinco horas ponha no outro bordo e fique de kapa com o mesmo

panno que tinhamos ao meio dia: querem tratar tudo de resto! Chega para as obras da véla grande; mestre, olhe que ferra.

—Sim, senhor.

—Está na mão?

—Sim, senhor.

—Apite.

Carregou-se, subiram, ferraram, e fez-se o mesmo á gata.

—Salto ás adrissas de gavia: srs. officiaes, façam menção disto tudo nos seus diarios, não esqueça nenhuma circumstancia, porque naturalmente o caso ha de ir a juizo. Caça a mezena, caça a rebeca, andar assim até ao anoitecer; mande distribuir huma praça de vinho á guarnição.

Tudo a bordo era agua, quer do mar, quer da chuva, em quanto se esteve a póstos, ninguem pensou no tempo, nos aguaceiros, nem nas refregas, hum motivo mais urgente, a honra nacional absorvia todos os cuidados; mas agora, cada qual queria enxugar o fato, e beber alguma cousa espirituosa. Mas todos igualmente, como agradecidos ao intrepido e habil commandante, que, debaixo de hum grande perigo tinha conservado bastante animo e sangue frio para responder energicamente a huma provocação acintosa, cujos resultados ninguem podia calcular se ella não fosse, como foi, opportuna e magistralmente rebatida. Os inglezes pareciam vir dispostos a insultar ou bater-se; a desfeita era certa, e depois, talvez, nem se desculpassem com a supposta desconfiança de navio francez. Candido prevenio-os, fez-lhes, com razão, o que elles tencionavam fazer-nos sem ella; a nossa bandeira estava içada, era a nossa salva-guarda, o nosso passaporte; elles não içaram a sua, senão depois da severa advertencia de huns poucos de tiros, de varios rombos, de partida a róda do leme e sete homens mortos!!

Ha no mar conflictos nunca imaginados, por quem desconhece os riscos e a importancia da profissão. Póde hum commandante de má indole ou ignorante, dispondo de grandes forças, insultar huma nação menos poderosa, encontrando

no mar navio de guerra de lote inferior, que lhe pertença, querendo regista-lo, forçando-o a mandar-lhe escaleres e officiaes, cortando-lhe a prôa, fazendo-o mudar de amura, e outros insultos que ninguem deve ou póde tolerar. Nesse caso, proceder como Candido José de Sequeira: fogo! Seja grande, seja pequeno; náo contra fragata, curveta contra brigue, navio de guerra não consente registo: toque a póstos, a força decida, bata-se até á ultima extremidade. Estas circumstancias, não as comprehende bem senão o homem do mar, exercitado e instruido; o seu modo de vida hé o mais arriscado, o mais difficil de satisfazer, e o mais nobre de todos!

Com effeito, o que não hé hum commandante ao catavento, respondendo pela vida de setecentos individuos, e pelo valor de 500 ou 600:000$000 réis, representados por setenta e quatro bôcas de fogo, e o complexo da magestosa maquina de huma náo de linha!! Que não depende delle, quando chega á falla de outro navio de igual grandeza, ou na presença de huma tempestade, de hum perigo imminente, de montar hum cabo, ou entrar huma barra? Quando tudo está silencioso, á espera da voz que, como por milagre, salva da morte e do naufragio tantas creaturas ou as compromette para sempre, sem esperança de salvação!! Huma palavra, hum só aceno ao homem do leme, duas, quatro malaguetas, huma pequena arribada ou orçada, e eis a morte ou a vida, a gloria ou a vergonha do seu paiz! Quem conhece isto, quem alguma vez se achou no caso de o avaliar, não póde deixar de dizer que, hum valente e habil commandante de qualquer navio de guerra, hé o homem mais util, mais importante da sociedade!!

FOLHETIM MARITIMO

O MAR NÃO TEM CANCELLAS

IX

Na manhã do dia 7 de março de 1827 largou da barra da Aguada para Lisboa a charrua *Maia e Cardoso*. Seu commandante havia ponderado ao governo provisorio, que a viagem naquella época era arriscada, pois começava o inverno, e poucas esperanças podia ter de montar o Cabo em hum navio de máo pé, contra monção, e na força dos noroestes. O governo desprezou as justas ponderações por elle feitas, terminando com a estupida resposta:

—O mar não tem cancellas; já lá vai o tempo das monções, agora navega-se para toda a parte sem receio de cousa nenhuma; sáhia, que a provincia não póde com a despeza do navio.

Sahio, a charrua tinha recebido bastante carga, não só do producto das fazendas que conduzíra de Lisboa, como a pertencente aos desembargadores Louzada e Miranda, e a outros passageiros, de que vinha cheia. Passou a linha para o sul, com trinta e cinco singraduras, que já era má viagem, estendendo-se esta ao numero de setenta e nove dias para chegar á Costa do Natal, que foi a 25 de maio. Perto da Ponta do Padrão, deram-lhe calmarias com força de correntes para o norte, que naquella paragem, e tal tempo, são ordinarias, começando-lhe a assoprar o sueste de rajadas, como despedindo-se, até lhe saltar á prôa. Com effeito no dia 26 rondou para o sul, e no seguinte, 27, calou duro do noroeste, sendo

mister aguenta-lo de kapa. A charrua sempre foi navio ronceiro e de máo governo, tendo além disso huma bôca desproporcionada, pelo que, mais conveniente seria aproveitar a sua rigeza de borda, regendo panno; e bem o conseguiria, bordejando pouco distante da costa, para á mercê das correntes, que viram ao noroeste quando a monção muda, passar o Cabo. Para proceder assim, era indispensavel huma guarnição disciplinada, officiaes activos, e mais que tudo hum energico commandante, que se fizesse obedecer e respeitar: Joaquim Epifanio de Vasconcellos, sendo aliás homem honrado, faltavam-lhe as qualidades proprias do militar maritimo, e era summamente frouxo; a bordo da charrua todos mandavam, e por isso fallaram e poseram de kapa, como cousa que exigia menos attenção, e dava menos fadiga, embora o navio soffresse.

Declarou-se o noroeste duro, cresceo o mar, o horisonte cobrio-se, a vaga cruzou-se e a charrua no meio daquellas vagas immensas, atirava consigo horrivelmente até que, n'huma das cabeçadas, ás vinte e duas horas do dia 28, partio o leme, levando este a segunda e quarta femeas; e aluindo com o seu choque, toda a parte inferior da almeida, a ponto de entrar hum grande jorro de agua pelo gio, que subia no porão, a cincoenta e oito e sessenta pollegadas por hora! Tudo a bordo foi confusão, todos queriam cousas diversas, cada qual dava a sua opinião, e o barco sem governo, á matroca, atravessado ao mar, que o cobria: ora mettendo o gurupés e a prôa debaixo d'agua, ora cahindo a bombordo, a ponto tal que o sino tangia sem ninguem lhe mexer. Pranto das senhoras, pragas dos marinheiros, censuras dos desembargadores, advertencias dos officiaes de transporte; de maneira que nunca se tinha visto maior anarchia dentro de outra embarcação de guerra, com a qual os perigos augmentavam, e a necessidade de acudir-lhe se tornava mais urgente. Ála braços por aqui, tésa por acolá, carrega a mezena, carrega a rebeca, larga o velacho; mas a charrua não arribando, na mais critica de todas as posições, á mercê das ondas e do vento! A agua no porão, cada

vez mais, tocava-se redondo ás quatro bombas, sem ella diminuir, pegaram nos gamotes, em que todos trabalharam, não havendo nesta laboriosa faina differença de classes; e só depois de aturadissima diligencia se foi vencendo a maior força, alijando-se parte da carga ao mar, não só por estar arruinada e cheia de avaria, como para ficar a embarcação mais boiante.

Lembrou o capitão tenente Pussich a vulgar espadella, metteram mãos á obra, mas de tal modo nisto se houveram que, por sua pessima estructura e desapropriada collocação, nunca chegou a fazer serviço, levando-se em tentativas inuteis e disparatadas até ao dia 30. A todas as horas se esperava que o mar engulisse o navio ou que este abrindo, pelo choque das ondas, fosse logo a pique. Hum tenente mandava alar o braço grande, o commandante largar o velacho, o capitão tenente o traquete, o mestre a véla d'estáe de prôa, repetindo-se estas e outras vozes, sem hum pensamento fixo, e sem que a charrua variasse de posição! Os navios têm sido por vezes comparados ao cavallo fogoso, que só obedece ao cavalleiro destro; assim hum official instruido ao catavento parece dominar as vagas e imprimir a sua vontade áquella admiravel maquina, que em todas as circumstancias obedece á sua imperiosa voz! O *Maia e Cardoso* não respeitava o cavalleiro, nadava á tona d'agua, o seu elevado tombadilho e salientes alforges, offereciam resistencia ao vento, igual a huma véla ré; e por isso para elle arribar, logo se devêra ter picado o mastro da mezena, o que nunca se chegou a fazer. No dia 30 o mestre e officiaes de prôa lembraram a construcção de hum leme de pêga, cuja madre fosse o mastaréo do velacho; esta idéa obvia e sempre seguida, abraçou-se ávidamente, todos fizeram quanto delles dependia para o seu acabamento, que terminou no dia 4 de junho; mas o temporal era então medonho, o frio intenso, a saraiva retalhando as mãos e o rosto de quem a supportava, as rajadas fortissimas e o escarcéo furioso, a cuja vista muitos iam desfallecendo, exhaustos de animo e forças.

Os camarotes daquelle navio eram, e hoje ainda são, no

convés, á ré do mastro grande; nos dois fronteiros ao mastro da mezena, em que vinham o desembargador Louzada com sua familia, e o ex-contador Possollo e sua joven esposa, se collocaram as correntes e talhas de atracar a pêga ao cadaste; atravessando-se de bombordo a estibordo pelas portas delles, a verga de sobrecellente da gavia com outras talhas fixas nos laizes para ajudar a governar por fóra. Mas por isso que as portinholas estavam abertas, tal força d'agua entrava por ellas que ninguem podia trabalhar, inundando-se todo o navio! O desalento era geral, e quasi que nem se atreviam a mover hum braço! Finalmente conseguio-se no dia 8, com incrivel fadiga e risco, calar o leme e dispor convenientemente o seu aparelho.

Graças a Deos que já governa! Estamos salvos! O leme gira bem! E com effeito o *Maia e Cardoso* arribou, deo a alheta ao mar, e pôs a prôa a es-nordeste, puxando-se logo com traquete e velacho para o canal de Moçambique. As senhoras e até os homens choravam de alegria, a vaga na alheta affrontava menos a embarcação, dando-se em consequencia disso ordem a fazer alguma cousa de cozinha, pois havia huma semana que nada se tinha comido quente. Porém com este bom successo não findaram as tribulações e perigos dos trezentos e dez viandantes, os quaes não vendo nem *portas* nem *cancellas* em todo o Oceano, viam apenas, e isso bastava, que elle embravecido, lhes preparava a morte, ora elevando ás nuvens o desconjuntado navio, ora sepultando-o no centro de serras d'agua, que de todos os lados ameaçavam enguli-lo! O caso foi que, ou a obra não fôra feita com a necessaria solidez, ou a força das ondas era muito superior a todos estes meios provisorios de governo, huma vaga apodera-se delle, faz tudo pedaços, e deixa o navio em situação mais arriscada que dantes, tendo agora a bater-lhe no costado os restos do tal leme, presos pelas talhas e correntes. Picaram-se estas e aquellas, e eis de novo o *Maia e Cardoso* á matroca, já correndo para o sul, já para o norte! No dia 11 ensaiou-se a factura de outro leme de toros de amarra, o qual ficou prompto a 14, mas nesse

dia era tão medonho o tempo, taes os balanços e tanta a agua dentro do navio, que apenas trataram de tapar o buraco da enora do leme e as duas portas por onde sahia a verga, com colchões e taboado, a fim de se esgotar o porão. Alijou-se mais carga ao mar; a riqueza de huns, o remedio e o fructo de grandes economias de outros lá foram pela borda fóra, para a salvação de todos. No dia 20, achando-se então em trinta e cinco gráos sul, e pouco mais a oeste da Bahia de S. Francisco, abonançou alguma cousa o vento, poderam botar o leme fóra e governar com elle menos mal. Nestas alturas, a vaga hé de huma grandeza que ninguem faz idéa, senão vendo-a, e a violencia do vento péga nella com tanto impeto, que nenhum navio lhe póde resistir muitas horas, admirando como o *Maia e Cardoso* supportou aquelle combate sém se desfazer! Outros navios, corridos em arvore secca ou em velacho sobre a pêga, passavam por elle; mas não lhe dando, nem podendo dar auxilio, no meio de huma tormenta que os ameaçava com igual sorte. A marinhagem excitada pelos passageiros que de tudo murmuravam, começou a desattender os seus proprios officiaes, sendo necessario prender á ordem da rainha o desembargador Louzada, mais turbulento, para restabelecer a disciplina e infundir algum respeito aos officiaes de transporte que, censurando sempre, por sua ignorancia da profissão, as cousas mais acertadas que ali se fazem, tinham demasiados motivos para exercer a sua maledicencia.

No dia 21, emfim, prouve a Deos que o leme podesse trabalhar, obedecendo logo o navio e arribando para éste, mas em que estado?! Todo o seu aparelho e panno perdidos, as costuras abertas, a poppa arrombada, as perchas fóra, quasi toda a carga lançada ao mar, e a restante cheia de avaria; e a guarnição e passageiros, meios mortos de fadiga, privações e susto! O bom e debil commandante que, no meio destes desastres, tinha sobre seus hombros a immensa responsabilidade de huma arribada, em que todos os descontentes lhe serviriam de testemunhas de accusação, foi-se definhando á força de desgostos, succumbindo no fim de cento

vinte e oito dias de viagem, quando ia a embocar o canal de Moçambique. Recahio o commando no capitão tenente Torquato, o qual entrou com a charrua naquelle porto passada huma semana, completando-se então cento e quarenta dias de viagem de Goa. Ali fabricou e fez novo leme, custando infinito o arranjo de outras femeas em logar das perdidas, que se deveram ás diligencias do tenente Cardoso, que as fez fundir, chegando com este auxilio a Lisboa passados quinze mezes, no dia 4 de junho de 1838. Seus prejuizos foram immensos, quer publicos, quer particulares, soffrendo a sua guarnição muitas privações e muito risco de vida, os passageiros muitos incommodos, desgostos e despezas, e a arma da marinha muito descredito. E tudo isto, porque gente alheia á sciencia das cousas navaes julga e decide os objectos maritimos, que nunca comprehendeo, nem comprehenderá, sacrificando ignorantemente avultada porção da fazenda publica; e a fazenda e a vida de bons servidores do estado, declamando com crassa fatuidade «Que o mar não tem cancellas! [1]»

[1] Não tem cancellas, hé verdade, mas nos polos gela o mar, que impede os navios de se moverem; e nas paragens onde reinam as monções, como no Cabo da Boa Esperança, na Costa do Malabar, Costa de Coromandel, Golfo de Bengala, mar da China, archipelago de Timor e Molucas arrisca-se quem as quizer desprezar a soffrer o que soffreo o *Maia e Cardoso,* se fôr de huma tão forte construcção, ou não voltar nunca, se fôr mais fraco. E aproveitando-as póde fazer a sua viagem com segurança e rapidez, como agora se demonstra pela chegada da fragata *D. Maria* que, sahindo de Goa em monção, entrou neste porto domingo, apenas com cento trinta e cinco dias de viagem, podendo fazer escala por Moçambique, Benguella e Angola.

FOLHETIM MARITIMO

A INADVERTENCIA

X

Na tarde do dia 17 de dezembro de 1776 regressou a incorporar-se á esquâdra do sul, vinda do corso, a fragata *Senhora da Graça,* dando noticia de que fallára na vespera a hum navio inglez que vinha de Lima, o qual lhe dissera ter encontrado nessa manhã a esquadra hespanhola, composta de seis náos e sete fragatas, que parecia demandar Santa Catharina. Mal que isto disse para a náo *Santo Antonio,* onde o chefe Macduval içava o seu pavilhão, fez este signal de metter em duas columnas, dando ordem á mesma fragata de passar á falla de todos os navios da linha, prevenindo os seus commandantes de que durante a noite, além dos signaes estabelecidos, içassem duas luzes verticaes no tope de prôa. O vento era sueste bonançoso, e o tempo escuro, navegando a essa hora a esquadra á bolina, com amura a bombordo da maneira seguinte: náo *Santo Antonio* (chefe), do commando do capitão de mar e guerra, José da Silva Pimentel; dita *Senhora d'Ajuda,* do de José dos Santos Ferreira; dita *Senhora de Belem,* de Antonio Januario do Valle; fragata *Nazareth,* de Thomás Stevens; dita *Principe do Brazil,* de Antonio Jacinto da Costa; dita *Senhora da Gloria,* de Tristão da Cunha; dita *Assumpção,* de Francisco Xavier Telles; dita *Fenix Graça,* de João Nicoláo Schmkl; dita *Princeza do Brazil,* de Francisco Bettencourt; dita *Senhora do Pilar,* de Arthur Philipps; e dita *Nossa Senhora da Graça,* de Frederich Hes-

selberg. A força destas tres náos e oito fragatas, constando apenas de quatrocentas e trinta bôcas de fogo, e tres mil oitocentos e oitenta homens, era muito inferior á da esquadra inimiga, não só porque no numero dos seus navios entravam seis náos, cuja somma de bôcas de fogo, só dellas, era dupla da de toda a nossa esquadra, como porque as suas avultadas guarnições nestes navios e nas suas fragatas montavam a quasi seis mil homens; por isso, toda a cautela e sciencia eram mister para lhes resistir. Os dois navios serras filas da rectaguarda, ao escurecer, deram vista de embarcação grande a barlavento da alheta, e fizeram signal de navio suspeito ao nordeste. O chefe chamou á falla a fragata *Graça*, e perguntou-lhe porque lhe parecia suspeito o navio avistado? Respondeo:

—Porque os joanetes descobertos são de náo, e póde ser o navio testa de columna da esquadra inimiga.

—Muito bem, tome o seu logar na linha.

Em seguida fez signal de ordem de marcha nas mesmas duas columnas, mas em ordem invertida; pelo que as duas náos, *Ajuda* e *Santo Antonio*, passaram a cobrir a rectaguarda.

Cerrou-se a noite, bastante escura, acenderam-se os faroes do costume, e além delles as duas luzes verticaes no tope de prôa. Não se tinham porém enganado os dois commandantes das fragatas, ácerca da qualidade do navio avistado, porque pela volta das onze horas sentio-se o corso na agua, de embarcação muito perto, e descobrio-se das duas náos outra náo quasi na poppa, que procurava a alheta do navio chefe, e vinha aproximando-se, não só sem os signaes de convenção da esquadra, como sem as duas luzes verticaes ultimamente mandadas içar; e então claro estava ser navio estranho, talvez testa de columna da esquadra inimiga, que não se podia distinguir por causa do escuro e cerração. Era a náo *Senhora dos Prazeres*, commandada por José de Mello, que sahíra muito á pressa do Rio de Janeiro, onde tinha chegado de Lisboa para ir reforçar a esquadra, constando já na-

quella cidade que os hespanhoes haviam duplicado as suas forças maritimas no sul, e por isso levando ordem de se reunir quanto antes aos demais navios. José de Mello quando lhe deram parte de duas vélas na prôa, julgou, e com razão, que eram da esquadra; não só pelas ver navegar em linha, como pela posição que occupavam, que realmente era aquella onde deviam achar-se; por isso mandou marcar o rumo a que demoravam e fazer a conveniente força de véla para as alcançar. A náo *Senhora dos Prazeres* era navio fino, e como navegava á vontade e escoteira, avançava mais do que a esquadra, a qual regulava a sua marcha pelo menos andador. Perto das onze horas, como já dissemos, as vigias das duas caudas das columnas deram parte de navio nas aguas do chefe, procurando introduzir-se entre a esquadra.

Tocou-se a póstos geralmente, fazendo o chefe signaes de preparar para combate, encurtando distancias. Eis se péga em armas a bordo de todos os navios, ali se correm encerados, se desatraca a artilharia, se acendem tranças, se sobe ás gavias com os bacamartes, bem persuadidos de que, não obstante a superioridade do numero e força dos hespanhoes, a victoria ha de ser dos portuguezes; cada qual vigia e quer dar o signal de fogo, o desejo de brigar hé extraordinario, e a esperança do triumpho e renome quasi certos.

José de Mello quando chegou a descobrir as duas náos, reconheceo logo o navio chefe, pelos seus tres faroes na grinalda, e por isso lhe foi procurando a alheta de sotavento, carregando os papafigos a golpes de apito, sem se proferir palavra; pelo que, nem ao menos pelo som das vozes, que bem se poderiam differençar de bordo daquelle, se desenganaram de que todos eram portuguezas. José de Mello pegára da bosina para fallar á náo, quando tendo-a já pelo través, e a náo *Ajuda* por estibordo, rompe o fogo a primeira, seguindo-se-lhe logo a segunda, descarregando toda a sua artilharia quasi á queima roupa. Então José de Mello vio que o reputavam inimigo por se ter inconsideradamente mettido no meio da esquadra, sem previos signaes: pôs todo o seu panno

sobre, cahio a ré, e passou para sotavento da náo *Ajuda*. Esta e o navio chefe não differençaram a sua manobra, interceptada pelo fumo, e continuaram a bater-se terrivelmente. José de Mello, a cujo navio os tiros das duas náos tinham feito varios rombos, cortado cabos, e morto e estropiado doze homens, arriscou-se de novo a fallar áquelle de sotavento para o advertir do engano e evitar maior desgraça, talvez da perda da esquadra inteira, caçou o traquete e procurou a alheta da náo *Ajuda*, gritando da prôa:

—Arribe, arribe, sou José de Mello, esta hé a náo *Prazeres*.

De bordo daquelle navio julgaram que outra embarcação inimiga os atacava, porque o fogo era constante de barlavento, e por isso tocava a caixa a guarnecer a bateria a estibordo, e José de Mello sempre gritando:

—Arribe, hé a náo *Prazeres*.

Até que felizmente José dos Santos Ferreira lhe ouvio e reconheceo a voz, arribou para fugir dos tiros da *Santo Antonio*, mandou cessar o fogo e gritou para a náo *Prazeres:*

—Içe duas luzes verticaes no tópe de prôa.

Cessára de todo o fogo do navio chefe, não lhe respondendo ninguem, dispersou-se o fumo, a náo *Ajuda* procurou o seu logar, fallou ao chefe e diz-lhe:

—Hé José de Mello na náo *Prazeres*, já traz as duas luzes verticaes.

Esta orçou e veio procurar o chefe por barlavento da alheta. Para orçar tinha caçado a véla ré. José de Mello naturalmente se chegou para o logar mais conveniente que, nestas circumstancias, vinha a ser perto do turco da poppa, e o seu immediato; o vento havia refrescado, e já era duro, elle apenas tinha proferido poucas palavras, quando com a rajada se parte o cunho donde estava a volta do tirador da talha da escota da retranca, este recorre, e a verga abandonada a si mesmo vai esmagar o valente immediato de encontro á borda, que ainda chegou a dizer:

—Á cão que me mataste.

E expirou.

Mais de cincoenta homens, quer mortos, quer feridos, se inutilisaram nesta noite a bordo dos tres navios, os quaes tambem tiveram grandes avarias nos cascos e arvoredo; tudo em consequencia do pouco reflectido modo por que hum commandante, aliás valente e exercitado, foi fallar á esquadra em que ia servir, fazendo pagar com a vida do seu immediato e subordinados, o ligeiro esquecimento que tivera dos usos marciaes maritimos [1].

[1] Os esquecimentos em terra são faceis de remediar, e nunca têm resultados tão transcendentes, e hé por isso que, por mais que digam, a posição do official de marinha, hé sempre mais arriscada e importante que a do official do exercito! Talvez para os nossos jovens militares da arma, não seja fóra de interesse a noticia que vamos dar da força de cada hum dos navios da esquadra em que este facto aconteceo, a fim de se fazer a devida comparação com os navios actuaes.

	Peças	Praças
Náo *Santo Antonio*	66	500
Náo *Ajuda*	64	500
Náo *Senhora dos Prazeres*	62	500
Náo *Belem*	54	440
Fragata *Nazareth*	42	320
Fragata *Principe do Brazil*	34	240
Fragata *Senhora da Gloria*	26	200
Fragata *Senhora da Assumpção*	34	240
Fragata *Fenix Graça*	42	320
Fragata *Princeza*	28	200
Fragata *Senhora do Pilar*	26	220
Fragata *Senhora da Graça*	24	200
Somma	502	3:880

Vê-se pois que a náo *Santo Antonio,* que depois passou a ser *Martim de Freitas,* e finalmente *Pedro Primeiro,* sendo navio de 74, era reputado de 66; a fragata *Fenix,* que era de 54, com as suas quatro peças da coberta, figura aqui como navio de 42, etc. Hoje os nossos navios figuram com o numero de bôcas de fogo que realmente têm, assim como os dos inglezes, que desprezaram aquelle engano. Neste exemplo temos que a náo *Belem,* que era o menor dos navios de duas cobertas que andavam naquella esquadra, tinha doze portas na bateria da coberta, e treze na do convés, o que sommava cincoenta, com seis na tolda, tres no castello e hum cachorro de prôa por banda, que

perfaziam o numero de mais vinte, e a somma total de 70, figurando na nossa lista como navio de 54.

As suas guarnições tambem não eram proporcionaes ás bôcas de fogo, porque a bordo da *Senhora da Graça*, que era de 24, temos duzentos homens a razão de oito praças por peça; e a bordo da náo *Santo Antonio* temos quinhentas praças, a razão de sete e meio por bôca de fogo.

FOLHETIM MARITIMO

A FATALIDADE

XI

A escuna *Graciosa* era hum pequeno e bonito barco mercante, que passou a pertencer á esquadra da rainha, quando o exercito libertador entrou no Porto; não sahio a barra mais que huma vez em serviço da soberana, porém assim mesmo foi fatal a varios de seus subditos. Quando a encalharam na praia do Oiro para ver o fundo e recorrer de calafeto, não houve ninguem da arma que não cubiçasse o seu commando, mas foi este cahir nas mãos de hum dos aventureiros que, logo ao principio da lucta que se haviam compromettido a sustentar, quebrantou suas promessas fugindo vergonhosamente. Nella pois embarcou de immediato o meigo e gentil moço Rafael d'Alencourt Braga, e mais vinte marinheiros e grumetes portuguezes, que voluntariamente se offereceram para a tripolar, conferindo-se o commando ao americano arvorado em tenente, Thomás B. Tyldens, o qual completou a guarnição com o aspirante e mestre, Ricardo Porlmesley, o cirurgião Weislon e dez marinheiros inglezes. Tratou-se de armar este pequeno navio com huma peça de rodizio e quatro coronadas, recebendo o commandante ordem de escolher as bôcas de fogo no trem. Por desgraça e má sorte de alguns, deparou elle com huma boa peça de bronze columbrina de calibre 24, e seis caronadas de igual adarme, excellentes para embarcação de maior porte, mas de excessivas proporções para a escuna. Tyldens achou-as optimas, apesar de reitera-

das advertencias de Braga e outros, ponderando-lhe que taes calibres não correspondiam á pequenez do barco. *No force! E no force, e never mind,* armou-se a escuna á satisfação do commandante, com aquella pesadissima e desproporcionada artilharia. Quantas vezes o infeliz Braga se carpia dos riscos que o ameaçavam sahindo n'huma embarcação sobrecarregada daquelle modo, a qual para os entendedores era mais tumba ou esquife, do que navio de guerra. Sempre que se fallava no assumpto o docil Braguinha, rindo-se tristemente, repetia aos camaradas:

—Se me virem sahir nella, não me verão voltar! Quem déra que o americano embirrasse comigo!

Os outros pensavam assim, pois com effeito quem ao principio a cubiçára, desde que o estrangeiro a armou e o arsenal consentio no modo por que isso se levou ao cabo, deo parabens á sua fortuna de ficar no esquecimento. Ha cousas cujo máo fim hé presentido!

Prompta a escuna, sahio para Inglaterra em outubro, com bellissimo tempo, claro e bonançoso, mas dando-lhe norte fresco, esteve quasi soçobrada. Á vista da terra metteo nos segundos rizes, e nem assim aguentava, puxando apenas com a véla grande, velacho e bujarrona, com as quaes chegou a Deos misericordia a Falmouth. O bom do nosso Tyldens, reconhecendo a loucura que fizera e a difficuldade de regressar ao Porto com aquella artilharia em cima, achou mais prudente mudar de embarcação ou de serviço, e foi levando para casa quanto havia de aproveitavel a bordo, despedindo-se sem ceremonia para não deixar saudades. Decorreram duas semanas sem apparecerem novas ou mandados.

—Onde iria este demonio? Dizia comsigo o immediato; não tenho instrucções, e faz-se tudo com tal arbitrio e desconchavo que, por mais disparatada que a cousa me pareça, póde ter hum fim razoavel; deixar correr, o que fôr soará.

Portanto, posto que admirado da tardança, não se inquietou, mas vendo ir na cola do commandante o mestre, o cirurgião e demais inglezes, dirigio-se ao agente da rainha. O caso

era grave, requeria exame, procedeo-se a elle, passaram-se semanas, e por fim o mesmo agente tomando sobre si a necessaria responsabilidade, encarregou do commando o nosso joven tenente, ordenando-lhe que sahisse com os despachos e mais objectos de que o incumbíra.

Representou-lhe este a inconveniencia daquella grande peça que affrontava a escuna, pedindo-lhe outra, ou pelo menos licença de a metter no porão; mas em logar de resposta satisfactoria, foi accusado de fraqueza, mostrando-se pusillanime diante dos inglezes, que tinham visto entrar a escuna com o rodizio quando commandada pelo americano, e agora iam vê-la sahir sem elle, que a commandava hum portuguez: nesse caso que desembarcasse. Braga, cujo animo brioso não consentia que se posessem duvidas á sua coragem, respondeo que:

—Para o fundo sim, desembarcar, não; ha de constar o que digo, e tanto me basta; hei de escreve-lo, e os meus camaradas me farão justiça!

Fatal cegueira de huns, fatal destino de outros, e fatal sorte da marinha de guerra portugueza, que tanta gente estranha a tem governado! Largou pois de Inglaterra a escuna *Graciosa* para o Porto, em novembro, debaixo de máos auspicios, e lá foi o nosso excellente e desditoso Braga, a Deos e á ventura, com o presentimento no coração, de que não tornaria a entrar a barra, como tantas vezes dissera, e deixou escripto nas suas despedidas, que os camaradas leram em lagrimas.

Era inverno escuro e lebrinoso no canal, e Braga sem outra pessoa a bordo que lhe ajudasse a vigiar hum quarto! Escolheo d'entre os marinheiros a Francisco Landim para mestre, o qual, posto que valente e bom homem, nunca passára o Cabo nem assistíra a fazer huma derrota; e para dispenseiro a Antonio Leite, nas mesmas ou peores circumstancias. Portanto, além do imminente risco, nascido do pessimo armamento da escuna, havia o outro quasi igual da falta de hum piloto, com quem revezasse; mas era destino, e pessoa alguma lhe escapa, seis victimas deviam ser sacrificadas á ignorancia! Botou fóra do canal com aragens e ventos ponteiros,

saltando-lhe depois ao sudoeste duro, puxando apenas pelos dois latinos nos segundos e bujarrona, sem fazer uso do velacho, porque a embarcação não podia com elle, afogando-se a cada passo. Achando-se no golfo de Biscaia ao sexto dia de viagem, rondou-lhe o vento para o noroeste, cascarrão, de aguaceiros de pedra, cruzou-se e cresceo a vaga, como por ali se encontra; a onda alagava o barco de poppa á prôa, com tal impeto que nada deixava no convés. Pregaram-se e calafetaram-se as portas do carramichel e os quarteis da escotilha grande, ficando apenas safo o escotilhão de prôa; passaram-se cabos de vai vem por causa da violencia do mar, que ia lambendo quanto não estava bem atracado, e arriou-se e ferrou-se a véla grande, por ser o vento da róda. A maior parte dos marinheiros jazia no rancho, conservando-se poucos em cima á descripção, porque nem relogio nem ampulheta governavam ou se sabia delles, com o balanço e agua que entrava por toda a parte, sendo mister tocar-se redondamente á bomba. Ràros destes acompanhavam o commandante, apesar do mestre repetidas vezes ter chamado por elles, fugindo os outros menos animosos de encarar o medonho aspecto das ondas encapelladas que, mugindo com pavoroso som, cavalgavam pela alheta, e desdobrando por cima da fragil borda deixavam por minutos o navio coberto d'agua!

Não se havia Braga deitado, nem sequer descido á camara desde a sahida do canal; tambem nada tinha comido quente, pois não se podéra cozinhar, já por causa dos balanços e da vaga, já porque huma viéra e desatracára o fogão, lançando-o pela borda fóra. Quatro bolachas ensopadas em vinho com assucar tinham sido o seu alimento; amarrado á tabica, molhado dos pés á cabeça, tiritando de frio e morto de cansaço não desamparava o seu perigoso posto, advertindo o timoneiro de pôr a bombordo ou estibordo o leme, a fim de guinar convenientemente para fugir á vaga. Ora dizendo:

—Põe cá a barlavento... Arriba... Põe a caminho... Andar assim... «logo e depressa». Contro, contro... Contro todo, aguenta a guinada... Allivia... Olha o mar... Põe a meio!

E eis a onda assenhoreando-se da escuna, da qual se viam só os mastros, a inundava de espuma salitrosa, impellindo-a sem governo; em consequencia do pouco panno e este latino, o naviosinho enchovalhado fugia pouco a ella, sendo indispensavel huma véla redonda á prôa, para lhe dar maior seguimento, e por isso Braga vendo-o quasi engulido, mandou a todo o custo largar o velacho.

—Sobe a cima, larga o velacho, Landim, chama a gente.

Ninguem respondeo, ninguem subio, nem elle os pôde constranger a obedecer-lhe, porque se achava amarrado.

—Mestre, não tem hum páo? Vá lá abaixo e traga-os adiante de si á bordoada! Cuidado, tu, olha para a poppa, recebe o mar pela alheta.

Desceo o mestre, mas ninguem subio; o dispenseiro tambem foi á bôca do escotilhão, gritou, e o silencio foi o mesmo. O terror tinha-se apoderado delles, e quando chega a certo ponto, os marinheiros escondem-se e morrem, não álam hum cabo, não fazem nada; acutilados que sejam, soffrem os golpes da espada sem se lhes ouvir hum ai! Na verdade, só quem alguma vez presenciou estes terriveis effeitos do medo causados pela horrivel aproximação de serras d'agua correndo encapelladas e desdobrando-se sobre hum navio, póde fazer idéa do caso; não ha peito, por mais heroico, alma, por mais forte, coração, por mais destemido que tenha mão na carne e obste a que os dentes deixem de ranger á vista daquella morte continua! Ha intervallos!.. Quando a marinhagem recusa obedecer ou fica estatica!.. Ó Deos!.. D'ali a morrer não vai muito!! Braga tornou a gritar por Landim, Landim, ajudado do dispenseiro, disse quanto quanto lhe pareceo; nada! Leite, grita:

—Canalha, anda a cima, canalha, querem morrer ahi todos?!

Nada!

—Morram, diabos, morram, mas ao menos cácem o velacho que eu o vou largar.

Braga, desesperando-se das infructuosas instancias do mes-

tre e dispenseiro, chamando tambem aos dois que machinalmente tocavam á bomba, deixou de advertir o homem do leme para dar a necessaria guinada; a onda vem, desatraca duas caronadas, pega nellas, arromba a borda a estibordo e atira-as ao mar. Com o seu forte rugido sobre o convés e a muita agua que entrou pelo escotilhão, cuidaram os marinheiros que o barco se submergia, e excitados por este novo susto, correram a buscar alguma taboa de salvação.

—Canalha, diz-lhe Braga, surdiram por causa do medo?! Já lá vai, larga o velacho, antes que venha outra peor, não se vão encafuar: vocês não me vêem aqui?!

Advertidos assim pelo commandante, mais novo, mais delicado e menos experiente, envergonhados pelo mestre e dispenseiro, reconhecendo que realmente o perigo, era tanto maior, quanto menos a escuna seguisse, lá foram tres com este ultimo largar o velacho.

Ainda não estava bem caçado, huma serra immensa d'agua esmaga o escaler de encontro ao painel da poppa, e péga dos pedaços de taboas, cavernas e alcatrate leva-os por todo o navio, ferindo e arrojando ao mar quem topou diante. Alguns destes vão onde estava o infeliz Braga que, aturdido pelo choque e roto, dilacerado pelos pregos, no meio daquelle diluvio e rascada consegue tirar-se do balso; o leme tambem á matroca, porque posto o marinheiro do governo não largasse os gualdropas, andando alguns minutos debaixo d'agua, deixou de fazer o seu effeito, atravessando a escuna ao mar, vem outra onda e péga do desditoso mancebo e outros cinco, dos que estavam caçando o velacho, e arroja-os fóra do navio, que adormeceo por algum tempo! Todos gritaram:

—Lá vai o commandante e a guarnição!! Jesus!..

Braga e dois marinheiros sabiam nadar, gritou-lhes:

—Tenham animo. Atravessa, arria as escotas do velacho.

E dirigio-se á escuna muito bem, chegou a botar a mão a hum dos fuzis da mesa grande, tornando a dizer:

—Atravessa, salva aquelles homens!

Coitadinho, elle já se considerava salvo; mas o velacho ia

cheio. a escuna muito seguida na arribada, porque o homem do leme maquinalmente o posera a meio; não houve ninguem que tivesse o accordo de lhe deitar hum cabo, de dar huma orçada, o balanço immenso; elle cahio! Chegou outra vez á escuna e agarrou o colhedor do brandal, quando esta se adrissou; então por effeito da dor e do seu proprio peso, ou exhausto de forças pela fadiga de tantos dias exposto ao frio, á chuva e falto de alimentos, cahio no mar e foi visto pela alheta juntar as mãos, ergue-las ao céo e sumir-se para sempre!!!

Quarenta e oito horas depois huma pequena escuna entrava a barra do Porto sem auxilio da catraia ou piloto, por hum modo milagroso, acossada pelo tempo, que era tremendo. As baterias do sul todas fazendo-lhe fogo immenso, e ella respondendo a huma e a outra com a sua grande peça de rodizio, até que finalmente foi surgir na poppa do *Liberal*, abaixo de Massarellos. Hé a *Graciosa*, hé a *Graciosa!* Correm todos a bordo a buscar novas do Braguinha, o presentimento realisou-se, não o viram mais voltar! No dia 17 de dezembro outros cinco marinheiros della ficaram mortos no convento de Santo Antonio de Valle da Piedade, chegando moribundo ao escaler o aspirante Bressane Leite, que com elles havia saltado em terra, e expirado antes delle atracar á escuna! Landim foi feito effectivamente mestre, e Leite dispenseiro, pela ordem da armada n.º 10, do dia 23 de dezembro, que diz assim:

«Mestre da escuna *Graciosa* o marinheiro Francisco Landim, pelo zêlo e boa conducta que mostrou a bordo daquella escuna, quando por morte do seu commandante no mar, e na falta de outro algum official a trouxe a este porto e nelle entrou, apesar do fogo das baterias inimigas. Pelos mesmos motivos promovido a dispenseiro da escuna *Graciosa* o marinheiro Antonio Leite da Cunha.»

Foi portanto este navio fatal a doze fieis subditos da rainha, comprehendendo-se o nosso chorado, instruido e docil tenente Braga, assim como o modesto e tambem estudioso guarda marinha Bressane Leite; devido isto, talvez, não só a confiar-se

o seu armamento e commando a hum paizano aventureiro que nada sabia da arte da guerra, se não á impertinente ignorancia com que o agente diplomatico insistio na conservação daquella artilharia montada, n'huma embarcação que não podia com ella. Se a escuna regressasse a tempo e podesse navegar sem risco, incorporar-se-hia á esquadra, e servindo-lhe de mexeriqueira ou repetidora de signaes, acreditâmos que a sorte destas victimas seria menos funesta!

FOLHETIM MARITIMO

AS PRAGAS

XII

No dia 12 de janeiro de 1782 tomou conta da náo *Conceição Azia Feliz,* destinada para a India, o capitão tenente Matheus Pereira de Campos, indo substituir outro official que fôra transferido para o navio *Principe,* inferior á náo. Quando elle entrou na tolda por bombordo, o ex-commandante desceo pelos cunhos de estibordo sem lhe fazer a menor civilidade, e embarcando n'hum bote de fanico, dirigio-se á sua nova praça. Matheus foi recebido pelo mestre com certa estranheza, disfarçou, disse poucas palavras e sahio.

—Que terá o mestre?! E o sr. Manoel do Nascimento, que nem me quiz ver! Como passa para navio peor, vai desgostoso, mas sempre mostrou alma bem pequenina!

E até á noite, que entrou em casa, não se lhe tirou da idéa o modo por que o seu velho amigo e mestre, João Pires Ferrolho, o recebêra.

—Que terá o mestre!?

Hé preciso advertir, para avaliar a importancia que Matheus dava a tudo que dizia respeito a este homem, que tinha sido aquelle com o qual embarcára a primeira vez de mancebo ou grumete, passando na sua companhia a marinheiro, guardião, contramestre e mestre da náo *Affonso,* achando-se finalmente feito capitão tenente e commandante do seu protector e sempre amigo, o respeitavel João Pires Ferrolho; pessoa de tanta veneração a bordo que, até a sua cabelleira era acatada, não

havendo ninguem que deixasse de levar a mão ao barrete quando por ella passava, e o paioleiro encapellando-a na escoteira do velacho lhe apertava o chicote com as suas sete varas de fita. O mestre João Pires Ferrolho era mais que a rainha, mais que o commandante, mais que o sacerdote; era hum oraculo, o indiatico mais velho desse tempo, *que tinha deitado muitos officiaes de marinha,* e que avezava bom saquitel de patacas, afóra a condecinha de loiras. Este homem pois, tinha sido e continuava a ser o amigo intimo de Matheus, recebido e tratado em sua casa como a primeira pessoa da familia, pois o honesto capitão tenente, que morreo acreditado general, nunca renegou a sua origem, repetindo varias vezes o dito resultante da sua celebridade pelo salvamento da não *Affonso: Abaixo de Deos, mestre Matheus.* Veio a noite, e entrou o sr. João Pires Ferrolho taciturno.

—Que tem, a modo que passou mal? Em vez de se alegrar com as minhas fortunas, vem triste e carrancudo, diz-lhe Matheus: não gostou de me ver a bordo? Vossa mercê ha de sempre ser o mesmo para mim.

—Bem sei.

—Então porque me mostrou má cara, e entra agora enfadado?

—Mostrei má cara pelo que ouvi.

—Pois que ouvio?! Não me lembra ter dito cousa que o podesse molestar.

—Não hé isso.

—Mas então o que hé, explique-se, e não esteja a magoar a gente.

—Não reparou no modo por que o recebeo Manoel do Nascimento, que nem ao menos lhe pôs a vista em cima?

—Reparei, mas que faz isso ao caso?

—Faz muito, porque atraz do modo vieram as pragas, e de tal qualidade que se me arripiaram os cabellos.

—As pragas não cahem á vontade de quem as roga.

—Não cahem? Mão hé ellas rogarem-se; hé o demonio que as diz por a bôca dos que lhe fazem serviços.

—Mas que pragas foram, que ainda as traz na idéa?

—Foram pragas que pareciam proferidas no inferno; o homem não mexia os beiços, e a voz surdia-lhe da barriga, ou não sei donde; quanto mais penso, mais espantado fico, porque similhante cousa não me pareceo natural!

—Hé que vossa mercê embirrou com elle, e alguem de bordo, conhecendo-lhe essa zanga, disse-lhe, por desenfado, isso que vossa mercê lhe attribue, e elle não proferio, visto que não abrio a bôca, nem mexeo com os beiços.

—Mas se as palavras sahiram do corpo d'elle, que lh'as ouvi perfeitamente?

—Pois vamos que sim, diga-as lá.

—Digo-as com repugnancia, a primeira foi quando elle descobrio o escaler que aproava á náo: «Tantos diabos se apoderem do navio, que ninguem descance dentro»; a segunda quando se esteve envergando a flamula que vossa mercê mandou: «Tantos raios te cáhiam nos mastros, que nenhum te fique inteiro»; e a ultima quando o escaler atracou: «Assim a tua geração morra afogada e seja demittida com infamia!..»

Pausa.

—Nunca vossa mercê subisse o portaló daquelle navio para o commandar, estando lá outro...

Matheus cobrio-se de suores, porque tencionava levar os filhos, e tomou como prognostico da sua morte aquelle dito fatal. A familia entrou em prantos, e elle, posto que pouco apprehensivo, não podia disfarçar o terror que as pragas lhe inspiraram, referidas tão solemnemente pelo preoccupado João Pires Ferrolho, que continuou pensativo. Decorreram alguns minutos de silencio, até que Matheus, revestindo-se de animo, disse:

—Melhor o ha de fazer Deos, o diabo nem sempre está atraz da porta, e para lhe dar já huma figa, prometto o traquete da náo a Nossa Senhora da Penha de França, quando chegar a Lisboa; deixemo-nos disto, e fique o homem com as suas invejas; eu não pedi, nem concorri para a sua mu-

dança, não espero que disto me venha mal, pois graças a Deos nunca fui intrigante, nem alcancei valimento por enzenices.

—Com bem o diga, e eu afianço a verdade, esperando que, com a ajuda de Maria Santissima, a cousa não mude; mas aquellas pragas, e o rifão de que «nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé delle morou» fizeram-me amargores de bôca, e tiraram-me a vontade de comer...

Passou hum bocado, menos do costume, e recolheram-se pouco satisfeitos.

Na seguinte manhã, ao romper d'alva, atracou o mestre á náo, e ao entrar na tolda achou o guardião João Antonio e duas duzias de marinheiros, que eram quantos tinham ficado a bordo, como espantados.

—Que hé, houve por cá novidade?

—Novidade?! Respondeo o guardião, esta noite ninguem foi senhor de passar do portaló para avante.

—Porque?

—Porque está o diabo á prôa.

—Qual diabo?

O diabo, sei lá: tinha ceado a gente que acabou tarde de mexer no lastro, como vossa mercê vio, que largou para terra depois de trindades, e eu mandei cozinhar huma posta de bacalháo, quando parte de lá o preto: «Sior, sior, tem diabo no fogão, que apaga lume e faz tanta buia que mette medo». Qual diabo, nem qual bulha, isso és tu que bebestes tua gota de cachaça, e não atinas com o que fazes. «Sior não, vem vê, tem lá cousa.» Não tem nada senão a cachaça a ferver-te nos miolos, e fui com elle e dois ou tres mancebos; porém ao chegarmos ali perto da amura grande sentimos a modo de recorrer a amarra na abita, descobrindo-se huns vultos esbranquiçados em torno do fogão á bordoada ás portas; turvou-se-me a vista, ficando como assombrado de raio, os outros retrocederam ás carreiras, e eu custou-me a chegar aqui, arrumando-me á amurada.

—Isso foi scisma, e quanto á bulha, não podia deixar de

proceder d'estoque d'agua, que pegou com força na náo e fez recorrer a amarra, que não estaria bem abitada. Dê graças a Deos por não garrar e fazer avaria; como são poucos a bordo, tomaram-se de medo á bulha do preto, e deram o facto por averiguado; hé preciso mais prudencia, e hoje para lhes tirar todos os receios heide admittir alto e baixo, até perfazer meia guarnição.

Aclarou o dia, recolheram as licenças, concorreo gente a assentar praça, desvaneceo-se o terror, começaram o trabalho, durando a faina do lastro e aguada no porão até ás trindades. O mestre não foi para terra; depois das nove badaladas do sino de bordo sentára-se, com as contas na mão, no ultimo degráo da escada do tombadilho, mandando, como indiatico que era, fazer chá (menos usual do que hoje) para a ceia, e pegou no somno. A marinhagem distribuida em dez ou doze ranchos, cobria a náo do mastro grande á róda de prôa, quando toda ella larga as bandejas e corre em tropel para ré, ouvindo-se como arriar a amarra, e gritando o cozinheiro.

—Diabo, diabo.

O mestre, acordando áquelle rumor e vendo todos de pé, desce apressado, encaminha-se para o castello, e diz:

—Péga do machado do fogão e pica as bóças do ferro da rossa; chega ali marinheiros, vossês estão pasmados, não ha hum diabo que se mexa?

—Pois que vamos lá fazer?

—O que eu digo, cambada.

—A náo está segura, e a amarra não tem nada.

—Não tem nada e recorre n'abita?!

—Qual recorre, aquillo hé outro jogo.

—Então o que hé?

—Hé cousa má...!

—Qual cousa má, nem meia cousa má, corja de mandriões.

Cahio em si, estremeceo, mas não querendo mostrar-se poltrão, sendo reputado o mais velho e insigne marinheiro da epocha, posto ser homem de boa vida e devoto, fez hum

esforço, encaminhou-se ás abitas, apalpou a amarra, torneou o fogão, voltou para ré e disse com apparente serenidade:

—Foi peso d'agua do monte, e o preto que toma seu verniz de cachaça, levanta a voz, abre as guellas, e vossês largam as bandejas e ficam sem ceia. Forte gente para os temporaes do Cabo! E querem que eu passe a noite a pão e laranja; pois não, e o cachorro do borracho, ha de assoprar o fogo até me aquecer a agua.

—Sior, borracho não tem, sior toma sentido, que dizo verdade; hum cousa sem ser gente apaga lume.

—Cada vez estás peor, e eu ponho-te em terra.

—Sior não, olha pramim que está direito.

—Já olhei, és bonito, anda lá que apanhas quatro rimpadas se não me trazes a agua a ferver; vossês acabem de comer, deixem o preto que lhe pesa a cabeça.

Foi-se pôr a passear perto do fogão, a gente rodeou as bandejas, ferveo a agua, fez-se o chá, foi para a ré o bule e o mestre; mas logo que elle se retirou, ninguem mais permaneceo no castello.

Em quanto a náo pintava, tinha o mestre por costume dormir no primeiro camarote de bombordo, debaixo do tombadilho, e para ali se recolhêra, sentando-se n'hum mocho de coiro, em quanto hum rapaz de quem era muito affeiçoado, *e que tencionava fazer gente*, lhe pôs a toalha, arranjando-se igualmente n'outro assento de lona, usando esta liberdade, por ser sobrinho do velho capellão da náo, companheiro de Matheus e commum amigo do mestre João Pires Ferrolho, que alcançára dos dois, o logar de escrivão deste ultimo para o rapazola.

—Então sr. João Pires Ferrolho, não ceia?

—Não tenho vontade, come tu; olha lá se as pragas cahem!

—Não sei, responde o rapaz, que teria os seus quatorze annos; eu não vi nada. Vossa mercê lá foi, e tambem lhe aconteceo o mesmo.

—Assim hé, mas ha duas noites que ninguem pára dentro do navio, que foi o que elle disse, e atraz desta sabe Deos se virão as outras.

—A Senhora da Conceição hade metter-se de permeio; tome chá, e converse ámanhã com meu tio padre; agora coma este quarto de pão, que a manteiga hé fresca.

E partio-lhe o quarto de pão, barrado por todas as bandas, dando-lhe a faca.

O mestre pegou de vagar no pão, olhando com certa complacencia para o seu novo protegido, agradando-lhe aquelle desembaraço e animo varonil, de que depois deo provas, e diz-lhe entre alegre e triste:

—Tu és muito rapaz, e pensas pouco, não olhas as consequencias, mas antes de chegares á minha idade, espero que as cousas graves te façam impressão; tenho perto de oitenta annos, e nunca vi, nem ouvi caso igual; faço esta viagem agora, por acompanhar o commandante, e por te abrir caminho, pois quanto a mim, graças a Deos, tenho de sobejo, sem precisar matar-me. Se tivesse previsto o que acontece, não havia de ser João Pires que affrontasse de novo os perigos da agua salgada; agora por credito destas barbas brancas, e de setenta e dois annos de serviço, e mais que tudo por amor daquelle de quem sempre fui amigo, vou correr os perigos que Deos me depara.

Poisou de novo a faca e o quarto de pão, seguindo-se tres ou quatro minutos de silencio; o rapazola não se atrevia a comer, nem a levantar os olhos, até que o velho mestre reparando nelle teve dó e diz-lhe:

—Anda lá, come tu, e deixa-me com as minhas tristezas, que talvez sejam effeito da velhice; come.

—Mas vossa mercê!

—Pois sim, comerei por te fazer a vontade, que o appetite não hé nenhum.

Comeram ambos o seu pão, cabendo hum quarto ao virtuoso velho, e os outros tres ao rapaz Silva, que os foi acompanhando de meia duzia de chavenas de chá carregadinhas de assucar. Acabada a comida, levantou-se João Pires.

—Dêmos graças.

Rezou e repetio:

—Por mim não receio, mas por ti e pelo sr. Matheus e aquelles filhos.

—Mas se vossa mercê não vio nada?

—Mas ouvi o arriar da amarra, os gestos do preto que não estava bebado, e presenciei o susto dos marinheiros, tudo conforme ás pragas que o homem soltou diante de mim.

—Pois veja o que diz meu tio padre.

—Não preciso, porque não costumo mudar, a tenção está feita, cá estou por isso mesmo que ha perigo, e alguma cousa malefica ameaça aquelle que se fez gente perto de mim, sem até hoje degenerar. Tambem por ti, a quem espero, querendo Deos, ver huma dragona antes da terra me cobrir.

Veio-lhe hum leve tremor ao beiço superior, e huma lagrima lhe humedeceo a face, que elle enxugou com as costas da mão.

—Assim como o sr. capitão tenente Matheus, o sr. capitão de mar e guerra Antonio José de Oliveira, o sr. José Joaquim e outros que embarcaram com vossa mercê, estão patentes grandes, tambem eu posso lá chegar.

—E hasde chegar se não fores mandrião, deres boas contas, e te não perverteres.

—Deixe estar que os seus conselhos e os de meu tio padre não me esquecem.

—Veremos, vai-te deitar, lá está o meu camarote á prôa, se não tens medo; e se tens, vai para a coberta que hé melhor, não te mettas a valentão sem necessidade, quando gente mais velha mostra tanto receio; e nisto de cousas sobrenaturaes deve haver cautela.

—Sim, senhor, deite-me a sua benção.

—Deos te abençôe.

O mestre fechou-se por dentro, e Silva ficou fóra da porta fazendo entes de razão.

O rapazola achou prudente a advertencia do velho, foi indo até á bôca da escotilha, arremetteo duas ou tres vezes a passar adiante, mas a não toda solitaria do portaló para a prôa, era realmente pavorosa; e muito mais divisando-se os taes

vultos ao pé do fogão, cuja porta deo huma forte pancada. Quiz desenganar-se, e ia a caminhar, repetindo-se o estrondo, occorreo-lhe que a taes horas se aquillo fosse gente, ninguem lhe acudiria, succedendo-lhe peor; por isso embicou para a coberta, onde a demais marinhagem praticava ácerca dos *invijoens,* e cousas más. Este Silva hé nosso conhecido, pois tivemos occasião de ver como elle dezenove annos depois desta viagem, se conduzio briosamente, sendo immediato da curveta *Andorinha,* no combate que ella sustentou com a fragata *Chiffone;* verificando-se a seu respeito as lisonjeiras esperanças do velho João Pires Ferrolho, que lhe deo as primeiras dragonas, com que o honrou a senhora D. Maria I, sendo tão propicia a sua estrella, que se achava capitão de mar e guerra aos quarenta e sete annos; e bem esperançado de igualar os outros protegidos José Joaquim Ribeiro, que chegou a chefe de divisão, intendente de marinha; Matheus, que foi chefe de esquadra; e Antonio José de Oliveira, que morreo vice-almirante, se tão prematuramente não acabasse a vida quasi na flor da idade. A elle devemos estas noções historicas, porque, sendo naturalmente curioso, e querendo obter noticias para se aperfeiçoar, escrevia quantas cousas lhe pareciam dignas de lembrança, copiando roteiros que possuimos de sua letra, livros de aparelho e tactica, e até noticias de casos raros, não havendo nada que deixasse de mencionar, declarando dia, logar e hora em que o facto acontecêra. Ás suas memorias e derrotas nos referimos, sendo isto que já relatámos, extrahido de muitas cadernetas dispersas ou desgraçadamente mutiladas, que pessoas menos entendidas inutilisaram, desconhecendo-lhe o verdadeiro valor.

Volveo a manhã, baldearam a náo, começou o trabalho, veio Matheus, o mestre contou-lhe o caso, elle fingio não acreditar, e retirou-se indifferentemente, respondendo que fallariam de tarde. Fez-se encontrado com o capellão, a quem referio os successos de bordo, que se julgavam effeito das pragas, e pedio-lhe conselho para socegar a guarnição, que principiava a mostrar-se inquieta. O padre respondeo-lhe que o caso era

grave, precisava meditado, e outros preparatorios, pelo que o acompanharia a bordo na seguinte manhã; no entretanto recommendasse ao mestre a maior vigilancia, não fosse aquillo estratagema de Manoel do Nascimento, que peitasse pessoas de bordo para haver aquella novidade, desgosta-lo, e até compromette-lo. Portanto que voltasse a fallar com João Pires, ponderando-lhe tudo bem, a fim de que elle e seu sobrinho Joaquim vigiassem, para depois se tomarem as providencias. Matheus arranjou o seu serviço acceleradamente, foi a bordo, relatou o dialogo do capellão, e procurou persuadir o mestre de que o caso todo era obra dos homens, e não do diabo; portanto que vigiasse elle e o rapaz Silva, não se deixando illudir miseravelmente como qualquer lorpa de primeira viagem.

Da sua parte o capellão foi aos Caetanos, confessou-se, recolheo-se á sua casa da rua das Madres, abrio o oratorio, encommendou-se a Deos, exorcismou a legião de diabos que infestavam a náo, e pôs-lhe por preceito que, se lá continuassem a persistir uivassem como lobos. Orou pela boa sorte do sobrinho e amigos, e não deixou de rezar até pela manhã.

Proseguio no entretanto o trabalho a bordo, concorrendo marinhagem bastante, concluiram o aparelho dos mastaréos e vergas de gavia, acabando a faina do porão ás trindades como de costume. O mestre recommendou ao rapaz Silva que não desamparasse o fogão, e elle foi sentar-se nas abitas, de conversa com Bernardino, contramestre, e o guardião João Antonio. Estavam os diversos ranchos espalhados desde o castello até á tolda, e os nossos dois vigias muito attentos, quando o mestre sente debaixo de si estremecerem as abitas como se a cócha da amarra fosse recorrendo por ellas; e o escrivão Silva vio e sentio mexerem e darem grandes pancadas as portas do fogão, por si mesmas, ouvindo-se além disto lobos a uivar. A marinhagem levantou-se espavorida e foge para ré.

—Venham cá, diz-lhe o mestre, onde vão, quem lhes fez mal? Olhem aquelle rapaz que não conta quinze annos e fi-

cou onde estava, o que foi lá vai, por mim cá estou, acabem de ceiar, e não sejam poltrões; ó Joaquim viste alguma cousa?

—Não, senhor, foi só esta bulha.

—Então de bulha ninguem faz caso, mal iamos nós se quando ronca a trovoada e cahe o aguaceiro, a marinhagem não acudisse a metter huma gavia dentro. Máo, máo, quem os vê lá no meio dessa Boa Vista a gingar de *lés-a-lés*, conta que hum vale por meia duzia, e eu que os conheço, não dava 30 réis pela maior parte dos que tenho a bordo; se fosse a julgar-lhe o prestimo pelo comprimento da faca, e largura do patilhão nas bochechas, todos eram Ferrabrazes; mas a sua valentia está na lingua.

Diz dali certo fragata, de argola na orelha, para inculcar que fôra á India, que tinha pedido para gageiro grande, á espera de passar a guardião na torna viagem, por nome José Rodrigues Pim:

—Hé que cá a gente não vê donde isto surde, mostre-me o que hé que faz bulha, que se fôr folego vivo não lhe viro as costas, nem ao mais pintado; mas disto que se ouve sem se ver, e que se chega a ver-se não se apalpa, cá disso hé que não quero saber. Hé vultos de fumo com olhos e bôcas, vendo-se-lhe por dentro as costellas, hé o fogão a bater, e a cócha da amarra abalando o navio sem se bolir, hé cães ou lobos, ou que diabo quizerem: nada, para isto não me convidem!

Outro pimpão alfamista, ouvindo a pratica do patrão da lancha, atirou sua rajada coçando atraz da orelha:

—Eu cá para isto de cousas do outro mundo nunca tive valentia, se fosse hum corpo como o meu, vá, inda mesmo hum defunto, de que nunca gostei; mas isto de huma alma que entra por hum buraco de huma chave, pela fenda da janella, sei lá, que apparece não se sabe donde, para isso só as varinhas dos padres Caetanos. Hé huma sucia de lobos a latir e não se ver nem meio; hé recorrer a amarra n'abita, e ficar no mesmo sitio; hé huns sujeitinhos de fumo que assopram a fornalha apagando-se o lume! Nada, para isto não vem cá o Alfama.

—Olhem que tolos, responde o mestre, por tudo isso que vossês dizem, hé que deviam ter animo, pois se o que hé, não faz mal, de que se queixam?

—Mal não, diz o preto, hé buia, buia, apaga lume; assim hum cousa esberranquiçado, que fazum vento ferrio, e fica gente aterremê álaia de norredeste.

—Tambem o cachorro préga sermão! acode o mestre, está bom, já o negro mette a sua colherada, hé o que vossês querem ouvir; marinheiros de saco e botija, poltrões, e cantando lérias, ouvem destas; acabem de comer e deixem o negro, que já lhe falla a pinga. Sahe-te e trata de me aquecer a agua, olha que te metto a caminho com quatro rimpadas.

—Sior, lume não tem, diabo soproce, já apagar todo.

—Acende outra vez, que eu aqui fico, tudo isso já lá vai, anda com a mão e nada de razões.

Tornaram a chegar-se para as bandejas, receiosos e inquietos, o preto acendeo a lenha, aqueceo-se a agua para o chá, botou-se no bule, que levaram para a ré, foi-se o mestre seguido de Silva; acontecendo como na noite antecedente aos marinheiros que, fanatisados por estas visões medonhas, se recolheram á coberta pouco dispostos a continuar na náo, que tinha feitiços.

Posta a toalha, bule e mais accessorios, sentou-se o mestre no seu mocho de couro, tirou a veneranda cabelleira, correo a mão duas ou tres vezes pela testa e cabeça, sem se resolver a cobrir a calva, como excessivamente preoccupado, até que Silva lhe diz:

—Olhe que está griso, e póde fazer-lhe mal ter a cabeça descoberta, tome lá o barrete, e se elle lhe faz calor, ponha a coifa.

—O calor hé por dentro, e nasce de não saber no que isto hade vir a parar: a cousa vai sendo tão nova, que hé impossivel ficar restricta á náo; ámanhã toda Lisboa ha de saber o caso, e divulgado que seja, nem mais hum marinheiro procura o navio.

—E eu digo que nunca ella deixará de sahir por falta de

gente, pois já ouvi dizer mesmo a vossa mercê que, ainda que o capitão seja o diabo e o navio vá para o inferno, sempre hade ter companha.

—Esse rifão hé antigo, mas não lhe dou credito, depois do que disseram os dois, Alfama e Pim; quando aquelles amainaram a grimpa, os outros não se conservam a bordo. Olha lá se cahio a praga, o diabo fallava-lhe na barriga!

—Por ora parece que sim; mas não haverá modo de remediar o mal! O diabo poderá mais que Deos.

—O diabo póde em quanto Deos o consente.

—Se Deos o consente e póde tudo, hé rogar-lhe que prôva de remedio; e vá comendo no entretanto, que o chá esfria de todo.

O mestre envergou a coifa de linho, bebeo as suas tres chavenas de chá acompanhadas do competente quarto de pão; e o nosso Joaquim José da Silva deo conta do resto do que ficára no bule, adubado como na outra noite, com bastantes pedras de assucar cande, de que o velho João Pires usava, á moda da India, fazendo cada hum seus raciocinios e recolhendo-se á espera da seguinte manhã, pouco gostosos e receiando a deserção da marinhagem.

Rompeo o dia, fez-se a baldeação, almoçou a gente, largou a lancha e logo após o escaler do commandante; repartio-se a melhor para as gavias, encapellaram a enxarcia, e os mais pangaios botaram os mastaréos á cunha, de modo que, pela volta das dez horas, que veio o commandante n'hum bote e o capellão, parecia reinar a bordo, e reinava na verdade, o melhor regimen, boa distribuição de trabalho, e o mais activo andamento, ao mesmo passo que em terra fôra o contrario, não apparecendo ninguem na lancha e no escaler, porque as guarnições haviam desertado. O commandante e o capellão, entraram para a camara seguidos do mestre e do rapaz Silva, aos quaes inquiriram miudamente, referindo estes que as cousas do costume foram acompanhadas de uivos de lobos. Declarou então o padre, que já lhe não ficava duvida, e era preciso benzer a náo, porque tinha dentro huma legião de

demonios, a quem elle posera por preceito que uivassem de mistura com os mais maleficios.

—Bem, responde o mestre, como haja remedio, hé acudir-lhe a tempo.

—Pois não ha remedio? torna o capellão, hé dos mais efficazes que tem a igreja, e ámanhã hade a náo ficar purgada de espiritos malignos; hoje acabe o trabalho antes de noite para não se exporem, que passada ella não haverá que temer.

Demorou-se, e o commandante, affectando tranquillidade, correndo ambos a náo por varias vezes, até depois do meio dia que se deo o jantar, e elles largaram, recommendando ao mestre que não désse licenças para evitar as deserções e fallacia em terra, que a esta hora deveria ser bastante.

A cousa má de bordo tinha creado corpo e feito echo assoalhada por os vinte marinheiros da lancha e escaler, que pintaram o caso escuro e feio, a pontos de que já era notorio quando Matheus o participou. Cuidaram de lhe dar remedio proporcionado, e por isso na seguinte manhã foram todos os capellães da companhia, directores e commandantes a bordo para se benzer solemnemente a náo, preenchendo-se nesse dia a sua tripolação com as guarnições dos outros navios; e sendo despedido o official praguegento, o qual, como indiatico de fama que era, se accommodou na *Santa Maria Maior*, que ia nessa monção de cabos a dentro.

Em virtude dos exorcismos, ou fosse por o que fosse, a cousa má sumio-se, a náo aparelhou-se, carregou-se sem accidente notavel, achando-se prompta e de verga d'alto a 8 de março. Veio Pedro de Saldanha, capitão general de Moçambique, seu ajudante de ordens José Narcizo, muita officialidade e trezentos degradados para aquella provincia e para Gôa. Suspenderam e foram escorregando em gavias e joanetes com bonancinha de éste e sueste por esse rio até defronte da torre de Belem, salvando-lhe com sete tiros, que foram correspondidos com tres, e á Senhora da Boa Viagem com onze; mas acontecendo-lhe o máo agoiro de lhe saltar o vento á prôa fresco, fundearam na enseada de S. José. Perto das

cinco horas chamou-se o vento ao noroeste, suspenderam de novo, e botaram fóra da barra, salvando tambem com outros sete tiros á torre de S. Julião, que lhe respondeo com os tres do estilo. Por quatro dias successivos lhe assopraram ventos ponteiros, cahindo-lhe no quinto sudoeste durissimo, que mal se podia aguentar de kapa; no sexto rondou para oés-noroeste e noroeste, donde calou, aventando-lhe as escotas a ponto de correrem em velacho sobre a péga até perto de Porto Santo e Madeira, que se avistaram ás dezoito horas do dia dezeseis de viagem. O tempo continuou pessimo, de salseiros, e mar grosso e banzeiro da prôa, que fazia caturrar a náo; horisontes escuros e fuzilando sempre, até que ao anoitecer de dezesete, huma forte trovoada de chuva e raios lhe lança hum no mastaréo de joanete de prôa; desce pelo mastaréo de velacho e mastro do traquete, corre por a braçola da escotilha grande, que deixa escalavrada, e sahe pelo portaló de estibordo, extinguindo-se no mar.

Por fortuna o pesadissimo aguaceiro de torrentes de chuva evitou que o fogo se ateasse; mas aterrando todos, porque se ouvio dizer o preto cozinheiro:

—Diabo, diabo apaga lume com outro lume.

E na verdade todas as fornalhas acesas se apagaram, dizendo então o mestre:

—A náo precisa outra vez benzida, porque as pragas cá vem.

—A primeira foi-se, pois os diabos não voltaram, responde Silva; talvez que seja preciso benze-la agora, não sei, mas contra raios nunca ouvi dizer que se fosse aos Caetanos; Santa Barbara, S. Jeronymo, S. Simão e o cirio do Santo Sepulchro, isso sim.

—Mas isto hé outra cousa.

—Então o que hé?

—Hé huma trovoada que já passou, vossa mercê tambem está scismatico!

—Passou a trovoada, diz o guardião, mas a causa della tenho eu sempre presente; olhe, sr. João Pires, desde aquella

vez que vi as figuras no fogão, senti huma cousa que lhe não sei explicar; quer de noite, quer de dia, sempre que olho para o mesmo logar turva-se-me a vista, e julgo ver a modo de sombras brancas que dançam ao redor, batendo as portas a compasso; e quanto mais longe estou, lá da grinalda, por exemplo, mais forte hé a visão.

—Hé debilidade, vossê atemorisou-se, entrou a pensar, e quanto mais pensa peor. Descance que a agua benta e a estola não vieram cá debalde.

—Mas vossa mercê quando vio cahir o raio no mastaréo disse que a náo precisava outra vez benzida.

—Não adverti naquillo de que o rapaz se lembrou, e hé verdade que nunca se chamaram os padres Caetanos para as trovoadas; o unico remedio que me ensinaram hé rezar a Magnifica.

—Tambem eu nunca sôbe outro, assim como não sei o modo de me alliviar desta especie de pesadello, e de ver o que vejo, olhando para o fogão.

—Vossê ficou doente de susto, precisava tratar de si, bem como descarregar a consciencia de alguma rapaziada; diga, antes de sahir, relatou esse negocio a algum padre?

—Podéra não, confessei-me, porque o caso era serio e eu sentia-me afflicto.

—E elle absolveo-o logo sem o mandar lá ir segunda vez?

—Absolveo, dando-me pequenas penitencias para afugentar o dêmo.

—Então como vossê as cumprisse não tenha receio, e para descançar de todo falle ao capellão.

—Falle eu com quem fallar e faça o que fizer, parece-me que não volto a Lisboa, vossa mercê verá, sr. João Pires; lembre-se que lh'o digo hoje, eu bem me sinto cá por dentro!

O mestre procurou distrahi-lo, pois o achou realmente mortificado, mas elle estava quasi nas mesmas circumstancias, posto não ter visto, nem ver as cousas más que assombraram o guardião. Para se fortalecer fez novas promessas, e convidou o preoccupado João Antonio, a irem juntos ouvir duas

missas á Senhora da Candelaria do Rio, em dois domingos successivos, offerecendo-lhe duas banquetas de vélas de arratel.

—Descarregue a consciencia e não esteja nunca ocioso, beba-lhe sua pinga e converse menos com esse artilheiro Delgado, que hé hum fallador; não ata, nem desata, e vossê faz-lhe bulha aquelle latim, se hé latim. Padres das Necessidades daqui, do Oratorio d'acolá, e eis a razão por que anda confuso; olhe que a doença dá em tonteira, deixe o soldado que estuda em contar carapetões, e faça como eu.

Foi seguindo a derrota, sempre incommoda por causa do tempo, já chuvoso, já claro e de calmarias, dando-se vista da Palma ás quatro horas da manhã do dia 18, e ás seis do 19, da ilha do Ferro. Só a 21 se pôde botar á cunha o novo mastaréo de joanete, continuando a inconstancia do tempo e as trovoadas, que cercavam todo o horisonte, havendo a respeito dellas seus commentarios, e das pragas e das linguas praguegentas. Na tarde do 1.º de abril, em que se contavam vinte e quatro de viagem, foram atacados, não se sabe de que, perto do fogão, o cozinheiro de ré, Manoel dos Santos, e o soldado Marcellino da Silva, que cahiram sem falla. Acudiram-lhe com quantos soccorros houve, mas debalde, expirando, apesar delles, na seguinte manhã. O physico-mór de Moçambique quiz abri-los para verificar a molestia, e chegou a dar hum golpe no cadaver do cozinheiro, mas entrando a marinhagem a murmurar, o commandante não consentio na autopsia. Ninguem pôde dizer o que deo causa áquellas mortes repentinas, ficando além de duvidosos todos aterrados, por verem os cadaveres ambos negros como fulminados de raio. O commandante, para tirar aquelle espectaculo diante dos olhos, mandou fazer as ceremonias do estilo e lança-los no mar. O tempo sempre escuro e de trovoadas com fortissimos aguaceiros, redundando em calma podre a pontos da náo desgovernar. No dia 6, achando-se por dois gráos de latitude norte, e trezentos cincoenta e nove de longitude do Ferro, lhe cahio, debaixo de outra medonha trovoada, ás duas horas da noite, segundo raio, que lhe partio

não só o mastaréo do joanete de prôa, se não tambem o do velacho, descendo ao castello, levando huma das portas do fogão, correndo pela amurada e sahindo como o primeiro pelo portaló de estibordo. Por fortuna, a immensa chuva que desabou, extinguio a chamma, mas a rascada crescia, porque o escuro era grande e a saraiva contínua. A confusão e risco augmentaram, pelos alaridos dos trezentos degredados que pareciam querer sublevar-se, aproveitando-se da desordem causada pela tormenta; mas em verdade não pedindo, nem querendo mais que ar, achando-se suffocados na prisão, e cheios de susto pelo retumbar dos trovões e gritos de fogo (apaga fogo), esmagando-se huns e outros de encontro ao escotilhão por onde tentavam sahir. A este rumor dá rebate a sentinella, gritando ás armas.

—Péga em armas, olha os presos.

A marinhagem estava á prôa, acudindo ao fogo e safando a rascada; o commandante e officiaes, na tolda attendendo á mareação com a tropa e passageiros, o motim cresceo, era hum inferno; o destacamento armou-se, volta apressado, carrega as armas e vai a desfecha-las contra os infelizes por entre as grades de vante; muitos innocentes iam ser sacrificados a hum momento de terror panico, se o immediato e o nosso Silva não correm ao convés, fallam aos amotinados e conseguem fazer-se ouvir.

—Não hé nada, não hé nada, tem mão nas armas, leva rumor, não ha perigo; que hé isto cá em baixo?

—Morremos abafados, sr. tenente, pelo amor de Deos, ar; carreguem-nos de ferros, porém não nos deixem morrer aqui.

—Accommodem-se que já vai.

José Joaquim subio, disse o que era ao commandante, a tropa foi mandada postar debaixo do tombadilho por causa da chuva não inutilisar as armas, e deixaram-se subir cem presos, revesando-se de quarto a quarto para correr o beneficio por todos.

Passada esta noite terrivel, que levou com boa vigia, cuidaram de botar á cunha outro mastaréo de velacho, que, como

todos sabem, hé faina trabalhosa; mas tal era a vontade de sahir daquella região das trovoadas, começando-se desde o romper da manhã a sentir o geral do sueste, que antes da noite já levavam o velacho e traquete. No dia 13 outra morte sympathica aterrou novamente os espiritos, foi a do physico-mór que, desde o instante em que ferira o cadaver do cozinheiro, tal tristeza se apoderára delle, que nunca mais comeo, entrando a finar-se, a empallidecer, e finalmente expirando sem sacramentos, o que fez grande impressão na marinhagem. A 16, estando a deitar-se á cunha o mastaréo do joanete de prôa, cahio dos vaos ao mar o gageiro, aquelle José Rodrigues Pim, gingante que desertára da lancha, e fôra depois admittido para a gavia de prôa. Cahio sem tocar em verga ou cabo, sabendo nadar, e desappareceo! Correram todos á borda, arriou-se logo o escaler, lançaram-lhe capoeiras, tudo sem fructo, porque ninguem mais o vio

—Forte fatalidade, melhor fizera se não voltasse a bordo! Explique lá isto, dizia o guardião ao mestre, olhe lá se o coração lhe adivinhava a morte.

—Qual adivinhava, acode Silva, morreo sem o sentir.

—E que tal estaria a sua alma? Perguntou o artilheiro Delgado.

—Vossê como estava para padre anda sempre com almas e cousas mysticas, deixe esses negocios para a igreja, e trate de objectos visiveis.

—Deixem-se de argumentos, diz o mestre, cada qual cuide da sua obrigação.

Apartaram-se, mas os circumstantes pareceram embaraçados; este successo junto aos antecedentes, maguou deveras a guarnição, que repetia a cada passo as pragas rogadas defronte de Alcantara, não atinando Matheus com o que fizesse para socegar os fanaticos. Elle mesmo por mais que procurasse dar huma explicação natural aos factos, achava-lhe o quer que era de extraordinario; encontrando porém força bastante no seu coração, e paz na sua consciencia para resistir ao que Deos lhe destinasse. A 21 morreo o soldado de trans-

porte José Rodrigues Zargo, pelo que achando-se então na altura do Cabo de Santo Agostinho, mandou cantar huma missa a Nossa Senhora da Nazareth do mesmo Cabo, salvando com sete tiros ao levantar a Deos. Apesar desta obra pia, e de varias promessas, foram continuando os casos desagradaveis, fallecendo a 26 o soldado Agostinho José, a 27 o grumete Felix José Antonio, e a 4 de maio o cadete, voluntario para Gôa, Mauricio da Nobrega Campos Henriques. Nessa noite sondaram, achando fundo com setenta e cinco braças, e logo que aclarou descobriram terra, que demorava a oeste d'agulha, para onde puxaram, reconhecendo ás onze horas ser Cabo Frio. O tempo tornou-se claro, comprido o horisonte, pequena a vaga; fizeram força de véla, e poseram a prôa á barra, levando o Pão de Assucar aberto por estibordo, distante da terra obra de 3 milhas. Ás dez horas salvaram a Nossa Senhora da Nazareth com cinco tiros, morrendo-lhe nessa occasião hum soldado de transporte para Moçambique. Finalmente á mesma hora que sahiram de Lisboa, e em que completavam cincoenta e oito dias de viagem, emparelharam com a fortaleza de Santa Cruz, indo surgir já de noite em dezesete braças, entre huma esquadra ingleza de cinco náos, duas fragatas e vinte transportes, que conduziam seis mil homens para a India.

Á vista da terra esquecem os perigos do mar; rixas, desafios, promessas, odios e amisades tambem lá ficam do portaló para dentro, sendo vida inteiramente nova aquella que parece apoderar-se do nosso corpo e alma, ao firmarmos o pé no cáes ou na areia. Por isso a maior parte da gente de bordo da náo *Conceição*, distrahida pela novidade das bellissimas vistas que apresentava o grande porto do Rio de Janeiro, a presença daquella esquadra, a opulencia da cidade, os divertimentos e agasalho que todo o europeo ali encontrava, a espectativa do ganho em suas especulações, o trafego diario, esqueceo as cousas más, ou não pensou muito nellas, excepto o mestre João Pires Ferrolho e o guardião João Antonio, que offereceram as duas banquetas de vélas de arratel á Senhora da Can-

delaria, ouvindo-lhe a missa do dia em dois domingos successivos; bem como Matheus, que fez outro tanto, acrescentando á esmola da cera, huma moeda de oiro em cruz.

Cumpridos varios compromissos, refeitos de mantimentos e aguada, recebido antenas e mastaréos, achou-se prompta a náo a 29 de maio, em cuja madrugada atracou a galeota do vice-rei, que o conduzia, vindo acompanhar ao bota fóra Pedro de Saldanha, que elle hospedára no palacio. Salvaram todas as fortalezas, fez-se a náo de véla, bem como a esquadra ingleza, dirigindo-se para a barra; mas sobreveio-lhe tão forte trovoada que todos os navios voltaram ao ancoradouro, tendo de retirar-se os generaes debaixo de immensa chuva, que durou toda a noite e dias seguintes, até 4 de junho. Esse dia amanheceo claro, veio o vice-rei com o seu hospede, salvaram de novo as fortalezas, e salvou a náo com vinte e hum tiros, que foram correspondidos pela fortaleza de Santa Cruz, á sua despedida. A esquadra suspendeo tambem, fundeando depois ao pé da Rasa, á espera do comboi, e a náo botou fóra, amarando-se soberbamente, porque era de muito bom pé. Vinha hum navio portuguez demandando a barra, e o commandante procurou fallar-lhe para ver se era de Lisboa, e lhe trazia alguma carta ou noticias; chegaram á falla e souberam ser a *Santa Maria Maior*, aquelle navio da praça, do commando do official praguegento, e que sahíra oito dias antes da náo, isto hé, gastára mais do que ella trinta e oito dias! Despediram-se, dizendo o mestre:

—Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé delle morou.

—Assim será, responde-lhe Silva, que se ia desenvolvendo, e ganhando sympathias de grandes e pequenos; o que vejo hé que, não obstante as pragas, gastámos cincoenta e oito dias, e elle noventa e seis, logo já medrámos; pragas são vozes impotentes que mostram máos desejos, sem que dellas resulte nenhum mal.

—Rapaz, olha que vais fallando em demasia, mas parece-me bem; onde aprendes tanta cousa?

—Com quem sabe mais do que eu, e tomando sentido no

que me ensinam; vou lendo os livros do sr. José Joaquim Ribeiro, e converso com elle sempre que posso, principalmente nas vigias de noite, quando ha logar. Tambem me aproveito das lições d'hum passageiro que sabe muito, ao qual o sr. tenente me entregou, recommendando-me que o escutasse com attenção, porque hé, além de mathematico, naturalista, poeta, e outras cousas. Não durmo, quer ver, tenho copiado as instrucções que o sr. tenente traduzio [1].

Com effeito foi-lhe buscar vinte cadernos de papel escripto, contendo as instrucções de Dáprés, que o applicado tenente e immediato da náo vertêra em portuguez.

—Está bem, gosto de ver que não perdes tempo, hé cousa que aproveitado nos dá a verdadeira riqueza; assim não duvido que alcances tudo que intentares, porque a diligencia hé mãi da boa ventura. Outro tanto não faz o sr. praticante Carlos May [2], que pensa apenas em fallar inglez.

—Tudo isso he muito bom, e eu tambem julgo que o sr. Joaquim hade ter póstos na marinha, diz o guardião; para todos a viagem parece de interesse, menos para mim, que tomo por agouro este encontro da *Santa Maria*.

—A *Santa Maria* não póde ser má para ninguem, responde-lhe Silva.

—A *Santa Maria* não, mas o homem das pragas sim, continua aquelle.

—Vossa mercê, sr. João Pires, não reparou que os dois raios ambos sahiram por o mesmo portaló por onde elle se foi?

—Não reparei, lembra-me agora porque vossê o diz; mas que significa sahir o raio por bombordo ou estibordo? Que tem isso com as pragas?

—Quer dizer que o raio hé o mesmo que elle, e elle igual ao raio; que assim como elle escalavrou a amurada de estibordo e a braçola da escotilha, hade escalavrar alguem da prôa e do porão. Vossa mercê já vio nesta viagem morrer

[1] Conservâmos estes manuscriptos, em hum livro encadernado.

[2] Morreo chefe de esquadra.

pessoa que se botasse ao mar por bombordo? Quero dizer, official, não fallando no physico, que mexeo no defunto? Não, pois hé nisto que tenho pensado, e hoje mais acredito que as pragas tendem para a prôa, e não para a poppa. Tenho tanta certeza que a vista do navio nos hade fazer mal, que espero ver de novo os demonios a bordo! Olhe, sr. João Pires, se as pragas tiveram força da primeira vez, tambem hoje acontecerá o mesmo; os padres vieram, enxotaram a legião que elle chamou á despedida, não sendo permittido a nenhum diabo poisar no navio, por isso lá de largo apontavam as unhas para a borla do joanete de prôa, na occasião das trovoadas; desses taes ficámos livres, porém dos que elle agora cá nos manda, destes hé que as orações passadas não fizeram menção, carecendo por isso a náo benta de novo.

—Desse modo, responde Silva, quer vossa mercê meia duzia de padres a bordo em cada porto, e repetidos exorcismos?

—Quero, sim, senhor, se nos apparecer o mesmo sujeito: e se não responda: porque foi benta a náo? Por amor das pragas que elle lhe rogou; ora hoje que havia de rogar outras iguaes ou peores, carecemos igual remedio, isto hé claro! Que, para mim, a conta vai saldada, haja o que houver, não só não volto a Lisboa, mas nem espero saltar em Moçambique.

Tocaram duas ampulhetas, Silva foi buscar o seu oitante de pau e as taboadinhas, encaminhou-se para o tombadilho, a fim de que o terceiro piloto Paulo Dias Malheiro lhe corrigisse o angulo da barca, pois elle já tinha carteado as milhas para o azimuth. Naquelles tempos em que os calculos de longitude estavam pouco vulgarisados, era muito importante esta operação d'agulha, e faziam-se os azimuths com toda a solemnidade; por isso Matheus pôs-se á agulha, José Joaquim Ribeiro tomou o sol para o angulo horario, o segundo piloto Pedro de Villas Boas marcou, e o terceiro Paulo Dias contou as horas. Obtidos os dados, acharam cinco gráos e trinta e tres minutos de variação nordeste; mostrando-se Silva muito expedito no calculo por logarithmos, merecendo louvores do immediato, que gostava da sua applicação e bom engenho.

De Matheus, que o estimava, desse não fallemos; com aquellas lições do mestre, era huma especie de patriarcha, não odiando ninguem, valendo a todos, chamando a todos por tu, desde o mais insignificante ao mais qualificado (menos ao sr. João Pires), conservando este costume até á sua morte, não havendo official da armada que repellisse esta preeminencia do bondoso e honrado Matheus, cuja candura e affabilidade o faziam olhar como pai ou indulgente amigo.

—Anda lá rapaz, principias melhor do que eu, estuda que hasde galgar.

A apparição do navio desgostou deveras os navegantes, pois que, tendo pilhado optima sahida, pareceo cousa diabolica mudar o vento logo depois daquelle encontro, assoprando o sueste terrivelmente com aguaceirada e trovões, de rajadas e tão duras, que se pôs de kapa em véla d'estáe do convés, rebeca e polaca. Assim continuou a trabuzana até 9 de junho em que os ares se adelgaçaram, obtendo-se huma altura meridiana e puxando-se por todo o panno, apparecendo desde o amanhecer alguns feijões; mas antes das quatro horas cobrio-se o horisonte, fuzilando por toda a circumferencia, pelo que Matheus mandou botar abaixo a verga e mastaréos da sobre gata. Deste modo foram indo até ao dia 29, em que o tempo estava pessimo, a vaga altá e cruzada, o vento fortissimo, não dando logar a puxar-se mais que pelo velacho nos terceiros e traquete. Perto do meio dia, formou-se huma trovoada medonha, acalmando aquelle, e por isso a náo entregue ás vagas jogava em risco de desarvorar, sendo mister para lhe aguentar o balanço largar-lhe a gavia. Isto era summamente perigoso, porque, debaixo de golpe de vento da prôa, comprometteria o navio, mas era indispensavel, attento o risco da mastreação. José Joaquim Ribeiro, que estava de quarto, foi dizer ao commandante que lhe parecia conveniente botar as vergas dos joanetes ao convés. Matheus sahio á tolda e diz-lhe:

—Já ellas cá deveriam estar, chame o mestre e vamos de longo.

Veio o sr. João Pires, ensaiaram-se as vergas, o praticante Carlos May, que era meio inglezado, foi subindo pela enxarcia da mezena sem advertir que já não tinha sobre gata, e o nosso Silva, portuguez na gemma, subio logo aos vaus do joanete grande; May chega ás arreigadas, lembra-se, desce envergonhado, corre ao castello e sobe aos vaus do joanete de prôa. Amichelladas e arriadas as vergas á porfia, não se levou meio quarto de hora nesta faina, e por fortuna isto aconteceo, pois não estavam bem sobre as antenas, debaixo de huma forte refrega, hum raio cahe no mastaréo de velacho, levando-o pela prôa fóra, desce por o enderbélo da verga do joanete, corre por cima das peças de estibordo, leva-lhe as pranchadas e sahe por o portaló.

—Arria a gavia, carrega, ála braços, aguenta a escota.

Felizmente arriou-se a gavia, não perigando á prôa, tendo nesse instante descido a gente dos vaus para a gavia do traquete; mas a rascada era grande e o compromettimento da náo muito maior, faltando-lhe panno á vante com que arribasse. Matheus, como bom pratico e de admiravel instincto, vendo que de modo algum ella daria a poppa ao vento sem lhe picar o mastro da mezena, tenta huma manobra arriscadissima, chama todos.

—Chega para mim, carpinteiros, calafates, machados promptos ali ao pé do mastro; marinheiros péga na escota da mezena, caça, caça a rebeca, vivo; mette a gavia dentro, carrega de longo, á huma, todos os cabos, sergideiras, briões, estingues; carrega a tudo, sobe acima, abafa.

Silva, o intrepido Silva foi o primeiro, atraz delle seguem-se outros, e a gavia abafou-se n'hum momento! A náo veio para o ló, aproando quasi ao vento, e assim, posto que meia adornada, resistio ao maior peso do aguaceiro.

Matheus, espreitando o momento critico, calculava a potencia da náo e a força da refrega, para picar o mastro; homem valente e sabendo bem o que fazia, tinha mandado para a prôa o immediato com parte da guarnição, a fim de caçarem o traquete e largarem a polaca na occasião de se botar

o mastro abaixo; se mesmo assim a náo não obedecesse, lá iria o mastro grande. Não foi preciso, o resultado justificou o seu maravilhoso golpe de vista, passou a refrega, o habil marinheiro mandou carregar o panno a ré, metter o leme de encontro, caçar o traquete, largar a polaca; e lá vai arribando a náo á sua imperiosa voz, pondo-se finalmente a caminho!

—Olha as pragas! Era a voz constante passado o perigo.

—Foi o encontro da *Santa Maria*, diziam outros; e o guardião:

—Precisa benta de novo, porque o homem nos encontrou depois da reza; veremos se a cousa má do fogão torna a apparecer!

Cuidaram de safar outro mastaréo, que só no fim de vinte e quatro horas se pôde botar á cunha, não cessando os commentarios, amedrontando-se reciprocamente soldados e marinheiros, em vez de se animarem e distrahirem. Mas quem levava a palma nos discursos, era o artilheiro José Rodrigues Delgado, que os apoiava com textos latinos que havia aprendido nas Necessidades, onde chegou a ser roupeta. Houve huma sota de dois dias, nos quaes não só botaram á cunha o mastaréo do velacho, se não ainda botaram ao convés o do joanete grande, acachapando tambem o da gata, passando-se enque e costaneiras para a corrida do Cabo. O vento calára do noroeste desde o dia da tormenta, cruzando-se a vaga de tal modo que chegava ao jardim da náo; algumas trombas se entraram a formar, ás quaes o commandante mandou fazer seus tiros; o céo parecia de fogo por humas partes, e por outras negro como carvão; assim chegou a noite, rebentando a enxofria por cima da lancha, que apparecia coberta d'huma luz esverdinhada; o Santelmo assentou-se na borda do páosinho que se havia amarrado no calcez do mastaréo de gavia para algum signal ou para a flamula! A esta vista terrivel a gente meia esmorecida chega-se ao mestre e pede-lhe para se offerecer o traquete á Senhora da Bonança; João Pires que, tendo ouvido fallar naquelle fogo, nunca o tinha visto, apesar de tantas viagens, tambem se acobardou e foi com meia duzia pedir licença

ao commandante, que lh'a concedeo. O vento saltou então ao sueste.

Poseram de kapa por não descahir para o norte, e assim andaram até 9 de julho, aproando do su-sudoeste ao sudoeste em papafigos e rebeca, governando a náo com leme a meio, não obstante os grandes mares. Nesse dia deram vista de hum navio que içou bandeira portugueza; largaram o velacho tendo-lhe correspondido, e fallaram-lhe; era o *Marquez de Angeja* que ia para a China, levando setenta e quatro dias de viagem, que deo a noticia da conclusão da paz entre os inglezes e a republica dos Estados Unidos, e os hollandezes. A sua longitude era de trinta e sete gráos e dois minutos. Tambem viram muitas aves aquaticas, principalmente feijões e alcatrazes. Nessa noite acenderam o farol da gavia por causa de alguma atracação, e poseram duas lanternas á prôa. A 16, ventando-lhe noroeste, começaram a ver mangas de veludo, fazendo-se por isso no Parcel das Agulhas, mas sondaram debalde; no seguinte aconteceo-lhe o mesmo, até que no dia 18, em que se contavam quarenta e sete de viagem do Rio, acharam fundo com 200 braças; vendo então grande numero de corvas pousadas na agua, muitas mangas de veludo, mangalhões, alcatrazes, e demais passaros daquelles sitios. Depois de sondarem, saltou-lhe o vento ao sueste frigidissimo a pontos de cahirem os marinheiros enregelados na tolda, sendo mister leva-los para a coberta, e fazer-lhes fricções, e vesicatorios fortes para os restituir á vida. O mar que era grosso e corrido do noroeste, encontrando-se com a vaga do sueste, rebentava em flor atirando com a náo horrivelmente; que, mesmo sendo grande e bello navio, parecia despedaçar-se e submergir-se. Até 24, em que por conjuncção de lua o tempo abonançou, andaram a Deos misericordia, mas desse dia por diante ficou a atmosféra leve, mandando o commandante botar á cunha os mastaréos da gata e joanetes. Largaram panno, e bordejaram em gavias nos segundos e papafigos, conseguindo virar por d'avante. A 25 cresceo o vento, engrossou o mar, e roncou medonha a trovoada para oeste.

A 26 fuzilava de todos os quadrantes, em calma podre, morrendo repentinamente o soldado Manoel José d'Aveiro. Quando ia a botar-se ao mar, huma chuva de raios cahio á róda da náo, que amedrontou os mais animosos, não se lembrando ninguem de ter visto o horisonte mais feio e carregado. A cada instante receiavam nova sentelha no mastro do traquete que era o infeliz, e por isso o guardião, mais debil e devoto, foi pedir ao capellão que abrisse o oratorio; este, com previa licença do commandante, fez quanto desejavam, passando a entoar a magnifica, e ladainhas. A trovoada pouco depois dispersou-se, e os assustados navegantes attribuiram isto ás suas orações.

Nessa noite morreo outro soldado que ia para Moçambique, chamado José Francisco, o qual se lançou ao mar antes do meio dia, parecendo que após o cadaver assopravam todos os ventos, dominados pelo peor delles nessa occasião, que era o sueste, sendo preciso aguenta-lo de kapa, em rebeca e polaca. Tambem outras trombas como as que se tinham visto antecedentemente vieram da prôa na direcção da náo, conseguindo-se romper a mais proxima com alguns tiros. A estes dias de tormenta succederam taes calmarias, que a náo desgovernava, sendo geral a consternação, pois em verdade, huma serie de mortes acompanhadas de circumstancias tão extraordinarias, ninguem explicava naturalmente. No dia 31 falleceo o soldado João Luiz, que no Rio viera substituir outro que lá entrára no hospital; a 6 de agosto, o soldado Antonio de Oliveira; e a 10 outro sentenciado, Francisco de Oliveira, que cahio redondamente morto junto ao fogão. Já se contavam quinze casos de morte, e quatro raios no mastro do traquete, e por isso tudo em tristeza e receio, não dando a maior parte dos navegantes nada pela vida, augmentados os sustos e apprehensões de cada hum, com os ditos sinistros do guardião que parecia desenterrado.

Na camara debaixo, ia hum tenente para Moçambique, doente de sarna que pilhára no Rio, tão má, e tão aggravada da falta de refrescós, que se não podia vestir, cobrindo-se

apenas com hum lençol, e por isso não jantava á mesa, comendo no seu beliche pouco do que lhe mandavam, pois levava grande fastio. Este tenente, era aquelle passageiro mathematico e naturalista, que conversava de noite com o rapaz Silva, o qual, quando o tempo o permittia, embrulhando-se no cobertor, lá chegava ao tombadilho, nessas horas mortas a tomar o fresco, e a entreter-se com José Joaquim Ribeiro, que o respeitava e entendia. Homem instruido, não professava vintem, e por isso não tendo que dar ao pagem, pagava-lhe os seus pequenos serviços com dois ou tres pãesinhos frescos da sua ração. Aquelle, que igualmente se esmerava em fazer vontades, recebia os sobejos de hum outro, vendendo por sua conta estes pães aos degredados, e aos passageiros que não eram contemplados da mesma maneira. José Narciso, que desde Lisboa ganhára fama de intrigante por zizanias mettidas a Pedro de Saldanha, vendo o pagem que servia os officiaes passageiros vender pão, quiz saber de quem elle era, respondendo-lhe o rapaz que era do sr. tenente Gonçalo de Bruno.

Sem mais exame nem averiguação, para dar exercicio á lingua, e por maltratar o tenente que não se humilhava diante do homem enredador, vai dizer ao general que, era preciso pôr cobro no abuso que reinava entre os officiaes seus subordinados, havendo alguns tão vis, que negociavam com os sobejos da mesa, vendendo até pão aos degredados! Pedro de Saldanha enfurece-se, era domingo 11 de agosto, e á hora da missa manda chamar o tenente, que coberto apenas com hum josezinho, todo chagado e lazarento, se apresentou em cima da tolda. Pedro de Saldanha vendo-o descomposto, sem attender ao seu estado, grita-lhe:

—Assim apparece ao seu general?

—Senhor, eu não me posso vestir, v. ex.ª...

—Cale-se que em chegando a Moçambique heide mette-lo 10 braças pela areia abaixo; diga-me, vossa mercê não tem vergonha de pôr huma banda á cinta, e negociar com degredados em migalhas de pão?

—Senhor, quem disse similhante cousa a v. ex.ª eng...

—Cale-se que hé hum villão, indigno do real serviço.

—Mas, senhor, eu nunca vendi...

—Tenho dito, em chegando a Moçambique, tenho gollilha e ferros para officiaes como vossa mercê que envergonhám o serviço da soberana.

—Senhor, isso não hé assim, vo...

—Hé assim, hé assim, já lh'o disse; vá-se antes que me precipite com hum cafre similhante, indigno, e vil; retire-se já, já.

O pobre homem abaixou a cabeça, vira as costas, passa por pé de Silva, aperta-lhe a mão, e diz-lhe:

—Adeos, sr. Joaquim, até ao dia de juizo.

E desce cambaleando pela escada da meia laranja, vai direito á poppa, e atira comsigo por as janellas da camara. Silva, que lhe fez impressão aquelle dito, desce immediatamente, e vendo-o chegar para ré, grita á sentinella das armas.

—Olhe esse homem!

A sentinella corre para elle, mas já tarde, o tenente bracejava na agua!

—Homem ao mar! Homem ao mar!

Quem huma vez embarcou, sabe o alvoroto e confusão que esta voz produz a bordo, e que loucuras se fazem: correm todos á borda, capoeiras, comedoiros, remos, balços, tudo se atira ao desgraçado, arriando-se-lhe promptamente o escaler!

—Ála braços, orça!

Pôs-se a gavia sobre, e o escaler cahio na agua, mas antes de chegar ao tenente, que até ali se déra em espectaculo nadando menos mal, viram que juntou as mãos sobre a cabeça, e mergulhou para resurgir na eternidade!!

Tudo ficou attonito, tudo ficou mudo, parecia que outro raio ferira a guarnição inteira, até que Matheus fóra de si, rompendo aquelle silencio espantoso, com huma voz tremenda diz para Pedro de Saldanha:

—As desgraças deste navio são sem conto, e por maior

desgraça vem v. ex.ª nelle de passagem; quatro raios lhe tem cahido, e v. ex.ª foi peor do que elles; os raios não mataram ninguem, e v. ex.ª com os seus intrigantes matou hum homem; hé hum assassino! Saibam todos que, assim como Sua Magestade fez o sr. Pedro de Saldanha governador, e capitão general de Moçambique, fez-me a mim governador e capitão general desta praça, e como tal mando que este senhor não me sáhia mais as portas da camara, até avistarmos terras do seu governo.

O effeito destas palavras severas, proferidas com intima convicção da verdade, no momento daquelle desastroso successo, e depois de tudo que tinha acontecido, petrificaram Pedro de Saldanha e seu ajudante José Narciso.

—Mataram hum homem bom, continuou Matheus; sr. José Joaquim, vamos içar o escaler, e não mareie, ouçâmos neste logar a missa por alma do infeliz.

Içaram o escaler, ficando atravessados o tempo da missa. Concluida ella, e posta a náo a caminho, vieram á tolda os bahus do tenente Gonçalo de Bruno, nos quaes acharam muitos livros latinos e francezes, bem como varios manuscriptos de mathematica e historia natural, acompanhado tudo de cartas com tratamento de senhoria, encontrando-se-lhe a final, o seu pergaminho de moço fidalgo com exercicio, e brazão de armas. Matheus diante da guarnição e degredados inquirio o pagem, confessando aquelle ingenuamente, que o sr. tenente lhe dava o seu pão, em paga delle lhe levar o jantar e fazer a cama, o que era sabido por todos os senhores da camara de baixo que bem viam elle dar-lho, dizendo sempre.

—Hé para ti, já que não te posso dar mais nada, mostro-te os meus bons desejos.

—Eis-ahi está, proseguio Matheus, a vida dos intrigantes, que de hum argueiro fazem hum cavalleiro, que da cousa mais innocente fazem hum crime, e levam hum homem á forca, ou a assassinar-se! Hé preciso conhece-los, e virar-lhe as costas, como eu daqui em diante, e todos devemos fazer ao sr. José Narciso, que foi a causa desta desgraçada morte. Agora

hé que eu creio nas pragas, pois com tal gente hé que ninguem pára dentro do navio!

Á tarde cantou-se a ladainha, e na seguinte manhã quiz o commandante que se dissesse missa por alma do tenente Bruno. Acabada ella, como se achassem por vinte e quatro gráos e dez minutos de latitude sul, e sessenta e tres gráos e dezesete minutos de longitude, indo-se demandar a cabeça de S. Lourenço, mandou abrir o porão e safar as amarras. Ainda bem não tinham descido o fiel e cinco moços, dá este hum grito medonho, cahe, e os outros sobem espavoridos:

—Que hé? O que foi?

—Acodem todos, porque a voz sinistra retumbou de poppa á prôa.

—Não se sabe.

—Que tem o fiel! Porque deo aquelle grito?

—Hé huma cousa má.

—Que cousa, que fez? Que disse?

—Hé a alma do tenente Bruno!

—A alma do tenente Bruno? Pergunta o mestre, como a conheceram vossês?

—Era do feitio da morte, sem bogalhos nos olhos, embuçada no josezinho do tenente, que mostrou os ossos do braço esquerdo, e deo huma bofetada com a ossada da mão canhota no fiel do porão!

—Quem vio isso? Pergunta Matheus.

—Vimos nós todos á huma, responderam os moços, sentindo-se a modo de rossar cacos vidrados que se nos arripiou o pello, e tremeram os queixos.

—Vossês estão doidos, prosegue o commandante; venha acima o fiel.

Chegou o mestre á braçola da escotilha e chamou:

—Ó João Gracia! João Gracia! Nada. Desçam abaixo e tragam o preto a cima da tolda.

O terror era tal, que ninguem se atreveo a descer; o mestre chamou por Silva, e dois ou tres rapazes mais decididos, que acompanhados do contramestre e guardião, trouxeram

o preto semivivo, o qual se tornou horrivelmente branco; logo que lhe deo ar novo, estremeceo abrindo muito os olhos e disse:

—Huma bofetada!

E expirou sem mais os fechar ficando hirto. Desceo mais gente ao porão, desceo o immediato, e viram a carga desarrumada, perguntando este aos cinco moços, para que fôra aquillo.

—Nós?! Quem o fez, que responda, nenhum dos que cá veio bulio nisso; nem toda a companha junta era capaz de revolver a carga neste tempo.

—Então quem foi?

—Foi o diabo, ou a alma do tenente Bruno com aquelles dedos todos inteiriçados!

—Arruma, arruma, e deixem-se de toleimas; nunca isto hade acabar! Vamos, foi alguma pipa mal encanteirada que rolou, e vossês dão ás trancas suppondo cousa do outro mundo. Andam a espalhar baboseiras, e ao mais pequeno arruido, pés para que te quero! Em eu ouvindo o doutor Delgado explicar-lhe as visões, vai estudar o recado com dois pares de machos para o porão. Vamos, hé ir arrumando de longo, e não se turvem sem motivo.

Arrumaram tudo, fechou-se a escotilha, jantaram, e de tarde botou-se ao mar com as ceremonias do costume, o cadaver do preto Garcia; isto hé, sendo acompanhado por o commandante e officiaes fardados, pegando em lanternas todo o tempo da encommendação,

Quando se iam encaminhando para o portaló, forrou-se o horisonte, cahindo chuva a cantaros. Já não era a primeira vez; em havendo destas mortes pouco ordinarias, lá vinha cousa depois, que as tornava maravilhosas. Nesta occasião, foi saltar o vento ao noroeste com tal furia, que nem no Cabo, de mistura com huma grasnada de garaginhas fóra do costume.

—Chega para as obras da gata, diz Matheus, que largou o prestito subindo ao tombadilho, anda ali alguns, sobe acima.

abafa a gata: dá hum salto ás adrissas da gavia; arria: arria o velacho, arria a bujarrona, carrega o traquete.

Baldearam ao mar o defunto, e a trovoada cresceo, continuando o commandante a manobra.

—Sobe a cima, ferra a véla grande, olha a gavia que vai dentro, carrega aqui o briol e sergideiras; acode ali soldados, vai arriando a escota de vagar; Joaquim, olha essa gente da gavia que sáhia para a verga; sobe vossês da verga grande.

Silva subíra sem que o mandassem, porque a sua actividade não carecia estimulos; em pé no terço da verga, seguro á hostaga, foi visto por Matheus que o chamou para fazer mais saliente o seu prestimo. A trovoada cahio dura, a noite avisinhava-se, o terror crescia, e a marinhagem foi-se chegando para ré.

—Que hé isto? Grita-lhe o commandante; querem casaca de páo? Sahe debaixo do tombadilho, que tambem eu apanho chuva, tudo a meio navio!

Elles balbuciaram, pedindo o guardião ao immediato que viesse o padre abrir o oratorio. Quando o susto leva aquellas almas de bronze a recorrer ás preces, a crise hé terrivel, e não ha forças humanas que lhe resistam. Veio o capellão, vieram as lanternas, começava a ladainha, no momento em que desaba o maior aguaceiro de pedra que nunca se vio, com hum fragor, e estrondo de pasmar. Matheus desce do tombadilho para a primeira peça da tolda, grita para o homem do leme, mas este e todos os outros ficam cegos pelo clarão do raio, que no meio daquella escuridão rasga a atmosféra, e cahe no mastro do traquete; desce ao convés, abre a escotilha grande, e assombra dois degredados.

—Jesus! Gritam todos.

Matheus não se abate, cobra animo superior a todos os elogios, péga do páo do catavento, e vai-se aos que estavam de rojo, dando a torto e a direito.

—Jesus! Jesus hé hum convento de frades; péga nos braços do traquete e velacho; ladrões, pangaios.

E foi batendo. Pedro de Villas Boas pegára do leme, porque os dois marinheiros haviam fugido, a náo toda á banda, não arribava, a marinhagem não se movia apesar da pancadaria de Matheus, e do immediato que gritavam:

—Larga a polaca, larga a polaca!

Silva, o nosso destemido Silva, corre á prôa, sahe ao gurupés, dá a escota ao contramestre Bernardino, e a dois soldados, corta o arrebem com que ella estava ferrada no punho, o vento faz o resto arrebentando a bicha immediata, e a náo arriba!

—Cães, diz Matheus, nenhum arredou pé, sr. João Pires, veja quem foi á prôa, que o heide propor para guardião.

—Foi o rapaz Silva.

—Esse não precisa; malditos! Não foi hum marinheiro, e huma creança mostrou mais animo! Canalha. Toma cuidado no leme, olha que te parto os ossos! Já appareceste? Vai levando o vento n'alheta. Sr. José Joaquim, veja se o raio fez algum prejuizo.

José Joaquim foi e voltou.

—Não, senhor, abrio a escotilha.

—Deixar, isso não importa; chega para ali, não quero ver ninguem á amurada, todos a meia náo, tudo direito, quando não mato o primeiro diabo que arreda pé.

No meio do maior silencio da gente, e da maior bulha do vento que assobiava pelos cabos, grita o artilheiro José Rodrigues Delgado.

—Hé a alma do tenente Bruno que está pedindo justiça, ella ahi anda!

Machinalmente chegam todos á borda, e vêm hum vulto branco passar pelo navio; Pedro de Saldanha sahe ao jardim parecendo-lhe ver o tenente, de mãos escarnadas agarrando as correntes do leme, cercado de huma enxofria amarella e fazendo corso na agua. O commandante e immediato que iam descarregar pancadaria nos amotinadores agrupados ao portaló, viram a mesma cousa; dizendo sempre o artilheiro.

—Venha o padre, venha o padre.

—Pois venha o padre, e acabemos com isto, diz o commandante.

Com effeito a cousa era inexplicavel, e elle estava fóra de si; veio o capellão de estola, e o boticario de caldeirinha e cruz, subiram ao tombadilho, debaixo de copiosissima chuva, acompanhados de Pedro de Villas Boas, e Paulo Dias Malheiros com lanternas; lançou-se agua benta no mar, e rezaram-se varios credos em cruz. Isto feito, commandante e officiaes trataram de conduzir á prôa os marinheiros, a fim de acudirem ao traquete e velacho esfarrapados pela força do vento, e fogo do raio, que felizmente não causou outro prejuizo.

Amanheceo o dia claro, metteram as duas vélas nóvas, e já iam navegados e a caminho, quando lhe appareceo na prôa hum vulto branco grande. Presentidos como estavam, desconfiados e melancolicos, suppondo sempre maleficios e cousas do outro mundo, fizeram motim correndo á borda. O commandante, que tinha promettido levar tudo á pancada, sentindo rumor, sahe fóra com a bengala direito ao monte, e vio a cousa que dava logar ao burburinho; mandou navegar direito a ella, e pouco distante:

—Orça, atravessa a gavia; sr. João Pires, arrie o escaler e vá o guardião com o Silva reconhecer aquillo que anda boiando.

Poseram a gavia sobre, o escaler cahio no mar, e viram ametade de hum tombadilho novo pintado de branco, em cima do qual estava huma toalha de linho nova adamascada; e de róda della, quatro capoeiras de balaustres torneados e comedoiros moldurados. Trouxeram duas e a toalha para bordo, içaram o escaler, marearam, e passaram perto do tombadilho, que lhe pareceo de navio muito grande. Immensas conjecturas se fizeram, julgando muitos que o vulto da noite antecedente fôra aquelle tombadilho; outros, algum escaler do navio cujo elle fôra; outros, algum desgraçado do mesmo navio, que se conservára agarrado a remo ou capoeira; e outros finalmente, que tudo era obra diabolica para os comprometter, sendo impossivel que huma toalha tão lavada se conser-

vasse naturalmente estendida sobre o tombadilho depois de tanta chuva, vento e mar. Estas reflexões eram de peso, mas por isso mesmo deviam ser combatidas, a fim de não augmentarem os receios e fraquezas dos marinheiros.

Por tanto José Joaquim Ribeiro, como homem instruido que era, aproveitando a opportunidade, metteo o caso a ridiculo dizendo:

—Temos asneira, hé outro convite de D. João Tenorio.

—O que hé esse convite? Pergunta Silva.

—Hé huma historia tragica de certo fidalgo endiabrado, que convidou a estatua de hum commendador para zombar dos mortos; a estatua assistio ao festim, mas o fidalgo morreo acabada a ceia; petas para rir!

—Qual petas, responde o scismatico guardião, nem elle hé outra cousa! Aquillo hé o diabo, ou a alma do tenente Bruno, que nos convidam a comer com elles no outro mundo, hé o mesmo que o tal jantar dos defuntos, nem póde haver duvida que este manejo sahío do inferno! Cá por mim já estou arrependido de tocar nestes trastes do diabo, e agora mais certeza tenho de que não salto em Moçambique. Em má hora vim para bordo, e mais má aquella em que saltei ao escaler; agora não escapo!

—Entram todos a dizer:

—Botem isso ao mar, quem quer cousas do outro mundo, que diabo anda isto fazendo á tona d'agua? Olhem as capoeiras á laia de esquifes, de balaustres torneados figurando tumbas da misericordia! Sr. mestre, peça ao sr. commandante que deixe botar isto ao mar.

—Peçam-lhe vocês, que eu não apoio tolices.

Matheus que ouvio a pratica, e conheceo o terror daquelles fanaticos, em certo modo justificado por successos que elle mesmo não comprehendia, responde-lhe:

—Pois sim, no caso de não quererem as capoeiras e a toalha, podem bota-las fóra.

Assim mesmo o susto das cousas más e feitiços era de natureza, que nenhum lhe quiz pôr mão; pegaram nos remos

do escaler, e foram com elles empurrando as capoeiras até ao portaló baldeando-as ao mar. Assim mortificados, com tempo vario, e tardia navegação foram seguindo sua derrota, sem se avistar S. Lourenço, ou baixo do canal, e não tendo o immediato, que era o mais instruido dos officiaes, podido tomar huma distancia para verificar a longitude.

Havia a bordo hum rapazinho, filho do soldado de transporte José Rodrigues Zargo, que fallecêra perto do Cabo. Esta creança era linda como hum anjo, e tão meiga, tão engraçada, que o proprio soberbão Pedro de Saldanha lhe fazia festa, e promettêra leva-la para palacio e cuidar da sua educação. Ninguem deixava o rapazinho porque era encantador, o Cochichinho, porque Zargo lhe não chamavam sendo tão perfeito, andava de collo, em collo, idolatrado de quantos o viam. O artilheiro, fatidico, o fanatico Delgado, hé que muitas vezes se afastava delle com certo pezar, dizendo para o guardião:

—Tenho pena desta creança, desejava antes que o homem das dez braças de areia lhe tivesse zanga!

—Porque?

—Cahir em graça ao diabo, equivale a ser desamparado de Deos!

—Sempre vossê está com cousas de metter medo! Das pragas creio tudo que me diz, mas de ter dó de hum innocente, não sei que se tire máo resultado.

—Eu cá me entendo, hé cousa mais fina.

—Será, porque nem todos sabem latim; mas qual hé a finura?

—Olhe, o diabo apoderou-se de muitos que vão no navio, matou aquelles redondamente, enredou as cousas de modo, que lá matou outro; e agora quer pela hypocrita affeição do assassino fazer mais huma victima!

—Não entendo.

—Pois entendo eu, e vossê verá. Mais valia que o diabo encarnado, naquelle corpo de tigre, lhe mostrasse má cara!

Isto dizia sempre o artilheiro, quando via Pedro de Saldanha affagar o Cochichinho. Neste dia o tempo estava bello,

mar sem huma ruga, e quasi calma. Os marinheiros haviam feito de cortiça hum bote para o rapazinho brincar, a não tinha hum cintado grosso bastante, e a creancinha andava fóra da borda por cima deste cintado, brincando com o tal barco, que puxava com hum fio de véla. Ninguem receiava cousa alguma, não só porque o rapazinho sabia nadar, se não porque estando bonança, qualquer o agarraria; porém, hum peixe maldito, voraz, estupido povoador de todos os mares, que apparece em calmarias, diabolico bicho que devia lembrar, esquece a toda a gente; posto estar quasi calma e o mar estanhado, não veio á idéa. Eram horas de sol, o commandante e officiaes estavam no tombadilho d'instrumentos á cara, alguns soldados nas mesas vendo o Cochichinho entreter-se, o sargento de mar e guerra tinha trazido a amostra da comida, o tambor temperava a caixa para os toques do meio dia, quando se grita da mesa grande:

—O Cochichinho ao mar!

Correm á borda, e vê-se o rapazinho nadando muito bem. O commandante deo-lhe hum baque o coração, grita apressado:

—Corre aqui, salta ao escaler.

Elle mesmo tirou volta a huma das talhas, os marinheiros não correm, vôam. O nosso atrevido Silva, antecipa-se, larga o oitante, despe a jaqueta, e atira comsigo, para aguentar a creança, chega a dar-lhe a mão, está salvo! Mas o peixe maldito, o peixe voraz, o tubarão do inferno, á vista de toda a guarnição surge de repente, fila na perna do anjinho, deixa a agua turva de sangue, e mergulha com a preza, que se vio ir pela agua abaixo bracejando! O escaler, apenas servio de recolher Silva, ameaçado de outro demonio!!

Todos choravam, foi hum dia de lucto, de verdadeira e pungente magoa. Quando o Cochichinho chegava a hum grupo, a huma bandeja, era completa a alegria do rancho, todos á huma lhe procuravam a melhor isca de carne, e bolacha demolhada; mais a mim, mais a mim; Cochicho, anda cá, toma esta, olha... Hoje ninguem fazia róda, ninguem re-

zou trindades, ninguem sabia de si, repetindo-se a cada instante:

—Ora o Cochicho! O Cochichinho! Hum minuto mais cedo, ninguem se lembrou!

—Máo agoiro, dizia o artilheiro, o meu presentimento era exacto, o innocente foi-se, e o diabo cravou o punhal no coração do seu servidor; elle hé quem o hade sentir mais, aquillo que elle mais amar hade padecer; hé a paga dos serviços!

Matheus, officiaes, passageiros, e tudo lá diziam: «Tanto poderão as pragas, ou será esta serie de acontecimentos tristes, effeito de puro acaso?!» O certo foi que, se fanatizados estavam, peor ficaram, não havendo ninguem do convés, que não repetisse:

—Safa com as pragas? Olha as pragas, a náo quer benta outra vez, o Delgado tem rasão!

Mas tristissimos, e adoentados de corpo, e de espirito, mórmente o guardião que se ia finando, e fugindo de conversar. Ás duas horas da tarde de terça feira 20 de agosto, quando se contavam oitenta dias de má viagem, grita o gageiro:

—Terra por bombordo da prôa.

Subio José Joaquim Ribeiro, subio Silva, e o proprio commandante á gavia do traquete, reconhecendo os dois praticos ser o extremo da ponta da Bajona.

Alegraram-se os navegantes, como quem esperava o resgate daquelle captiveiro.

—Ainda bem, daqui por diante pouco ha que fazer, parece que não tinha fim! Já faltava a paciencia.

E nestas, e n'outras praticas iam indo, mandando o commandante andar mais arribado. Veio para o tombadilho, depois de ter marcado bem a terra com o seu agulhão, na gavia; marcando de novo em baixo, donde já se descobria a orla por todo o horisonte a bombordo. No entretanto disse ao mestre que posesse dois cobros de amarra em cima. Abrio-se a escotilha, saltaram obra de vinte marinheiros com o contramestre ao porão, prolongaram-se outros pelo convés para

accusarem a amarra, ouvindo-se aquelle bulicio e fallacia de gente esperançosa de terminar huma viagem longa e desgraçada: quando sobem ás carreiras e espavoridos todos que tinham descido, menos hum mulato do Rio de Janeiro por nome Manoel José, o mancebo Anastacio José, e o preto Joaquim de Sousa.

—Que hé? Perguntam o mestre e o guardião?

Nada, tudo calado, e brancos de neve!

—Que hé? Vossês não ouvem? O que foi?

—Cousa má.

—Cousa má? Diz o immediato que passava; nem á vista da terra se deixam de parvoices! Então quem lhe metteo medo, e porque fugiram?

—Veja vossa mercê, e saberá.

José Joaquim, e Silva, chegam-se á bôca da escotilha, e vêm jazer estendidos os tres que faltavam; descem, logo após o commandante, os soldados de artilharia José Rodrigues Delgado, Antonio José da Silva, e Manoel José Lobo, bem como o resto da officialidade que se achava na tolda para a marcação da terra, e o segundo cirurgião Sales, que disse:

—Ar, ar; dêm-lhe ar, que morrem asfixiados; miasmas putridos do porão, que se desenvolveram com a abertura da escotilha. Sáhiam todos, não lhe aconteça outro tanto; deixem ventilar isto por hum pouco.

O preto recobrou os sentidos, fallou, e pedio o padre sem querer sahir daquelle logar. Os mais foram subindo, levando os dois que, examinados por Sales, e por Francisco Velho primeiro cirurgião, acharam-se mortos.

Desceo o capellão que, depois de ouvir o fiel por cinco minutos o absolveo, expirando este immediatamente. O padre pedio que, por descargo de consciencia, e allivio da alma daquelle defunto, o sr. commandante o acompanhasse ao porão com a cruz, o sr. tenente José Joaquim, com a caldeirinha, e os dois pilotos com as lanternas, pois aquillo dizia respeito a todos. Foi-se revestir de sobrepelliz e estóla, e voltou seguido do acompanhamento indicado: rezou por espaço de

dez minutos ao pé do cadaver, dizendo que o levassem para junto do portaló com os outros dois asfixiados a quem ia encommendar. Ali rezou de novo, e foi entoando psalmos, aos quaes respondiam em latim o immediato, e o artilheiro; seguio até á prôa por estibordo, e voltou por bombordo; subio ao tombadilho, foi á grinalda, botou agua benta nos circumstantes, e sacudio o hysope, como quem enxotava o quer que fosse pela poppa fóra (dizendo os marinheiros e soldados, que era o diabo); lançou de novo agua benta nos acólitos, e voltou perto dos defuntos, por cuja alma pedio tres padre nossos. Decorrido pouco tempo de solemne silencio, mandou que posessem todos tres na mesma taboa, orou ainda, repetio os padre nossos, lançou mais agua benta, despedio-os com o *requiescat in pace,* e faz hum signal com a cabeça que, sendo comprehendido, baldearam todos tres e taboa no mar. Virou-se para a guarnição e disse-lhe:

— Quem foi, foi, daqui por diante não ha que receiar; se porém algum se sentir tocado de maleficio, que se accuse do passado; do presente não tem que temer: ministro da igreja, não vim cá para outra cousa mais, que para ouvir os penitentes, e acudir-lhes com remedios espirituaes.

Estas palavras quasi mysteriosas, deixaram a gente confusa, que se distribuio para a manobra e faina geral de demandar o porto; pensativa e tristonha, havendo pouco que se achava falladora e folgazã.

Foram navegando até ao sol posto, descobrindo-se antes de anoitecer as ilhas de Sena e Gôa, bem como a ilha de Moçambique, para a qual se deram os dois tiros do costume de náo de viagem, que foram correspondidos, e fundiaram logo em vinte braças. Na seguinte manhã deo a fortaleza outros dois tiros, que a náo reconheceo, atracando ás sete horas o patrão mór Ave de Ramãa, respeitavel mouro que a foi dirigindo para a barra. Quando se estava na faina de metter o navio dentro, chamam apressadamente o cirurgião e capellão para acudirem ao guardião, ao dispenseiro José Correia e cozinheiro José Manoel Canôa, que estavam com accidentes.

Correram á coberta, o ataque era mortal, dentro n'hum instante deixaram de existir.

—Olha lá, diz o artilheiro José Rodrigues, olha lá se o guardião fallava certo, em? Verificaram-se ou não as profecias e presentimentos? Era maluquice, era scisma, era escorbuto, era tonteira, era, era e era; mas o que era sem tirar nem pôr, era o diabo! Se elles se tivessem benzido, ainda hoje não estariam estirados e frios. Bem dizia o pobre João Antonio, que não saltaria sequer em Moçambique; e o verdadeiro agouro foi aquella pegadella da toalha e das capoeiras de balaústresinhos! E dizem que não ha agouros e maleficios, fazem bem!

Na verdade este successo e as suas circumstancias extraordinarias produziram terrivel effeito a bordo; por mais que os cirurgiões lhe quizessem dar huma explicação natural, de que, achando-se elles escorbutados morreriam com o cheiro da terra, sendo isto ordinario em certo auge da doença, ninguem o acreditou. Esta explicação simples foi tida por peta, acreditando-se a outra dada por o veterano José Rodrigues, que attribuia todos os casos de morte a maleficios e ás pragas; bem como a castigo da perseguição feita ao tenente Bruno, corroborando as suas maravilhosas descripções com textos latinos, que por não serem entendidos davam mais peso ao argumento. A final concluiram os espertalhões e avisados, que o padre tinha recebido confidencias do fiel do porão; vendo-se por ellas que o commandante era o predestinado a levar a cruz ao calvario, e elles estavam quites; que o padre os advertira, lembrando-lhe a confissão; que se os endemoninhados fizeram pouco caso recorrendo a remedios de botica, a culpa foi sua, e lá tinham ido sem sacramentos. O contramestre Bernardino declarou então que muitas vezes aconselhára o guardião se deixasse de remedios e se confessasse, mas este respondia que não tinha animo, pois a confissão lhe traria a morte.

Foi no entretanto o moiro Ave de Ramãa dirigindo a navegação da náo em demanda do ancoradoiro, attendendo ás marcas, levando a prôa direita ao forte de Santo Antonio, até que fi-

cou defronte da ilha de Gôa; nesta posição descarregou para meio canal, passando por entre a restinga da Cabaceira, á qual deo resguardo levando o páo da bandeira da fortaleza muito aberto por bombordo, fazendo prôa de norte 4 noroeste; e surgindo finalmente em dez braças de areia, quando lhe demorava o dito páo ao sul 4 sudoeste, a ultima ponta de oeste da ilha de Moçambique a oes-sudueste, e o extremo da restinga da Cabeceira ao sueste, tudo d'agulha. Ás dez horas e meia, quando a náo se prolongou com o baluarte, salvou a fortaleza com vinte e hum tiros á bandeira de general, que ia no tope grande, os quaes foram respondidos de bordo desta. Ao meio dia desembarcou aquelle, salvando então a náo primeiro, seguindo-se-lhe não só a fortaleza, se não tambem o navio *Principe*, e embandeirando o *Macapá*, huma pala e hum brigue francez, e duas palas de Diu e Damão, que tambem salvaram quando o general chegou á rampa. De tarde desembarcaram os soldados de transporte, e na seguinte manhã fez-se apparatosa conducção dos tres ultimos fallecidos para a sua derradeira morada na ermida de Nossa Senhora do Baluarte da fortaleza. Retumbou pelas cobertas do *Principe* e do *Macapá* o echo dos factos acontecidos a bordo da náo, attribuindo-se os mais recentes á execranda perseguição feita ao innocente e bom Gonçalo de Bruno, que todos tinham por grande fidalgo e sabio, fallando linguas, e sabendo outras cousas de que o prognostico Delgado dava noticia, pois conversava com elle quando fazia sentinella ás armas, e o nosso Silva que o ouvia discorrer com José Joaquim Ribeiro nos quartos da noite. Por isso não vaticinavam fortuna a Pedro de Saldanha, cujos remorsos e censuras daquelles entes supersticiosos, unidas á lembrança da horrivel visão do cadaver fluctuante, o tinham impressionado de tal maneira, que ninguem o conhecia de tristonho, brando e affavel: o homem de aço parecia de cera.

Apercebida a náo de refresco e aguada, feitos varios actos pios e cumpridas as promessas dos viandantes, levantou ferro a 26 de agosto, salvando ao passar em frente da fortaleza com sete tiros a Nossa Senhora do Baluarte, indo fundear perto

da ilha de Gôa em nove braças. No dia seguinte fez o *Principe* outro tanto, porque ia na sua conserva para o Malabar. Em quanto não calou vento favoravel divertiram-se os officiaes dos dois navios em correrem a pequena ilhota visinha, embrenhando-se no seu natural bosquesinho de lindos bambuns, jáqueiras e cájueiros, provendo-se de variadissima quantidade de bonitas conchas, de que abunda toda a praia. Ali se demoraram até 29, em que assoprando-lhe sul, suspenderam e se fizeram de véla em gavias nos primeiros e papafigos, bem como o *Principe* que, sendo inferior á náo, largou quantos trapos tinha, ficando-lhe a perder de vista.

—Ora graças a Deos que estamos fóra de Moçambique, diz o velho João Pires ao contramestre Bernardino, e que lá ficaram as cousas más.

—Tambem ficaram algumas boas, como o nosso João Antonio, do qual ainda vejo a morada (apontando para a fortaleza que se ia mergulhando no horisonte).

—Daqui a pouco a perderá de vista, reze por alma do companheiro, e demos graças a Deos por nos não destinar já a mesma guarida. O homem era scismatico, e máo hé a gente pensar na morte; nunca vi ninguem medroso que não lhe acontecesse desgraça, nunca vi nenhum poltrão que deixasse de ficar ferido na primeira refrega; e nunca vi nenhum destes que receiam fazer testamento, que não morressem mais depressa. Olhe, aquelle foi-se como hum passarinho!

—Coitado, era o coração que lhe adivinhava o futuro, e quanto a mim, estes receios e o medo dos poltrões, como vossa mercê chama aos fracos, não hé senão a voz interior que os adverte do perigo.

—Bravo! Bella rasão; medo têm todos, não ha ninguem que deixe de receiar o perigo, hé o homem; mas ficar a tremer como creanças ou mulheres e fallar na morte a cada passo, mostra fraqueza de miolo, a que vossê chama aviso do coração. Ora olhe para mim, e veja se eu com oitenta janeiros por cima do espinhaço, não terei tambem visto casos raros e de arripiar os cabellos?

—Terá, terá.

—Pois então, passado o caso nunca mais pensei nelle, o que foi, foi como disse o padre depois de encommendar os fechados no porão.

—Perdoe, sr. João Pires, diz Silva, asfixiados.

—Qual az, nem meio az; fechados no porão, por isso elles foram espichando.

—Mas olhe que não estavam lá fechados.

—Pois que era aquillo de masmos fechados que disse o Sales?

—Não era nada disso, eram miasmas putridos que asfixiaram os primeiros que os receberam.

—Historias, diz o contramestre, com que os officiaes nos querem entreter e desimaginar: elles não sabem mais do que o artilheiro Delgado, que estava para padre e canta latim melhor que o sr. tenente Ribeiro; aquelle hé que põe o vento n'alheta sem grande trabalho, e não me quebra o toutiço com palavras gregas ou francezas; sempre tenho por nigromancia estes ditinhos, de masmas e rutas, e outras estrangeirices para embaçar a gente! E vossê, sr. Joaquim, entende taes palavrinhas!

—Não entendo todas, porém quando ouço alguma nova, ou não comprehendo outra que leia, vou ter com o sr. José Joaquim, que mas explica e faz pronunciar correctamente.

—Vossê faz bem, porque pretende subir; cá por mim, como não aspiro a grandes cousas, e só desejo ficar de mestre quando o sr. João Pires deixar a náo, basta-me saber quantas braças tem huma pernada de brandal, quantas deve ter hum estáe, e tudo aquillo que pertence a hum official marinheiro, como o sr. João Pires, que hé tão respeitado na India ou no reino como o nosso commandante.

—Deixe o rapaz que vai indo menos mal, acode o mestre, vai com o tempo, veio depois de nós, e as cousas do mundo parecem ter mudado; hoje todos devem saber linguas e mathematicas, já não basta a observação d'agulha, nem as latitudes; as derrotas são acompanhadas de calculos de distancia

que parecem adivinhações. Graças a Deos, fui bom marinheiro, e não me troco por outro, mas vejo que podia ser hum tenente general como o sr. Bernardo Ramires, e ter posto grande, se na minha carreira tivesse encontrado officiaes como este rapaz encontrou; que soubessem linguas e outros estudos, como o sr. José Joaquim Ribeiro, que o vai chamando a si. Vossê que tem menos trinta annos do que eu, e que por consequencia póde viver ainda muito, verá esse praticante que ahi vai, esse Carlos Mé, subir a capitão tenente ou posto maior, á sombra da sua lingua ingleza.

—Hé que nós já estamos velhos, e tudo depende disso que vossa mercê acabou de dizer, de encontrar officiaes que puxem pela gente; e tambem ha gente que sabe e nunca passa da cepa torta. Olhe o artilheiro Delgado, que falla latim como hum homem e pede meças ao nosso tenente, nem se quer o fizeram cabo de esquadra?!

—Hé porque lhe péga na pinga e desmanda-se na lingua, dizendo mal de grandes e pequenos, sendo ao mesmo tempo mandrião no serviço.

—Mas diga-me, sr. João Pires, será verdade que estâmos livres de pragas, e que tudo acabou em Moçambique!

—Não sei bem esse ponto, lembrando-me que o padre dissera estar disposto, ou que vinha cá para acudir aos que se julgassem tocados do mal. Ora vossê mesmo, vio finar-se o guardião, depois desta pratica; por tanto quem sabe se o demonio se apoderou de algum, e elle se não tem confessado? Destas cousas de religião nunca eu quiz saber nada, nem quebrar a cabeça com o que vi fazer nos Caetanos; se fosse a pensar nellas morria doido; pois no que vi nessa procissão do auto da fé, em que os judeos levavam aquellas mitras com diabos e figuras de metter medo?! Era eu bem creança, e nunca me esqueceram as caras dos condemnados, jurei de nunca mais assistir a nenhuma. Cá disto, no meu fraco entendimento, digo que os padres benzeram a náo e não as pessoas, logo enxotaram só os demonios que andavam soltos por o navio, e creio bem que elles nem sequer roçarão por onde

cahio a agua benta; mas os diabos que já se tinham mettido no corpo de alguem, esses, quanto a mim, podem fazer quanto mal lhe parecer até que os sacudam com os exorcismos.

—Bem me parecia a mim ser verdade o dito do artilheiro.

—Qual dito?

—Hé a desconfiança em que anda o Delgado ácerca de tres que elle suppõe nas circumstancias do guardião; já por vê-los tristes e macilentos, já porque não os vio ir á igreja, já por nem os ver assistir á missa cá a bordo.

—Quem são elles?

—Hé aquelle tapuio do Rio, o preto Manoel Joaquim, o caboco e o mancebo José da Rosa.

—Andam adoentados, heide dizer ao Sales que lhes dê alguma gerpiga.

Deo meio dia, o mestre fôra á tolda dar as boas tardes ao commandante, e metteo-se no camarote para jantar; os officiaes tomaram o sol, e tiveram quatorze gráos e vinte e tres minutos de latitude; marcaram a terra, demorando-lhe a ilha de Moçambique por setenta e cinco gráos, noroeste d'agulha, distancia 30 milhas, sendo este o seu verdadeiro ponto de partida.

O vento entrou a escacear, de modo que viraram, botando fóra de todos os rizes para não cahirem, pois a corrente era tão forte que, seguindo a náo 6 milhas, o páo da bandeira ia-lhe ficando por a prôa. O *Principe*, esse de modo nenhum seguia ávante. Ao pôr do sol do segundo dia, sabbado 31 de agosto, demorava-lhe a mesa por sessenta gráos noroeste, não tendo por isso avançado em latitude. O *Principe* que se não via dos vaus, bem como outra embarcação desconhecida a perder-se no horisonte. O vento entrou a enfraquecer mais, a pontos de bater o panno de encontro ao arco da gavia. De noite os relheiros d'agua foram de tal qualidade que trouxeram o navio desconhecido perto da náo, quasi em calma. Botaram os escaleres ao mar e souberam ser a charrua do Wanzeller, que tinha sahido do Rio de Janeiro oito dias antes da náo. O *Principe* tambem se aproximou, á mercê da corrente, mandando o

seu escaler a bordo buscar os dois cirurgiões para huma conferencia ácerca da molestia do commandante, que se achava muito mal. Ao meio dia avistaram Moilla e Comoro, donde concluiram que as aguas corriam fortemente ao nordeste. Vento sempre bonançoso e escaço deste quadrante, receiando outro rilheiro que os empurrasse para a costa. No dia 4 de setembro ainda descobriram terra de Comoro, ventando-lhe então sudoeste fraquinho de 1 ½ e 2 milhas. A 6 deram vista de huma véla que, perto da noite, reconheceram por a charrua da sua conserva; a 7 passaram á vista da ilha de Oibo, verificando pela marcação que a corrente ainda era ao nordeste. O vento refrescou de botarem 5, 6 e 7 milhas, dando o gageiro parte de varias embarcações na prôa, e por bombordo. A 9 descobriram a ilha de João Martins, indo todos satisfeitos por lhe ventar sueste de tudo largo; porém vaticinando o doutorasso Delgado que o bando de passaros que viam, era de máo agoiro. Na verdade a multidão que cercava a náo aborrecia, fazendo huma bulha desagradavel, mas os praticos daquellas viagens contavam com isso; garaginhas, garajáos, tinhosas, rabos de junco, borrelhos, tudo por ali se encontra, não tendo a sua apparição por cousa nova, só o visionario artilheiro achava o quer que fosse no vôo das tinhosas que, segundo elle, symbolisavam o diabo. De noite mandou o commandante desvelejar por causa do baixo do Patrão; mas Delgado traduzio aquillo a seu modo, explicando aos companheiros que fôra aviso do démo para lhe retardar a viagem e fazer das suas; que reparassem na passarinhada, cuja grasinação mettia medo. O certo foi que ao amanhecer chamaram o primeiro cirurgião para ver o caboco ou tapuio que estava em convulsões, e taes foram ellas que, apesar de todos os soccorros da medicina, o moço expirou desfigurado ás nove horas da manhã.

—Bem dizia eu, rosnava o soldado, isto não se cura com sangria, nem remedios de botica; desde Moçambique traz elle a morte ás costas e não hé por doença; olhe lá a grasinada desta noite? E as tinhosas ha tres dias? Olhe que ha tres dias!!

—Hé verdade; responde o contramestre, que até eu fiz reparo e contei ao sr. João Pires aquellas observações que vossê fez.

—Contou, e elle o que disse?

—Ficou calado.

—Hé porque como fez muita viagem sem lhe acontecer huma destas, custa-lhe a capacitar-se; mas eu que leio nos livros santos o modo de expellir o diabo do corpo de cada hum, vejo perfeitamente que tudo isto hé obra delle. Pois a historia sagrada hade mentir e os exorcismos são chimeras?

—Deos me livre de dizer isso, continúa o contramestre, mas olhe que ha incredulos.

—Pois elles o sentirão.

O enfermeiro amortalhou o cadaver, que ao pôr do sol foi encommendado e baldeado no mar, repetindo o capellão.

—Quem receiar os maleficios recorra aos remedios espirituaes; ministro da igreja, não venho cá para outra cousa.

—Ouvio? Diz o Delgado para o contramestre; elle bem sabe o que diz, e olhe que hé hum padre de respeito.

—Vá dize-lo ao sr. João Pires, ou ao rapazola Silva, que se ri quando vossê falla nos *iscismos*.

—Esse não admira, que hade ser hum libertino, recebendo as lições do tenente Ribeiro, encyclopedista chapado.

—*Pedrista* chapado! Hé inimigo da religião?

—Pois que? Hé sectario dessa doutrina moderna, dos Dalembert, Chastellet e outros francezes libertinos; basta que a maior parte dos livros que elle lê dessa lingua são prohibidos.

—Então elle lê livros *porbidos?*

—Lê sim. Homem, desengane-se e desconfie de francezes; quem quizer gente de mão cheia busque pessoas que saibam latim aprendido nas Necessidades. Creia no que lhe digo, e para se capacitar que não truco de falso, repare na physionomia do preto Manoel Joaquim Cabouco e do moço José da Rosa; veja-lhe aquelles olhos encovados, aquella melancolia, e diga-me se elles não têm maleficios! Apósto quanto quizerem que não chegam a Gôa.

O tambor temperou a caixa, o calafatinho pegou na corda do sino, tocaram-se trindades, apitou-se a rancheiros e distribuio-se a ceia, separando-se os dois interlocutores. Toda a noite esteve clara, de nuvens soltas e vento galerno susueste de 6 e 7 milhas; porém ao amanhecer cerrou-se tudo, cobrindo-se o céo de lebrina e tinhosas, e mais passarinhada. O contramestre assistia á baldeação e estava scismando no innumeravel bando das aves agoureiras quando chega á bôca da escotilha o artilheiro e faz-lhe hum aceno.

—Que hé, seu Delgado?

—Não lhe dizia eu, lá está o José da Rosa a fazer caretas, e vai-se sem confissão.

—Bem me parecia, olhe como se forrou tudo, que estava tão claro!

—Tá, tá, olha o que vai cá por cima, torna o artilheiro, reparando nos passaros; olha que legião de diabos não andará no corpo daquellas tinhosas e garaginhas? Veja que musica infernal, e que bella encommendação ao moribundo!

Passou o capellão para a coberta, mas chegando ao rancho disse-lhe o cirurgião que o rapaz não dava accordo, fazendo contorsões horriveis. Applicaram-lhe sangria, banhos aos pés e quanto lembrou, mas debalde, porque ás dez horas da manhã deixou de existir.

—Então, sr. Joaquim, diz o Delgado ao rapaz Silva, como explica esta coincidencia das tinhosas, o escuro da atmosféra e a grasnada dos miliantes com as ancias da morte do fallecido?

—Não estudei medicina, mas sempre ouvi dizer que, para os doentes, eram horas criticas o nascer e pôr do sol, e a vasante da maré; quanto aos passaros, como cresceo a vaga e elles não podem pousar na agua, rodearam o navio a ver se tomam pé e descançam.

Neste momento dá o gageiro parte de dois navios grandes a barlavento; podiam ser francezes ou maratas, tocou-se a póstos, correram ás armas e terminou a conversa. Os dois navios avistados atravessaram, conservando-se assim por es-

paço de meia hora, e por isso como não procuraram a náo, se tocou a retirada. O tempo enfuscou-se mais, cahiram seus salseiros de bastante vento e pouca chuva, fuzilando muito para a prôa; os passaros grasnaram demasiado; mormente os brancos de azas e rabos pretos, assim como os alcatrazes, que eram immensos. Antes de anoitecer baldeou-se no mar, com as formalidades do estilo, o cadaver do moço José da Rosa. Nessa noite os rilheiros foram fortes e a agua cantava, as tinhosas ouviam-se a valer, a enxofria alumiava as gavias e os salseiros repetidos; presumindo por isso os praticos, não distarem muito da terra, em cuja proximidade se corre grande risco na conjuncção da lua de S. Francisco. Em consequencia, mostrava-se cuidadoso o commandante, vindo varias vezes examinar o estado da atmosféra; o que visto por Delgado e contramestre, foi attribuido a novo receio de influencias maleficas.

—Olhe lá se elle dorme? Não que leva a cruz, e bem percebe que está para haver novidade. Ó seu Bernardino, não repara no como a agua canta?

—Olé, já me soou a bulha desde o anoitecer; e os passarinhos do démo como piam!

Os aguaceiros foram-se tornando frequentes e por isso o commandante mandou ferrar joanetes. Ao amanhecer abonançou pouco, tornando a refrescar logo que subio o sol, fuzilando para a prôa. Ás nove horas rondou o vento para o noroeste, de lebrina, e trovões. Neste dia, quinta feira 25 de setembro, cahio-lhe huma forte trovoada pela volta das sete horas da manhã, que chamou a attenção dos officiaes e commandante, os quaes acudiram com quanta gente havia, porque desabou dura, e a náo achava-se meia compromettida, sem as gavias se poderem arriar; Silva subio á gavia grande, mette-lhe a navalha, perde-se a véla e salva-se o navio. Depois de levar o vento n'alheta e despedido o quarto de folga, alguns marinheiros e soldados voltando á coberta dão com o Manoel Caboco estirado junto da braçola da escotilha grande. Chamaram os cirurgiões, deitaram-lhe ventosas, que não sentio, morrendo ás nove horas.

—Olhem as tinhosas, o cantar da agua, a trovoada, as vigilias do commandante, querem-no mais claro?! Dizia o artilheiro; veja lá seu Bernardino, em?! Mal eu chegar a Gôa, se Deos o permittir, vou metter-me nos cathecumenos por expiação de meus peccados, pois receio que algum maleficio tambem me apanhe.

—O que ha de apanhar de certo, diz-lhe hum pouco affrontado o mestre João Pires, que ouvíra as suas praticas, e via que ellas desassocegavam a guarnição, hé alguma camada de sarna por entre os palmares de Taleigão, e alguma camoéca de fenin ou cajú nos garás das Fontainhas.

Este dito quando menos se esperava, proferido pelo ancião de bordo, com aquella gravidade do mestre João Pires, impoz silencio ao loquaz artilheiro, que temeo sensivel advertencia pelo espinhaço, se o commandante tivesse noticia da sua impertinente prégação. De tarde, segundo o costume, foi lançado ao mar o cadaver, não constando que ninguem fizesse commentarios, porque o mestre se enfadára e o palrador que se dava em espectaculo temeo as consequencias.

No dia 30 foi rodeada a náo de immensidade de rabos de junco, vendo-se ao mesmo tempo o mar coalhado de huma plantasinha pequena, branca, a que chamam tostões, por ser do mesmo tamanho, indicando estes a proximidade da terra. Assim foram indo, já com bonanças e trovoadas, já com melhor tempo, até 4 de outubro, em que viram duas manchuas a alcance da artilharia. Tocaram a póstos, fizeram-se varios tiros, e ellas virando e cingindo o vento desappareceram por entre a nevoa. A 5, viram muitos pardaes, andorinhas e hum milhafre, denotando estas aves de cima da terra não tardar ella a descobrir-se; mas chegou a noite sem esse alegrão, pelo que poseram de kapa desde as dez horas até ás cinco da manhã, havendo no entretanto huma tenebrosissima trovoada. Logo que amanheceo largaram mais panno, demandando a terra, cahindo-lhe sobre o navio huma chuva de borboletas e gafanhotos, bem como outros insectos e avesinhas. Tambem deram vista de muitas vélas que pare-

ciam patamarins e almadias. Finalmente ás seis horas gritam da prôa:

—Terra, terra.

Que parecia distar 7 a 8 leguas. Logo que aclarou de todo içaram bandeira, dando dois tiros de peça. Sondaram, achando fundo com quarenta e cinço braças. Ás dez horas repetiram os tiros, sondando de novo, diminuindo-lhe o fundo a quarenta braças, salão e areia. Ás onze horas e trinta minutos viram o fumo de dois tiros na Aguada, aos quaes responderam. Ao meio dia demoravam-lhe os ilheos Queimados, que mal se viam por vinte e cinco gráos nordeste. Ás quatro horas tornaram a sondar, achando fundo quinze braças. Ao pôr do sol deram dois tiros que foram correspondidos pela praça da Aguada. Ás seis horas ferraram tudo e deram fundo em quinze braças, fazendo as marcações de Mormugão, Cabo e Aguada. Ás nove horas atracou o patrão mór, aguentando-se a náo sobre hum ferro, apesar da trovoada pesadissima que lhe veio de cima da terra.

No dia 7 de outubro e quarenta de viagem, 1.º de lua, poseram de vergas d'alto ao amanhecer, conservando-se deste modo até ao meio dia, que lhe chegou a viração, com a qual foram aproando á Ponta do Alparqueiro, enfiando-a pela ilha do Secretario. Assim mareados navegaram rentes da terra até surgirem no ancoradouro de Mormugão ás cinco horas da tarde em cinco braças, demorando-lhe o páo da bandeira da fortaleza real ao sudoeste quarta de oeste, a ponta do Cabo norte quarta do noroeste, e a ponta da Aguada nor-noroeste, tudo da agulha. Deram a sua salva de nove tiros, que foi correspondida com outros tantos, e ali esperaram que passasse o quarto. Em fim, quando se contavam oito mezes de extraordinaria e celebrissima viagem de Lisboa, ás duas horas da tarde de 9 de outubro de 1782 largou ancora a náo *Conceição,* em frente da Aguada, fundo seis braças, amarrando-se com o ferro para o noroeste, e o ancorote para o sueste, demorando-lhe a ponta da Aguada ao nor-noroeste, o Cabo ao sueste quarta do sul, e a ponta de oeste da ilha mais de oeste de Mormugão por cinco

gráos sudoeste, tudo d'agulha. No mesmo ancoradouro se achava o navio *Macapá*, vindo na vespera de Bombaim, e o *Principe*, que déra fundo pouco antes da náo, vindo do Oceano.

Missas ouvidas, missas pedidas, tudo se arranjou de mistura com as passeatas a Ribandar, S. Pedro e Gôa, aos Pagodes de Marcéla, Fatorpá, Bandorá, Sirudá e a todos os outros AA. de fama! Povoaram-se os palmares de D. Lourenço, Maquinez e Hermenegildo; o profano substituio o divino; Bahé daqui, Bailadeira d'acolá, Mordangueiro no caminho, Gentio na feitoria, Tona prompta, pardáos a tenir, patacas a pesar, meias dobras a derreter; tudo era vida, commercio, alegria, interesse e riqueza.

O artilheiro porém não se recolheo aos cathecumenos, foi á feira dos Reis Magos, voltou ao palmar de Hermenegildo, olha para a porta de hum pequeno gará, clíega ali gentia de grande argola na venta, cabello escorregadio do azeite de côco, bom par de fulas no monete, a perna direita descoberta até á cocha, a esquerda pouco abaixo da curva, braço todo nû, meia duzia de manilhas nos pulsos, vinte guizos de prata e oiro nos artelhos, seu annel no dedo do pé, dois fios de grosso coral ao pescoço entremeados de peças de 6$400 réis, e os beiços côr de carmim pelo bétle que está mascando. O nosso José Rodrigues põe os olhos no céo, lembra-se dos cantares do santo rei David, e de Betzabet, dá hum passo para a frente, esbarra na arvore de pagode, cahe, fere o nariz; a moça gentia traz agua no tambió, lava-lhe a esfoladella, o pobre homem agradecido entra na choupana, esquece-se até á madrugada, vai para bordo macilento, dão-lhe guia para o hospital, e no fim de quatro semanas cobrem-no de terra em S. Pedro! Silva não foi á feira, partíra para Surrate com José Joaquim Ribeiro, tocou em Bombaim e Damão, vio Parses e Banianes, compra fazendas por conta do sr. João Pires, e de seu tio padre, que José Joaquim escolhe, volta a Gôa, dá sua saltada a Bandorá, vai com o tio a Margão, vê a villa illuminada á chegada dos reinoes, assiste á missa da festa, re-

gressa pelo seminario de Rachol, visita os conventos do Cabo, e Arecal, deixa a sua esmóla na veneranda e magnifica capella de S. Francisco Xavier no Bom Jesus, sobe á gigantesca torre dos Agostinhos, dá dois pardáos ao sineiro, recebe affagos dos collegiaes e padres mestres, entra na magestosa igreja de S. Francisco, faz oração na immensa Sé, corre as vastas salas do palacio dos vice-reis, foge do tremendo palacio do santo officio, *mija* na cabeça ao Gama, segue por Santo Thomás, não lhe escapa S. Pedro, Ribandar, Chorão, Piedade, Daugi, e Verem! Corre tudo, vê tudo, escreve tudo; assiduo, intelligente, curioso, não ha ninguem que não conheça, que não o convide, que não o louve ao tio, e o amigo! Contracta com Camotim, Subá, que hé rapaz como elle, observa as negociações em grande com Camotim velho, Balcustam, e Coraleiro, inicia-se na arte de conhecer as fazendas pelo cheiro, e tacto; e finalmente vê as peloticas, e ouve as profecias, as bagatas dos adivinhos, bagateiros!

Deste modo se passaram bons quatro mezes, até que chegou o 1.º de fevereiro.

—Vira ao cabrestante, põe o ferro a pique, larga gavias, iça, a Deos, boa viagem.

Lá vai a náo para Lisboa, deixando os navegantes saudades, e dinheiro, promettendo muito mais na seguinte monsão. Costa abaixo, soprou-lhe norte fresco, passaram a linha de escotas aventadas, botam para oeste, não foi má a corrida, porêm perto de Mauricia, o caso esteve perigoso; hum tufão levou-lhe as duas gavias, que felizmente se fizeram pedaços, aliás a náo soçobraria. Chegam ao Cabo, sueste duro e serração.

—Terra a sotavento da prôa!

Espreitam, vão navegando assim, espreitam de novo, a náo singrava 9 milhas, aclara mais, descobre-se bem toda a costa.

—Hé Cabo falso!!...

Estavam dentro da bahia, o sueste cresceo, o mar alevantou-se, a vaga era immensa! Não tem duvida, lá está o marinheirão Matheus e o instruido José Joaquim Ribeiro.

—Sóbe a cima, gente, mette as gavias nos segundos, talha ao láes.

Silva tirára a volta ás adrissas e subíra á verga, Bernardino fizera outro tanto á prôa; as gavias estão promptas a valer dentro de cinco minutos.

—Iça, amura a véla grande, sr. Pedro, sr. Paulo Dias, tomem conta no leme; caça bem. Sr. João Pires, mande tomar boças ás escotas de gavia e velacho; huma talha de contra amura; mande passar contrabraços, as amuras dos cutellos podem servir!

Tudo assim se fez, a náo adornou, metteo a alcacha e a artilharia debaixo d'agua; quasi que os mastaréos e mastros lhe cahiam pela borda fóra: não importa. Matheus ao catavento olhava para os páus, olhava para o navio, estes e aquelles por huma rajada mais dura podiam perder-se; mas arrisque-se tudo, nada de hesitações.

—Andar assim.

—Por sotavento, perto, muito perto estavam as pedras escalvadas, a onda batendo-lhe furiosa mugindo horrivelmente, e a morte de feissima catadura; por barlavento, a esperança de grandes lucros, a patria, a vida!!

—Larga a gata, caça, caça a mezena, aproveite o ló!

Toda a gente era olhos, nos mastaréos, mastros, vergas, cabos, e os rochedos nunca se retiravam da vista; a náo cavalgava por cima das vagas deixando huma esteira immensa.

—Lestra a virar; hé andar ligeiro quando estiver o vento na prôa, não se parta alguma verga.

—Sim, senhor.

Cada marinheiro era hum official, cada homem valia por dois, a attenção, a vontade, os esforços não se podiam exceder: viraram bem, seguiram a bordada, com esta amura, cortavam a terra de meio a meio.

—Lestra a virar!

Não vence ainda, mas a náo por mais huma hora estava livre, o caso era que os páos e cabos aguentassem, e o navio posto que com mar grosso não mentio, e virou admiravelmente. Vai-se á terceira bordada.

—Não grive, aproveite sem tocar, toda a gente para barlavento, andar assim; caça mais o traquete.

O momento critico avisinhava-se, as pedras estavam proximas, a náo parecia hum cavallo soberbo; quando dava a cabeçada a vaga molhava-lhe os papafigos, a anciedade não tinha limites, era quasi noite, por cinco minutos mais, morrer ou viver: as pedras mais salientes demoravam mesmo pela prôa.

—Caça mais a mezena, ála bem as bolinas.

Matheus, e todos chegam á borda, a pedra mais do sul, a que fórma o focinho do Cabo rastejou-se, a espuma della reflectio para dentro da náo, ninguem respira, o coração parece não palpitar, hum minuto foi terrivel, dizem todos:

—Vai montado!

O mestre tira o chapéo, Matheus, José Joaquim, os officiaes e marinheiros, fazem outro tanto, o capellão ajoelha, algumas lagrimas correm dos olhos da maior parte; o Cabo da Boa Esperança, dentro em cinco minutos vê-se pela alheta de estibordo! Parabens, parabens.

—Carrega a mezena, dá hum salto á escota grande, salto ás bolinas de ré, ála braços por barlavento, sobe a cima, bota fóra dos segundos, ála secco e gata, cheio mais, cheio, andar assim, larga os joanetes.

O vento fresco de oito quartas não se sentia, a náo deitava 10, 11 milhas, cutellos, e barredoira, tudo se deitou fóra, e assim foram correndo a costa até dobrarem o Sombreiro, surgindo no fim de duas semanas em Benguella.

A praia hé brava, a onda quebra ali sempre, não ha cáes, salta-se com difficuldade n'hum andor aos hombros de quatro negros; esta fortuna hé só para officiaes; a marinhagem deita-se ao mar encharcando-se. Tomaram trinta bois, que, a muito custo se metteram na lancha, a qual deo varias barcadas; esta faina hé a mais trabalhosa que imaginar se póde, a lancha está ao largo, os bois vem aládos por hum cabo á força pelo mar dentro, chegam á borda e guindam-se com difficuldade. Ninguem fica enxuto, e as molhadellas são pernicio-

sas. Hé serviço que ninguem paga, ou avalia, sendo aliás muitas vezes mortal.

No fim de onze dias, vira ao cabrestante, iça a bujarrona, larga, iça, caça gavias, toca cabos ao traquete; a lancha vai na poppa, e tres, quatro, cinco dias passados, lá se descobre o Morro das Lagostas. S. Paulo de Loanda vai no olho, jogam os prumos das mesas, vinte braças, dezoito braças, dezesete braças; dá-se resguardo á restinga da ilha de Loanda; quinze braças, quatorze, treze.

—Carrega papafigos, carrega brióes e estingues de gavias, arria, orça, e larga ancora.

Onze braças, areia, e lodo. Agua, e mais agua do Bengo, baldes, bombas, tudo trabalha, os toneis ficam cheios no fim de duas semanas, de agua lodosa e nogenta; porém que se torna excellente no decurso da viagem. A guarnição entra a adoecer, os que se molharam em Benguella tem febres malignas, adynamicas, typhos, morrem aos tres e quatro; os que apanham sol cahem convulsos, morrem dentro de oito a dez horas, e dentro de vinte dias, lá se dizimaram mais de cincoenta! Não ha remedio, hé fugir daqui, faz-se bom negocio; zuartes, sagú, chá, cêra em vélas, algodão branco, rotas, louça, pimenta, arroz, tudo se vende a peso de oiro; mas que importa, a gente vai morrendo, hé preciso não demorar, porque atráz dos ganhos vem as febres agudas, e cá fica tudo.

—Mette a amarra dentro.

—Nada de caixa, a náo traz carga, hé navio meio mercante; vamos, vira de longo, bate o pé; vira!

VOZ..... { A grande náo *Conceição*
Tem os seus mastros de pinho:

CHUSMA OU CÔRO { Ai lé, lé, lé,
Marinhinho baté o pé:

VOZ..... { O ladrão do dispenseiro
Furtou a ração do vinho.

CHUSMA OU CÔRO { Ai lé, lé, lé,
Marinheiro vira á ré.

VOZ..... { Antes de caçar as gavias
Poem-se o ferro sempre a pique

CÔRO..... { Ai lé, lé, lé.
Cada qual mostra o que hé.

VOZ..... { Para a náo ficar a nado
Abrem-se as portas do dique

CÔRO..... { Ai lé, lé, lé,
Chega tudo cá p'ra ré.

etc., etc.

E nestas, e n'outras cantigas de chusma se levam alguns minutos a metter a amarra dentro até que o contramestre apita, e diz:

—Está a pique.

O commandante manda içar a bujarrona, caçar e içar gavias, manda dois marinheiros para o leme.

—Chega para as barras, põe-lhe força, mette hombros, arranca, vá, outra, outra, vira, vira.

—A olho.

—Volta, ála braços.

E lá vai finalmente a náo *Conceição* com bom vento sudoeste em demanda da Ascenção, mas adoecendo-lhe cada vez mais gente, que, morre como tordos. Perto da linha, começam as calmas, e trovoadas, o tempo corre, a viagem prolonga-se, a lenha vai-se consumindo, a guarnição está cheia de escorbuto, a inchação dos pés hé terrivel symptoma, chega aos joelhos, peor, sobe á barriga, mar!

Ninguem escapa, já se não ála hum braço sem duas talhas

de rabicho; de cento cincoenta e nove praças que havia a bordo, mais de sessenta não existem, e as restantes estão em tal estado, que apenas trinta fazem serviço.

—Quem dera ver a terra, se isto se demora duas semanas, ficâmos no meio do mar!

Por misericordia de Deos veio huma corda de sudoeste, que atirou com a náo a Lisboa! Quando deo fundo em frente do Terreiro do Paço, não havia hum marinheiro capaz de subir á gavia! Foi mister que a gente da companhia e dos seus navios surtos, lhe fosse a bordo ferrar o panno!

A viagem foi de interesse para quem escapou, Matheus teve grandes lucros, pagou o valor do traquete á Senhora da Penha de França, e fez outras esmolas avultadas, pois ganhára rios de dinheiro; mas no meio desta abundancia e prosperidade lembram-lhe os perigos que corrêra e as pragas que lhe rogaram. Ha ditos, palavras, momentos na vida que parecem determinar o seu andamento; dalli não se arreda huma linha! Assim julgava Matheus das pragas, e dizia involuntariamente:

—Cahirão todas?

E arripiava-se. O sr. João Pires aposentou-se, Bernardino passou a mestre, Silva fez o seu exame e obteve carta de sota piloto, José Joaquim Ribeiro seguio os póstos, foi commandante da náo, e Matheus passou a commandar a fragata *Principe*, em que foi á China. Teve fortuna em tudo quanto dizia respeito á sua propria pessoa; honras, dinheiro, credito, nada lhe faltou, mas teve que sentir huma dor agudissima; seria effeito das pragas? Quem sabe! Seu filho Francisco, habil official de grandes esperanças, vendo-se que aos vinte e cinco annos se achava capitão tenente, teve a má sorte de embarcar na náo *Giganta*. Este navio tocou em Roses e abrio agua. Pedro de Mariz, apesar de todas as representações, mandou que regressasse a Lisboa daquelle modo, tocando ás quatro bombas. Francisco, o filho de Matheus, disse-lhe que ella não aguentava.

—O capitão tenente tem medo?

—Medo? Eu, medo? Sei que a náo hade ir a pique, mas vou nella para mostrar a v. ex.ª que mesmo conhecendo o perigo, não me recuso.

Com effeito á vista da Roca a náo *Giganta,* em 1794, foi a pique com perto de setecentos infelizes, incluindo-se o bello e bom Francisco de Campos! E as pragas cahiram e a geração de Matheus morreo afogada! Completar-se-ha a praga maldita? Quem sabe? Talvez sim, talvez não; mas ha ditos, ha palavras fataes; são huma especie de marco de barreira; chegando a ella, o fado cumpre-se!

Decorreram quarenta annos, pouca gente fallou nas pragas, quasi que esqueceram de todo! Chega o anno de 1822, organisa-se a esquadra da Bahia, seu commandante hé o ultimo filho de Matheus; ei-lo ahi regressa, hé mettido em processo e preso na torre de S. Julião da Barra! Será a praga? Ainda não, hade passar meio seculo, e a praga cahirá!! O exercito libertador desembarca nas praias do Mindello, o almirante Sartorius vem surgir com a esquadra da rainha na foz do Tejo, a curveta *Amelia* traz o pavilhão real. Lá sahe a náo *D. João VI* com o chefe João Felix, duas fragatas e dois brigues, lá se mette por entre elles ás dez horas da noite o bellicoso Sartorius, lá se descarrega toda a artilharia dos navios, mas sem fructo! Lá se encontram em Vigo, lá fazem o mesmo com igual resultado! Lá chega em fim o anno fatal de se arredondarem os numeros, lá se completa o meio seculo, e passado elle o resto daquella praga maldita parece tambem completar-se; o filho unico que restava do bom e bemquisto Matheus, hé separado do quadro effectivo da armada, e não faz parte da esquadra da rainha!!

FOLHETIM MARITIMO

XIII

O HOMEM DO MAR

A carreira maritima hé tão cheia de sustos e de incommodos, que ninguem a abraçaria se a conhecesse antes de a praticar: depois segue-se, já por se ter consumido muito tempo e cabedal nas habilitações, que a lei lhe marca, já por huma especie de attracção proveniente das fortes sensações que se experimentam á vista da terra, ao entrar n'huma barra, soffrendo-se hum golpe de vento inesperado, e na presença de huma grande tempestade, da qual se escapa por milagre ou encantamento. Estes quadros que o navegante repetidas vezes observa, mal se podem apreciar longe dos logares e do instante da acção, ainda que descriptos por pessoa entendida e amestrada; pois nem mesmo aquelle que se acha a bordo lhe dá valor, sem os presenciar da tolda ou do convés. O official de fazenda, o cirurgião, o capellão, o passageiro que vivem na coberta, e fogem para o camarote quando a saraiva retalha as mãos e o rosto de quem está de vigia acudindo á manobra, não faz idéa do que se passa lá por cima; não conhece o terror que produz a aproximação de serras e serras d'agua que párecem engulir a natureza inteira; não mede, não calcula, não sente o peso e a densidade de huma atmosféra que limita o horisonte ao extremo do páo da bujarrona, e se não encara sem aperto do coração: não vê o risco, e terrivel estado do navio, quando corrido em véla d'estáe, ou polaca e fugindo ao mar difficilmente, lhe salta o vento á prôa,

ficando sem governo por minutos, ameaçado por elle que assobia pela enxarcia e ruge com echos de trovão, pelo céo que se rasga em todos os sentidos despedindo chispas abrazadoras, e pela agua que lhe abre medonhas sepulturas; e mais que tudo, ignora o que hé descobrir a terra proxima, debaixo de huma travessia que não deixe reger panno, demorando-lhe as pedras por sotavento, e sem praia onde vá encalhar!... Esta situação indefinivel que ninguem ainda suportou sem lhe rangerem os dentes, não se póde avaliar ou comprehender por palavras, e da qual as circumstancias raras e espantosas, operam com tamanha vehemencia, e de tal modo sobre o espirito, que quem lhe pôde resistir, se julga superior aos de mais viventes, e fica com certo amor ao nobre exercicio que o elevou a cima dos que se empregam n'outras profissões. A vida do official combatente, do marinheiro, e do soldado de marinha, hé hum mester todo novo, e totalmente desconhecido para quem habita em terra; os costumes do homem do mar, são differentes, a sua existencia inquieta sempre, a sua vida errante e vagabunda, como que o fazem pertencer a povo diverso: e essas scenas magestosamente terriveis, bellas, ou agradaveis, grandes e novas que lá se passam longe do mundo (porque ali hé outro mundo) parecem dar-lhe huma organisação particular, transformando-o n'outro sujeito de indole e precisões exoticas, e animado por huma alma toda romantica, presa apenas ao corpo por hum fio que se quebra ao romper-se a ultima véla, ao arrebentar da amarra, ao partir-se huma verga, fendendo-se qualquer taboa, e ao perder o leme. O verdadeiro homem do mar, hé conhecido mal se avista, a sua physionomia, seu modo, seus gestos, suas attitudes, e tudo seu hé tão singular e caracteristico, que o fazem distinguir na sociedade; concluindo-se que, esta dessimilhança procede das variadas, fortes e rapidas commoções por que a sua alma tem passado. E daqui nasce tambem, que no numero d'elles se encontram as pessoas mais destemidas e audazes, e as mais acanhadas e humildes: as primeiras, porque tendo visto a morte quasi inevitavel, lhe escaparam vencendo todos

os perigos por hum rasgo de opportuna intrepidez e desprezo da vida, as segundas pelo receio de que n'hum caso extremo, toda a sciencia das escolas e da pratica adquirida, lhes não baste para acudir áquillo, que só hum golpe de vista perspicaz, ajudado de huma inspiração feliz e afoitamente executada, póde remediar. Imagine-se pouco mais ou menos o que virão a ser na idade provecta, dois mancebos com tendencias e predisposições differentes, de valor e pusillanimidade, com todas as potencias da alma e do corpo postas em acção, pelo facto acontecido a bordo da curveta *Eliza*, que vou referir, e ver-se-ha que, impressionados por elle de huma maneira indelevel, ao primeiro encontro, denunciarão o caracter, e o modo de vida.

Ao anoitecer do dia 19 de janeiro de 1838, achando-se este navio surto na Madeira, entrou a ventar fresco de oés-sudoeste, o horisonte começou a cobrir-se, e o mar a levantar-se, com fortes indicios de tormenta. O commandante João Teixeira Barbosa Leite mandou metter barras ao cabrestante para suspender, mas por muita força que lhe posessem não conseguiram arrancar o ferro.

—Deixem ficar por hora, diz elle, veremos se aguenta o navio; está tão agarrado que nada o abala, e se isto fôr a mais, larga-se por mão. Mestre Manoel, arrie a amarra a ficar pelo chicote: sr. Bressane, quando a curveta portar por ella, torne a botar o prumo, e veja se garra.

Desceo, e tudo se fez como elle determinára, aguentando-se a curveta bem; mas ao tocarem oito ampulhetas, quando vinha tomar entregue do quarto o tenente Eloi, n'huma arfadéla do navio, e maior força do vento, arrancou-se o ferro, ou partio-se-lhe a unha, começando logo a garrar. Como toda a amarra estava fóra, ou se havia gastar muito tempo em a metter dentro e suspender, cahindo-se no entretanto para a terra; ou se havia largar por mão, e mariar promptamente em quanto dava bordada. Era o mais acertado, visto não ter occorrido ao principio, ou não se adoptar sem hesitações, larga-lo sobre boia, para o vir tomar em tempo conveniente.

O commandante subio acima, conheceo que hum instante de perda lhe seria fatal, mandou largar panno, desmanilhar a corrente, e caçar as tres gavias nos segundos, traquete, véla d'estáe, rebeca, e mezena a caminho do sul, abandonando o ferro que já estava no peiráo. Tendo montado a Deserta, rizou nos terceiros, metteo a gata dentro, ferrou a véla grande, mandou botar ao convés as vergas de joanetes, e acachapar mastaréos. O tempo foi-se tornando medonho, a vaga muito alta e cruzada, o céo escurissimo, e a atmosféra densa, e cheia de electricidade, cujas descargas continuas atroavam os ouvidos. Debaixo do aguaceiro, a curveta adornava a pontos de mergulhar as bôcas das peças que faziam côrso na agua, e a onda de barlavento galgava-lhe ao portaló; mas como era excellente navio, não o affrontava o mar recebido pela alheta. Assim passaram a noite guinando, ora a bombordo, ora a estibordo até pela manhã em que o calafate deo parte de haver mais agua na bomba, e ter a curveta com a força do jogar, aberto o trincaniz.

—Como não hé pelo fundo, diz o commandante, deixe abrir; esgote o porão todos os quartos, e se não bastar, toquem redondo á bomba.

Por não ouvir resposta desceo, e o official do quarto, tomando o logar que elle desoccupára, mandou ao guardião que armasse a bomba, e fosse tocando até o calafate dizer basta.

Deste modo e crescendo mais a borrasca se passou até ao meio dia de 23 em que se achavam por trinta e cinco gráos; e como com aquelle panno e prôa se iam entranhando no sul, mandou o commandante dar hum salto ás gavias, e pôr no outro bordo. Esta manobra de virar em róda levando boa corrida, faz-se sem difficuldade, e por isso não obstante a grandeza e cavado dos mares, mudaram de amura em menos de dois minutos. Das quatro ás seis, tornou acima, olhou para o horisonte do qual nada se enchergava, encostou-se á trincheira, desceo do degráo e disse ao official:

—Ferre o traquete, mande correr os encerados, e pregar as escotilhas: toda a gente para cima.

Eloi gritou:

—Cabo do quarto, retem para cima; ronda, chame o mestre.

—Aqui estou, sr. tenente.

—Bem, vamos a pôr o traquete em cima que hade ferrar.

—Prompto.

—Ronda, chamar o calafate.

—Não hé preciso, sr. tenente, vinha dar-lhe parte, de que a agua vai a mais, e quero gente para tocar redondo á bomba.

—O guardião que lha dê; mas primeiro pregue os encerados nas escotilhas.

—Sim, senhor.

Eloi deo a voz:

—Péga nas obras do traquete; sr. guarda marinha, olhe que ferra.

Prayce chamou a gente do castello, e o mestre apitou de novo, fazendo-se ouvir:

—Chega cá para mim, péga nos estingues e brióes, olhem não dê alguma sapatada que se vá pelos ares; muita gente aos cabos de sotavento; estão na mão?

—Está tudo na mão.

—Carrega de longo.

Apitou a carregar, e pôs-se o traquete em cima.

—Apitou a subir.

—Abafa, e ferra; gageiro, recorre a verga, e cogia que não fiquem captivas as escotas do velacho. Aguenta no balanço não vá algum ao charco; téza ali as tróças; cabo de marinheiros, safa rascada.

O mestre era quem de ordinario gritava mais, não só porque lho permittia o habito de mandar, servindo com officiaes novos e de pouca experiencia, como por que a sua actividade, e occasião urgente, isso mesmo demandavam. O commandante por não desconsiderar estes e aquelle, poucas vezes apparecia na tolda, não mandava quasi nunca, e neste momento o seu silencio foi mal interpretado. Tocaram oito, e

elle que se conservára encostado ao pé de carneiro do tombadilho vendo na agulha as prôas, disse ao official que entrava de quarto.

—Mande metter o velacho dentro, arrie a véla d'estáe, e içe a polaca.

Bressane apenas deo a voz:

—Velacho dentro.

Logo o mestre que tambem se não arredára do cabrestante, acode accrescentando:

—Chega tudo para a prôa, péga nas obras do velacho.

—E apitou para a gente daquella gavia, que devia ser a primeira a sahir, dizendo-lhe:

—Olha o velacho que vai arriar e metter dentro.

—Sim, senhor.

—Péga nas adrissas, e estingues; por ora, não larga as escotas; ála o braço de barlavento; arria, e carrega pelos estingues; arria.

—Apitou a arriar, largaram as adrissas, alaram o braço por bombordo, e carregaram.

Diz o gageiro:

—Está por os amantilhos

—Volta ás adrissas, téza o braço de encontro ao outro, chega para o briol, e sergideira de barlavento, ajuda o estingue, e carrega a tudo.

—Apitou, e carregou-se a barlavento; passaram a estibordo, fizeram outro tanto.

—Volta, téza a talha da verga, téza bem; volta, sobe acima, ferra.

Apitou a subir, a gente era boa, não hesitou apesar da escuridão da noite, que mettia medo, e a véla ficou debaixo da gacheta em menos de cinco minutos.

—Vamos á véla d'estae, péga lá na carregadeira, aguenta a escota; está na mão?

—Está na mão.

Carrega de longo.

Carregaram, e elle continuou:

—Caça a polaca, muita gente á escota, caça bem, volta a tudo; quarto de prôa não arreda pé do castello, os outros segue para a tolda.

O mar cada vez se desdobrava com mais força, a enxofria do escarcéo alumiava o arvoredo, o vento assoprava de huma maneira horrivel, os aguaceiros eram pesadissimos e continuados, a chuva cahia a cantaros, o horisonte como carvão e os relampagos e raios faziam estremecer o peito mais animoso. A curveta, coitadinha, que até ali com o seu panno á prôa recebêra a onda pela alheta e galgava por cima das vagas soberbamente, estacou tendo só a gavia larga e as vélas rasteiras; com a kapa assim conduzia-se mal, e parecia desfazer-se; quando cahia a sotavento ficava com a trincheira debaixo da agua, e ao adrissar-se, o vagalhão que a pilhava por ante a ré da amura, chocando-a impetuosissimamente, embarcava a seu salvo, alagando-a de poppa á prôa. Ás nove horas já o caso era dos mais apertados, a curveta ficava atravessada ao mar que a cobria pelo través, sendo indispensavel ou desfazer a kapa e correr, ou ferrar a gavia, que era operação menos arriscada, posto que de pessimas consequencias para o navio; mas o caso não dava logar a muitas reflexões, e foram dize-lo ao commandante. A bordo não havia hum fio enxuto, na coberta respirava-se a custo por causa da evaporação dos fatos molhados e do calor que exhalavam duzentos presos recebidos na Madeira, os quaes mal sustinham a vida por mingua de oxigenio; o balanço era tal, que tudo se tinha desatracado, e ninguem se aguentava em pé; e a curveta naquellas circumstancias, não tardaria a desfazer-se. O commandante, que descêra para mudar de roupa, demorava-se, e a falta da sua presença excitou receios e desconfianças a ponto de varios marinheiros soltarem palavras de censura. Bressane mandou avisar outro camarada que tambem não appareceo logo, passando-se nesta anciedade obra de vinte minutos, até que o primeiro voltou com a sua impassibilidade ordinaria. Logo que chegou á tolda disse:

—Metta a gavia dentro.

Alguns marinheiros correram aos cabos e outros á enxarcia; o mestre apitou. Bressane deo as vozes competentes sem perda de palavras, pois todos acudiram á manobra com zêlo e desejo de melhorarem de situação: aquella não podia ser mais triste. Acabada a faina, que era de muito risco para quem subíra á verga, não só por causa do grande balanço e da escuridão horrivel, como pela intensidade do frio, e da chuva que enregelava os dedos, mandou que braceassem as vergas, cordeando-as com o vento, e tornou a descer. Bressane applicou a gente aos braços, tezou as troças e talhas das vergas e amarrou-se á trincheira para vigiar o horisonte e advertir o homem do leme, a fim de o carregar ou alliviar segundo o exigissem a força e direcção da vaga.

Esta kapa de mezena, polaca e rebeca era a peor de todas, por falta de panno superior que subjugasse a embarcação e lhe aguentasse a sacudidéla para barlavento; e dez minutos depois della se experimentar, ninguem suppunha poder resistir muitas horas. Nessa occasião as bombas mal bastavam para esgotar o navio que se desconjuntava, e a coberta, assimilhava-se a huma cachoeira, onde grossas torrentes cahiam. Nestes termos a guarnição que via a curveta morta e á mercê da vaga, entrou a desanimar, julgando até que a ausencia do commandante procedia de susto. Fallaram descomedidamente e alto, de modo que o official ouvio dizer:

—O commandante não apparece! Estamos aqui todos e elle no beliche? Hé gado sem pastor entregue aos rafeiros!

Esta insubordinaçãó, além de reprehensivel, era de huma impertinencia insultante, pela allusão aos officiaes pouco experimentados, e por isso Eloi, que se conservava ao pé de Bressane, pesando aquelle imminente perigo, foi ao camarote de Pessoa contar-lhe o succedido. Este que entrava de quarto á meia noite, não fôra acima até ali, mas bem sabia o estado das cousas. Comtudo respondeo-lhe:

—Então que havemos de fazer? O navio está de kapa, não ha manobras, o commandante escusa estar na tolda, e eu entro de quarto á meia noite: não te importe essa corja de sen-

deiros, e deixa-me ferrar huma baderna antes da molhadéla que me espera.

—Pois tu podes ter somno estando a pontos de ir a pique?

—Nunca hade chegar a tanto, mas se fizer essa viagem, quererei não acordar: adeos, dá-lhe saudades.

E virou-se para a amurada. O outro voltou para o convés mais morto que vivo, pois avaliava a grandeza dos perigos que todos elles corriam, os quaes diminuiriam de metade, se o commandante quizesse dar-lhe a poppa.

Pessoa não descansava, nem outro qualquer naquellas circumstancias dormiria; respondeo assim, para evitar reflexões importunas, e entregar-se todo á contemplação do seu estado, que era realmente assustador. Quando Eloi subio a escada da meia laranja, cuidaram os marinheiros que seria o commandante, e cobraram animo, porém não lhe ouvindo a voz, e reconhecendo o seu engano murmuraram alto.

—Isto vai para o fundo sem remissão e por asneira; se quizessem desfazer a kapa, e correr em velacho, havia esperança de salvamento, assim hé morte certa.

O mestre calou-se, e Bressane, e Eloi não se atreveram a dizer nada; estes dois officiaes eram instruidos, e bem educados, mas não tinham sufficiente desembaraço para fallarem á guarnição e impor-lhe silencio. Tambem nos termos em que se achavam, só hum homem que tivesse podido inspirar-lhe muita confiança seria obedecido, pois na verdade quando se espera a morte por instantes, desapparecem os vinculos e deveres sociaes. Eloi não se conteve que não tornasse ao camarote de Pessoa, referindo-lhe o que acabava de ouvir, e instando com elle para que fosse ver se o commandante desfazia a kapa, receando além do mal physico, alguma insurreição. Pessoa decidio-se, e foi tentar fortuna, entrou na camara e vio o commandante deitado, mas sem dormir.

—Boa noite commandante.

—Boa noite.

—Está griso, e eu venho para aqui esfriar hum bocado, antes de subir, se me dá licença.

—Esteja onde quizer.

—Obrigado. O navio atira comsigo horrivelmente, e aquella pangaiada lá por cima está com medo.

—Pois que o percam, não sabem que estamos de kapa? Hé aguentar até que o vento mude.

—Hé dahi que nasce o susto, receiam que o navio abra de todo, ou que algum mar o engula.

—Esses receios provém da pouca pratica, se tivessem apanhado as trabuzanas que me passaram por cima do espinhaço, haviam de estar menos inquietos.

—Hé por isso que conviria anima-los, pois dizem que a curveta vai a pique se não der a poppa ao mar.

—Dizem huma parvoice, elles sabem se ha espaço para correr? Por ventura estou aqui divertindo-me ou o caso hé de gosto? E abarbados com a terra hé que lhe havemos pôr os focinhos?

Neste momento, sente-se hum grande rugido, o commandante salta do beliche como homem experimentado, e ia a embocar para a meia laranja, quando através do burburinho e gritaria da coberta distinguiram a voz do guarda marinha Prayce que dizia:

—Leva rumor, hé o biscoito que correo á amurada.

—Chega cá para mim.

O commandante disse ao tenente Pessoa:

—Vá ver se torna a pôr aquelle peso a meia náo, e arranje isso de modo que nos não cause maior embaraço; lá tem gente bastante, e faça trabalhar os presos para sua utilidade.

Subio, e Pessoa voou onde suppunha ser necessario, mas ás apalpadélas, porque as luzes se apagaram por falta de combustão atmosferica.

—Luzes, venham luzes.

Os creados da camara trouxeram lanternas que assopravam, e viram que com effeito huns duzentos quintaes de bolacha recebidos para os presos e que se conservavam na coberta por não caberem nos paioes, com a força do balanço tinham corrido á amurada, e faziam pender mais a curveta

para sotavento. Ninguem ficou ocioso, o amor da vida instigou ao trabalho o menos agil e robusto: quéda d'huma banda; empurrão da outra, cabos daqui, hombros d'acolá, pôde a muito custo estivar-se a sacaria de bombordo a estibordo, com melhor arrumação, porém peor para a circulação do ar; attendeo-se ao mais urgente, e o peso equilibrou-se. Quando Pessoa se achava mais empenhado em acudir a hum e outro ponto, diz-lhe o commissario:

—O cirurgião vai-se, está a expirar.

—Boa viagem.

—Ála aqui, ála ali, não teve tempo de lhe perguntar os motivos, tocaram oito antes da faina concluida, e passou-lhe o aviso, da memoria. Subio, e o commandante que estava ao catavento perguntou-lhe se ficára tudo arrumado.

—Alguma cousa falta, mas hé bagatella; o sr. Bressane que sabe, póde assistir ao resto que nada influe.

—Bem, o sr. Bressane que acabe de arrumar, e dê parte quando estiver a cousa concluida.

—Sim, senhor.

E desceo, conservando-se o commandante sempre no degráo. Passadas duas horas de completa mudez, ouvindo-se o pavoroso mugir das vagas, e o sibilar do vento que parecia huma descarga de artilharia, acompanhado isto do sinistro compasso das picotas nas bombas para esgotar o navio, esperando cada qual a morte por momentos, sabendo-se que ella seria inevitavel desatracando-se huma peça, desarvorando d'hum mastro, ou partindo-se o leme; diz o tenente Pessoa.

—Está duro!

O commandante não respondeo, huma onda veio que fez adornar a curveta a pontos de assentar o escaler e a trincheira de sotavento toda na agua. Nestas occasiões de muito perigo, hé que o homem do mar affecta maior serenidade, e por isso o commandante que o era, disse apenas para o timoneiro.

—Allivia o leme, e cuidado na róda.

Pessoa tambem, que já se tinha visto n'outros apuros, mostrou presença de espirito, e accrescentou:

—Hé que só amarrado, ou seguro a alguma cousa a gente se aguenta; está o diabo! Mas hé de esperar que durando isto ha mais de doze horas, não continue até pela manhã; ao nascer do sol deve abonançar; quanto a mim, dava-lhe a alheta antes das despêdidas, onde sempre desabam os maiores aguaceiros.

—E se continuar depois do sol fóra?

—Torna-se a pôr de kapa, faz-se então o que agora estamos fazendo.

—Nesse caso, o que fariamos então, faz-se já.

—Mas no entretanto não se cansa o navio, que mesmo de ferro que fosse, não era capaz de resistir assim até pela manhã.

Toda a guarnição escutava o dialogo cheia de angustia havendo alguns, e até officiaes que não sustinham as lagrimas; a questão de vida ou morte ia decidir-se, quando outro mar immenso atira com a curveta a bombordo, e embarca por toda a parte cobrindo até as culatras das peças do sotavento. Gritaram cinco ou seis.

—Abre a bateria.

—Contro, contro, diz o commandante.

Mas nem o navio arribava, nem o menor movimento se podia fazer naquella posição, estando as cobertas a prumo.

—Contro, carrega a rebeca.

Nada, ou tinham ido de rojo á amurada envolvidos nos cabos, ou se conservavam agarrados ás malaguetas e cabrestante; outro mar vem após o primeiro que, pilhando a curveta já adornada, morta, e sem governo a cobrio toda, pegando n'hum grupo de marinheiros e no tenente Pessoa que os levou de encontro á enxarcia da mezena, e fez arrebentar a funda, e as talhas da poppa do escaler de estibordo.

—Misericordia! Gritam huns.

—Lá vai o tenente! Dizem outros, fugindo a maior parte para debaixo do tombadilho.

—Não vai, cá estou, abre a bateria, salta aqui alguns comigo, córta as talhas ao escaler.

—Misericordia.

—Não gritem canalha, diz o commandante, salta ali com as machadinhas; contro sempre.

Nesta confusão e perigo inaudito, o guarda marinha Vianna com o valente calafate, e tres marinheiros da prôa, sobem á enxarcia e ajudam o tenente a cortar o estropo do escaler que se fez em estilhas de encontro ao costado. Prayce tambem chegou á escota da rebeca, tirou-lhe a volta, e vai ás carregadeiras.

—Aqui, aqui gente; carrega a rebeca.

Mas a curveta não se adrissava, e ia submergir-se; meio minuto mais, e adeos *Eliza* e quatrocentos homens para sempre! Ouvio-se a voz forte do commandante que não desamparava o seu posto (se morresse, morreria ao catavento).

—Onde está a prôa?!... Era o vento que, por milagre, sim por milagre tinha alargado quatro quartas saltando ao sudoeste, e impellia o panno por estibordo! Com este nunca esperado golpe de fortuna, a curveta adrissou-se, e Pessoa, Vianna, e Prayce carregaram a rebeca sem difficuldade sahindo então o mar por todas as vinte e quatro portas da bateria que appareceo aberta.

—Onde está a prôa?

—Repetio o commandante.

—Sudoeste.

—Andar assim, passa a escota da polaca para estibordo; sr. Pessoa, braceie pelo redondo, e vá levando o vento n'alheta. Onde está esta gente?

—Debaixo do tombadilho!

—Que fazem ahi, canalha?! Amontoados debaixo da casaca de páo hé que haviam de salvar-se? Sahe tudo para meio navio; tenho pena de não lhes ver as caras, gallegada; tudo, já, tudo: marinheiro do leme, governa bem, sr. Pessoa deite a barca.

—Cinco milhas.

—Bota mais de sete.

O tempo era o mesmo a vaga igualmente grande e cruzada, as refregas da mesma força, mas o navio parecia outro pilhando tudo isto ao correr do cabello; precisava porém mais panno para fugir ao mar que arrebentando-lhe na alheta e mesas da mezena, desdobrava pelo convés até á prôa. Das quatro ás seis tornou a saitar a oes-noroeste, e com elle foram seguindo sempre nesta terrivel situação. Chegou a manhã e o commandante mandou arriar a carangueija da mezena, o que alegrou a marinhagem, parecendo-lhe por aquillo que não poriam outra vez de kapa. O tenente Costa subio á enxarcia para cortar a adrissa, e como lhe pareceo que alguns marinheiros não alavam os guardins com toda a força, atirou com a machadinha ao monte, e ferio hum. Ás dez horas, que o commandante reconheceo o immenso perigo de levar pouco seguimento, podendo alguma vaga arrebentar com todo o seu peso dentro no convés, e submergir a embarcação, mandou largar o velacho. N'hum caso apertado, qualquer voz que tenda a fazer mudar as cousas, ouve-se e executa-se com alvoroço; a idéa de fugir, fez correr todos á prôa, que subiram, largaram, e caçaram o velacho por instincto, e sem advertencias; com elle, deitava a curveta 8 a 9 milhas, e a vaga não a podia alcançar; perguntou o commandante quem tinha aberto a bateria, e que era feito dos oculos? Ninguem lhe soube responder, e então se desenganaram, de que a agua com o seu proprio peso os levára, quando o vento da outra amura salvára a curveta fazendo-a adrissar. Costa chegou-se ao commandante, e lembrou-lhe a artilharia pela borda fóra; aquelle não respondeo a similhante impertinencia, mas Pessoa não se conteve, exclamando:

—Bello! Então quando hum navio de guerra pilha qualquer tempo, deita ao mar a sua artilharia e fica sem defeza! Esta noite mesmo não era isso necessario, quanto mais agora; a tormenta continua, porém a sua maior força já passou.

Não era exacto, parecia ter diminuido, pelo modo por que

a curveta se achava. Quando a onda se apanha do portaló para ré n'hum navio como a *Eliza*, conservando-se os páos e o leme no seu logar, e havendo bom governo, pouco ha que temer; hé acudir-lhe a proposito e não se perturbar, que o potente inimigo irá ficando pela aiheta; recebendo-se porém a vaga pela bochecha ou través, e escaceando ou saltando o vento á prôa, o caso muda de figura, pois tendo o panno sobre, e a embarcação sem governo, talvez toda a habilidade e valor do mais destemido marinheiro, não sejam sufficientes para evitar morte.

Todavia coragem, que acudindo com rapidez aos braços, largando-se a véla d'estáe ou polaca, e picando-se o mastro da mezena sem hesitação hade arribar e sahir do perigo? Hé por isso que, em certas occasiões se precisa toda a guarnição em cima para acudir á manobra, e toda a seus póstos, como em combate; machadinhas na mão, machados promptos, navalhas abertas; este ferra-lhe os dentes, e agarrado de pés e mãos á enxarcia, golpêa a tralha e o panno da mezena, rebeca ou traquete para alliviar o barco; aquelle corta os colhedores e os carpinteiros e calafates escavacam o madeiro que se vê ir com fragor horrendo pela borda fóra. Assim desaffrontado o navio acorda, endireita os dois mastros restantes e fende a vaga, obedecendo á voz do valente official que, ainda espavorido, se ensoberbece de ter alcançado o maior triumpho que ha na natureza, e que só quem o chegou a ver póde avaliar. A *Eliza* indubitavelmente iria a pique não lhe fazendo isto, ou se a misericordia divina lhe não acudisse com aquelle salto de vento. No primeiro caso, e procedendo acertadamente, deveria ter arribado, mas se isso acontecesse, tambem correria igual perigo tendo mudado de amura: a arte e a sciencia do mar não foram instantaneamente applicadas, mas se o fossem, ninguem poderia dizer qual seria a sua sorte, saltando-lhe como lhe saltou o vento á prôa; em fim escapou! Leite desceo á camara e tornou a subir, com outro fato, e chegando-se á bitacula para ver que prôa faziam, rebenta em cima do tombadilho tamanho golpe de mar, que o

encharcou da cabeça aos pés, levando hum grupo de marinheiros de rojo para além do cabrestante.

—Águenta o leme, diabo.

—Está na mão.

—Está o diabo, não vês o mar.

—Não, senhor, por que fica para a ré.

—Nem o sentes quando elle se aproxima?

—Sinto, sim, senhor, e eu acudi-lhe a tempo, veio desencontrado, não foi culpa minha.

—Foi tua, foi; vai governando á meia partida, hum pouco mais por bombordo: su-sudoeste, e recebe a vaga mais por barlavento d'alheta.

—Sim, senhor.

—Vê lá o que dizes, que se me tornas a molhar parto-te a cabeça: vossês não estão em si.

Depois dos animos hum pouco socegados vieram dar parte que morrêra o cirurgião.

—Morreo o cirurgião! Elle não estava doente.

—Não, senhor.

—Quando morreo, agora?

—Não, senhor, pouco mais ou menos ás duas horas da noite.

—Então morreo de susto!

—Sim, senhor, acudio o commissario, v. s.ª diz isso por graça, e foi assim mesmo.

—Ahi ha mais e menos, então como sabem que foi de susto?

—Quando correo o biscoito á amurada e a curveta se conservou adornada, julgando todos na coberta que iamos a pique, pedio elle ao enfermeiro o frasco n.º 7 e pô-lo á bôca, deitando-se no beliche. Pouco depois perguntei-lhe o que era aquillo que bebêra: não me respondeo; sacudi-o, puxei por elle, e tambem me não disse nada, peguei em huma lanterna e vi que espumava até pelo nariz. Nesse tempo desceo o sr. tenente Pessoa, eu quiz-lhe contar o acontecido, e ainda cheguei a dizer-lhe duas palavras, mas elle não me attendeo,

correndo a pegar n'huma sacca, e eu imitei-o para ajudar os presos que pediam misericordia. Depois da faina concluida voltei ao camarote do doente e já o achei morto. Inquiri o enfermeiro, e elle disse-me que lhe parecia aquelle frasco o do opio. Como todos esperavamos ir para o fundo, invejei-lhe a morte, e peguei no vidro para dormir tambem, emborqueio suppondo beber tudo d'hum trago, mas não correo nem pinga, por se ter entornado; agora digo que elle fez huma asneira, e que o melhor nestes casos hé sempre ser dos ultimos. Tenho muita pena de que o susto e desespero o levassem a envenenar-se, porque nunca achei melhor companheiro a todos os respeitos, de saber e de conducta: não havia a bordo ninguem que não fosse seu amigo.

—Hé verdade, mas porque me não deo logo parte, talvez que botando-lhe azeite pela bôca abaixo o salvassemos.

—V. s.ª não faz idéa do que ia lá por baixo, as luzes não se conservavam accesas, a coberta andava a nado, bahus e caixas corriam de bombordo a estibordo, aleijando quem se lhe punha diante, e cada qual não se largava do que tinha á mão, para ter as costellas, braços e pernas inteiras; alem de que a demora da viagem não era grande se aquillo continúa; ir adiante e sem dores, ou ir atraz suffocado, tudo era morrer de que não estivemos longe:

—Pobre Carvalho!

—Mas então morreo por effeito do susto e não de susto como diz.

Huma cousa e outra; quando cá em cima deram aquelle grito de Senhor Deos misericordia, e vimos as cobertas a prumo, tambem cuidei de perder os sentidos ou mesmo os perdi, que me larguei donde estava; mas huma bordoada que levei de encontro á antepára do camarote a modo que me fez acordar e pensar na vida.

—E deo ao diabo os cinco por cento?

—Vinte que fossem, e todo o dinheiro do mundo lhe daria por me ver no Cáes de Sodré.

—Mas o caso hade mudar de figura em lá se achando; ao

ajuste de contas, e vendo o termo da avaria sempre dirá: gramei huma esfrega de levar coiro e cabello, mas deixou-me hum par de moedas na algibeira. Por fim de contas hé quem lucra de pilharmos a broziguiada.

—Talvez que a assim venha a acontecer, mas o que digo a v. s.ª hé que ainda não estou muito certo da cabeça, pelo tombo que levei, e por ora vejo isto ainda com muito má cara.

—Socegue que tudo lhe hade sahir pelo melhor.

—Não duvido, se v. s.ª não poser outra vez de kapa: em quanto vejo que vamos fugindo ao mar tenho esperanças, mas se em vez delle vir dalli, nos apanha pela prôa, não só os cinco por cento se vão pela agua abaixo, senão ainda o pobre commissario vai para as profundas do inferno, por ter adoptado similhante modo de vida.

—Melhor o hade fazer Deos, não vê como a curveta fende a vaga e foge ao mar?

—Foge, sim senhor, mas para eu não partir as costellas nesse convés hé preciso não me largar d'onde estou seguro, que faria se lhe tornassemos a pôr a prôa!

—Descance que não muda agora de bordada, e dentro em tres dias avistará o Cabo de Espichel.

—Não basta, hé preciso deixar o Bugio pela poppa.

—Pois far-lhe-hemos a vontade, já que tem tanto susto.

—Que eu o tenha e que estremeça diante da morte, não admira, que sou hum fracalhão e não me propuz a pelejar; mas que chorem aquelles que são combatentes e pegam na espada em vez da penna, que hé a minha arma, isso hé peior. Por tanto se v. s.ª diz que vai a Lisboa por meu respeito, eu digo que hé por causa do susto dos outros.

—Dos outros não sei nada, que nenhum ainda me fallou no medo de não deixar o Bugio pela alheta, nem me consta que chorassem com medo.

—Mas eu que lhe vi as lagrimas e as tremuras agarrando-se pelas amuradas, hé que sei os motivos.

—Lá se avenha com os poltrões; mas sempre duvido que

huma farda de botão d'ancora se ache salpicada de outra cousa que não seja sangue ou agua salgada.

—V. s.ª julga-se por si, e faz bem: mas se o caso das duas horas acontecesse de dia, talvez mudasse de opinião.

—O commissario illudio-se por falta de conhecimentos especiaes; não sabe que o sal marinho fórma prismas cubicos e as lagrimas tambem prismas triangulares? Vio nas faces de alguem os cubos do sal marinho e julgou serem os restos das lagrimas; agora mesmo se apalpar os olhos de todos, hade achar-lhes o que digo, da espuma que salta dentro do navio.

—Agora sim, senhor, mas de noite, quando pela coberta e cá pelo convés gritavam «misericordia», que eu tambem gritei, não havia cubios nem primas.

—Quaes primas?

—Essas que v. s.ª diz.

—Eu fallei nos prismas e cubos, a figura de hum dado...

—Bem sei, peor que jogado aos dados ando eu, e que muitos choraram tambem o posso jurar.

—Pois jure, mas quanto a mim affirmo-lhe que só pelo não ver assustado hé que ponho a prôa á barra e largo o cruzeiro.

—Pois seja assim, o que me dá cuidado hé não ter ainda o ferro no fundo, depois haja o que houver.

Depois diz Pessoa:

—Armazem dos mantimentos nos valha com algumas pennadas do brazileiro Lima, que hé bem bom escrivão.

—O que será a Deos pertence, no entretanto posso já profetisar que, dos taes que pediram misericordia, hade haver muitos que vão vomitar postas de pescada, mandando artiguinhos para o *Nacional*, galrando talha ao láis, e fazendo chacota do que me ouvem; mas que se livrem do troco que lhes posso dar.

—Agora, agora, continuou Pessoa, não toque em vento, hé dar-lhe caça com algum vidro de opio, que livra de todos os medos, chôros e cassoadas: ande em cheio e não se guarde lá para o Cáes do Sodré.

—Aguente-se no balanço, commissario, que a rajada sahio-lhe dura, diz o commandante.

—Não se aguentou elle quando foi de encontro á enxarcia; outros perdem-se com as rascadas, e a rascada foi quem o salvou; mas não fallo com elle, já que me não attendeo quando lhe fallei na coberta.

—Emfim, tornou o commandante, o commissario que tem a seu cargo as provisões de bôca, tambem vai fazendo provisão de lingua pára tempo de borrasca a pé enxuto, e então, guarda debaixo; mas nós temos outras cousas que ainda nos dão cuidado: sr. Pessoa, desça á coberta e veja sempre os termos em que vai o negocio do cirurgião.

Pessoa desceo logo, fez todas as averiguações, e soube pelo enfermeiro e creados da praça d'armas, ser exacto quanto acabava de relatar o commissario, não havendo discrepancia nos ditos das testemunhas oculares; e sendo mais que verdade o suicidio do bom José Joaquim de Carvalho, o qual, não querendo morrer afogado, como todos esperavam, se resolveo a escolher outra morte menos afflictiva. Trataram de lhe fazer o funeral com toda a solemnidade, e lá foi lançado ao mar com bastante sentimento dos camaradas, que lhe conheciam o prestimo, intelligencia e boa indole. No entretanto a curveta acossada pelo sudoeste, que continuava rijo, e pela vaga que se lhe desdobrava na alheta, ia correndo em velacho nos terceiros a caminho de Lisboa.

Imagine-se porém qual seria o desespero que levou aquella boa alma de Carvalho a tomar similhante resolução, e qual seria o susto e terror de toda a gente de bordo da *Eliza*, quando hum homem instruido, que viajára pela India e conhecia por experiencia os estragos dos tufões da China, não teve animo de encarar a sua situação? A maior parte della endureceo-se com este perigo e mais trabalhos da viagem, para continuar a sua laboriosa e arriscada carreira, desprezando a morte debaixo de qualquer fórma que se lhe apresente; outra ficou abatida e fraca, receiando tudo que a cérca, estremecendo ao menor arruido ou golpe inesperado, não existindo nenhum

estimulo capaz de a fazer reagir contra a mais leve coacção, e não sustendo as lagrimas no meio da primeira contrariedade. Aqui, na minoria, que hé a excepção da regra geral, temos aquelles que renegam a vida, que se esquivam ao seu nobre e perigoso exercicio, fugindo de embarcar, e obtendo por patronato e pretextos frivolos commissões que os ponham ao abrigo dos aguaceiros, e dos amargores que por lá se passam. Alem, na maioria, que tambem hé a maioria dos marinheiros, temos o typo do valor, da intrepidez, o desembaraço, a galhardia, a firmeza de caracter, a sensibilidade da alma, disposta sempre a seguir as acções grandes e maravilhosas, o desinteresse e mais que tudo o amor da patria, da qual andam afastados, almejando sempre pela ver. E eis-aqui definido o verdadeiro HOMEM DO MAR.

FOLHETIM MARITIMO

A FRAGATA TRITÃO

XIV

O Cabo de S. Vicente hé hum ponto notavel da costa de Portugal que, desde a infancia da monarchia se tornou famoso, já por causa do martyr de quem conserva o nome, já por ser o logar onde o sabio infante D. Henrique construio o primeiro observatorio astronomico que houve neste reino; e depois disso, por se terem dado nas suas aguas, importantes batalhas, que decidiram da sorte de milhões de individuos. A primeira, que servio de confirmar a doutrina, de que huma força inferior, sendo ajudada de sciencia e pratica, leva vantagem ao poder numerico menos exercitado, foi ganha por lord Jervis, que obteve por este bello triunfo o titulo de conde de S. Vicente; a ultima, em que immensas forças de hum tyranno ameaçavam de morte poucos soldados da liberdade, foi ganha por Carlos Napier que, igualmente alcançou a corôa do mesmo titulo, por tão illustre feito. Grandes exemplos, de que a filosofia não devêra esquecer-se para achar a solução de muitos problemas economico-politicos, e que analysáramos se esse fosse o nosso objecto; mas disso não curaremos, restringindo-nos só a commemorar hum facto transcendente, que por incuria ou desleixo até hoje ficou esquecido. Não trataremos pois da segunda destas batalhas, cuja relação foi escripta e as manobras estampadas pelos vencedores, fallâmos da primeira que, posto figurassem nella para a historia apenas só navios hespanhoes e inglezes, foi a unica

causa deste successo estrondoso, e teve nelle grande quinhão de gloria hum vaso da marinha de guerra portugueza, no qual nunca nos papeis da época se boquejou.

No dia 5 de fevereiro de 1797 sahio do Téjo a fragata *Tritão* com os brigues *Falcão* e *Diligente* para cruzarem sobre a costa do Algarve, aonde se lhe deviam reunir a fragata *Tethys* e outras embarcações, com ulterior destino. Quando avistaram Lagos, cahio-lhes a travessia tão dura, que foram constrangidos a buscar abrigo a oeste do Cabo de S. Vicente. O vento rondou para oés-sudoeste fortissimo, e a ponto tal, que a esquadra ingleza commandada por lord Jervis não pôde sustentar o bloquio de Cadiz, e buscou igualmente abrigo nas mesmas aguas, a 3 e 4 milhas da terra, aonde por varias vezes se encontrou e fallou com a fragata. Assim foram pairando, até que no dia 11, tendo diminuido alguma cousa o vento, se fez a esquadra ao largo, deixando porém a fragata *Amphitrite* á vista da *Tritão*. A 13, pela volta das sete horas da tarde, fallou esta a hum mercante sueco, que lhe deo noticia de ter sido registrado por huma armada franceza e hespanhola que, em distancia de 20 milhas pouco mais ou menos ao sudoeste, navegava com pouca véla ao rumo de oeste. Logo que o commandante isto ouvio, fez signal aos brigues (*Falcão,* commandado por José Maria d'Almeida, e *Diligente*, por João Felix Pereira de Campos) de passarem á falla, e ordenou-lhes que procurassem a esquadra ingleza em differentes direcções para avisarem o almirante; dirigio-se á fragata *Amphitrite* que lhe demorava pelo través, mais aterrada, informando-a do que ouvíra e fizera, e caçando os papafigos e joanetes botou ao rumo indicado para reconhecer o inimigo. Hé de advertir que, não obstante haver ainda paz com Hespanha, se reputavam inimigos os navios de huma esquadra combinada, que se compunha na sua maioria de vasos francezes com quem Portugal se achava em guerra.

O vento era ponteiro, e o mar grosso bastante, pelo que a fragata mal podia com aquelle panno, bordejando debaixo de muito risco, mas com tamanha fortuna e acerto que, das onze

para a meia noite deo vista de vinte e oito a trinta vélas, das quaes vinte e cinco lhe pareceram náos, que navegavam em desordem, com pouco panno, e ao rumo de oeste, como lhe dissera o mercante sueco. A *Tritão* aproximou-se afoitamente por ser navio de bom pé e muito fino, e tambem por ver que, não navegando a armada debaixo de formatura alguma, poderiam equivocar-se tomando-a por navio da mesma nação; o que aconteceo, pois lhe não fallaram ou deram caça. Depois de bem senhora do numero e circumstancias do inimigo, botou a oeste forcejando mais de véla, em procura da esquadra ingleza. Ás duas horas da manhã encontrou-a de kapa, indo logo o commandante a bordo do navio general, onde todo o occorrido se ignorava, pois não só os brigues, se não até a *Amphitrite* não tinham apparecido. Immediatamente o almirante fez signal de metter em linha de batalha, e navegar á bolina com amura a estibordo, vindo deste modo a fazer prôa de éste, a es-nordeste. A fragata *Tritão*, como navio mais ligeiro, e querendo o posto mais arriscado, offereceo-se para servir de batedor, e por isso foi navegando na frénte, seguindo-se-lhe pelo través de estibordo huma curveta ingleza, distante obra de 2 milhas do grosso da esquadra, que se compunha de dezoito náos, em cujo numero entrava a *Victoria*, de tres baterias, tres fragatas, a curveta mencionada, e huma balandra. O vento abonançou, e o horisonte cobrio-se de neblina tão densa, que os navios batedores perderam de vista os da retaguarda, encurtando por isso a distancia a que se achavam. Deste modo foram seguindo pouco, até que, pelas nove horas do dia 14 se dissipou a nevoa, e descobriram a força inimiga dividida em dois grandes grupos, sendo o maior delles, que se compunha de dezoito náos, quatro fragatas e hum brigue ou brulote, o que demorava por sotavento, na distancia de 7 a 8 milhas, em calma, e sem formatura; e o de barlavento, pelo través dos navios descobridores, a pouco mais de alcance, composto de sete náos em linha com amura a bombordo, na frente das quaes navegava desarvorada do mastaréo de velacho, a maior de todas ellas, de quatro baterias

que depois se soube ser a *Santissima Trindade*, navio general. Conhecidos bem os objectos, e contadas as trinta vélas da armada inimiga, içou o almirante inglez a sua insignia e bandeira que firmou com bala fazendo outro tanto a esquadra toda; sendo immediatamente imitada pelos inimigos que içaram huma mesma bandeira, reconhecendo-se por isto, que não eram de duas nações como até ali se julgava, mas sim hespanhoes.

A esquadra ingleza que nesta occasião navegava larga do vento, amurada como acima se disse a estibordo, orçou quanto elle lhe dava, e procurou as sete náos que, em vez de arribarem, e fazerem a sua juncção com a maior força, carregaram papafigos, arriaram gavias, e romperam o fogo. O commandante da *Tritão* que esperava bater-se com francezes, e mouros, e com todos que os apoiassem, vendo que apenas tremulavam nos contendores só bandeiras hespanholas e inglezas, foi arribando; e logo que se achou por sotavento da linha atacante, mandou o segundo escaler com hum guarda marinha a bordo da náo *Victoria* dizer que não tomava parte na acção; e foi atravessar a pouca distancia á espera do escaler, onde tambem não tardaram a fazer o mesmo as fragatas e curveta inglezas, que se lhe reuniram. As náos destes, foram seguindo com toda a força de véla como se nada mais houvesse a fazer, até que o navio inimigo cauda de columna, lhe ficou pela alheta a menos de meio alcance, e virando então por davante a divisão da vanguarda que commandava Nelson, e em róda, a da retaguarda commandada pelo almirante, metteram entre dois fogos os navios hespanhoes, que, aos primeiros tiros dados quasi á queima roupa soffreram tanta avaria, que a *S. Nicoláo* ficou em mastros reaes. As duas divisões inglezas com todo o seu panno, e manobrando á vontade, conservaram a melhor ordem segundo as circumstancias particulares de cada navio, que eram maltratados a valer, porque os hespanhoes não obstante acharem-se envolvidos e fulminados por ambos os bordos, não afrouxavam o seu mortifero fogo que ia dizimando e espedaçando os inglezes de

huma maneira horrivel. A divisão de sotavento, mal que lhe chegou a araje metteo em ordem de batalha, e forcejou por soccorrer os navios compromettidos sem nunca o poder conseguir, pois lhe escaceou o vento duas quartas no bordo que mais lhe servia, perdendo tempo e distancia em pôr outra vez na primeira amura.

Das sete náos hespanholas, huma apenas podia manobrar, porque as outras estavam desarvoradas; mas esta sahindo da formatura, dirigio-se ao grupo das fragatas que faziam hum fogo de flanco terrivel sobre toda a linha, lhes fez abandonar a posição apesar do estrago que estas lhe causaram no apparelho, poppa, e obras mortas. Foi nesse momento que a *Tritão* recebeo duas bandas successivas, que lhe partiram a verga de gavia, a verga e mastaréo de joanete de prôa, e fizeram mais avarias no panno, trincheira, cabos, e borda. A muito custo pôde receber o escaler que regressava de bordo do almirante, aonde o nosso guarda marinha, e marinheiros se conservaram por largo espaço, presenceando, e correndo o risco do calor da acção; e não diminuindo elle nada no seu transito, quer por causa do mar que era ainda muito grosso, como por causa da nuvem de estilhaços e balas que o cobriam. O vento tornou-se de recalmões, a vaga sempre alta, e por isso os navios atacados faltos de apparelho e manobras, e á sombra dos inglezes foram-se aproximando e abalroando huns contra outros, sem nenhum arriar bandeira: os hespanhoes não tendo já adrissas para ellas, pregaram-nas com estopares nos taróucos dos mastros restantes, ao pé dos quaes heroicamente iam morrendo. Proseguio a acção, e continuou a carnagem por muitas horas, até que os inglezes á força de arma branca se fizeram senhores dos totalmente desamparados, como da *Santo Isidro*, na qual o fogo começava a atear-se no convés juncado com perto de trezentos mortos, arreando então os farrapos das bandeiras, que ainda tremulavam. A esta náo seguio-se a *S. José*, de cento e vinte, sobre a qual o almirante da *Victoria* tinha lançado hum grande golpe de gente, e mal sustentava o fogo por falta

de munições. Após destas succedeo outro tanto á *Senhora da Piedade,* que não tinha hum só páo a prumo, mais do que a vara que sustentava a bandeira tão denodadamente defendida. A *Salvador do Mundo* que era de tres baterias, tendo desarvorado de todos os mastaréos, foi abordada pela náo *Vanguarda* que commandava Nelson, e rendida á força de arma branca, e á *Santo Innocencio* aconteceo-lhe igual desastre. A *Vanguarda* em consequencia desta lucta desarvorou tambem, ficando entre as duas náos hespanholas, que, á matroca e sem governo, impellidas pela vaga, se chocavam em risco de todas tres se desfazerem. Vendo isto o commandante da *Tritão,* fiado nos seus escaleres, e na muita ligeireza da fragata que era finissimo navio, procura a prôa da *Vanguarda,* e consegue dar-lhe reboque, e safa-la da rascada, não obstante o muito fogo dos combatentes, por entre os quaes passou com huma decisão e audacia de espantar.

O tempo tinha aclarado, rondando o vento para éste, descobrindo-se toda a costa, e demorando o Cabo de S. Vicente ao noroeste em distancia de 8 a 9 milhas. Ás seis horas terminou a acção, ficando prisioneiras quatro náos *Salvador do Mundo,* e *S. José* ambas de cento e vinte, as *S. Nicoláo* e *Santo Isidro* de setenta e quatro; mas a *Santo Ildefonso,* bem que raza, pôde escapar-se com outra que seguio o seu exemplo; protegidas por aquella que primeiro atacára as fragatas, e rebocadas pelas suas embarcações miudas; achando-se então já proxima a força de sotavento que não deixaria por minutos duvidosa a sorte dos combatentes. Os inglezes, nada tinham que esperar, e dando-se por felizes do que haviam conseguido, foram rebocando os seus navios e as quatro náos apresadas, menos a *Santo Innocencio* que não guarneceram, para a bahia de Lagos, cosendo-se com a terra, e largando ferro mesmo debaixo das baterias da fortaleza da Ponta d'Areia. Os hespanhoes destacaram duas náos e huma fragata para rebocarem as tres restantes, que foram conduzindo para Cadiz, e as dezesete conservaram-se a cousa de 2 até 4 milhas da costa, cercando toda á bahia, onde os inglezes tinham

surgido, amarrando-se de poppa e prôa, com regeiras a fim de lhes darem costado. O vento saltou de novo ao sudoeste fresco bastante, pelo que os hespanhoes se amararam, e estes largaram as regeiras; e para o fundo todos os ferros, pois era tal a sua proximidade da terra, que lhes não permittia arriar huma braça de amarra. A fragata *Tritão* já reunida aos brigues conservou-se perto da costa, entre Lagos e o Cabo de S. Vicente, onde não obstante as suas avarias observava os movimentos das forças belligerantes que, neste caloroso e encarniçado combate, perderam para cima de mil mortos e o dobro de feridos. O mar ficou coalhado de cadaveres, de estilhaços, de antenas, de capoeiras, de gallinhas, porcos, carneiros, e tudo o mais que se encontra a bordo; sendo este expectaculo horroroso mais medonho em terra no seguinte dia, pois huma só casa não houve na cidade que não recebesse muitos feridos, ou moribundos chegando o numero dos hespanhoes a quasi oitocentos!

No dia 18 se avistaram a oeste sete navios de alto bordo, que o commandante da *Tritão* julgou francezes que vinham reunir-se á esquadra hespanhola, e por isso botou para éste sendo logo caçado por duas fragatas; mas estas chegando pelo través do navio general atravessaram, tendo aquella, occasião de lhe ganhar grande distancia. As sete vélas eram tres náos e quatro grandes galeões que se esperavam da America carregados de prata, e preciosidades, os quaes haviam sido objecto dos dois armamentos inglezes e hespanhoes; aquelles, para capturarem tanta riqueza, estes para a protegerem e comboiarem. Logo que se incorporaram á força maior, composta então de vinte e duas náos, quatro galeões e duas fragatas dividiram-se em tres esquadras, e chegaram-se mesmo á babuge da terra, como que ameaçando os inglezes, que deveram a sua salvação á immunidade das costas e bandeira de huma potencia alliada, que a generosa cortezania de seus valentes inimigos capitaneados por D. Francisco Cordova, quiz bisarramente respeitar.

Eis o facto descarnado e verdadeiro, provando-se por tudo

quanto fica dito, que a perda das quatro náos hespanholas foi devida ao acaso de huma calma que durou cinco a seis horas, a huma densa neblina que produzio a separação da armada, e ao pouco exercicio das guarnições dos navios de que ella se compunha sahidos do porto na vespera, os quaes fossem quaes fossem as circumstancias, conservariam a formatura passado algum tempo de pratica; e então seria mais que provavel a perda dos inglezes que, batendo-se dezoito náos contra sete, lhes foi mister empregarem toda a sua coragem acompanhada de muita destreza e discernimento, para no fim de quasi hum dia de fortissima peleja, apresarem das mesmas sete, apenas quatro. E tambem se demonstra que este successo teve logar, em consequencia da afouteza com que hum navio de guerra portuguez procurou e se introduzio no meio de huma armada que julgou inimiga, avaliando o seu estado de desordem; e ao acerto com que navegou em busca dos alliados a quem prevenio e encaminhou ao logar da acção, onde soffreo duas bandas da náo que atacou o grupo das fragatas, arriscando-se a passar por entre o fogo dos combatentes para salvar a náo *Vanguarda,* e talvez as outras duas de irem todas a pique.

Por tanto sem offender a verdade historica, e pondo de parte qualquer hyperbole em favor do objecto que se commemora e louva, póde affirmar-se em honra da nação portugueza que, a causa unica da batalha do Cabo de S. Vicente dada no dia 14 de fevereiro de 1797, onde se desenvolveo tão heroica tenacidade na defeza das sete náos hespanholas, tanta pericia e audacia no ataque das dezoito inglezas, que por mero acaso não foram batidas por toda a armada composta de vinte e cinco, foi (participando em tudo da gloria de huns e outros) a nossa finissima e bella fragata *Tritão.*

FOLHETIM MARITIMO

HUM FORO DE FIDALGO

XV

Nesta nossa terra de Portugal parece que a arma da marinha não hé parte constitutiva da força militar que a defende, e que o seu serviço apenas consiste em conduzir generos, petrechos ou passageiros para as colonias, como os simplices almocreves, sem direito áquellas considerações e nobres recompensas que o tributo de sangue vertido pela patria exige, tornando recommendaveis todos que se propõem ao seu arriscado pagamento. Como as proezas e sacrificios dos marinheiros de guerra não têm por espectadores mais que a propria marinha, e são passados n'hum theatro geralmente ignorado da maioria dos cidadãos, poucos destes comprehendem ou avaliam o alcance das suas diversas relações physicas e politicas. Hé innegavel que os golpes de vento n'hum navio de véla, as tempestades sobre huma costa, todos os perigos do alto mar, os combates navaes e as conquistas da marinha são factos só conhecidos na sociedade terrena por informações tardias e apaixonadas, pró ou contra, sem esta fazer idéa verdadeira do que elles sejam, não tendo nos objectos que a cercam hum termo comparativo que lhos grave na memoria; e por isso o publico olha os mesmos factos, ou revestidos de circumstancias inverosimeis e muito acima da realidade, ou inferiores a tudo que está diante das suas vistas; e daqui vem que, neste ultimo caso, depressa os esquece ou despreza; e naquelle em que ha sempre hum certo vago e quasi idealidade

os olha á maneira de romances, cujas scenas mais ou menos bellas e bem imaginadas, deixam agradaveis reminiscencias, sem merecerem inteira fé.

Eis a razão por que ácerca da marinha se discorre, de ordinario, extravagante e injustamente, decidindo-se da sua conveniencia, do seu modo de estar e dos seus serviços, que rarissimos só presencearam, com hum arbitrio e insensatez, dignos de riso ou de odio; julgando-se os menos competentes na materia, por huma fatalidade indefinivel, habilitados a conhecer do merito dos mesmos serviços e da aptidão dos officiaes que os praticaram. Eis a razão por que a sorte da marinha, tem sido por via de regra, confiada a pessoas estranhas que mal sabem o seu verdadeiro prestimo, que não lhe tem respeito nem amor, que não lhe podem emendar os defeitos ou contribuir para a sua prosperidade, e que só a deprimem e buscam anichilar, mesmo possuidas das melhores intenções. Contra este máo fado que de longe vem, entretido por egoismo e ignorancia que tolhem á marinha portugueza vindicar os fóros que lhe pertencem conforme o seu logar na escala dos corpos combatentes, e votados a esta arma em todos os paizes como a primeira das forças publicas, fôra preciso que os componentes della sensiveis e insensiveis preenchessem por actos repetidos e esplendidos, e pelo seu valor intrinseco, o objecto da sua applicação; os primeiros, contendo huma tal somma de dotes intellectuaes, de estudo e de sciencia que não soffressem rivalidades, sem que o contacto de gente obscura, inerte e intruza lhe rebaixasse a categoria; os segundos, sendo tão excellentes e primorosos que satisfizessem as exigencias do decoro deste reino como nação independente, e nunca tambem enfraquecidos, inutilisados e corruptos pela mistura ou substituição de materias heterogeneas, falsificadas e quasi a desfazer-se. Com estas indispensaveis condições não teria a mesma marinha chegado ao ponto de ser regida por pessoas incompativeis e hospedes em todos os ramos do especialissimo serviço que ella abrange, e Portugal conservaria muitos meios de riqueza nas suas

longiquas provincias da Africa e da Azia, as quaes apesar de ferteis e productivas nenhum interesse dão como se fossem, da maior esterilidade. Porém como este estado de cousas resulta de certas luctas politicas, e de precedencias de classes, em que a força do maior numero e os preconceitos que á sua sombra preponderam e chegam a estabelecer-se, substituem a logica, esmagam a minoria e fazem vingar os interesses mais disparatados; a unica esperança que resta á menos forte hé appellar para o futuro, e que hum dia obterá justiça quando a santidade da sua causa fôr manifesta. Debaixo deste ponto de vista, os martyres do bom senso, expõem-se ás provas e flagicios que o orgulho dos oppressores lhe excogita para os distrahir do seu heroico proposito ou anichilar, lembrando-se que assim procede quem devéras crê n'hum bom principio e o segue rectamente, o qual sustentado deste modo, ainda que por poucas pessoas e até por hum só homem, chega a triunfar de innumeraveis contendores, que hé o fim a que aspiram os apostolos da civilisação.

Eis o caso em que se acham os verdadeiros officiaes da marinha de guerra que, vendo o seu depreciamento e abandono, procuram defender-lhe o credito e demonstrar que, mesmo envolta nesse véo que lhes offusca o brilho e jazendo, nessa nullidade a que a condenaram amigos e inimigos, tem feito serviços ennobrecidos por taes actos de valor que, se fossem mais notorios, ninguem lhe negára a primazia nas fileiras militares. Ora nós que nos julgâmos honrados por lhe pertencer e que temos nutrido o nosso fanatismo por ella com a sciencia destes serviços e de muitas particularidades que os tornam gloriosos para a patria, exemplificados na sua historia escripta ou tradicional, entendemos que não se deve entibiar nesta idolatria, deixando de fazer patentes quantos ha interessantes, esbatendo-lhe as côres accidentaes ou caracteristicas da sua existencia. Com este proposito narraremos hoje hum facto que lhe augmentou o lustre nos mares da India, antes que a áspera mão do tempo apague de todo os tenues vestigios que delle deixou a communicação official que a seu res-

peito remetteo o vice-rei conde da Ega em 15 de janeiro de 1764. Diz o officio: «As superiores forças dos inimigos com seis palas e treze galvetas armadas e esquipadas de proposito áquelle fim, teriam dado que fazer a qualquer official que não fosse tão desembarassado como o sobredito. Este serviço que elle fez não hé de pouco merecimento; e por esta causa depois de lho agradecer, lhe conferi hum dos fóros de fidalgo que Sua Magestade me permitte dar aos que fizerem alguma acção assignalada; e como esta quanto a mim o foi; rogo a v. exª a queira pôr na presença de Sua Magestade para que o mesmo Senhor, parecendo-lhe justo, se sirva de confirmar áquelle benemerito official a referida mercê; para que esta distincta honra sirva de emulação aos mais.»

Antes porém de o relatar extensamente, hé necessario saber-se que os marathas, que são os inimigos a que o vice-rei se refere, constituem huma das castas mais bellicosas da India, inquieta e vivendo de roubos, sempre prompta a batalhar pró ou contra o mesmo soberano ou potencia quando a paga os satisfaça, pois tomam o serviço de qualquer que a isso os convide e lhes dê bom soldo. Desde o principio do nosso estabelecimento naquelle paiz, foram os que mais nos incommodaram, invadindo as provincias de Salcete e de Bardez, e demorando-se de posse de todo o territorio, menos das ilhas de Goa e peninsula de Mormugão: são bons soldados, tanto na terra como no mar, e dispunham de innumeraveis forças que arrostavam o immenso poder do grão mogol, tomando-lhe importantes praças e apresando-lhe os seus navios; e hoje mesmo depois de abatidos pela prepondorancia dos inglezes no Indostão (começada a firmar-se pela derrota do celebre Tipú, com a qual lord Wellington se habilitou a triunfar em Waterloo) ainda conservam a sua bandeira encarnada em muitas fortalezas da costa, dependentes de formidaveis e innacessiveis posições no interior. Assim, faziam elles aos europeos, e aos portuguezes particularmente, terriveis depredações, sobre tudo nos navios de commercio e nos barcos de pesca ou de cabotagem que eram abordados e conduzidos aos seus

portos e angras, pela chusma de pallas, galvetas, manchuas, e mais embarcações armadas que infestavam aquellas paragens desde Ceilão a Surrate, Sino Persico e até Sués. Para os reprimir, e proteger o mesmo commercio, sahiam todos os annos de Goa duas armadas, do norte e do sul, e varios navios de guerra escoteiros que cruzavam nos pontos mais perigosos e comboiavam os barcos mercantes, havendo entre elles e os corsarios marathas muitos encontros e acções renhidissimas. Hé pois de huma destas que trata o conde da Ega no seu officio ao ministro da marinha Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que ali ouvimos contar passados cincoenta e nove annos, quando eramos praça da charrua *Magnanimo* que levou á India a constituição de 1822, revestida de episodios creados talvez por huma imaginação fantastica, mas com certo caracter de verdade e dentro das raias do possivel que todos os coevos acreditavam; e por isso a referimos sem escrupulisar das inexactidões que transmittimos, nem duvidarmos das circumstancias que a tornaram estrondosa e nos fizeram grata sensação, avivada pelo escripto que acima extractámos e só nos chegou á mão depois de impresso o primeiro volume do *Bosquejo das possessões portuguezas* no Oriente.

Constando aos marathas que a náo de viagem de Goa [1], que neste anno de 1763 era a fragata *Nossa Senhora da Caridade e S. Vicente Ferreira,* havia de sahir muito empachada, pois já tinha carga até nas mesas, e portanto levando o convés e bateria captivos, bem como os dois navios do seu comboio para Moçambique, aparelharem com todo o segredo no porto de Culabo, pertencente ao Angriá de Agrien, seis pallas grandes de vinte a vinte e quatro peças, e treze galvetas para a esperarem, e depois de batida e desmantelada pela sua artilharia,

[1] Qualquer navio de tres mastros fazia as suas vezes, como ainda hoje acontece, e succedeo no tempo que el-rei as expedio do Brasil, donde fizeram este serviço as charruas *Luconia, Princeza Real,* e *Magnanimo;* como em 1823 que esta mesma charrua daqui foi nessa qualidade: em 1824, a fragata *Principe D. Pedro:* em 1825 o *Maia e Cardoso:* em 1837 a fragata *D. Pedro Duque de Bragança,* etc.

darem-lhe abordagem, e passarem-lhe á espada a guarnição e as dos dois navios que comboiava. Com este damnado intento, e julgando certa a victoria por atacarem com cento e trinta e duas bôcas de fogo e novecentos e trinta homens das pallas, e noventa e huma daquellas com setecentos e oitenta destes nas galvetas, perfazendo huma força de dezenove navios, duzentas e vinte e tres peças de artilharia e mil setecentos setenta combatentes, huma fragata de quarenta e quatro, tripulada por duzentos e quarenta homens e sessenta passageiros, e dois navios mercantes que ambos tinham apenas vinte peças e oitenta homens, ao todo trezentas e oitenta praças e sessenta bôcas de fogo das quaes poucas jogavam; foram pôr-se a bordejar com a terra alagada, em posição conveniente de darem de improviso nos navios que suppunham desapercebidos, antes que estes se acautelassem, e desempachassem, o que aconteceria ao fim da primeira semana de viagem.

Com effeito o calculo era fundado em factos anteriores, e o projecto da surpreza daria o necessario resultado, se o commandante da fragata *Caridade* não fosse o habil e valente capitão de mar e guerra Manoel Caetano Gomes da Silva que, desconfiando das insidias dos inimigos, e das más circumstancias do seu navio, não buscasse prevenir humas, e melhorar as outras, de maneira que podesse tirar partido dellas em occasião opportuna. Para o conseguir, deixou safas duas peças da bôca, duas de ré, duas da amura: coseo á enxarcia huma boa rede de abordagem, e pôs os volumes das mesas e da tolda em termos de serem alijados ao mar n'hum repente quando o caso urgisse. Tudo assim disposto, tambem com segredo para não advertir os gentios que se entendiam ou podiam entender com os inimigos; largou da barra da Aguada com o terral da manhã do dia da Purificação de Nossa Senhora a 2 de janeiro de 1763, confiando na Santissima Virgem, em Deos, e no seu esforçado animo, que levaria a *náo de viagem* que commandava a porto e salvamento, apesar de quantos marathas, e outros èmulos e adversarios do nome portuguez encontrasse pela prôa.

Não obstante os tres navios irem com o cintado debaixo d'agua, e serem de difficil manobra pela immensa carga que levavam, lá se mexiam menos mal, porque a viração lhes soprou larga, e o tempo era bonançoso e excellente, como acontece de verão naquella costa, onde se navega em barcos até acrescentados com bordas de esteiras. Portanto, nem os seus marinheiros receiavam muito os inimigos; quer pelos aprestos que fizeram, dos quaes esperavam aproveitar-se com vantagem, quer por não haver vaga, nem ventanias que lhes tolhessem a mareação; porém quando no fim de vinte e quatro horas de marcha com a terra a perder de vista, foi o gageiro dando parte de: *huma véla por estibordo da próa, duas, cinco, dez, dezeseis, dezenove embarcações a barlavento!* Que os esperavam e deitaram em cheio para elles, reconheceram que, só hum grande milagre, e huma grande sciencia ajudada de singularissimo valor os poderia salvar de tão extraordinarias forças. Naquelle tempo, nunca os portuguezes, por poucos que fossem, viravam as costas ao inimigo, nem lhe mostravam as femeas do leme, ainda que essa simulada fuga lhes aproveitasse como movimento estrategico, para não lhe dar nem por instantes idéa de temor ou fraqueza; mas desta vez o perito official de marinha achou que a cousa era necessaria ao seu plano de defeza, e arribou deitando fóra sobres, cutellos, e barredeiras, fazendo signaes aos navios de igual força de véla.

Os marathas que desconfiaram não fosse aquella retirada para, no entretanto, alijarem a carga ao mar e safarem a bateria, forcejaram tambem com todo o panno, e como davam a caça leves a aquelles carregados, dentro em pouco tempo, chegaram de escotas largas e empavezados com grande vozeria quasi a tiro de pistola á fragata, que cercaram, antes que a bordo della se consummasse aquelle seu supposto intento; mas o commandante Manoel Caetano Gomes da Silva, que não transgredíra o uso antigo de nunca arribar sem que essa quebra de pundonor lhe desse maior honra, tinha tudo sobre fios, e a gente ás obras de maneira que ao primeiro aceno di-

minuio das vélas miudas, guinou no momento critico a bombordo e estibordo, e fez-lhe hum fogo vivissimo com as doze peças disponiveis carregadas de metralha e lanterneta ao arvoredo e panno das pallas proximas que o tinham todo largo, com tanto acerto e sem ser esperado, que lho rompeo quasi todo e deixou com pouco governo por causa das manobra cortadas; e com a gente das gavias, fez-lhe huma horrivel mortandade nas guarnições. Então vendo que os inimigos tinham ficado meio surprendidos, carregou tambem joanetes á espera dos que estavam distantes, os quaes apesar do golpe dado nos companhéiros, vieram á carga contando com a presa, sem se lhes dar dos dois navios de comboio, que esses tinham elles seguros se tomassem, ou pelo menos posessem a fragata fóra de combate. Com effeito, como eram seis, além das galvetas, ainda que hum pouco enfraquecidas pela inopinada manobra e fogo que soffreram e continuavam a soffrer, quizeram ataca-la e leva-la de abordagem; procuraram duas pallas das maiores as alhetas da fragata, que sempre navegára á poppa como fugindo, em quanto outras duas se prolongaram costado com costado por bombordo e estibordo della, fazendo-lhe fogo; poseram-lhe aquellas duas os seus páos de bujarrona sobre os alforges e na enxarcia da mezena cheios de gente, conseguindo lançar-lhe huns trinta homens no tombadilho; e duas galvetas, chegaram-se-lhe á poppa, e lançaram-lhe dos mastros e das vergas á grinalda outros trinta, com hum alarido e gritos infernaes.

Para este perigosissimo e provocado ataque, tinha o intrepido e habil commandante disposto a sua audaz guarnição, explicando-lhe a tempo como, quando elle chegasse, todos o deviam receber; e quasi que, sem dar huma voz, as cousas se fizeram na melhor ordem, com aquella galhardia e com aquella presteza e tino que geram as grandes acções, como o caso e esta mesma o requeria. Mal que a abordagem se ia a effeituar, ainda antes de receber o golpe de gente que esperava, apenas disse:

—Joanete, traquete.

Aquelles caçaram-se, e os cabos deste tocaram-se para o navio seguir, e seguio como animado do espirito da heroica gente que o tripulava; e assim que vio no tombadilho a chusma que o invadíra e já buscava arriar-lhe a bandeira, brandindo a forte espada, mais dez ou doze valentes, deo-lhe com tanto furor e tão depressa que dentro de oito ou nove minutos aquelles que não ficaram estirados nadando em sangue que escorria pelos embornaes se lançaram no mar.

Depois levando já maior velocidade como calculára e a sua pericia de bom manobrista lhe fizera ver, passou para a prôa dos quatro navios, e virando em róda por sotavento das duas pallas que até ali lhe ficavam nessa posição, metteo-lhe seis balas de coxia, com as quaes lhe desmontou quatro ou cinco peças, cobrio o convés de estilhaços e membros dos corpos mortos ou mutilados, e pôs em confusão os combatentes. Dali, manobrando sempre com summa actividade, e a tiro de pistola, cercado de inimigos que não cessavam de gritar e de desfazer-se em fogo, e que por serem muitos se embaraçavam huns aos outros, orçou de novo, amurou a véla grande, caçou a mezena e foi virar por davante na poppa das pallas de barlavento, onde com as suas seis peças de bombordo a escaldar, tanto as fulminou, tanto estrago lhes fez, e tão magistralmente se houve e os seus marinheiros que, os dezenove navios marathas, depois de duas horas de fortissima peleja, e de fogo mortifero de parte a parte, com as bordas arrombadas, cabos cortados, vergas partidas, panno roto, e mais de cem homens mortos, deram a poppa ao vento, e deixaram a invencivel fragata *Caridade* senhora do campo de batalha como até então sempre acontecêra aos portuguezes, se não ficavam sepultados nas ondas!

Mas que avarias não teve este glorioso navio?! Quasi toda a sua gente ferida, trinta dos mais esforçados, mortos; a borda arrombada, o costado crivado de balas, o panno incapaz de servir, os cabos da mesma maneira, emfim hum alvo que soffrêra por espaço de duas horas o fogo de duzentas e vinte e tres peças de artilharia! Foi portanto preciso arribar a

Gôa; mas esta arribada em vez de causar vergonha ou tristeza aos navegantes, dava-lhes honra e gosto, porque era o resultado de huma victoria admiravel e incrivel, ganha á custa de muito sangue, de muito saber, de muita galhardia, e de muito amor e dedicação pela patria e pelo nome portuguez.

Arribou pois a fragata *Caridade,* mas não causou surpreza ou pena o signal da Aguada que isto indicava; tanta era a confiança no commandante della, que logo supposeram motivo honroso que a isso o impellia: a fragata arribava embandeirada! Cercaram-na escaleres e tonas, e viram-lhe os estilhaços da borda, as balas cravadas no costado, o convés, o tombadilho, e as amuradas tintas de sangue; os combatentes cobertos de cicatrizes, de ataduras, ou mutilados e trinta guerreiros de menos! Só hum commandante como aquelle, e huma tão destemida guarnição a podiam salvar e trazer ao porto de Gôa: eram portuguezes!

Comtudo, apesar das immensas avarias deste navio nas obras mortas, lumes d'agua, e apparelho, não quiz o commandante delle perder a monção; reparou-o o melhor que pôde e era possivel no pouco tempo que faltava, com pranchadas e tacos; passou-lhe alguns cabos novos, e metteo-lhe outra andanea de panno com a qual se fez prestes a seguir viagem, animando-o a arrostar todos os perigos a sua nobre alma, os briosos marinheiros que commandava, e o desejo de vir mostrar na patria os trofeos do seu admiravel triunfo, pois outra recompensa não pedia. A cujo rasgo de generosidade o conde da Ega tanto se exaltou que, depois de dar dois mezes de gratificação á marinhagem e tropa, foi a bordo com o seu estado maior agradecer-lhes o seu serviço em nome de Sua Magestade, e conferir o fôro de fidalgo ao muito intelligente e verdadeiramente valoroso capitão de mar e guerra Manoel Caetano Gomes da Silva, seu intrepido commandante: eis a nobreza da marinha!

FOLHETIM MARITIMO

XVI

A TRAIÇÃO

A curveta *Andorinha* foi o navio de guerra, contemporaneo, da nossa armada, que mais vezes teve a fortuna de se bater, e que por boa sorte e habilidade dos officiaes que a guarneceram e commandaram, sempre sahio airosa do fogo que sustentou, honrando em todos os sentidos a bandeira nacional. Já vimos como perto da bahia, o audaz Ignacio da Costa Quintella, a expoz aos tiros da fragata franceza *Chiffone* tão superior em forças, e lhe resistio com desusada intrepidez; agora vamos ver como o capitão de fragata *Duncan* (e o valente immediato daquella, que tambem o era deste, o nosso bem conhecido Joaquim José da Silva que em ambas as occasiões commandava a bateria) se houve em iguaes circumstancias, perto da costa de Portugal á vista do castello da Insua que defende a foz do Minho. Para tornar mais saliente o merito dos nossos officiaes de marinha, hé preciso advertir que, posto dissessemos no *Folhetim* « *O combate* » que a curveta era de vinte e seis peças, temos agora presente a parte official em que se diz ter ella apenas vinte, e de calibre nove, o que tornava a lucta mais desigual, e os feitos que referimos incomparavelmente mais brilhantes.

Cruzando pois a curveta de Sua Magestade, a *Andorinha*, sobre as costas da provincia do Minho no inverno de 1799, pelas sete horas da manhã do dia 27 de janeiro deram os gageiros parte de navio na poppa ao mesmo rumo, e no mes-

mo bordo; o vento era es-nordeste fresco, de gavias nos primeiros e papafigos, indo-se nessa occasião de amura a estibordo no bordo do norte, parallelos á costa em distancia de 10 a 12 milhas. Toda a gente se achava empregada na baldeação, os gageiros recorrendo a rizadura e catando os mastros para se caçarem melhor as gavias, e arranjar-se elegantemente o navio, como hé costume a bordo daquelles onde ha boa disciplina, a fim de que ás oito ampulhetas tudo estivesse enxuto e bello, e os cabos colhidos, para o official que tomasse entregue do quarto das emendas, se apresentar na tolda preparado e prompto para as visitas, e honras do dia. A esta faina assistia quasi sempre o indiatico Silva que, mal ouvio a noticia de embarcação, subio á enxarcia da mezena, botou-lhe o oculo, attentamente, e disse para o official de quarto:

—Dê parte ao sr. commandante que se avista na poppa, e nos dá caça, huma embarcação que parece fragata; vamos com a mão, gente, enxuga; contramestre, lambazes á tolda: sr. mestre apite para as gavias para botarmos fóra dos rizes: téza ali as talhas dos laizes, lasca hum pouco as adrissas; a bujarrona que vá para a ponta do páo, ligeiro, ligeiro.

Tudo assim se fez, porque o commandante era activo, e o nosso Silva, intelligente e querido da marinhagem. Quando o commandante subio e reconheceo bem a embarcação avistada, não duvidou da parte que lhe mandára o immediato, e apenas lhe disse:

—Em acabando de botar fóra dos rizes, mande dois homens para os joanetes, sem que os larguem, e ponha a póstos.

Desceo, o immediato executou a ordem, tudo se tinha feito methodica e opportunamente sem confusão, todos correram aos seus logares, o commandante voltou já armado, e elle foi fazer o mesmo; o navio da poppa forçou de véla largando joanetes, e com estes partia o caminho ao meio á curveta que conservava o mesmo panno. Quando distava obra de 1½ milha da *Andorinha*, cingindo o vento e mettendo-se entre ella

e a terra, içou bandeira franceza no tope de prôa, e logo depois no penol da mezena, firmando-a com hum tiro de peça.

—Bom, diz o commandante, não nos quer enganar; se tivessemos medo estavamos em boa posição de fugir, mas será pelo contrario: sr. Silva, içe a portugueza e flamula, e firme-a com bala; larga joanetes, mas não caça, chega para os braços; mestre, apite a virar; sr. tenente abra a bateria, os chefes de peça e escoteiros que vão pondo sobre meias voltas, a outra gente pegue nas manobras. Lestra a virar; mette o leme de ló, salto ás escotas de prôa; toma bem sentido, olha que a véla grande carrega antes de virar; larga as amuras sobre as bolinas, carrega a véla grande, vivo, vivo; leme a meio, larga bolinas de ré; ála e larga a ré; muito bem, gente, assim, muito bem; larga bolinas de prôa, ála e larga a prôa; cheio mais, assim; não larga os braços.

Pôs o navio na outra amura, e foi procurando a prôa da fragata inimiga que lhe ficava por sotavento, metteo-se entre ella e a terra, e quando se julgou em posição conveniente de começar o combate, diz:

—Toma sentido, a curveta vai buscar o logar mais vantajoso, e o inimigo apesar da sua força, pouco mal nos deve fazer: mestre vamos virar em róda, mas olhe que o traquete carrega em a curveta orçando.

—Sim, senhor.

—A bombordo o leme, ála secco e gata a estibordo, grande e gavia a bombordo, ála traquete e velacho, passa as escotas da prôa para bombordo, arria a véla d'estae de prôa, carrega o traquete; redondo, ála a tudo, volta.

Procurou a amura de barlavento da fragata, e quando estava a menos de meio alcance tira o chapéo e grita:

—Viva a rainha; fogo.

Os officiaes repetem a mesma voz, da mesma maneira, e dá-se a primeira banda, a tempo em que a fragata não tinha offerecido ainda costado; então arribou para o offerecer, mas tambem a curveta fez outro tanto, de modo que lhe foi cahir em cima, a menos de tiro de pistola. O fogo foi terri-

vel, sustentado da nossa parte com tanto valor e destreza, que no fim de huma hora toda a fragata estava arrombada, e muita da sua gente morta, em consequencia do que, lá arriaram a bandeira. Logo, o commandante portuguez tirando novamente o chapéo e brandindo a espada gritou:

—Victoria por D. Maria, rainha de Portugal: viva a rainha.

Responde toda a guarnição atirando com os chapéos ao ar.

—Viva, respondem tambem os francezes, todos de chapéos na mão.

O commandante mandou cessar o fogo, e diz para a fragata:

—Venham a bordo os officiaes.

Responderam que todos os seus escaleres estavam inuteis e crivados de balas.

—Nesse caso atravesse, que lá vão os desta curveta.

Obedeceram e da curveta igualmente atravessaram a gavia; como porém assim mesmo seguisse mais do que ella, atravessaram a gata, e botaram ao mar o escaler da poppa, não podendo fazer o mesmo ao de bombordo que ficava a sotavento, por estar como aquelles do inimigo, e então tratou o commandante de virar em róda, para arriar o de estibordo. O vento rondára para o norte, a nor-nordeste, muito fresco, de maneira que, quando se foram a álar os braços, arrebentaram os de gavia, os da verga secca, logo após o grande, e finalmente os da gata, que tinham alguns cordões cortados da metralha, empandeirando-se o panno que ficou sobre, e a curveta sem arribar. De bordo da fragata prisioneira que viram aquella rascada, a qual duraria pelo menos dez a quinze minutos para se remediar, dão huma arribada, mareiam, caçam joanetes, tocam cabos ao traquete, içam bandeira, e largam cutellos e barredoira botando á poppa!

Esta acção inesperada e talvez nunca vista deixou attonitos os vencedores que, debalde forcejaram por castigar a traição; foi mister fazer mais de huma costura nos braços cortados, levando-se nisso perto de hum quarto de hora em que o inimigo ganhou a necessaria distancia para se pôr fóra do al-

cance da curveta. A raiva da sua guarnição não tinha limites, marinheiros e officiaes trabalhavam como demonios, não havendo trapo a bordo que se não largasse, mas que pouco serviam porque todos estavam rotos, sendo além d'isso de muito melhor pé a fragata franceza, que até largou no mar os escaleres arrombados e os oculos da bateria; e não se podendo seguir o mesmo rumo d'ella, em quanto se taparam os cinco rombos que a curveta tinha recebido ao lume d'agua. Finalmente ao meio dia já a fragata se distanciára a ponto de se lhe ver o casco alagado, desistindo então da caça o commandante da *Andorinha*.

Mas que gloria das armas portuguezas! Huma curveta de vinte peças de nove tomar huma fragata de trinta e seis com artilheria de doze, e faze-la fugir vergonhosamente depois de porfiado combate, em que o navio de mais força foi apresado legitima e lealmente pelo de forças inferiores, que, mesmo sem o apresamento ganharia as honras do triunfo não abandonando o logar do combate!

Para memoria deste facto extraordinario e tão honroso para a marinha portugueza, foi Sua Magestade servida manda-lo publicar no supplemento á *Gazeta de Lisboa* n.º 7, de sexta feira 15 de fevereiro de 1799, expressando-se a final nos termos seguintes:

«E Sua Magestade, querendo mostrar o seu real agrado e recompensar a valorosa conducta do commandante Crawford Duncan, officiaes e equipagem da fragata *Andorinha*, que tão gloriosamente se bateram por huma hora em distancia de tiro de pistola com huma fragata franceza de superior força, que se rendeo e arreou bandeira, mas depois fugio, faltando á fé de prisioneiro de guerra: foi servida premiar com o posto de accesso ao commandante e a todos os mais officiaes, que se acharam neste glorioso combate; com tres mezes de soldo em gratificação aos que ficaram feridos, e com hum mez de soldo ao resto da equipagem.»

Eis-aqui á decima sexta vez que huma penna patrioticamente arrancada do corpo do monstro chochalheiro (como que

participante das tendencias do individuo a que pertencia) e movida por mão a que impelle verdadeiro amor da arma da marinha, procura commemorar os feitos illustres dos benemeritos membros della. Talvez que o arrojo do marinheiro sem recursos que tanto ousou, não tenha desculpa apesar da egide a que se encosta; mas se esta lhe não valer, valha-lhe ao menos a confissão ingenua de que procede assim, para lembrar hum assumpto que, sendo tratado por pessoa de outra capacidade, póde encher muitos volumes de recordações gloriosas para o paiz. Em quanto pois algum genio, dos muitos que Portugal possue, não se dedica a similhante trabalho, o homem desvalido mas de boa vontade, e'amante de tudo que hé portuguez, aparando a penna que arrancou, escreverá a terceira campanha da curveta *Andorinha,* na qual, sendo o seu commandante o capitão de fragata Francisco do Canto e Castro, represou huma polacra raguzana, e capturou o mesmo apresador d'ella, o corsario francez, o *Passaro.*

FOLHETIM MARITIMO

O REPRESAMENTO

XVII

Pouco depois do sol fóra, do dia 10 de junho do anno de 1797, quando se andava com a baldeação a bordo da curveta *Andorinha*, deo o gageiro grande, parte de dois navios na prôa.

—De que qualidade? perguntou o official de quarto.

—Hum parece-me brigue, outro escuna.

—Onde demoram, e que rumo seguem?

—Por barlavento do turco, e vão no bordo da terra.

—Toma sentido no caminho que fazem, e se mudam d'elle.

—Sim, senhor.

—Sr. guarda marinha, dê parte do que ouvio, e pergunte ao sr. commandante se quer que vá botando fóra dos rizes.

Desceo, e o tenente foi subindo á enxarcia para descobrir as embarcações, que já se viam das arreigadas, e tinham botado á poppa, forcejando com cutellos, quando até então faziam prôa de és-sueste amurados por bombordo, sendo o vento nordeste. Assim que pôs o oculo á cara grita para o gageiro:

—Ó diabo, não te disse que vigiasses os navios?

—Sim, senhor, e agora hé que elles botaram fóra os cutellos; quanto mais que eu sem oculo não posso nesta distancia differençar os seus movimentos.

—Quaes movimentos e qual oculo, grandissimo alarve, pois tu lá dos váos ou da encapelladura não lhe viste a differença do panno?

—Vi agora.

—Diz lá, parece-te que entrâmos alguma cousa com elles depois que dêste parte?

—Entrâmos, sim, senhor, que já lhe vejo os cestos de gavia, quando só lhe enxérgava até meio mastaréo.

Chegou o commandante seguido do guarda marinha, e perguntou:

—São polacras, ou tem sextos?

—O de duas gavias hé sumitigo, o outro hé escuna; mas são suspeitos porque fogem, ou se receiam de nós que sejamos seus inimigos.

—Bote fóra dos rizes, e puxe com todo o panno que a curveta aguentar.

—Sim, senhor.

Foi descendo, e assim que chegou ao tombadilho gritou para a gavia:

—Bota fóra dos primeiros, e larga os sobres; gavia de prôa, bota o velacho fóra dos rizes e larga o sobre; gata, larga a sobregatinha e vamos com os rizes. Contramestre, largue a baldeação. Cabos de marinheiros, téza as talhas dos laizes, lasca as escotas dos joanetes, dá hum salto ás adrissas das gavias. Tambor, venha a caixa; pega nas adrissas, prolonga, larga esses braços de sotavento.

—Está tudo prompto (para o commandante), póde içar?

—Içe, e mostre-lhe a bandeira franceza.

—Venha a bandeira; mestre apite; toca a caixa, iça gavias, volta; caçá joanetes, içá, vamos com os sobres, volta; cheio mais, assim; ála braços por bombordo, dá hum salto ás bolinas, volta; gavia de prôa, cutellos fóra a bombordo; gavia grande, cutellos do joanete, ambos. Sr. guarda marinha, ande lá com a barredoira; larga aqui a draiva; ó da gata, toca ás carregadeiras, caça, bota a retranca á sotaventa, ála o vergueiro, larga a amura e bolina grande, carrega a estingue; ó da gavia, olha esse páo de sotavento que vae fóra; e o cutello fica prompto a içar, quando convier; ouviste?

—Sim, senhor.

—Anda com a mão, não queiras tambem *oculo e movimentos* pelo espinhaço. Sr. piloto, bote a barca.

Este chegou-se para a grinalda, e gritou:

—Barca!

Correram tres, hum dos quaes pegou no carretel, e o derradeiro na ampulheta; pegou na barquinha, fez quatro ou cinco seios de linha, atirou-os ao mar, quando passou o trapo deo o grito de *vira,* gritou o da ampulheta *tópo,* e elle veio dar parte que a curveta singrava dez milhas.

—Hé pouco, diz a commandante, deixe tomar seguimento e veja então; aqui pela espuma parece levar maior carreira; bote agora.

Repetio-se o mesmo processo, e o piloto quasi que não alcançava a tocar a linha; quando o pagem disse *tópo,* já lhe haviam passado pela mão os onze nós.

—Onze!

—Bom, daqui a trez horas estamos com elles; hé impossivel que ambos sejam do mesmo pé, e o de melhor marcha hade esperar pelo outro; ó do leme, huma orçada para lhe mostrar a bandeira; o sr. tenente da tropa que veja o tiro não leve bala.

—Já se lhe tirou.

—Tanto melhor, içe a bandeira e dê fogo.

—Andaram assim por quatro ou cinco minutos em que a bandeira disparava bem para a poppa, e tornaram a pôr a caminho, concluindo-se depois d'isto a baldeação, e arranjando-se para o combate que esperavam.

A curveta seguia admiravelmente, pois já se haviam afastado da terra, que até então os abrigava, e ao largo o vento era fresco bastante; ella não sentia o mar, posto que de vagalhão, e por isso os dois navios da prôa, que talvez com elle menos banzeiro, levassem alguma vantagem, iam ser caçados com summa presteza.

—Não escapam, diz o commandante para o immediato, por mais que façam hãode saber a que vimos; a curveta parte-lhe o caminho ao meio e entra com elles a olhos vistos:

logo que fizeram a asnêira de fugir da babuge da terra, hão-de pagar cara a lição; coitados, e nada de bandeira!

—Nada, responde o outro, e levam-se bem, parece que vão com o diabo no corpo.

—Com mil demonios! a botar dez e onze desde as seis horas, e tê-los fóra do alcance, custa-me a engulir; mas não havemos ouvir as duas sem lhes fazer chegar a falla ao bucho. Dê o jantar no entretanto, e huma praça de aguardente; depois de distribuido, o mar e guerra que encha duas tinas de agua á prôa e á ré, misturando-lhe outra por cabeça para refrescarem a lingua.

—Sim, senhor. Mar e guerra!

—Prompto.

—Jantar e agua a granel em duas tinas á prôa, e na tolda com praça de aguardente e a outra simples sobre a comida.

—Muito bem, e se v. s.ª quizesse podia já o sr. guarda marinha faze-la tocar, em quanto os cabeças do rancho estão á caldeira.

—Pois sim. Sr. guarda marinha, faça abrir a escotilha, e o fiel do porão que vá enchendo seis barris de galé; o fiel do commissario qne traga tambem outro com a cachaça para o pé do cabrestante.

Isto feito, comido o jantar e a gente alegre pelo espirito que bebêra, pela esperança do combate, pela belleza do dia, e mais que tudo pela presença e exemplo dos officiaes, e do habil commandante Francisco do Canto e Castro, diz este:

—Hé tempo de fallar claro áquelles tratantes, que não dizem porque fogem nem a que nação pertencem; mostre-lhe a bandeira nacional firmada com bala.

Botou-lhe o oculo, deo huma orçada, içou-se a bandeira e flamula, deo-se o tiro, e dos dois navios içaram então a bandeira franceza firmada igualmente em ambos elles.

—Olé, para que estavam calados, tendo voz igual á nossa? E de mais, por poucos dentes que tenha cada hum, sempre nos dois haverá mais do que neste só: em cada queixo

dos nossos ha apenas dez, e vossês tem cinco ou seis que hé maior a mordedura.

—Aquillo, diz o immediato, ou são ladrões, ou mercantes armados, porque se fossem officiaes de guerra não rejeitavam o convite por tanto tempo.

—Ou soldados, ou paizanos, sendo verdadeiras as proezas que assoalham, não deveram ter andado desde o amanhecer com o rabinho entre as pernas; aquella bandeira nas suas mãos, vale menos que hum trapo; são huns canalhas que fogem antes de medir as suas forças; toque a póstos, e ponha a bateria safa a valer.

Passada obra de vinte minutos, diz o commandante:

—Mestre, apite para as gavias a ferrar os sobres, e depois vamos a metter barredoira e cutellos dentro; péga nas carregadeiras da drayva: adrissas de sobres, e braços na mão: está tudo prompto?

—Sim, senhor.

—Arria, carrega a drayva, põe a retranca a meio; péga nas obras dos cutellos: olha que vai tudo dentro, panno e páos á pancada, não ha senão hum apito; olha a barredoira não se empandeire: está tudo claro?

—Sim, senhor.

—Aguenta por ora, sr. tenente, veja se esses cachorros de prôa cursam para além do inimigo; se fôr preciso guinar com a curveta, diga até onde lhe convem.

—Sim, senhor, ha de orçar huma quarta talvez.

Foi para a prôa, firmou a pontaria, deo fogo á peça, e a bala passou por cima dos mastros da polacra.

—Bem, disse o commandante, deo-lhe muita elevação?

—Não, senhor, tirei-lhe só a palmeta, e deixei-lhe o chapuz.

—Não lhe párece que estamos a meio alcance?

—Para menos, porque foi o primeiro tiro, e a peça não estava esquentada.

—Segunde-lhe com outro, a ver se já hé de ponto em branco.

O tenente metteo a palmeta sobre o chapuz, firmou a pontaria com todo o preceito, o bota fogo applicou o morrão, e o tiro quasi horisontal foi partir o páo do cutello do alvo.

—Muito bem, aquelle já se lhe quebraram as azas: mette a barredoira e cutellos dentro.

O mestre apitou, panno e páos foram dentro, e o commandante mandou que se fizesse fogo á escuna, porque o brigue estava seguro.

—Sr. tenente, vá continuando com as peças de caça, mas tire a bala ás outras, e carregue com piramide. Chega para as obras dos joanetes e da véla grande; ó da gavia, olhem que não ferra sem mandar; carrega a tudo.

Carregou-se o panno, e quando já estavam a menos de alcance de fuzil, diminuindo tambem do mesmo os dois caçados, continuou:

—Ferra, carrega o traquete, arria a véla d'estae da prôa; sr. tenente, passem as segundas peças para bombordo, que vamos passar por entre os dois navios inimigos.

Com effeito assim se fez, porque a escuna vendo o brigue sem poder puxar pela barredoira e cutello, ferrou o seu joanete, e gafe de tope, mettendo tambem dentro o cutellinho e redondo, pondo-se a par daquelle hum pouco a barlavento, para ver se a curveta seguindo avante, ficava entre dois fogos, que era o melhor meio de lhe resistir. De bordo della, bem poderiam ficar a barlavento de ambos, e bate-los em detalhe, mas o nosso valente Francisco do Canto, achou pouco airoso não aceitar essa posição arriscada e decisiva, pelo que procurou chegar-se bem á escuna que lhe demorava por bombordo, e lhe parecia mais de guerra, dizendo para a guarnição:

—Aqui não se erra a pontaria, o que recommendo hé muita celeridade no fogo: adrissas de gavias na mão; arria, fogo.

Deo-se a primeira banda, que foi respondida com igual numero de tiros, porque tanto hum como outro navio, eram armados com dez peças, vendo-se porém que a escuna tinha mais gente, e manobrava melhor.

Passados oito a dez minutos de fogo vivissimo, achando-se o brigue com todo o seu panno roto, e o estáe grande cortado, arriou bandeira, o que sendo visto pela escuna, dá huma orçada, caça os latinos, e põem no bordo de êste. O commandante não querendo perder absolutamente o navio apresado por causa da escuna, atravessou no mesmo bordo della, botou o escaler ao mar com doze homens e o immediato, com ordem de regressar com igual numero; e no entretanto risou nos primeiros, já porque as refregas eram duras, como porque via ter feito a escuna isso mesmo, indo com a borda debaixo d'agua, e tendo largado o seu bote, para se safar melhor. Logo que teve os prisioneiros a bordo, içou gavias, amurou papafigos, e largou joanetes para caçar de novo o fugitivo. O mar, como se disse era grosso, e a escuna apesar de ser bom barco e grande, não podia competir com a curveta, que não só lhe levava vantagem no pé, como em ser mais valente de borda; mesmo assim, galgava-lhe a onda por cima da trincheira, chegando-lhe os borrifos ás gavias, e a artilharia do sotavento rossava n'agua; mas a pobre escuna, quasi que fazia da quilha portaló, esperando-se a cada passo vê-la sossobrar. Comtudo, por causa da sua armação latina, e caimento dos mastros a ré, barlaventeava melhor, e talvez conseguisse fugir ao caçador, quando projectada com a terra, escurecesse o dia; ou á babuje e sombra della encontrasse o mar chão. De bordo da curveta bem se via o aperto da escuna e a probabilidade de alcançar o seu fim, não lhe faltando os páos; e por isso apesar de não ser muito prudente fazer mais força de véla, decidio-se o commandante, a pôr todos os meios que lhe restavam em obra, fosse qual fosse o risco.

—Sr. tenente, metta a artilharia de estibordo dentro; téza as talhas dos laizes, dá hum salto ás adrissas, bota fóra dos rizes, larga as bolinas de gavia e joanetes, larga os braços de sotavento, lasca as escotas dos joanetes, iça, volta; toda a gente aqui á amurada, contro ás bolinas, assim, andar assim.

Na verdade, só quem foge da morte seria capaz de fazer o que se via fazer á escuna; e só quem antepõe a gloria,

ao amor da vida, procederia como o commandante da curveta, e toda a sua guarnição, que nenhum signal deo de reprovar aquelle arrojo; os mastaréos e mastros eram arcos de rebeca, o escaler de sotavento ia rossando o mar, as mesas debaixo d'agua, e a esteira do navio parece que começava do láis da cevadeira! Com tal destreza de manobra, e tal navio não era duvidosa a sorte da escuna, e por isso na segunda bordada estava-lhe na alheta. Então de bordo desta, botaram ao mar dois volumes que pareciam caixotes de dinheiro, carregaram o traquete, e punho da véla grande, e atravessaram o velacho, como esperando o combate. Os da curveta ficaram em gavias, e romperam o fogo, com todas as dez peças da bateria. Os inimigos que agora só tinham cinco por banda, mal podiam resistir por minutos, e era temeridade porfiarem na defeza; mas não arriavam a bandeira, julgando-se a bordo da curveta que elles estavam resolvidos a ir a pique antes do que entregar-se. O habil Canto, manobra opportunamente, lança-lhe hum golpe de gente no convés, e toma o navio quasi todo arrombado.

Atravessou-se, foi o escaler buscar o commandante e officiaes prisioneiros, que foram recebidos ao portaló pelos da curveta, e tratados com a distincção devida ao seu valor, dizendo-lhe o commandante d'esta:

—A peleja era desigual, e a vossa defeza sendo no principio muito brilhante, já passava a desespero... Logo que o brigue me não apoiou, só me restava fugir, ou vender cara a vida; huma e outra cousa fui fazendo, com tenção de sepultar nas ondas, com todos os meus bravos, a vergonha por que passou a minha bandeira a bordo do brigue! O favor que podeis fazer a todos os valentes, e que eu vos rogo n'este momento de expirar, hé que os separeis do cobarde que deslustrou hoje o nome francez.

Não ha nenhum, capitão, responde hum dos prisioneiros do brigue, mr. Pouvró que commandava o brigue, foi partido ao meio no começo da acção, dois outros ficaram mortalmente feridos, e os raguzanos abandonaram a bateria, cor-

rendo a arriar a bandeira; nenhum homem da republica teria essa fraqueza.

—Desse modo não ficou a bandeira tricolor deshonrada, e posso sem vergonha reclamar para todos vós a generosa protecção dos nossos valentes inimigos:

Capitão portuguez, disse elle a muito custo, cheio de sangue, e sentando-se na selha da adrissa de gavia, dai-me a vossa mão, e aceitai o testimunho que n'este derradeiro instante vos dou, na presença de todos estes heroicos filhos da liberdade, de que vos reconheço como hum habil marinheiro, e destemido soldado.

—Fechou os olhos, e cahio para a banda; estava ferido debaixo do braço esquerdo, e acabára de expirar.

De bordo da escuna fallaram pela bozina, que ella tinha o porão meio de agua, e que não lhe davam vasão as bombas; a bordo da curveta tambem acontecia outro tanto, que entrava pelos cinco rombos feitos ao lume d'agua, e por isso trataram de ir arribando para a enseada de Villa Nova de Milfontes que lhe demorava por sotavento. Ao abrigo da terra, poderam tapar com pranchadas os rombos d'ella, dando-se então reboque á escuna, que finalmente foi encalhar na praia, incapaz de navegar, com todo o seu apparelho cortado, seu panno roto, doze homens mortos e dezoito feridos da sua valente guarnição, que se compunha de cincoenta praças, das quaes haviam destacado dezesete para bordo da polacra. Esta ultima, era navio mercante armado, que se defendeo valorosamente contra o corsario que a apresára á vista do Cabo de Espichel, e não se quiz bater com a curveta a favor dos seus inimigos, sendo esta a verdadeira causa do pequeno esforço que fez para apoiar a escuna sua apresadora chamada o *Passaro*.

Os officiaes da guarnição da curveta, que depois se achavam a seu bordo quando ella se bateo com a fragata franceza *Bellone* e foram por esse feito promovidos ao posto immediato, como se disse no folhetim antecedente, eram os primeiros tenentes Joaquim José da Silva, José Valentim da Silveira,

e José Antonio dos Passos; os segundos tenentes Manoel Gil de Noronha, e Antonio Joaquim de Sousa Brochado.

Com bastante pezar deixa de seguir-se n'esta relação de combates, a ordem chronologica dos acontecimentos, evidenciando-se que este defeito procede de nos virem as noticias humas depois das outras. Mas o empenho maior está na exactidão e verdade com que são referidos, extractados de papeis officiaes, ou memorias particulares insuspeitas e fidedignas.

FOLHETIM MARITIMO

A PAZ DE TRIPOLI

XVIII

Factos notoriamente exagerados, servem de esmaltar a historia de muitos paizes, havendo pinceis e pennas que os celebram de mil maneiras, e outros que descriptos com verdade poderam engrandecer homens e nações a que dizem respeito, ficam esquecidos; assim a França maritima dos seculos dezoito e dezenove repete vaidosa os nomes de Duguai-Trouin pela sua erupção no Rio de Janeiro, e de mr. Roussin pelo forçamento do Téjo; a Inglaterra os de lord Jervis pela batalha do Cabo de S. Vicente, e de Saumarez pela de Algésiras; e Portugal não póde nos mesmos seculos apresentar ao mundo hum individuo nem indicar hum facto analogo, porque, nem pincel nem penna portugueza se dedicou a este assumpto. Hé pois para lhe revendicar o quinhão de gloria a quem tem direito, que se menciona a Paz de Tripoli; e que hum cerebro, talvez incapaz de cogitar nisso pela sua monotona applicação aos rudes trabalhos de bordo, procura referir e patentear o brilhante modo por que ella se alcançou.

Achando-se em Palermo a esquadra combinada portugueza e ingleza, aconteceo encontrar-se a bordo da náo de Nelson o marquez de Niza na occasião em que Simão Lucas, consul britannico em Tripoli recebia ordens do almirante e regressava para aquella Regencia. No meio da materia que tratavam lembrou-se o marquez de indicar a possibilidade de obter huma paz vantajosa, podendo o mesmo consul servir de me-

dianeiro, pois lhe seria isso facil, attento o terror que as armas portuguezas tinham infundido em toda a costa da Barbaria pelas muitas presas que lhe haviam feito. Nelson respondeo que sim, e que além da paz duradoira, se poderia alcançar a entrega do consul e mais francezes lá residentes. O marquez, sem parecer penetrar o sentido insidioso ou ironico da proposta, acrescentou com certa indifferença que, apezar de ser huma exigencia inaudita e barbara, tudo se conseguiria, podendo Simão Lucas transportar-se n'um dos navios portuguezes, a cujo commandante s. ex.ª daria as instrucções, pondo desde já a náo *Affonso* ás suas ordens. A esta resposta tão terminante nada havia que replicar. Nelson propoz, e o marquez subscreveo que: *Para se tratar da paz, seriam previamente entregues a bordo da náo* Affonso, *o consul e vice-consul francez, e todos os mais francezes que se achassem na cidade.* E resolvida esta questão previa, se formalisaria o tratado fundado nos seguintes artigos:

1.º O bachá de Tripoli, seus herdeiros e successores, se obrigam a concluir hum firme, sincero, e inviolavel tratado de paz, e amisade com o reino de Portugal, expressamente nos termos da paz, que subsiste entre Tripoli e a Grã-Bretanha;

2.º Os subditos de huma, e outra nação, gosarão de todos os privilegios especificados no tratado de paz acima declarado entre Tripoli e a Grã-Bretanha. Datada na presença de Deos Todo Poderoso, a bordo da náo de Sua Magestade Fidelissima, *Affonso de Albuquerque,* na frente de Tripoli, aos tantos. Esta proposta seria assignada pelo commandante, e enviada por elle ao bachá, logo que para isso tivesse occasião.

O marquez retirou-se para seu bordo, fez signal á náo *Affonso,* veio o commandante, deo-lhe os artigos referidos, e outras instrucções adequadas, para se conseguir o fim, e mandou-o a bordo do almirante a ver se queria mais alguma cousa. Nelson lembrou apenas que, se começassem as hostilidades, logo que depois d'ellas entrassem em negociações, intercalasse hum artigo depois do 1.º e que viria a ficar 2.º onde

dissesse: Até estes termos serem ratificados, hé mutuamente ajustado que cessem as hostilidades, de huma e outra parte, do dia de hoje em diante. E assignou-lhe a partida para o dia immediato, em que se contavam 30 de abril de 1799.

Com effeito não houve demoras, e ao amanhecer largou de Palermo a náo *Affonso*, incumbida de huma ardua commissão, cujo medianeiro bem pouco interesse podia ter no seu resultado. A 7 de maio atravessou ella perto das baterias de Tripoli a tiro de espingarda com bandeira ingleza para facilitar a communicação com a terra, e mandou no escaler com a mesma bandeira o consul medianeiro. Fôra brilhante o rasgo de intrepidez nunca visto até ali naquella costa, de surgir huma náo a tiro de espingarda no fundo de quatro braças; era cousa de pasmar, e os mouros e arabes pareciam attonitos! Passada huma hora e quarenta minutos, fez o consul constar ao commandante que o bachá estava disposto a condescender com a vontade de lord Nelson, entrando em negociações com os portuguezes. Immediatamente se içou a bandeira nacional, que foi saudada pelas baterias da terra com vinte e hum tiros, a que respondeo a náo. Attendendo porém ao perigo que ella corria, mandou o chefe instar o consul pelas notas que fossem consequentes aos signaes convencionados, por que se viesse a mudar o vento, seria difficil sahir daquella posição. Respondeo-lhe que nada podia fazer, sem elle mesmo se apresentar ao bachá. Nestes termos, e para não perder tempo, entregou o commando ao capitão de fragata José Maria de Almeida, com ordem por escripto, de empregar as mais énergicas medidas contra a cidade para obter o desejado fim, sem attender ao risco da sua pessoa quando por acaso elle não voltasse a bordo aquella noite, e metteo-se no escaler que deixou no cáes á sua espera. José Maria largou hum ferro, e carregou o panno, tendo tudo disposto para começar as hostilidades, ou fazer-se de véla.

O chefe foi recebido pelo bachá com muita lhaneza, e mostrou-se satisfeito de que lord Nelson lhe procurasse a amisade dos portuguezes, dizendo-lhe que lhe apresentasse as condi-

ções com que pretendia a paz. Respondeo-lhe este que antes de tudo exigia a entrega do consul, vice-consul, e mais francezes existentes na cidade, ao que o bachá se recusou, estranhando-lhe tão insolita exigencia, e propondo-lhe a final hum meio conciliador, que era manda-los elle bachá para Constantinopla. O chefe conhecia a justiça da recusa, e aceitaria a satisfação honrosa para Portugal que elle lhe offerecia, quando não fosse terminante a ordem de Nelson, o qual mofaria dos portuguezes se d'ella discrepassem. Depois de varias instancias e evasivas de parte a parte, pedio o bachá vinte e quatro horas para responder, não lhe concedendo o chefe mais de doze. Retirado para bordo, esperou até á huma hora do dia seguinte 8 de maio, em que o tempo começou a escurecer e a onda a levantar-se. Caçou gavias, pôs o ferro a pique, e mandou já com difficuldade o escaler á terra dizer ao consul para o fazer constar ao bachá que, dado o caso d'elle não annuir á entrega dos francezes, declarava o porto de Tripoli em estado de bloqueio, não só como hum porto inimigo de Portugal, se não como hum porto aonde os francezes achavam abrigo, e lhes era permittido mandar viveres para a ilha de Malta, em manifesta violação da fidelidade que o bachá devia ao grão senhor. O bachá respondeo que dentro em dez dias mandava os francezes para Constantinopla, e o chefe fez-se á véla.

Em toda a noite desse dia, e no seguinte 9, foi tão duro o temporal, que teve a náo em grande compromettimento, levando-lhe o velacho e véla d'estáe de proa, partindo-lhe a verga de gavia, e fazendo-lhe outras avarias, com as quaes lhe era impossivel conservar-se perto de terra, e por isso buscou mar largo para se refazer, andando longe da vista do porto até ao dia 11 em que o vento tornou a rondar para E. Nessa madrugada deo vista de huma polacra que demandava o ancoradoiro, deo-lhe caça, e foi no seu alcance até quatro braças; não podendo porém demorar-se n'aquella posição por causa do mar que era grosso, e falta de espaço para correr e manobrar, disse o chefe que, se houvessem na náo trinta homens de boa vontade, não metteria aquelle navio a pique, mas sim

o tomaria por abordagem. Foi huma voz unanime, todos se offereceram para o golpe arriscado, o que sendo ouvido pelo bom velho, arrazaram-se-lhe os olhos d'agua, não consentindo que se désse preferencia a ninguem, sendo tirados á sorte os individuos que eram precisos, não só officiaes, como marinheiros, dos quaes haviam de pertencer vinte ao quarto da tolda, e dez ao do castello. Isto feito coube a honra de tripularem os tres escaleres já detalhados, ao capitão de fragata José Maria de Almeida, ao capitão tenente Miguel José de Oliveira Pinto, aos primeiros tenentes Pedro da Silva, e Luiz de França, aos segundos tenentes Alexandre Luiz de Sousa Malheiros, João Eleuterio da Rocha, e Francisco Homem, ao guarda marinha Gaudino José da Guerra, ao sargento de mar e guerra Manoel Ignacio.

No entretanto a polacra enfunada, fundeára debaixo das baterias da cidade, e bem como ellas desfazia-se em fogo para a náo, que só respondia para as fortalezas, não querendo o chefe estragar o navio de que tencionava assenhorear-se pelo modo acima dito. Apitou-se aos escaleres, dos quaes só o primeiro tinha huma peça, que logo se arriaram e guarneceram, batendo remos, e pondo a prôa á polacra. De bordo desta que viram aquelle arrojo e temeridade, começaram a apupa-los, e a fazer-lhe vivissimo fogo, já com as dezoito peças que tinha em bateria, já com varios mosquetes de diversos calibres, correndo em soccorro dos cento e cincoenta mouros de que se compunha a sua guarnição e do vice-almirante do bachá, muitos arabes de escupetas e arcabuzes. Dos escaleres não se deo hum tiro, pois José Maria de Almeida ordenou aos outros officiaes, que só descarregassem as armas quando estivessem á queima roupa; saltassem á abordagem com espadas e pistolas, e quem ficasse nos escaleres fizesse fogo para a enxarcia onde visse que podia ferir algum que lá tivesse trepado. No entretanto, como fosse o rolo de mar muito, huma onda péga no escaler onde ia o capitão tenente Oliveira Pinto, e teve-o quasi sossobrado, mas pela destemida presteza com que elle se houve pegando no leme, conseguio salva-lo e po-lo a cami-

nho. Buscaram o inimigo que portára pela amarra afilando ao vento, seguiram á prôa do navio. dão-lhe a sua descarga debaixo do páo da bujarrona, saltam-lhe ás mesas do traquete e perchas do beque, invadem a embarcação por entre os grupos de defensores, disparam as pistolas, empunham as espadas, e rompem aquella muralha de ferro e carne, correndo então o sangue em jorros pelos embornaes fóra. De parte a parte fazem-se prodigios de valor, mas os portuguezes são invenciveis: dos trinta, quasi tudo fica ferido, e hum com os miolos fóra; mas dos mouros, cincoenta são retalhados e mortos em menos de tres crédos, e o resto ferido atira comsigo á lancha, ou ao mar pretendendo escapar-se e cortar a amarra para o navio cahir sobre as pedras. Então acodem os escaleres a esta fuga, travando-se nova briga de borda a borda, onde grande numero d'elles cahe n'agua e morre afogado. Seriam mais valentes que estes trinta, aquelles cem de Duarte Pacheco?! Por fortuna sua, Camões e Diniz lhe cantaram as façanhas, destes ninguem fez menção, porque para a marinha portugueza dos seculos modernos não ha poesia! Não importa, o amor da patria e desta arma faça milagres; excite as fibras do coração e produza hum grande esforço de intelligencia, conduzindo as mãos calosas do marinheiro de guerra, a exarar no papel, o feito illustre que faz acreditar aquellas espantosas proezas dos primeiros navegadores e conquistadores da India... Em quanto durou o combate nem hum tiro da cidade foi para ali dirigido, mas logo que a bandeira portugueza tremulou sobre o navío apresado, todo o fogo das fortalezas procurava mette-lo a pique. Os vencedores, a despeito de taes esforços, deram-lhe reboque para perto da náo, onde sendo tripulado por gente della, começaram a servir-se da sua artilharia até quasi ao sol posto em que as duas embarcações se amararam.

Ao amanhecer do dia 12 continuou o ataque contra a cidade, mas descobrindo-se pelas oito horas, duas embarcações ao largo, mandou o chefe ao commandante da presa, o capitão de fragata José Maria de Almeida, que içasse a bandeira

tripolina, procurasse a maior dellas que parecia fragata, e achando-se em posição conveniente lhe désse huma banda, e se fizesse senhor della e do brigue. Parece incrivel, mas assim aconteceo! José Maria iça a bandeira, põe a sua gente a póstos, manobra opportunamente, orça como fugindo da náo, aproxima-se da fragata que não desconfiou do navio pois era da sua esquadra, julgando o almirante que se lhe reunia para o apoiar, e quando a teve pelo través, arria a bandeira encarnada, iça a portugueza, descarrega-lhe as suas nove peças ao mesmo tempo, mette-lhe o gurupés por entre os mastros grande e da mezena, bota-lhe cincoenta homens na tolda, e o resto da taifa, faz hum fogo seguido sobre os bailéos, e castello! O almirante e todos os tripolinos que não esperavam aquelle golpe ficaram assombrados no primeiro repente, mas não perdendo o accordo, nem o animo como valentes que eram, travam com os portuguezes o mais terrivel combate que se podia ver. Apesar porém da sua immensa coragem, não lhes era possivel resistir por minutos áquelle ataque imprevisto, a surpreza fôra executada com tal galhardia e promptidão, o fogo da taifa tanto a tempo, e bem dirigido, o impeto da abordagem tão forte e bem sustentado, que a tolda ficou logo cuberta de trinta ou quarenta mouros gotejando sangue, e o resto acolhendo-se ao convés e cuberta depoz as armas. Quem conhece o animo e destreza desta gente, e o seu gosto pelas armas brancas, hé que póde avaliar a audacia dos portuguezes nos dois desiguaes combates que ali se deram; acolá tres escaleres e huma peça contra hum navio corrido de artilharia, trinta homens contra cento e cincoenta; aqui huma polacra esburacada com dezoito peças, offerecer costado e abordar huma fragata de quarenta e quatro, brigando os homens da sua tripulação, contra quatrocentos apoiados por cento e dez ou cento e vinte do brigue! Vio alguem nada igual senão esses acontecimentos do Malabar, Pégu, Malaca, e Amboino que tanto illustraram os nomes de André Furtado, Salvador Ribeiro, Nuno Alvares Botelho, Gonçalo Pereira Marramaque, e outros?! Nada de fic-

ções; ha facto mais glorioso em qualquer outra marinha do mundo?! E não deve encher-se de ufania aquelle, ou aquelles que ainda hoje nos podem contar as suas particularidades por terem presenceado e corrido os riscos da acção? Por certo que sim, e eis a rasão por que gostosamente apontamos os srs. Gualdino José da Guerra e Alexandre Luiz de Sousa Malheiros que achamos mencionados com distincção pelo habil chefe que os recommendou, á real munificencia de Sua Magestade.

Tomada a fragata do almirante tripolino que era de excellente pé, deo-se com ella caça ao brigue, e tão bem se houve nas manobras o seu intelligente e habil commandante o capitão tenente Manoel do Canto e Castro, que no curto espaço de meia hora o alcançou, e rendeo ferindo-lhe dez pessoas, e matando-lhe dois. Reunidas as tres embarcações á náo, mandou o chefe que fosse a polacra collocar-se perto da terra, lhe désse duas bandas, e lhe largassem fogo immediatamente, retirando-se nas tres embarcações miudas para bordo da náo, em quanto esta e a fragata arrazavam as baterias. Tudo assim se fez, a polacra chegou-se bem á terra até tocar no fundo, deo a primeira e segunda banda, a náo e fragata prolongaram-se com as fortalezas e fazem calar as baterias, a cidade vai sendo desmoronada a olhos vistos, a polacra começa a arder, e as outras embarcações que estão proximas largam as amarras para não serem presas das chammas.

Na presença de tal destroço, e receio de maior mal, foi o bachá constrangido a subscrever ao que delle se exigia, mandou içar huma bandeira branca e cessar o fogo, ao que de bordo se correspondeo, vindo o sobrinho do mesmo bachá significar ao chefe que lhe mandaria os francezes para começarem as negociações. Isto feito, deram os tres navios fundo, a bordo dos quaes foram pelo bachá os mesmos remettidos, levando o conductor os artigos da paz já mencionados e redigidos por lord Nelson. Não tardaram em vir assignados, com a clausula porém de serem restituidos os navios apresados, e entregues os prisioneiros. Estes foram logo remettidos para terra, e ácerca daquelles, respondeo o chefe que fosse a fragata ava-

liada em trinta mil pesos, cujos tres oitavos o mesmo bachá pagaria aos valentes officiaes e marinheiros da náo; quanto ao brigue elle em nome de sua alteza o principe regente de Portugal lhe fazia presente dessa embarcação, como dadiva equivalente aos brindes que se costumavam fazer todas as vezes que se contratava com os ottomanos. Aceitas estas bases pelo bachá, e ratificados os artigos sem discrepancia de hum só, já perto da noite, foi celebrada a paz com Tripoli, salvando as baterias da cidade, e as duas embarcações prisioneiras á bandeira portugueza içada nos seus topes, respondendo-lhe a náo que não a arriou sem perder a terra de vista.

Havendo huma participação do que fica referido, sido apresentada ao principe regente, pelo capitão de fragata José Maria de Almeida, enviado pelo chefe Donald Campbel para obter a regia sancção do que elle propozera, foi sua alteza real servido ordenar que se formalisasse o tratado de paz com a regencia de Tripoli, e houve por bem remunerar com póstos de accesso os sujeitos comprehendidos na seguinte:

«Relação dos officiaes da armada real que por motivo da gloriosa expedição de Tripoli, foram promovidos por decreto de 27 de julho de 1780.

«Capitão de mar e guerra, José Maria de Almeida, capitão de fragata.

«Capitães de fragata, Manoel do Canto e Castro, Miguel José de Oliveira, capitães tenentes.

«Capitães tenentes: Luiz de França Machado, José Lopes dos Santos, Lourenço Antero Mendes, Pedro da Silva, primeiros tenentes.

«Primeiros tenentes: Francisco Homem de Magalhães Pissarro, Joaquim de Sousa Quevedo Pissarro, Alexandre Luiz de Sousa Malheiros, Guilherme Cypriano Ribeiro, João Eleuterio da Rocha, Henrique Masa, Joaquim José Pires, João Ferreira dos Reis Portugal, segundos tenentes.

«Segundos tenentes: Gualdino José da Guerra, João Diogo Contador d'Argote, Joaquim Antonio Figueiró, guardas marinhas; e Manoel Ignacio de Avellar, sargento de mar e guerra.

FOLHETIM MARITIMO

BARCA MARIA CARLOTA

XIX

PRIMEIRA PARTE

A marinha portugueza sempre foi distincta, quer pelos seus feitos militares desde D. Fuas Roupinho, no começo da monarchia, até aos commandantes do *Belizario* e lorcha *Leão*, no mar da China, em nossos dias; quer pela excellencia dos seus navios e aperfeiçoamento das suas construcções, sendo ella a primeira que lhe introduzio o uso das varandas nas poppas e o forro de madeira e gála-gála sobre o costado, trazido da mesma China por Fernão Lopes em 1516; e quer finalmente, pela habilidade dos seus officiaes que primeiro navegaram mares incognitos, accusando aos seculos futuros o nome de Magalhães, as suas aventurosas e longiquas descobertas.

Nem a inveja mais ignobil, nem o orgulho mais insolente podem escurecer a ousadia daquelles portuguezes que, em novembro de 1497, dobraram o Cabo da Boa Esperança, ou no anno de 1519 circumdaram o globo pelo sul da America. E posto que muitos detractores do que hé nacional, procurem deprimir quanto ha de grandioso e optimo neste paiz, nem comtudo poderão negar que só em 1838 o almirantado de Inglaterra estabeleceo exames para habilitar os officiaes da sua marinha mercante, quando em Portugal já estes eram por lei obrigados a faze-los desde o reinado da senhora

D. Maria I. Daqui resulta que, tanto os navios como os mesmos officiaes têm sido em todos os tempos considerados como os melhores de todas as marinhas do mundo.

Mas quando por qualquer respeito houvesse incredulos da preeminencia destes ultimos, que precisam demonstrar a sua superioridade por factos mais ou menos notorios e susceptiveis de varia interpretação, nem por isso a podem contestar aos navios que nesse Téjo e nos portos nacionaes e estrangeiros, se não excedem aquelles, rivalisam com quanto apresentam de melhor os construidos na India ingleza, na propria Inglaterra, America ou França.

Com effeito, quem vio o *Grão-Careta*, o *Grão-Canôa*, o *S. Thiago*, o *S. Domingos Enéas*, o *Principe*, o *Vasco da Gama*, o *Oceano*, os *Tres Reinos Unidos*, o *Duque de Cadaval* e outros grandes navios de oitocentas a mil e duzentas toneladas, pertencentes ás praças de Lisboa e Macau, não deixará de sustentar a sua primazia; e hoje mesmo que tudo quanto hé portuguez está tão mal conceituado, nenhum maritimo ousará comparar o melhor navio estrangeiro ás galeras *D. Affonso* e *Adamastor*, aos patachos *Alfredo* e *Arrogante*, aos brigues *Zaire* e *Novo Viajante* e á escuna *Magriço*.

Enthusiastas pois do que havemos sido e somos, máo grado de quem o nega e desconhece, tivemos a curiosidade de ir a Porto Brandão examinar a barca *Maria Carlota*, que o sr. Joaquim Maria Osorio encommendou á illustrada intelligencia do engenheiro o sr. Silva, e confessâmos sem receio de hum desmentido, que este bello navio ha de honrar a sciencia dos constructores navaes portuguezes. Hé bem lançado, tem bonitas sahidas de agua, muita capacidade em relação ao seu pontal e quilha, e quanta solidez póde comportar hum vaso mercante, susceptivel até de montar bôcas de fogo.

Dizemo-lo assim, não só por nos julgarmos hum pouco competentes na materia, senão porque tivemos a boa fortuna de ouvirmos fazer igual juizo das qualidades nauticas do vaso aos srs. conselheiros inspector do arsenal, e commandante da curveta *Porto*, commandante do vapor *Terceira*, lentes da

escola naval; e mais que tudo, aos srs. engenheiros constructores militares Moraes e Sampaio, que emittiram a mesma opinião diante dos srs. ministros do reino e da justiça, os quaes ali concorreram para honrar o merito do referido constructor, e applaudir os bons desejos e esforços commerciaes que o sr. Joaquim Osorio e o corpo do commercio portuguez, que elle representava nessa occasião, manifestam e empregam com vantagem do seu paiz, procurando-lhe novos mercados, e offerecendo-lhe transportes de huma solidez e acabamento que pouco mais deixam a desejar.

Aquelle senhor e os seus amigos que esperavam a honra da visita de ss. ex.as e do escolhido acompanhamento de officiaes da armada e pessoas distinctas que os seguiam, depois de largo espaço gasto no exame da linda barca *Maria Carlota*, offereceram-lhes hum esplendido *lunche* de quasi quarenta talheres, servido com huma profusão, delicadeza e aceio dignos de todo o reparo.

Durante a comida fizeram-se brindes adequados ao assumpto, época e pessoas: o primeiro á prosperidade do corpo commercial portuguez, e particularmente ao sr. Joaquim Maria Osorio e seus amigos ali reunidos, que o representavam; o segundo ao digno engenheiro constructor o sr. Silva, que tantas provas de merito exhibia, sendo a ultima, a factura deste decimo quarto navio que as coroava; terceiro aos officiaes da marinha mercante portugueza, mais habilitados do que o geral dos da sua classe nos outros paizes, representados todos pelo sr. capitão daquella barca; quarto aos officiaes da marinha de guerra nacional, representados igualmente pelos srs. commandantes presentes, inspector, constructores e lentes da escola naval; e por ultimo á honra, gloria e prosperidade do povo portuguez, representado pelos ministros, que tantas sympathias vão adquirindo, pelos desejos que patenteiam de fomentar a industria do paiz, concorrendo para o maior goso de liberdade e bem estar dos cidadãos. O sr. ministro do reino, n'hum pathetico e brilhante improviso deixou os circumstantes extasiados, e deu-lhes as mais espe-

rançosas seguranças de que o governo, se não conseguisse preencher aquelle desejado fim, pelo menos contava aplanar difficuldades que a isso se oppunham. O sr. Osorio, com grande effusão do coração, teve a habilidade de resumir em poucas palavras os sentimentos que todos queriam manifestar, no que foi muito applaudido; e o sr. Sampaio, a quem se dirigiram merecidos louvores, como representante da imprensa portugueza, explicou em nome da mesma a sua maneira de proceder, e quanto, toda ella agrupada a qualquer systema politico, se empenhava em honrar a patria e prestar-lhe serviços.

O dia 18 de outubro de 1854 estava lindo, como hé lindo debaixo deste céo de Portugal hum dia de outono, vendo-se a cinco leguas de distancia as penhas de Cintra sem huma nuvem, o mar de leite; muitos navios relaxados da quarentena de panno largo, impellidos apenas pela maré de cheio, o rio coberto de embarcações, o escaler dos ministros abicado á praia com os seus vinte e quatro remeiros de uniforme e bem vestidos, outro escaler do arsenal com doze homens igualmente uniformisados, as bellas canôas do inspector, dos commandantes Silva e Sette, embandeiradas, formavam hum espectaculo delicioso e como que promettendo á nova barca proxima a fender as vagas, os mais gratos e fagueiros destinos. Assim a Providencia o permitta, para proveito dos emprezarios a quem ella pertence, e deste reino em geral, que tantos inimigos calumniam.

SEGUNDA PARTE

Se alguem de boa fé persistisse em duvidar do prospero estado em que hoje se acha a nação portugueza, do aperfeiçoamento e irradiação da sua industria e da sua calumniada civilisação, bastaria cruzar as aguas do Tejo desde Aldeia Gallega até á Trafaria, e da Verdelha até Pedroiços para se convencer do contrario. Acolá, hum cáes extensissimo, onde atracam os vapores e barcos da carreira a todas as horas do dia e da noite, independentemente das marés. Na Ponta dos Córvos, junta ao Barreiro, outra ponte de oitocentos pés de comprimento para o mesmo effeito. Nas visinhanças de Xabregas a remoção de altas barreiras para o estabelecimento das linhas ferreas. As duas margens do rio, desde Villa Franca ao Bom Successo e do Alfeite a Manática, fumegando por centenares de chaminés, indicadoras da applicação mechanica da força de muitos mil cavallos, aos mais exoticos productos de industria artistica e fabril dos outros paizes. O quadro da alfandega, apinhado de vasos com bandeiras portuguezas. As boias dos vapores costeiros e de longo curso occupadas com elles, tambem portuguezes, das carreiras do Porto, do Algarve e do Brasil. E as praias de Santos, da Junqueira, do Seixal, da Amora e do Porto Brandão servindo de estaleiros e fornecendo ao elemento mais civilisador da humanidade, a *navegação,* dez a doze bons navios cada anno, portuguezes desde a concepção e execução dos seus planos até o mais pequeno bocado de caverna, braço e prancha do costado ou forro que os sustenta sobre as vagas.

Estas scenas de vitalidade social e de bem estar do povo, que passam desapercebidas da multidão por serem diuturnas e como que logicamente resultantes do seu liberrimo e proficuo proceder, não devem ficar esquecidas nos fastos do paiz, nem deixar de mencionar-se opportunamente por quem préza a sua fama entre as nações cultas; tanto para convencer os incredulos de que todas essas maravilhas e primores que

nos contam dellas são exagerados e em pouco nos avantajam, como de que a nossa gente deixando-a entregue aos seus proprios instinctos hé governavel sem o luctuoso apparato e crueza de leis obsuletas, e apta, e dada a todas as industrias, diligencia e trabalho exigidos nos centros alimentadores dos grandes focos de civilisação.

Começando pela imprensa, bem poucas são hoje as cidades de Portugal onde não se publique hum periodico: pelas manufacturas, bem poucas, e muitas villas onde o motor da agua se não empregue na fabricação do papel, nas obras de ferro, nas fiações e tecidos de todo o genero, bem como nas serragens de madeira e dos marmóres, na extracção de productos chimicos e composição de varios artefactos. No Porto e Lisboa as maiores industrias são auxiliadas por machinas de vapor. Nos arsenaes de mar e terra funccionam estas largamente. Os estabelecimentos de instrucção forasteira, tratam de vulgarisar ou introduzir no paiz os processos mais apropriados a todos os ramos de applicação moral e physica, relativos ás localidades e especialidades que lhes são inherentes. A nossa casa pia e as misericordias de Portugal, resumem os pensamentos e doutrinas dos philosophos mais gratos á especie humana. A arte da vitrificação nestes ultimos annos, rivalisou e rivalisa com tudo quanto appareceo de melhor gosto na grande exposição de Londres, e exclue do nosso mercado o que não seja rarissimo ou de hum acabamento completo. As cartonagens portuguezas já são delicadas; e das mãos dos nossos floristas, saem flores primorosas, principalmente as de pennas, que se confundem com as vindas de Inglaterra ou França. A viação portatil do paiz, mormente a da capital e suburbios, hé entretida por berlindas, carrinhos e omnibus das fabricas nacionaes, tão ligeiros e graciosos como os melhores de Londres e de París. A mobilia das casas, tanto de ferro como de madeira, e as obras de talha e ornatos, apenas se distinguem das estrangeiras no preço mais subido, porém da mesma perfeição e beldade. Mas sobre tudo, no que ninguem nos excede hé nas construcções navaes: os nossos

navios, quer de guerra quer de commercio, são os mais lindos e os melhores do mundo! Embora a ignorancia ou má vontade os ache pessimos, pesados, toscos e ronceiros; embora se exaltem por odio ao que hé nacional, os americanos, suecos, inglezes ou francezes; o patacho *Alfredo* não deixará de botar 8 milhas á bolina, e a fragata *D. Fernando* de lhe levar vantagem; a bella fragata *D. Fernando* que, se fosse artilhada segundo o exigem as suas dimensões e fina fórma, poderia servir de modelo a outros navios da mesma grandeza, como o seu typo *Duqueza de Bragança,* que ella imita, servio de original ás fragatas *Pike* e *Stag,* e a mais alguns optimos navios da marinha britannica; fragata que, apesar do empenho com que o capricho ou insciencia a procuram converter n'huma charrua, excede nesse mesmo logar em que estiveram a *Arethusa* e a *Amphion,* quantas bellezas e elegancias nauticas têm surgido no Tejo, confundindo-se ao primeiro golpe de vista com qualquer dessas tão gabadas embarcações.

Mas deixando por agora a *D. Fernando,* temos a convicção intima de que o *Vouga,* o *Mondego, o Villa Flôr,* a *Iris,* a *Oito de Julho,* podem navegar portaló com portaló, desafiando as louçanias e preeminencias navaes aos melhores vasos das duas primeiras marinhas da Europa. No entretanto não admira que estes navios assim sahissem, porque foram construidos por engenheiros militares e debaixo das suas vistas; a sua marcha e porte correspondem áquelle complexo de combinações scientificas reguladoras de tão extraordinárias machinas; basta entrar no *Vouga* e reparar-lhe nas costuras do convés para reconhecer que elle hé obra do arsenal da marinha de Lisboa, riscada por mão de mestre! O que admira hé ver os bellos typos dos nossos vasos mercantes, do *Alfredo,* do *Zaire,* do *Magriço* e dessa barca *Maria Carlota,* na ausencia do *Carêta,* do *Canôa,* do *Vasco,* do *Oceano,* do *Conde do Rio Pardo, Duque de Cadaval* e outros; a *Maria Carlota,* que o Téjo recebeo fagueiro ás tres horas da tarde do dia 20 de novembro de 1854, das praias do Porto Brandão, lambendo-lhe o costado com os cachões de espuma que a sua quéda lhe produzio! Como o

sulco do lindo navio refervia, demonstrando a finura das linhas d'agua que demanda, pela rapida cârreira com que esta foi fendida! E como cahio bem e se ostentou airoso na posição mais vantajosa aos esforços e mechanismos a que hé destinado!? Eis aqui hum dos muitos motivos da nossa vaidade nacional, e huma das muitas rasões por que não renegâmos o nome portuguez, nem a patria, nosso idolo, e por nós venerada até n'hum cavaco faciado por mãos de patricios, de modo que nos não deshonra.

A barca *Maria Carlota* e as dezenas de navios que annualmente se têm lançado ao mar das costas de Portugal, construidos por nacionaes e com madeiras do paiz, mostram os nossos recursos intellectuaes e physicos para sermos, se não temidos, pelo menos considerados como formando hum povo pensador, laborioso, communicativo, hospitaleiro, sizudo, tolerante e possuindo todos os commodos e meios de existencia social que julgam possuir privativamente essas prodigiosas agglomerações de materia organisada, dividida e subdividida quarenta a cincoenta milhões de vezes, que obedecem aos depositarios d'huma variegada porção de téla fluctuando á mercê do vento nas ameias das torres de Vienna, París e Londres!

Foi pois segunda feira desta semana hum dia de gala para grande parte das povoações do sul do Téjo, fronteiro a Lisboa que, alem do movimento industrial que a factura dos navios lhe communica, derramando por toda aquella area que se estende de Cacilhas a Alcacer e Cezimbra, muitos centenares de contos de réis (pois só a *Maria Carlota* importou em 22:000$000 réis), a quéda do mesmo navio e o concurso dos curiosos e amantes de tão encantadoras scenas, bem como dos amigos do habil constructor o sr. Silva, e do proprietario liberal e generoso o sr. Joaquim Maria Osorio, que os foram applaudir, attrahindo ás alturas visinhas, milhares de pessoas, e deo ao dia hum ar de festa quasi nacional, e até religiosa, pois a ermida estava aberta e illuminada com muitas vélas de cêra.

Na praia de Porto Brandão, quer por mar, quer por terra,

tudo eram espectadores! A barca embandeirada; no estaleiro levantaram hum mastro com seu mastaréo e verga de gavea, que embandeiraram de arco; os concorrentes alegres, como se, a cada hum coubesse seu quinhão daquelle esforço da intelligencia humana, para avassallar os mares, e conduzir aos mais remotos pontos do globo a civilisação e o producto do seu trabalho.

O sr. conselheiro inspector do arsenal e varios officiaes superiores da marinha foram convidados a presenciar o acto, e a elle assistiram, acompanhados do patrão-mór e de alguma gente do troço, em escaleres, para servirem opportunamente como era das intenções do governo, que favorece e auxilia todas as emprezas de utilidade publica. Assim que este senhor chegou, á hora aprazada, e sendo o collo do preamar, dèram-se os primeiros golpes de machado nas escoras que sustentavam o navio, e poseram-no á mercê do berço: pedida a competente venia, o sr. constructor Silva ordenou o seu cahimento, e elle escorregou pela carreira como impellido por mãos de fadas, deixando vasio aquelle immenso espaço que o seu grandioso vulto obstruia.

Maravilhosa scena, com effeito, que transportou de gosto os circumstantes, os quaes demonstraram o seu contentamento victoriando o constructor, o barco e o dono; e o dono, o barco e o constructor eram credores de tudo isto.

A *Maria Carlota* cahio bem na agua, o cadaste e delgados da poppa della romperam o fluido velozmente, que a cercou de cachões de espuma alvissima. Os escaleres do arsenal pegaram-lhe a reboque, e a *Maria Carlota* tomou posse do rio largando o seu primeiro ferro ao fundo! Parabens lhe sejam; dentro em poucas semanas levará a estranhas terras mais hum complexo das forças productoras deste paiz.

FOLHETIM MARITIMO

O BRIGUE PEDRO NUNES

XX

O *cahimento* de hum navio no mar, hé o acto mais solemne que tem a marinha, e sem entrarmos agora nessa demonstração, conhece-se desde logo a sua importancia e belleza, pelo afan com que o publico em todos os paizes do mundo civilisado concorre a presencia-lo attrahido por quantas maravilhas o mesmo acto, e o navio comprehendem. Com effeito a scena da fuga, ou ausencia daquelle volume inerte e pesadissimo, que se move como animado de força propria, ou impellido por mãos de fadas, hé tão singular, e produz na alma sensações tão gratas e novas, apesar de esperadas, que nos extasiam.

Por pequeno que hum navio seja, hé sempre grandissimo em relação ao individuo (homem) que o ha de tripular, e fazer mover pelo mechanismo da róda do leme que o ajuda a dar-lhe direcção: duzentas toneladas, por exemplo que hé só a parte que hum pequeno navio immerge, corresponde ao volume e peso de dois mil e seiscentos homens; e hé hum homem só, nesse acto do lançamento ao mar, que parece dar-lhe o primeiro impulso, para a carreira que o leva a fender o fluido que o ha de sustentar na posição conveniente ao seu arriscadissimo e aventuroso serviço. Na sua carreira fumegante, como que se despede para sempre da terra que o vio levantar-se pouco a pouco d'entre hum montão de madeiros dispersos e destacados, sem figura alguma regular, até ao

admiravel aggregamento delles, que, á primeira vista nada tem de commum entre si, e donde resulta a final aquelle composto das mais bellas fórmas, das mais graciosas linhas curvas em tão diversos planos, dos contornos mais elegantes e variados, que apresenta o lindo casco de hum navio bem construido; onde só ha de rectilinea a quilha, na construcção moderna, pois na antiga era esta tambem curva:

«Que a morte intimam com fragor horrendo,
«De longe ás curvas quilhas.»

como descreve o nosso Diniz.

Que esmero no calafeto do fundo, que segurança no cavilhame das cavernas e braços, na pregadura do costado, e do forro impermeavel ao filtramento de qualquer gota d'agua; que união nas taboas do convés e cobertas, que meio engenhoso e solido de fixar os váus, dormentes, e trincanizes?! Como de tantos milhares de partes disparatadas e heterogeneas, se compoz hum todo movel em todos os sentidos, invariavel na sua fórma, qualquer que seja a posição que occupe, e resistindo ao choque poderosissimo das ondas encapelladas sem se desconjunctar?! Admiravel cousa na verdade, e tanto mais admiravel, quanto mais se medita na perfeição e complexo desta machina chamada navio, onde todas as artes, e sciencias que a industria e intelligencia humanas imaginaram, são necessarias para o acabamento e desempenho a que se destina. Navio de guerra disse o imaginativo creador da *Revolução de Setembro,* era em si *idéa, espada* e *caminho!* Sim, hé *idéa, espada* e *caminho;* e só a sua idéa podia compor esta definição que resume quanto o mesmo navio significa, tripulado e commandado por quem entenda e falle correctamente a lingua do militar maritimo.

Dois navios de guerra, pois, ainda que pequenos, *cahiram* no dia 21 de junho de 1856 ao mar, dos estaleiros do arsenal da marinha de Lisboa, em presença de milhares e milhares de espectadores! O menor delles que hé a escuna *Angra* ris-

cada pelo sr. Moraes, parece-nos poder desde já affirmar que ha de servir bem e nobremente ao seu fim; quanto ao de maior lote, o brigue *Pedro Nunes* aguardaremos as provas que a experiencia der, para fazermos juizo do seu merito como navio de guerra.

No entre tanto, mais duas flamulas portuguezas tremularão nos seus tópes por esses mares, e talvez vão ainda a remotas plagas mostrar de novo a intrepidez e sabedoria que n'outras eras tanto distinguiram os Vascos da Gama, os Joões de Castro, os Antonios Galvões, os Farias, e os Magalhães. Talvez, dizemos nós, porque não hé só nos grandes navios que se realisam navegações arriscadas, nem tão pouco só nas batalhas de muitas náos e fragatas que se mostra a valentia e audacia dos homens de guerra, como bem o demonstrou o capitão *Pevrieux* na noite de 16 de agosto de 1801 a bordo da canhoneira *Volcan* contra *Nelson* no ataque de Boulonha, e o nosso destemido *Quintella* na curveta *Andorinha* contra a fragata franceza *Chiffonne* perto da Bahia no dia 19 de maio de 1801.

Cahimento do *Pedro Nunes* e da escuna *Angra.*—Relatando porém o facto de hoje, diremos que ás duas e tres quartos da tarde, que era a hora do preamar, deviam estes dois navios *cahir* na agua, mas como se esperasse por El-Rei até ás quatro, e a maré começasse a baixar, sem que o mesmo senhor apparecesse, permittio Sua Alteza o sr. Infante D. Luiz que o brigue *Pedro Nunes* partisse em quanto podia nadar; e com effeito elle escorregou admiravelmente pela *carreira,* deixando os milhares de espectadores maravilhados do modo por que fez aquelle trajecto, e fluctuou sobre as aguas do Téjo que tão fagueiras lhe lambiam o costado. Pouco depois chegaram Suas Magestades, El-Rei e seu augusto pai com toda a real familia que assistiram ao *cahimento* da escuna *Angra,* a qual ainda mais veloz que o *Pedro Nunes* levantou pelo attricto dos cachorros na carreira, hum fumo immenso, e fendeo as aguas do mesmo Téjo, com huma velocidade de 10 a 12 milhas, cercando-se de cachões de espuma alvissima que a rapidez do sulco produzio.

O corpo de marinheiros da armada com a sua musica, achava-se postado entre os dois estaleiros com a frente para o mar, a companhia de guardas marinhas com correias, armas e bandeira fazia a guarda de honra a Suas Magestades, como em tão solemne acto sempre se praticou; o arsenal estava apinhado de curiosos de ambos os sexos e de todas as classes e jerarchias; o reducto da inspecção, era occupado pela côrte e ministros estrangeiros com suas familias; no caes da mesma inspecção havia hum toldo e cadeiras para os altos funccionarios e membros das camaras legislativas; as janellas da sala do risco e da escola naval foram offerecidas e franqueadas a muitas senhoras que as adornaram com a sua presença e beldade, terminando a funcção ao aprazimento de todos, e sem o menor transtorno ou desgosto, o que hé de bom agouro para os navios que lhe deram causa, e aos quaes desejâmos o melhor e mais patriotico futuro.

FOLHETIM MARITIMO

UMA PERDA QUE FAZ HONRA

XXI

Nem sempre o militar valente hé vencedor, ainda que peleje peito a peito com hum só inimigo, pois qualquer circumstancia imprevista póde decidir da victoria; o que o distingue do pusillanime, hé a audacia com que sustenta a lucta, e o modo varonil porque dá, ou recebe o golpe que o capricho da sorte destina aos seus favorecidos: mas o que de certo caracterisa os homens singulares d'esta classe, hé aquella intrepidez com que, dispondo de poucas forças, sós ou acompanhados, combatem individuos mais possantes, ou mais crescido numero de adversarios. Conhecer o perigo e encara-lo ousado, medir a colossal potencia do aggressor, buscando perecer no choque, isto só pertence á verdadeira valentia; e ainda que a contemplemos vencida, nem por isso a nossa admiração deixa de fazer justiça ao seu nobilissimo porte. O capitão Laurent da *Chesapeake,* apesar de perder a sua fragata setenta mortos e cento e vinte e nove feridos em huma hora de combate contra a *Shanon* do commando do illustre capitão Broke, ferido tambem gravemente, foi considerado pelos inglezes seus inimigos, como hum insigne e bravo marinheiro, e como tal por elles sepultado com as mais significativas honras militares que os homens generosos tributam, sabem conquistar, e são só devidas ao verdadeiro valor!

Quando hum individuo que faz profissão das armas, chega a ganhar aquelle credito, bem que seja seu dever merece-lo,

que respeito lhe consagrâmos, e como o nosso coração parece alargar-se com o grato sentimento que lhe communica a presença de creatura tão meritoria, e tão sublime proceder! E se isto assim acontece á vista de hum guerreiro distincto, ou avaliando facto praticado por militar valente; com quanta maior razão deveremos extasiar-nos, descobrindo os mesmos ou mais extraordinarios dotes de marcial nobreza, em sujeito humilde, que não tinha por timbre empunhar a espada, e apenas aprendêra a dar pacificamente o rumo ao seu navio?!

O capitão José Leite Craveiro está neste caso, e á sua brilhante e honrosa conducta dedicâmos estes louvores. Vinha elle da Bahia para Gibraltar no seu pequeno brigue *Vigilante* armado com oito peças de 9, disposto a vender cara a vida aos francezes que infestavam os mares de piratas, quando a 25 de dezembro de 1812, gráo e meio a E. da Madeira, já quasi a terminar a sua derrota, lhe appareceo por sotavento da alheta huma embarcação de tres gavias, a qual lhe dava caça, e era de huma marcha superior. Dentro em poucos minutos, descobrio-se-lhe o casco, e reconheceo-se ser de curveta com dez portas na bateria, os mastros muito cahidos a ré, a alcacha pintada de branco, e com todos os signaes de navio mais que de guerra, propriamente corsario, ligeirissimo, fraco (o barco) traidor; quer dizer, que punha no seu pé e vantagens correspondentes, todos os meios de vencer, ou de fugir diante de forças respeitaveis. O nosso José Leite Craveiro, homem do mar ás direitas, conheceo-lhe logo as propriedades, tanto pela rapidez da marcha e finissimo apparelho, como pelas manobras, que eram feitas com a presteza e cautela do gato; e foi-se dispondo para a peleja, bem resolvido a lançar fogo ao paiol da polvora, antes do que deixar-se aprisionar, e soffrer os tractos e martyrios que, segundo constava, os piratas francezes, ou levantados com aquella bandeira, costumavam dar aos apresados; e vinham a ser, cortar-lhes o nariz, as orelhas, decepar-lhes braços e pernas, e depois abri-los pelas costas á machadada, e outras barbaridades inauditas: e sabidas por hum processo célebre que tivera logar em Cadiz, onde figu-

raram dois facinorosos que relataram taes crimes do patibulo, confessando que, até as proprias prisioneiras de quem abusavam, não lhes valia o sacrificio da honra, para tambem serem abertas a machado, mettendo [1] os navios a pique, depois daquelles actos de ferocidade estupida e incrivel, para não ficarem vestigios d'elles. Por isso, tanto os officiaes e companha do *Vigilante*, como o seu denodado capitão que sabiam do caso, na duvida do barco caçador ser corsario só, ou tambem pirata dos taes que mencionára o processo armados nas Antilhas, accordaram voar no navio, antes do que deixarem-se fazer pedaços pelos ladrões do mar, que commettiam estes assassinios á falsa fé, e quasi sempre sem o menor risco de vida.

O corsario não deo a caça, nem seguio o navio avistado, como hum navio de guerra costuma caçar e perseguir outro que lhe foge; foi-lhe buscando sempre a alheta de barlavento, virando de instante a instante, posto poder muito bem orçar, e tirar partido da sua optima andadura offerecendo-lhe logo o costado. Como vio no brigue cinco portas por banda com quatro peças em bateria, não quiz expor-se a levar hum tiro, e tentou fazer a presa sem perder hum só homem. José Leite Craveiro fallou aos seus quatorze companheiros, tanto na inutilidade de pretender fugir, como na rigorosa obrigação de vender cara a vida, attento o proceder do corsario, que bem indicava ser dos taes que não davam quartel, pelo modo vil por que os procurava. Hum navio tamanho, com dezoito ou vinte bôcas de fogo e talvez cento e cincoenta praças de marinhagem, buscar as aguas de hum pequeno brigue de oito peças e quinze ou vinte pessoas de companha, para lhe metter meia duzia de balas de coxia, era huma acção de tal modo revoltante e atroz, que todos juraram defender-se até á ultima extremidade, persuadidos de ser a curveta hum grande ladrão do mar, e não hum corsario dos tolerados pela lei. A força

[1] N'hum dos proximos folhetins, traduziremos a parte official do governador da ilha de França, que diz quasi o mesmo de hum negreiro francez.

disponivel do brigue apenas bastava para servir duas peças das quatro que elle tinha por banda, sem lhe restar folego vivo para a manobra, e por isso quando o corsario chegou a alcance, içou a bandeira e lhe disparou os primeiros tiros, o habil e valoroso Craveiro, com a sua denodada companha, poseram todo o panno sobre, e atravessaram o velacho na outra amura, correndo á bateria para darem a primeira banda á queima-roupa, logo que os dois navios atracassem. Mas o corsario, tambem mandado por marinheiro habilissimo, quasi a metter o páo da giba pelo estáe da bujarrona do brigue, para evitar a atracação e rascada, metteo todo de ló e fez o mesmo que o outro fizera, offerecendo-lhe por consequencia o casco no seu comprimento, como a bordo deste se imaginára; ao que os portuguezes acudiram fazendo hum fogo vivissimo, em quanto a curveta lhe não passou para a prôa e as peças do brigue poderam conteirar.

O rasgo, o acerto das pontarias, a opportunidade da manobra, a idéa da resistencia, a audacia do combate, e hum certo «*Que*» que não se explica nesses partos do genio, mas que assombra e prende quem os contempla, fascinaram a gente do corsario de maneira que no primeiro momento de surpreza, ninguem se lembrou de alar hum cabo, e apenas olharam espantados para o brigue, como admirando aquelle extraordinario acto de valentia, ou de loucura. Com effeito, como havia suppor-se que hum briguesinho tão pequeno e mal armado, tentasse resistir ou insultar outro navio daquella força! Ninguem, e por isso de bordo da curveta todos estavam desapercebidos, e julgando não só que aos primeiros tiros elle se renderia, senão até que, vendo-a buscar-lhe a poppa, ninguem esperaria que elles fossem de enfiada para arriar a bandeira; e tal era a segurança do resultado, que apenas tinham desatracado os cachorros de prôa para a caça, começando a pegar na fuzilaria. Porém vendo os estilhaços da borda, quatro pessoas estendidas no convés, e o capitão escorrendo em sangue, gritaram furiosos:

—Traidor, traidor: a pique, a pique.

Alaram braços, viraram em róda, prolongaram-se com o brigue, correram desatinadamente á bateria, e descarregaram-lh'a ao mesmo tempo, sem ordem, nem ouvirem a voz de commando.

O capitão do corsario (pois o era legalmente auctorisado) com carta de marca legitima, que, apesar de ferido gravemente, e da vida em que andava nutria generosos sentimentos, e era grande enthusiasta de valentias, não se levou da mesma raiva dos seus subordinados; mas antes movido por hum impulso de cavalheirismo e magnanimidade ordinarios nos verdadeiros valentes, quiz salvar da morte aquelles que davam tão decisivas provas de o serem, e mandou metter o leme de encontro. A curveta seguio, e pôs o vento na alheta, o capitão fez a manobra de virar em róda, e foi outra vez buscar a poppa do brigue, quasi a tocar-lhe com as mesas do mastro da mezena nos turcos do escaler. A guarnição persuadio-se que era para lhe lançar hum golpe de gente e passar tudo á espada, pelo que abandonou a bateria. O capitão acenando opportunamente para o timoneiro que orçasse, passou com a curveta para barlavento do brigue, e a marinhagem ficou suspensa por aquelle desvio do alvo. O capitão sem fingir reparar no effeito que este golpe produzíra, mandou alar braços, e atravessou, ficando com a sua alheta a tocar na alheta do brigue, de maneira que lhe pôde fallar sem bosina. Impôs silencio á gente, e disse para aquelle:

—Basta de resistencia, os meus guerreiros queriam metter esse navio no fundo depois de passar tudo á espada, pelo atrevimento que tivestes de resistir a huma curveta deste lote, e de nos matares quatro bravos marinheiros; mas eu quero salvar as vidas aos poucos valentes que acaso escaparam da nossa metralha: arreai a bandeira, depressa, antes que me arrependa deste grande acto de generosidade.

O capitão francez tinha aproveitado o instante dos dois navios estarem em direcções oppostas, e da bateria da curveta não poder ferir o alvo, para atalhar a ira recrescente da sua marinhagem, a qual bradava enfurecida a cada tiro do

brigue, *a pique a pique;* pois hé de advertir que, de bordo deste, não se descuidavam do seu proposito, sempre com a idéa fixa de irem pelos ares quando os piratas subissem á abordagem. Mas, depois da intimação do capitão, feita com aquelle cunho de verdade que huma alta intelligencia e hum forte desejo de bem fazer imprimem nos seus actos, transmittindo a convicção e impondo obediencia a quem os considera, resolveram os portuguezes a mudar de projecto, convencendo-se de que os inimigos não eram ladrões do mar, e por isso lançaram as tranças pela borda fóra e arriaram a bandeira. Tudo, acto continuo, a guarnição do corsario ficou attonita, porque se assim não fosse, e as peças delle podessem conteirar para o brigue, ou se os dois navios chegassem a abordar, nem toda a auctoridade do capitão, ainda que este bizarro homem commandasse o mais disciplinado navio de guerra, obstaria naquellas circumstancias á carnagem e completa destruição do brigue; mas depois da manobra inesperada da curveta ficar sobre, com o alvo na alheta, e distanciada, o caso mudou de figura, a raiva comprimio-se, a voz do homem superior foi ouvida, e a ordem restabeleceo-se.

—Ainda bem, rapazes; vamos a acabar com isto. Presto, presto, dez homens ao escaler, e tragam-me os prisioneiros, incluindo os feridos para os tratar.

Tiraram volta ás talhas, saltaram doze dos mais ligeiros ao escaler, atracaram ao brigue, que acharam arrombado da poppa á prôa, cavalgaram-lhe por cima da borda, e apenas viram illeso o audaz capitão, tres marinheiros, o contramestre, o piloto e quatro moços feridos; o resto tinha morrido na acção. Conduziram todos a bordo do corsario, onde foram acolhidos alegremente pelos vencedores, que passaram do odio e do desejo da vingança á admiração; porque a final, hum acto de verdadeira valentia, tem o poder de despertar em nós este sentimento, e fórça os corações mais endurecidos e ferozes ao respeito e á affeição. O capitão do corsario deo a mão ao do brigue, e disse-lhe:

—Sejais bem vindo; os bons marinheiros como vós e eu,

depois do combate, devem ser, e ficam sendo de ordinario bons amigos; a meu bordo tereis o primeiro logar depois de mim.

Na verdade assim aconteceo, porque apresando-se no dia seguinte a escuna hespanhola *Izabel,* e o brigue portuguez *Calipso* sem nenhuma resistencia, perguntou o capitão do corsario ao do brigue se quereria acompanha-lo e a sua gente para os Estados Unidos ou se preferia voltar á patria! José Leite Craveiro, como era de esperar, escolheo a segunda proposta, em vista da qual o capitão do corsario lhe mandou restituir e aos seus dez homens as suas matalotagens, e deo-lhes mais a escuna hespanhola, para elles conduzirem os outros prisioneiros dos dois navios onde quizessem.

Despediram-se os nossos valentes e os dois capitães, satisfeitos huns dos outros, quer pela audacia que huns mostraram, quer pelos rasgos de generosidade que ella despertou. E tanto nisto se esmeraram que os vencedores, cada vez mais affeiçoados dos dez portuguezes por lhes ouvirem a heroica resolução de fazerem voar o navio, que lhes consentiram içar a sua bandeira na escuna, honrando-a ainda mais com levarem elles tambem a sua içada. O corsario *La Comete* seguio para os Estados Unidos com os dois brigues *Vigilante* e *Calipso* prisioneiros, e o nosso illustre e muito valente José Leite Craveiro com a sua audaz companha, e as duas da escuna e *Calipso* foi entrar no porto de Cadiz a bordo da *Izabel* no dia 1.º de janeiro de 1813, onde o consul portuguez lhe deo todo o auxilio que era de esperar, e devido a hum proceder tão digno de elogio, e ainda mais digno de ser lembrado, para gloria da marinha mercante deste paiz, a quem prestaremos de passagem o pequeno serviço de lhe recordar os nomes de outros capitães, como João Licio Borralho, Simas, Theotonio da Silva Braga e João da Silva Sande, que foram condecorados ou mereceram graduações militares por actos de muito valor, como se tivessem começado a sua carreira a bordo de navios propriamente de guerra, onde a honra e a disciplina exigem que elles se pratiquem.

FOLHETIM MARITIMO

XXII

OS SONHOS

A gente do mar hé pouco supersticiosa, mas tende geralmente a crer em sonhos, por muitos casos que para isso têm concorrido; aquelle que vai referir-se foi notorio em Lisboa, e ainda hoje serve de assumpto aos pescadores do Fayal para distrahirem os seus passageiros na curta viagem ao Pico. Conviria porém que fosse contado de certo modo para ser lido com interesse; mas suppondo que fastio cause, sempre aviva a memoria de alguem que praticou huma acção boa. Nem só os feitos militares influem na alma do marinheiro patriota, e lhe inspiram o gosto da sua publicidade, qualquer procedimento honroso actua com a mesma energia sobre a potencia racional do seu ser intelligente, e tanto quanto delle depender procurará tornar duradoura a sua lembrança, quando o facto tenha relação com a marinha portugueza.

A bordo do bergantim *Santa Anna,* capitão José Filippe Nunes, que sahíra do Rio de Janeiro para aquella ilha em 12 de agosto de 1802, n'hum bonito dia de pouco vento, e em que o mar quasi de estanho, pela equinocial, não incommodava huma senhora moça muito enjoada e seu marido negociante, que vinha nos ares patrios procurar a saude perdida, a troco do grosso cabedal que accumulára no trafico da escravatura, dirige-se ella ao capitão e pergunta-lhe se cria em sonhos.

—Dizem que os do meu officio, mais ou menos acreditam

nelles, por mim devo dizer que sou hum pouco phantastico depois de certo caso que ainda hoje tenho de memoria; e v. s.ª (em 1802 eram raras as excellencias, mas já iam grassando as senhorias, e o nosso José Filippe, como todos os da sua classe, não deixava de ser grande lisonjeiro para com huma senhora bella que tinha a seu bordo) acredita ou dá-lhe pouco apreço?

—Não muito, por ora, mas sinto-me quasi disposta com o que me aconteceo as duas noites passadas a crer nelles.

—Visto isso, acode o marido, vamos ter-te somnambula, que hé moda franceza?

—Nada, os somnambulos esquecem o que sonham, e eu lembro-me.

—Desse modo não conheço a materia, diz lá por que rasão acreditas, ou hasde acreditar na historia, depois de sonhada tres vezes, e não logo na primeira?

—Hé clara, huma serie de factos revestidos das mesmas circumstancias e debaixo do mesmo ponto de vista, não hé obra do acaso, nem de huma imaginação adormecida.

—Pois de quem hade ser? Tu sonhaste hontem, sonhaste hoje e sonharás esta noite, logo o facto hé verdadeiro?

—Não sei, por hora só te digo que duas noites successivas tenho tido huma visão igual, e o mais hé que diz respeito ao sr. capitão.

—A mim?

—Sim, senhor, e Deos não permitta que continue.

—Porque não hade Deos permittir, hé alguma desgraça?

—Desgraça de huns, teima de outros, e maldade de muitos...

—Mas explica-te, diz-lhe o marido, desse modo ninguem te comprehende, sonhas com o sr. capitão, que vejo figurar de teimoso, sonhas em desgraças e maldades; portanto vamos ver se isso hé chimera ou se ha no que viste alguma probabilidade.

—Assim hé, acode aquelle, s. s.ª vê hum caso feio em que eu faço o papel de testarudo, conte o que sabe para me cor-

rigir, podendo ser, e livrarmo-nos do perigo, que talvez tenha remedio conhecido com antecipação.

—A seu tempo lhe farei a vontade.

—Porque não agora, tens medo que te appliquem o rifão do segredo em bôca de mulher?

—Ninguem mo recommendou, mas tenho motivos para ser discreta.

—Pois hé virtude que geralmente se nega ao teu sexo, e se alguma vez aconteceo que mulherinha não fallasse, foi para satisfazer outro vicio maior, isto hé, o de ouvir e fartar a curiosidade.

—Que a insolencia e malvadez dos homens chega ao ponto de nos injuriar e attribuir os seus defeitos sem risco de represalias, por sermos mais fracas e melhores, tambem o sabemos, e alguns menos perversos o têm confessado; mas seja o que for, o caso presente não entra na regra geral e posso explicar-lho.

—Vamos a isso que já tarda.

—E dizem que somos curiosas! Olhem o afan de penetrarem no coração alheio!

—Deixa-te de observações e conta o caso.

—Não conto; apenas disse que o meu silencio tinha explicação rasoavel, e hé essa que lhe vou dar.

—Visto isso ficâmos em jejum ácerca do que mais importava saber?

—Teria muito gosto de os pôr em tortura, para me desforrar da sua maledicencia; mas não imaginei hum conto para os atormentar, digo só que não adianto as minhas revelações sem sonhar tres vezes.

—Porque? Vais-me impacientando.

—Por ter ouvido affirmar que, se antes disso a cousa se revela, essa pessoa que recebeo o aviso mysterioso hé victima da sua leviandade, e eis-aqui a explicação da minha reserva.

—Caspite! Não ha melhor desfecho; o peor hé ali o sr. capitão, que fica com a pedra no sapato sobre a supposta teima.

—O peor, meus senhores, hé que não podemos discutir o ponto, por causa do aguaceiro que acolá se vai formando, e não tarda o mandado de despejo para ss. s.as

—E não poderia, em quanto elle não chega, contar-nos o tal caso que ainda tem na memoria, já que minha mulher está hoje com tamanha dóse de discrição?

—E tu estás-te moendo com isso.

—Ou conta, ou deixa contar, não interrompas.

—Talvez que sim, as nuvens estão acastelladas aqui para sotavento, e de lá hé que cresce; nada zanga mais do que hum aguaceiro que nos obriga a bracear para o receber, mas vamos ao caso. Quando eu fui de segundo no *Correio de Asia,* que era de meu primo e patricio José Nunes Silveira, e que lá perderam na costa da Nova Hollanda, fui-me hum dia deitar, depois do almoço, a ler as campanhas de Frederico, e adormeci. Sonhei que tinha visto nascer huma creança e que a mãi estava alegre, e todos os que com ella estavam; a mãi ria-se e estava sem perigo. Não sei como, depois vi esta creança deitada e amortalhada, porém ainda arquejando; era meu filho, estava á direita, á entrada da porta, de não sei que casa. Eu estremeci, e perguntei pela mãi. Morria de fome! Olhei para a esquerda e vejo minha mulher deitada, doente, com a cara inchada, sem movimento, sem fallar e só vertendo lagrimas, olhando para o filho. Ella e a creança estavam ambas com as cabeças para a porta, e não sei em que especie de bancas ou caixas, como tarimbas. Arripiei-me todo, senteime com huma convulsão fortissima, e esfriei quasi a perder os sentidos. Quando acordei davam sete ampulhetas, eram horas de sol. Escrevi isto na minha carteira, mas de tal modo me ficou tudo impresso que nunca mais me esqueceo. Voltei a Lisboa, entro em casa, e minha mulher com huma cara quasi como aquella que lhe vira, vem receber-me com o segundo filhinho de peito nos braços: eu nem sequer lhe perguntei pelo primeiro, tinha morrido!

—Quando? Pergunta a passageira.

—Na mesma hora e no mesmo dia em que tive o so-

nho, acontecendo á mãi tudo que se me representou na idéa.

—Acaso! Respondeo o marido.

—Porém máo, torna o capitão, sei tantos da mesma natureza, que me tornei perfeito visionario, e peço a s. s.ª, faça favor não me esconda o que sonhou, se tem relação comigo.

—Estou á espera da terceira vez.

—Faça o que quizer, mas o aguâceiro fez arco e traz chuva bastante. Péga nas obras dos joanetes, arria, carrega...

Os passageiros desceram, com a chuva cahio seu golpe de vento pois, como dissera o capitão, as nuvens tinham feito arco, estalaram seus fuzis, o vento saltou ao nordeste, não dando tempo a carregar-se o panno. Arria, carrega tem mão, seis dedos; o bergantim esteve de cobertas a prumo, Senhor Deos, misericordia, apesar da presteza com que o velho José Filippe lhe quiz dar remedio, devendo-se a sua sálvação a hum rapaz chamado Chico, que pegou no leme e pôs aquelle a caminho, dando a alheta á borrasca.

O máo tempo foi-se na seguinte manhã, mas o nordeste continuou com tanta furia que para bordejar metteram nos segundos, indo á trinca com elle; o bergantim era pessimo de bolina, andando apenas 2 milhas e deixando a esteira pelo portaló, não era forrado de cobre, trazia immenso limo e só rollava para sotavento. Assim tornou-se a viagem fastidiosa, foram correndo os dias, e diminuindo a agua nas pipas, porque o enfermo a consumia em banhos, a molestia deste aggravou-se, os caldos e mezinhices davam que fazer a todos; o homem encheo-se de scobuto vendo a morte proxima, até que emfim quando se contavam vinte dias da sahida do Rio, baldearam com elle no mar, pois não obstante o seu dinheiro, nem medico nem cirurgião havia que lhe acudissem, e foi lá para o outro mundo dar contas a Deos de negociar em almas christãs. Choros da viuva, consolações do capitão, commentos do piloto e contramestre, vindo-lhe depois disto calmas. Chegou a sêde e fome para todos, não havendo muitas esperanças de remedio, porque nesta quadra tendo pegado a briza, tarde

rondaria para o terceiro quadrante. Achavam-se por vinte e seis gráos de latitude norte, e trezentos e quarenta e oito de longitude do Ferro no dia 10 de setembro quando acabaram de observar o sol, propondo o piloto arribar a Cabo Verde, ou Canarias por falta de agua e mantimentos.

O capitão conhecia a conveniencia disto, mas não quiz immediatamente adoptar a idéa por lhe ser lembrada, respondendo que para as Canarias não havia bordada. Ha, não ha, veio a carta, e vio-se que lhe ficavam muito por barlavento, sendo o porto mais proximo o de Santo Antão.

—Bem, diz o piloto, pois seja Santo Antão, mettendo o leme de encontro podemos toma-la dentro de tres a quatro dias.

—Não ha duvida, mas o seguro!

—Termo de força maior; o seu contramestre já me fallou nisto vai por huma semana, bem como o carpinteiro e despenseiro.

—Hé verdade, sr. capitão, diz o marinheiro Moita, que era o mais doutor, fiel do porão e indiatico, toda a companha quer o mesmo, que anda por ahi esganiçada por falta d'agua, e o biscouto não sobeja.

José Filippe pensou hum bocado, deo quatro passeios de ré para vante, foi ao catavento, mirou o horisonte, voltou como indeciso, até que diz para o piloto:

—Não me opponho, hé voto geral, póde lavrar o termo que eu o assigno, ou melhor será fazer-lhe a minuta, e vossê pô-la em limpo.

—Hé o melhor, que não estou muito pratico.

—Pois sim, vou arranjar isso, e logo os chamo.

Desceo, e os quatro ficaram praticando ácerca da arribada, que no seu entender não era cedo, rogando meia duzia de pragas ao passageiro que lhe consumíra a agua com banhos e geropigas.

—Hé que o dinheiro dos negros nunca luzio a ninguem, prosegue o Moita, por mim tive occasião de ganhar boa porção de xerafins, levando dois catumbinhos de Moçambique para Góa, e não a quiz aproveitar; este diabo que nos appa-

receo a bordo, morreo como hum mouro, sem confissão, sem medico, e sem botica, e por fim de contas, a gente que cá ficou, paga as favas por elle: máos raios o partam e a quem lhe herdar o dinheiro.

O capitão que fôra escrever o termo diz á passageira:

—Ha de ver a terra mais depressa do que esperava, minha senhora.

—Porque, já mudou o vento, ou estamos perto do Fayal?

—Nem mudou, nem estamos perto, vamos arribar a Santo Antão de Cabo Verde.

—Para onde fica essa terra?

—A noventa leguas de distancia, para as bandas de Africa.

—Mas a que rumo?

—A que rumo? Pois v. s.ª sabe o que hé rumo?

—Não sei, mas preciso saber por causa dos meus sonhos.

—Os seus sonhos?! Que podem elles ter de commum com a nossa arribada?

—Podem ter tudo, e hé para ella se evitar que lhe vou fazer hum aviso.

—Ora, minha senhora, perdoe, mas declaro-lhe que hé tarde, não o aceito, porque não posso interromper o acto mais grave que temos a bordo, e de huma urgencia que v. s.ª não póde avaliar, nem mesmo fazendo-lhe ver, que da sua immediata execução, pende a vida de nós todos.

—Sei tudo porque o tenho ouvido ao sr. capitão e á sua gente, mas a minha advertencia hé indispensavel.

—Pois venha ella, não quero que v. s.ª me tenha por obstinado.

—Deos queira que não o fique sendo depois de me ouvir.

—Não ficarei por certo, quando isso dependa da minha vontade; mas diga que os momentos são preciosos, e a marinhagem não se póde ter muito tempo em suspensão.

Ficámos aquella tarde na equinocial em que se eu sonhasse terceira vez a mesma cousa lha communicaria, veio o aguaceiro, depois a trovoada, seguio-se o máo tempo, e por amor delle o terrivel golpe que Deos me destinava, e então todos

os meus cuidados foram absorvidos pela dôr que me pungio, e pela incerteza do futuro sem me occorrer mais o sonho das duas noites successivas.

Eis senão quando esta passada, torno a ter a mesmissima visão, a pontos de que fiquei persuadida da existencia do facto, e de que hum poder invisivel quer servir-se deste meio para salvar da morte grande numero de desgraçados.

—Seja como v. s.ª quizer, mas diga lá o que hé para nos desenganarmos.

—Pois sim, ouça e resolveremos: sonhei que indo nós n'hum navio, não me lembra qual, corridos do tempo, huma pessoa lhe veio dizer que ao sudoeste demoravam duas lanchas de outro que se afundára, e era preciso botar áquelle rumo para lhe acudir, que o sr. capitão lhe perguntou: «Quem lhe deo essa noticia?» E a tal pessoa lhe respondeo: «Ou eu o ouvi ou o sonhei, mas o caso hé verdadeiro.» Depois houve altercações entre os homens da companha, o sr. capitão mofou, veio muito peor tempo, fizeram-se não sei que promessas á Senhora da Misericordia do Fayal, e appareceram na prôa as taes lanchas com perto de setenta pessoas do navio perdido.

—Então que conclue dahi?

—Que deve botar ao tal rumo que disse aquella pessoa; eu não sei para onde elle fica, mas tenho bem presente que se chamava sudoeste.

—Ó minha senhora, isso agora hé impossivel; pois haviamos botar ao sudoeste quando o nosso caminho hé nordeste, e se arribarmos como temos urgentissima necessidade hé ao sueste!?

—Não sei de rumos nem de prôas, sei que tenho isto gravado na memoria, e que não póde deixar de ser hum aviso que temos a seguir.

—Minha senhora, não se illuda, v. s.ª falla nesse rumo e o tem de memoria porque muitas vezes o ouvio repetir; a cada passo fallâmos no geral do sueste que devia ter-nos acompanhado muito ao norte da linha, seguindo-se-lhe ás vezes huma corda de sudoeste; sueste daqui, sudoeste dali, e eis a

rasão de lhe lembrar. Portanto não dê peso a cousas vãs que nada têm que as auctorise, e vamos cuidar de nos refazermos de mantimentos na terra mais proxima, á qual devemos chegar dentro de quatro a cinco dias.

—Por quem hé, sr. capitão, não faça tal (pegando-lhe nas duas mãos) não queira concorrer para a morte de tanta gente que espera a sua salvação deste passo que lhe indico.

—Qual gente, nem qual morte, minha senhora! Aonde está ella, quem a vio?..

—Quem por minha voz lhe diz que está dentro de duas lanchas ao rumo do sudoeste.

—Dou-lhe a minha palavra que, se isso tivesse o mais pequeno viso de verdade, se eu mesmo o sonhasse não hesitaria hum instante, mas no nosso caso, e na penuria de mantimentos e agua em que nos achâmos, não pensemos mais nisso.

—Para mim hé hum dever faze-lo!

—Hum dever, por que lhe veio isso á idéa.

—Hum dever, sim, senhor, porque lhe conto isto com tanta certeza como se realmente o tivesse diante dos olhos.

Fez pequena pausa e largou-lhe as mãos; José Filippe como que reflectio, tirou o casquete, correo a mão pela testa, poizou o papel e respondeo-lhe:

—Mas não o teve, e demais, vamos que eu chegasse a persuadir-me, como hade v.ªs.ª obter da equipagem e do piloto hum accordo diverso daquelle que se tomou? Não vio que a proposta da arribada foi transmittida por elle de accordo com os outros? Com que cara lhe havia de fallar n'huma cousa tão pouco rasoavel, conhecendo que procederam desta maneira por famintos e sequiosos? Como havia de tomar sobre mim a responsabilidade de transgredir huma medida cuja conveniencia não combati; e quando fosse tão insensato seria obedecido? Hé rasão sufficiente para aggravar a nossa situação dizer a quatorze pessoas ameaçadas de morrerem á fome: vou pô-los em maior apuro, porque a nossa passageira tem na idéa que ao sudoeste ha duas lanchas com setenta pessoas de hum navio perdido?!

—Bem vejo que nada póde justificar o que peço, mas lembro-lhe que além do seu caso aquelle do capitão inglez, hé similhante a este, e elle salvou bastante gente em perigo.

—Escusa lembrar-mo, e não duvidaria perder quarenta e oito horas, levado dessas considerações; mas hoje, neste momento, não depende de mim o destino do navio, hei de seguir aquelle rumo que mais depressa nos conduzir ao porto da arribada; força maior me fez adoptar a proposta á qual subscrevi, e agora só outra igual, ou accordo unanime, me deixaria livre a escolha do caminho.

—Visto isso, fallarei ao sr. piloto e contramestre.

—Sim, senhora, lembra-se bem e consentindo elles, tenha a certeza que logo lhe faço a vontade.

—Fica a meu cuidado obter a sua acquiescencia. Deos que me inspirou a idéa, ha de fornecer-me os meios de lhe dar execução, e hei de esgotar todos os recursos; já agora quasi que estou só no mundo possuindo bens demasiados para huma mulher sem familia, posso despender bastante em favor de alguem; se o sr. capitão quizer, e este meu offerecimento não o escandalisa, como sei que entre os seus tres filhos ha huma menina, lhe offereço hum dote e a minha companhia até ella tomar estado.

—Não me offende a sua generosa offerta, e muito lha agradeço; mas se hé para me fazer mudar de aviso, desde já lhe declaro que, nem ella tem esse poder, nem eu para servir v. s.ª, era mister esse meio de persuasão; tudo que v. s.ª quizer e de mim dependa, se executará, huma vez que me não comprometta aos olhos da equipagem; depois do meu sonho pouco me falta para acreditar nos dos outros: mas fallar nisto á equipagem hé tornar-me ridiculo! V. s.ª verá que lhe combatem os seus desejos respondendo-lhe que não hé licito arriscar a vida de creaturas existentes, por entes imaginarios, e buscar hum perigo real, para acudir a hum perigo supposto. Mas basta de reflexões, falle-lhe, e veremos.

Subio a escada da meia laranja, e chamou o piloto, e officiaes de prôa que trouxeram comsigo o fiel do porão.

Começou o piloto a fazer a leitura do termo, quando a senhora o interrompeo, pedindo-lhe que não continuasse, ficaram espantados, e perguntaram-lhe a razão; moça, bella e rica, foi escutada attentamente, mas os circumstantes por fim de contas responderam-lhe que apesar dos seus bons desejos, primeiro estava o seu dever de salvarem as proprias vidas e a fazenda dos carregadores, pois de outro modo o seguro não pagava as avarias; no entretanto que fallasse o sr. capitão, talvez fizessem outro juizo.

—Respondeo este que, tendo ponderado os prós e contras, resolvêra inclinar-se ao maior numero, que n'hum caso de consciencia hé a melhor guia; mas que se dependesse só delle, botaria ao sudoeste por vinte e quatro horas.

—Mas a companha? acode o contramestre.

—A companha hade resolver-se se os officiaes quizerem, replica a passageira.

—Não se resolve assim, responde o despenseiro, nestas cousas em que os marinheiros têm voto, não cuide a senhora que o deixam ir pelo mal cozinhado: vá lá perguntar ao gageiro grande se, depois de assentada a arribada, consente em que o leme se não metta de encontro.

—Contro se devêra elle ter mettido logo depois de conhecida a altura, diz o fiel do porão coçando atrás da orelha, tudo o que a senhora diz hé muito bonito havendo biscoito no paiol e agua na jarra, mas querer esticar de lazeira por gente que ninguem vio, hé doutrina que nem o padre cura me ensinou.

—Chame o gageiro, sr. capitão, já que tenho contra mim este voto...

—Hé escusado, torna o despenseiro, vão huns atrás dos outros.

—E assim deve ser, continua o fiel, a lancha vai na poppa do barco, e o bote na poppa da lancha.

—Todavia, diz o capitão, hé preciso ver que accordo toma a maioria dos presentes: diga, sr. piloto.

—Aqui nada nos póde distrahir do nosso proposito, senão a vontade de satisfazer a esta senhora, e eu votaria por andarmos ao caminho que ella diz huma singradura havendo agua e mantimentos, mas de modo nenhum havendo tão poucos.

—Falle, seu contramestre.

—O seu piloto tem rasão, com agua e mantimentos, bota para lá, mas sem côdea, e sem molhar o bico, dou-lhe de encontro.

—O despenseiro, e carpinteiro votaram do mesmo modo, de maneira que o termo se assignou nesta conformidade, retirando-se os officiaes e fiel do porão meios descontentes.

José Filippe não dava palavra, nem a senhora que mal se continha, até que rompendo o silencio chega-se a elle pegando-lhe no braço, como ameaçando-o. Ah! sr. capitão, nada disto me faz novidade, porque tudo mo figurou a phantasia; já o tinha visto.

—O que vio?

—A sua recusa, e quanto mais penso no que se passa, mais me capacito de que ha gente em perigo e precisa do nosso auxilio para se salvar: a sua teima hé que a perde.

—E Jesus, senhora, pois chama a isto teima? por ventura hé acto meu?

—Não sei, mas parece-me que se eu lhe transmittisse os meus sentimentos, algum meio acharia de os satisfazer.

—Desabafe á sua vontade, diga o que lhe lembrar, mas fique certa do muito que com isso me penalisa, e saiba que não vejo modo de sahir deste embaraço: talvez isto que acaba de passar-se, não dê pouco que fallar, vindo eu e v. s.ª a sermos alvo de censuras e motejos de gente ignorante e mal intencionada. Deixe-me tirar-lhe o pretexto, pondo já a caminho de Santo Antão; bem desejava arriscar huma singradura, mas como, depois do termo escripto!!

—Subio, mandou alar braços, e metter o leme de encontro, singrando ao sueste meio éste. Perto das quatro horas formou-se huma trovoada medonha para éste, saltando-lhe lá o vento.

—Ála braços, contro, arria a bujarrona, arria gavias, etc., poseram no outro bordo, e foram seguindo com pouca véla até ao amanhecer em que lhe rondou para o sueste. Depois de resolvida a arribada, não lhe convinha aquella prôa, e não lhe convinha o bordo do norte, porque aquelle vento era falso; no entretanto foram aproveitando, botaram fóra dos segundos, tocaram cabos ao traquete, e singraram ao nornoroeste. O horisonte conservou-se escuro, roncando sempre a trovoada até que pelas onze horas, desaba-lhe hum aguaceiro fortissimo, com tamanho peso de chuva e vento que lhe deram a alheta, gritando o capitão e piloto:

—Contro, contro, andar assim, aonde está? Sudoeste.

—Sudoeste?!

—Sim, senhor, sudoeste.

—Esta hé boa! chega para as obras de gavia, arria, carrega, sobe acima, mette dentro; sudoeste!! Arria o velacho, carrega o traquete.

—Aqui anda o diabo com o tal sudoeste, diz o fiel do porão.

—Porque? pergunta o gageiro grande, que ia subindo pela enxarcia.

—Por amor da passageira?

—Andará, andará, mas não por amor della?

—Então por amor de quem?

—Sei lá, o Chico que lho diga; ó Chico (que ia dois enfrechates acima delle) conheces alguma bruxa nova e rica?

—Novitas conheço algumas, agora ricas, hé lá para gente graúda.

—Não hé isso, palerma, pergunto-te se já viste huma mulher moça, bonita e rica pegar-se com o diabo e dar feitiços.

—Forte asneira! isso fazem as velhas, ou alguma torta e mal amanhada, que quer marido!

—Quasi que déste no vinte, mas erraste hum ponto.

—Pois a bola passou-lhe perto, diz outro chamado Cascaes; mas onde está o erro?

—As que querem marido têm flatos, e pedem ás bruxas que vão enfeitiçar os amantes: as velhas essas dão corpo e

alma ao diabo para desencatar thesouros, e saberem bruxarias.

Chegaram ás arreigadas, o graniso cahia com força, o vento assoprava de maneira que nada se ouvia, elles prolongaram-se com a verga, e foram ferrando a gavia com seu custo.

Concluida a faina, e posto o bergantim em velacho sobre a pega, mandou o capitão botar a barca, e ficaram os nove nós na mão do piloto.

—Nove?!

—Sim, senhor.

—Veja bem não fosse engano.

—Engano? talvez no contar da ampulheta, que no carretel não houve novidade.

—Hé possivel! Por isso torne a deitar. Dá cá a ampulheta, moço.

Pegou n'ella, o piloto na linha, e quando elle disse:

—Tópo.

Já os nove iam pela grinalda fóra.

—Parece que leva o démo nas tripas.

—Ólé se leva, acode o fiel do porão que estava ao leme, mude de caminho e verá se não estaca.

O capitão desceo para a camara, e o piloto olhando para elle de má cara diz:

—Lá se entendem, deo-lhe cóca; máos raios a partam.

—E o Chico prosegue o fiel, diz que as moças não se pegam com o diabo.

—Deixe pegar, enchote-mas vossê todas, e ali para o Cascaes, e veremos quem trunfa.

—Pois que, duvida que esta prôa e as nove milhas não sejam obra do diabo a pedido da passageira?

—E porque não ha de ser obra do seu anjo da guarda? responde aquelle, quando vossê mesmo contou que ella só queria mudar de rumo para acudir a muita gente que anda á matróca?

—Foi o que lhe ouvi, mas o diabo nunca falla verdade, mostra-nos branco, e apparece preto, atira-nos com oiro, e pegamos em carvão.

—Mas isso hé o diabo incarnado no vulto de huma mulher torta e sem dentes, coberta de farrapos, seguida de meia duzia de cães que lhe ladram de longe; mas nunca huma mulher moça, com dentes de marfim e olhos de Magdalena.

—Vai tu atraz dos dentes e dos olhos, e verás se não esbarras.

—Essa praga me cahíra por meia hora, ainda que tivesse de chegar com as bombas na mão ás cruzes de Ribandar.

—Longe ias dar fundo, diz-lhe Cascaes; ó Chico, quando foste á India?

—Não te disse que na *Cleopatra?*

—Hé verdade, cuidei que tinhas tido o combate no *Polyfemo.*

—O nosso foi melhor, porque os francezes fugiram com muita perda.

—Conta lá que o seu Moita não te ouvio, e ha de gostar, para se esquecer do sudoeste e da passageira.

—Nem que vossês me contassem os combates de todas as *Cleopatras* do mundo, me tiravam a scisma da cabeça, mas vai dizendo que não sei o caso.

—Nada, o Cascaes que fallou em combates, diga primeiro o seu da *Europa.*

—Se não querem outra cousa, depressa ficam satisfeitos.

—Ahi temos o pachola, diz o Moita, que nunca está farto de dar á lingua, e de contar basofias.

—Basofias lhe chama vossê? Pergunte ao conselho do almirantado o que foram, quando recebeo o decreto dos despachos para toda a gente do bergantim?

—Despachos! então todos foram despachados?

—Sim, senhor, todos por decreto de 16 de setembro de 1799.

—Tambem tu?

—Tambem eu, que cuida? ficava no tinteiro?

—Arrota buchos de pescada com as tuas mercês, diz lá quaes foram.

—Olhe, o capitão, a quem o decreto chamava mestre, foi

feito primeiro tenente, o piloto passou a piloto da marinha, e os grumetes foram alistados na terceira divisão da brigada, podendo trazer farda nos seis annos em que fomos dispensados do serviço para embarcarmos na praça.

—Então és soldado?

—Tenho praça na divisão dos marinheiros lastradores.

—És soldado.

—Sou o que vossê quizer, mas digo-lhe que foi hum despacho.

—Bello despacho, ser soldado!

—Bom ou máo, deo-se por causa do combate.

—Pois guarda-o que não to invejo.

—Como vossê não está no caso, por isso desdenha; foi barro, passar hum homem de mestre a primeiro tenente?!

—Quem era elle, ó Cascaes? perguntou-lhe Chico.

—Chamava-se Luiz Severiano da Veiga.

—Os Severianos são levadinhos do diabo, o meu tambem era Severiano.

—Quem era o teu?

—José Severiano Moreira, mas conta, para vermos qual brigou melhor [1].

—Se hé para mim já estou farto, diz Moita; que esse linguarudo tem-me morto o bicho do ouvido com o Severiano, e a *Europa*, e as tres divisões, que só a ultima vale mais que hum regimento.

—Só ella, acode Cascaes, deve ter mil cento e oitenta e oito praças; a segunda duas mil cento e vinte e quatro; e a primeira, mil setecentas e setenta.

—Não te disse eu? dá-lhe corda e verás como elle não deixa fallar ninguem com os lastradores: quantas mil dizes tu?

—Cinco mil e oitenta e duas.

—Safa que não faltará rusga pela rua das Madres e dos

[1] Hum destes foi ajudante do inspector do arsenal da marinha, o outro era o commandante da nau de viagem *Marialva* quando ella se perdeo no baixo do Mojuncal.

Mastros, Pastelleiro, Madragôa, Izabeis, Pedras de Sanctos e todo o bairro do Mocambo! Se eu lhe contasse tambem como pude escapar ao Cova na Cara que, em filando, ninguem lhe dava volta, não acabava; fui-me ciscando por detraz dos corredores de Castello Picão, subi acima do telhado d'huma fabrica de loiça, galguei á varanda, e d'ella abaixo á travessa do Pé de Ferro, isso foi fino; o diabo botou-me o gadanho, e logo o cordel á mão esquerda, veio de trambulhão até perto da ronda que me tomava o beco da Peça; mas eu saco a navalha, corto o laço, arrumo hum sopapo no beleguim, e fui abrindo caminho até á porta do carro de S. Bento por onde enfurnei escondendo-me na botica dos frades.

—Vossê diz que eu sou fallador, torna Cascaes, quando vossê falla mais que ninguem; isso mesmo já eu lhe tenho ouvido cem vezes, e o sei de cór e salteado.

—Mas o Chico estava em jejum, foi para elle e não para ti que disse o caso.

—Conte seu Moita, deixe o Cascaes zangar-se de vossê o interromper; tu me contarás depois tudo seguido.

—Não conto, heide esperar que venha alguem mais, e arrumar-lhe então a pagina toda inteira, quero ver se dou quinão ali ao senhor que falla pouco.

—Por muito que dê á lingua, sempre hade ser menos algaravia que tu com os teus lastradores; quantos mil?... Desembucha-te, não fiques embatucado.

—Não fico, porque lhe dou vinte de ganho com o seu Cova na Cara e os frades de S. Bento; mas já que tudo nosso hé velho, deixe o Chico dizer cousas novas.

—Pois diga que...

—Basta, basta, falle o Chico.

—Já estou calado.

—Graças a Deos, vamos, olha que elle pega-te na palavra.

—Vinhamos de Gôa, e perto das ilhas fomos caçados por huma fragata de trinta e duas, que chegando a alcance, içou bandeira franceza e nos deo huma surriada com as suas dezeseis peças de 12. O nosso navio era grande, mas não montava mais

de dezoito de calibre 9, e por isso o commandante logo que lhe deram parte de embarcação a barlavento e pôs a gente a póstos, fez huma falla dizendo que com huma fragata daquella força, mal se podia combater de longe, por isso que não lhe fizessemos fogo sem estar bem perto: que provavelmente o inimigo não esperava grande resistencia de hum navio mercante, havia chegar-se afoito, e então, á sua voz descarregassemos toda a artilharia, continuando o fogo até elle dizer basta. Tomou cada hum o seu logar, a fragata veio arribando sobre nós, segundou com outra bordada e pôs-se pelo través quasi a tiro de pistola, dizendo-nos hum homem da enxarcia grande:

—Amaina a tua bandeira, senão passo tudo á espada.

Nós tinhamos seguido com todo o panno até á segunda surriada, como para lhe fugir, mas quando ella se prolongou, ficámos em gavias e joanetes, de morrões accesos á espera da voz de fogo: de lá tornaram a dizer:

—Amaina.

Quando o commandante, em cima do tombadilho, tira o chapéo e grita:

—Viva Portugal, fogo!

De bordo da fragata cuidavam que nós, amedrontados da sua superioridade não dariamos hum tiro, chegando os officiaes e gente ao bailéo para gosarem do seu triumpho, no momento de lhe respondermos com as nossas nove peças carregadas com bala e palanqueta; foi o mesmo que se dessemos dezoito tiros! Ouvimos hum rufo de caixa, e logo dispararem a sua artilharia, nós fizemos fogo á vontade, que pareciamos demonios, o chefe da minha peça, que era a primeira de ré, foi partido por huma bala, que entrando pela portinhola não offendeo mais ninguem, ao que o commandante accudio dizendo que tomasse conta della o primeiro carregador. Continuou o combate, que nem no inferno, por espaço d'huma hora, no fim da qual fomos arribando para fugir da abordagem, onde então, outra bala nos partio a verga sêcca pelo terço de barlavento; a parte presa pelo braço e amantilho, cahe com o grosso sobre o primeiro carregador que estava servindo de

chefe de peça e botou-lhe os meolos fóra, fazendo-o n'hum bolo. Segui-me eu, segundo carregador, a tomar conta della até ao fim da obra, que não acabava. Vendo os francezes que não levavam a melhor, e tendo ao que parecia, muita gente morta; poseram a gavia sobre, cahiram a ré para nos botarem hum golpe della no tombadilho, sobre o qual tinham já o seu gurupés. Corremos áquelle logar com os chuços e espingardas, elles fazem-nos huma descarga tambem, e furam-me o braço esquerdo, mettendo-nos huma bala de coxia do seu cachorro de prôa. O commandante tornou a orçar, respondeo-lhe com outra banda tão afortunadamente que lhe partimos o mastáréo da gata e o páo da bujarrona. Então orçaram elles e caçaram papafigos, ficando nós atravessados cousa de vinte minutos, para lhe mostrarmos que a victoria fôra nossa, sendo senhores do campo de combate, repetindo muitos vivas. Chegámos a Lisboa no fim de dez dias, fallou-se no caso que foi aos papeis, o commandante José Severiano Moreira subio a capitão tenente, o piloto Manoel João Pereira passou a primeiro tenente, o sargento do destacamento de artilharia foi despachado tenente para as ilhas, o praticante João Paulo entrou para a marinha em aspirante de piloto, o contramestre Manoel José Rodrigues foi feito mestre do numero, o fiel do porão, João Francisco, guardião da armada, e toda a companha dispensada de servir por seis annos nos navios de guerra [1].

—Foi bom despacho, acode Moita, que estava impaciente por fallar, mas tu ficaste alejado.

—Não fiquei, graças a Deos, porque o mercante me mandou tratar; perto de seis mezes tive a ferida aberta, por isso não voltei no navio para o Malabar, no qual tenho praça, mas apparecendo este brigue consignado á casa para acabar de carregar de vinho, vim fazer esta viagem furtada.

[1] José Severiano morreo capitão de fragata, bem como Manoel João Pereira, que tinha este posto, quando commandou a fragata *Principe D. Pedro*, da expedição contra a Madeira, no governo de D. Miguel, e se fez o desembarque em Machico.

—Já sabes como ellas zunem, faltava-te teres fome e sêde, agora ficas prompto, se não esticares no entretanto e todos nós, dá os agradecimentos á passageira dos olhos de Magdalena, que lá nos está torcendo os novellos.

—Deixe a passageira, que de certo não lhe importa ninguem que vai aqui.

—Se lhe importasse, diz o Cascaes, não se te dava de ires com ella para o inferno, em Chico? E eu tambem, apesar de ser tolo: o seu Moita está marfado, e quer ajustar as contas, seguro ao cordão de algum frade barbadinho que vio, largando de S. Bento.

—Quer hum grande diabo! Máos raios a...

—Para que está com isso seu Moita, deixe-se de pragas e de scismas, eu e o Cascaes, e toda a gente do navio pensâmos de outro modo...

—Eu já te pesquei, meu Salafrario, tu andas por aqui á rossa, mal que pódes chegas-te para ré e não deixas de botar o luzio.

—Que está vossê dizendo? Na sua bôca nem hum Santo, que fosse, escapava.

—Pergunta ahi ao Melcatrefe do teu amigo Cascaes, se eu truco de falso.

—Ó seu Moita, nisso não tem vossê rasão, responde aquelle, pois nem hum, nem outro fazemos mais do que o resto da companha que lumbriga sem cessar; e se vossê anda lá encasquetado pelas asneiras daquelles bodes de Christo, deixe os rapazes pagarem o tributo da mocidade.

—Hé que se continuar esta prôa, e a tal carinha de alcorça me ficar a geito, baldeio com ella ao charco.

—Basta de brincadeira, seu Moita.

—Fallo sério.

—Pois se falla sério, digo-lhe no mesmo tom, que não fiquei alejado do braço esquerdo; mas o direito só que tivesse, com elle mandava de presente ao diabo o seu Moita e quantos Moitas eu visse ao pé della.

—Assim, meu Chico, não importa que para nós sejam só as

Baés da Conceição e as creoilas da Prainha, o Cascaes havia fazer-te costas, por quantos olhos de Magdalena houvesse iguaes a estes da passageira, e...

Neste meio tempo subio o capitão, pelo que terminou a disputa que fôra ouvida pelo casmurro piloto, quasi da mesma opinião do fanatico Moita. Outra pessoa tambem escutára o dialogo sem lhe escapar nenhuma circumstancia, porque os rapazes se tinham sentado ao pé das portas da meia laranja para conversarem com o homem do leme, e todas as tres vozes chegavam ao logar onde esta pessoa viera por acaso. Era a passageira que, advertida pelos gritos da manobra quando saltou o vento, corrêra ao pé da escotilha, cheia de susto, procurando saber que perigo os ameaçava; demorou-se até ao ponto de fallarem na barquinha, e ouvio as vozes de espanto ácerca das 9 millhas; ficou tambem confuza pelo modo por que o homem dissera: «Sudoeste» e o piloto e capitão repetirem: «Sudoeste!!» Quiz informar-se mais, coseo-se com a antepara, mettendo-se debaixo da escada, sentindo o capitão descer, e pôde ficar sem ser vista por aquelle que fôra direito ao camarote mudar de roupa. Que conjecturas então fez, Deos as sabe, mas pelo resultado veio o mundo a conhecer que esta pratica decidio do seu destino, e concorreo para o estabelecimento de huma das melhores casas de commercio da praça de Lisboa. Chico era natural desta cidade, filho de boa gente que o entregára a José Severiano, sabia ler e escrever, fazia menos mal contas, e estas habilitações naquelle tempo a bordo de hum navio mercante, franqueavam as portas de ré, passando-se depois a ter hum camarote, hum belixe na camara, hum chapéo com presilha, e até por factos como os da *Cleopatra* e *Europa*, a envergar huma farda com botão lavrado. Além disso era bello rapaz de vinte e dois annos, alegre, cabeça de nazareno, beiços grossos e vermelhos, dentes nevados, olhos pretos, valente sem ostentação, ferido em combate, e defensor de huma dama sem lho dar a saber. Com taes predicados, que mulher naquellas circumstancias deixaria de lisongear-se com os seus serviços, não se aborrecendo mesmo das obser-

vações do gaiato Cascaes, cujo bom humor todos conheciam. Voltou para as suas almofadas e pensou.... pensou o que? O futuro o mostrará. No entretanto hé preciso advertir que, além dos olhos maviosos, bonita bôca, e branca pelle, tinha esta viuva suas pintas escarlates no rosto a que chamam sardas, seus vinte e cinco annos, e fôra casada com hum homem gasto nas viagens d'Africa, a quem sua tia, irmã do chanceller da relação do Rio, a dera para se não captivar o filho daquelle destinado a huma grande herdeira. Vê-se pois que estava em perfeita liberdade, e desgostosa dos parentes que a tinham sacrificado n'huns poucos de sentidos.

Chegou a noite e o vento sem mudar, e por isso poseram no bordo do norte até ás dez em que elle rondou para o noroeste, pelo que viraram no de éste; mas perto da madrugada saltou-lhe á prôa de modo que lhe deram a alheta singrando ao sudoeste. Foi isto na occasião em que Moita tomava conta do leme, o qual depois de rezar duas salve-rainhas que lhe entregára o despenseiro, rogou mil pragas a todos os olhos de Magdalenas, e a quantos basbaques por elles se derretiam. Veio a manhã escura, continuaram os aguaceiros, e o vento variavel correndo todos os quadrantes, não cessando o piloto de manobrar, dando ao diabo os sonhos, e quem nelles cria.

—Foi agouro, ou bruxaria, ha linguas damnadas, que surdem lá do inferno! Ála ali com seiscentos diabos, antes que isto vá para o fundo, ou morramos á fome, nem só os olhos tortos atravessam a gente, tambem os das Magdalenas ensarilham, guardem-se elles que se me dá na zoina faço huma fallada.

Chico mal escondia a sua zanga, e Cascaes não andava satisfeito ouvindo alguns marinheiros amaldiçoarem o vento, acrescentando pela bôca pequena: «A modo que o Moita e o piloto têm rasão». Chegou a hora do sol, e não se observou a altura, porque o tempo estava carregado, o piloto fez o seu ponto pela estima, e quando entregou o bilhete ao capitão, ponderou-lhe a conveniencia de botar a oeste, direito a Bar-

bada. Esperou para isto que elle estivesse em cima, fallou alto para ser ouvido, e repetio que, similhante vento e tal corrida, só por arte do diabo; por isso não havia que escolher, e posesse a caminho.

—Pois heide fazer essa prôa, senhor? E que tempo levaremos a tomar Barbada?

—Seja o que fôr, mas hé para não fazer o gosto a alguem que nos está ensarilhando!

—Ensarilhando? Vossê está doido.

—Não está, não senhor, responde Moita dirigindo-se ao grupo de marinheiros que cercava o cabrestante, hé a passageira: ha aqui tres sujeitinhos que precisavam ir com ella pela borda fóra (alludindo claramente aos dois rapazes e ao capitão).

—De quem falla vossê seu Moita? Diz-lhe Chico.

—De vossê mesmo, quere-o mais claro?

—Larga o leme e investe para elle; Chico põe o pé atraz, e dá-lhe tamanha bofetada que lhe fez espirrar o sangue pelas ventas. Moita puxa da navalha aberta e corre para elle, mas o velho capitão agarra no páo do catavento, e desanda-lhe tal bordoada pelas costas que o estirou no convés. Cascaes puxára tambem da faca, e dizia para o grupo meio disposto a intrometter-se na contenda.

—Se algum arreda pé, boto-lho as tripas fóra. Não te levantes dahi cão, proseguia o velho, olha que te abro a cabeça de meio a meio: despenseiro traga hum par de machos, mestre carpinteiro traga o martello.

—Ai que me mataram, gritava o fiel, ninguem me acode?

—Ninguem cachorro, que todos te conhecem as prendas, larga a navalha. E pôs-lhe o pé na barriga alçando o páo.

—Larga.

Largou-a, e Cascaes botou-a no mar, vieram os ferros, o carpinteiro servindo de calafate apertou-lhe as chavetas, e o capitão continuou:

—Este homem não torna mais ao rancho, e hade ir no

bote da poppa até o entregarmos á justiça no Fayal; aquelle que lhe der ouvidos, saiba que o embrulho n'huma folha de papel, donde não hade poder safar-se.

O atrevimento do fiel, a coragem de Chico, e a decisão de Cascaes apoiada pelo resoluto José Filippe deixaram a todos attonitos, mas no meio desta bulha que não durou cinco minutos, ninguem pensára no leme que abandonado a si mesmo dá huma sacudidéla, enrasca-se a cinta do fiel no cabo delle que fica mordido no moitão de retorno, e o navio vem a vento atravessando-se ao mar. Então huma onda galga por cima da borda, alaga o convés, leva a caixa da meia laranja e enfurna pela escotilha até á camara. A passageira pelo veso da vespera, e cuidadosa pelas altercações que ouvíra, não se tirava do seu observatorio debaixo da escada, cahe-lhe aquelle diluvio, dá grandes gemidos, acodem as negras, desce Chico a soccorre-la, e tra-la nos braços meia morta e encharcada para o convés onde tudo hé confusão.

O perigo continua, e Chico dá-lhe remedio expondo-se denodadamente; pousa a bella viuva ao pé da bitacula, e deita-se á cana, cortando o cabo mordido, em risco de ser feito pedaços, gritando:

—Alguem a mim. E foi levado pela mesma de encontro á amurada, mas nesse momento critico o generoso Cascaes se lança no meio, e ambos juntos lhe aguentam a pancada conseguindo po-lo a meio fazendo arribar o navio. Tudo isto não durou meio minuto, mas neste curto espaço de tempo, viram-se quasi soçobrados, pintando-se no rosto da maior parte, a situação horrivel de que os salvára o destimido Chico.

—Huma ovelha ranhosa bota a perder hum rebanho, diz o capitão, aquelle patife de Moita, ia sendo a causa de hoje se perderem homens e navio: pela minha parte dou-te os agradecimentos, Chico, trinta segundos mais tarde, ninguem nos poderia salvar (olhando para a passageira); foi só elle, agora acabou; v. s.ª que está encharcada tire-se dahi, mude de roupa, o perigo foi-se, que de certo não existíra se hum

mariola fizesse o seu dever: isto vai a caminho, e hé provavel que acabe de pressa.

—Eu cuidei de morrer lá em baixo, responde ella, e cá em cima; quando o navio esteve á banda, julguei que nunca mais se endireitava.

—E com rasão, mas já passou, graças ao golpe de vista e decisão de Chico; não se demore, e nós vamos cuidar do nosso officio que tem destes precalços: contramestre, veja se o cabo do leme póde servir com costura, ou precisa novo.

O contramestre depois de o ver respondeo affirmativamente, botando-se com o despenseiro a elle para lha fazerem. A senhora não se arredando do logar onde ficára pergunta ao capitão.

—E lá em baixo aquella agua? Olhe que foi muita.

—Dois rapazes que a vão enxugar, desce ali moços.

—Então, continua ella, hé ao sr. Francisco que devo a vida?

—Não ha duvida, minha senhora, qualquer sciencia humana, sem a sua destreza, e opportuna resolução era inutil.

—Chico, Chico fez tudo, diz Cascaes; e eu não fiz nada?

—Fez, sr. Cascaes, eu bem vi, responde ella, o sr. Francisco não podia sosinho suster a força do leme, e com o seu soccorro aguentou-o; tudo vi apesar da minha afflicção, e hei de agradecer-lho como merece.

—Basta, quero mostrar que aonde o Chico fôr vou eu; mas não lhe tenho inveja, elle foi o primeiro, deve ser mais lembrado.

—O sr. Cascaes hé muito bom para amigo, e máo para inimigo.

—Não hé máo de todo, diz o capitão, o seu defeito hé fallar, que em phrase maritima quer dizer pachola, hé cá hum termo technico, e se v. s.ª lhe der trela, verá que não acaba até ámanhã; tome o meu conselho, e vá pôr-se em enxuto, e volte se quizer ouvir o rei dos falladores.

—Por certo que quero, hé hum dos modos por que prin-

cipio a agradecer-lhe os seus bons serviços, além de que, o sr. Cascaes tem muita graça.

—Graça, hé para mim desgraça, para outros será ventura.

Ella descendo já no meio da escada responde-lhe:

—O sr. Cascaes nada lhe faz móssa.

—Moça e graça? Nada, quando vou ás sortes custa-me dinheiro e sáe-me o bilhete branco; agora que o premio era a branca, fica-me a preta (alludindo a huma escrava que ficára esperando que a senhora acabasse de descer.) Corra e volte que o meu amigo Chico lhe porá a assignatura.

—Cascaes... Deixa ir o barco que vai n'agua que te não córto a prôa; desconfias?

—Comtigo nunca, mas...

—Bem sei queres manobra de barco de guerra sem dar palavra, não me movo mais sem tocar o apito.

O sol era quasi posto, e nessa occasião costuma muitas vezes mudar o tempo, o capitão esperava que isso acontecesse, espreitando o horisonte a cada passo. Com effeito o vento foi acalmando e o mar cahia de repente, de maneira que antes de noite estava chão.

—Bello, sóbe acima, larga a gavia e bota fóra dos segundos, vamos a isto que ficou hum brinco.

Largaram panno e poseram no bordo do sueste, que era a caminho de Santo Antão. Vieram vassouras e lambazes, enxugou-se o convés, subio a passageira com as suas negras, e poseram-lhe hum xadrez para não ficar em cima da humidade; ella chegou-se á bitacula e perguntou ao capitão.

—Por isto hé que se governa o navio?

—Pelo que está dentro, que hé a agulha.

—Não hade dar máos pontos; e isto de fóra como se chama?

—Bitacula.

—Não sei a rasão, hé palavra exotica: e hé nella que estão os rumos?

—Nada, hé na rosa dos ventos, na agulha mesmo.

—Não entendo, diga-me, sr. capitão, onde fica o tal sudo-este.

—Tome v. s.ª sentido; aqui da parte do vento, hé norte; a parte opposta, sul; hum bocadinho para a sua direita fica o sudoeste.

—Mas no mar, no mar onde fica elle?

—Faça favor, venha aqui desta banda, agora olhe para a bitacula, e estenda a vista pelo mar fóra, assim (e estendeo o braço); na direcção do meu braço hé que fica o sudoeste.

Ella buscou a posição indicada, fita os olhos e pergunta:

—Hé aquillo que acolá está!

—Aquillo, que? Por ahi não fica nada que agora se alcance com a vista.

—Aquillo, aquillo (apontando com o dedo).

—Chico, olha, sobe á enxarcia, e meio espantado grita.

—Acolá está huma cousa!

O piloto, contramestre, despenseiro e dois mais sobem, gritando todos:

—Hé verdade, duas, duas!!

—Parecem lanchas! Torna Chico, olhando para a senhora.

—Quaes lanchas? Responde o piloto, arripiado e descendo logo.

O resto da companha subio e ficou muda, o capitão correo a buscar o oculo, firmou-o bem, dizendo depois:

—Não ha duvida, apesar do escuro que já faz, distingo perfeitamente duas embarcações com muita gente a acenar.

—Ai, sr. capitão, que hé a gente perdida!

—Louvado Deos, senhora, que nos conduzio aqui para a salvarmos: contro, ála braços.

—Aquillo póde e deve ser algum casco alagado, ou baixo, responde o piloto; havemos ir de noite espetar-nos nelle?

—Pegue no oculo, diz-lhe o capitão, e desengane-se.

Pegou.

—Não distingo bem, mas parece-me arrebentação.

—Até agora via, e agora parece-lhe arrebentação.

—Hé o que vejo, sendo de voto que ponha já na outra amura.

—A equipagem não descia da enxarcia, e tinha os olhos

fitos no que via, sem proferir palavra, até que Chico diz ao capitão.

—Faz favor do oculo, eu não tenho duvida, mas hé para desenganar os outros.

Mal que este o pôs á cara grita muito contente.

—Duas lanchas atulhadas de gente que acena com braços e lenços, arvorando dois n'hum remo.

—Arvorem, que não arvorem, diz o piloto, hé o diabo que nos finge isso para acabar de nos perder; e que sejam, quantos mais peor.

—Não diga disparates, responde o capitão: contro, ála braços: agora não hé termo de arribada, não preciso o seu voto.

Chico foi o primeiro a descer e a tirar a volta ao braço grande, os outros foram seguindo aquelle exemplo, e logo que o navio aproou ás lanchas elle correo ás conchas do gurupés a fim de as descobrir melhor, porque mal se divisavam por entre as sombras da noite.

Chico todo era olhos e ouvidos, ora em pé, seguro ao estáe, ora deitado sobre a pêga estendendo a vista pela superficie do mar, até que finalmente percebeo os vultos, e seguindo-se o susurro de muitas vozes, elle respondeo-lhe quatro ou cinco vezes acompanhado de Cascaes, do capitão e da passageira, que todos queriam por aquelle modo segurar-lhes que eram soccorridos. Não tardou muito que o bergantim os tivesse debaixo da prôa, o capitão mandou atravessar, e foi logo abordado por duas embarcações apinhadas de gente. O piloto e contramestre quando viram aquella multidão começaram a gritar.

Orça, orça que não cabe cá tanto povo.

E correram ao leme, mas Cascaes que estava a elle, tira a faca, e repete o seu tremendo ameaço.

—Aquelle que der hum passo, morre; se alguem se chega boto-lhe as tripas fóra: quem manda hé o capitão.

Chico arma-se do páo do catavento e faz-lhe parede, no entretanto a primeira lancha atraca, sobem dez ou doze, o resto não tarda e o bergantim fica coberto de poppa á prôa

com sessenta e huma pessoas, que diziam aos mesmo tempo.

— *Señor capitan, señor capitan, por Dios, por Dios, gracias, muchas gracias.*

E outras frases de agradecimentos entrecortadas de soluços e lagrimas. Passado o primeiro repente o capitão ficou embaraçado, porque com effeito se os mantimentos e agua não sobejavam para quatorze pessoas, como chegariam agora para setenta e cinco.

—Valha-me Deos, valha-me Deos, Jesus, que hade ser de nós se o vento continua.

—Não se consuma, sr. capitão, diz-lhe a passageira, tudo acabará em bem.

—Qual bem, responde o piloto, morreremos todos, que hé o que a senhora quer.

—E eu tambem quero morrer.

—Não sei, mas de nós posso contar que nenhum escapa; maldita hora em que o navio deo á véla, nunca tal viagem me apparecêra; veja se isto não foi o diabo, ou alguem que se entende com elle.

—Basta, sr. piloto, acode Chico, o nosso capitão bem sabe o que hade fazer, e o melhor hé não gastar tempo, que se perde estando atravessados.

—Pois mareie, tanto se me dá ir para o céo, como para o inferno, como ficar aqui; já que o diabo assim o arranjou, elle que lhe dê remedio.

—Sr. capitão, torna Chico, veja se quer metter dentro alguma destas embarcações, ou se quer que lhe corte a bóça.

Chegou-se á amurada para pegar na bóça, olhou para o catavento, correo á agulha e diz:

—O vento hé sudoeste!

—Sudoeste? Responde o piloto, meio assombrado, adeos tudo, sr. capitão, bote esta gente ao mar antes que isto se afunde.

—Está doido? Livre-se que lhe peguem na palavra; vossê cuida que sessenta pessoas lhe terão respeito, ouvindo-lhe essa lembrança?

A passageira chegou-se para Chico e Cascaes, perguntando-lhes se o piloto poderia fazer aquillo.

—Não, senhora, quando elle o intentasse não tinha meio minuto de vida, quem manda hé o capitão, e nisto manda quem póde mais, agora são os sessenta contra quatorze: mas não ha que temer.

—E haverá outro perigo.

—Sim, senhora, faltando o vento, ou sendo de má parte; se elle assoprasse donde agora pinta, sendo bem fresco podiamos tomar o Fayal dentro de huma semana.

—Não fazem promessas cá a bordo nas occasiões de perigo?

—Sim, senhora.

—Porque não fazem huma agora? Se quizessem prometter fosse o que fosse á Senhora da Misericordia do Fayal, eu tomava o seu desempenho; sr. Francisco, quer-me ajudar e o sr. Cascaes a fazer esta bóa acção?

—Quero?! Pois eu tenho querer depois de a ouvir?

—Sr. Cascaes...

—Mande, diga.

—Obrigado, que promessa fazem quando estão mais afflictos?

—Conforme, se o vento vem á prôa e o navio não arriba, promette-se a véla d'estáe ou polaca, outras vezes o traquete; se se está de kapa, ou se se desarvora promette-se a gavia; promette-se a véla d'estáe, do convés, etc.

—E agora o que deve prometter-se.

—Traquete e velacho, cutello e barredoira.

—Pois vamos a isso, promettam por minha conta.

—E pela minha, interrompe o capitão, o que vejo não hé obra dos homens, hum poder infinito nos conduzio aqui, elle nos levará aonde convém.

—Vou pegar o registo da Senhora no velacho? Pergunta Cascaes.

—Sim, e o Chico que ponha outro no traquete; larga ali as bóças a esses escaleres, contro, ála braços, larga a gavia,

sobe acima, larga joanetes, vamos com o cutello e barredoira.

Os naufragos, que todos eram marinheiros experimentados, vendo o que se pretendia, correram pela enxarcia os mais fortes, e n'hum instante lá foi de escotas aventadas o bergantim *Santa Anna* botando as suas 9 milhas com tudo largo a caminho do Fayal.

Esta gente toda recolhida era parte da numerosa tripulação da fragata hespanhola *Cantabria*, que sahindo de Monte Video a 30 de agosto para a Corunha, ao achar-se a 11 de setembro em vinte e seis gráos de latitude norte e trezentos e quarenta e sete de longitude do Ferro, por força de hum temporal abrio agua, e foi a pique, salvando-se das quatrocentas praças que a guarneciam, apenas aquellas sessenta e huma que saltaram aos dois escaleres dos turcos, perdendo-se todos os outros que procuravam safar a lancha atracada a meio navio, sendo tão forte a veia d'agua no porão, que não lhe deo tempo a nada. Havia mais de vinte e quatro horas que andavam no meio do mar sem agulha, sem comer, e sem esperança de salvação, quando fazendo mil promessas a Deos e a todos os Santos, deram vista de huma véla ao pôr do sol que com os seus ultimos raios lhe fazia alvejar o velacho; começaram a acenar com os chapéos e lenços, tirando hum delles a camisa que amarrou pelas mangas ao remo da boga por ser mais alto, e o amarraram, parecendo-lhes então que tinham sido descobertos, pois o navio arribára; mas tendo elle mudado de posição, e não lhe dando de frente a luz, o perderam de vista, cahindo no maior desespero e abatimento; passada cousa de meia hora, já de noite lhe viram o arvoredo, deram muitos gritos, foram correspondidos, e emfim salvos pela caridade e generosa dedicação dos portuguezes. O capitão, homem realmente bom, não pôde conter as lagrimas, a passageira chorava como huma creança, Chico e Cascaes animavam os hespanhoes, e correram a buscar as suas botijas com o resto da agua da sua ração, e alguma bolaxa que ainda tinham; a passageira vendo esta generosa lembrança, man-

dou pelas suas negras buscar quantos boiões de doce trouxera, o capitão distribuio-lhes hum quartilho de agua por cabeça e huma libra de biscoito, não cessando huns e outros de fallarem no caso que só por milagre podia ter acontecido.

Ao amanhecer os hespanhoes viram o preso no bote da poppa e perguntaram a causa; Cascaes e Chico disseram-lha, contando-lhe tambem o risco que correram no momento delle largar o leme, entraram a condoer-se do seo estado e a dizerem que «*visto Dios haber sido tan misericordioso, e la Madre Santisima, e todos los Santos haberen intercedido por su salvacion, ahora querian hacer lo mismo por lo infiliz*», e esperaram que viesse o capitão, ao qual requereram a sua soltura. Aquelle não annuio, mas subindo a passageira e recorrendo a ella para interceder pelo preso, taes instancias fez, que o capitão mandou tirar-lhe os ferros, e declarou esquecer-se do facto anterior. A corda de vento foi continuando, sem que fosse mister alar hum braço ou mudar de prôa, e passados seis dias, em que se contavam 18 de setembro, surgio o bergantim no porto do seu destino, quando já não havia a bordo nem agua, nem mantimentos.

Mal que deram fundo quiz o capitão e mais navegantes que a senhora passageira, causa unica do encontro extraordinario, fosse a primeira que saltasse em terra, juntamente com as vélas offerecidas á Senhora da Misericordia, e trataram de safar a lancha, porque o bote não podia com todos quatro. Desenvergou-se o panno que devia ser conduzido solemnemente, botaram a lancha ao mar, metteram-lho dentro e passaram-na para bombordo. Ora o ancoradoiro do Fayal hé, como quasi todos os das ilhas, máo e aonde o rollo do mar poucas vezes deixa de ser grande, por isso nem a senhora podia descer pelos cunhos do costado, nem que houvesse escada de portaló, ella sabia ganhar o balanço para tomar pé na lancha, e então resolveram arria-la n'huma cadeira ao láis. Moita que ouvio isto desgurne huma talha de rabicho, péga no moitão, sobe á verga, amarra-o no terço, passa o cabo, e vem com os dois chicotes para o convés. Cascaes e Chico tinham feito a ara-

nha e arranjado a cadeira, o capitão assentou-a, envolvendo-a n'hum signal do navio, desceo para a tomar nos braços, Cascaes fez outro tanto, e Chico sahío fóra á mesa grande para pegar na retenida e conduzir a cadeira; mas assim que esta se botou fóra do portaló e portou pela adrissa, arrebenta a alça do moitão, e a senhora cahe no mar entre a lancha e o navio, Chico atira comsigo atraz della, e Cascaes debruça-se na borda para lhe dar a mão quando surdissem ao de cima d'agua. Neste instante a onda atira com a lancha contra o costado, mas o velho capitão pegando d'hum remo lhe aguenta a pancada, para evitar que fossem esmagados os tres. Com effeito Chico veio ao de cima, e tornava a mergulhar, se Cascaes lançando-se tambem ao mar, mas seguro com huma das mãos á borda não lhe agarrasse com a outra os cabellos, dois hespanhoes seguraram-no pelo braço, de dentro do navio álam o cabo, conseguem pôr-lhe a cabeça fóra d'agua, e finalmente recolhem-os na lancha, Chico meio suffocado, e a passageira morta, ou sem sentidos. Cascaes não se demora, põem-na aos hombros, e ajudado de dois hespanhoes que o amparam, leva-a para dentro do navio seguido dos mais que estavam nas duas embarcações, e vai deposita-la em cima das almofadas da camara, e mais o Chico ainda pouco senhor de si. Viram-na de bruços, ella botou alguma agua fóra, e tornou a recobrar os sentidos. Passado este momento de surpreza e anciedade, entraram a fazer perguntas, como seria, como não seria, como foi que arrebentou a alça do moitão! Cascaes occorre-lhe huma idéa do malvado Moita, sobe á verga e traz para baixo o rabicho que vio com dois cordões cortados...!!

Olharam todos para Moita cheios de horror, o qual mostrava no semblante a confusão e o crime; pegaram no cabo que era novo e não podia arrebentar com tão pouco peso, e persuadiram-se que o monstro a quem roia no coração o desejo da vingança pela bofetada que recebêra do Chico, e pela paulada que levára do capitão, procedêra daquelle modo já para assassinar a passageira, já para lhe fazer dar só hum mergulho! Cascaes chega-se a elle, agarra-lhe pelo pescoço

atira com elle ao convés, põem-lhe hum pé no peito e quasi que o afoga; mas os hespanhoes tiram-lho das mãos, e botam-no da borda para fóra, n'huma barqueta que acaso chegava de terra. No entretanto o capitão, que se achava na camara, entregou a passageira ás negras para lhe mudarem o fato, e sahío levando Chico para o seu camarote onde lhe fez dar e áquella huma gota de agua quente.

A barqueta que voltou para terra, alvoroçou a gente da villa com tantas novidades que trouxe de bordo, morte do negociante, fome e sede da companha, sonhos da passageira, levantamento de Moita, encontro dos hespanhoes, mergulho daquella, e fugida deste, ninguem se entendia, e o bergantim foi cercado de quantas embarcações se achavam na praia, apinhadas de curiosos. A fome apertava, trouxeram refrescos e veio a familia do capitão, cuja esposa e filha correram a consolar a doente. Chico recebia os louvores de todos, e depois de tres horas em que os animos socegaram e tudo se dispôs, largaram para terra, sendo esperados na praia por mulheres e creanças dos marinheiros, e mais povo que não achára modo de ir a bordo. Desembarcadas as quatro vélas, formou-se a devota procissão que todo o povo acompanhou até á Misericordia, destinando-se o domingo immediato para a festa. O capitão offereceo a sua casa á passageira, que a aceitou bem como aos officiaes da fragata, a quem ajudado daquella que em tudo se mostrou generosa, deo toda a casta de soccorros, estendendo este beneficio proporcionalmente aos mais necessitados. Descarregou-se o bergantim, fez-se a grande festa, houve subscripção a favor dos hespanhoes, chegando o bom José Filippe ao ponto de offerecer o seo brigue para os conduzir á Corunha. A passageira quiz tambem concorrer para istó fornecendo-lhe os mantimentos, e no fim de quatorze dias estavam promptos a largar o ancoradoiro. Em todo este tempo huns e outros não deixavam de louvar Chico e Cascaes pela sua exemplar conducta, pelo seo denodo, e por muitas partes boas que geralmente lhe reconheciam, sendo admittidos em casa do capitão como pessoas da familia.

A filha deste era huma das mais lindas raparigas do Fayal aonde quasi todas são formosas, de corpo esvelto e dezenove annos de idade, pelo que o gaiato Cascaes andava a tombos, dizendo mal á sua vida, perdido de amores, e desesperado por não ter mais a offerecer-lhe que a mão callosa de hum marinheiro de vinte e dois annos, a qual infallivelmente seria rejeitada pelo honrado capitão, e por ella mesma apesar dos bons olhos com que parecia vê-lo. Fóra do seu costume de folgar tornou-se melancolico, sendo esta mudança percebida pela viuva que descobrio a verdadeira causa, e quiz dar-lhe remedio, não só para lhe pagar os serviços recebidos, como por amor de Chico de quem elle era verdadeiro amigo, e ella visivelmente amava.

Procurou traça de o dizer ao capitão, com o qual depois de varias praticas entrou em materia, respondendo-lhe este que a unica repugnancia era ser elle marinheiro.

—Mas não poderá passar a piloto bem como Chico? Tantos estudos serão precisos, e levará isso tanto tempo que eu os não possa sustentar? Duas vezes lhe devi a vida, e o sr. capitão huma; quereria fazer quanto de mim dependesse para a sua felicidade; diga, será possivel obter-lhe huma carta de piloto a cada hum?

—Talvez, mettendo-se elles com José Militão, ou Cabral que lhe ensinem a mathematica, e fazendo exame; mas deixe a senhora isso para quando voltarmos da Corunha.

—Deixarei por ora de o levar ao cabo, mas desde já lhe digo que além do dote que eu prometti á menina, lhe offereço dez mil cruzados, para o enxoval dos noivos.

—Fallaremos depois, no entretanto nada resolvo, porque nem mesmo sei qual hé a vontade de minha mulher e filha, que julgo pouco inclinada a hum marinheiro.

Chegou a familia, interrompeo-se a conversa, foram jantar e depois da mesa perguntou a viuva a Chico se elle tencionava estudar para piloto.

—Trabalho para isso, e Cascaes; elle e eu temos cada hum nossa derrota da India, e agora esta do Brazil, já observâmos

o sol, carteâmos as milhas, fazemos o ponto menos mal, porque mo ensinou a fazer o piloto Manuel João Pereira na *Cleopatra,* e a elle o mesmo capitão Luiz Severiano; e em chegando a Lisboa mettemo-nos com José Militão, que dentro de tres ou quatro mezes nos leva a fazer exame para alcancarmos a carta de sota; depois fazemos outra viagem, apresentâmos outra derrota, e no segundo exame talvez venhamos a tirar carta com excepção.

—Muito bem, como isso tenha logar, eu farei todas as despezas, no entretanto o sr. capitão vai levar os hespanhoes á Corunha, e depois hade conduzir-me a Lisboa; quizera porém pedir-lhe hum favor, podendo ser.

—Não prometto.

—Prometta, que me parece facil, e de certo a sua familia toda achará bellissima a minha lembrança.

Entraram a gracejar as senhoras, elle tornou-se serio, até que a viuva lhe declarou serem os seus desejos que as duas senhoras lhe fizessem companhia até Lisboa, onde ella lhe queria retribuir o agazalho com que fôra tratada.

—Mas o seu destino era para o Fayal?

—Em quanto alguma cousa me prendia a esta ilha, agora não tenho que fazer aqui, por isso decidi-me a voltar á terra do meu nascimento; vamos, nega-me o favor de aceitar a minha casa, e quer-me roubar a companhia destas duas amigas a quem sou tão obrigada? São passageiras minhas, hé a minha familia, o sr. capitão faça os seus arranjos, e proponha as condições da viagem.

—Mas agora quando está tudo prompto?

—Deo palavra a alguem de partir já hoje? Alguem governa-nos nisto? Oito dias mais, oito dias menos que importam?

Tanto se disse, tanto se fez de parte a parte, que o bom velho cedeo, e no fim de huma semana mais, toda a familia do capitão embarcou e a passageira com destino á Corunha, e de lá para Lisboa.

Chico fazia castellos no ar, e Cascaes do mesmo modo. A bordo ha hum certo contacto, que destroe as etiquetas dos

salões, ali tudo está proximo, os individuos encontram-se ao amanhecer, ao almoço, ao jantar, á ceia, fallam de dia, fallam de noite, e huma semana de viagem estabelece maior intimidade que muitos mezes de convivencia em terra; por isso tanto hum como outro sabiam que a bella viuva e a linda ilhôa os attendiam, não se atrevendo comtudo a fallar claramente em quanto não fossem pilotos. O bergantim dirigio-se á Corunha, mas não podendo tomar aquelle porto por causa dos ventos ponteiros, entrou no Ferrol, aonde o bom José Filippe e seus marinheiros foram recebidos como era de esperar por toda a população que soube da sua generosidade. Houve repetidos bailes ás senhoras que, além disso, foram brindadas pelas familias e conhecidos dos naufragos, abençoando-as toda a gente que se extasiava á vista da sua gentileza e filantropia, durando esta ovação constante até ao dia da partida, despedindo-se os passageiros com mil promessas de perpetua lembrança.

O tempo era excellente, pois corria o mez de outubro, bonançoso e claro, vindo por isso o capitão com o bergantim perto da terra para tornar mais deleitosa a viagem ás senhoras que lhe faziam centenares de perguntas ácerca das povoações que descobriam. Tendo chegado defronte de Caminha diz elle:

—Faz agora quatro annos e quatro mezes justamente que eu escapei de morrer neste logar.

—Foi quando os francezes lhe deram a cutilada, meu pai?

—Sim, sexta feira 29 de junho de 1798.

—Então, pergunta a passageira, já teve brigas no mar e não me contou as suas façanhas?

—Quantas se praticaram nesse tempo que ninguem menciona, e ficarão esquecidas!

—Culpa hé do governo que não manda escreve-las; aposto que não hade esquecer-lhe mimosear-nos com os casamentos do conde de tal com a ex.ma D. fulana da ex.ma casa de fulano, como se isso fosse mais util do que sabermos o nome do official que tomou hum navio, ou sahio airoso d'hum combate?!

—E cada vez vai sendo peor, nesse tempo ainda apparecia este ou aquelle, hoje nem nada. Se olhar para as gazetas, só encontrará: «festa que fez o juiz de fóra da Covilhã, pelo nascimento do sr. infante: regosijos a que mandou proceder o desembargador Francisco d'Almada, o corregedor d'Evora»; e outras miserias que mettem dó; o feito e por fazer dos taes senhores, hé indicarem o modo de extorquir dinheiro ao povo com este pretexto, e pedirem grandes recompensas por tal serviço. Eu quereria ve-los debaixo d'hum aguaceiro ou com a espada dos francezes em cima do cachaço; ahi não lhe valeria a tratantice de Coimbra, nem a rabulice dos provarás.

—Esse mal hé velho, não queira agora emendar o mundo; deixe-os com as suas imposturas, e conte o combate em que entrou.

—O meu, pequeno foi.

—Diga sempre.

—Lá vai: Era eu piloto deste mesmo bergantim que vinha do rio para Vianna com seu dono por capitão; apenas traziamos algumas espingardas, estava calma como hoje e nós desesperados por ficarmos fóra; eis se não quando sahem d'ali detrás do monte de Santa Tecla, do portinho da Guardia, tres lanchas artilheiras e vem direitas a nós, e a duas outras de pescadores que acabavam de alevantar as redes, as quaes foram logo apresadas. Nós entrámos a fazer-lhes fogo, e elles não só respondiam com as espingardas, se não tambem com a sua peça de 4, que cada huma dellas trazia; estivemos neste tiroteio por duas horas, até que bateram remos e nos abordaram; corremos ao portaló com as espadas, e o capitão a defender a bandeira; mas sendo nós apenas quatorze, e elles mais de quarenta, saltaram dentro, dando-me por detrás huma cutilada na cabeça aqui (e mostrou a cicatriz) que fiquei estirado como morto, não tratando melhor os doze restantes; correm á poppa, cortam as mãos ao capitão que segurava com a esquerda na adrissa da bandeira, e com a outra na espada, botam-lhe as tripas fóra e dão reboque ao bergantim, procurando aproxima-lo da Guarida. O commandante do lugre *Galgo* fun-

diado em Vianna, que presenciou o começo do combate, não tendo vento para sahir, metteo-se n'huma lancha de pescaria das de Fão, mestre José Gonçalves Moledo, armada com sua peça de calibre 1, fazendo-se seguir do immediato n'outra lancha, mestre Antonio José do Valle, tambem armada, e finalmente sendo estas seguidas de outra terceira commandada pelo sargento, e dirige-se á primeira do nosso reboque onde ia o commandante francez; estes fizeram-lhe fogo como desesperados, mas elle á prôa da sua lancha fazia tambem fogo com a peça, em quanto os marinheiros remavam de maneira que dentro d'hum instante a abalroou, travando-se a briga de arma branca; a segunda do immediato fez o mesmo á segunda, e a do sargento foi-se á terceira que fugia com huma das duas apresadas, por nome *Santa Anna*, mestre José Gonçalves. As espadas retiniram, os gritos dos combatentes prolongaram-se, e o sangue escorria por todos elles, rendendo-se os inimigos, dos quaes só dezoito escaparam, sendo dez na lancha do commandante guarnecida com treze, sete na segunda tripulâda com dezeseis, e hum hespanhol na terceira com onze, ficando tudo mais no meio do mar. Eu tinha tornado a mim, veio huma aragem do norte, e pude metter o bergantim dentro ás sete horas da noite: foi aqui mesmo, neste logar, cinco leguas ao noroeste de Vianna.

—E esses officiaes como se chamavam? pergunta a passageira.

—O mais valente que eu mesmo vi carregar e fazer fogo á prôa da sua lancha, era o commandante João Affonso Netto, o immediato, tambem soldado brioso, era o segundo tenente Guilherme Williams; e do sargento que passou tudo á espada, desse não sei o nome, nem o perguntei pela sua barbaridade.

—E depois?

—A fazenda do capitão foi entregue ao juiz dos ausentes, o bergantim foi arrematado, eu cobri o lanço, parte da carga era do rio, consignada a elle com ausencia a mim, apurei o que pude, voltei ao rio, e tenho feito tres viagens, graças a

Deos com bastante fortuna; o bergantim hé de ferro, precisa forrado de cobre, e fica excellente para ir á India, onde tenho tenção de dar huma saltada apesar dos meus cincoenta e nove janeiros.

—Viagens, sempre viagens, diz-lhe a mulher, na tua idade já hé vicio; daqui a dois mezes completas sessenta annos, não estás para apanhar aguaceiros.

—Hé verdade, sr. capitão, quanto mais que essas viagens são boas para rapazes, e n'outros navios maiores; se fizer mais alguma, continue nesta carreira.

—Veremos, veremos.

Foram costeando a terra, chegando no dia immediato á vista do Cabo da Roca, para o qual vinha outro navio de tres mastros.

—Hé o *Trajano,* dizem da prôa.

—Não hé, diz Chico, hé o *Espada de Ferro.*

Hé, não hé, chegaram á falla, e com effeito não se enganára este ultimo, fizeram-se os cumprimentos do estilo: boa entrada, até logo, lá tem Moleta, e foi seguindo deixando pela alheta o bergantim que custava a arrastar-se.

—Ali vai aquelle que nada lhe falta, diz o capitão para a passageira, bom navio, boa fama, bom dinheiro, e por fim honras e póstos; galgou a primeiro tenente.

—Entraria n'algum combate.

—Quem ha que no tempo da guerra com a França deixou de entrar nelles? da nossa arte não me aponta meia duzia; se fossem a escrever os encontros da nossa marinha, bem podiam chover volumes; dos que vamos neste navio, tres sabem como ellas se jogam, dos outros não fallemos; mas na verdade o melhor de todos elles cá da nossa classe, sempre foi este do *Espada de Ferro.*

—Diga-o lá, sr. capitão, se hé cousa que faz honra a homens do mar quero sabe-la de cór.

—Faz bastante, a nossa marinha militar, navio por navio, não cede o passo a qualquer outra, mas a mercante hé a primeira do mundo; os nossos navios de carga são quasi navios

de guerra, e os seus officiaes parecem da armada; e que marinheiros, que gente, o governo hé que lhe não dá valor.

—E hé bem bonito o tal *Espada de Ferro,* assim de flamula e artilhado parece huma fragata; diga, sr. capitão, vamos ver como elle escapou das garras dos francezes.

No 1.º de setembro de 1798 de meia travessa para a terra foi elle caçado por hum corsario de dezoito peças, poseram-se a póstos, e foram manobrando convenientemente, respondendo com os guardas lemes aos cachorros do inimigo; prolongado este com os nossos deo-lhe huma banda, que foi recebida com outra igual, o que sendo visto pelos francezes vieram á abordagem. Lançaram harpéos, foi vivissimo o fogo de fuzillaria, e saltam dentro com espadas e pistolas, correndo hum grupo d'elles á bandeira defendida por hum rapaz de dezesete annos, que cortou de hum só golpe as duas mãos do primeiro que tentou arria-la, botando com huma cutilada ao mar o segundo que se chegou a elle, e ferindo mortalmente o terceiro. Os outros não descançavam, por todo o navio se brigava da mesma maneira, setenta portuguezes faziam face a cento e cincoenta inimigos, que apezar do seu numero, e deixando estirados no convés trinta e hum, fugiram arriando bandeira. Dado o grito da victoria, mandou o capitão portuguez que viesse a bordo o commandante, o que elle ia fazer, mas arrebentando neste meio tempo o batoque a que estava preso o harpéo; e ficando o corsario deste modo solto, faltando ao seu dever de soldado e contra as leis da guerra, cahio a ré, e botou á poppa; dos nossos tudo ficou ferido. Primeiro que os portuguezes se desenganassem da traição, já elle levava tudo largo, sendo impossivel a hum navio carregado, dar caça a outro que andava leve, e construido para corso. Deram-lhe muitas apupadas, e seguiram para Lisboa, onde fundearam a 5 do mesmo setembro, trazendo quasi tudo ferido e morrendo-lhe dois. Em attenção a esta valorosa defeza, foi Sua Magestade servida nomear a João Leite da Luz, commandante do dito navio, primeiro tenente da armada real. Ao contramestre Manuel Leite dos Reis, sargento de mar e guerra. Ao pi-

loto, Francisco Rodrigues de Lima Pinto, primeiro piloto da marinha real. Á mãi de hum dos mortos e á irmã de outro, a pensão de 100 réis diarios por toda a vida a cada huma. A Joaquim Nobre, calafate; a Pedro Francisco, e a Manoel José da Costa, serventes, 100 réis por dia a cada hum, durante a sua vida. A José da Silva, servente *que tão gloriosamente defendeo a bandeira portugueza,* 200 réis por dia vitalicios, ficando esta pensão a sua mãi ou irmãs se morresse das feridas. A cada hum dos outros feridos huma pensão vitalicia de 100 réis diarios. Aos marinheiros artilheiros, que vinham neste navio, a gratificação de hum mez de seus soldos. E aos outros marinheiros, o serem alistados na brigada real da marinha, despensados por seis annos do serviço da dita brigada.

—Bonita acção da rainha que os soube premiar, diz a primeira, sinto só, que aos pobres marinheiros artilheiros, por terem praça na brigada, lhe dessem tão pouco, mas com os mais foi generosa; e esse facto foi á *Gazeta?*

—Este foi, a novidade durou tres dias, ninguem hoje se lembra delle: isto para ficar em lembrança havia escrever-se n'hum livro.

—Era melhor, não ha duvida, mesmo assim bom foi que se publicasse, daqui a vinte, trinta, quarenta annos algum homem do mar, apaixonado pela sua profissão, e amante da gloria do seu paiz, colligindo estas noticias, lhe dará mais publicidade.

—Talvez, algum que por esse mesmo amor, e essa paixão tenha de soffrer martyrios.

—E porque não hade ser premiado?

—Boa pergunta! Porque se elle tiver paixão pela vida, hade querer conhece-la a fundo, hade estudar, hade folhear então estes papeis de agora, hade queimar as suas pestanas, querer o bem da sua arma, reprovar os defeitos da época, adquirir inimigos, ser odeiado, e perseguido, talvez morrer de fome.

—Que diz! Não seja agourento, essas desgraças acontecem

nos governos dos reis, e nunca nos das rainhas, veja agora a senhora D. Maria I como premiou este Luz, e fez tantos despachos similhantes; dê-lhe nesse tempo outra rainha, verá se o tal patriota póde queixar-se.

—Conforme fôr o ministro.

—Ah, como falla em ministros já me calo; olhe, sr. capitão, o navio já tomou piloto ao que parece, e lá vem a muleta para nós, não hé verdade?

—Lá vem: chega ali ao grande e gavia, ála.

Atravessou, subio o piloto fazendo os cumprimentos e saudações do costume, e foram botando para a barra. Huma hora depois tirou elle o seu barrete, pedindo huma salve rainha a Nossa Senhora de Porto Salvo, que estavam de dentro, e a competente molhadura á passageira que não lhe deixou as mãos vasias. Ao largo vinha outro navio que parecia de guerra pelo seu apparelho, panno, e bom pé; era huma galera pequena que andava como hum passaro. Ao bergantim acalmou-lhe o vento na enseada de S. José, de maneira que apenas foi indo com a enchente; a galera trazia o seu panno cheio e entrou a barra toda enfunada, dentro em pouco chegou a Caxias, onde encontrando a mesma bonança diminuio a carreira; mas como era finissima, passou ávante do *Santa Anna*, e foi-lhe dar fundo na prôa, logo abaixo da torre. José Filippe tambem largou ferro, mas garrando então a galera, estiveram quasi atracados; ála daqui, ála dacolá, arria a amarra neste, larga outro ferro naquella, chegaram os officiaes á borda, e fallaram-se, reconhecendo José Filippe o outro capitão exclamando:

—Oh! Por aqui, sr. José Domingues! Deixou-se de Moçambique? Está farto de catinga?

—Estive por hum és, não és, e os negros iam-me costando caros, vou dar entrada, e logo fallaremos.

—Eu vou fazer o mesmo, e terei o gosto de lhe dar hum abraço.

—Lá o espero na torre.

Partiram ambos, hum atraz do outro, demorando-se muito

na volta, vindo por fim José Domingues conduzir no seu bote José Filippe a bordo do *Santa Anna*.

—Acharam-se conhecidos? Pergunta a passageira, e tiveram que relatar as suas façanhas.

—Hé verdade, aquelle não tem poucas que contar, traz suas patacas, mas não lhas invejo pelos sustos que gramou.

—Tambem teve combates?

—Teve brigas, foi prisioneiro dos francezes, e salvou-se por sua muita coragem; aquella galera foi o corsario que o apresou.

—Ah! Por isso ella nos parecia de guerra; então como a tomou elle?

—O caso hé comprido, mas como hoje hé domingo (31 de outubro de 1802) e não vem a saude, nem temos pratica, ha tempo para tudo, eu lhe conto que hade gostar.

Andava este José Domingues na curveta [1] *Rosarinho,* tendo feito a sua armação, com quatrocentos captivos que conduzia pela terceira vez ao Rio de Janeiro; na ultima, perto de Cabo Delgado, deo-lhe caça esta galerinha franceza que lhe atirou meia duzia de tiros e o fez prisioneiro; metteo-lhe dentro quinze francezes, e tirou-lhe dez negros marinheiros para a sua mareação, e a elle José Rodrigues que chegando a bordo foi desfeiteado, e levou huma bofetada por não arriar logo a bandeira. Com esta affronta jurou vingar-se, e tomar, ou largar fogo á *Emboscada;* que assim se chamava o corsario, se não podesse obter outra desforra. Continuaram os francezes o seu corso, mandando o *Rosarinho* para a ilha de França, e tomando successivamente os navios portuguezes *Santo Amaro* com trezentos e vinte captivos, a *Ephygenia* com quinhentos, e o *Principe* com quatrocentos e cincoenta, mettendo em todos elles gente da sua tripulação, e recolhendo varios cafres marinheiros; e finalmente largando fogo a outro portuguez que foi encalhar na Ponta da Bajona para salvar os negros que botou em terra. Com estes despojos se

[1] Curveta naquelle tempo era hum brigue cuja véla ré caçava na grinalda.

recolhia, quando huma noite José Domingues desesperado pelas surriadas que a cada passo lhe davam os francezes, e desejoso de vingança pela injuria recebida, chamou dois dos seus negros, promettendo-lhes alforria, e aos oito mais do bergantim, se elles o ajudassem a libertar-se dos francezes. Os negros foram consultar os companheiros, e resolveram affirmativamente. Então José Domingues pegou no machado do fogão, hum dos pretos mais valentes na picota da bomba, o terceiro n'hum passador, e os outros, que agarrassem os francezes desapercebidos e atirassem com elles ao mar; depois que descessem á praça d'armas, e pegando das espadas fossem retalhando tudo. Assim se fez, José Domingues foi-se chegando para o piloto que estava ao catavento, o da picota para o homem do leme, os outros para seu francez cada hum; José Domingues dá huma machadada no seu que o abre pelas costas, o preto da picota deita os miolos fóra ao do leme, o do passador mette a ponta pela barriga ao terceiro, agarrando os mais no resto que estava em cima, atirando com elles pela borda fóra. O capitão acorda, sente rugido, arma-se da espada e pistolas e corre á escada da meia laranja, mas logo que mostra a cabeça leva outra machadada de José Domingues cahindo para traz sobre outro francez que o seguia. José Domingues desce então seguido dos seus negros, vão levando tudo adiante de si; tres destes lançam mão das espadas dos cabides, e não descançam de matar e ferir quem lhe resiste perecendo logo dois; mas os seis restantes já armados vingam-se nos inimigos não deixando nenhum vivo. Doze francezes ficaram estirados na praça d'armas, seis tinham ido pela borda fóra, capitão e piloto abertos de meio a meio, o timoneiro com os miolos fóra, e o arvorado em guardião estripado com o passador. O resto da tripulação eram lascares que não quizeram tomar parte na briga subindo para as gavias; por isso acabou a carnagem entrando José Domingues com a sua apresadora, o corsario a *Emboscada*, na seguinte manhã em Moçambique aonde toda a gente se espantou da sua audacia e boa fortuna.

—Era preciso muito animo, sr. capitão, tenho estado a tremer em quanto me contou os perigos por que este homem passou, ninguem de sangue frio se arriscaria a dar tal passo; hé verdade que as bofetadas, e o máo tratamento deveriam leva-lo a esse acto de desesperação.

—E a elle que hé valente como as armas, e bom official do seu officio, hé macambusio, e dá poucas palavras; em fazendo tenção, marra como hum touro: mas vamos a terminar o conto. Chegando a Moçambique apparelhou de novo, carregou, sem risco de encontrar corsarios, porque a *Emboscada* era o melhor navio que tinha entrado naquelle porto, e seguio para o Rio de Janeiro despedindo-se daquelles mares, aonde podiam outros francezes fazer-lhe pagar caro o seu atrevimento. Demorou-se dois annos a liquidar a negociação, e ei-lo ahi com a sua *Emboscada,* que tenciona vender para a escravatura, por ser d'huma marcha superior, e póde talvez valer de quinze a dezoito contos.

—Mas ia-lhe custando a vida, e bem que escapasse, eu não queria a sua fortuna pelo preço por que elle a comprou. Não hé assim, sr. capitão?

—Hé verdade, e para mim, ou sejam escrupulos, ou chimeras, ou tudo que lhe quizerem chamar, nunca engracei com estas viagens d'Africa, e repugna-me o trafico dos negros; hé dinheiro que não luz, e quando se escapa dos alevantamentos, e dos corsarios não se escapa das carneiradas e das febres; hé raro aquelle que não tem as tripas cheias de quina, e passa o resto de seus dias sem deixar na botica metade do que lá ganhou.

Veio a noite, recolheram-se; no dia seguinte, tarde, muito tarde veio a saude, suspenderam, e foram amarrar-se defronte da alfandega.

Nessa tarde foram as senhoras para huma hospedaria, na seguinte manhã alugaram-se casas com sufficientes acommodações para a viuva e seus hospedes, que ella agasalhou primorosamente, descarregando-se o bergantim no entretanto, e indo depois para as lamas da Boa Vista invernar. Os dois

briosos e guapos marinheiros eram admittidos francamente na sociedade desta familia, todo o tempo que os seus estudos lh'o permittiam, pois não descançavam, quer de manhã, quer de tarde, com o seu mestre Cabral, que nesse tempo alcançára mais fama por sua impostura, do que o modesto José Militão; e no fim de quatro mezes de assidua applicação, fizeram o seu exame, obtendo a carta que esperavam. Já tinham huma situação definida, a sua carreira era outra, o seu futuro igual ao do capitão, pelo que se atreveram a fallar. Tudo se esperava e foram attendidos com apparente bondade, mas com grande alvoroço do coração. A viuva quiz correr com as despezas do noivado, e quando se lavraram as escripturas do consorcio, ella não só dotou a filha do capitão em dez mil cruzados, como deu a Cascaes por vinte annos o quarto dos lucros do commercio da sua casa.

Era o dia 13 de maio de 1803, os noivos estavam á mesa com o parocho que os recebêra e muitos convidados que enchiam os copos para beberem á sua saude, quando se bate rijo á porta annunciando-se hum creado do consul de hespanha com huma carta de officio para o sr. capitão José Filippe Nunes. A cousa era urgente, o velho pegou no papel e tudo se calou esperando a explicação; dentro do sobrescripto vinham tres papeis, sendo hum delles impresso, outro manuscripto muito grande com sêllo de lacre, e o terceiro mais pequeno que entrou a ler para si: logo após rebentam-lhe as lagrimas, o que sendo visto pelos convidados levantam-se, e cercam-lhe a cadeira. Chico que o tinha á sua direita (pois estava José Filippe entre elle e a bella viuva), lança mão do impresso, occorre-lhe alguma boa noticia, levanta-se e lê alto:

«*Gazeta de Madrid.* Madrid, 3 de maio. A fragata *Cantabria,* correio maritimo de sua magestade, tendo sahido de Monte Video a 30 de agosto de 1802 para a Corunha, e achando-se a 11 de setembro em vinte e seis gráos de latitude boreal e trezentos e dezesete de longitude, segundo o meridiano da ilha do Ferro, se vio tão combatida dos ventos, e fazendo

tanta agua, que foi inutil todo o trabalho e diligencia que se fez por salva-la. Ao tempo de submergir-se esta embarcação, a maior parte da gente que se achava na tolda, se pôs em duas pequenas lanchas; mas tão distante da terra, que depois de vinte e quatro horas do naufragio passadas em susto e afflicção haveriam todos perecido infallivelmente, sem a humanidade de José Filippe Nunes, capitão do bergantim portuguez *Santa Anna* que acudio em seu soccorro. Este capitão, havendo sahido do Rio de Janeiro a 12 de agosto para as ilhas dos Açores, e havendo variado de rumo depois de tres dias de hum temporal terrivel, como vencesse os maiores obstaculos, assim pelo grosso mar, como por parte da sua equipagem, que, não tendo mais que huma pipa de agua, e mui poucos viveres, se oppunha a que tomasse a bordo os naufragos, não só teve a generosidade de recolher quantos estavam nas duas lanchas em numero de sessenta e huma pessoas, mas até se esmerou em soccorre-los, alimenta-los e consola-los, até que chegou á ilha do Fayal; e deixando ali os generos da sua carregação, quiz concluir a sua acção generosa, conduzindo-os até á Corunha, como haveria feito, se os ventos contrarios não o tivessem obrigado a entrar no Ferrol, aonde todos desembarcaram felizmente. Informado o rei d'huma acção tão recommendavel, pela qual sua magestade, foi servido premiar o zêlo e humanidade do sobredito José Filippe Nunes, concedendo-lhe a titulo de tença o soldo de capitão de fragata com sobrevivencia para sua mulher e tres filhos que tem actualmente.»

A leitura deste documento fez derramar bastantes lagrimas aos convidados, que souberam então as circumstancias do facto, contadas pelo bom José Filippe, que attribuio todo o merecimento delle, e toda a fortuna do seu resultado, á boa sorte de ter trazido em sua companhia a bella passageira, da qual os sonhos foram a causa desta felicidade; mas realmente quem resistio á insubordinação dos marinheiros que repugnavam receber tantos consumidores, da sua ultima pipa de agua, quem marcou para os tomar depois de vistos,

e os salvou da morte com imminente risco da sua vida, foi o caritativo e humano José Filippe Nunes, cuja memoria deve ser abençoada por todo o homem que andou, ou anda sobre as aguas do mar[1].

[1] A communicação deste despacho foi officialmente feita ao governo portuguez, que o mandou publicar em supplemento á *Gazeta de Lisboa* n.º 19 de sexta feira 13 de maio de 1803.

FOLHETIM MARITIMO

HUM CRUZEIRO DA ESCUNA AMELIA

XXIII

PRIMEIRA PARTE

Depois que o governo da rainha tomou posse da capital, era de esperar que o partido do usurpador deixasse de combater com a mesma audacia pela sua conservação; porém, longe de mostrar menos empenho com este golpe decisivo, disputou sobre os seus muros, e até dentro das suas barreiras, passo a passo, por entre jorros de sangue, o poder que as idéas do seculo enfraqueciam, e os enthusiasticos defensores do systema constitucional derrocavam, a custo dos maiores sacrificios que esta nobre causa mereceo sempre a quantos acreditaram e acreditam nas suas philosophicas tendencias. Nem mesmo, com aquelles desanimadores revezes que o fizeram abandonar as linhas de Lisboa, rôtas por actos de muito valor no Arco do Cego e Palhavã, trocando a sua acção aggressora pela defensiva nas de Santarem, os sectarios do despotismo pareciam dispostos a ceder á torrente de successos, que anichilava o seu dominio neste paiz: exhaustos de recursos, e buscando n'huma contumacia frenetica, e n'alguma eventualidade politica exterior apoiar a lucta que sustentavam, entretinham o espirito dos dissidentes com illusões inverosimeis, conseguindo com ellas manter-se nas provincias da Beira, e do norte, onde apenas o Porto reconhecia a legitimidade da senhora D. Maria II. Todos os pontos da costa, in-

cluindo a calheta coberta pela fortissima praça de Peniche, eram accessiveis aos especuladores, que abasteciam as mesmas provincias de generos alimenticios, armas e petrechos de guerra. Sendo da mais urgente necessidade evitar a continuação de similhante estado de cousas, que mal se compadecia com os meios e fins dos vencedores, estabeleceo-se hum cruzeiro rigoroso desde o Cabo da Roca até Galliza, cabendo a honra deste serviço á curveta *Izabel Maria,* brigues *Villa Flor, Vinte e Tres de Julho,* escuna *Prudencia,* vapores *Jorge IV* e *Terceira;* mas com quanto parecesse, que os seis navios bastavam a interceptar a communicação do littoral, continuados avisos faziam ver, que o inimigo recebia soccorros pela Ericeira, Figueira, foz do Vouga, Povoa, Villa do Conde, Espozende, Vianna e Caminha! Neste meio tempo restaurou-se Peniche por hum daquelles arrojos naturaes no visconde de Sá (O sr.; está vivo, mas nós historiâmos, sem fazer a sua apologia), donde resultou libertar-se Obidos, e logo Caldas, Pombal e Coimbra, pelo que as esperanças reaccionarias todas se concentraram na provincia d'Entre Douro e Minho, excitando-lhe a populaça, á qual occultavam os desastres do sul do reino. Era pois forçoso fechar de huma vez os portos onde tremulava a bandeira branca, e para isso, não sómente os navios do bloqueio receberam instrucções para o estreitar convergindo sobre Vianna, se não ainda lhe aggregaram a curveta *Eliza* e a escuna *Amelia.*

Este navio fôra construido expressamente em Inglaterra para mexeriqueira da esquadra miguelista, pelo que lhe deram finas fórmas, armaram com seis caronadas, hum rodizio de calibre 18, e acabaram com primor: a escuna *Amelia,* apesar do seu pequeno porte, era optima para qualquer golpe de mão, para todo e qualquer aviso urgente, mas nunca para huma campanha porfiada como esta se figurava, de cruzar no inverno sobre huma costa inhospita, e cuja visinhança em varias circumstancias hé perigosissima, sendo difficil escapar-lhe debaixo de travessia, podendo só vigiar-se em barco possante e de bom pé; mas se bem a escuna fosse de exiguas

dimensões, era tão graciosa, e no seu tanto mostrava ser tão valente e ligeira, que todo o marinheiro decidido a julgava capaz de cumprir a commissão.

Pela tarde do dia 23 de outubro de 1833 começou ella a bordejar no principio da vasante, com oes-sudoeste fresco, e a fragata *D. Pedro* que, posto fizesse toda a força de véla, nunca lhe passou a prôa, dando os dois navios fundo, ao pôr do sol, na enseada de S. José! Pouco depois das dez horas, vio-se o clarão, e ouvio-se o éco de tres tiros successivos para o lado da barra, e ás onze passaram pelo través da escuna, cinco ou seis escaleres das náos inglezas surtas defronte do baluarte, os quaes rebocaram na seguinte manhã, outra escuna da mesma nação, que tinha pegado no cachôpo do sul, e podéra safar-se alijando a sua artilharia e mais objectos de peso. Logo que a maré repontou, suspendeo e mareou a *Amelia* nas aguas da fragata, com tal corda de sudoeste, que não se poderam largar os pilotos, e por isso a *D. Pedro* baldeou o seu na escuna á sombra da Berlenga, mudando de rumo.

O tempo foi-se carregando de maneira, e o mar crescendo a ponto que, em frente de Villa do Conde, lhe esmagou o escaler dos turcos da poppa, atirando-lhe com algumas taboas por todo o convés, que se foram enrascar nas talhas do rodizio, em termos de o desatracar, e metter o naviosinho no fundo. Assim mesmo, todo o dia e noite cruzou naquella altura, porém rondando o vento para oes-noroeste escuro na tarde de 27, bordejava com a véla grande nos segundos, traquete nos terceiros, polacra e véla d'estae nos rizes a pôr-se ao largo, quando descobrio hum brigue que foi reconhecer? Era o *Vinte e Tres de Julho* que arribava, seguindo ella então na sua alheta; pois sendo este vaso maior, e commandado por Amaral, pratico e antigo neste serviço, bem se mostrava a necessidade de buscar abrigo, tornando-se impossivel á escuna conservar huma posição abandonada pelo brigue do mutilado e bravo marinheiro. O vento era de rajadas fortissimas, e a vaga immensamente levantada arrebentando em flor, de modo que os dois navios, inda que fugindo ao mar, cobriam-se de

espuma até aos topes, e d'agua de poppa á prôa; mas obtendo marcar a terra ao anoitecer, e largando a escuna o seu ferro, em quatorze braças, a pouco mais de huma amarra do brigue, entre as ilhas de Bayona, içando-se faróes, para evitar que outros navios arribados, não viessem esbarrar com estes e fazer-lhe avaria.

Arriou-se filame a ficar pelo chicote, arriaram-se mastaréos, e largou-se outro ferro a pé de gallo. Pelas dez horas, tinha crescido tanto a vaga, e eram tão duras e amiudadas as refregas, que o *Vinte e Tres de Julho* começou a garrar para cima da escuna, a bordo da qual aboçaram então huma hostaxa na corrente que estava toda fóra, para esta se arriar com a outra do ferro a pique, mas, nem assim seria possivel escapar a huma atracação, dispondo-se tudo para as largar ambas com arinques fixos a entenas, e buscar outro ancoradoiro. O brigue, porém, evitando tal rascada, largou a sua por mão, fez cabeça, e sumio-se por entre a espessura das trevas e da saraiva dos aguaceiros. Toda a noite choveo immenso, e o tempo esteve horrivel, continuando de manhã, na qual se avistou á sombra da maior ilha, a fragata ingleza *Stag*, assim como hum patacho e huma polacra desarvorados seguindo pela ria dentro. Não diminuindo o temporal, e havendo receio de abalroadella de noite com outro barco arribado, suspendeo-se e deitou-se para Vigo, onde estava surto o *Vinte e Tres de Julho*, bem como duas náos hespanholas (o *Soberano* e o *Monarcha)* e huma fragata, que mandaram registar a escuna assim que largou ancora.

Na seguinte manhã rondou o vento para o nor-noroeste, e os dois navios foram intimados por hum official da náo chefe, que sahissem do porto. Fizeram-se de véla, passando-lhes perto algumas barquetas de Redondella com generos para a cidade, dizendo os seus tripulantes em voz baixa aos portuguezes: «Viva D. Pedro, viva D. Maria II», cuja demonstração de sympatia, era correspondida de bordo da escuna com hum viva á constituição hespanhola. Como de bordo das náos desconfiassem o quer que fosse daquella passagem tão perto dos navios da rainha, mandaram cinco escaleres dar-lhes rebo-

que; mas apesar do seu auxilio, foi forçoso fundear defronte de Cangas, pois nada se avançava contra o vento ponteiro e maré de enchente. Continuou a chover e a ventar do mesmo modo todo o dia e noite, não obstando a sua violencia, a que na madrugada voltassem os escaleres para a faina do reboque, sem largarem os navios, se não proximos da ilha que já servio de hospital, onde então fundearam immediatamente.

Deitou-se a lancha fóra, e foi fazer-se aguada, mas, dando os pescadores aviso de que, hum hiate que bordejava era suspeito por ter entrado com bandeira *miguelista,* metteo-se aquella dentro, sem attender á precisão que da mesma tinha o brigue para rocegar o seu ferro, e deo-se caça ao hiate que já levava grande dianteira; este porém, vendo a força de véla da escuna arribou para Marin, e ella que deixára as ilhas pela poppa, seguio o seu destino de cruzar. O *Vinte e Tres de Julho* tinha recebido quatorze ou quinze emigrados portuguezes da Galliza para os largar no Porto, mas com aquella arribada de levar coiro e cabello, vendo-se perdidos, e o navio cheio d'agua quando a escuna o avistou dando ao leme de encontro, nenhum se animava a continuar a bordo, e teriam voltado para terra, se não fossem os escaleres das náos que nunca lhe deixaram communicar com ella; mas assim, lá ficavam fazendo mil protestos de não pôrem pés no mar se escapassem de outra corrida. Na escuna, tudo era dizer-se: «Que tal o panno da amostra? Que marmellada nos espera! Quando isto hé em outubro, que fará em dezembro?! Olhem o *Vinte e Tres de Julho* com agua por cima dos batentes das portas. Se não lhe fossem os oculos ao mar, ia a pique! Olhem a fragata ingleza arribada, o patacho e a polacra desarvorados; olhem a escuna perdendo o escaler no primeiro dia, e já com agua aberta! Está visto, que hé impossivel aguentar-se hum navio fino e tão pequeno carregado de artilharia nestas paragens no rigor do inverno! Pois o immenso rodizio?! Isto hé só bom para caçar algum negreiro entre os tropicos! Não estamos mal aviados! Qual daqui escapará de fazer companhia aos peixinhos, ou de estatalar-se na praia com as tripas cheias de areia!?»

Estas reflexões não eram de estranhar, n'huma guarnição bisonha reunida em poucas semanas, que mal conhecia os officiaes, e estes mesmos sem ligações, por serem huns emigrados, e outros que tinham servido D. Miguel; e tudo isto, na presença de continuados aguaceiros do noroeste, soffrendo o choque d'huma vaga, desencontrada e alterosa, que trazia tudo a tombos desconjuntando o navio. Porém, apesar das apparencias pouco lisonjeiras do tempo, e dos exemplos allegados, o barometro subia, e o cruzeiro devia continuar-se a todo o custo, para a gente do *Vinte e Tres de Julho* só, não ostentar maravilhas. Deitou-se pois para Vianna, rastejando a costa que hé toda limpa, a fim de mostrar a heroica bandeira azul e branca firmada com tiros de peça aos realistas da Insua da Areosa, e á guarnição do castello de Vianna, a quem se mandariam algumas balas de presente; tanto mais dignas de apreço, quanto bizarra era a remessa, debaixo de huma noroestada tão dura, que poucos barcos chegariam com ella perto da terra; mas a *Amelia*, aguentava bem o panno, o barometro não enganava, e o navio da rainha queria mostrar que era tripulado por marinheiros de guerra.

—Ála braços. Carrega a amura grande a meio mastro; volta. Bota a retranca a bombordo, lasca a escota que fique na alheta: essas vélas de prôa que passem para bombordo; o traquete não caça, fica sobre os cabos. Ó do leme, vai levando a prôa ao sul quarta de sudoeste por estibordo.

—Sim, senhor.

—Onde está?

—Sul quarta de sudoeste por barlavento.

—Andar assim. Sargento!

—Sr. commandante.

—Abra a bateria e vá tirando a bala a essas coronadas de bombordo, que se hão de dar alguns tiros com ellas em chegando a Caminha.

—Sim, senhor.

—Escoteiros, chefes de peça, chega para mim.

O vagalhão era grosso bastante, e os aguaceiros quando

desabavam, era preciso recebe-los com o pique e o velacho arriados, mas a escuna singrava de 10 a 12 milhas, e dentro de duas horas tinha o monte de Santa Tecla pelo través. Então o commandante chamou:

—Mestre Manoel, dois prumos de mão que marquem dez braças, dois marinheiros bons com elles nas mesas grandes.

—Sim, senhor, o fiel do porão, e o gageiro de prôa; Moita, péga no prumo de bombordo; Justino, prumo de estibordo, de longo. Está tudo prompto.

—Bem. Joguem, e accusem o fundo; tu, do leme, guina para a terra, braços na mão, artilharia prompta; vamos, accusa o fundo.

Os prumadores jogaram, e foram cantando. Dez braças, sem fundo; dez braças, sem fundo, sem fundo; dez braças, fundo.

—Obras na mão.

—Estão na mão.

—Prompto a dar fogo, tres tiros successivos. Piloto Valença, bandeira e flamula.

—Estão promptos.

—Ice, sr. Nogueira (era o immediato), marque o forte da Insua; onde demora?

—Éste quarta de sueste. Dizem os prumos:

—Oito braças, fundo; oito braças, seis braças, seis, cinco braças de fundo.

—Orça, ála traquete e velacho por bombordo, arria as escotas de prôa, retranca a meio, arria o teque, amura a véla grande. Onde está?

—Oes-sudoeste por barlavento.

—Chega-te o que elle der: fogo, e carregar de longo.

Deram-se os tres tiros, carregaram-se as caronadas, repetio-se a descarga, e o commandante disse:

—Sr. Nogueira, escreva que demorava o forte da Insua a éste quarta de sudoeste quando se lhe deram seis tiros, em cinco braças de fundo. Sargento, outra surriada, e atraque, deixando só huma peça sobre as talhas.

Deram-se os terceiros tiros, acudio a soldadesca aos parapeitos, içaram a sua bandeira, mas a escuna já estava fóra de alcance.

—Contro, ála traquete e velacho por estibordo, caça as vélas de prôa, lasca a escota da retranca, larga a amura grande, e iça o teque até onde chegar. Timoneiro, vai levando o vento na alheta.

Os prumos foram jogando, e os prumadores cantando, dez braças sem fundo, sem fundo.

A costa hé de areia, sem huma pedra até Vianna, e por isso navegava-se mesmo á babuje da praia. Em frente da Areosa, deram-se tres tiros successivos para chamar a attenção dos habitantes sobre o navio da rainha, até que demorando o castello de Vianna ao sudoeste, o commandante mandou desatracar o rodizio para atirar com bala.

—Braços na mão. Leme, guina para a terra; prumos, cuidado no fundo: essa talha da retranca na mão, e ádrissa do pique.

Aquelles foram accusando oito braças, sete braças de fundo, seis braças, cinco braças escaças.

—Fogo ao rodizio, e carrega outra vez. Lestra a virar, contro todo, arria o pique, caça o traquete, retranca a estibordo, traquete e velacho por estibordo.

—Quatro braças de fundo, quatro braças.

—Orça, carrega o traquete, traquete e velacho por bombordo, iça o pique, amura a véla grande, retranca a meio, caça a bujarrona e vélas d'estae. Onde demora o castello?

—Pela alheta, a és-sueste.

—Sargento, outro tiro com menos elevação.

Pôs-se no bordo do mar com a amura a estibordo, deo-se o segundo tiro, e accusando os prumos cinco braças atravessou-se o velacho.

—Bom, aguenta assim.

Estava-se então, mesmo no rollo da praia, em quatro braças.

—Vamos, outra bala de dezoito dizer áquelles amigos, que acabaram as suas relações maritimas, em quanto não mudarem de bandeira.

—Bem bom, se não fosse na arfadella, dava na muralha. Hi que desordem que lá vai! Orça, ála a talha da retranca a beijar, iça bem o pique, outro tiro por despedida. Excellente! Rastejou o parapeito. Atraque, e feche a bateria; marêa o velacho, ála braços, ála a bolina. Onde vai a prôa?

—Oeste ½ noroeste.

—Bom, daqui a pouco vem ao norte: chega-te ao vento, o que elle der. Caça o traquete e polaca. Onde demora a fortaleza?

—Éste ½ sueste, não foi má lição.

—Sr. Nogueira, note no caderno dos quartos que se deram tres tiros com bala de dezoito para o castello, em quatro, e cinco braças de fundo.

—Sim, senhor, já fiz os apontamentos.

Com effeito, a escuna guinára para a terra tendo o vento na alheta de estibordo, quando estava em quatro braças deo o primeiro tiro, virou em róda, deo o segundo, e logo após orçou, e virou por davante pondo no bordo do mar com a amura a estibordo para dar o terceiro tiro; e tudo isto, e a manobra feita dentro de seis a oito minutos, com tal rapidez, que só hé possivel dar-se n'hum navio latino, e de bom pé, como era a *Amelia (mexeriqueira de D. Miguel)* que nesta occasião critica se portára finamente, e deixava a terra pela poppa, espavorida da sua audacia, levando as bôcas das caronadas, debaixo d'agua, provando pelo seu arrojo áquella fanatisada gente que, em todo o tempo, e a qualquer hora, o seu porto lhe estava fechado, como aconteceo.

A guarnição nunca mais fallou em aguaceiros do noroeste: o cheiro da polvora, a vista da soldadesca pegando em armas nos castellos da Insua, e de Vianna, as corridas do povo alvoroçado pelo largo do palacio do visconde de Geraz do Lima, deram-lhe tal choque electrico, e ficou tão enthusiasmada que o seu gosto fôra prolongar aquella scena até ficar de todo escuro, mas pedia a prudencia não comprometter por muito tempo o navio, pois qualquer avaria no panno, ou nos páos, dava com ella á costa.

SEGUNDA PARTE

Com o mez dos Santos, veio o inverno, envolto nas torrentes de chuva que o caracterisam, impellidas dos furacões do terceiro quadrante que as transportam aos polos, tão pesados e difficeis de supportar, como aquelles que os precederam em outubro; mas conservando-se a escuna, apesar da força e duração com que desabavam, nas paragens commettidas á sua vigilancia, pois só quando mal podia reger panno, se deixava a bordo della, de marcar á simples vista, algum edificio notavel da costa, mostrando a sua bandeira azul e branca aos fortins de Villa do Conde e Espozende, e castellos de Vianna e Caminha. Chegava muitas vezes a 2 milhas da praia, e quando dava caça aos navios suspeitos, mettia-se entre elles e a terra, a menos de ½ milha, como se deduz das marcações existentes no caderno dos quartos, donde copiaremos hum grupo ao acaso, que prove o rigor do seu serviço.

8 de novembro: Marcou-se Villa do Conde por trinta e tres gráos nordeste, e a Torre dos Clerigos, por quarenta e cinco gráos sueste. 14 de novembro: Cavallos de Fão por sessenta gráos nordeste, e a ponta da terra mais do sul por oito gráos sudoeste!! (Não se estava na praia?! Mas navegava-se com os prumos na mão de bombordo e estibordo.) 1.º de dezembro: Marcou-se o Porto, por oitenta gráos nordeste a 2 milhas da terra. 2 de dezembro ao amanhecer: Convento de Villa do Conde por trinta e cinco gráos nordeste. Meio dia: Porto por setenta gráos sueste; Mattosinhos por cincoenta e cinco gráos nordeste: latitude, quarenta e hum gráos e quatro minutos. 3 de dezembro: Convento de Villa do Conde por trinta e cinco gráos nordeste, a 2 milhas da terra. 5 de dezembro: Vento duro, oeste, a oés-sudoeste, traquete nos segundos, véla grande nos primeiros, fragata e curveta inglezas velejadas. Meio dia: Villa do Conde por setenta gráos nordeste; 4 da tarde. Santa Tecla a és-nordeste, Vianna a éste, ilha de Bayona mais do sul, ao nordeste; vinte e tres,

vinte e quatro pollegadas d'agua na bomba. Destas marcações se vê portanto que se bloqueava huma grande porção de littoral em poucas horas e que mais se não podia fazer em dezembro, n'huma escuna, aventando-lhe as escotas, de ordinario oés-sudoeste, oés-noroeste, ou noroeste! Por isso dos oito cruzadores, nenhum fez presas senão a *Amelia* que, até ao dia 7 de dezembro, mandou para Lisboa o hiate *Nazareth*, apresado na noite de 13 de outubro ao sahir de Vianna, á espia; a carreteira *Paquete de Setubal*, perto da barra desta villa; a rasca *Senhora das Necessidades*, quasi encalhada na praia de Villa do Conde; os brigues inglezes *Carolina*, á barra de Vianna, tendo já o sobrecarga em terra; e *Victoria* demandando aquelle porto! E bem assim, tendo deixado de apprehender outros vasos para não causar embaraços ao governo, como foram os brigues inglezes *Brin Wood*, e *William Donald Son*, brigue sardo *Neptuno;* rasca, faluxo, mystico, sumaca, e boi hespanhoes *S. Nicoláo, Santo Antonio, Rita Carme, S. Francisco de Paula* e *Tritoni*; hiates portuguezes *Maria Diligente*, e *Senhora da Penha de França*, registando-se varios outros, e fallando-se á curveta *Izabel Maria*, brigues *Villa Flor*, e *Vinte e Tres de Julho*, vapores *Terceira* e *Jorge IV*, o qual por demandar de noite as visinhanças de Vianna foi caçado a tiros de bala, até se deixar reconhecer, entendendo o seu commandante John Wair que pela naturalidade de inglez, não devia importar-se com a escuna, arriscando-se a soffrer grossa avaria por tal insolencia, que foi rebatida, como se provou no conselho de guerra a que o commandante da escuna respondeo, de que sahio airoso.

Assim cruzava a *Amelia* na maior proximidade da terra, buscando abrigar-se ás ilhas de Bayona quando lhe era impossivel resistir á travessia, ou aguentar-se de kapa forçando o navio em momentos que nenhum outro deixaria de pôr-se ao largo, quanto mais demandar portos só accessiveis com agua de cheio e pouca vaga; humas vezes perdendo os escaleres, e desatracando-se-lhe o fogão que lhe arrombou a bor-

da, outras com ella mesma arrombada pelo mar, e fazendo de vinte, a vinte e quatro pollegadas d'agua. N'huma das suas corridas, que foi a 29 de novembro, quando já de modo algum podia affrontar o vagalhão que a cobria de poppa a prôa, nem soffrer as rajadas durissimas do oeste a oes-sudoeste em traquete nos terceiros, e véla grande nes segundos, apparecendo-lhe a terra proxima pela amura de estibordo, arriou o pique, folgou o leme, largou o velachinho nos rizes, deitou a caminho do nordeste quarta do norte, e lá foi surgir á sombra das abençoadas protectoras da navegação da costa occidental da peninsula iberica. Quando se ensaiava o segundo ferro para cahir a pé de gallo variando os aguaceiros de rumo a rumo deram as vigias parte de:

— Navio de guerra pelo canal do norte.

—Navio de guerra?!

—Sim, senhor; brigue sem bandeira corrido d'artilharia.

—Toca a póstos.

—Dizem da prôa: vem á poppa para nós, hé o *Tejo*, miguelista.

—O *Tejo?!* Mestre.

—Sr. commandante!?

—Desmanilhe a corrente perto d'habita, e aboce-lhe hum virador por fóra do escovém feito fixo nessa boia grande, deite-a já ao mar, e ponha prompto a arriar por mão. Sr. Nogueira, largue o velacho e vélas de prôa; larga aqui a véla grande, larga, iça de longo, ligeiro, anda com a mão: sargento!

—Sr. commandante!?

—Já, desatracar a artilharia, e vá conteirando o rodizio de modo que fira o alvo: quatro homens com espingardas para os váos de vante e de ré: iça as vélas de prôa, iça aqui o pique, péga nos braços do traquete e velacho, ála por estibordo, e a taifa agache pela amurada. O *Tejo?!* Hé impossivel!! O sr. Caminha que abandonou o seu posto na batalha do Cabo de S. Vicente, não vinha agora buscar a costa de Portugal desacompanhado! Não hé elle, mas seja quem fôr, não nos acha

desapercebidos: tudo prompto e os murrões na mão. Se fôr tão ignorante que nos faça fogo sem bandeira, ou mesmo se nos quizer registar sem ella caro lhe custará: mas quem ataca hum navio sem bandeira! Nem os piratas, quanto mais gente que serve governos estabelecidos.

—Dizem dos váos: o brigue largou bandeira hespanhola.

—Embora, póde simular huma cousa, e ser outra. Sargento, vá buscando o navio com a bôca da peça.

—Sim, senhor.

—Piloto Valença, ice a bandeira, sr. Nogueira passe as escotas de prôa para estibordo. Ó dos váos, descobres alguem a póstos no brigue?

—Não, senhor, que a borda hé alta.

—Nem com o balanço vez nada?

—Traz muita gente, por todo o convés.

—Sr. Sousa, veja com o oculo, se lhe percebe os serventes das peças pela abertura das portas.

—Já quiz ver se lhe *lombrigava* alguma cousa, mas hé impossivel enfiando-o pela amura.

Nesta attitude bellica e dialogos, não se gastaram dez minutos, e toda a tripulação mostrava huma alegria, e hum desejo de ostentar valor, como se fosse composta de gente aguerrida nos campos do mesmo partido, bem que de procedencias diversas; pois não tendo havido escolha quando se formou em Lisboa, mais mesclada foi ficando depois das cinco presas feitas, das quaes se tiraram tantas praças, quantas se lhe metteram da guarnição da escuna; mas assim mesmo, tal era a fé na causa constitucional, e tão electrica a influencia da bandeira da rainha, que ninguem desconfiava de si, nem dos outros; a bordo de hum navio de guerra, a bandeira hé tudo, mas mais que tudo, quando ella symbolisa a redempção de hum povo, os seus direitos, a sua liberdade!

O brigue era grande, corrido de oito peças (não caronadas) por banda, todo negro, panno novo, e novo elle mesmo ao que parecia, procurou a escuna por bombordo, e perguntou sem bozina: Que navio hé esse?

—Escuna portugueza *Amelia*. Que brigue hé esse?

—Brigue de guerra *Argus*, guarda costa.

Como vinha muito seguido, passou rapidamente para a poppa, e manobrou a pôr-se pelo través de estibordo com o velacho sobre; e na escuna alaram braços por bombordo, a fim de terem o alvo pela amura, em posição do rodizio fazer effeito. Arriaram o escaler, e veio hum official fazer o registo, mas no entretanto perguntaram:

—Que noticias ha de Portugal?

—Está o exercito miguelista sitiado em Santarem, pelos constitucionaes; e que ha de Hespanha?

—Entrou o general Morillo em Victoria, fugindo a gente de D. Carlos. Diz-se que a rainha D. Izabel vai reconhecer D. Maria.

—Muito bem, obrigado.

Atracou o escaler, sabendo-se mais por miudo estas novidades, e que o *Argus* havia sahido quinze dias antes, e recolhia por causa do tempo. Assim que regressou o escaler e o içaram, deram:

—Boa viagem.

—Boa viagem, responderam da escuna.

Marearam e seguiram pela ria dentro.

—Toca a retirar, larga os póstos, atracar a artilharia, arria o velacho, carrega, sobe acima, ferra. Arria a véla grande, e vélas de prôa; ferra a tudo, mette o virador dentro. Mestre Manoel, torne a manilhar, e vá arriando a corrente a ficar em trinta braças, que hé proximamente o dobro do fundo: sr. Nogueira, em chegando ás trinta abite, e ponha prompto o outro ferro a largar a pé de gallo.

—Sim, senhor. Se fosse miguelista não havia levar má lição. Os hespanhoes ficaram espantados de nos verem a póstos.

—Fizemos o nosso dever, e elles que andam na costa por causa do contrabando, e estão costumados a registar muitos navios que buscam o abrigo deste ancoradoiro em boa paz, fizeram seu reparo na nossa attitude guerreira esperando-os

com os morrões accesos; mas agora hão de nos dar louvores. Mande distribuir huma praça d'aguardente sem excepção. que o frio e a chuva parece que chegam aos ossos. Quem está de quarto?

—O guarda marinha Sousa.

—Sr. Sousa, tome cuidado, e as vigias que espreitem os canaes: atraz do brigue podem vir outras embarcações: amigas ou inimigas, hão de receber-se a póstos.

—Sim, senhor, não me descuido de ter a gente álerta.

—Isso, e o que eu quero, hé tudo o mesmo.

O commandante desceo pela escadinha do carramichel, e a guarnição foi beber o seu gólo de aguardente, alegre de mostrar aos hespanhoes, que os portuguezes n'hum pequenino navio de borda falsa, com seis caronadas e hum rodizio, estavam a póstos, e promptos a bater-se com hum grande brigue desconhecido, armado, com oito peças de 12 por banda!!

TERCEIRA PARTE

Em 7 de fevereiro, tinha-se a escuna recolhido a Vigo por causa do tempo que era bastante máo, e tão máo, que lhe foi mister arriar a corrente pelo chicote, para resistir ao peso dos aguaceiros do noroeste, e não garrar. Quando se estava nesta faina de arriar a amarra, veio demandando o ancoradoiro, pelo mesmo motivo de abrigar-se, hum grande cutter de taboa trincada, sem bandeira, que largou ancora, a pouco mais de meia amarra, da poppa do navio. O tempo continuou de aguaceiros, tão repetidos e pesados, que não pôde haver communicação com a terra esse dia e noite; mas de manhã, tendo abonançado hum pouco, recebeo-se a bordo aviso do vice-consul, tio de Ortêga, previnindo que a *ballandra* (assim chamam em Hespanha aos cutters) arribára por causa do temporal, e se destinava a Caminha ou Vianna, com petrechos de guerra para D. Miguel. Assim que isto se soube, o commandante mandou logo suspender e fazer de véla para as ilhas de Bayona, o que se executou immediatamente, com aquella boa vontade que animava a guarnição, a qual se exaltou á noticia de empresa miguelista. O tempo era tal, que a escuna, apenas podia com o velacho nos rizes, polaca, e véla grande nos segundos! Mesmo assim, lá foi bordejando, até dar fundo onde lhe convinha.

O vento foi abonançando de noite, e o mar cahindo, pelo que, ás onze horas do dia immediato, o cutter largou donde estava surto, parecendo querer deitar de fóra, e por isso a escuna pôs o seu ferro a pé de gallo, e largou o panno; e quando o teve pelo través, suspendeo e mareou. Então o cutter fez hum repiquete, passou-lhe pela alheta de bombordo, e foi buscando a ria do norte, para arribar a Marin. Neste meio tempo, vinham entrando pela do sul, a escuna *Prudencia*, corrida em velacho e véla d'estae, e o *Villa Flor* em gavias nos ultimos e traquete, tendo os mastareos de joanetes no convés. Á vista de hum navio de commandante mais gradua-

do, forçoso era communicar-lhe as novidades e receber ordens, deixando-se por este motivo de seguir o cutter, e observar-lhe os movimentos. Mandou-se pois a lancha com o guarda marinha a bordo do brigue, mas antes della regressar, o cutter mette-se pela ria de Marin, perdendo-se de vista, e o *Villa Flor* seguio para Vigo.

Não havendo disposições contrarias do commandante Elliot, procurou a escuna sahir da abrigada das ilhas, apesar do vagalhão que rebentava em flor por cima dos Porcos, e parecia dever engulir o maior navio; mas arrostou com elle, deixando Cabo Silleiro pela alheta já perto das Trindades, o qual se marcou por quarenta gráos noroeste; a ponta do sul da ilha mais do sul, por vinte e nove gráos noroeste; e o monte de Santa Tecla, por oitenta e dois gráos sueste tudo d'agulha.

Esta sahida, era na verdade hum pouco extravagante e perigosa, pois o barometro descêra de novo a vinte e oito pollegadas e oito decimos, e o horisonte carregára-se ameaçando temporal desfeito; mas conhecendo-se a audacia dos contrabandistas maritimos de todas as nações, principalmente da ingleza, cujo deveria ser o capitão do cutter, conhecendo-se o seu bom pé, e vista a sua grandeza e bella apparencia para commissões atrevidas, forçoso era oppor-lhe igual audacia, e transtornar-lhe a tentativa de illudir a vigilancia dos cruzadores, de quem fariam mofa, recahindo a vergonha do lôgro sobre a bandeira que a bordo da escuna tanto se queria fazer respeitar. Deitou-se pois para Caminha, a fim de tomar-lhe o passo, onde se esperava surprende-lo, pois era de suppor que elle buscasse huma occasião, na qual, só por hum grande arrojo e interesse, hum navio andasse perto da terra; e nestas conjuncturas, de borrasca imminente, rarissimo seria aquelle que mesmo no alto mar, deixasse de procurar porto de abrigo como acabavam de fazer o *Villa Flor* e *Prudencia*, quanto mais aguentar-se sobre huma costa tão perigosa, e mesmo á vista della.

Agua dentro, agua fóra, pôs-se a escuna leste oeste com

o monte de Santa Tecla, pairando, e em pequenos bordos; mas como o mar era muito grosso, não se aguentava o balanço com pouco panno, e por isso, em vez de kapa, navegava-se com os dois latinos nos terceiros, velacho, polaca, e véla d'estae rizadas. Comtudo, o jogar do navio, era tão violento, que arrebentou as pêas do fogão (mal collocado a ré do mastro grande e debaixo da retranca, para o rodizio girar entre aquelle e o do traquete), e atirou com elle de encontro á amurada de estibordo que arrombou, em termos de cahir ao mar, se não encontrasse o amparo da enxarcia grande que lhe aguentou o choque; depois veio arrombar a frente do carramichel, onde se pôde segurar, atracando-se finalmente ao mastro.

A noite era medonha, porque os golpes do mar que innundavam o barco de poppa á prôa, não só compromettiam a sua segurança, se não ainda ameaçavam levar pela borda fóra a gente que estava no convés. E o rollar do fogão, mais medonha a tornou, pensando-se que alguma peça se desatracára, a qual só por si bastava a metter o navio no fundo em taes circumstancias, podendo enrascar-se no rodizio e acarreta-lo comsigo não se salvando então ninguem. No meio de tantos embaraços, não se ouvio hum murmurio, porque todos reconheciam os motivos de honra que obrigavam a proceder daquella maneira. Atracado e peado o fogão continuou a bordejar-se em pequena distancia da terra até ao amanhecer, que se vio estar-se em frente da Guardia.

Quando se ia no bordo da terra, descobrio-se pelo turco de bombordo, muito proxima, pois havia cinzeiro e salseirada, huma véla que vinha á poppa, e se reconheceo logo ser o navio suspeito. Tocar a póstos, botar fóra dos rizes, largar o traquete, desatracar o rodizio, içar a bandeira, e fazer fogo, não levou cinco minutos. Porém o vento era durissimo, o mar grosso, a vaga encapellada, e o balanço tamanho que mal deixava aguentar a gente; e então ainda que os tiros eram no plano vertical do cutter, as balas davam além, ou áquem delle, que içou bandeira miguelista; e da Insua, fizeram-lhe si-

gnal com a encarnada para entrar; mas acossado pela escuna que o apanhára a menos de meio alcance de canhão, tratou de fugir-lhe, e de não se engasgar na barra, onde infallivelmente seria feito pedaços, ou mettido logo a pique. Largou quanto panno tinha, quer para fugir ao mar, quer aos tiros do navio caçador, que não podendo servir-se do redondo, nem do traquete, para fazer fogo com o rodizio; já por esta causa de levar menos panno, já pela superior marcha do cutter, o famoso *Scorpion*, foi ficando a ré e aquelle pondo-se fóra do seu alcance, sumindo-se por entre a lebrina e a aguaceirada, e buscando melhor occasião de realisar o seu intento.

Nesta caça de algumas horas, e forcejando de vêla, dois navios finos a deitarem 11 e 12 milhas, passaram para o sul do Porto. A escuna recebêra em Vigo seis emigrados remettidos pelo consul, incluindo os bachareis Pignatelli e Almeida Pessanha, para os largar naquella cidade; o commandante do vapor *Jorge IV* havia promettido tomar o bloqueio de Caminha no fim de tres dias, e tinham decorrido oito sem elle apparecer, pelo que o commandante da *Amelia* julgou dever entrar no Douro para largar os emigrados, e instar com o commandante do vapor, para tomar o bloqueio. Entrou, pois, e o *Jorge IV* foi tomar a sua posição; mas o facto hé que o *Scorpion* conseguio entrar em Caminha; bloqueada por hum vapor, e não o pôde fazer em quanto a escuna *Amelia*, com travessia e debaixo do mais rigoroso temporal, cruzava naquellas paragens. O inglez accusou o portuguez, que entrou por isso em conselho de guerra, mas foi absolvido, e aquelle condemnado, e até que finalmente demittido.

No entretanto, conclue-se da narração deste cruzeiro o que hé o destino, que persegue, ou favorece as pessoas. Havia, como se disse, e foi constante então, sete navios a cruzar desde o Porto a Caminha; estes navios eram as curvetas *Eliza* e *Izabel Maria*, brigues *Vinte e Tres de Julho*, e *Villa Flor*, escunas *Amelia*, e *Prudencia*: vapores *Jorge IV*, e *Lord das Ilhas* (hoje Terceira). Nenhum dos sete cruzadores fez huma

só presa, e a escuna *Amelia* capturou cinco embarcações dentro dos dois mezes mais rigorosos do inverno na nossa latitude; e porque deixou de apresar hum navio finissimo como era o *Scorpion*, depois *Andorinha*, teve o commandante de justificar a sua conducta, perante hum conselho de guerra.

FOLHETIM MARITIMO

OS DIAS DO MARINHEIRO

XXIV

PRIMEIRA PARTE

HUM BOM DIA

O marinheiro hé o homem mais laborioso e de maior actividade que imaginar-se póde, e a sua vida tão cheia de perigos e de trabalhos, que nenhuma outra lhe hé comparavel. Quando em terra o lavrador, o operario, o soldado descançam, está elle álerta e soffrendo inclemencias em fainas arriscadissimas; ora subindo aos váos para ferrar hum joanete, ou cavalgando no lais da gata, gavia ou velacho, para os metter nos rizes e até dentro; ora saltando aos escaleres, para soccorrer alguem que cahio ao mar; ora acudindo a atracar esta e aquella peça que, arrebentando talhas e vergueiros, ou partindo os arganéos da amurada, correm de bombordo a estibordo esmagando quanto encontram; ora expondo-se a segurar o leme para lhe introduzir a cana de sobrecelente, em logar da que estalou deixando a mecha na cabeça da madre; ora passando enques e custaneiras aos mastros que vão partir-se, faltos de óvéns que rebentaram; e finalmente, tratando de remediar a avaria, ou desarvoramento destes mastros, mastaréos, e vergas que o balanço e as refregas levaram pela borda fóra. Nos melhores dias das suas viagens, começa a trabalhar á meia noite, ou ás quatro horas da manhã, para não repousar se não na meia noite seguinte; sendo este re-

pouso interrompido a cada passo por manobras imprevistas, determinadas por accidentes atmosfericos, dos quaes a variedade e inconstancia não se calculam. O serviço regular, quando o tempo o permitte, junto ao esmero no aceio da sua pessoa e seus accessorios, não lhe deixam hum instante de distracção. O marinheiro, posto ter quartos de folga e de vigia, quasi nunca se aproveita desta salutar ordenança, e leva dias e noites successivas sem dormir nem estender-se na maca. Muitas vezes acabando de descer para a coberta, hé chamado pelo apito do mestre, a carregar huma véla que se despedaça, ou a outro serviço instantaneo que algum golpe nunca imaginado reclama, com todo o esforço e concurso dos braços disponiveis. Hé incrivel o exercicio que faz, n'hum perimetro tão pequeno qual o corpo de hum navio, relativamente ao numero de individuos que nelle se alojam; e bem que á primeira vista, por exemplo, a collossal machina de huma náo, pareça comportar maior numero de objectos do que todos que nella se comprehendem, póde asseverar-se que, não havendo na sua distribuição o methodo que se segue, nem n'outro duplicado espaço elles caberiam.

A coberta de hum navio de linha, tem de sete a sete e meio pés de altura, quarenta e quatro a quarenta e oito de largura, e cento e sessenta a cento e oitenta do gio á róda; bem entendido que o ambito resultante das superficies lateraes superior e inferior não hé rectangular, pois estreita na prôa e na poppa, e hé roto na mediania pelas cinco escotilhas que lhe roubam quasi a vigesima parte do todo. Imagine-se pois esta coberta, obstruida pelos mastros, cabrestante, anteparas, escadas, bombas, abitas, trempe, artilharia, palamenta, baldes, e quinhentos ou seiscentos homens, e ver-se-ha que parte della fica devoluto para elles trabalharem. Calcule-se a grandeza de huma peça de trinta e dois, que de ordinario tem nove a onze pés do cascavel á joia, e pé e meio de diametro, montada no seu reparo de cinco a seis pés de falca, dois de largo e tres de alto; multiplique-se este volume por trinta outros aguentados pelos seus vergueiros de oito a dez pollegadas de

grosso, e vinte e quatro pés de comprimento, suas sessenta talhas de metter em bateria, trinta de retirar, e sessenta das levas; trinta pandeiros de dez tacos cada hum e outras tantas chaleiras de sete a nove balas, e pondere-se como depois della assim occupada, aloja quinhentos a seiscentos individuos, sentados em bancos, comendo em mesas, trabalhando, ou dormindo em macas ondé ha colchões, travesseiros, e cobertores!

Este logar que se torna infesto pela falta de oxigenio que tanto folego vivo consome, pouco ventilado á véla porque a onda nem sempre dá occasião a abrir-se a bateria, e cheio de exhalações nocivas do porão, paioes e coberta inferior, carece de huma limpeza não só diaria, se não repetida a todo o instante. Por isso, mal rompe a aurora, vai-se á baldeação na tolda e convés, que se alagam em todos os sentidos, se barrem e esfregam muitas vezes; passa-se á coberta, cujas amuradas são limpas com escova e sabão, e o pavimento esfregado a coco e enxuto a panno: as mesas e bancos levam-se para o castello, e ali são raspados e limpos; depois todos os metaes do navio são desoxidados e brunidos a correia; as macas ferram-se e arrumam-se nas trincheiras, sendo lavadas de quinze em quinze dias, e a roupa branca todas as semanas. E daqui se conclue que, além das fainas propriamente da embarcação, este serviço hygienico toma muito tempo ao homem do mar, o qual por utilidade propria, não póde dispensa-lo nunca, estando portanto sempre em continuado movimento e exercicio. Sem nos entretermos com os seus detalhes, bastará mencionar cada hum e as horas que lhe correspondem, para se fazer idéa da vida do marinheiro; deste homem laboriosissimo e soffredor, que parece mais de ferro que de carne pelas privações a que resiste, e trabalho que supporta; deste homem que tão mal se conhece em terra, que tão mal se avalia, tendo-se por assassino, ébrio, rustico e intratavel, quando hé humano, generoso e sensivel; deste homem que se julga pouco engenhoso e falto de idéas, quando elle pratica a bordo quasi todas as artes e officios de que ha noticia! Com effeito, quem vê as mãos callosas do marinheiro, denegridas e retalhadas pelo

alcatrão, com os dedos curvos pelo habito de cingirem os cabos, quasi sem movimento, não comprehende como com tal rudeza de membros e pouco tacto, póde fazer obras de agulha iguaes áquellas dos sirgueiros! Como elle hé pintor, sirgueiro, esculptor, ferreiro, serralheiro, carpinteiro, alfaiate, dançarino, comediante, e tudo! E como, sem a convivencia do outro sexo que amacia os costumes, no seu corpo adusto e endurecido, que apenas se julga pertencer á raça humana pela fórma externa, palpita hum coração grato e meigo, que se denuncia por lagrimas de ternura, ou por huma dedicação heroica e desinteressada no serviço do amigo e do bemfeitor! Mas não hé esta a questão, pois apenas buscâmos descrever-lhe as occupações n'hum bom e n'hum máo dia; para se colligir qual a sua desprezada existencia, longe deste mundo terreno, da sociedade que tão mal lhe paga os sacrificios e fadigas com que a defende, lhe sustenta a bandeira, lhe adquire possessões longiquas, lhe abre mercados, lhos abastece, e lhe permuta a industria. Para este pequeno relatorio, e para fallar verdade como convém á natureza delle, recorreremos a dois bilhetes da derrota da fragata *D. Pedro,* na sua ultima viagem, onde sobresahe a rapida transição do melhor tempo ao peor de todos, mencionando-se os trabalhos que pertencem ás guarnições dos navios de guerra militarmente commandados, em duas singraduras successivas.

PRIMEIRA — HUM BOM DIA

Tinham tocado oito ampulhetas, corrido o sino, e rendido-se o quarto d'alva. Fazia frio de tiritar, porque na latitude do Cabo, as estações são tão pronunciadas como em Portugal, subindo e descendo ali o thermometro á mesma altura, e neste dia 25 de agosto de 1837, baixára elle a quarenta e oito gráos que correspondia a gêlo. Pelos calculos e chronometros, deviamos achar-nos pelo Parcel das Agulhas, e conviria ter já palpado o fundo se o tempo o houvera permittido; porém o vagalhão dos dias antecedentes e o muito balanço, não

deixavam atravessar a fragata, que corria risco de desarvorar. Nesta occasião tinha cahido a vaga, e o vento saltando ao noroeste fresco, dava logar a qualquer manobra; escolhendo-se o momento do render do quarto, para se proceder a ella com toda a gente em cima. Ao anoitecer havia-se preparado o prumo grande com bastante sebo, sua saia de rofegos, e canudos de pennas para indicar a natureza daquelle se chegasse a tocar-lhe; e a linha da sondareza, colhêra-se n'huma tina furada para depois escorrer. Veio a patesca de páo, que se amarrou ao brandal de gavia, e poseram-se os marinheiros ás obras, dando-se parte ao commandante que tudo estava ensaiado. A *D. Pedro* quasi que voava com as suas tres gavias nos primeiros, papafigos, cutello de velacho, e joanete, depois de soffrer vinte dias do mais máo tempo, e era preciso não perder huma hora. As estrellas scintillavam com grande fulgor, e os planetas pareciam pequenas luas. Quem navega além da equinocial, sabe que o hemispherio antartico hé semeado de maior numero destes corpos luminosos do que o outro povoado pela ursas, e que quanto mais ao sul, mais elles parecem brilhar e augmentam de grandeza. Por isso, posto não houvesse luar, estava a noite tão clara como em quarto crescente; nem podia haver outra melhor para aquella navegação, excepto o frio que tolhia todos os movimentos.

Chegou o commandante e perguntou que horas eram:

—Quatro e meia, respondeo o tenente Ferrari.

—Está griso que parece de janeiro no nosso Portugal.

—Deve estar, porque (como v. s.ª sabe) nas mesmas latitudes dos hemispherios oppostos, ha iguaes estações segundo o angulo de incidencia dos raios solares, com a differença porém de que o frio, neste do sul, hé mais intenso.

—Assim o diz Buffon e outros que não passaram por estas paragens, donde se vê quão pouco acerta quem escreve por informações differentes, e filhas de pouca experiencia; mas eu que já conto cinco destas corridas e venho de ver o thermometro em quarenta e oito, digo o contrario. Quando elle

em Lisboa desce a cincoenta e cinco, ou temperado, já o frio hé intoleravel, e nós que agora o temos sete gráos mais baixo resistimos soffrivelmente a esta temperatura. Portanto, não acredite quanto diz qualquer auctor, mesmo este, que entre outros gravissimos erros, diz que o *Pico de Tenerife na ilha de Ferro, tem perto de legua e meia de altura,* e chama ao nosso Pico, o *Pico de S. Jorge n'huma dos Açores*[1]. Nós que tivemos Tenerife pelo nosso través de bombordo e sabemos que S. Jorge parece huma sella de picaria, podemos avaliar a exactidão das suas descripções, assim como a fé que merecem os seus calculos meteorologicos e differenças de temperatura nos dois hemispherios debaixo da mesma pressão atmosferica. Vamos ao que importa; quanto deitou ao render do quarto?

—Onze.

—Boa carreira sem olhos de boi nem velacho sobre a péga como antes de hontem que ninguem se aguentava no balanço, e nos cahia a gente na tolda inteirissada. Carregue os papafigos, e atravesse a gavia sem metter o cutello dentro; e se ainda assim seguir, atravesse tambem a gata.

—Sim, senhor.

Ferrari que era hum officialsinho novo de grandes esperanças, fez bem, e depressa quanto mandou o commandante, e depois da fragata atravessada, deo a voz de preparar para sondar. Mandou para a prôa o guarda marinha Pio e contramestre Ferreira, o aspirante Palhares e guardião Aldeia para o portaló; ficando o mestre na tolda, bem como os tenentes Carvalho, e Alte que esperavam ouvir o gostoso grito de *fundo;* fundo no Cabo da Boa Esperança, que sempre causa hum certo prazer a quem por elle passa! Esta operação de sondar em tamanha altura e tal paragem, hé importante, pelo que se costuma fazer com toda a cautela para segurança do navio, instrucção dos inexperientes, e exemplo da guarnição que lhe presta os seus cuidados. Foi o prumo para o lais da sevadeira, e a marinhagem distribuio-se pelas mesas, trin-

[1] *Preuves de la théorie de la terre,* art. 9.º, pag. 157 do tom. 2.º

cheira, e castello, fazendo aduxas da linha de 10 em 10 braças; de tal modo que o ultimo homem da mesa grande, tinha na mão os dez nós. Tudo bem disposto, e quasi que parada a fragata, subio o commandante a huma peça, e disse ao official que mandasse largar. Ferrari deo a voz de: «Larga!» O immediato delle repetio á prôa: «Larga!» O gageiro do gurupés que tinha o prumo sobre a verga, respondeo: «Vai largo!» E logo os marinheiros do turco, da mesa do traquete, das unhas do ferro, do bailéo, do portaló, da mesa grande, e o ultimo desta mesma mesa foram repetindo: «Vai largo»; até que hum disse:

—Fundo!

—Quantas braças? Perguntou o commandante.

—Noventa e tres!

—Bem! Mette dentro.

Correo toda a gente a alar á sondareza que ficava pela alheta fóra, e quando ella chegou á perpendicular perto do costado, tudo eram receios de que o prumo rossasse e perdesse as pennas ou a areia que trouxesse nos rofegos. Chegaram-se os mais peritos á borda, e conseguiram mette-lo dentro sem lhe faltar hum canudo, nem desmanchar a saia. Vieram luzes, e começavam a entristecer-se não vendo areia no sebo ou nas pennas; porém logo que se desmanchou a primeira dobra do panno, e se vio lodo esverdinhado e areia escura, ficaram alegres dizendo ao mesmo tempo: «Estamos no Cabo!»

Estavamos com effeito pelo Cabo das Vaccas, segundo os calculos da vespera e os chronometros que davam trinta e seis gráos e onze minutos de latitude e dezeseis gráos e trinta e sete minutos de longitude éste de Greenwich, correspondendo exactamente aquella altura do fundo e sua qualidade á posição indicada pelas observações. Colhida a linha e mareado o navio, tocaram tres ampulhetas, e Ferrari mandou dar o almoço e agua para se passar á baldeação. Acabada a data, que durou até ás quatro ampulhetas, começando então a despontar a aurora, apitou-se á gente para a faina da limpeza. Quer dizer que, não só o quarto de vigia, senão tam-

bem o que devia folgar tendo entrado á meia noite, pegaram nas celhas, baldes, e picotas das bombas. Deram seis, o tempo estava lindo, o céo fino e clarissimo, mandando o commandante que abrissem a bateria para baldear bem o convés e seccar depressa. Desceo o contramestre com o primeiro quarto, guarda marinha e aspirantes com toda a tropa, tiraram-se as chavetas dos travessões, pegaram nos espeques e talhas das levas, deo-se o primeiro golpe de apito, ouviram-se as cincoenta e duas pancadas nas portinholas; deo-se o segundo golpe e outro igual numero de pancadas, ficou a bateria aberta, içando-se as portinholas á sua linha horisontal.

Dia claro, vento fresco de servir, pequeno mar que a fragata deixava branco de espuma, naquella latitude e no inverno, era tamanha fortuna que equivalia a huma festa, e por isso fez-se a baldeação de galhofa. Botou-se fóra dos rizes, içaram-se, caçaram-se, e marearam-se as gavias antes das oito ampulhetas. Chegaram ellas, veio o official das emendas, que neste quarto era o tenente Carvalho, e desferraram-se na tolda, a gavia e véla d'estae de prôa espedaçadas na vespera. Prolongaram-se com ellas oa marinheiros de agulha, os grumetes foram para o bailéo descoxar amarra e fazer gacheta, a taifa pegou nas espingardas e subio para o tombadilho com o alferes Jorge fazer exercicio de infanteria, e o destacamento do naval tomou conta do castello para limpar o correame. Ás onze horas veio a amostra do jantar, apitou-se a rancheiros, foi o tenente Lima passar revista ás bandejas, cantis, e talheres; distribuio-se a comida, e a musica foi tocando até ás trindades do meio dia. Desde esse momento até á huma hora, houve descanço para a guarnição, cabendo só aos officiaes o trabalho da derrota e ponto na carta. Dadas as duas ampulhetas, tocou a caixa á primeira e segunda brigadas, e o apito do mestre Assis, chamou as agulhas; de maneira que toda a guarnição ficou empregada no panno, no exercicio de artilharia, e no troço. Ás seis ampulhetas, tocou a atracar, levou-se mão do trabalho, e apitou-se a rizar. Mettidas as gavias nos primeiros, deo-se a ceia. Á huma ampulheta

ouvio-se o apito chamando a faina geral, e correo tudo á borda para sondar de novo. Tinham havido distancias, e por ellas se verificára a longitude; mas o commandante não despresou a occasião de exercitar a equipagem e seus novos officiaes repetindo a faina do quarto d'alva; largou-se o prumo cheio de anzoes, e suspendeo-se das noventa e oito braças, com a mesma areia e lodo que da primeira vez; e tambem com dois grandes peixes encarnados á feição de pargos, de quatro palmos de comprido e hum e meio de largo. Tocou a póstos, foi o commandante com o estado maior passar revista á bateria, tocou a caixa á retirada, e o apito a fechar aquella. Veio o capellão, e a gente foi-se dispondo para rezar o terço, advertida pelas badaladas do sino.

No meio do mar, aquelle som de hum instrumento destinado a chamar os fieis á oração, tem o quer que seja de melancolico e saudoso, que não se houve sem huma certa tristeza. Parece que se está perto da aldeia ou da freguezia da nossa habitual residencia; lembra a familia, o ninho, o torrão onde nascemos; lembra a patria que está longe, e com ella os desejos de tornar a vê-la melhor e mais feliz. Quer alguem que nos navios de guerra tudo seja militar, e que só hajam cornetas, caixas, e apitos para qualquer faina ou chamamento da guarnição, de sorte que a todo o instante se tenha em vista a desgrenhada Bellona; mas para o verdadeiro maritimo, para o grande navegador, para o homem das tradições e imaginativo, o sino hé traste indispensavel a bordo. Embora a grande náo ou fragata, immensas maquinas de combater, comprehendam todos os meios de aggredir, e os seus ornatos sejam polvora e bala, armas e instrumentos marciaes; como ali ha homens, convém que o coração destes, alguma vez palpite pelos objectos da sua ternura, e o sino tem esse poder. Não se diz que elle chame a gente ás armas, que para isso lá está a caixa, a qual ao primeiro rufo bem prolongado, faz saltar do beliche ou da maca o official e marinheiro; mas, para lhe despertar huma lembrança consoladora, e recordar-lhe que trabalha no meio do Oceano para sustentar a honra da terra que o vio

nascer, hé bom que haja o sino, e o som delle lhe avive a memoria daquillo que passou na joventude e perto dos parentes e amigos. Talvez se tenha por chymerica esta idéa, e até se queira ridiculisar por involver costumeira antiga; porém aquelles que alguma vez deixaram o alvo das suas affeições pela alheta, perdendo-o de vista por mezes e annos, hé que podem avaliar o effeito de humas badaladas ao anoitecer, no meio da immensa solidão das ondas! Diga quem conhece a existencia do navegante, qual hé a cousa que o prende á terra que deixa e que não vê senão a idéa? Pois esta que encerra a familia, e sociedade, e o logar do berço, cifra-se naquelle tanger, naquelle som triste do sino de bordo. O que nas grandes povoações hé indifferente, não o hé nas aldeias e no campo, e ainda menos no meio do mar. O echo do sino da ermida, produz mais sensibilidade no coração, que o da freguezia no do cidadão opulento, e o do sino do navio, ainda mais no coração do marinheiro. Não se argumente contra o uso delle dobrar ao render dos quartos da noite, dizendo-se que estes homens não são bonzos ou ermitões que vão para o côro; nem se critique o outro uso das praticas religiosas, como oppostas ao arreganho do marinheiro militar. Quem assim discorre, esquece-se de que os maiores feitos de armas, foram sempre praticados por pessoas nimiamente devotas; e que a piedade, hé quasi sempre hum apanagio da valentia. Portanto, se os destruidores de tudo que hé nacional e antigo, atacam os sinos dos navios de guerra, e os querem desterrar de bordo como improprios de assignalarem as horas do serviço maritimo, podem faze-lo dando esta prova da sua aversão ás recordações das sublimes cousas patrias; mas o peito a quem são gratas e a quem hé dado comprehender a poesia da vida do marinheiro, lembra-se de que o vibramento daquelle metal, repercutindo-lhe nas fibras, lhe desperta sensações agradaveis, e parecidas com as outras que experimentou na infancia, e nos logares da sua residencia, tornando-o desse modo sensivel, e inclinado ao seu paiz.

Veio pois o capellão, como ia dizendo, abrio-se o altar, re-

zou-se o terço, e depois tocaram as trindades, acabando-se por então este bom dia da passagem do Cabo da Boa Esperança no inverno, sem aguaceirada, nem mar grosso, até com a fortuna de se pescar peixe fino da costa. Mas começando a marinhagem o seu trabalho desde a meia noite, e continuando outras fainas em horas que deveram ser de folga, como aconteceo ao quarto que sahío ás quatro. Isto hé, devendo descançar até á hora da baldeação houve huma manobra que o prendeo na tolda, deixando só de estar em actividade, desde as onze á huma, cujo tempo mal lhe chegou para a comida, sem poder passar pelo somno. E eis aqui ordinariamente a existencia do marinheiro de guerra nas melhores singraduras das suas viagens, que pouca comparação tem com o modo de vida do lavrador, do artifice, ou do soldado do exercito, os quaes em tempo de paz, seguem huma marcha regular e poucas vezes interrompida na applicação das suas forças, não sendo incommodados, nem distrahidos dos seus misteres, como ali acontece a cada instante.

O marinheiro esfalfa-se, envelhece, mutila-se, e morre sem que nenhuma destas cousas lhe mereça hum ai da sociedade mundana; quanto faz longe, e ignorado della, que não mede os seus soffrimentos, passa como consequencia necessaria do seu modo de vida, e sem recompensa alguma. Sahe do porto bebendo e comendo por conta, peso e medida; apanha ventos contrarios que lhe alongam a viagem, bebe e come menos: vem hum golpe de mar que lhe avaria os mantimentos, fica a meia ração, a hum quarto, a hum oitavo, e ás vezes morre de fome e de sêde. Em terra, a morte hé sempre horrorosa para todos, e o publico procura attenuar os seus effeitos por quantos meios lhe occorrem, e qualquer que a soffre pelo paiz, ganha para os seus, recompensas proporcionadas, não só ao serviço que della resultou, senão tambem aos horrores de que foi revestida. O marinheiro desapparece n'hum instante, d'entre os vivos, some-se na profundeza das aguas, arrebenta d'hum mastro abaixo, aleja-se cingido por hum cabo; hé esmagado pelas barras do cabrestante que desanda;

bota os miolos fóra contra as latas do tombadilho saccudido pela róda do leme; faz-se pedaços debaixo da corrente de ferro que o leva de encontro ás abitas; finalmente deixa de existir com sete ou nove companheiros pela viradéla do escaler que soçobra ao atracar, e ninguem pranteia a sua morte, porque não a presenciou nem parece que ella dê direito á viuva e orfãos a pedirem indemnisações. Emfim, hé huma victima votada a toda a sorte de males e privações, logo que põe os pés a bordo, e ali vive esquecido de quem habita em terra.

SEGUNDA PARTE

HUM MAU DIA

. . . . . .

Aparelhámos a alma para a morte
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
(Camões, canto IV, est. LXXXVI.)

Depois do anoitecer, refrescou bastante o vento, pelo que se desvelejou do cutello, e joanete. Deram oito ampulhetas, passou-se revista ao quarto que entrava, e poseram-se as vigias do costume aos portalós, poppa e turcos. Ás dez horas já as refregas eram de tal modo duras, que foi preciso ferrar a véla grande, metter a gata dentro, e rizar as duas gavias nos terceiros. O céo foi-se cobrindo, e o vento rondando para o noroeste. Sabe-se que deste quadrante, qualquer bafagem levanta mar, pois cahe com grande incidencia sobre o horisonte, e por isso vinha crescendo a vaga e chocando-se com aquella que até ali corrêra n'outra direcção. O commandante que se deitára falto de somno das seis noites antecedentes, foi arrojado longe do canapé e aturdido pelo balanço e hum forte estalo. Correo á tolda, e vio o punho do velacho batendo e a fragata aproada ao vento, galgando-lhe a agua pela amura. «Contro, contro» gritou elle; e o timoneiro respondeo: «Está todo, não quer arribar. Salta acima: cabo do quarto, venha a gente debaixo. Carrega o estingue e sergideira a bombordo á proa; péga nas obras de gavia, arria a escota a bombordo, carrega de longo; vira caras, mette dentro. Mestre Assis! Aonde está o mestre?! Não ha hum apito na tolda? Guardião, olha esse velacho. Sr. Ferrari, não me consinta ninguem nas macas. Anda co'a mão na gavia, gente; abafa, toma-lhe bem as bichas, não se desferre.» Apesar da fragata estar de cobertas a prumo e ser difficil a qualquer mover-se ou segurar-se, tudo se executou com presteza, e ella foi arribando de vagar, conseguindo escapar-se do compromettimento a que chegou quando a gavia a fez ir de ló. Depois de posta a caminho, deram seis ampu-

lhetas, e vio-se que dois óvens da enxarcia grande a estibordo andavam á bambalhona com bigotas e fuzis, concluindo-se que lhe haviam arrebentado os batoques. Procurou-se o mestre, e foram dar com elle estirado no convés, meio morto com duas costellas partidas, cabendo ao seu immediato Nogueira botar talhas em ajuda da enxarcia, arriar a verga do joanete e acaçapar o mastaréo. Amichellada aquella e prolongada com o brandal, vem hum esticão, e sacode-a contra o sota-gageiro que a ensaiava nos vaus, precipitando-o pela clara da gavia sobre as malaguetas da mesa das papoilas, que lhe deitaram os miolos fóra. Depois de muito trabalho, d'esta morte, e varias contusões, deitaram-se as estralheiras ao calcez do mastro, e arriaram-se verga e mastaréo.

Não descançou pois o quarto de folga mais de duas horas, e saltou das macas para acudir á manobra, e andar pelas gavias n'huma noite tenebrosa, correndo logo após á bateria para outra faina importante. Como tinha havido exercicio na tarde antecedente, e ao pôr do sol estava claro sem o barometro ter descido, não se contra atracára a artilharia com peitos de morte aos gatos dos batentes superiores; mas depois que o tempo se tornára pessimo, convinha até botar-lhe travessões. Isto pertencia aos artifices, que simulavam doenças desde a Trindade, avistada debaixo de grande borrasca; apparecendo apenas o primeiro carpinteiro e o segundo calafate, os quaes ajudados da marinhagem, poseram juntamente pontaletes e escoras aos dois pexans. Ás oito ampulhetas ninguem se entendia a bordo, quer pelos assovios e força do vento, quer pela grandeza do escarcéo que inundava a tolda e convés, descendo e alagando a praça d'armas e alojamento dos guardas marinhas. Passaram-se cabos de vaivem, não evitando elles que muita gente andasse de rojo, sendo o proprio commandante impellido sobre a bitacula de bombordo, pelo mar que embarcava por cima da trincheira da tolda, que a esbandalhou, enrascando-se depois nas adriças, e correndo d'huma á outra amurada, de que ficou ferido. O balanço foi-se tornando tão grande, que fazia dar ao sino duas e tres badaladas suc-

cessivas; e apesar da noite ser escurissima, viam-se a ponta do páo da bujarrona, a enxarcia, e os mastros illuminados pela fosforescencia das vagas, e cobertos de enxofria, offerecendo huma scena pavorosissima, de mistura com as badaladas fugitivas do sino, que a tornavam mais medonha, quando a fragata cahia á banda.

Nestes termos, era da maior urgencia dar-lhe mais seguimento, assim como acudir-lhe com todos os meios de salvação, que a sciencia e pratica do mar aconselhavam na presença de hum temporal desfeito. Passaram-se contrabraços, deram-se talhas á canna do leme, e vieram machados para o pé do mastro da mesena, esperando-se que amanhecesse para envergar outro panno, correndo-se entre tanto os riscos do pouco seguimento do navio que jogava immenso; e cuidando-se em levar a onda na alheta, a fim delle não atravessar e ser engulido pelas serras d'agua que lhe subiam acima do tombadilho. Das duas para as tres, quando davam cinco ampulhetas, sentio-se outro grande estalo e andar o escaler da poppa aos baldões. Acudio-lhe Nogueira que o achou dependurado pelo arganéo da prôa, e tendo partido a tabica de encontro aos ornatos da grinalda que eram de optima talha, os quaes destruíra. Ás sete ampulhetas, hum furacão de estridor horrendo esfarrapou o velacho, e partio o punho do traquete, de maneira que se tornava indispensavel remediar logo esta nova avaria mettendo outros, bem como aguentar o balanço com a gavia nos ultimos para não desarvorar; mas ao primeiro golpe de apito do contramestre chamando a gente, esta enfurnou pela meia laranja a esconder-se na coberta. Então o commandante correo á camara, pegou da espada, e mandou ao alferes Jorge que o seguisse e acutilasse tudo até metter os fracos a caminho, e elle foi ferindo os primeiros que encontrou, de modo que voltaram á tolda, subiram á gavia, cavalgaram nas vergas, e dentro de huma hora de angustia, levava a *D. Pedro* o seu ultimo panno na galha sobre a pêga, e traquete na passadeira, singrando de 12 a 13 milhas, e fugindo ao mar que se lhe desdobrava na alheta sem poder alcança-la.

No entretanto a saraiva retalhava as mãos e o rosto de quem estava de vigia, sendo preciso cobrir a cara para ver o aguaceiro. Os oculos dos camarotes do arcebispo e do coronel Fonseca, tinham sido arrombados, não lhe ficando nada enxuto; para qualquer parte que se lançasse a vista, encontravam-se os cumes alvissimos das ondas, no resto denegridas pelo reflexo de hum céo de ferro, no qual rebombavam a cada instante as detonações continuas de fortes descargas electricas. Nesta manhã baixou o barometro a vinte e oito pollegadas, e o thermometro a quarenta e oito gráos, cahindo com a intensidade do frio cinco marinheiros e grumetes moribundos, que foram restituidos á vida por fricções e vesicatorios energicos; distribuindo-se áquelles que ficaram em cima meios hirtos, duas praças de aguardente para os aquecer e animar. Marinheiros que mal podendo segurar-se com as duas mãos, serviam-se de huma só e dos dentes para salvação propria, e davam a outra á patria mettendo as gavias dentro ou nos rizes, botando ao convés as vergas e mastaréos dos joanetes, e sahindo fóra da borda para passarem costaneiras aos mastros quasi a partir-se, depois de arrancados os batoques ou arrebentada a enxarcia! Com effeito, por maior que seja o perigo e o tempo, ninguem faz idéa delles, senão vendo o horisonte, e chegando-se á borda do barco nessas occasiões criticas. Embora o passageiro, o navegante que não hé constrangido pelos deveres do seu cargo a medir o esforço dos inimigos com quem lucta, falle dos trabalhos e riscos da vida do mar, elle não avalia, nem póde nunca avaliar a potencia deste fluido, como aquelles que o tem visto despenhar-se de trinta ou quarenta pés sobre a alheta da embarcação que ameaça desfazer; nem os horrores dos seus abysmos, quando esta cahe na profundeza das ondas que todas convergem áquelle logar para a submergir; e ainda menos poderá medir a rigeza de fibra, a fortaleza de coração, a heroicidade de alma que precisam os marinheiros, para affrontarem mil vezes a morte no decurso da mesma viagem, quando o vento rugindo como o leão lhe leva o panno das vergas, lhe atravessa o navio á

vaga, lhe parte a canna do leme ou lho deita fóra, e o deixa sem governo.

Ás onze horas, outro golpe medonho levou a gavia, pelo que se passaram boças aos punhos do velacho, e se metteo a véla d'estáe na antegalha. Neste dia não se pôde cozinhar por causa da agua que subia ás vezes acima das rodas das carretas, de maneira que, mesmo com as escotilhas calafetadas, enchia-se o porão a pontos de carecer tocar-se á bomba redondamente. Nenhum passageiro largava o beliche ou maca, nem subia á tolda, horrorisando-se da vista daquellas serras de mar, das quaes a fragata parecia não poder fugir; mas que deixava pela poppa fóra, antes que o seu fortissimo choque a desfizesse, diminuindo com a sua rapida carreira e bom governo o perigo que da menor tardança lhe resultára. Nesta afflictiva situação, deo meio dia; e mesmo enfermo, foi para o degráo o tenente Alte, render o seu camarada Ferrari, que dobrára o serviço pelas escusas do immediato D'Espie, e dos tenentes Carvalho e Regis de Lima. Á huma hora estando o commandante vendo o barometro que subia alguns centesimos, ouve-se o grito sinistro de «Homem ao mar!!» corre á escada do tombadilho, vê hum capote pela alheta, pergunta de quem hé, e dizem-lhe ser de Sá Nogueira que, havendo-se sangrado nessa manhã, de braço ao peito e embrulhado no capote se armereçára, daquelle mesmo sitio, diante de todos, pela borda fóra! Fazendo outras indagações, descobrio que o ajudante Bettencourt, possuia huma carta do afogado para seu irmão visconde de Sá, participando-lhe que hum caso de honra lhe impunha aquelle dever; ao que parecia, procedido de pendencias com certo guarda marinha por causa de huma passageira. Circulando esta noticia, foram tantos os desmaios femininos, gritos e susurro dos passageiros, que parecia o inferno. O barão de Sabroso não atinava no que fizesse, nem se acudisse á irmã, á enteada, ou á baroneza em convulsões, ou se procurasse o provocador daquelle suicidio; as senhoras, accusavam só quem, attendendo a dois amantes juntamente, promovêra tamanha desgraça; os parciaes do barão ameaçavam de levar

tudo a ferro e fogo, mal posessem pés na India; a marinha defendia o botão d'ancora zombando daquellas iras, e era huma bulha e confusão que nem na torre de Babel. No meio deste arruido e questões que tinham feito esquecer o perigo commum, galga a onda pela mesa da gata, desdobra-se na tolda, leva as bitaculas, atira com os marinheiros do leme á amurada, enfurna pela meia laranja e escotilha da praça de armas, sacode o navio horrivelmente, deixando-o sem governo e adormecido, e dá com os preoccupados interlocutores no pavimento, ou contra as anteparas, ficando as desoladas damas, pela maior parte, encharcadas, contusas, e meias mortas do tombo e de susto! Rompeo todo aquelle mundo espavorido em novos gritos, em quanto o commandante e officiaes correram á róda do leme, e poseram o barco a caminho, que estava a soçobrar.

Mas ninguem do convés ou da coberta avaliava o perigo que corria, pois só da tolda podiam ver-se aquelles mastros de tres pés de diametro, vergarem como vimes, nem fazer idéa da obliquidade intermittente do seu plano horisontal, reparando no modo por que os laizes das vergas tocavam na crista das vagas. Os passageiros não comprehendiam a imminencia da morte, na desatracação de huma daquellas peças de calibre sessenta que, se chegasse a soltar-se metteria a fragata a pique arrombando-a em poucos minutos! Elles não concebiam os horrores da sua situação, se lhe faltasse o leme por qualquer descuido do timoneiro, do official de quarto, ou por hum recalmão que lhe demorasse o seguimento expondo-o á força da vaga que rebentasse pilhando-o cerrado; e apenas tinham medo, e receio do perigo em globo, que os officiaes da arma e marinheiros calculavam nas suas diversas partes! Mas ainda bem para todos, que muitos eram daquella tempera que distingue o homem do mar ao primeiro golpe de vista, quando não, mal poderia a fragata achar-se no meridiano da Aguada de S. Braz onde tinha chegado.

Nesta larga singradura de noventa leguas, teve a *D. Pedro* a fortuna, posto que debaixo de muito perigo e fadiga da sua

tripulação, de se ir cobrindo com a terra que lhe ficava a bombordo, e amparando-se do noroeste que mais ao sul e a descoberto a maltratára de maneira que apenas levava na galha as cinco mestras a desfazer-se, tendo o resto do panno e as andaneas de sobrecellente perdidas; os escaleres arrombados, as trincheiras só com os corrimões, os mantimentos avariados, e ella fazendo oito pollegadas por hora, ou cento e noventa e duas por dia, com a qual mergulhára se não fossem as suas optimas bombas. Esta noite, veio o vento vindo de recalmões, como que despedindo-se, até que rondou para o norte, e com elle desta direcção aclarou o céo, ficando o horisonte de nuvens soltas. Então o commandante não receando mais esfregas daquelle lote até Moçambique, foi mudar de roupa, e dar graças a Deos pelo ter livrado do noroeste que tantos dias o perseguio, gloriando-se de exercer huma profissão que fazia subordinar á sua intelligencia e firmeza, a fortuna e a vida de quatrocentas e quatro praças que o acompanhavam, e os destinos de huma importante parte da monarchia, dependentes da chegada da fragata a Gôa, onde talvez encontrasse maiores perigos, na, tantas vezes fatal e famosa, cordoada de S. Francisco.

Eis-aqui o modo de vida do marinheiro, e hum dos seus máos dias, que geralmente encontra quando menos o espera, servindo de contraste áquelle dos melhores que vimos; dias successivos como pilhou a fragata *D. Pedro*, a qual por tres semanas teve de luctar com todo o rigor do tempo que, de ordinario se apanha na travessa da Trindade para dentro do Cabo, e que estão bem longe de igualar aos que se passam abarbados com a terra; dias geralmente conhecidos de todos os maritimos, cuja abnegação de si mesmos os leva a subirem ás gavias ou saltarem aos escaleres em beneficio dos seus similhantes e salvação alheia. E por ser isto commum e sabido de todos que hão sido borrifados pelas espumas salgadas, a quem tomâmos por testemunhas, deixaremos de alludir aos casos medonhos de naufragios, que para esses quasi não ha palavras que os descrevam.

FOLHETIM MARITIMO

HUM COMBATE DA NÁO CONCEIÇÃO

XXV

A náo *Conceição* era hum bom e grande navio da companhia de Pernambuco, ao qual impropriamente se dava este pomposo nome; e assim como ainda hoje muita gente pouco reflectida chama a essas fragatas francezas de bateria da tolda ao castello *náos razas* (sem attender a que, *náos,* são só aquelles vasos de duas e tres cobertas com artilharia em ambas ellas e convés, ou sómente neste, e n'huma daquellas duas), chamavam os nossos maritimos do seculo passado, *náos,* a todos os navios de jardim, e contendo duas ordens de bôcas de fogo, como por exemplo a fragata *D. Pedro,* a qual tem o seu painel da poppa como o das *náos,* e tombadilho, com a sua bateria da tolda até á prôa. A estes navios não lhe póde competir o nome de *náos,* em cuja apparencia não só ha huma logica differente na distribuição das portas, senão tambem na relação que o gio e a almeida tem com a primeira bateria; mas chamavam-se assim, posto serem muito inferiores em força ás fragatas de cincoenta: e seja dito de passagem para intelligencia do leitor e apreciação do facto ou factos que referirmos, inferiores são ás fragatas todos esses navios que, montando igual, ou maior numero de bôcas de fogo que o dellas (com as dos bailéos) deixam de ter o mesmo espaço para as manobras; são mais pesados, ficam mais empachados com o tombadilho, e o fogão em cima. As fragatas tem outra capacidade, outra construcção mais fina, mais adequada ao

objecto, mais ligeira, e mais de guerra em todas as suas partes e arranjos; são mais bem tripoladas, com guarnições mais bellicosas, e de huma marcha superior; n'huma palavra, esses navios da companhia armados em guerra, esses navios do commercio que as circumstancias tem feito armar, qualquer que seja a sua belleza e arranjo, nunca podem comparar-se com aquelles destinados desde o seu começo para o combate; influindo isto até na gente que os guarnece, de modo que, hum marinheiro de charrua (vaso meio de guerra) não tem o mesmo arreganho, a mesma destreza, a mesma marcialidade do marinheiro do cutter, da curveta, da fragata, e da náo.

Ainda acrescentâmos ao que vai dito para provar que as construcções dos navios influem nos habitos, porte, e caracter dos individuos que os guarnecem que, os componentes e signaes da belligerancia dos vasos maritimos, inanimados como são, se estendem aos officiaes da armada nelles embarcados, distinguindo-se ao primeiro golpe de vista, o charrueiro habituado a vigiar a carga no porão, e gosando dos commodos e franquezas que offerece hum transporte, do outro que apenas tem tempo para cuidar da sua espada, dos exercicios e fainas do cruzador, dos seus livros, e restringindo-se ao pequeno camarote aonde mal lhe cabe o desprovido bahú.

Hé pois claro que, os combates entre vasos puramente militares e navios armados em guerra, mesmo apparentemente iguaes ou superiores em força, deviam ser, e eram na realidade desvantajosos aos navios de huma origem bastarda e contrafeita; por isso, quando se dizia que huma *náo* (e nós vamos dizer que a *Conceição)* se bateo com huma fragata, deve entender-se que a probabilidade da victoria estava do lado da fragata, porque o nome de *náo,* não significava rigorosamente o mesmo que hoje significa.

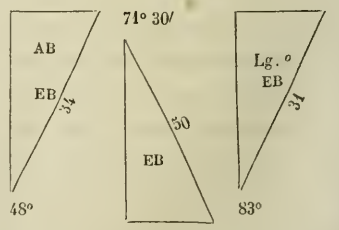
Isto posto, e determinada assim a classe dos navios a que nos referimos, poderá o leitor ajuizar do facto que lhe expomos sem perigo de enganar-se por via dos nomes, a que hoje correspondem outros de diversa força e grandeza. E tanto escru-

pulo temos em lhe apresentar a verdade, que não procurâmos ornatos para o nosso conto, o qual vai despido de tudo quanto possa pertencer a hum romance, pois não o hé, nem se creia filho da nossa imaginação; porém sim copia fiel do que lemos e temos presente no *bilhete* da derrota da mesma *náo,* feita pelo immediato della, que nos dá conta do successo pela maneira que abaixo se verá.

No entretanto deve saber-se que a *Conceição* era armada com doze peças por banda de calibre 18 no convés, e cinco de calibre 9 na tolda; advertindo que quando havia muita carga esta se arrumava na bateria que ficava então inutilisada, como lhe aconteceo no fatal combate de 1809 em que foi apresada pelo corsario Surcouf, vindo da India. Então, como naquelle estado se ignorava a declaração da guerra á França, pôde o mesmo Surcouf, ter pratica na Aguada, observar a força e circumstancias da *náo,* relacionar-se com os seus officiaes de quem obteve innocentemente detalhes minuciosos ácerca da sua carga, para depois a surprender perto da Costa do Natal, e atacá-la de improviso, resultando daqui a mortandade que houve a bordo, o incendio de muitos cartuxos de polvora, a allucinação da marinhagem e do sobrecarga Muller, o abandono em que se achou o excellente Antonio José Freire, seu commandante, e por fim a perda da náo. Desta vez que vamos referir vinha ella menos mal apercebida, pelo que resistio a huma fragata que, depois de hora e meia de porfiadissimo combate, se pôs em fuga. Teve elle logar nas aguas da ilha de S. Miguel em sexta feira, 21 de outubro do anno de 1798, como no-lo diz o nosso habil marinheiro que se ia dispondo para depois tão distinctamente concorrer com os mais valentes defensores da *Andorinha* nos combates que ella denodadamente sustentou em 1799 e 1801 contra as fragatas francezas *Bellone,* e *Chiffone* de que já o publico teve noticia. Vejamos porém o bilhete da derrota da *náo,* escripto com aquella singelesa e verdade que tanto caracterisou até ao fim da vida o muito digno capitão de mar e guerra Joaquim José da Silva.

Bilhete do dia 21 de outubro de 1798. T. N. * Combate.

H.	M.	D.	Rumos	Ventos	Amura	Panno	Derrota Estimada	° ′ ″
1	5	»	NE.	S.	Ab. EB.	Todo. Cs. B.	Lattitude da partida N.	36 53 10
2	5	»					Lattitude da chegada N.	37 15 00
3	5	2		SSE.			Differença de Lattitude N.	00 22 10
4	5	5					Longitude da partida O.	25 44 48
5	6	2	NE. 4 1/2 E.				Longitude da chegada O.	24 41 00
6	6	5	NE. 4 E.			B. Cos dentro	Differença de Longitude E.	1 3 48
7	5	7	NE. 4 1/2 E.		Lg.º EB.	— Joanetes	Longitude pelo calculo E.	24 00 00
8	5	7	E. 4 NE.			— V. grande	Differença de Longitude do calculo á Estimada } E.	00 41 01
9	4	»	E.	SO.		Tudo largo		
10	2	7		S.		Em gavias	Rumo NE.	71 00 00
11	4	»	E. 4 NE.	SSO.			Distancia	00 67 00
12	5	2	E. 1/2 SE.				Variação NO.	24 00 00
13	4	1					Differença do ☉ á Barra	00 00 00
14	3	»					Correcção	00 00 00
15	3	»		S. SSE.	EB.	Todo	Direcção da corrente	00 00 00
16	2	8	E.				Velocidade na extensão da derrota	00 00 00
17	3	8	E. 4 SE.					
18	5	7	E. 1 E	S.				
19	6	»	E. 4 1/2 SE.					
20	6	»						
21	6	»	ESE.			Ferrajoanetes		
22	6	»						
23	6	»				Em gavias		
24	4	»	SE. 4 E.	SSO.				



(*) Para intelligencia do leitor se explica a significação de certas abreviaturas dos maritimos, como por exemplo o que quer dizer a letra T do bilhete, e a letra N. A primeira quer dizer = Terra á vista = e a segunda = Navio á vista =. Tambem por economia de papel, e tempo que o leitor melhor empregará omittimos os calculos de variação da Agulha, que usualmente se costumam juntar ao *Bilhete*, os quaes de nada serviriam para a apreciação do facto.

NOVIDADES

Ás dezesete horas içámos bandeira e flamula por nos acharmos á vista da ilha de S. Miguel em distancia de quatro a cinco leguas, demorando-nos a ponta do sul por quarenta e cinco gráos sueste d'agulha.

Ás dezoito horas (seis da manhã) vimos hum navio de gavias alagadas no quadrante do sueste, demorando á dita hora a ponta de oeste por trinta gráos sudoeste, e a ponta do sul por oitenta e cinco gráos. Ás dezoito horas e quarenta minutos, percebemos que nos dava caça, pois descobrindo-se apenas em gavias, logo depois largou joanetes cortando-nos a prôa. Bem que nos parecesse fragata, entendeo o nosso commandante que não devia mudar de rumo, já porque estavamos a sotavento e dever o outro navio apanhar-nos dentro em pouco pela superioridade da sua marcha, já porque nos julgavamos com força sufficiente para lhe resistir, apesar da muita guarnição que lhe suppunhamos, pela rapidez com que botou fóra dos rizes e caçou joanetes mal nos descobrio. Posemos por tanto a póstos, e fomos preparando tudo para o combate que era de esperar. Não tardou meia hora que verificassemos ser o dito navio huma grande fragata, e de bom pé, pois se aproximou a ponto de lhe vermos a bateria aberta, bem que toda pintada de preto. Ás vinte horas demorava a ponta de éste da ilha por trinta e cinco gráos sudoeste, a fragata por sessenta gráos do mesmo quadrante, a qual já vinha no nosso bordo. Ás vinte e huma horas, já ella estava nas nossas aguas hum pouco a barlavento, e atirou hum tiro de peça sem bala. Ás vinte e huma horas e dez minutos outro com ella, içando bandeira franceza. Nós então fizemos menção de arriar a nossa (que içaramos ás cinco da manhã quando se descobrio a terra) para logo a içarmos firmada como fizera o inimigo, ferrámos joanetes, e carregámos papafigos para começar a acção. Ás vinte e huma horas e quinze minutos, amurámos outra vez estes, para virarmos por davante, carregando-os pouco depois que tornámos a pôr na mesma amura.

Estando já proxima a fragata, porém a pouco menos de meio alcance, rompeo o fogo com huma descarga de cinco tiros sómente, aos quaes respondemos com toda a bateria do convés.

Fomos seguindo assim em gavias, ora orçando, ora arribando á espera que o inimigo se aproximasse, sem que elle encurtasse a distancia á qual começou a acção, talvez andando ás guinadas para não se expôr tanto ao nosso fogo; digo talvez, por não ter podido distinguir-lhe bem as manobras pelo fumo delle e nosso que nos affrontava por estarmos a sotavento. N'huma das orçadas que demos, e que nos fez aproximar da fragata, vimos que huma bala nossa, lhe partíra a verga da mezena, cahindo-lhe por isso a bandeira e parte da véla no mar.

Pouco depois vimos tambem que outra bala lhe cortára a talha do turco de estibordo da poppa, em consequencia do que o escaler ficou dependurado só pela segunda dellas, cahindo logo após no mar, e desapparecendo com a bandeira que rojava nelle presa ao tarouco da mezena; a cuja vista o nosso commandante deo hum grito de:

—Viva a rainha! Viva, que a bandeira do inimigo nunca mais tremulará.

Nós todos tirámos os chapéos, e respondemos:

—Viva! Viva a rainha de Portugal!

Sempre orçando e arribando para opportunamente lhe offerecermos o costado, comportámo-nos de maneira que, ás vinte e quatro horas já elle tinha bastantes rombos na borda, já lhe tinhamos desmontado duas peças da amura, e atirado com dois marinheiros que estavam carregando huma do portaló, feitos pedaços ao mar, que deixaram as aguas tintas de sangue.

Nós tambem tinhamos alguns feridos, e quatro mortos: o panno quasi todo roto da metralha e planqueta, muitos cabos cortados, e a enxarcia meia partida que se emendava e aguentava com unhões, debaixo de immensos tiros com que o inimigo nos aggredia. Tambem huma bala sua, entrando pela

segunda porta da ré, logo ávante do tombadilho, nos partíra a falca da peça que nella jogava, e tinha ido cravar-se na amurada de sotavento levando comsigo o braço do segundo carregador da mesma.

O combate não diminuia, e nós não podiamos fazer mais que defender-nos, vista a nossa inferior situação a respeito do vento, do qual o inimigo se aproveitava, afastando-se, ou aproximando-se quando lhe convinha.

Emfim, meia hora, ou vinte minutos depois das vinte e quatro horas, debaixo do denso fumo de huma descarga geral, e muita fuzilaria, caçou os joanetes, e amurando papafigos nos passou pela prôa, de modo que, já demorava a boa distancia quando o descobrimos pela prôa fóra. Apesar das nossas manobras serem difficeis por causa da rascada dos chicotes dos cabos cortados, amurámos igualmente os papafigos e fomos em seu seguimento, porém debalde, pois era a fragata de melhor pé que a *náo*, e parecia estar menos mal tratada no seu panno e apparelho.

Ou fosse porque o fumo nos interceptasse o alvo, errando nós por isso as pontarias; ou fosse porque os nossos tiros não levassem a conveniente elevação, hé certo que o seu panno e apparelho os favoreceo na fuga. Elles levavam os seus mastaréos e vergas de joanetes em cima, e nós apenas tinhamos o de prôa á cunha, havendo desarvorado tambem do da gata; tinhamos perdido os páos de cutellos do velacho, os da surriola, as escotas da bujarrona e da véla d'estae, e as amuras do traquete. Parece que a tenção do inimigo era impossibilitar-nos de manobrar para depois com alguns tiros de coxia, nos fazer mais damno, pelo que o seu maximo fogo era de planqueta e de bala encadeada, vivamente dirigido ao nosso arvoredo.

Posto porém que nos servissemos mais de bala rasa, estragamos-lhe de tal maneira o casco, e os escaleres, que tudo eram rombos e estilhaços, devendo a sua salvação ao seu bom pé, e a poder botar em cheio. A fragata era grande com quinze portas na bateria, pintada de preto e forrada de cobre novo,

parecendo bem servida de gente, e muito ligeira na marcha e nas manôbras: fugio sem nunca mais içar bandeira!!

Ao meio dia não observei o sol, nem se marcou a terra, que ás vinte e tres horas se perdeo quasi de vista; porém pela barca presumo que estaria éste-oeste verdadeiro com a ponta da ilha, distante obra de oito a nove leguas.

Como se vê, foi este o primeiro combate em que entrou o nosso honrado Silva, e por isso devêra ter sido tambem o primeiro que se descrevesse para os mencionar segundo a sua ordem chronologica, pois tiveram logar, este a 21 de setembro de 1798, o outro a 27 de janeiro de 1799, e o ultimo a 19 de maio de 1801; porém não está no nosso querer, o obtermos noticias de factos que ignorâmos, e que por acaso chegam ao nosso conhecimento tarde, e de mistura com outras muitas materias alheias em parte ao assumpto que temos em vista.

COMBATE DO ESPIK

Embora as armas portuguezas não tenham por mais de meio seculo figurado na historia por grandes batalhas navaes, isso nada prova contra a pericia e valor da sua gente maritima que, nos combates singulares entre navio, e navio, sustentou gloriosamente a honra da bandeira das Quinas. Se no tempo da guerra do sul, a nossa armada protectora de Santa Catharina, não chegou a medir-se com a hespanhola, foi por çircumstancias alheias ao animo e desejo dos nossos officiaes. Se dividida em esquadras, desde 1789 até 1814, incorporada ás forças britannicas, em todos os recontros com o inimigo, esqueceram os escriptores mencionar o distincto serviço dos nossos maritimos, não obsta essa escandalosa omissão (talvez proposito) dos que tudo bom attribuiam ao Jak inglez, o podermos dizer com verdade que, o bloqueio, assalto e tomada de Napoles, Capua, Gaetta e Malta, foram devidos á cooperação, manobras, e bem dirigido fogo das náos *Principe Real, Maria I, Conde Henrique, Affonso de Albuquerque, Vasco da Gama, Rainha,* e *S. Sebastião* commandadas pelo marquez de Niza, e mais capacidades desse tempo, que hom-

breavam com quanto havia de famoso nos outros paizes. Embora huma nação grande e bellicosa, tanto alarde fizesse do forçamento do Tejo em 1830; essa entrada, que ninguem disputou, nada prova contra a nossa gente de mar: quasi toda ella compellida pelo terror do governo despotico, a sustentar huma causa odiosa; quasi toda gemendo sob o sceptro do tyranno, e almejando pela redempção que suppunha vir-lhe na esquadra de Roussin, não tinha idéa de hostilisa-la, e a bordo dos navios de D. Miguel, escondiam-se bandeiras azues e brancas, para se içarem quando a revolução latente em Lisboa apparecesse aos primeiros tiros dos francezes que com ella contavam. Embora, estrangeiros ao serviço de D. Maria II, quizessem attribuir só ao seu valor e pericia os louros colhidos na batalha do Cabo de S. Vicente; nessa lucta fratricida, em que oitocentos liberaes, arvorando as quinas em chão azul e branco (batendo-se a descoberto ou por detraz de poucas tabuas mal seguras) venceram tres mil adversarios, parentes e amigos, que pelejavam debaixo dellas em chão branco todo; não foi isso devido ao auxilio de quatrocentos estranhos, aliás valentissimos, de que se soccorreram, mas sim á defecção das forças do usurpador, procedida do desgosto que elle já inspirava, e do remorso da consciencia que pungia o coração de seus subordinados. Factos particulares acontecidos a bordo de navios de huma e outra esquadra, abonam quanto avançâmos em honra do nome portuguez, bastando para isso mencionar o arrojo, com que Manoel Antonio Barreiros, commandante da náo *Rainha,* vendo-se abandonado dos seus, corria com hum murrão ao paiol da polvora, para sepultar nas ondas a sua derrota, e destruir com a explosão da náo a esquadra inimiga que assim se anichilára, se elle não cahisse mortalmente ferido do golpe que lhe descarregou o marinheiro de sentinella á bôca do mesmo paiol.

Portanto se na historia coeva da marinha europea deixam de apparecer os nomes de muitos portuguezes illustres, não se julgue essa falta, consequencia d'ocio seu, nem da sua ausencia dos combates, porque nelles entraram sem descanço

e mui dignamente; deixam de apparecer, porque huma indesculpavel negligencia em commemorar tudo que pertence a este nosso Portugal, vai apagando as idéas de immensas maravilhas, de que n'outros paizes se faria estrepitosa narrativa. Mas a nós que nos doe o peito de tão flagrante injustiça; a nós, que temos ouvido contar, nessas longas viagens de cabos a dentro, nesses quartos de noite, dos cruzeiros em que concorremos com os veteranos da nossa marinha, testemunhas oculares de muitas façanhas, em virtude das quaes alguns delles foram elevados a patentes superiores, outros de paizanos que eram admittidos na marinha militar; a nós, que nos lisongeâmos de servir n'huma arma que, desde D. Fuas Roupinho illustrou a monarchia, abrindo á velha Europa as portas do Oriente de onde tão grande civilisação lhe veio; a nós, que nos bate o coração de prazer ouvindo repetir as gentilesas praticadas a bordo do brigue *Lebre,* nas aguas de Pernambuco, pelo sr. Manoel de Vasconcellos e sua briosa guarnição, que, em boa paz se bateram com outro brigue dos Estados Unidos, matando-lhe aos primeiros tiros dezesete homens; a nós, que nos gloriâmos de envergar o mesmo uniforme que nos mares da India honrava Candido José Mourão, o qual tambem no remanso da paz, e á babuge daquellas fagueiras ribas, se bateo a bordo da fragata *Temivel* [1] com duas fragatas inglezas, indo logo após desafiar outros navios daquella nação amiga á ábra de Bombaim; a nós finalmente que nos honrâmos de ser portuguez, e não nos soffre a alma esta immerecida injuria de estranhos e ingrata negligencia de nacionaes, cumpre-nos fazer quanto de nós depende em honra deste nome, escrevendo-lhe os feitos marciaes de que podemos comprovar a existencia, e mendigando noticias de outros que muita vez nos contaram. Transpondo as barreiras que nos indicava o pequeno cabedal que Deos nos concedeo e nossa posição de simples official de guerra exigia; só, nesta ardua empreza de trazer á memoria as acções de compatricios benemeritos que a sepultura ou as vagas do oceano cobriram

[1] Casco da curveta *Damão,* hoje surta no Tejo.

de esquecimento, vivificando a fama de outros que as parcas té hoje respeitaram; iremos construindo este grosseiro padrão de gloria nacional erecto á nossa marinha, que ella benignamente aceitará apesar da deficiencia que nelle se encontra. Julgando como devemos julgar amantes do seu paiz todos os militares a quem hum botão d'ancora prende o vestido, e persuadindo-nos que o peito, a alma de hum navegante se dilatam gostosamente ao aspecto de hum seu companheiro illustre e ao constar-lhe qualquer passo arrojado d'hum homem do mar; bem que o estilo não corresponda á excellencia do assumpto, mais ou menos gostarão de ler isto que lhe offerecemos, e onde lhe recordâmos a maneira honrosa com que a bandeira lusitana a bordo tem sido defendida. E tambem contâmos, que nos fornecerão os dados de que ainda carecemos, para exactamente publicar os successos de muitos navios em que ella tremulou com grande audacia, cujas guarnições, capitães, ou commandantes bem mereceram da patria, a qual pelas bôcas de seus mais amantes filhos, e em todos os corações em que ella impera, lhe dará lisongeira recompensa devida ao seu valor.

Á vista da singelesa com que acabámos de exprimir-nos e do respeito que tributâmos á nobre arma a que pertencemos, se conclue que não podemos despresar, nem desattender a nossa marinha mercantil, e que temos toda a consideração pelos seus officiaes de merecimento; por isso aproveitâmos com todo o enthusiasmo de que hé susceptivel huma cabeça encanecida pelos aguaceiros, fainas e privações de bordo (porém que anima e dirige huma alma portugueza), pelos trabalhos e desgostos de huma emigração calcada varias vezes por tempo e tempo de prisão maritima, qualquer ensejo que acaso se nos offerece de fallar na marinha mercante como já havemos feito no folhetim: « *Os sonhos;* » e esperâmos anciosamente adquirir as provas indispensaveis para relatar os factos acontecidos a bordo dos navios da praça que a fama galardoou, taes como aquelles dos: *Cleopatra,* cujo capitão José Severiano Moreira, recebeo da companhia *Fenix,* em Calcutta, huma riquissima espada em obsequio á sua heroica defesa nas Braças de Bengala:

brigue *Restaurador,* em 1818; galera *Caridade;* navio *Fenix,* na sua viagem de Bengala, capitão Martins; brigue *Europa,* capitão José Luiz Catanho; galera *S. João Baptista;* navio *Asia,* capitão Manoel Joaquim da Fonseca Torres; galera *Flor de Pernambuco,* capitão Heitor; e navio *Espada de Ferro,* do qual até o capellão se comportou tão espantosamente na repulsa da abordagem, que mereceo a honra de huma commenda que muito o singularisava. Em quanto porém estes esclarecimentos nos não chegam, coordenaremos os que podémos obter ácerca do combate no navio *Espik,* em que o capitão José Joaquim Victorio se distinguio a ponto de entrar logo na marinha de guerra galgando dois postos, onde chegou mui dignamente a ser chefe de divisão.

O *Espik* era hum feio navio de seiscentas a setecentas tonelladas, com sua bateria em cima no convés, e duas portas por banda na coberta, armado com vinte e seis bôcas de fogo, cento e quatorze praças, em que se incluiam dez soldados de artilharia e hum sargento. As peças eram quatro de calibre 12 na coberta, e no convés seis de 9 com dezeseis caronadas de 18. Ora já se sabe que a bateria da tolda ou convés a descoberto, facilmente hé empachada com os cabos, panno, e cadernaes que, do apparelho e mastros vem enrascar-se e cahir sobre as peças e serventes, pelos tiros do inimigo; e sabe-se tambem que as caronadas, só a alcance de pistola, fazem algum estrago na borda de hum navio, sendo rara aquella que pelo seu forte recuo, sustenta dez ou quinze tiros successivos sem arrebentar os vergûeiros ou desmontar-se. O *Espik* era pois guarnecido com dezeseis destas armas que poucas vezes deixam de comprometter quem nellas se fia, sendo pouco melhores as peças de 9 brocadas em 12, das quaes duas lhe serviam de cachorros de prôa, duas de guardas leme, e só duas aos portalós; podendo apenas contar com as duas da coberta para o fogo de costado, porque além de terem o seu peso de metal correspondente, eram servidas por gente que trabalhava livre de aggressão sobranceira. Nestes termos sahio elle de Lisboa para o Rio de

Janeiro no anno de 1801 em conserva de huma galera tambem armada, e hum brigue excellente, e de tão boa apparencia e força, que parecia de guerra.

Pela altura dos Abrolhos, deram os gageiros vista de huma véla a barlavento que pouco depois reconheceram por fragata de 44 [1], a qual passados vinte minutos se ostentou hespanhola firmando a sua bandeira com bala; e depois se soube ser a fragata *Paz*, sahida de Monte Video a corso com quatrocentas praças de guarnição. Poseram a póstos e foram seguindo sua derrota em linha, largos do vento, sendo o brigue, marinheiro do *Espik*, e a galera marinheiro do brigue. A fragata sem attender á posição relativa dos tres vasos, indicadora da força de cada hum delles, veio prolongar-se com o brigue por lhe parecer de guerra, dirigindo-lhe hum vivissimo fogo. O *Espik* para soccorrer o brigue e atacar a fragata, orçou quanto pôde, e quasi na amura della lhe descarregou toda a sua artilharia, da qual só as peças lhe fizeram algum estrago, pois que as balas das caronadas nem lhe amollegaram a borda. Como os dois navios, fragata e brigue navegavam na poppa do *Espik*, dentro n'hum instante se aproximaram quasi a tiro de pistola, em consequencia do que, os tiros das caronadas deste, começaram a fazer effeito na fragata. O vento era sueste, os navios levavam a amura a bombordo, o *Espik* tinha orçado, fragata e brigue foram seguindo, passaram-lhe pela poppa, e ficaram a sotavento pelo que o capitão do *Espik* arribou sobre a fragata que lhe ficou pelo seu través de estibordo. Então o brigue, que era de excellente pé, vendo-a aggredida pelo *Espik*, arribou, e se pôs fóra de alcance. A galera, que tambem havia orçado na poppa de todos os combatentes, e de lá em grande distancia fazia fogo indistinctamente sobre

[1] Neste tempo aos navios de 50, chamavam-se de 44 imitando os inglezes, que assim usavam de engano, desde a guerra da independencia da sua America, cuja traição os mesmos americanos demonstraram n'hum seu manifesto, e o parlamento depois corrigio, denominando os navios segundo as suas respectivas bôcas de fogo; isto hé, ás fragatas de 50, tambem de 50 e não de 44; ás náos de 80, de 80, e não de 74, etc.

amigos e inimigos, botou em cheio e foi reunir-se ao brigue. De bordo da fragata, conhecendo então que o navio de mais força e que lhe fazia mais damno era o que navegava na frente, como deviam ter presumido, dirigiram toda a sua attenção para elle, até porque o brigue e galera se haviam distanciado com força de véla. Do *Espik* fizeram signal aos dois fugitivos para reunirem, aos quaes o brigue respondeo, virando em róda e vindo á alheta da fragata, donde com bastantes balas de coxia talvez conseguisse rende-la, ou pelo menos tornar-lhe perigosa a acção; porém contentou-se com huma ameaça esteril, porque chegando a meio alcance, botou cutellos fóra e barredoira, a fim de seguir a galera, a qual toda infunada se ia alagando no horisonte, como receiosa do desigual combate que a ameaçava. Fracos! Deixa-los ir! Seus nomes que deveram ser aqui apontados para eterna vergonha delles, e dos que assim mancham a honra de huma nação heroica, ficarão esquecidos, ninguem saberá que existiram, nem que navios aquelles eram onde se notou esta infamia; lá fica o *Espik*, lá ficam cento e quatorze peitos, pela maior parte espedaçados no fim de tres horas de cruentissima peleja; lá fica o destemido capitão José Joaquim Victorio e seu piloto José Corrêa da Gama que, nessa desproporcionada lucta, nesse desigual combate de hum contra tres, de vinte e seis pessimas bôcas de fogo contra cincoenta de maior calibre, deram hum raro exemplo de maravilhosa dedicação e singular valentia, do que póde esperar-se da nossa marinha quando hé dirigida por homens intelligentes e briosos.

O *Espik* carregára habilmente os papafigos e media-se da maneira mais audaciosa com a fragata, a qual na sua inferior posição a respeito do vento era menos temivel e dava ás acanhadissimas forças do seu contendor alguma vantagem. Comtudo a differença dos calibres dos projectis que se jogavam, a desigualdade do numero dos combatentes e a grossura dos madeiros de traz de que estes se aggrediam, dava á fragata huma tal superioridade de meios de vencer que era temeridade inqualificavel da parte do *Espik* sustentar por mais tempo

similhante fogo! Mas que importa ao homem valente a grandeza ou aspecto do adversario? A sua obrigação hé dar; vencer hé de quem mais podér; pois bem, dá; cumpre o que deve, satisfaz os impulsos do seu generoso coração; perece na lucta, honra lhe seja, não temeo a morte! E os portuguezes de Salvador Ribeiro, de Nuno da Cunha, de Duarte Pacheco tinham medo della? Não! Pois assim fizeram os portuguezes do *Espik*, aonde de cento e quatorze individuos só trinta e tres ficaram sem alguma ferida, braço ou perna quebrada, e trinta e cinco delles estirados no convés!! Logo que a fragata se aproximou convenientemente para acabar huma contenda que já a envergonhava, tudo foram rombos e estilhaços neste valoroso navio; as suas caronadas foram desmontadas pelo fogo do inimigo, ou pelo seu fortissimo recúo; as peças de 9 do convés, que serviam de cachorros e guardas leme, foram mettidas em bateria no logar das caronadas, porém dentro em pouco igualmente desmontadas como aquellas. A borda do *Espik* não era huma amurada com portas, era apenas huma fileira de taroucos e cabeços mais ou menos partidos, aonde meia duzia de estropos serviam de arganéos da artilharia; e o mesmo costado na coberta havia sido varado de bombordo a estibordo com as balas de 18 da fragata, e as de 32, posto que impellidas com menos força pelas caronadas, arrombavam a borda e produziam taes estilhaços que ninguem lhe podia resistir! Assim mesmo o intrepido capitão José Joaquim Victorio não queria cessar o combate; em quanto tivesse munições não se rendia. Por isso mandou tudo que restava da sua valorosa guarnição para a coberta, com ordem de fazer fogo em quanto houvesse com que, sem lhe importar mais nada, ficando elle sosinho ao catavento. Bravo capitão! Audaz piloto, excellente marinhagem! Todos rivalisaram em esforço e valentia, todos mereceram o mais lisongeiro acolhimento dos vencedores quando tintos de seu magnanimo sangue, denegridos pela polvora e sem hum só cartuxo amainaram esse historico symbolo da heroicidade portugueza, que não podia envergonhar-se de

ceder o seu honroso logar nesse momento a outro tão superior em forças!

Os hespanhoes quando entraram o portaló do navio *Espik* não se espantaram dos muitos mortos que juncavam o convés, porque supposeram achar tudo sem vida; causou-lhe espanto o fogo que receberam daquellas caronadas e peças desmontadas, sem falcas, sem vergueiros, sem arganéos e seguras com estropos, que mal as podiam aguentar; donde lhe resultou tamanha avaria, que hum brigue a posera fóra do combate ou mesmo a apresára! Com effeito a bordo do *Espik* não havia hum cabo ou páo inteiro; a bordo da fragata *Paz* observava-se hum destroço como se ella tivesse combatido com embarcação do mesmo lote. Assim devia acontecer, a fragata ficára a sotavento do *Espik* quando se dirigio ao brigue; com os tiros deste e logo após com o fogo do *Espik* se empenhou de maneira, que muitas manobras se lhe inutilisaram, e depois, ainda que tentasse virar ou seguir, para n'huma orçada abordar o *Espik*, decidindo a contenda á força de arma branca, já isso lhe era impossivel, visto que o outro tinha a pouco e pouco ido orçando e chegando quasi á linha do vento. Além de que, ninguem a bordo da *Paz* acreditaria que hum navio de commercio, de má apparencia e abandonado pelos dois da sua conserva, ousasse e podesse resistir ao fogo de huma fragata regularmente armada e servida (com desejos de fazer presas) por huma guarnição velha e experiente: o que se tivera terminado n'hum quarto de hora pela abordagem e hum golpe de gente no convés do *Espik*, sem avaria de nenhum dos dois vasos, conseguio-se depois de tres horas e meia de fogo vivissimo, ficando as embarcações pouco em estado de navegar.

Terminada a acção e recolhidos o capitão e piloto do navio apresado a bordo da fragata (com aquella consideração que a destemida gente do mar costuma ter para com os seus valentes companheiros, amigos ou adversarios) aonde tambem corrêra muito sangue precioso de quinze pessoas, que logo expiraram, e muitos feridos gravemente; seguiram sua derrota para

Monte Video, em cuja praça entraram, não como vencidos, mas cobertos de louros, que a generosa galhardia daquelle povo imaginativo e enthusiasta de nobres feitos lhe offertou; querendo o proprio general honrar o capitão José Joaquim Victorio, a ponto de o receber no seu palacio e tê-lo por hospede, em quanto não fosse trocado, como aconteceo. E recebendo todos os portuguezes tanto mimo e agasalho dos vencedores, que muitos lá ficaram estabelecidos, menos o nosso habil piloto José Correia da Gama, e guerreiro academico, discipulo da academia da marinha, José Joaquim Victorio que, depois de seguir os póstos da marinha militar e ter exercido o cargo de intendente della na provincia do Pará, veio fallecer em Lisboa no de chefe de divisão, já depois da chegada da rainha a senhora D. Maria II.

RECORDAÇÕES

A idade do homem, a longa vida, sempre hé o primeiro elemento de sciencia; que de cousas não sabe hum velho! E com effeito, aquelle que maior somma de factos conhecer, hé indubitavelmente mais instruido do que outro que os ignora: Que quer dizer lição? Reter de memória hum certo numero de factos relativos a tal, e tal objecto. Que significa huma bibliotheca, senão o trabalho de muitos homens descripto de certa maneira, concernente a varios factos? Se qualquer individuo conservasse na cabeça as idéas daquillo que tem visto, e as palavras que ouvio e leo, que portentoso saber não ostentaria?! Logo, a sciencia, não se reduz a outra cousa, e o homem velho, sendo dotado de hum juizo commum, deve saber mais do que o rapaz, tornando-se por isso a sua conversação apreciavel; e a mocidade que raras vezes dá valor ás cousas uteis, não tira partido da companhia e sociedade dos velhos que por tantos titulos deve procurar. Em todas as épocas, a experiencia e conselho da gente de maior idade nos hé proveitosa, e os factos da sua vida ou da vida dos seus conhecidos e amigos que passaram, nos servem de grande lição. Quando o habito de meditar nos não levasse a

discorrer assim, hum facto acontecido comnosco ha tres semanas, nos suscitaria esta idéa.

Temos dois amigos, hum que bebe doze quartilhos d'agua sobre posse [1] acreditando na efficacidade de certas virtudes da agua fria, e por isso seguindo o systema de curativo a que chamam medicina hydropathica: outro [2] que bebe oito por hydro-sofreguidão, não havendo nenhuma que o sacie; mas concordando ambos em que, depois desta immensa quantidade de liquido introduzido no estomago, hé necessario hum forte exercicio para fazer acudir aos rins, a superabundancia de fluido que não pôde ser remettida á peripheria pelos orgãos absorventes e faze-la expellir com tal rapidez pelo conductor diuretico, que sáhia da bexiga sem materia colorante.

Nestes termos são dois observadores de quantas vertentes e fontes ha em Cintra, Linhó, Venda-Secca, Rio de Moiro, e mais contornos de Lisboa, consolando-se quando não podem provar daquellas aguas deliciosas que correm por leitos de granito, com as muito medicinaes dos arrabaldes da capital; e por isso indo repetidas vezes á Pimenteira, e á fonte das cosinhas do palacio d'Ajuda, carregar as tripas com as suas tres canadas della d'huma assentada, que vão deixando pelo caminho nas longas excursões que fazem pela Serra de Monsanto, Alcolena, Casal do Alvito, Bemfica, e Arcos, recolhendo-se alegremente livres daquelle peso, e persuadidos que, com a secreção assim feita, sacudiram quantas molestias principiavam a incommoda-los. Algumas vezes temos dado estas caminhadas com elles, sem fé na sua medicina, sem a mesma seccura de paladar; mas pelo gosto de os ouvir ,que são homens de grande esfera, e não querendo perder huma palavra das que dizem, porque todas correspondem á vastidão dos seus conhecimentos.

Quinta feira 29 de jáneiro, que estava bello dia de manhã, e o nordeste assoprando fresco e frio convidava a passear, fomos com os nossos amigos pela Triste-Feia, e calçada da Ta-

[1] O sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães.

[2] O sr. doutor Filippe Folque.

pada até á fonte das cosinhas, aonde este sem gana para mais, e aquelle sem poder tanto, enguliram huma a huma doze medidas d'agua, a pontos de arrebentarem, pondo-nos logo em marcha hygienica por trancos e barrancos lá para a serra. Quatro juntas de bois aqui, faziam sulcar o arado profundamente, acolá outros gradavam, e mais adiante cinco ou seis camponezes ceifavam cevada e herva do prado matizado de flores, isto em janeiro! Que terra, que céo, que ar balsamico! E que golpe de vista não hé aquelle ao norte da Ajuda! Vendo-se quasi toda a cidade d'hum ponto, cujo plano horisontal passaria a trezentos ou quatrocentos pés acima do zimborio da Estrella (Coração de Jesus), descobrindo-se a vasta e bellissima bahia do Tejo até Alcochete, terminando n'hum horisonte de oito a dez leguas o terreno que desde a Trafaria vai correndo desigual em côres, e caprichosas curvas por Almada, Castello de Cezimbra, Serra de S. Luiz, Palmella, e Montijo!!

Sem querer parámos; aquelle quadro encantador demorou-nos a carreira, e cada hum dos tres, extasiado por aquillo que mais lhe tocava a alma, não se fartava de estender a vista contemplando a primorosa scena, que este pedaço de historico torrão lhe offerecia. Que de recordações, que de cousas se disseram; mas a final como que nos recolhemos em nós mesmos, e fomos caminhando. Em hum dos rodeios que fizemos ao acaso, seguindo o trilho que corre parallelo ao muro da Tapada, naquella parte que diz quasi norte sul, encontrámos hum velho que parecia fazer o mesmo giro por distracção; o vento rondára então para és-sueste, e nós disputavamos sobre o seu verdadeiro rumo, dizendo os meus amigos que era nordeste, e nós insistindo que era de éste para o sueste, comparando o angulo que a incidencia delle nas vélas dos moinhos fazia com o muro.

—Mas como sabes tu, diziam elles, que o muro corre norte sul. Sem agulha, tanto vale a tua opinião como a nossa: este muro corre noroeste, sueste.

—Ainda que assim fosse, replicámos, o vento hé de éste para o sueste, bastando para nos convencer disso, reparar

no panno dos barcos que estamos vendo: olhem os que vão para cima, amurados por estibordo, e os que vem para baixo, com amura a bombordo: ali vai aquelle hiate sahindo que leva as escotas cá pelo norte, sendo claro que o vento lhe dá pela outra banda.

—Encarámos com o velho, que reconhecemos por hum antigo official da armada, quando elle nos diz:

—Corre norte-sul, não carece de agulha, basta olhar para o sol.

—O vertical do astro, varia segundo as horas e a estação, lhe respondemos comprimentando-o, na nossa latitude, tanto ao norte, a sua posição meridiana, era a unica cousa que nos poderia regular.

—Assim hé para quem não conhece as localidades, mas para o homem do mar que em todos os mezes do anno tem visto da tolda de hum navio surto no Tejo a parte do horisonte aonde elle se immerge, escusa de outros dados.

—Esta quartada que para os meus amigos não era demasiado lisongeira por ir de encontro ao que avançavam, pareceo-nos tornar-lhe fastidiosa a impertinencia do desconhecido; mas a sua boa educação, e o ar franco daquelle que para nós não era estranho, arrancou-lhes huma resposta, concluindo ambos que, para determinar o rumo de vento naquella hora, só com agulha de marear.

—Mas eu, continuou o velho, que varias vezes estive fundeado ali defronte da Cordoaria, sei que este muro corre norte-sul, porque o enfiava quando o navio aproava ao norte.

—Isso havia de ser ha muitos annos, responde hum delles gracejando.

—Não ha poucos; tantos, quantos deveria ter se existisse huma náo que se deitou ao mar com o mesmo nome daquella que acolá está.

—Qual dellas, a *João VI?*

—*D. João VI* acabou, a *Vasco da Gama.*

—Isso foi navio do seculo passado.

—Com tudo, não ha cincoenta annos; ali vai aquelle hiate,

o *Bom Despacho* em que agora se fallou, que já navegava nesse tempo, e foi a Cabo Verde em 11 de abril de 1797: hé huma embarcação de pinho, e a náo foi construida toda de madeira do Brazil: lá está em Angola a charrua *Princeza Real* que, apesar de cansada, ouvi dizer que irá este anno á India, e não hé mais nova; a *Vasco*, desfez-se no Rio, em 1822, e a charrua está capaz de durar eternidades.

—Não he grande vantagem, acrescentámos nós, porque o navio almirante dos francezes, hé a *Muiron*, fragata de origem veneziana em que Bonaparte regressou do Egypto, tendo hoje mais de cem annos; e o navio *Victoria* que Nelson commandava em Trafalgar, ainda ha nelle guarnição.

—Esses vasos significam huma época memoravel, para cada hum dos dois paizes, tendo havido todo o empenho em os conservar como monumentos historicos, acode hum dos nossos amigos.

—E nós, responde o velho militar, não teriamos hum navio que fizesse recordar alguma cousa? O pequeno cahique, em que cinco pescadores de Olhão, se atreveram a ir ao Rio de Janeiro participar ao principe a restauração de Portugal, não mereceria conservar-se por ser o primeiro barco deste lote que atravessou o Atlantico? E a fragata *Carlota* não valeria a pena de lhe fazerem alguns reparos?

—Pois que fez a *Carlota?*

—Entrou na primeira batalha de Trafalgar!

—Fez parte da esquadra de Nelson? Acodem aquelles com agrado, mas de hum modo indeciso.

—Não, senhor, esta de que fallo, teve logar em 13 de julho de 1801, e essa em 21 de outubro de 1805.

—Ah! Sim, foi ganha por Saumarez contra o almirante *Moreno* em que duas náos hespanholas, *Real Carlos*, creio eu e outra voaram?

—Sim, senhor.

—E *Santo Hermenegildo*, cada huma de 112 peças, julgando-se inimigas, se bateram e voaram.

—Não ha duvida; e como v. ex.ª (os nossos amigos tem

ex.ª e são muito conhecidos pela sua grande capacidade, maneiras urbanas e facil accesso; o segundo hé notavel na sua arma, doutor de «D» grande, franco e communicativo); e como v. ex.ª está tão bem informado, deve saber a gloriosa parte que a nossa fragata teve neste successo.

—Talvez não a ignorasse se os escriptores coevos fizessem della menção, ou se eu pertencesse á sua arma com a qual sempre sympathisei, mas não constando dos livros, nem sendo eu official de marinha, pouca rasão ha para o saber; visto porém que hoje posso ter esse gosto, desejára ouvi-lo para conservar de memoria hum feito illustre que geralmente hé desconhecido.

—Eu satisfarei a sua curiosidade, permittindo-me a honra de os acompanhar por algum tempo, que não será muito; eu moro na Junqueira, dou este passeio para não entrevesser de todo, e volto por Santo Amaro, subindo de vez em quando áquelles moinhos do Alvito para disfructar a bella, mas triste perspectiva do Tejo.

—Entretendo-se com recordações saudosas?

—E bem saudosas! No meu tempo, desde além onde está a *Cabrea* até aqui á Cordoaria, tudo eram náos e fragatas, e esse rio estava povoado de embarcações mercantes, entrando e sahindo combois de cento e vinte, e cento e trinta navios, como aquelle de 20 de janeiro de 1797 comboiado pelas náos *Conde Henrique, Maria I, Vasco da Gama, Princeza da Beira, Rainha de Portugal, Infante D. Pedro,* e fragatas *Golfinho, S. João Principe, Cisne, Venus,* e bergantins *Voador, Gaivota,* e *Europa*: como o outro de 9 de setembro de 1798 composto de cento e vinte e dois navios, comboiado pela *Vasco,* e *Princeza da Beira,* fragatas *Activa, Ulysses,* e *Carlota;* e finalmente como o outro de 21 de outubro de 1799, composto de cento e trinta, comboiado pela *Meduza,* e fragatas *Amazona,* e *Thetis!* As nossas esquadras appareciâm em toda a parte, fallava-se mesmo na esquadra do Sul, na esquadra do Canal, na do Mediterraneo: a India tambem tinha sua esquadra de boas fragatas; agora vinha huma presa, a fragata *Buo-*

naventure conduzida pelo *Balão,* tomada pela *Meduza;* logo a *Victoria* apresada pela fragata *Fenix,* o corsario *Leão* apresado pelo cahique de guerra *Andorinha,* o *Passaro* e a *Santa Catharina,* pela fragata *Andorinha,* o *Epervier* apresado pela fragata *Minerva!* Aquelle esteve na guerra do Sul, ou no bloqueio de Malta, outros no de Napoles, e bombardeamento de Tripoli; este bateo-se na *Andorinha,* aquelle na *Tritão,* ou na *Carlota!* Hoje está o rio deserto, a *Rainha* feita *Cabrea,* não temos huma só fragata capaz de sahir, e de náos apenas lá se vê a segunda *Vasco!*.. Mas v. ex.ª, o seu amigo, e o meu camarada interromperam a sua digressão por causa da minha importuna loquacidade, e não hé justo que se demorem por mais tempo; seguindo o mesmo caminho, poderei contar-lhe o caso da fragata.

—Ainda que nos estorvasse, nem o meu amigo, nem o seu camarada, que hé hum enthusiasta por essas cousas de marinha poderiam queixar-se da demora; quanto a mim, affirmo-lhe que sempre ouço com gosto hum veterano do nosso exercito, ou da armada referir os rasgos heroicos que presenciou, ou de que teve noticia; pena hé não estarem escriptos aquelles que mais nos honram!

Démos em andar, e o reformado, ou veterano da marinha começou nestes termos:

—Estavamos em Gibraltar aguardando a chegada de outros navios aos quaes a *Carlota* devia incorporar-se, quando os francezes se bateram com os inglezes nas aguas de Algeciras a 6 de julho de 1801, em cuja acção estes ultimos ficaram bastante destroçados, perdendo ali o navio *Hannibal* (nós chamâmos ás náos, navios) e ficando desmastreado o *Pompeo;* em consequencia do que, entraram no molhe para se repararem, não podendo aquelles recolher-se logo a Cadiz, porque duas das suas embarcações ficaram incapazes de navegar, occupando-se tambem no desencalhe do *Hannibal* do baixo onde se rendêra. A 9 foi esta esquadra de cinco náos e huma fragata, reforçada com hum navio de 74, duas fragatas e hum lugre da mesma nação ás ordens do contra-al-

mirante Dumanoir, e general Dumoulin; e de outra hespanhola commandada por D. João Joaquim Moreno de igual numero de náos, e huma fragata, fazendo ao todo onze náos, quatro fragatas, o lugre, e muitas lanchas canhoneiras. Nós estavamos desesperados de não termos tomado parte na acção, da qual os inglezes se ufanavam, e por isso havendo entre os nossos e os seus officiaes, disputas e chascos, de que resultou dirigirmo-nos ao commandante pedindo-lhe que, fosse como fosse, buscasse meios de mostrarmos aos inglezes que lhes não tinhamos inveja. Nesta diligencia andavamos, quando pela tarde do dia 12, tendo o inimigo reparado alguma das suas avarias, velejou para Cadiz, levando a sua presa (o *Hannibal*) a reboque. Saumarez não estando de todo refeito, nem tendo podido mastrear o *Pompeo,* nem mesmo reparar o *Cesar,* hesitava em seguir Moreno; mas pospondo tudo ao desar da perda de hum navio que os inimigos lhe levavam á vista de Gibraltar, fez signal de suspender, começando a faina no seu navio, o *Cesar,* seguindo-se-lhe o *Soberbo,* o *Veneravel, Spenser, Tamisa, Calpe,* e *Audaz.* Nós vendo isto, corremos de novo ao commandante instando de tal modo com elle, que o resolvemos a ir a bordo do almirante pedir-lhe licença de entrar em fogo debaixo das suas ordens. A esquadra de Saumarez, era inferior á força inimiga, a nossa fragata não podia entrar na linha, mas lá havia quatro fragatas; portanto o offerecimento era tão cavalheiresco e bizarro, que não podia ser recusado, e foi aceito com muita satisfação. Já o inimigo tinha dobrado a Ponta da Cabareta quando largámos o ancoradoiro, ás seis da tarde, adiantando-se logo o *Cesar,* nós, e o *Soberbo* que recebeo ordem de o seguir. A esquadra inimiga não seguia muito, já porque dois dos navios estavam desmastreados navegando apenas com guindolas, já porque outro poucas manobras tinha inteiras, e já finalmente porque a presa rebocada lhe retardava a marcha, de maneira que, ás onze estavamos a alcance, rompendo o *Soberbo,* o fogo contra hum dos navios da rectaguarda por estibordo, entre elle e a terra. Nós que lhe navegavamos na poppa, seguimos ávante, e começá-

mos a bate-lo por bombordo. O *Cesar* arribou a passar por entre o almirante e outro de tres cobertas, dá-lhe duas bandas, e segue a pôr-se pelo través de hum terceiro com o qual se bate. Pela escuridão da noite, e o fumo que envolvia as esquadras, os dois navios hespanhoes julgam-se inimigos, fazem hum fogo medonho, incendeia-se o de barlavento, o vento fortissimo leva as chammas ao de sotavento, e apresentam o espectaculo mais horroroso que podia ver-se por espaço de vinte minutos até que voaram. O *Soberbo* custava-lhe a aguentar-se contra o seu adversario, que de certo lhe levaria vantagem, se não fosse a nossa fragata que, cahindo hum pouco a ré, o bateo pela alheta forçando-o a arriar bandeira, terminando a acção ás quatro horas da madrugada, porque os inimigos que entraram em fogo se calaram e os outros se perderam de vista cobertos com o escuro da noite. Ao amanhecer de 13, estavam em poder dos inglezes o *Argonauta,* de 80, *Santo Agostinho,* de 74, ambos hespanhoes, e o *Santo Antonio* de 74 (tomado pelo *Soberbo,* e a nossa fragata) e o lugre *Vautour* de 14, ambos francezes. A esquadra que sahíra de Cadiz em 9, compunha-se do *Real Carlos* (almirante) e *Santo Hermenigildo* de 112 peças e mil duzentos homens cada huma, *Fernando* de 94, *Argonauta* de 84, *Agostinho* de 74, fragata *Sabina* de 44, hespanhoes; da *Santo Antonio* de 74, fragatas *Libra,* e *Indiana* de 44, e do *Vautour* de 14, francezas, que com as cinco embarcações desta nação, e a presa, o *Hannibal,* faziam dezeseis vasos; a ingleza compunha-se de sete náos e a nossa fragata *Carlota.* O almirante chamou os commandantes a bordo, fez muitos elogios aos portuguezes, agradecendo ao nosso commandante o bom serviço que lhe prestára, seguio com os navios em bom estado para a bahia de Rosier, e nós regressámos com os outros para Gibraltar, aonde fomos recebidos com toda a casta de obsequios, lendo-se na participação feita pelo almirante que começava: *Foi do agrado do Omnipotente coroar os esforços desta esquadra com a mais decisiva victoria sobre os inimigos do seu paiz* estas palavras a nosso respeito — *e a*

fragata portugueza Carlota, cujo commandante mui briosamente sahio com a esquadra, e prestou o maior soccorro ao capitão Keats, ficando por fim ao pé do navio tomado pelo Soberbo. Donde se vê que, occultando em parte aquillo que fizemos, não pôde escurecer de todo o nosso arrojo, sendo forçado a mencionar-nos.

—Muito bem, diz o nosso amigo, essa circumstancia da acção hé pouco sabida, e ha nella particularidades que não devem esquecer-se, folgando infinito de encontrar hum homem que concorreo para ganharmos o quinhão de gloria que dahi nos resultou; quanto mais que eu supponho não haver no seu relatorio nenhuma exageração.

—E quando v. ex.ª assim o pensasse podia recorrer ao documento official, publicado no *Supplemento á Gazeta de Lisboa,* n.º 34, de sexta feira 28 de agosto de 1801, em que se transcreve a participação de Saumarez.

—Creio firmemente que ella hade ser omissa nas cousas que mais nos convinham saber, por isso basta fazer-se menção do facto principal, isto hé, da sahida da fragata e da sua presença na esquadra, para toda a gente que conhece o caracter portuguez não duvidar do resto.

—Hé verdade, pois sendo notoria a nossa cooperação no bloqueio de Malta, de Napoles e no ataque de Capua, nunca fallaram a nosso respeito.

—Pelo menos hé essa a voz geral de que sempre os ouvi accusar [1], mas sendo esse escandalo imperdoavel, que censura não merecemos nós, os interessados, por deixar de fazer a publicação dos detalhes dessa campanha? Eu sei que a nossa esquadra fez grandes serviços, de que ha hum testemunho publico na carta regia que o principe regente dirigio ao marquez de Niza, em 6 de junho de 1800, especialisando o bloqueio de Malta, e *as pazes com as regencias de Tripoli e Tunes,* tudo isso consta e se refere a cada passo; mas não ha a descripção dos successos para a historia contemporanea, e quando alguem por zêlo da arma fallar ou escrever sobre o

[1] Nota no fim do folhetim.

assumpto, hãode tê-lo por visionario, exagerado e incorrecto, provando quanto disserem em seu desabono com os escriptos dos vencidos e mesmo dos alliados, em que nós não figurâmos.

—Desgraçadamente assim hade acontecer, pois hoje se põem em duvida os escriptos e as crenças das gerações de seis e sete seculos, mas, eu que nunca sube arranjar huma oração nem pegar na penna para transmittir á posteridade as cousas que vi, não deixarei de as relatar sempre que possa, a fim de que ao menos ellas se saibam tradicionalmente e fiquem gravadas na memoria do povo.

—Outro tanto nos acontece, embora nos tenham por impertinente, acrescentámos nós, á força de fallar na marinha e nos homens do mar, alguem se lembrará de lhe dar logar nos assumptos do dia; mas visto que os nossos amigos não sabem os detalhes da campanha do Mediterraneo e v. s.ª póde contar-lhos, posto não ser tanto o empenho dessas noticias como a gana de alguma dóse de medicina hydropathica, sempre gostarão de os saber.

—Querendo s. ex.ª, póde ouvi-los agora mesmo, que ha tempo até chegarmos áquellas barreiras do forno da cal.

—Por certo que quero, pois sou menos herege e incredulo ácerca de cousas da marinha, do que o seu camarada hé na minha medicina.

—E mouro até, apesar das rasões com que buscas catequisar-me; que proveito tiraste de tomar veneno?

—Pois s. ex.ª tomou veneno?!

—Bagatella, ahi huns grãosinhos de rosalgar; usa-se agora na diplomacia, e nenhum homem de estado ou representante de nação deixa de ter sua botica homœopathica ou seu livro de hydropathia.

—Esses systemas parecem diametralmente oppostos, se hé que hum velho marinheiro póde comprehender estas palavras arrevezadas.

—Seja o que fôr, huma começa por «ho» outra por «hy», logo significam cousas differentes, e nós gente breada, que vivemos longe dessa atmosfera de gosos e precisões exoticas,

escusâmos saber a linguagem que lhes corresponde: o certo foi que hum diplomatico forneceo a s. ex.ª varias pilulas de rosalgar, que foi engulindo; e o crente na preponderancia do sangue em que a droga devia influir, apostatou, convertendo-se n'hum adorador da agua *fresca,* que faz differença de fria.

—Não entendes nada disto, meu pobre Joaquim, e explicas-te de modo, que nem o teu camarada, nem pessoa alguma sabe o que dizes.

—Não admira, pergunta aqui ao doutor, se não obstante todo o latim e grego da sua universidade, deixa de andar ás vezes a tombos para responder aos collegas polytechnicos, na outra atmosfera dos *hydro-chloros, hydro-genios, hydrostaticos* e mais *hydros* com que por habito de endoudecer os rapazes o fazem endoudecer a elle, que tambem lhe falla grego com os seus *dx, dy, integraes, coefecientes, infinitesimaes, interpollações, parabolas, etc.*

—Cada vez estás mais miseravel, roubando-nos com a tua algaravia o gosto de ouvirmos os detalhes da campanha do Mediterraneo.

—Primava ella se fôras menos erudito e...

—Mas, acode o doutor, tu que parecias mais empenhado em saber os factos, conduzisses o interlocutor a entrar na materia.

—Pois bem, por deferencia ao assumpto deixo de responder-te, e peço ao meu camarada que não demore a sua narração.

—Em 5 de maio de 1798 sahi na náo *Rainha,* em companhia das náos *Principe Real, S. Sebastião, Affonso de Albuquerque,* curveta *Beijamim* e brigue *Falcão,* para os Açores, aonde nos demorámos até 15 de julho; dali fomos a Lagos receber mantimentos, partindo para o Mediterraneo, em direitura a Napoles, em cujo porto surgimos a 16 do mesmo mez. Quinze dias depois de chegarmos correo noticia de ter sahido a esquadra franceza de Toulon para o Egypto, e que a ingleza a esperava no Archipelago; pelo que, fomos procura-la, correndo todas as ilhas até Rhodes, aonde hum navio ragusano nos disse achar-se a esquadra franceza em

Malta. Á vista de Candea o bergantim inglez *Muten*, nos communicou os successos de Abouquir, sendo elle portador desta noticia para Inglaterra, acrescentando que Nelson ficava com todas as forças em frente de Alexandria, para onde navegámos. A éste do porto encontrámos Sidney Smith, com quatro náos e varias fragatas, que ficára em logar de Nelson, o qual se retirára com o grosso da esquadra e navios tomados aos francezes; dentro do porto estavam os transportes da expedição e algumas náos venezianas da sua conserva. Tres dias depois de ali cruzarmos chegou a náo *Vulcano* com despachos, e nós partimos para Napoles. No estreito de Messina hum cutter de guerra inglez nos advertio de que a divisão franceza de Malta, em força de duas náos, duas grandes fragatas e huma curveta partíra para a Sicilia; navegámos logo em sua procura, encontrando-a com effeito ao amanhecer do segundo dia, demorando-nos o Cabo Passaro ao nordeste, e os inimigos ao su-sudoeste, 3 a 4 milhas de distancia, quasi em calma.

Nesta posição as náos *Principe Real, Affonso* e *S. Sebastião* se fizeram rebocar, e a *Rainha*, como mais veleira, foi seguindo, com a pequena aragem que começou a sentir-se do noroeste, até que pelas duas horas da tarde se achou entre os navios caçados, tendo por estibordo e a sotavento a náo *S. Zacarias*, e huma fragata, e por barlavento da sua prôa a outra náo e dois navios, mas fóra de alcance. Todos porém se tinham feito rebocar, não só pelas suas embarcações miudas, se não por outras mandadas de Malta em seu soccorro; de maneira que se conservaram sempre distantes, e poderam antes de anoitecer abrigar-se ás baterias da praça, conseguindo recolher-se ao porto de Valletta antes do romper do dia. Estabelecemos então, 30 de agosto, o bloqueio, postando-se as náos *Principe Real, Affonso* e curveta *Beijamim*, com hum brulote inglez que nos acompanhára de Alexandria, em frente de Valletta; a éste, defronte do porto de Shirooco, a *S. Sebastião*, e a oeste, defronte do porto de S. Paulo, a *Rainha*, aggregando-se á náo *Principe Real*, a náo *Alexandra*,

e fragata *Successo*, que tres dias depois nos foram mandadas por Sidney Smith. Este bloqueio foi feito com todo o rigor, chegando os navios a esgotar os bordos quasi a alcance das baterias, e de noite a cinco braças de fundo; havendo desde as oito até romper o dia escaleres de ronda á babuge da praia. O povo insurreccionou-se, pelo que os francezes se reduziram a occupar as fortificações, e nós desembarcámos gente em auxilio daquelle, debaixo do commando do capitão Antonio Gonçalves, distincto artilheiro, que levantou baterias e as aproximou até á orelha da contra escarpa. No porto de S. Paulo estava a fragata *Justiça* carregada com quanta riqueza se roubára na ilha, que os inimigos procuravam mandar para o continente, esperando poder escapar-se de noite ou debaixo de alguma neblina; mas os nossos escaleres postados em observação, nunca lho permittiram.

Alem da fome e sêde que ali soffremos, tivemos de aguentar temporaes, cahindo-nos hum raio no mastro grande da náo *Rainha*, que foi preciso picado pela enora, supportando outras avarias, até que a esquadra foi rendida pela de Nelson em fins de novembro. Regressámos a Napoles, mettemos a *Rainha* no molhe, fabricámos e recebemos mantimentos por hum preço exorbitante. O governo tinha lançado mão de todos os objectos preciosos, recolhendo a moeda circulante e emittindo assignados que ninguem queria receber, e a nossa esquadra foi fornecida por credito de hum banqueiro (Leonardo Cotollini) que, fiando-se na palavra do marquez de Niza, concorreo para isso adiantando algumas sommas. Neste tempo o exercito de Massena invadio a Italia, oppondo-lhe el-rei de Napoles outro de sessenta mil homens, com o qual, ás ordens do general Mank, foi occupar Roma, pondo sitio ao castello de Santo Angelo, aonde os francezes se fortificaram. Huma divisão de dez mil soldados foi conduzida na esquadra e desembarcada nas visinhanças de Ostia, mas não obstante este immenso poder, el-rei regressou a Napoles, e parte do exercito para a Calabria. O thesouro real e tudo que havia de precioso foi sendo embarcado nos navios inglezes; o palacio

communica-se com o arsenal da marinha, no silencio da noite todos os escaleres da esquadra eram empregados no transporte de caixotes de prata e ricas alfaias; eu fui humas poucas de vezes, com a maior cautela, para não chegar ao conhecimento do povo, receber estas preciosidades e conduzi-las a bordo da náo de Nelson. Isto feito embarcou el-rei, apoderando-se então os inglezes do magnifico arsenal, e recolhendo a seu bordo quantos sobrecellentes encontraram, não deixando o necessario para a esquadra napolitana. Desta, apenas a náo *Samnite,* de 74, commandada por Caracioli, e *Archimedes,* do mesmo lote, poderam acompanhar o soberano, que partio a 2 de janeiro de 1799 para Palermo, na náo de Nelson, seguido da esquadra ingleza e da nossa náo *Principe Real.* Os outros navios portuguezes ficaram incumbidos de salvar os vasos napolitanos, ou destrui-los quando isso lhes fosse impossivel. Cumprindo esta ordem odiosa, porque os inglezes deixaram o arsenal exhausto, queimámos os bellos navios *Quiscardo,* de 80, *Tancredi* e *Parthenope,* de 74; mettemos a pique *S. Joaquim,* de 64, bem como duas fragatas, incendiando muitas barcas canhoneiras, custando-nos infinito a salvar a fragata *Sybilla,* curveta *Pallas* e quatro fragatas, cujos nomes me não lembram. Parte do povo revoltando-se deste procedimento (na verdade horrivel, pois era lastima ver toda aquella marinha entregue ás chammas) debateo-se com o partido realista, que nos apoiava, correo o sangue pelas ruas, grande numero de familias refugiou-se á esquadra, e os dissidentes procuraram desforrar-se incendiando-a tambem. Para obstar ás suas tentativas foi mister grandes esforços, o inverno era dos mais rigorosos que houve na Italia; camadas de gêlo cobriam as vergas, e o panno não se podia largar, as nossas amarras estavam incapazes e algumas arrebentavam, correndo os navios risco de vararem na praia. A 10 de janeiro, quando o general Championet, com quatro mil homens, estava ás portas de Napoles, tendo nós já perdido todos os ferros, nos fizemos de véla, *Affonso* e *Rainha* para Palermo, e a *S. Sebastião* para o Golfo de Leão. Dias

depois de ali chegarmos recolheo-se esta a Messina, e a *Principe Real* foi com a esquadra de Nelson continuar o bloqueio de Malta; *S. Sebastião* reparou as suas avarías, voltando para o Golfo, e a náo *Affonso* foi para Tripoli, aonde bateo a cidade, tomou duas fragatas e constrangeo o bei daquella regencia a fazer a paz com Portugal. Quanto á náo *Rainha* foi mandada á Calabria buscar duas princezas, irmãs de Luiz XVI, e sua comitiva. Démos á véla nos fins de fevereiro, encontrando no Adriatico hum brigue que nos disse terem ellas sido transportadas em huma fragata russa para Corfu, e por isso nos dirigimos áquelle porto, aonde as encontrámos no 1.º de abril. No ancoradouro estavam surtas oito náos, oito fragatas e cinco curvetas e brigues russos, bem como quatro náos, seis fragatas e tres curvetas turcas, e muitos transportes que haviam conduzido as tropas que se apoderaram das ilhas Jonias, faltando apenas a tomar-se a cidadella desta ilha de Corfu, occupada ainda pelos francezes. Até meados de maio esperámos que huma das princezas se restabelecesse, partindo então com ellas e varios cardeaes para Trieste, que iam assistir ao concilio para a eleição do novo papa. Em honra das princezas fomos acompanhados por duas náos, huma fragata e huma curveta russas, e outra náo e huma curveta turcas, nas quaes tambem iam outros personagens. No mez de junho fomos incorporar-nos á esquadra do Comodoro Trowbridge, embarcado na *Culloden*, que bloqueava Napoles. Huma divisão de russos, calabrezes, albanezes e turcos, entrou neste meio tempo pelo territorio napolitano, recolhendo-se os francezes á cidade, fortificando-se no castello de S. Telmo, e nas cidadellas de Capua e de Gaetta. Então desembarcaram os destacamentos da esquadra, sendo o nosso contingente, de cem soldados ás ordens do capitão Moreira (que infelizmente padeceo morte affrontosa no Caes do Sodré), e começámos o sitio do castello, botando-lhe aquelle o páo da bandeira abaixo com huma bala, cuja guarnição se entregou no fim de oito dias. Isto feito seguimos para Capua, não nos podendo acompanhar o dito Moreira, em consequencia de fi-

car gravemente ferido de hum estilhaço de bomba. Durou este sitio e o de Gaetta até meados de outubro de 1799, em que os inimigos se renderam, voltando então a náo *Rainha* a Palermo. Nesse meio tempo a *S. Sebastião* que cruzava no Golfo, a *Principe Real* que bloqueava Malta, e a *Affonso* que regressára de Tripoli, tiveram ordem de reunir-se a outras tres que commandava Nelson, para se baterem com a esquadra franceza de Lorient, a qual não foi constrangida a entrar em fogo por se recolher a Toulon. Nelson voltou com estas forças para Malta, aonde então se lhe foi reunir a *Rainha*, permanecendo ali até dezembro, em cujo mez despedio a nossa esquadra para Palermo, declarando ao marquez de Niza que lhe bastavam as forças inglezas. Em janeiro de 1800 recebemos mantimentos e dinheiro enviados n'hum comboi protegido pela náo *Vasco* e curveta *Boa Ventura*, que os levaram a Trieste; navegando estas náos, ora em esquadra, ora escoteiras de huns para outros portos da Italia e ilhas do Adriatico, até que finalmente se recolheram a Lisboa em abril desse anno, depois de vinte e sete mezes de huma campanha aturada e activissima.

—Esta relação escripta e coordenada apropriadamente, era hum bello episodio para a nossa historia, na qual sem apontamentos de igual natureza não figurará a arma da marinha.

—Se alguem quizesse dar-se ao trabalho que v. ex.ª indica, eu lhos forneceria bem amplos; e note que deixo de particularisar muitos successos menos graves na verdade, mas de interesse, para lhe dar huma idéa simples da campanha, havendo muitas occasiões em que os portuguezes se avantajavam aos inglezes em manobras rapidas e difficeis, navegando melhor em linha e aguentando-se briosamente no seu logar, quando aquelles arribavam por força do tempo, e buscando sempre os pontos mais perigosos, como no assedio de S. Telmo e de Capua, em que marchámos na frente, etc.

—Sim, senhor, bem percebo que omittio alguma cousa, pois no decurso de tantos mezes e passando tres invernos sobre a véla, necessariamente haviam de soffrer golpes, e passar por transes dignos de contar-se.

—Hum principalmente, em que a *Rainha*, perto de Georgento, perdeo todo o panno, esteve de cobertas a prumo e a bateria n'agua, sem governo, e quasi sossobrada; mas entendi que nem o incidente era digno de historiar-se, nem v. ex.ª tinha interesse em o saber.

—Todavia, diz o doutor, não deixa de valer a pena hum facto em que setecentas ou oitocentas pessoas estiveram a pontos de afundar-se.

—Mas eu, responde o velho, não quiz cançar os meus ouvintes com hum assumpto que geralmente enfastia. Tenho visto entreter noites inteiras huma sociedade com os pormenores do cerco de Tolosa, da batalha de Albuera, dos Arapiles, de Bayona, do cerco de Badajoz, da retirada de Burgos, de Almendralejo, passagem do Bidassoa, da Ponte de Amarante, da Morcella, ataques da Cruz dos Moroiços, retirada de Galliza, *Belfast*, etc., etc.; que tenho tudo isto na cabeça, e lhe responderei a qualquer pergunta de cór e salteado; não só porque gosto destas façanhas portuguezas, e tomo parte nellas, como porque não vejo que se cancem de ouvir repetil-as; mas quando quero fallar em marinha, interrompem-me, concluindo eu que isso lhe aborrece, ou que não sei contar os factos.

—Não hé o unico queixoso, meu camarada, acudimos nós, desse mal nos temos carpido mesmo a estes amigos que, no meio das nossas anecdotas navaes, fazem huma exclamação de embriaguez artistica, considerando as bellas proporções da magnifica fachada do palacio da Ajuda, ou analysando as pinturas que lhe adornam as salas em que Fusquini, Flangini, Capacini e mais INIS se esmeraram.

—E então?! Pois quem te hade ouvir, se tu misturas alhos com bogalhos? Que tem Fusquini, com Flangini, ou Capacini?

—Essa differença podes tu avaliar que conheces, ou conheceste as pessoas, e as suas obras e prestimo; confundi o monsenhor com o pintor, tudo acaba em ôr: *ou porco ou melro era hum vulto negro.*

—Valha-te Deos, se toda a gente do mar fosse tão aéria, digo-te que tinha a cabeça mais leve do que hum frade de

sabugo; ainda bem que o teu camarada me não deixa formar esse conceito.

—Pois não hé assim? Vossês interrompem sempre que não entram na scena, embora eu desvaire a cada passo, creio mesmo que digo parvoices n'outros assumptos; mas agora fallava em marinha quando me interromperam! Pôde o doutor contar-nos o que passou na subida do Caramullo, no transito das pessimas estradas do Minho, e n'outras peores vias de communicação; pôde referir-nos muitas circumstancias dos seus trabalhos geodesicos sem eu lhe cortar a palavra!?

—E podias tu interromper-me, respondeo este, n'hum assumpto do qual conheces a gravidade, tu que leste a obra de Delambre sobre o systema decimal?

—Não, doutorsinho, mesmo abstrahindo do interesse da materia, gosto do modo por que pintas a sinuosidade do terreno, as figuras que fazem os montes vistos de hum e outro logar, que parecem differentes e se perde por isso o ponto escolhido; as difficuldades que encontraste em descobrir o vertice do angulo da base do Montijo, e o esmero que houve na sua medição; tudo isto me agrada, e então longe de interromper-te, desafio-te para continuares; isso a que te referes tem relação a objectos palpaveis, que tocam os orgãos de toda a gente que lhe dá mais ou menos valor! Não hé porém assim quando trato da marinha; quasi tudo que lhe diz respeito hé desconhecido! Quem avalia a posição de hum navio no meio do mar, aquella solidão immensa, aquelle nunca acabar de estender a vista sem descobrir hum objecto que toque os sentidos? Como póde fazer idéa da existencia do navegante, quem sempre habitou em povoado? quem de noite hé acordado pelo latir dos cães ou cantar dos gallos, e ao amanhecer pelo pregão dos vendedores, rolar das carroças, bater das portas dos visinhos, e differentes sons procedidos do exercicio dos artistas em seus trabalhos, e bulicio da multidão que indica sociedade, actual, presente, activa?! Acolá não hé o mesmo, a vida foi ou hade ser, preterita ou futura, falla-se e pensa-se no feito e por fazer n'outra parte; este diz que, em chegando a

terra fará e acontecerá, outro quando esteve em terra, fez e aconteceo: tudo hé na terra e para a terra, no mar hé só presente, real e verdadeiro o abandono, a separação do mundo, e o perigo constante da morte que por habito de encarar-se não lembra. Quem ha na terra que assista a hum combate naval? Quem póde dar valor a huma manobra arriscada do navio em perigo? Quem se extasiou n'huma bella noite de luar, contemplando a immensa redondeza do céo n'hum horisonte sem limites, em que a imaginação transcendendo quanto ha de positivo e humano, parece elevar-se a huma situação indefinivel, mas que a alma nessas occasiões expansivas comprehende!? Ninguem senão aquelle que por lá andou, e que, da meia noite ás quatro, no hemispherio do sul mais illuminado de estrellas de primeira grandeza, só, na tolda encostado á trincheira, favorecido por boa brisa que lhe poupa alar os braços e despertar a marinhagem que dorme ao pé das peças, póde entregar-se a esta meditação. Por isso dou desculpa a quem me não attende; esses factos terrestres estão ao alcance de todos e são ouvidos com interesse, os do navegante não, a sua vida ideologica, de saudade, de poesia como que se escapa, por entre os outros effeitos da materia em movimento. Daqui resulta que a maioria dos marinheiros faz versos, e as melhores obras que possuimos foram compostas no mar; vejam o catalogo dos nossos versificadores, começando por Camões, que todos embarcaram. Belchior foi voluntario, Quintella, Bressane, Garção, officiaes; Bocage, guarda marinha, e D. Gastão, cujo estro fez época entre toda essa brilhante roda de lyricos modernos, ahi está com farda de botão de ancora.

—Ora, meu querido Joaquim, a tua alma hé boa, mas tens huma cabeça desgraçada; como de hum golpe saltaste dos navios na poesia? São transições intoleraveis, discorre com methodo, nexo e ordem se pretendes ser ouvido com gosto.

—Que queres? Não está mais na minha mão, sou extravagante; idéas associadas occorrem-me humas após das outras, e por versos, me lembra agora hum soneto que repétiste ao

Serra, e ao Pato Moniz quando elles te leram os seus para os corregires.

—Para corregir não; mas que soneto hé esse?

—Decorei-o de tal maneira que nessa noite em que não foste a casa dos Povolides lá o repeti, e o doutor Manoel Joaquim[1] duas vezes o quiz ouvir, achando-o optimo; e o doutor era poeta.

—Tinha esphera, e sabia muito; e Christovão[2] e o Figueiras[3] abaixavam-lha a cabeça, e o Caetano[4] punha-o a par do abbade Corrêa: ainda vive?

—Ainda.

—Tomára vê-lo.

—Se quizeres procurarei que se encontre comtigo em minha casa.

—Sim.

—Mas, interrompe o outro amigo, já que sabes o soneto, quero ouvi-lo tambem.

—Lá vai.

Se famoso esculptor eu completasse
A imagem do meu bem, dos meus amores,
E ornando o busto de subtis lavores
O original divino remedasse:

E depois, se pintando a linda face,
Da flor de Venus co'as rubras cores,
Suas feições, seus olhos tentadores
Divinaes como são representasse:

Já me podéra gloriar da empreza,
Pois conseguia o imitar aquella
Que não póde imitar-se em gentileza;

[1] O sr. Manoel Joaquim Marcos do Amaral, que foi oppositor em sciencias naturaes.

[2] Geral dos dominicos.

[3] Geral dos franciscanos.

[4] Mestre do marquez das Minas, amigos communs de todos e da nossa familia.

Mas esta ainda não fôra a copia della,
Preciso era mostrar sua dureza
De marmore fazendo a estatua bella.

—Hé lindo, ainda bem que o Joaquim deo a quéda que v. ex.ª lhe estranhou; não sabia que tanto merecesse ás musas?

—Gostei de lhe queimar incenso, mas o Joaquim vem com estas recordações tristissimas, que se me apresentam como hum fantasma; aquillo aconteceo ha bons trinta annos, era elle hum rapazola e está de cabellos brancos, que farei eu? Hé o mesmo que mostrar a caveira ao penitente: *memento!*

—Julgam-se velhos, diz o veterano; em 1814 teria v. ex.ª de vinte e oito a trinta, eu em 1798 tinha vinte e tres, quer dizer, então contava quarenta, e mais doze, e ainda agora passeio bastante, e tenho agilidade; assim me sobrasse que fazer pelo meu officio, que outro vigor sentíra.

—E mais nos podéra contar.

—Não me falta que.

—Então sempre tenho rasão de lamentar-me dos saltos e quédas do seu camarada, que em troca de huma narração deleitosa, nos entreteve com recordações lugubres.

—Recordações tambem as minhas são, e algumas igualmente tristes; fallo da marinha, que de outra cousa nunca curei: circumscripto a vigiar hum quarto, e á sociedade dos officiaes da arma, ignoro o que vai por esse mundo; mas do que tinha relação com ella, não me escapou nada.

—Tristes, acrescentámos nós, só ha esse desgraçado acontecimento da fragata *Cisne,* commandada pelo francez Déson, que aliás morreo como soldado; e a fuga do *Espadarte,* commandado pelo inglez Woolf, que foi expulso por fraco.

—Temos mais a perda da fragata *Minerva,* e da náo *Conceição,* e os naufragios da *S. João Principe, Princeza,* e náo *Maria I.* Além disto acha que hé pouco de sentir, ver os nossos navios entregues a estrangeiros? Pegue no almanack desse

tempo e encontrará marquez de Puissegur, conde de Blosse-Ville, Plante Rose, Déson, Drocour, Delancour, Figaniere, francezes; Itone-Duncan, Campbell, William, Thompson, Arthur, Hancorn, Douglas, Woolf, e outros inglezes. Hé desgraça que Portugal acolheo sempre de braços abertos quantos cavalheiros de industria aqui abordaram, e despresou seus proprios filhos, que ninguem considera.

—A par do verdadeiro merito, responde o doutor, figuram muitas incapacidades, mas hum talento reconhecido, não deixa de merecer contemplação; liberaes acho eu que temos sido, em collocar na classe dos homens eminentes por saber, individuos menos que mediocres; e s. ex.ª que me está ouvindo, talvez se não tenha arrependido pouco de lhe dar importancia quando isso delle dependeo.

—Nunca a dei a nenhum que não fosse distincto por alguma circumstancia notavel.

—Acertaste sempre?! Pois olha, apesar da tua muita penetração e experteza, hé voz geral que te illudiste, ou examinaste pouco; mas não tratemos de pessoas, venha recordação maritima, se o meu camarada a quizer communicar; que dizes? E tu doutor? Vossês não devem aborrecer-se, tu porque vestiste o mesmo uniforme e foste ao Rio na outra *Vasco,* e este porque fez viagens, e se distinguio dentro de hum barco, merecendo por isso a Torre e Espada.

—Já me contaste, quando s. ex.ª se conservou em pé na canhoneira e os dois companheiros se deitaram, debaixo daquella chuva de balas do Cabedello.

—Sim, e como conhecem os perigos, hão de dar valor a quem soube arrosta-los.

—E damos, tu hé que pretendes esse exclusivo para ti..

—Outra vez te provarei o contrario, hoje não disputo, e só quero ouvir o nosso veterano. Não se lembra de algum rasgo de valor praticado no seu tempo?

—O de Antonio Garcia Alvares, não foi pequeno, eu lho conto:

Commandava elle o bergantim *Voador,* que saíra de Lis-

boa para o Pará, Maranhão e Pernambuco, em 11 de agosto de 1798 na qualidade de paquete, quando já perto da costa do Brazil a 21 de setembro foi caçado por huma fragata franceza de 44; manobrou de maneira que podesse escapar-lhe, mas sendo aquella de melhor pé, chegou a alcance dando-lhe a primeira banda, á qual respondeo temerariamente; quando rompeo o fogo, outra fragata da mesma nação, vinha arribando de barlavento. Segundou a primeira com segunda banda de metralha, procurando aborda-lo, o que sendo visto pelo nosso desesperado camarada, péga n'huma trança e corre pela escada da meia laranja, com tenção ao que parecia de lançar fogo ao paiol, e voar. Alguns marinheiros se lhe põe diante, o homem recuou, volta ao catavento, atira com as malas já preparadas ao mar, e diz: «Quem quizer que arrie a bandeira, eu não».

A fragata já tinha o gurupés na alheta do brigue, a bandeira foi então arriada. Hum escaler de seu bordo veio immediatamente busca-lo, e foi conduzido ao commandante francez que o ameaçou de o mandar enforcar, pelo atrevimento de fazer fogo a duas fragatas.

—Eu não vi mais que huma, lhe responde Antonio Garcia.

—E contra huma, havia probabilidade de resistir?

—Quando nada conseguisse, havia de ir pelos ares.

—Como pelos ares?

—Largando fogo ao paiol; não fui porque me embaraçaram.

—Pois se o commandante daquella fragata, que hé mais antigo, mo não embaraçar tambem, haveis de ir ao láis da verga pela vossa temeridade.

—Isso só me poderia ser feito por hum pirata, e nunca por official de guerra; o botão d'ancora propriamente dito, não se manchará com tal procedimento!

O francez emmudeceo, passeou pela tolda, e passados cinco minutos perguntou lhe:

—Os vossos despachos?

—Foram para o fundo com duas balas de 9.

O sangue frio e segurança com que isto respondeo, junto

ao modo por que elle manobrára, imposeram a toda a guarnição, que parecia apoiar o projecto do commandante, que chamou os officiaes a conselho. No entretanto foi guarnecido o brigue pelos francezes, passando os nossos para bordo da fragata, e veio atravessar a outra de barlavento quasi a tiro de pistola; foi lá hum escaler com o immediato, voltou pouco depois e partio nelle o proprio commandante, que se demorou cousa de meia hora, dizendo com muita seriedade quando regressou:

—As leis da guerra, comminam pena de morte ao official que insulta forças immensamente superiores com as quaes se não póde medir; o vosso procedimento estava comprehendido neste artigo, a acção que praticaste que nem qualificada póde ser de temeridade, exigia prompto castigo; mas a pericia com que vos houveste, e o modo com que vos apresentaste na presença da sorte com que vos ameacei, desarmam nossos braços em obsequio de todos os valentes que vedes (e apontou para os officiaes) que vos reconhecem esta qualidade; não podeis ficar a bordo da *Regenerée* onde deverieis ser punido, o commandante da *Vertu,* vos receberá como merece hum homem tão corajoso.

Os officiaes todos lhe apertaram a mão, elle foi para bordo da outra fragata, ao portaló da qual o recebeo com effeito, civil e quasi enthusiasticamente, o seu commandante, levando-o para Rochefort.

—Que fragatas eram?

—*Regenerée* e *Vertu,* ambas de 44.

—E elle?

—Primeiro tenente, Antonio Garcia Alvares, commandante do bergantim *Voador.*

—Tinha alma de aço, em Joaquim!?

—Encontram-se de igual tempera, o Barreiros a bordo da *Rainha* fez o mesmo; já estava ao pé do paiol com o murrão, quando o negro lhe deo a cutilada e o atravessou.

—Com que direito, diz o doutor, se fazia elle assassino de tanta gente? Queria morrer gloriosamente, dirigisse-se ao

chefe da abordagem; mas fazer voar os que se estavam batendo, hé ferocidade horrivel que ninguem terá por verdadeiro valor.

—Tinha cabellos no coração, lhe respondemos; embarcámos com elle, conhecemos-lhe os defeitos e a ignorancia; cruel em excesso, deleitava-se com tingir as mãos no sangue de algum desgraçado a quem mandava castigar; de meias com os guardiães, pegava na chibata, e dava no infeliz até o sangue lhe espirrar das costas, mas realmente nada lhe mettia medo.

—Hum diabo desses, tenha-se preso, e solte-se quando fôr preciso, ou nunca o deixem commandar; v. ex.ª qualificou bem a alma do outro chamando-lhe de aço.

—Embora censuremos a cousa, a pessoa sempre nos causa huma certa admiração; o despreso formal da vida, hé acto que sempre toca a toda a gente, e se toma por grande heroismo. Joaquim, o teu camarada advertio-nos que, perto do forno da cal, mudava de rumo, agora sou eu que to lembro; já não estamos longe, e s. s.ª póde contar-nos algum outro caso memoravel antes de retirar-se.

—Penetraste o meu intento, nem mais palavra: meu camarada, se não hé abusar da sua condescendencia, diz-nos por despedida outra das suas recordações?

—Hoje tomam fartadella de lobo, quanto a mim não me canço, e vou satisfazendo o vicio dos da minha idade, que hé fallar do seu tempo; não entrarei em grandes detalhes, para lhe dar idéa do successo, antes de chegarmos ali onde se aparta o caminho:

A esquadra que em 1797 guardava as costas do Algarve e vigiava a sahida dos argelinos do Estreito para o Oceano, era composta de varios cahiques, tudo embarcações ligeiras e pequenas, protegidas pela fragata *Tritão;* quer para se medirem e caçarem os chavecos de remo, quer para se chegarem á terra em busca de outros cahiques e *bascas* francezas, que de Cadiz infestavam aquella costa, e roubavam as nossas embarcações indefezas. Na madrugada do dia 17 de julho desse anno, descobriram dos váos da *Tritão,* dois cahiques,

huma *basca*, tres hiates, e hum lugre que, cozidos com a terra, perto de Villa Nova de Mil Fontes, navegavam para êste, desconfiando-se logo serem os corsarios e as suas presas que se recolhiam a Cadiz. O commandante fez signal de caça, e botou ao rumo indicado no mesmo: dentro em duas horas o cahique *Leão* retomou o hiate *Senhora do Livramento*, e proseguio caçando o seu apresador; a fragata endireitou para o lugre, o cahique *Andorinha* para a *basca*, e o cahique *Soledade* que fôra corsario, e então commandava o segundo tenente Joaquim Ignacio Lobo, para o cahique francez. Os inimigos quando viram que podiam ser alcançados, espalharam-se para divertirem as nossas forças, e escapar-se o mais veleiro ou melhor manobrista, suppondo talvez que procurassemos salvar as outras duas presas, mas essas deixaram-se para o fim. Lobo teve a fortuna de pilhar huma refrega que o fez aproximar do inimigo, e foi-lhe atirando seus tiros, aos quaes aquelle respondia em dobro. Prolongou-se com elle, e vio que pouco partido lhe restava contra embarcação de maior lote e mais bem artilhada, pois tinha duas peças de 8, e quatro de calibre 4, quando elle apenas o aggredia com quatro de calibre 3, em hum cahique dos mais pequenos. Animado porém do espirito que todos lhe conheciam fallou á guarnição: «Rapazes, á vista da fragata não havemos ficar mal, nem o *Monsieur* nos hade escapar; ou morrer, ou vencer; veremos se tem alma do tamanho da lingua. A elles, seu commandante! A elles!» E atraca com o cahique, salta-lhe dentro primeiro que ninguem, e trava huma briga de espantar. O capitão daquelle, João José Tortel, era animoso e defendia galhardamente a sua fazenda e vida, mas não pôde resistir ao nosso Lobo, nem os francezes, contra os nossos marinheiros que pareciam demonios; dentro de quatorze ou dezeseis minutos, trinta inimigos estavam retalhados no meio do mar, e os vinte restantes, cobertos de feridas e prisioneiros! Assim, vinte homens contra cincoenta, e quatro peças contra seis, mostraram mais esta vez quanto a audacia e a intelligencia de hum chefe apoiado por gente briosa, leva

vantagem ao grande numero, menos bem dirigido. O cahique chamava-se *Leão*, fôra de Manoel d'Oliveira, de Faro, que por duas vezes mandou a Cadiz, offerecer ao apresador Tortel, oito, a dez mil cruzados por elle, sem que lho vendesse por lhe conhecer a boa marcha, ser novo, grande, e capaz de montar bastante artilharia. O cahique *Andorinha* bateo-se com a *basca* e tomou-a; e a *Tritão* fazendo recolher a Cadiz o lugre, que escapou, veio represar o segundo hiate, fugindo-lhe só o terceiro.

—Ha cousinhas, diz o doutor, que geralmente se ignoram dignas de saber-se, e que não fazem vulto porque se não apresentam convenientemente adornadas; veja v. ex.ª se o que acabámos de ouvir descripto com aquelle cunho de verdade em taes casos necessaria, não podia servir de estimulo aos menos animosos, e de timbre para a corporação?! Quanto a mim seria hum grande serviço mandar colligir o que ha sobre o assumpto, e fazel-o correr pelas mãos de todos.

—Eu creio que os factos notaveis se publicaram officialmente nos papeis da época; mas concordo que mais valia reunil-os n'hum livro destinado a perpetual-os.

—E olhe v. ex.ª, diz o veterano, que o tal livro não havia de ser pequeno; quer v. ex.ª ouvir o que fez hum pobre contramestre mercante?

—Quero.

—Venha o contramestre, acode o doutor, o que se não póde negar á massa geral do nosso povo, hé hum juizo e penetração visivelmente superiores aos de outros paizes, e hum patriotismo que bem aproveitado espantaria; conheço gente pobre, artistas, que em lhe fallando nas *cinco chagas, sete castellos, serpente de Moysés* e *armas portuguezas* são capazes de dar a vida por ellas, e nenhum tem mais afferro ás cousas nacionaes do que elles.

—Disso dou eu testemunho; continua o velho, quantas vezes tenho ouvido disputar a bordo, entre soldados e marinheiros, qual era mais valente, se Carlos Magno ou Affonso Henriques, se Roldão ou Albuquerque; porque sempre ha

seu doutor que lê o ensebado volume dos Doze Pares: elles não tem estudos, mas fallam no Fernam Mendes, no Camões, nos doze de Inglaterra, no Magriço, na porta de Mem Moniz: e explicando-se a seu modo, dão idéa de comprehenderem o symbolo da nossa origem e existencia monarchica, estampado na bandeira portugueza.

—Quem lhe faz justiça somos nós, meu camarada, que estamos em contacto com elles, e temos immensas vezes admirado os seus ditos chistosos, e apologos de fazerem rir as pedras, ou envolvendo conceitos que denotam mais do que instincto que commummente se lhe suppõem; deixemos porém discorrer sobre a esphera das intellectualidades a nossa aristocracia de saber que são os bachareis e doutores, e conte-nos o caso do contramestre.

—Essa rajada, meu Joaquim, podia atirar-te á costa, senão fosse o desejo que eu e s. ex.ª temos de ouvir o mesmo caso, dizendo-te sempre que, não hé invasão nenhuma, tratar-se materia que se estudou.

—Queres dizer que nesta sou ignorante? e eu respondo-te que vossês fazem-se monopolistas de sciencia, de tal modo que mettem nojo, a pontos de me dizer hum bacharel quando se fallou em certo abbade para ministro da marinha: «*Que tem isso, não hé hum bacharel?!*» Como se a bacharelisse, os canones, o digesto, os livros de Hypocrates, habilitassem o padre, o juiz, o medico, com conhecimentos especiaes! Na tua propria observação te condemnaste; *materia que se estudou.*

—Pára, Joaquim; olha que esse modo de discorrer entre nós não tem consequencias, e o doutor desculpa-te; mas em publico ha de acarretar-te muitos inimigos: entretem-te com a marinha, e não te mettas em analyses de objectos alheios á tua profissão.

—Mas se fallar só em marinha, tambem n'ella os hei de encontrar?

—Nesse caso sacrifica parte da tua intelligencia ás crenças geraes, não combatendo a voz publica.

—E és tu que me dás esse conselho?

—Sim, porque sou teu amigo, e posso dizer-te sem julgares offensa que, para proceder desse modo, hé necessario possuir huma posição independente por meios pecuniarios, e credito indisputavel por alguma obra de reconhecido merito.

—Mas não posso conter-me quando vejo certas pessoas presumindo de si...

—Deixa-te de rasões peores humas que as outras.

—Mas deixa-me fallar.

—Não deixo, e faz o que te digo, porque eu to digo...

—Bem, bem; esse argumento colhe mais que nenhum; e com as malditas interrupções deixámos o contramestre, que foi sacrificado ao amor proprio de dizer quatro palavras, talvez por culpa minha. Perdoe o camarada estes fogachos, que pouco correspondem ás rugas que tenho na cara, e diga-nos o que lhe lembrar relativo á marinha.

—Tambem gosto de ouvir, não me enfastio; mas lá vai:

No dia 17 de dezembro de 1796, sahio de Aracati para o Recife a sumaca *Batalha*, que ao terceiro dia de viagem, entre a ponta do Mello e a enseada da Redonda, avistou huma embarcação ao sul que navegava ao norte, a qual pouco depois reconheceo pela fragata franceza *Bombarde*, que ali fizera seus insultos na costa; virou e pretendeo encalhar, mas aquella não tardou em lhe acertar com quatro balas dos seus cachorros de prôa, em consequencia do que, arriou bandeira atravessando. Logo hum escaler foi mandado a seu bordo com dez pessoas, que arrombaram e saquearam as caixas da companhia e passageiros; lacraram as escotilhas, despedindo na lancha nove inglezes apresados na Costa de Guiné, e todos os brancos da sumaca, menos o contramestre, com ordem de regressarem ao porto de Aracati. Depois voltaram para a fragata, vindo então lançar-lhe dentro nove francezes e hum piloto para capitão de presa, que com o contramestre e quatro pretos deviam conduzil-a a Caiana. Nessa mesma noite, fóra de horas, hum destes chega-se a elle e diz-lhe:

—Sior, ucê com meu trê-companheiro toma conta do seu

ferancê cad'um qu'eu mata aquelle cinco, nós não quer ir prra Frrança.

—Cuidado homem, olha que se elles te pescam abrem-te de meio a meio.

—Sior toma sentido, mata hum só, que nós faz tudo.

—Mas agora não está nada prevenido e elles estão álerta.

—Tem machado e pé dê crraba; sior quêrrê vai tudo n'hum bamba?

—Hé melhor de dia que se receiam menos, logo depois da baldeação eu faço-te signal com os olhos e dá-lhe para baixo.

—Sior sim.

—Chegou a manhã, começaram a baldear, os pretos poseram negligentemente os dois pés de cabra ao pé do fogão, e quando o contramestre chamou o piloto para ver as habitas, e deu de olho aos pretos, arremette com este dando-lhe huma machadada, os outros dois armam-se dos pés de cabra, estirando cada qual o seu, e o terceiro com o valente mensageiro, agarram-se a dois mais que lançam no mar. Os quatro restantes correm a pegar nas espadas e pistolas, mas os negros voam atraz do contramestre que decepa hum braço ao que tinha a arma engatilhada, em quanto os quatro botam os miolos fóra a dois que pretendiam feril-o; emfim dois que restavam já escalavrados põem-se de joelhos diante do contramestre que os mandou amarrar, e atravessou para receber aquelles que vinham nadando em distancia, quasi mortos de fadiga. Concluindo isto, marearam, e foram muito ufanos dar fundo no porto de Mocuripe antes de noite, recolhendo na cadeia da fortaleza tres francezes, e pondo em liberdade o quarto prisioneiro que se declarou inglez.

—Bravo contramestre! Não lhe sabe o nome?

—Quem o podia esquecer? chamava-se Sebastião Simões Branquinho, foi graduado segundo tenente, deixou a navegação costeira, fez-se piloto do alto, forrou os quatro escravos, mas o que lhe fallou, nunca mais o quiz largar; juntou suas patacas, e a final tinha sua roça.

—Ainda bem, que era digno disso.

—E ainda mal, respondeo elle, que tenho de os largar; Vossas Excellencias (nós tambem tivemos excellencia por andarmos com gente grande, o diabo são as pisadellas) vão seguindo a sua excursão, e o velho toma para casa por este caminho que conduz a Santo Amaro, satisfeito da boa estrella que hoje lhe deparou tão apreciavel companhia; mas com a certeza de que, nos giros que por aqui fizer, a par da melancolica vista do Tejo despovoado e deserto de navios, terá de juntar ás suas saudosas recordações, aquella de ter sido neste caminho solitario, escutado com interesse por pessoas que sempre conservará de lembrança.

Fez seu cumprimento e partio sem esperar por palavras vasias de sentido, e nós descemos pelo escabroso trilho que por detraz da casa do Fiuza, segue até ao rio de Alcantara.

—Se todos fossem assim, diz o doutor, haveria menos inimizades! Póde causar fastio pelas suas reminiscencias, mas nunca revoltará os ouvintes com sarcasmos.

—Tal hé a sua miseria, lhe respondemos, hum official superior! Que lhe resta do seu longo serviço, das suas campanhas? Hum titulo de renda vitalicia de 12 ou 15$000 réis! Vão a Inglaterra e vejam se aquelles que na mesma época se acharam no cerco de Napoles, Capua e Gaetta morrem de fome? Não, que a caixa de Chatam ou o magnifico e faustoso hospital de Greenwich, os põem ao abrigo desta aviltante situação! Para nos administrar temos prefeituras e governos civis, para nos cotisar temos repartição, e para os invalidos e reformados, não ha mais que hum quarto dos seus vencimentos de effectivos!

—Já que tudo hé estrangeiro, seja estrangeiro o modo de accudir-lhe; acolá, até aos filhos dos marinheiros e soldados se dá ensino, sustento e educação gratuita!

—Ó patriota, já desdenhas do que hé nacional, já te esqueces do asylo de Runa, da casa pia? Não ha officiaes e soldados na primeira, e os filhos destes ultimos não são educados e mantidos na segunda?!

—Patriota, sim, não desdenho, lamento que só queiram innovações destruidoras do que era antigo e nacional, e se es-

queçam de alguma cousa util que por fóra vemos? Louvores á princeza, louvores eternos e sinceros a essa alma verdadeiramente real e portugueza, que se lembrou de criar hum refugio para a milicia enferma e cançada; louvor ao magistrado que igualmente, sem ser prefeito ou governador civil, mas intendente geral da policia, se lembrou de criar o philantropico estabelecimento da casa pia do Castello! Mas nenhuma destas, hé huma instituição nacional para a marinha. A casa pia foi criada para as crianças vadias, o asylo militar hé para o exercito, e para os officiaes da armada não ha cousa nenhuma. Não seria honroso para Portugal, imitar nisto a Inglaterra? não seria huma homenagem devida aos primeiros navegadores do Oriente, dedicar-lhes a casa que D. Manuel erigio por seu respeito, e admittir nella os invalidos da marinha, e a sua mocidade indigente? Que filhos de marinheiros e de artistas do arsenal ha na casa pia? Não me consta que no seu regulamento, algum paragrapho trate desta recepção! Pobre velho! quanto não deve ter soffrido para o vermos em tal abatimento! Aquella alma perdeo toda a energia, está incapaz de qualquer reacção, nem lhe resta essa de dizer mal que, demonstrando a impotencia de o fazer, importa a vontade de o praticar.

—Estás muito metaphysico; este Joaquim tem sublimidades de Longino. Ó doutor, não lhe pedirá a explicação do resto do periodo?

Chegaram-se para o muro e nós retorquimos-lhe:

—Respondam vossês ao que lhe perguntar para adquirirem o direito interrogatorio; querem estabelecer neste caminho depositos de ammonia para alguma fabrica de productos chimicos, ou isso são nitreiras artificiaes para a polvora?

—Admira hum dos maravilhosos effeitos da applicação hydropathica!

—Escusa v. ex.ª cançar-se, que a esse barbaro nada o amacia!

—Pé de cabra ou machado; não entende outra lingua.

—E quando Deos quer, acrescentámos, vai seu golpe de ariete.

—Deixa a machina, não lhe toques, que hé privativa da minha arma.

—Com engenheiros não se brinca, hé o que vemos: não lhe bulas, que hé privativo da minha arma. O cavallaria dá sua esporada, o caçador mette a bayoneta, o fuzileiro fórma quadrado, e todos «*Não lhe bulas que hé privativo da minha arma*»: e invadem os dominios do marinheiro, entram sem opposição no que hé seu, que por ser seu hé logo da communidade! Por isso elles chegaram ao triste estado em que os vemos; pobre marinha!

—Sempre foi assim, diz o doutor.

—Qual assim? era o mesmo quando existia o conselho do almirantado? quando se fez a magnifica cordoaria, e a obra collossal dos fornos de Valle de Zebro? quando o primeiro regimento de artilheria, e o primeiro e o da segunda armada lhe pertenciam?! Não, que hum aggregado de cousas tão imponentes dirigido por Pedro de Mendonça, de Mariz, Antonio Januario, Ramires e outros, não comportava usurpações mal cabidas.

—E agora querias almirantado sem almirantes?

—Façam-nos.

—Para quaes navios?

—Não os ha, mas podem tel-os ámanhã, de hum anno para o outro se podem construir.

—Pois quando os houver cuidarão disso.

—Boa doutrina, *ego te* constituo almirante, chefe de esquadra, de divisão, capitão de mar e guerra, de fragata, etc., e ficam logo habilitados para commandar hum navio, huma esquadra, huma armada, e dirigirem toda a campanha?! Pois meu doutor, não basta o titulo, póde ao nome posto com auctoridade, corresponder o interesse particular, dando ao sujeito todos os proventos que a sua categoria exige; mas ha de ser vão, quanto ao que elle significa, e de nenhum interesse publico! Os navios obtem-se com dinheiro, compram-se ou construem-se, mas nem todo o oiro do Brazil dá sciencia, como sabes, julga-te por ti: para ser official de marinha pre-

cisa-se muito estudo, não ignorar nada do que lhe ensinas e os teus collegas, muita pratica e disposição natural: com estas habilitações passar a commandante, depois de repetidas provas de aptidão no serviço de esquadra, passar a official general. Não procedendo assim há de a bandeira portugueza soffrer insultos iguaes áquelles do forçamento do Tejo e da batalha do Cabo de S. Vicente; hé preciso saber como sabia o marquez de Niza, José Sanches de Brito, José Caetano de Lima, e outros da nossa escola antiga. O commandante da náo *Principe Real* estava em cima da tolda conversando com o principe, quando o almirante inglez que o acompanhava, pondo-se na alheta daquelle navio e feitos os cumprimentos do estylo, disse que, tinha muitos desejos de mandar hum refresco a sua alteza, mas que o máo tempo e o grosso mar lhe obstavam. Obtida a necessaria licença respondeo este que, sua alteza não ficaria privado delle, podendo o quer que fosse passar-se de navio para navio, de láis a láis.

O inglez reconheceo a possibilidade, mandou o farnel para a verga grande, e pôs gente ás obras. O commandante portuguez sem mostrar o mais pequeno sobresalto pelo compromettimento em que se posera, propondo huma manobra arriscada e delicadissima em occasião de mar grosso, pede ao almirante que navegue mais arribado; elle de barlavento regula a manobra, e com a maior destreza e raro acerto, no instante em que duas mil pessoas e o destino da nação dependem de hum só aceno seu, no meio do silencio produzido pela admiração que este arrojo impunha, arriba tambem, e láis com láis, recebe o presente, e deixa na sua alheta a náo ingleza, e o seu almirante estupefacto da maneira airosa por que isto foi feito! A hum homem destes, foi bem entregue o commando da náo, exemplos similhantes servem de lição.

—Hé bem bonito! Ó Joaquim, quanto não darias tu para se poder dizer de ti outro tanto?

—Oh! que se eu soubesse o mesmo? não sei nada! Mas tendo a mesma sciencia, precisava ter navios, levar commigo

o regente, os destinos da patria, e mostrar aquella pericia a trinta mil espectadores embarcados nas vinte e tantas náos, fragatas e navios das duas esquadras de conserva! [1]

—Que espanto; nem que fosse huma batalha!

—Não foi, mas quem manobrou daquelle modo, debaixo de todos os pontos de vista que considerei, dava idéa de não ser inferior a ninguem no meio da mais encarniçada acção. Que gosto não era poder ouvir de si «*este sabe*» e deixar á sua descendencia a certeza de que «*sabia?*» Eis-aqui os verdadeiros titulos dignos de invejar-se, os mais podem dal-os a quem lhos pedir. Que importam habitos, commendas, grancruzes, se a par das lantejoilas póde sobresahir a insignificancia do individuo, merecendo do vulgo a desapiedada apostrophe: «*aquillo hé hum tolo!*» Quaesquer atavios poderiam darte, ou a Manoel Passos, José Victorino, Leonel, José Estevam, mais consideração? Huma casaca enfeitada de brilhantes e cruzes, cobre sempre hum favorecido da sorte, mas poucas vezes huma intelligencia superior. Ainda não vi a nénhum dos que mencionei, annel com armas; o brazão do Leonel, por exemplo, hé não ter nenhum! Se hoje possuisse todo o dinheiro, não só de Brandões & Companhia, mas de Rothschild, e com elle se comprasse huma natureza e hum nome qualquer, dava-o pelo do Leonel; e não digo de José Estevam, para me não res-

[1] As náos eram: *Principe Real,* de 84; *Rainha de Portugal,* de 74; *Conde D. Henrique,* de 74; *Medusa,* de 74; *Principe do Brazil,* de 74; *Affonso de Albuquerque,* de 64; *D. João de Castro,* de 64; e *Martim de Freitas,* de 64. As fragatas eram: *Minerva,* de 44; *Golfinho,* de 36; *Urania,* de 32; *Carlota,* de 44. Os brigues eram: *Voador,* de 22; *Lebre,* de 22; *Vingança,* de 20. Escunas: a *Curiosa* e outra. O chefe da esquadra ingleza que acompanhava o principe era o cavalheiro Guilherme Sidney Smith, embarcado na náo *Hibernia.* Os navios portuguezes de guerra e mercantes eram 36. A esquadra com a familia real sahio no dia 29 de dezembro de 1807. O almirante portuguez era Manoel da Cunha Souto Maior. Toda a esquadra ingleza acompanhou a portugueza até á altura de Porto Santo, acompanhando-a de ahi em diante só as náos: *Malborough, London, Monarch* e *Bedford* á ordem do capitão Moore, que passando para o sul da Madeira içou o pavilhão de comodore.

ponderes: «*porque com esse te pretendias elevar*», digo o outro que não aspira a nada!

—Ó Joaquim, a amisade cega-te.

—Sou seu amigo, muito amigo; mas pelo José sinto mais que amisade, se fosse mulher bonita era sua amante!

—Estás fino, melifluo, diz o doutor, os homens dos machados, pés de cabra, e arietes não usam essa linguagem.

—Mas sentem do mesmo modo, e o coração hé melhor mestre do que o Longino com que ainda agora este amigo me atirou.

—Com o livro delle podia fazer-te mossa que não era máo projectil.

Chegámos então ao meio da calçada da Pampulha e demorámos o passo para tomar folego naquella subida, dizendo o doutor:

—Não obstante a ladeira e o piso ser macio, não se póde galgar com a mesma facilidade que em caminho plano; comtudo está melhor, e este systema foi bem boa descoberta.

—De quem? lhe perguntámos.

—De Mac Adams.

—Ha mais de quarenta annos que meu pai, na estrada que passa por Leceia e conduzia da ermida á sua quinta, mandou botar cascalho das pedreiras do Linhó e a aplanou, ficando excellente. Portanto não foi descoberta escoceza, hé provavel que Mac Adams viesse na divisão do general Acland, que esteve acampada naquelles contornos antes dos francezes evacuarem Lisboa, e fosse ao quartel general, que era em nossa casa, occorrendo-lhe então a idéa do systema que importou para Inglaterra; e nós do mesmo modo que exportâmos cortiça para importarmos rolhas, fomos buscar o tal systema, cujo prototypo existia no paiz, conhecido hoje pelo verbo inglezado, quando podia ter terminação tambem em *ar*, mas ser o verbo portuguez.

—Não tinha curso sem a legenda da liga *Honi soit qui mal y pense*.

—Ganhou o doutor, por mal de peccados assim hé tudo; mas que fazem vossês?

—Espera lá.

Entraram na travessa de S. Francisco de Paula, demorando-se e dizendo-nos o doutor na volta:

—Sabes que mais, Joaquim, olha que tenho huma gana de jantar, como nunca; e v. ex.ª não se sente alliviado, desobstruido e com appetite?

—Vou capaz de devorar hum boi. O certo hé que com a hydropathia, em que o Joaquim não acredita, apesar destas provas, acho-me como diz; o anno passado digeria difficilmente, tinha pouco appetite, não chegava a huma janella sem me constipar, parecia-me ter o Atlas sobre os hombros, e estava hum poltrão de fazer rir; agora elle que diga como desço e subo aquelle fosso do reducto de Campo de Ourique, e trépo por aquellas barreiras ao poente do arco grande até á cortina da entrada, ao pé da figura: escalavrei os calcanhares, mas não senti fraqueza nas pernas: o tempo o ensinará.

Mettemos pela rua do Conde, no fim da qual huma senhora nos cortejou, dizendo nós aos amigos:

—Mal sabem vossês quem ali está!

—Quem?

—Aquella mulher.

—Quem hé, por que hade haver empenho em conhecel-a?

—Corre-lhe nas veias o sangue do homem mais valente que teve a nossa marinha no seculo passado.

—Muito fez, diz o doutor, para assim o capitulares?!

—Não botou fogo ao paiol, como hum desesperado, mas bateo-se até o navio se submergir.

—Alguem no Porto fez o mesmo.

—Fez o mesmo, respondemos, dentro no Douro, aonde poderia ser soccorrido, mas este fêl-o no meio do Oceano!

—Como escapou do naufragio?

—Foi salvo pelos proprios inimigos.

—Então quem era?

—Luiz da Cunha Moreira.

—Conta lá: que diz v. ex.ª, na falta do velho ficou o Joaquim? A excursão foi terrestre, mas quanto nos entrou pela bôca e ouvido, hade ser aquatico.

—Como vai sendo velho, toma-lhe os costumes, e nós fazemos o mesmo, e como não tem recordações que contar, repete talvez o que ouvio; mas emfim venha a valentia do tal Moreira, que sempre agrada saber cousa que honra o coração humano.

—Navegavam em conserva os bergantins *Minerva*, commandado pelo primeiro tenente Luiz da Cunha Moreira, e *Espadarte*, pelo inglez Woolf, quando foram caçados por huma fragata franceza de trinta peças. Concertaram o modo da defeza e prepararam-se para o combate. No entretanto a fragata aproximou-se e Woolf, que devia receber os primeiros tiros, arribou para sotavento do *Minerva* que, apesar da sua inferioridade, sustentou a posição, não imitando a manobra do navio de maior força, commandado por official mais antigo. O combate era desigual, pois se as duas embarcações pouca probabilidade tinham de resistir á fragata, como poderia huma só medir-se com ella? Porém Luiz da Cunha vendo a bandeira nacional enxovalhada na presença dos francezes, pela fuga do *Espadarte*, que botára á poppa, quiz mostrar-lhes que esse acto não era de portuguez mercenario. Costado, com costado, bateo-se com a fragata, que nem que fosse do mesmo lote della; tres horas durou a briga, perdendo successivamente huma cousa após da outra, panno, cabos, mastros, borda e parte da gente. O bergantim cheio de rombos e meio d'agua ia submergir-se, poucos momentos restavam áquella invencivel guarnição para decidir-se; ou morrer, ou arriar bandeira e ser salva pelos vencedores; ninguem se resolveo a isso, quizeram morrer!! Quarenta pessoas, das noventa e duas que tripolavam o *Minerva*, iam galharda e honrosissimamente imitando o seu audaz commandante, ser submergidas com elle..! Os inimigos não poderam deixar de admirar tanta tenacidade e heroismo, foram generosos; correram aos escaleres e soccorrem estes valentes que, ao subirem o

portaló da fragata viram mergulhada nas ondas, mas não abatida a sua bandeira, a bandeira das *quinas*, dos *sete castellos*.

—Estes sim. Em, doutor? Não era hum furioso desalmado que fazia voar os outros, eram todos, eram quarenta pessoas que nenhuma queria a vida a troco do opprobrio de arriarem a sua bandeira depois de tão rara defeza! Morriam pelejando; não podiam pelejar e tambem morriam! Oh! Isto sim, hé nobre, hé muita heroicidade! Diogo do Couto e João de Barros não nos contam acção mais briosa! Que premios tiveram?

—Por decreto de 5 de novembro de 1800 foi o primeiro tenente commandante do bergantim *Minerva*, Luiz da Cunha Moreira, elevado ao posto de capitão de fragata; a primeiro tenente o segundo tenente José Bernardo de Lacerda; a segundo tenente o voluntario José Antonio Caminha; a primeiro piloto o official piloto Sebastião José Baptista; e ao capellão, commissario, escrivão e mais gente da tripulação foram concedidos quatro mezes dos seus vencimentos de embarcados!

—Ainda bem, Joaquim! tinhas rasão!...

—E que não a tivesse, fallaria sempre assim! Dizia na igreja das Trinas hum padre que ouvi prégar do Menino Jesu: «*Asseverar milagres attribuidos a Jesu Christo póde e deve hum sacerdote faze-lo com consciencia, porque Deos póde, e os está fazendo a cada passo*»: attribuir façanhas a portuguezes, qualquer de nós o póde fazer com consciencia, porque a maior parte são capazes de as praticar! Diz-me, não conheceste em Pernambuco o commandante da escuna *Velha de Diu*, que se bateo contra dois corsarios?

—Oh! sim, era esse Caminha voluntario!

—Pois então, o mesmo que foi feito segundo tenente pelo combate do *Minerva*.

—Era hum rapaz, e estava capitão de mar e guerra?

—Por seu valor; esta pobre, que ainda agora me cortejou, hé sua sobrinha, neta do valente Luiz da Cunha, está na miseria; aonde houver hum rasgo de valor e patriotismo, ahi estão farrapos e a indigencia. O incomparavel Camões mor-

reo do mesmo modo, o jau Antonio pedia esmola para elle, seus ultimos dias foram sustentados pela caridade da generosa preta que lhe dava os mexilhões; mas teve quem depois contasse tudo isto, e os officiaes de marinha morrem sem huma penna se mover, sem huma voz se levantar em seu louvor! Adeos [1].

[1] Como se disse neste folhetim, o infeliz brigadeiro Moreira, então capitão, era tão destro na arma de artilharia, que com huma bala derrubou o páo da bandeira do castello de S. Telmo; por isso, como daquella bateria portugueza, e só portugueza, os francezes eram mais mal tratados, para ali faziam mais fogo, conseguindo ferir o dito Moreira com hum estilhaço de bomba. Tomado S. Telmo, foi o destacamento portuguez na frente para Capua e Gaetta, distinguindo-se sempre; mas nunca os nossos alliados nos particularisaram nem ao menos fizeram de nós menção, como se prova pelo officio abaixo transcripto, no qual injustamente omittiram o nosso nome.

«Londres, 7 de setembro.

«A 2 do corrente chegou ao almirantado o capitão Oswald, do navio de sua magestade, o *Perseo,* trazendo de Napoles despachos do almirante lord Nelson, e do cavalheiro Hamilton. Contém elles a agradavel noticia de haver tido o desejado successo a expedição dirigida pelos capitães Trowbridge e Hallowel, contra Capua e os mais portos que se achavam em poder dos republicanos francezes e napolitanos, havendo-se rendido as guarnições de Capua e Gaetta. Na gazeta da côrte, que sahio no mesmo dia, se publicou a carta que lord Nelson escreveo a este respeito a mr. Nepean, secretario do almirantado, a qual hé do teor seguinte:

«A bordo da *Fulminante,* na bahia de Napoles, 1.º de agosto.—Senhor:—Tenho a honra de transmittir-vos copias da carta que escrevi ao commandante em chefe, lord Keith, e das peças que nella iam inclusas, e com toda a sinceridade dou o parabem ao almirantado de ficar o reino de Napoles inteiramente livre dos salteadores francezes, visto que não merecem outro nome, pelo modo com que procederam neste reino. Estou certo que este feliz acontecimento não será menos aceito, por ter sido principalmente effeituado por parte das equipagens dos navios de sua magestade, que compõem a minha esquadra, debaixo do commando do capitão Trowbidge. Os seus meritos por si se recommendam; e a sua propria modestia me põem no caso de referir que a elle só hé que se deve o principal merecimento deste feito. Não escapára á lembrança do almirantado o louvor de que se faz digno o valoroso e bem recommendavel capitão Hallowvel, não menos

que o que mereceo o excellente comportamento do capitão Oswald, do coronel Strickland, e do capitão Creswell, a quem dei provisionalmente a graduação de major, e de todos os officiaes e soldados do corpo de marinha, como igualmente a companhia de artilharia e os officiaes e soldados que desembarcaram da esquadra alliada [1]. Não devo deixar de dizer que o capitão Hoodt com huma guarnição de gente do mar em Castel-Nuovo, tem contribuido muito ha cinco semanas a esta parte para a tranquillidade da capital, de sorte que Napoles, segundo me consta, nunca se vio em tanto socego, como desde que está debaixo da sua direcção. Mando esta carta pelo capitão Oswald, da lancha bombardeira do *Perseo*, em cujo logar puz nesta o tenente Compton (que tem servido comigo como tenente desde janeiro de 1796), e tomo a liberdade de recommendar estes dois officiaes, como summamente merecedores de adiantamento.—Tenho a honra de ser, etc.= *Nelson.*»

«Capitulação concluida entre as tropas de sua magestade siciliana e dos seus alliados, e a guarnição de Capua. Art. 1.º A guarnição de Capua, composta de tropas francezas, cisalpinas e polacas se entregará por prisioneira de guerra de sua magestade siciliana e aos seus alliados, e não servirá contra qualquer das potencias que agora se acham em guerra com a republica franceza, até que seja regularmente trocada. 2.º Os granadeiros inglezes tomarão posse de ambas as portas da praça, depois de se terem trocado as copias da capitulação. 3.º A guarnição franceza sahirá da praça ámanhã, com armas e a toque de caixa; mas deporá as armas e a bandeira fóra da porta, e hum destacamento de tropas napolitanas e inglezas, e dos mais alliados [2] tomarão posse da praça ámanhã á noite. 4.º Os officiaes conservarão as suas armas. 5.º A guarnição se embarcará a bordo da esquadra ingleza, até que se apromptem os navios necessarios para transportal-a á França, e será escoltada até Napoles, debaixo da garantia dos inglezes. 6.º Quando os granadeiros inglezes tiverem tomado posse da praça serão entregues aos alliados todos os vassallos de sua magestade siciliana. 7.º Postar-se-ha á roda da bandeira franceza huma guarda de soldados da mesma nação, para impedir que seja destruida. Esta guarda ficará postada até que toda a guarnição tenha sahido da praça, e até que tenha sido rendida por huma guarda ingleza de official, a quem se dará ordem de abater a bandeira franceza e alçar a de sua magestade siciliana. 8.º Todos os bens particulares se segurarão a seus donos, e todos os bens publicos se entregarão com a praça. 9.º Os enfermos que não se acharem em estado de serem transportados ficarão em Capua ao cuidado de cirurgiões francezes e serão man-

[1] Entrámos aqui por incidente.
[2] Outra vez por incidente.

tidos á custa da republica; e depois do seu restabelecimento serão enviados a França, assim que for possivel.—Dado em Capua a 9 termidor, do 7.º anno da republica franceza (27 de julho de 1799).]=*Girardon,* general de brigada, commandante de Capua=*Tho. Trowbridge,* capitão da náo de sua magestade britannica o *Colloden,* e commandante em chefe das forças empregadas no cerco de Capua=*Bourcad,* marechal, commandante das forças de sua magestade siciliana=*Bulic,* capitão tenente, e commandante das tropas de sua magestade imperial, no cerco de Capua=*N...,* commandante das tropas ottomanas do mesmo cerco.»

Ora aqui se vê que figurando a assignatura de hum capitão tenente austriaco, deixa de figurar nesta capitulação a assignatura de hum chefe de divisão portuguez e commandante de huma náo! Mencionam-se os alliados, e dos portuguezes que tanto cooperaram para o rendimento de Capua, não se trata especialmente; e por isso quando daqui a seculos hum escriptor nacional asseverar que não só concorremos para a tomada daquella cidade, se não que fizemos proezas no seu cerco, outros argumentarão que não constando das partes officiaes do commandante das forças sitiantes a nossa presença, nem ao menos vindo a assignatura de nenhum general portuguez na capitulação, quando nella figura a de hum capitão tenente austriaco, hé claro que nada fizemos. E será verdade?

FOLHETIM MARITIMO

OS AGOIROS

XXVI

Os homens do mar de todos os paizes, são geralmente imaginativos, e com huma certa predisponencia para as cousas religiosas. Ou seja por o seu modo de existir, falto de sensações produzidas por objectos fixos e terrenos, no meio do Oceano, em cuja immensa redondeza nenhum ponto estavel os prende á terra; ou porque nas suas vigilias, em noites serenas, a vista do firmamento semeado de estrellas que se reflectem nas vagas, os torne contemplativos e induza a meditar na eternidade; ou tambem, porque a todo o instante cercados de perigos, na presença das borrascas, expostos ao rigor da atmosfera e não podendo soccorrer-se nas tribulações daquelle estado ancioso senão a Deos; longe e desapercebidos deste mundo quedo, desta sociedade que não comprehende aquelle vasio da sua existencia anomala e vagabunda, aquelle romantismo de huma vida toda artificial, sobre hum elemento vario e desinquieto, n'huma posição diversa a cada passo, onde o equilibrio só por muito habito se póde obter. Hé certo que, a maior parte delles são fantasticos, mais ou menos religiosos, e acreditam em milagres, visões e agoiros. Embora muita gente que tenha feito viagens e se diga do mar, affecte despreso do que hé commum aos navegantes propriamente ditos; embora esses que em terra imitam o porte e usos dos marinheiros de profissão e consummados (que elles nunca chegaram a ser) imponham ao publico, e ostentem superioridade de intelligencia ou filosofia, tratando

de resto tudo que se refere ao culto divino; o typo do homem do mar não reside nessas creaturas. Não hé desses que andam sempre enjoados, que tremem á vista do primeiro golpe de vento, que se escondem debaixo do tombadilho quando cahe o aguaceiro, que fogem para a coberta quando o mar rugindo como o leão, se encapella espumoso, cavalga a borda e alaga o navio; não hé desses que fallâmos, porque apesar da sua stulta arrogancia e mentirosa intrepidez, ha hum milhão de provas que demonstram a religiosidade do verdadeiro maritimo, sendo impossivel deixar de convencer-se della, á vista dos monumentos de devoção levantados por todas as costas da Europa, mormente nas do norte de França, Hespanha, e Portugal que por mais tormentosas desafiam a sua piedade. E mesmo, impossivel hé duvidar da sua ideologia mystica, ouvindo-lhe as praticas e lendas que decoraram e transmittiram de huns a outros ácerca de factos extraordinarios e poeticos, que o tempo e as leis fizeram reputar por verdadeiros. Na *France Maritime* se faz menção de immensas ermidas, nichos, e cruzes que attestam a crença da sua gente do mar; gente que não obstante a copia de rasões com que Voltaire, Mirabeau, Dupuis, Helvetius, Rousseau, e outros filosofos e encyclopedistas pretenderam libertar o genero humano da escravidão monastica; apesar das doutrinas espalhadas pelos seus Systemas da Natureza, suas Origens de todos os Cultos, se vê que, pertencendo a hum tão illustrado povo, conserva as mesmas tendencias, os mesmos habitos, a mesma superstição, o mesmo respeito pelos objectos sagrados e divinos que os demais navegantes. E tão efficiente hé a força que actúa sobre os seus orgãos humedecidos pelos burrifos salgados que, nem essas doutrinas dos escriptores já citados, nem o ridiculo que o bom tom e a libertinagem lançam por cima de tudo que emana das cousas religiosas e extravagantes, hão podido apagar-lhe a idéa do Grand Voltigeur Hollandais, como entre nós as desgraças da náo *Catrineta*. Por isso em França, Hespanha, e Portugal vão continuando as romagens a Notre Dame de Bon Secours, e Saint-Brandon; Nuestra Señora de

Candellaria, e mais Senhoras do litoral hespanhol, e á Senhora do Cabo, da Nazareth, de Porto Salvo, da Bonança, da Guia, entre nós, terminando pela Senhora de Ribandar na India! Na India, dissemos; e como tudo nos hé caro que diz respeito áquella parte do mundo onde a nação portugueza ganhou fama e distincto logar na historia, por seu valor, seu poder, sua sciencia, suas descobertas, trataremos do milagre de Nossa Senhora de Ribandar, que serve de introducção ás provas que apresentaremos para estabelecer o religiosissimo de toda a gente maritima, e a sua crença nos milagres, visões e agoiros.

A meio caminho de Pangim para Gôa, ha huma grande e bella povoação de nobres casas, chamada Ribandar, que dizem começára por hum facto desta natureza mystica. Huma náo partida do reino para aquella colonia, foi assaltada por tremendos temporaes no Cabo da Boa Esperança: muitas semanas ali andou á matroca, recuando de noite o que avançava de dia. Faltando-lhe já os mantimentos, com agua aberta, e meia desmantellada, recorreo a sua gente á Mãi Santissima da Conceição para que lhe valesse. Das oito á meia noite desse dia, debaixo de copiosissima chuva e medonhos escaracéos, com o panno roto e corrida em velacho nos ultimos sobre a pêga, n'huma refrega das mais duras, figurou-se-lhe terra proxima por sotavento da prôa onde o mar quebrava. Gritou o vigia:

—Terra por sotavento! Orça, orça!

O terror foi grande, o perigo era espantoso, a morte inevitavel; porque, orçando, a náo sossobrava; não orçando, lá se desfazia sobre as pedras! Já ella fustigada pelo vento do portaló para a ré, mergulhava o trincaniz, que faria pilhando o mar pela amura, ou vindo á trinca com elle?! Gritou de novo o vigia:

—Orça.

E com elle huma voz tremenda que a todos arripiou as carnes.

—Orça, não arribar.

—Não arribar, disse a voz terrivel, porque o homem do

leme o tinha mettido de encontro para fugir a huma onda altissima que assim mesmo fizera adormecer a náo. Tranzidos de susto, e vendo-se perdidos sem remedio, rogaram de novo com ancia áquella protectora de quem só esperavam salvação, lhes désse auxilio, pregando hum registo com a sua imagem no mastro do traquete. Ouviram logo huma voz dôce e feminina ao catavento, dizer para o homem do leme:

—Arribar e andar, arribar e andar.

Bem que a tal sombra da terra parecesse tocar já na amura, bem que a onda e enxofria reflectissem dos penhascos para dentro da náo, ella obedeceo ao primeiro impulso dado pelo leme, e foi arribando adornada pela força do furacão que zunia pelos cabos pavorosamente. Fugindo assim ao mar que parecia querer enguli-la, e cuja fosforescencia azul e branca lhe alumiava os mastros de huma maneira horrivel, tanto andou por baixo e por cima das ondas, que ao primeiro alvor da manhã, quasi que a submergir-se, foi encalhar no lodo daquella praia, entrando pelo rio Mandovim, á direita, distante duas leguas da sua foz, e menos de tres quartos da sumptuosa Gôa. Para memoria deste rarissimo milagre, toda a christandade da India fez erguer dois padrões com sua cruz em cima, na poppa e prôa da náo que ali se desfez; e ao longo della, sobre a ribanceira a que se encostára, huma ermida, a qual se tornou em grande templo. Pela fama deste successo, e attrahidos dos milagres da Senhora, muitos povoadores foram edificando casas em torno da igreja, que ao diante veio a servir de freguezia e hé talvez a melhor e mais ampla dos dominios portuguezes, com a invocação da Senhora de Ribandar, propriamente *Arribar e andar*.

Este facto attestado pelas duas balizas que lá se conservam na praia, pela procissão que annualmente sahe da igreja em que depois do andor da Senhora, figura huma náo de doze a quinze pés de quilha, e muitos quadros analogos a objectos da mesma origem, provam que ha no coração da gente do mar, huma certa quéda para a mystica e cousas fantasticas, acreditando em milagres, visões, e agoiros, como dissemos e es-

tamos persuadido. E não só nós, mas outras pessoas de bom juizo e observadoras pensam assim, e justificam as suas apprehenções referindo-se á existencia desta povoação. Dizem ellas: «Da riquissima, forte, murada e guerreira Gôa, que o heroismo portuguez conquistou e seu commercio engrandeceo, apenas oito igrejas com tres torres colossaes publicam a remota importancia, não havendo huma só habitação por onde se conheça que naquelle sitio houve huma cidade». De Ribandar, onde nada existia quando abordámos á India, e que surgio do terreno por effeito de huma acção piedosa, não só existem as primeiras pedras que o genio do christianismo ali lançou, se não tambem os edificios que á sombra da sua influencia se foram erguendo. Logo, se de entre palmares nasceo huma grande povoação que mesmo agora subsiste, e da immensa área de huma forte cidade, nem casas, nem habitantes apparecem; sem que a politica, as guerras, a conveniencia social produzissem este resultado, hé claro que este successo inexplicavel procede de causa estranha, á qual se póde chamar milagre. Seja porém o que fôr, combata seus prejuizos, não creia em cousas sobrenaturaes, quem tiver melhores rasões do que o commum dos mareantes, que nós limitar-nos-hemos a huma simples analyse do que havemos visto e ouvido ácerca dos reagentes que actuam na sua alma ardente e contemplativa.

Em terra ha menos occasião de presentir os effeitos dos agoiros do que no mar, pois geralmente aqui, quer estes, quer isso a que chamam milagres affectam hum ou outro individuo, e a bordo qualquer delles hé presenceado por grande numero de pessoas, cujo testemunho lhe dá outro caracter e gravidade. Tudo que diz respeito ao mar, hé sempre referido a epochas distinctas: escreve-se e marca-se o dia, mez e anno em que tal quilha se pôs no estaleiro, em que tal navio começou a sua viagem, em que este capitão ou commandante partio nelle para Gôa, Bengala ou China; sabe-se e retem-se de memoria o dia em que fulano vindo de Angola, Rio, ou Pernambuco descobrio huma véla sem lhe fallar; e aquelle

em que fallou a hum baleeiro, barca, brigue ou escuna vindo do Chili, da Nova Hollanda, ou de outra parte. Sabe-se e repete-se o dia em que os navegantes descobriram terra, quantos trazem de viagem, e quando deram fundo. Tudo isto se escreve, tudo hé contado e marcado nas derrotas com escrupulo, vai á lista de Loyds, e hé de summa importancia para o commercio. Na vida maritima falta das sensações com que fomos embalados, quanto acontece, hé novo até certo ponto, e tem huma significação que n'outra parte pareceria exotica, porém que naquelle mundo de madeira se explica do modo o mais sensato, e apropriado á feição caracteristica de huma tão singular existencia. E daqui vem as apprehenções, os schismas, os *agoiros*, os milagres manifestados por qualquer transtorno da ordem regular e ordinaria da vida do marinheiro. Destes transtornos e sua interpretação religiosa e fatidica hé que vamos tratar. Podendo porém suppor-se que tudo quanto dissermos, foi puro invento para divertir cuidados, começaremos por trasladar parte do Diario do capitão de mar e guerra Silva, por onde se avaliará o mais que se lhe fôr seguindo, pois comprehende hum caso analogo, relatado de mistura com as fainas de bordo. E bem que inclua materia talvez diversa, julgámos não poder omitti-lo, porque a sua chronologia entra no episodio do desastre que forma o primeiro termo da serie com que argumentâmos para tirar a conclusão proposta; isto hé, que os homens do mar são geralmente imaginativos, e acreditam em milagres e *agoiros*. Eis o Diario.

«1794. Lembranças do tempo que estivemos em Gôa, nesta quinta viagem, depois que chegámos em 29 de maio. Dia 1.º de setembro. Segunda feira, oito de lua. No dia 21 chegou hum patamarim de Bombaim com tutenagre para lastro e cartas para o governo, rompendo-se a noticia de ter chegado a Madrastra o *Triumfo* [1], capitão José Dias de Sousa, com vi-

[1] Parece huma ociosidade para quem não hé da profissão esta chronologia, porém ella hé de grande transcendencia na vida do mar. Por exemplo, este navio *Triumfo* nunca mais appareceo depois que sahio de Lisboa, e estava seguro. Quando voltou a *Conceição*, passados annos,

nho da Madeira, o qual sahíra de Lisboa a tantos de dezembro. No dia 25 largou o dito para o norte, levando ordem a Jacinto Domingues, director de Surrate, para apromptar as fazendas pertencentes a Sua Magestade, declarando-lhe que no 1.º de outubro huma fragata devia daqui partir para comboiar o vaso que as transportasse. Chegou outro patamarim, dizendo que lá tinha entrado huma galera franceza conduzindo prisioneiros inglezes para trocar, e depois vinha aqui entregar as tripolações de tres navios portuguezes represados em Mauricias. Immediatamente se reforçaram as guardas de palacio, Reis, Mormugão e Aguada. No dia 30, de tarde, deo fundo na barra a dita embarcação desartilhada, salvo se tinha as peças no porão, tripolada com vinte pessoas. Trazia alguma marinhagem dos navios *Augusto,* tomado a 27 de abril com mil e trezentos fardos de roupas de Bengala; do *Virgindó,* tomado a 25 do mesmo, vindo de Lisboa para aquelle porto, a éste de Rodrigo; do *Sacramento,* a 28 dito, apresado a éste de Ceilão. O numero dos prisioneiros excede trezentos, dos quaes mandaram entregar cento e trinta, ficando lá o resto com a sua officialidade e capitães. No dia 3 veio o encarregado á terra, que foi recebido por s. ex.ª com todo o apparato. Disseram os portuguezes que em Mauricias havia muitos vasos de guerra, incluindo-se duas fragatas de 50, que tem feito muitas presas até na bôca do rio de Bengala, aonde apanharam dois indiamans, hum grande navio do Pegú, e os nossos tres.

Dia 8 de outubro, primeiro de lua. No dia 24 do preterito fez o nosso commandante huma grande festa á Senhora da Piedade, na sua ermida, em acção de graças por nos trazer a Gôa e não invernarmos em Moçambique. Houve missa cantada, hum optimo instrumental e melhor sermão do padre fr. Joaquim Xavier de Campos, nosso passageiro para a missão de S. Domingos. A esta nobre festa assistio a fidalgia, excepto s. ex.ª rev.ma, terminando por dois grandiosos jan-

soube-se que tinha chegado a Madrasta, e que se teve desastres ou se perdeo, foi na sua viagem deste porto em diante. Daqui esclarecimentos e dados commerciaes que nunca se obteriam, etc., etc.

tares, que foram dados, hum pelo desembargador José Caetano, em obsequio ao commandante; e outro por este aos officiaes da náo e varias pessoas de respeito. Na vespera houve luminarias na ermida e fogos de bom gosto e architectura, e no mar cinco escaleres e manchuas com ellas de cores á chineza: bandas de musica e outros fogos que offereciam huma scena muito para ver e alegrar: a nossa lancha armada á galera com sua bateria, salvou e illuminou-se logo ao anoitecer, de modo que esteve huma funcção real e das maiores que se podem suppor.

No dia 25 se fez de véla defronte da Ribeira Pequena a fragata *Temivel*, e no immediato a *Real Fidelissima* e algumas manchuas fornecidas de mantimentos para quinze dias, por causa do Bounsuló. Tambem marchou tropa a defender Pernem, e ha de ajuntar-se toda a possivel no campo de Coloal, para acudir onde convier. A 29 entrou o patacho *S. Miguel* e as manchuas de guerra que tinham levado soccorro a Arabó. Nos dias 9, 13, 15 e 19 falleceram os grumetes Mathias da Silveira, João Cardoso, Francisco Garcia e Francisco Pereira. *Correo noticia de ter chegado a Macáo a* Mauricia (facto a que alludimos), *huma pequena embarcação em lastro com dinheiro, que o seu capitão João de Barros comprou huma galera, a qual vindo para aqui, fôra apresada pelos inglezes em Maim, que o navio era de José Nunes Silveira, devia aqui referendar o passaporte, mas reputaram-no francez, mandaram-no para Bombaim escoltado por huma fragata, a qual chegou desarvorada, e a galera rendeo-se. Como dizem que parte da tripolação escapou e deve aqui chegar, veremos o que ha de verdade neste caso.*

No dia 9 deo fundo em Mormugão o *Marquez de Angeja*, que sahíra de Lisboa a 15 de abril em conserva da galera de José Antonio Pereira, a qual ficou em Moçambique, fazendo escravatura.

Dia 20, e de lua dezesete. Recebemos ordem de s. ex.ª para guarnecermos as manchuas e mais barcos de guerra deste estado, pelo que se passaram para seu bordo noventa praças da

náo, e nos morreo afogado o grumete Martiniano José, que mergulhou indo a subir os cunhos da *Real Fidelissima*. Logo que esta gente chegou fez-se de véla a esquadra, composta das duas fragatas, patacho, tres manchuas e cinco embarcações miudas para atacarem a praça de Rarim. Na madrugada de 21 ouvio-se muito fogo de artilharia e grande tiroteio de fuzil; de tarde chegou noticia de termos mettido soccorro na praça de Alorna, e de continuar o ataque de Rarim.

Dia 15 de novembro. No dia 8 entrou a *Real Fidelissima* desarvorada do mastro do traquete e mastaréo de gavia, em consequencia do tempo do nor-noroeste, que alevantou muito mar e lhe levou lancha e escaler com sete homens. Deo noticia de ter visto hum grande navio desarvorado, pelo que, vão sahir duas manchuas de guerra para o procurarem e soccorrerem. Neste mesmo dia foi a náo *Santa Anna* para Ribandar, e se lançou bando annunciando aos carregadorès que ella vai de viagem para Moçambique, devendo partir até 10 de dezembro. Hoje entrou hum patamarim da Talaxeira com o capitão João de Barros e o piloto do navio que se perdeo a 6 de maio, e era de José Nunes, como atraz disse. Elle me contou parte das suas infelicidades, que parecem nascidas de hum *máo agoiro*, pelo menos assim o julga, em vista do que lhe aconteceo, e por certo ninguem deixará de acreditar na existencia delles depois de ouvir o caso. Diz elle que «*Estando no fabrico do* Correio d'Asia *embarcava diariamente n'huma canoa da Ribeira Nova, em que andavam pai, e filho pequenino. Huma vez indo a atracar, e correndo muito a maré de vasante, não pôde o pequenito aguentar a boça, ou escorregou e cahio n'agua. O pai deitou-se ao mar para lhe acudir, mas debalde, e a canoa foi pelo rio á matroca. Por acaso huma lancha da rossega lhe pegou, levou-a a reboque e salvou o catraeiro, que se arrepellava e gemia de perder o filho. Que então lhe disseram os algarves: «Pois v. mercê vai embarcar com hum homem que já naufragou nove vezes?! Olhe que* isso hé agoiro; *elle anda só na canoa por não achar companheiro que se atreva a partilhar a sua desgraça; e tanto nisto*

ha rasão, que agora se prova afundando-se-lhe o filho. Olhe que este homem não serve para o mar, e hé capaz de agoirar *a pessoa mais feliz. «Então que elle se arripiára, não sabia se por dó da criança, se por certo presentimento futuro, mas que nunca mais lhe importára o catraeiro que desappareceo. No dia do botafóra encontrou-o no numero dos da sua companha, admittido pelo contramestre, a quem confiára a escolha da gente. Quiz mandal-o para terra, e até chegou a dizel-o a José Nunes, que metteo o caso a bulha, mas consentindo nisso; elle por vergonha e por não mostrar fraqueza seguio viagem. Por encurtar rasões e para soffrer muitas outras desventuras que lhe pareciam filhas do agoiro, tinha dado á çosta na Nova Hollanda, donde a muito custo fôra ter a Macáo, e parte da marinhagem, perecendo o pobre naufragador, que desta vez acabára o seo fado. Ali obtivera dos correspondentes de José Nunes o commando de huma pequena embarcação, para ir carregar de assucar á Cochinchina, e permutal-o em Mauricias. Tendo chegado a salvamento achou noticia da guerra dos francezes, em consequencia do que vendêra tudo, receando que nós fossemos comprehendidos e não ficassem os armadores perdendo navio e fretes. Passados mezes outras noticias seguraram-lhe a nossa neutralidade, pelo que comprou huma galera, tencionando vir a Goa reformar o passaporte e mascatear pela costa de Coromandel e Pinão até á China. Recebeo dois passageiros francezes e dois inglezes, e partio a* 23 *de fevereiro, com escala por Maim, onde os devia largar. Este porto francez tinha cahido em poder dos inglezes, que lhe formaram capitulos delle ir ali carregar de arroz para voltar a Mauricias. Não obstante o testemunho dos passageiros e despachos do navio, embargaram-lho. Fez o seu protesto, que o governador e collector assignaram, mettendo-lhe tropa e hum official para ir á Talaxeira receber pimenta por conta da companhia. Carregado e escoltado por huma fragata sahio a* 4 *de maio, como simples passageiro, a bordo do seu navio, que outro governava. Ao segundo dia observou que o barco fazia muita agua, e examinando por donde, co-*

nheceo que era pela prôa, no logar das unhas dos ferros, que ambos dependurados roçavam no cobre e costado, e tinham aberto as costuras, em risco de fazerem rombo. Foi-se queixar ao commandante do máo trato que dava ao navio, pedindo-lhe que posesse as unhas dos ferros em cima; porém aquelle não o attendêra e lhe virára as costas. Nessa tarde sobreveio-lhe grande temporal, que logo os separou da fragata. Sem gente para a manobra e bombas, deitaram o prumo, que lhes mostrou nove pés: abriram muito depressa a escotilha e viram o porão cheio de agua. Neste conflicto e sem remedio, porque o tempo ia a crescer, tirando agua a gamote, buscaram hum sitio onde podessem encalhar. Fizeram suas promessas, em que elle nada confiou, pois tinha na cabeça o dito dos algarves, ácerca do catraeiro, e persuadio-se que o fado daquelle infeliz o perseguia depois que ambos se juntaram no mesmo navio onde tinham naufragado: agora esperava a mesma sorte, bem como outros que via esmorecidos. O mar que o negrume das nuvens destacava horrivelmente do escarcéo alvissimo, trazia á idéa a cruz branca sobre os caixões dos defuntos, e fazia-lhes perder o animo. Quasi que á matroca, pois só cuidavam de esgotar o porão, sem lancha, sem poderem distrahir-se dos gamotes para fazerem huma jangada, iam a largar picotas e baldes quando viram terra. Guinaram para ella, e ás sete horas desse dia 6 de maio encalharam na praia da Manoeira, em altura de quatorze gráos e quinze minutos norte, demorando-lhe a ilha das Pontas a és-sueste.

« Logo que o navio deo a primeira culapada o commandante e seus inglezes deitaram-se ao mar, e todos se afogaram. Dos portuguezes tambem quatro se involveram na ressaca, escapando elle, o piloto e sete marinheiros que os piratas prenderam e despiram. Depois de amarrados, dois a dois, levaram-nos a Patanna á presença de Tipu-Saib, que os mandou metter n'hum calabouço onde lhes davam pouquissimo arroz cozido e agua. Passados cinco mezes de fome e tormentos obtiveram licença de voltarem ás suas terras

pelo que se metteram a caminho descalços e sem hum langutim para esconderem as carnes. De pés escalavrados, cheios de sangue, morrendo de inanição tiveram de passar rios a nado, ou como os macacos agarrados huns a outros, até que chegaram á Talaxeira. Neste porto alguns bemfeitores lhe deram de comer e vestir; e por seus requerimentos lhe deo o governador inglez hum tanto por cabeça até acharem transporte para Gôa. Fez novo protesto, que as auctoridades assignaram, e partio com o piloto naquelle patamarim, esperando que chegassem os marinheiros para formalisar a sua reclamação, de accordo com o dito protesto. »

Aqui termina a historia do capitão Barros, continuando o Diario com outras noticias que não fazem ao caso, concluindo-se do que fica dito qual hé o religiosismo e a quéda dos marinheiros para acreditarem nos milagres e agoiros. Mas á vista d'elle não poderá tambem concluir-se que este capitão, sem ser fanatico, tinha motivos para julgar que as suas desgraças lhe foram preditas pelos algarves depois do facto sinistro? «Não», responderá o leitor, e ninguem de bom senso o acreditará, porque hum facto só não auctorisa a suppor na natureza similhante sujeição a hum principio incognito, e menos ainda predisponencia a certo fim casualmente manifestado. Porém, tornaremos nós, se outros factos iguaes poderem explicar-se da mesma maneira, tambem esse resultado necessario, essa consequencia logica do principio estabelecido poderão attribuir-se ao acaso? Dirá «Sim». Pois bem, replicaremos, esse raciocinio hé exacto cá em terra, mas a gente do mar que se nutre de maravilhas, e na sua imaginação poetica tomou pela luz phosphorica das vagas hum Santelmo; pela toninha o Tritão semi-humano; por hum peixe de longas barbatanas, outro meio ave, a que chamou Voador; julga e acredita que os acontecimentos felizes ou desgraçados se annunciam por bons e *máos agoiros*. E nós que somos marinheiro, que nos nossos quartos solitarios temos comparado alguns, cuja serie conservando certa relação entre si, parece tender a hum remoto desfecho, declarâmos que não fazemos excepção na nossa classe, e

temos como toda ella, se não a mesma fraqueza em gráo subido, ao menos hum cerebro permeavel por todas as idéas que de ordinario costumam affectal-a. Por isso procuraremos attenuar a sua e nossa debilidade descrevendo successos que até certo ponto nos podem servir de desculpa.

Estava o navio *Ceilão* em abril de 1807 de vergas d'alto e ferro a pique no ancoradoiro da Aguada prompto a seguir para Lisboa em conserva do *Asia Grande,* e este, distante meia amarra, de gavias sobre os amantilhos á moda dos navios de guerra, porque a manobra antiga ia sendo reprovada pela theorica applicada á pratica da nossa marinha militar que, desde 1769 a 1800, e mesmo até á sua funesta partida para o Brazil, rivalisava com as melhores do mundo. Dois grandes navios quaes o *Ceilão* e o *Asia* tinham limpado os gudões de Gôa, sendo mister recorrer ás feitorias de Bombaim e Surrate, para os abarrotar, acrescentando-lhe alguns effeitos da China que acabavam de chegar no navio de vias mandado de Macáo. Era pois tarde, e a monção dentro em pouco findaria. No tempo antigo, e ainda hoje, era costume dos indiaticos deixarem por aquellas partes quantos vintens tinham adquirido na Europa, Brazil e Africa; já porque desse modo o seu retorno em fazendas lhe promettia grande ganho; já porque taes artes tem os homens, e attractivosas mulheres dali, que o navegante não queria o dinheiro senão para o sacrificar ás suas seductoras alicantinas. E os gentios tanto confiavam nisso e na fraqueza dos europeos, que no momento de largar véla, depois delles esquecerem as ultimas rupias e patacas pelas boticas e garazes, iam dar-lhe o derradeiro saque ás meias dobras, offerecendo-lhes por modico preço, muges, cobertas, cotonias, lenços e perolas. Nesta especie de feira instantanea, havia para elles a conveniencia de venderem gato por lebre, pois a pressa da faina pouco ou nada permittia examinar isso, que depois se encampava similhantemente em Angola, Rio, ou Bahia. O ajuste de contas ficava para Lisboa, aonde os calculos e arrependimentos dos gastos desordenados, redundavam no projecto de nova viagem para se recuperar o perdido.

Deste modo era, e hé usança velha na India, achar-se o navio que larga, cheio de sarcares, alfaiates, mainatos, ourives, parses, banianes, chinas e mouros carregadinhos de toda a quinquilharia permutavel entre nós. Segundo o costume, desta vez se achava o *Ceilão* atulhado dos taes traficantes, porque o dinheiro sobrava a bordo, e elles tinham regateado o preço dos seus artefactos pela affluencia dos compradores; porém vendo-os partir, entenderam que lhes convinha não ficarem com as fazendas armazenadas. Portanto ninguem se podia mexer na tolda e tombadilho, com o *babaré* daquelle gentilismo de todas as seitas e castas que ha, e frequentam as amenissimas terras do Indostão.

Tinha o *Asia*, já de vêla, dado a sua salva de despedida á fortaleza real, quando ainda a bordo do seu companheiro se pesava oiro, e se recebia fazenda em troco; vindo o chefe Pedro de Moraes Corrêa, de fazer os seus cumprimentos ao commandante delle, Antonio Joaquim dos Reis Portugal, repetir o mesmo obsequio ao deste, Braz Cardoso Barreto Pimentel, grande maquiano e pratico do Malabar. Na atracação do escaler do intendente que era pessoa muito qualificada, na descida dos gentios com aquellas roupas incommodas e sapatos revirados, houve confusão, pegando o bico de hum destes no olhal do gato da escada do portaló que lho fez cahir. O gentio querendo salvar a sua babucha, põe o pé na borda da tona, escorrega-lhe o saquitel do dinheiro, inclina-se para lhe ter mão, faz pendor no barquinho cheio de outros e de trouxas, elles vão a equilibrar-se e viram a tona com toda a carga e passageiros. Destes, poderam logo apanhar-se tres, porém os mais foram-se pela agua abaixo, aos mergulhos. Naquelle sitio ha cinco braças e meia de fundo, pelo que os buzios pescadores de perolas em Mormugão, se offereceram a trazer os afogados, se lhe dessem os saquiteis que podessem apanhar. Braz Cardoso e Pedro de Moraes concordaram nisso, e foi-se a faina demorando á espera do resultado. Fez-se a operação, deram o signal de suspender, e guindaram-se pelas retenidas dois gentios. Tornaram a mergulhar, e voltaram

com dois parses, dizendo que nenhum mais apparecia, nem os saquinhos, talvez cobertos de lodo. Dos quatro corpos emersos cobraram alento só os primeiros, em consequencia do que o piloto Manoel João Pereira, feito ali tenente, disse: «Os diabos dos gentios a modo que nos vieram *agoirar!* Levem esses demonios que são capazes de acarretar desgraça grande». Gritou com os mocadões, fez largar tonas e escaleres, applicou gente ás barras, e pedio ao commandante que não perdessem mais tempo.

Ao largo andava o *Asia* bordejando, pois levára huma boa hora de dianteira, e terral que o posera a 5 ou 6 milhas da costa. O *Ceilão* que estava norte-sul com a bateria da praça em distancia de duas amarras, não tinha bordada para o noroeste com viração de oeste, a oés-sudoeste, e foi esperando que ella lhe rondasse, ou pelo menos que viesse a vasante para bordejar; mas em vez disso desabou-lhe fortissima trovoada, sendo mister acautelar o panno debaixo das gachetas e arriar a amarra. Alta noite, o sudoeste calou duro e a vaga cresceo a pontos de botarem outro ferro para o fundo. Máos raios partam os gentios que nos *vieram agoirar,* dizia a marinhagem; aonde estará o *Asia* a estas horas?! Aquelle sim, que não teve mortos na tolda, nem demonios a mergulhar: talvez que, nem ámanhã daqui se possa sahir com tal carranca e emprasação; aquelle ha de chegar a bom salvamento, e de nós sabe Deos o que será. Continuou a trovoada, o sodoeste fez casa, declarou-se a monção, e Braz Cardoso teve de abrigar-se no outro ancoradoiro com immensa difficuldade; mas depois de presencear huma grande desgraça que o confirmou e á sua gente na existencia dos *agoiros* de que elles eram victimas.

Na manhã de 27 de maio, ventando duro da travessia que até esse tempo não permittíra mudar o navio para Mormugão, vio-se outro muito grande que déra os dois tiros de náo de viagem, respondendo-lhe a Aguada e transmittindo o signal telegrafico para o forte dos Reis. Mil idéas occorreram julgando-se o *Asia* que, tendo apanhado aquellas refregas, arri-

bára; só o tenente general negava isso, pois conhecia o commandante que por caso nenhum voltaria ao mesmo porto. Tinha rasão, o marinheiro experiente e instruido segue certa marcha que explicada demonstra a justa procedencia das suas acções. Nesse meio tempo outros dois tiros e segundo signal telegrafico annunciam que hé fragata de bandeira no tope; e logo após, que demanda a barra. A esta noticia Francisco Antonio manda prevenir o intendente e dirige-se a Gaspar Dias para resolver o que conviesse. Pelo caminho ia vociferando contra o commandante, chamando-lhe nomes descortezes de que era prodigo, pois a sua soberba e insolencia não tinham limites. Hé preciso advertir que este homem de máo humor quando foi para a India, ganhou muita mais irascibilidade pela prisão de tres annos em que Francisco da Cunha o conservou na praça de Mormugão sendo ambos marechaes; depois de immensos requerimentos sem despacho ou escusados, hum amigo lhe remetteo as queixas por expresso a Lisboa, as quaes foram attendidas pelo principe que o mandou soltar, promovendo-o a tenente general, e encarregado daquelle governo. Tinha pois tal petulancia desde o dia 22 de maio de 1794 em que tomou posse, e ainda mais com a sua nomeação de governador effectivo em 1806, que ninguem lhe igualava em despotismo. Nesta occasião magoado por se ver substituido, desabafava soltando injurias contra o *alarve* que naquelle mez vinha á barra.

Chegando a Gaspar Dias vio a fragata fundeada, mas aonde?! ou fosse por que o commandante della tivesse pouca pratica da India, ou porque não attendesse aos conselhos de quem conhecia o local, hé certo que largou ancora em quatro braças, norte sul com o Cabo a meia distancia de Sanquerim! Francisco Antonio desesperou por não poder mandar ninguem a bordo naquella situação; quer por não parecer desconsiderar o seu successor, quer por não soccorrer a fragata que necessariamente se perdia. Hé sabido por quem conhece o paiz, que nos grandes vendavaes da invernada, o mar encapella de tal modo pelo baixio e restingas do forte dos Reis, que

nem no Cabo da Boa Esperança; e que todo o navio surto na Aguada toca, e vai á praia feito pedaços. O *Ceilão*, a quem estava reservado peor destino do que encalhar nella amiga, deveo desta vez o seu salvamento ás precauções de Braz Cardoso, que lhe arriou os mastaréos de gavia e vergas de papafigos, botando-lhe os quatro ferros para o fundo sendo dois em aústes; e tambem a estar em cinco braças e meia pouco distante da fortaleza que o abrigava do oés-noroeste. Mas a fragata que surgíra em quatro braças e a descoberto, com todo o seu apparelho em cima, foi garrando e arrebentando as amarras humas depois das outras, e fazendo tiros de soccorro que pareciam baldados. Nesta anciedade chegou o chefe Pedro de Moraes com a mestrança do arsenal, a quem Francisco Antonio deo terminantes ordens áquelle respeito, mas toda a gente se recusou a metter-se ao mar do modo que elle estava; não havendo mesmo, barco capaz de romper a marulhada e força do vento. De bordo succediam-se os tiros, e foram tarde e mal as horas botando vergas e mastaréos ao convés, a tempo que já tinham perdido o leme. O patrão mór, como quasi todos destemido, offereceo-se ao general para soccorrer a fragata se lhe desse oito homens valentes á sua escolha. Francisco Antonio, posto fosse rispido e feroz, apreciava as grandes acções, e acolheo gostoso a offerta; deo logo a liberdade a dois calcetas que pediram acompanhar aquelle, e prometteo recompensas a quem fosse na embarcação, de maneira que se completou o numero exigido, e lá foram nove marinheiros direitos a Pangim, passando a Verem, a Sanquerim, metter mãos á obra mais arrojada que até então ali se tinha visto.

Quem sabe o que hé huma tormenta ao pé da costa em pouco fundo, hé que póde fazer idéa do modo como a vaga quebra pela orla do porto de Gôa; e quem nunca teve esse grandioso e tremendo espectaculo diante dos olhos, imagine as ondas do Tejo n'hum dia de vendaval de oeste, e agua de vasio quadruplicando em altura e extensão, desdobrando-se com fragor horrivel n'huma praia horisontal, convergindo a

ressaca no extremo do raio opposto ao vento. Assim, quando a fragata caturrava, galgava-lhe a agua por cima do gurupés e alevantava a poppa até mostrar a quilha; e quando batia a culapada, enterrava-se até á grinalda. Ao mesmo tempo os intrepidos navegantes da ardua empresa, n'huma almandia botavam de barlavento direitos a ella, apparecendo no cimo das vagas brancas de espuma, ou sumindo-se no seu concavo escuro, não esperando ninguem que chegassem ao meio da bahia; mas a afoutesa de todos exemplificada pelo maioral, os levou onde recebessem hum cabo que lhes servisse de boça. Vendo de bordo que era impossivel haver atracação ou contacto dos dois cascos, e que varada a fragata estava perdida a esperança de auxilio, deitaram-lhe muitos delles amarrados a capoeiras e remos, até que hum foi tomado pela almandia. Então foram-na os de dentro allando até quasi á poppa, e ali seguros aos mesmos, se passaram para dentro da fragata quasi suffocados. Logo que o patrão mór pôde fallar, disse ao commandante que a fragata ia desfazer-se na praia, e que antes disso era mister picar os mastros e allivia-la de todo, a fim de encalhar no menor fundo, d'onde estabelecendo vaivens poderiam escapar-se ajudados da gente que o intendente postára para os soccorrer. Luiz de Abreu pôs-lhe duvidas, porém o vice-rei conde de Sarzedas ordenou-lhe que seguisse as instrucções do patrão mór. Era então já noite, pelo que se accenderam fogueiras no sitio acommodado ao salvamento, as quaes de espaço a espaço eram apagadas pelas torrentes de chuva que sempre cahia. O clarão dellas dando na onda e nos mastros da fragata tornava a vista do quadro horrenda; a celeuma dos marinheiros de bordo, ouvia-se de mistura com o mugir das vagas, e lá vinham vindo á praia capoeiras, remos, taboas, pedaços de escaleres, toneis, corpos mortos, e tudo que boiava. Finalmente arrebentou-lhe a ultima ancora, e a *Princeza* por antomasia a *Torta* (que tinha sido agoirada na carreira) encalhou a grande distancia da terra, porque apesar da falta do peso que se alijava, tinha aberto, e a muita agua que lhe invadíra o porão, a fazia gravitar mais do que se esti-

vesse carregada. Neste apuro botaram-lhe os mastros abaixo e cavalgou alguem nelles para se ensaiar o vaivem, mas chegando ao rolo da praia, não pôde a gente ter-se firme, e de envolta com a areia foi dar o ultimo suspiro perto dos grupos que presenceavam a sua desgraça sem lhes ser possivel minora-la.

A fragata tinha encalhado favoravelmente, pois tocando primeiro de ré, ficou inclinada a bombordo em direcção obliqua ao mar que lhe chocava a alheta; de maneira que assim poderia resistir-lhe sem se desfazer. O patrão mór, apoiado pelo tenente Manuel Pereira de Macedo, aconselhou o vice-rei que se fossem aguentando dentro até vir a manhã, com a qual o trabalho era outro, e mesmo poderia haver alguma sota que lhe facilitasse os meios de communicação. Adoptado este alvitre, passaram a noite cobertos de agua a cada instante, perdendo-se varios que foram arrojados pela onda longe do navio. Rompeo o crepusculo tarde e melancolico, fizeram fixo hum virador na verga de sobrecellente da gata que ainda lhe restava, botaram-na para terra, e houve gente que se arriscou a pegar-lhe. Então com esta probabilidade de salvamento, fizeram duas roscas de cabos delgados, e os melhores nadadores foram-se deitando ao mar seguros a ellas, acudindo-lhe a gente que os esperava na praia amarrada a diversas retenidas para fugirem á ressaca. Á sua imitação, e já com outros vaivens, quasi todos atidos a caixas, de que Macedo se lembrára, taboas, capoeiras e remos, foram abandonando a fragata. Vendo então o habil patrão mór que chegára a opportunidade de mostrar a sua dedicação, convidou o conde de Sarzedas a seguir o exemplo do tenente. Elle que no meio desta medonha scena conhecêra o seu bom juizo e ousadia, fez quanto aquelle lhe disse; despejou hum bahú, calafetaram-lhe a tampa passaram-lhe hum estropo ás duas argolas, amarrou-se este á rosca do vaivem, amarrou-se o conde ao estropo, e o patrão mór, nadando atrevidamente, foi dirigindo a maquina de modo que ambos chegaram a bom salvamento á praia onde foram soccorridos por quantos se extasiavam do resultado da afoiteza deste marinheiro e dos seus generosos companheiros. O commandante

e o mestre cumprindo o preceito do regimento foram os ultimos que deixaram a fragata, perecendo nella cincoenta e cinco pessoas quer por desgraça, quer pela precipitação com que procuraram a terra, sem os meios que depois se idearam; e perdendo-se hum grande navio por indesculpavel ignorancia ou pouca pratica e teima de quem o governava! Dòis naufragios no intervallo de trinta e dois dias! Duas fragatas, *Principe* e *Princeza* perdidas no mesmo anno, em abril e maio, no Estreito e na India, onde falleceram duzentas e cincoenta e cinco pessoas por iguaes motivos, mostram que responsabilidade resulta ao governo que escolhe para commissões transcendentes, homens inhabeis e desintendidos. E quanto esta mesma responsabilidade multiplica, tornando a confiar commandos a sujeitos que deram provas da sua incapacidade por casos desta natureza. O encalhe e perda de hum navio são factos de tal importancia, que só muito e muito bem analysados se podem avaliar, faltando quasi sempre testemunhas que deponham sem paixão ou suborno, e por isso o mais seguro, era e hé não arriscar vidas e valores, havendo outros officiaes que delles se encarregassem isentos de suspeitas de culpabilidade: hoje acontece o contrario.

Francisco Antonio ficou tão aborrecido do caso e com tanto odio a Luiz de Abreu, commandante da fragata *Princeza*, que nem sequer lhe punha os olhos. Querendo hum dia o conde de Sarzedas ver se o amaciava, armou jogo de voltarete em que elle e Abreu, Francisco Antonio e Mequinez eram parceiros. Roçando Abreu inconsideradamente com o pé no delle diz-lhe Francisco Antonio: «Tire para lá a pata». «Não hé pata, hé pé», responde-lhe Abreu. «Hé pata, hé pata; olhe que lhe metto este castiçal pela bôca dentro: Besta!» E com grande arremeço vai a pegar-lhe, ao que o conde acudio, acabando-se o jogo, e ficando os dois mais indispostos que d'antes.

Mas esta fragata era a *Torta*, era aquella que pegára na carreira, que tinha soffrido desastre no seu começo, que empécera n'hum prego esquecido ou cravado para mal fazer, que torcêra a pôpa, que fôra agoirada como Macedo ouvio nessa

occasião, que lhe deram aquelle nome chulo para designar o seu máo successo, e que finalmente lá cumprio seu fado dando á costa em Gaspar Dias!

Braz Cardoso esperou hum quarto mélhor, e foi-se amarrar ao abrigo da fortaleza de Mormugão, este-oeste com a ponta do Alparqueiro. Livre da cordoada de S. Francisco em outubro, que por todo o Malabar hé temida, regressou para defronte da Aguada surgindo ao pé da *Rainha dos Anjos,* que déra fundo na tarde antecedente, sahida de Lisboa a 20 de março com escala por Moçambique: seu capitão Domingos Gomes Duarte disse que a náo ficava apromptando, e devia partir a 15 ou 20 de abril, mas que tendo-se elle demorado hum mez no porto antecedente, ainda lá não tinha apparecido, causando esta demora já cuidado. No fim de huma semana ouvem-se dois tiros de noite, repetem-se ao amanhecer, e logo que aclarou o dia, descobrio-se a *Conceição* que enfunada foi largar ancora no seu logar do costume. Á vista della, todos do *Ceilão* e *Rainha* se alegraram, pois era realmente hum bonito navio e sempre feliz. Esta sim, esta não teme *agoiros* que anda na carreira sem falhar huma monção; abarrota lá, abarrota aqui; toca e vira, e dá cá rupias ou meias dobras. N'hum barco destes, hé que se póde andar. Coitados! Nem os primeiros, nem os ultimos tinham de ser felizes, porque o mergulho dos gentios, levou aquelles a naufragarem n'huma costa brava, e outro mergulho no Tejo, levou estes a hum aprisionamento, e a náo a ser desfeita na Ilha de França!

Meio apercebido Braz Cardoso, e disposto a sobrecarregar com o producto do transporte de cem praças da fragata, e alguma fazenda dos officiaes d'ella, teve de se demorar á espera que a *Rainha* e *Conceição* completassem as suas facturas, pois o navio chegado em tempo proprio, preferia na compra da carga a qualquer outro que infelizmente houvesse invernado. O tenente Macedo, que era dos passageiros, que tinha assistido ao cahimento da fragata no mar, que lhe ouvíra o *agoiro* do seu máo destino, e que naufragára nella; que tinha sabido da morte dos gentios no bota fóra do *Ceilão*, que sa-

bia de outro *agoiro* a bordo da náo, e scismava com o retardamento della, metteo empenhos ao conde de Sarzedas para lhe dar passagem na *Rainha dos Anjos*, e livrou-se das catastrophes que aconteceram aos dois navios. Estando quasi promptos todos tres, surgio-lhe perto huma galera franceza que parecia de guerra, mas que o seu capitão Sourcuf disse ser mercante, andando armada por causa dos maratas. A titulo de cumprimentos, visitou e examinou os tres vasos, partindo poucos dias depois. Em tempo competente largaram *Conceição* e *Rainha*, e no fim de hum mez, o *Ceilão* que esperára, em consequencia dos motivos acima ditos. Parecia não haver novidade, porque a sahida foi regular, só com a differença dos ares andarem grossos, dando indicios de ventos mareiros. Comtudo, huma corda de noroeste que lhe esticava as escotas e poderia durar até ao sul do Cabo Samorim, animava os navegantes para arrostarem qualquer contrariedade que podessem ter no Cabo. Enganaram-se na conjectura, porque fosse effeito do seu máo fado, fosse acaso, fosse *agoiro*, fosse o que quizessem, o noroeste não lhe soprou dois dias, saltando-lhe ao sueste, e sul na altura da Talaxeira. Não cuidando que fosse já o vento da monção, parecendo-lhe que tal carranca e grossura de nuvens era apenas effeito do rumor do quarto, poseram-se a bordejar, puxando sempre para éste, attendendo a que, o canal entre as Lakuedivas e a costa, hé cheio de perigos do lado das ilhas. Mas era ella, era a furia do Oceano indico sacudida pelo sudoeste negro e de rajadas durissimas que mal lhes deixava reger panno; era a monção que, potente e irresistivel os havia de levar á praia, e terminar-lhe a peripecia. Cansados de bordejar debalde, sem sol para a latitude, n'huma paragem onde as correntes e o rolo do mar davam má estimação da derrota, tristes e abatidos, fizeram termo, e deram ao leme de encontro, arribando para Goa. Ainda mal não tinham singrado dez milhas, dão com a terra pela amura de barlavento a pouca distancia! O céo tinha-se coberto como de costume naquella quadra de tormentas, o horisonte era tão curto nas clarinas, que não se alcançava a duas leguas, e a

terra tão baixa que, mesmo n'hum bello dia, não se avistaria a cinco ou seis. Nesta situação, e amestrados pelo naufragio da *Princeza*, viraram de bordo, e botaram abaixo as vergas e mastaréos de joanetes para forcejarem com as quatro mestras; porém os aguaceiros vinham tão puxados, que assim mesmo o navio não aguentava aquelle panno. Resolvidos a salvar-se, posto que meios duvidosos disso pelas antecedencias, alijaram todo o peso superior, começando pela artilharia, fogão, e carga do convés e coberta. Nesta fadiga, chegou-lhes a noite, que tornava o caso mais medonho e perigoso. Na verdade, como deveriam navegar, ignorando que mar tinham a percorrer? Com aquella proa de sueste a és-sueste, abatimento e variação, faziam caminho de éste, e partiam a terra de meio a meio; para virarem, ignoravam tambem onde ella lhe ficava depois de esgotado o bordo! N'huma palavra, não lhe rondando o vento, era certissima a sua perda, e certa ou quasi certa a sua morte. Destes riscos não apparecem no modo de vida mais perigoso em terra, quando na do marinheiro que hé huma campanha continua, raras viagens deixam de encontrar-se. «Olhem os *agoiros*, diziam estes desgraçados, olhem se os mergulhos dos gentios e o naufragio da fragata, não indicavam naufragio do nosso navio, e morte de quem nelle estivesse!» Debaixo destas apprehensões, foram-se dispondo para encalhar, alliviando o barco, e puxando por aquelle panno rasteiro que o fazia barlaventear melhor. Tambem foram construindo jangadas para nellas se salvarem quando a praia fosse accessivel. Naquelles repetidos aguaceiros de carregar e amurar a véla grande, dá o punho huma sapatada, faz-se a véla em farrapos, arrebenta o braço de barlavento, e parte-se a verga de encontro ao estáe. Então chegou-lhe o termo da sua adversidade, mas queriam retardal-o até amanhecer. Para isso, poseram de kapa e largaram dois ferros com as amarras pelos chicotes á laia de poitas. De prumos na mão, e já em doze braças, pouco lhes restava de espera, mas por misericordia de Deos, foram as horas decorrendo e o fundo lentamente diminuindo, donde inferiram que, sendo a terra muito rasa,

espraiava até muito fóra. Isto que não era de todo máo para lhes dar tempo a que chegasse o dia, tinha de pessimo o fazer encalhar o navio tanto ao largo, que não permittia estabelecer vaivens. Rompeo a manhã, e com ella se sentio a primeira culapada, que a todos fez arripiar os cabellos, bem que estivessem preparados para esse choque: aquelle baque sinistro, aviso e precursor da morte, Jesus! pungio o coração mais duro, e fez com que todos maquinalmente gritassem: «Misericordia; Senhor Deos, misericordia!» No fim de tres ou quatro minutos, deo segunda, deo terceira, e foi-se-lhe o leme!

A terra distava cousa de duas milhas, e então encalhando naquelle sitio difficilmente se poderiam salvar: mesmo nas jangadas, era isso de tal impossibilidade, que o fazel-as e botar-se a ellas, parecia mais capricho do que esperança de salvamento. Mas nem por isso ficaram apathicos; o seu mesmo perigo, e o exemplo da *Princeza,* lhes deo valor para recorrerem aos ultimos meios, que a força da alma, e a intelligencia podem suggerir. O fundo era de alfaques, pelo que escapando do primeiro, onde perderam o leme, teve o *Ceilão* seu espaço de mar para correr, até pegar de novo; e pegando, foi batendo aqui e ali, á matroca e mercê das ondas, sem escaleres ou lancha, perdidos já, meio inclinado, e encalhando finalmente a tres amarras de distancia, de humas arvores que pareciam chegar á babuge da maré. Picados os mastros, e feita a jangada delles e antenas, foram-se botando a ella com as suas trouxinhas, resto da riqueza que esperavam salvar de dois grandes navios *(Princeza* e *Ceilão)* e das suas viagens da India. Braz Cardoso e Manoel João, que tinham reconhecido a excellencia do methodo de Macedo na praia de Gaspar Dias, despejaram cada hum dois bahús, deixando-lhe pouca cousa de valor, calafetaram-lhe as tampas como Macedo fizera, ao seu, amarraram-lhe comedoiros e remos de argola, a argola á feição de cangalhas, metteram-se no meio, e assim foram direitos á costa que acharam ser de lodo fino. A jangada dos mastros chegou tambem, mas desgraçadamente o seu peso e grande carga fazendo-a gravitar muito, não deixava que

ella se aproximasse a terreno fixo. Alguns marinheiros impacientes della, e das outras pequenas, quizeram tomar pé, largaram-se e submergiram-se pelo lodo abaixo. Braz Cardoso e seu piloto, que tinham abordado quasi a chão enxuto, advertiram aos outros, que esperassem o fim da enchente, ou pelo menos, que lhes deitassem hum cabo que allasse as cangalhas adonde viessem aos poucos. Assim aconteceo, porque os dois, despejaram os bahús de todo o peso, de modo que perfeitamente leves, foram allados para a jangada, e com aquelle auxilio, quarenta pessoas poderam salvar-se; e as cem restantes dos malfadados *Ceilão* e *Torta,* foram victimas de hum destino que certos *agoïros* pareciam ter indicado.

Os detalhes deste naufragio tivemol-os da bôca do proprio Manoel João, que foi comnosco á India por immediato da *Magnanimo* em 1822, e nos mostrou o logar onde encalhára; e as circumstancias do naufragio da *Princeza,* não só lhas ouvimos e a muita gente de Gôa testemunhas presenceaes, se não tambem ao nosso camarada Macedo que, á nossa familia e amigos bastantes vezes contava as suas campanhas e desgraças, referindo a maior dellas ao *agoiro* da pegadella da fragata, donde lhe ficou o tal nome de *Torta.* Agora contaremos o desastre da *Conceição,* que tambem foi *agoirada,* e deo por fim os ossos na Ilha de França.

Pelas 7 horas da manhã do dia 24 de abril de 1807, estava a náo defronte do pontal de Cacilhas, com dois barcos á borda, guarnecidos de soldadesca, guardando trezentos e seis degradados que, nessa monção, ella devia conduzir á India e Moçambique; e a tolda e convés areados de areia vermelha, cheios de huma multidão que trasbordava do tombadilho ao castello. Gente immensa que, por folgança e obsequio ao excellente Freire e sobrecarga Muller, desembargadores e mais passageiros, tinha toda a liberdade de ver e explorar o navio, subindo á enxarcia e rodeando-o pelas mesas e cintado. Fazendo contraste com o bulicio e movimento dos curiosos, e tripolação que se aprestava para a manobra, descobria-se debaixo do tombadilho ao pé do mastro da mezena, hum esbelto ca-

dete do Caes, de lindo e claro rosto, cabello preto, e grandes olhos escuros que, de braços cruzados e silencioso, parecia absorvido em tristes reflexões; outra pessoa de maior idade, n'huma cadeira, apoiando os cotovelos sobre a mesa, escondia a cabeça entre as mãos, igualmente como entregue a seus pensamentos! Era o pae daquelle que, por circumstancias domesticas ou desvios da mocidade, o fazia degradar para a India na patente de alferes; e juiz, executor, e parte, o tinha acordado bem cedo e conduzido a bordo, sem lhe dar explicação, como depois se soube.

Assim que o commandante recebeo a parte de estarem recolhidos no alojamento os soldados de transporte [1] chamou o tenente da tropa ordenando-lhe que, ao apito do mestre, désse os dois tiros de náo de viagem; e elle foi para o bailéo da escada do tombadilho para manobrar. A aragem de éste a ésnueste fraquinha, pouco fazia disparar a bandeira, porém como era fim de enchente, e a náo embarcação fina, assim de prôa á barra devia seguir, até que calasse o norte e lhe acudisse a vasante perto de Belem. Prompto o tenente com os seus dois escoteiros á espera do signal, recommendou-lhe o commandante que tivesse cautela, e fizesse retirar todos que se achassem nas mesas, não acontecesse desgraça; o que elle cumprio mettendo a cabeça pela primeira portinhola da tolda, repetindo as advertencias, até que a mesa ficou liberta. Como já dissemos, havia alguem subido á enxarcia para observar a revista dos presos que, no acto da sua entrega, eram despojados dos metaes que possuiam, sem ao menos lhes ficar hum canivete, que na India recobravam; entendendo que a ordem não se referia a elles, ou mesmo referindo-se, pouco se deviam importar com os tiros que faziam a sua explosão fóra da borda. Ouvio-se o apito, largaram-se gavias, e deram-se os dois tiros successivos, com as duas peças da tolda a bombordo, começando-se a faina da sahida; porém nesse relance gritam dos botes: «Homem ao mar, homem ao mar!» Ou fosse por causa do fumo, ou pela columna do ar que refluisse da bôca das

(1) Chamavam soldados de transporte aos degradados.

peças por ser ali barlavento, hé certo que das pessoas subidas á enfrexadura, duas foram precipitadas da enxarcia a baixo, cahindo huma dentro do escaler meia morta, e a outra depois de partir a cabeça no rebarbo da chapa da mesa em que descança a verga de sobrecellente da gavia, mergulhou no rio e desappareceo. A este motim e alvoroço, ergueo-se o pae do cadete, pôs os olhos no filho e entrou para a camara, talvez escondendo a sua sensibilidade ou remorsos; este sem lhe dar palavra deixou correr as lagrimas, até então contidas, e soltas por aquella concussão de máo presagio. O folgasão Almada[1] que abria a porta do camarote, perguntou-lhe: «Que tem, sr. cadete? Está tão afflicto! A modo que nos quer *agoirar* a viagem! Não basta a desgraça que aconteceo por não fazerem caso das advertencias, temos tambem lagrimas por outros motivos?!» O cadete não pôde ou não quiz responder, e elle entrou e sahio depressa, repetindo: «Longe vão os *agoiros,* basta delles, sr. cadete». Restabelecido o socego, caçadas e içadas gavias e joanetes, largos os barcos e a amarração, foi-se a náo mexendo mansamente, custando-lhe a vencer a pouca força da agua de cheio, mas sempre seguindo. O tempo calmoso indicava trovoada, e das onze para o meio dia começaram as nuvens acastelladas do sudoéste a crescer, mostrando que ella estava proxima; a arajem de éste rondou para o sul, e ás duas horas chamára-se aquelle que a fez desabar rijo, pelo que foi a náo fundear defronte da Junqueira. Todos os curiosos voltaram para terra encharcados, e a *Conceição* só na manhã de 25 botou da barra em fóra. Porém, tendo soffrido transtorno, e acontecendo-lhe hum caso sinistro que fez pronunciar ao piloto Almada aquella palavra fatal de *agoiro*, e que parece ter influido na sorte do mesmo navio, e de quem a proferio; isto hé, sendo este aprisionado e desfeito, e aquelle outra vez prisioneiro e lançado nos horriveis pontões inglezes, jazendo immenso tempo na maior miseria, e conseguindo a sua liberdade, por intervenção do nosso embaixador em Londres, perante quem justificou a sua inno-

[1] Segundo piloto da náo.

cencia, e viagem forçada a bordo de barco inimigo depois da tomada da náo pelos francezes.

Chegando a náo a Gôa, com varia fortuna, estava meia carregada quando lhe surgio perto huma galera franceza, como atraz dissemos. Ignorando-se então na India a existencia do tratado de Fontainebleau, teve o capitão da mesma, que delle sabia, os meios de observar a sua força, intromettendo-se com o commandante e sobrecarga, travando com elles a mais perfeita amisade, á sombra da qual obteve os esclarecimentos que lhe convinham. Concluido o seu exame, foi preparar-se á Ilha de França, e depois cruzar na Costa do Natal, em cuja altura devia encontrar hum dos tres navios; porém todo o empenho era pela náo, por ser o melhor delles e o mais importante. Sahindo ella, como vimos, suppondo-se a seu bordo que durava a paz, não fizeram reparo, no modo por que a galera lhe buscou fallar por barlavento, quando a avistou na altura da dita costa; nem poseram a postos quando a conheceram, julgando-a amiga. Navio de carga, e abarrotado até, por entre as peças no convés, com huma guarnição que, longe de fazer exercicios e de pensar nas armas, só cuidava de ganhar dinheiro, era-lhe impossivel resistir ao ataque imprevisto de huma boa curveta que se adestrára para a surprender, e que tinha começado o ataque do modo o mais traiçoeiro, fazendo-lhe fogo logo depois da voz de:

—Arria a bandeira que estamos em guerra!

O commandante que ao catavento, manobrava para fallar a Sourcuf, ouvindo-lhe a intimação, mandou tocar a póstos e conservou-se no seo logar em quanto lhe obedeceram; mas teve de render-se e de poupar a vida ao fraco e malvado que arriou a bandeira sem sua ordem. Foi tudo confusão e espanto no lance inopinado em que a *Conceição*, sem a sua bateria safa, peças desatracadas, nem morrões accesos era aggredida por bandas de metralha a tiro de pistola. Com tudo, alguem houve que não esmoreceo e fez o seu dever. O piloto Almada e toda a tropa correram ao convés e responderam á curveta, que logo desarvorou do mastaréo da gata; mas entrando hum taco della

pela segunda porta de ré da náo, e communicando o fogo a varios cartuxos, lavrou o incendio pelos fardos de que a bateria estava abarrotada, queimando-se muita gente pela explusão dos polvorinhos, que todos rebentaram. Foi então que a marinhagem, para lhe acudir, tendo o navio em chammas, levada de terror panico, largou as armas e correo aos baldes, havendo hum indigno que arriou a bandeira por seu moto proprio. Desta traição e desgraça que fez perder aos portuguezes hum vaso riquissimo, foi o bondoso Antonio José Freire o mais aggravado, pois lhe cahio ao mar a sua carteira com trinta e cinco mil cruzados em perolas, na passagem para bordo do corsario; depois respondeo a conselho no Rio, soffreo aspera sentença por não ter a gente a póstos e exercitada (bem que andasse em navio de carga); e morreo finalmente longe da patria em que deixava huma familia pobre, que antes daquella desventura era rica e feliz!

E o embaraço da náo que não foi logo de vez? E a morte daquelle que estava nos enfrexates? E as lagrimas do cadete que provocaram o dito de *agoiro,* não fariam suppor que a viagem tinha de ser desgraçada?! Talvez que não, e que estas chimeras devessem esquecer, attribuindo-se tudo que teve logar ao curso ordinario e regular das cousas humanas; porém o marinheiro que, a par destes casos desastrosos, vê sempre aquillo a que geralmente se chama *agoiro,* parece ter desculpa das suas apprehensões. E se huma coincidencia de factos assim combinados não basta para lhe justificar a crença, vamos ainda ver se no comboi da *Successo* encontrâmos circumstancias que possam aproveitar-lhe, e amolleguem o cerebro menos sujeito a estas impressões phantasticas que nelle predominam. Em Inglaterra podem essas, a ponto de estorvarem viagens, e tem tanta força que rarissimo commandante larga de porto nacional á sexta feira; e nenhum capitão larga dali nem de outro porto neste dia. Certo inglez, para combater os prejuizos dos seus conterraneos, mandou construir hum navio começado á sexta feira, deitado ao mar á sexta feira, largo do porto em sexta feira, mas por fatalidade perdido

tambem n'huma sexta feira. Desde então, ficou ella de tal modo aziaga que, nenhum maritimo do Reino-Unido começa viagem que tenha este máo principio; e nós sabemos de dois casos acontecidos a bordo do *Maia e Cardoso* e *Princeza Real*, que parecem confirmar esta especie de *agoiro*. No entretanto vamos aó comboi da *Successo*, para que os termos da serie delles conservem a sua ordem chronologica, e depois trataremos destes que se comprehendem na sahida e decurso das viagens daquellas charruas.

No dia 1.º de agosto de 1819 todo este magnifico Tejo se via apinhado de embarcações, tanto de alto bordo como de remo, carregadas de passageiros, de curiosos, de bagagens e de comestiveis, e cruzando estas as suas aguas em varios sentidos, entretendo assim a communicação daquellas com a terra. Milhares de catraeiros apinhados na Ribeira Nova, caes do Sodré, das Columnas e mais embarcadoiros da margem do norte até Belem gritavam:

—Aqui, aqui; vamos a bordo? Vamos a Paço d'Arcos? Vou ganhar tres pintos com quatro homens. Aqui, aqui neste; dois homens até á Torre; dois pintos por todo o dia! A mim, sr. capitão, aqui neste; seis tostões até á Boa Viagem, vamos á véla. Deixe lá, vinha outro impertinente, aqui tem hum bote lançado do trinque, anda como huma bicha; vamos nelle a remos sem lhe tirar o toldo?

E nestes offerecimentos e cercando os concorrentes até á rampa dos caes os iam impellindo até algum se metter no bote do primeiro que se filára ao braço ou aba da casaca de quem parecia disposto a embarcar. De todos os pontos da cidade, de onde se descobria o Tejo, grandes grupos pareciam deleitar-se com a sua maravilhosa vista nesta occasião. De muitas janellas, toalhas ou lenços brancos, indicavam a saudade com que a mãe, a irmã, a amante se despedíra e renovava os desejos da boa viagem ao filho querido, ao companheiro, ao amigo do coração que se apartavam. Pelo meio do rio, scenas de igual sensibilidade compungiam ou alegravam os observadores: deste e daquelle bote se acenava, e perto da poppa ou

portaló se ouviam palavras consoladoras ou saudosas aos navegantes. N'huma palavra, era geral o interesse da população desta immensa cidade, pelo maior comboi que neste seculo aqui se tinha reunido. Hum pinhal de mastros e hum milhão de navios de todas as qualidades e nações, da Cruz da Pedra para baixo, mostravam que vida então tinha a nossa armada, o nosso commercio e o importante movimento da nossa praça; hoje tão pobre de dinheiro, que não ha hum bota fóra esplendido; e de navios, que todos cabem no acanhado quadro que, huma fiscalisação estulta, importou para o definhar. Separados daquelles que pareciam estar á carga, ou demorados, distinguiam-se reunidos cincoenta que, de Alcantara em diante obedeciam á flamula içada na fragata *Successo*. Todos de ancoras a pique, vergas de alto, gavias sobre fios, grimpas azues e bandeiras no penol, esperavam o signal da capitanea que os devia comboiar, seguida da fragata *Venus*, brigue *Providencia*, escuna *Leopoldina* e escuna *Ligeira;* ao todo cincoenta e cinco embarcações, que de huma bordada deviam botar de barra fóra.

A bordo da *Successo* tudo era confusão e desordem, ninguem se conhecia, se entendia, se podia mexer; gente que vinha, gente que ia; escaleres que largavam, marinheiros dos navios de guerra, marinheiros mercantes, capitães que vinham receber o regimento, commandantes que vinham á ordem, correios das secretarias com officios, creados da casa real com encommendas e mobilia, escaleres do arsenal com passageiros d'estado, escaler do patrão mór e barcaça para pegar na amarração, tudo fazia hum tal borborinho e embaraço que ninguem imagina. Neste meio tempo sente-se como hum furacão, trinta ou quarenta pessoas precipitam-se humas sobre outras, grita-se ás armas, correm a ellas officiaes e soldados sem se saber pelo que, e n'hum relance, descobrem-se quinze ou vinte marinheiros que fogem para o sul no primeiro escaler que estava atracado por bombordo. Salta ao segundo, que são desertores, grita o capitão tenente Pessoa; são os marinheiros presos que fugiram, salta comigo; e

foi correndo pelos cunhos do costado seguido do voluntario Heitor. O commandante que subira nesse momento, mandou que fosse tambem o tenente Abreu e quatro soldados, e no terceiro, o capitão tenente Guedes, com maior escolta e dois voluntarios. Assim se fez, tudo isto se passou em menos de cinco minutos, e lá foram os fugitivos e quem os perseguia a caminho de Porto Brandão que, nem que levassem o diabo no corpo.

Porém que foi feito da sentinella do portaló?... Impellida pelos transfugas, cahio da fragata abaixo sobre hum catraeiro, que estava mettendo fructa pela portinhola da bôca no convés, dando-lhe com a coronha da arma na cabeça, que lha partio, precipitando-o no mar, e elle ficou escalavrado da quéda nos bancos do bote, quasi morto!

—Chega para mim, algarves, diz o patrão mór Francisco, péga ali na hostacha, que o caso não hé com vossês; toma cuidado no arriar, quando a fragata se fizer de véla; anda para ali, que vossês cá ficam!

Com effeito, os algarves, pareciam atonitos com a quéda da sentinella e desapparecimento do catraeiro que se submergíra.

—Safa, diabo, rosnavam elles, que a viagem começa *agoirada!* Veremos se ainda hoje não ha desordem ou desgraça grande!

—Cá por mim, acode hum, se pertencesse ao navio, já lhe dizia adeos antes que me cahisse o *agoiro*. Ó Manel, aquelle não se benzeo hoje, e levou-o o diabo com arma e tudo!

—Hé para te fazer fogo quando te pilhar a geito, lá no inferno, responde outro.

—Não, tornou o primeiro, que tu vais na proa e serves de alvo.

Foram interrompidos pelo regresso dos tres escaleres que traziam cinco desertores, os quaes tendo seguido estrada direita foram alcançados pela tropa e voluntarios, e os outros metteram-se aos barrancos, ou por entre as vinhas como coelhos, escapando-se. Estes pobres, vieram para o pé do cabrestante, formou-se a guarnição, leram-se-lhe os artigos de

guerra, e levou cada hum delles suas vinte e cinco tremendas chibatadas sobre as costas, donde lhe escorria o sangue em bica.

Feito o castigo, e todos a póstos para faina geral, adriças e escôtas na mão, gageiros nas vergas e tudo prompto ao primeiro golpe de apito, içou-se o signal de fazer de véla; deo-se o primeiro esticão ás escôtas, rebentaram os nós dos fios de carreta, largaram-se, caçaram-se e içaram-se gavias ao som do pifaro, como convem á simultaneidade das manobras militares. Largou-se o virador que aguentava a fragata, e lá vai a *Successo* por esse Tejo abaixo cercada de trinta ou quarenta escaleres e botes; e logo após, seguida de cincoenta e quatro embarcações da esquadra e comboi que lhe pertenciam. O tempo era bellissimo, estava sereno, e a aragem do nordeste quasi que nem disparava as grimpas, distinctivos e bandeiras; por isso não havia nada mais lindo do que a multidão de pequenos barcos á véla e remos, e a prespectiva daquelles cincoenta e cinco navios que pareciam ir escorregando por hum mar de estanho. Entre tantos e tão variados cascos de armações diversas, muitos se descobriam de encantadora apparencia, porém o que mais admirava era a formosa escuna *Circe*. Nada podia chegar á sua finura de fórmas, á sua elegancia e simplicidade, áquelle tão singelo arvoredo, áquelles mastros tão esbeltos e direitinhos; as suas verguinhas pareciam dois palitos, aquelles braços pareciam cabellos, o seu escalersinho huma casca de noz: a *Circe* era realmente huma feiticeira, huma magica de docissima ternura. Ficára ella quasi ao pé da *Venus*, que cobria a retaguarda do comboi e assim, pela sua amura de bombordo e á sua sombra, ia como ás escondidas, namorando quantos apaixonados das bellezas nauticas lhe punham a vista em cima. Fóra da barra, havia vento, não muito fresco, porém de encher o panno, enfunando-se o dos navios logo que sulcavam o mar azulado pelo norte. Só a *Venus* lá vinha preguiçosa na cauda da columna, entre torres, mais impellida pela corrente do que pela arajem, pois as suas vélas de lona cahidas, não indicavam soffrer o mais pequeno cho-

que della; e pela sua amura, o lindo barquinho que todo era bujarrona e latinos. Á sombra da fragata ainda menos impressão aquell'outra lhe fazia, mas com o peso da retranca na alheta, caminhava hum pouco adornadinha a bombordo. Assim foram navegando as duas embarcações, que de todo o comboi se viam projectar na longiqua cidade, até que a prôa da *Venus* cortou as primeiras rugas do Oceano, e o vento lhe fez ranger os gornes e esticar as escôtas. A fragata inclinou-se, deo duas cabeçadèlas como que reverenciando o senhor da antiga Atlantida, e veio para o ló, seguindo neste movimento o effeito da acção e decomposição da força do fluido naquellas differentes superficies. Então, ficando a escuna a descoberto, e recebendo de improviso o golpe de que a fragata a amparava, adormeceo de maneira que não pôde adriçar-se quando lhe quizeram acudir, e n'hum abrir e fechar de olhos, mostrou a quilha e parte do casco como o costado de huma baleia.

—Ai da *Circe!* Foi hum grito unanime a bordo da *Successo;* lá se virou a *Circe!!*

O commandante fez logo signal de soccorrer o navio em perigo, e atravessou para arriar o segundo escaler. Todo o comboi fez outro tanto, mas só a *Venus* foi que obteve salvar quatro homens dos sete que compunham a guarnição da desditosa escuna, a qual depois delles recolhidos se submergio. Hum suor frio correo dos poros dos navegantes, e muitos insensivelmente tiraram os chapéos e correram as mãos pela testa e cabeça. Por espaço de oito a dez minutos custou a respirar, e ninguem atinava com o que dizia. Passado aquelle sobresalto, e regressando o escaler de bordo da *Venus* com a noticia do que acontecêra, começaram os commentos do facto e os chistosos ditos do capitão tenente Pessoa que, vigiando no castello em faina geral, se divertia á custa do mestre e artifices; e nesta occasião os disfructava ácerca do *agoiro* dos algarves, remettendo-os a José Nunes Silveira, que ignorando taes apprehensões, ia segurando os seus bárquinhos, quer elles fizessem cambona logo aqui, como esta sua *Circe,* quer varassem na costa da Nova Hollanda, como

lhe acontecêra ao *Correio d'Asia,* segundo vimos no diario de Silva.

Cincoenta e quatro navios! Que linda vista? Como anda o *Providencia!* Hé hum casco bem bonito, a cada instante precisa atravessar a gavia para não transpor o través da *Successo;* aquelle cobre novo tão limpo; como se vai esfregando pela onda, que o lava de poppa á prôa. E a *Leopoldina?* Como marcha ufana, batendo o mar. A *Venus* hé huma boa fragata, porém a respeito do nome, foi hum epigramma: deviam chamar-lhe *Gorgona* ou *Medeia,* ou cousa de metter medo, mas *Venus!* Estes nossos ministros da marinha precisavam aprender com José Nunes a baptisar navios, que não vai buscar nomes a capricho, como se vio no tal *Correio d'Asia,* nesta *Circe,* no *Delfim,* no *Temerario,* etc. Olhem lá, vejam se hum briguesinho daquelle tamanho, que vai passar o Cabo e arrostar depois os tufões da China, não hé *Temerario?!* E apontava para elle.

Isto dizia o excellente camarada Pessoa que se ria de tudo, fazendo rir os outros com a sua critica e apologos. Na verdade tinha rasão, porque os nomes dos vasos, devem ser apropriados á sua força e serviço. Não ha cousa mais disparatada do que chamar *Hercules* a hum brigue de curtas dimensões, e *Ligeiro* a outro de grande amura e alteroso; bem como *Pedra* a hum vaso de madeira, com outras incompatibilidades que offendem o senso commum. Que quer dizer huma *D. Fernando,* huma *D. Pedro,* huma *Principe D. Pedro?!* Porém como o baptismo recahe sobre a quilha do navio que ha de ser e não hé, muitas vezes este fica defeituoso ou muda de classe e de genero, e o nome não corresponde á sua significação. Era melhor baptizal-os depois de cahirem no mar, evitando-se esta ridicula nomenclatura terminando em «o» a sujeitos femininos. Nesta nossa marinha de guerra, tem havido nomes de navios realmente significativos, como o de *Providencia,* que salvo o genero, representava a idéa. Não fallando das náos que todas tinham nomes de heroes, de pessoas reaes, e synonymos da realeza, menos a *Meduza,* vimos que para as fragatas se escolhiam aquelles que concordavam com o seu

genero e classe, e então tivemos as Senhoras da *Nazareth*, da *Gloria*, da *Graça*, do *Pilar*, da *Assumpção*, as *Thetis*, *Minerva*, *Carlota*, *Diana*, *União*, etc. que pela sua força e genero podiam reputar-se deosas ou rainhas dos mares. Depois destas chamaram ás curvetas, divindades de inferior categoria, apparecendo então as *Cybelle*, *Aurora*, *Iris*, *Calipso*; deram-lhes nomes de musas, de animaes, de aves, de princezas e seus appellativos, chamando-lhes, *Urania*, *Andorinha*, *Salamandra*, *Activa*, *Izabel Maria*, *Infanta Regente*, *Maria da Gloria*. Isto entende-se porque todo o vivente, todo o objecto sensivel póde ter huma qualidade e possuir hum attributo representado pelo navio que se designa; hé logico e justo, que ao maior e mais imponente producto das sciencias e esforço humano, se chame alguma cousa que indique valor, nobreza, magestade, e se represente pelo nome de hum heroe. Embora *náo* pertença ao genero feminino, o seu nome technico hé *navio*, e tambem lhe cabe o de *Affonso de Albuquerque* como o de *Rainha de Portugal*; e apesar de huma certa antithese, repetem-se com á mesma euphonia os nomes das náos *D. João de Castro*, *Vasco da Gama*, *Martim de Freitas*, *D. João VI*, que os das *Meduza*, *Maria I*, *Princeza da Beira* ou *Giganta*; isto hé, diziamos sem parecer chocar a boa rasão que a náo *Principe Real* era a maior quilha que havia na Europa, quando a *Senhora de Belem* era a mais pequena; que a *S. Sebastião*, posto ser de sessenta, era mais alterosa que todas as de oitenta, e que a *Senhora d'Ajuda* sendo deste lote, era rasa como huma fragata; em fim que as náos *Conde Henrique* e *Principe do Brazil* eram navios de tanta bôca como quaesquer de tres baterias. E aqui se vê que ao abrigo da grandeza e importancia do sugeito que ali predomina, esquece o genero da embarcação, e tudo se refere só á sua qualidade.

Aos brigues deram nomes de peixes que, sendo travessos e guerreiros melhor lhes ficavam, como o *Espadarte* que foi tão lindo; o *Voador* que parecia saír da onda como faz aquelle animalsinho: de rios, que todos de Portugal foram lembrados

começando pelo *Tejo*, seguindo-se-lhe o *Douro*, o *Mondego*, o *Vouga*, o *Tamega*; de aves, de homens, de animaes, de sentimentos, e tivemos o *Gavião*, o *Falcão*, o *Galgo*, o *Principezinho*, *D. Sebastião*, *D. Pedro*, *D. Miguel*, *D. Estevam de Athaide*, *Liberal*, *Balão*, *Treze de Maio*, *Vinte e Tres de Julho*, *Leal Portuguez*, e centos de outros que omittimos. Ás escunas appellidaram-nas igualmente bem por todos os nomes femininos, chamando com propriedade a huma *Ninfa*, a outra *Curiosa*, havendo conveniencia de representar o individuo pela sua condição, pois que huma escuna que deve ser ligeira e andadora, bem lhe fica a denominação de *Curiosa*; e a outra de fórmas delicadas, fina e esbelta hé naturalmente huma *Ninfa*. E assim tivemos a *Constancia*, que foi offerta de hum portuguez expatriado, mas fiel ao seu paiz; a *Velha de Diu*, *Terceira*, *Graciosa*, *Faial*, *Faro*, *Coquette*, *Amelia*, *Memoria*, etc., que recordavam factos e logares notaveis. Hé certo que algumas aberrações appareceram sahindo do estaleiro as fragatas *Tritão*, *Golfinho*, *Cysne*, e os brigues *Vingança*, *Lebre*, *Gaivota*, *Serpente*, de generos oppostos; porém nunca ellas foram de tal modo antitheticas, que repugnasse absolutamente o nome á cousa nomeada, pois tritão, cysne, lebre, gaivota e serpente são peixes e aves de summa ligeireza e velocidade, que hé hum dos quesitos das fragatas e brigues, propriamente embarcações ligeiras. Quanto ás fragatas *S. João Principe*, *D. Pedro*, *D. Fernando*, *Principe do Brazil*, curvetas *Infante D. Miguel*, *D. João I*, *Oito de Julho* e brigue *Serra do Pilar*, etc., mostra-se que assim se alterou o verdadeiro sentido das palavras, pela força dos governos absolutos, os quaes constrangem o raciocinio e a intelligencia, a dar-lhe cultos em desprezo do bom senso e das regras da grammatica.

Tornando pois ao *Providencia* que nos levou a esta digressão, repetimos que, salvo o genero, tinha hum nome significativo, porque não havendo cinco réis no thesouro de Portugal, sobrecarregado então com as despezas da guerra, e remettendo immensas preciosidades para o Rio de Janeiro, construio-se

aquelle vaso; logo deveo-se á providencia, e *Providencia* devia chamar-se. Para representar o prototypo da idéa era mister que fosse do genero feminino, pelo menos curveta, mas a sua pequenez e acanhamento não comportando tres mastros, ficou apenas com dois, e mudou-se-lhe o artigo de «a» em «o». Não aconteceo assim á *Lealdade,* na qual se corregio este defeito. Foi a lealdade dos portuguezes ao seu fugitivo soberano, que lhe deo forças para construirem huma curveta, no tempo em que exauridos pela campanha peninsular, pelo resgate dos cativos de Argel, e pela contribuição mensal de cincoenta contos amoedados e trinta em equipamentos para a divisão de voluntarios reaes, se achava o paiz na maior desgraça e abandono. Mas a lealdade delles ninguem avaliou, desconheceram-na, desprezaram-na, e foi a curveta que a symbolisava mandada ao Rio de Janeiro; voltou pelos ares, trouxe a Carta Constitucional e encalharam-na. A Carta foi repudiada pelo usurpador e seus satellites, e a curveta seguindo aquelle destino, desfez-se por incapaz de nenhum fabrico, sumindo-se do mesmo modo que a causa de onde se originára.

Qual será o homem do mar que, reflectindo na sorte deste e de outros navios, não alimentará idéas phantasticas, e deixará de acreditar na influencia de palavras e nomes fatidicos que tornam os navios e quanto lhe respeita felizes ou desgraçados? Bem poucos, e por mais que os supponham isentos desta fraqueza, se fraqueza hé, huma apprehensão devida a certa continuidade de factos que se explicam da mesma maneira, tal concurso de circumstancias ha e tem havido na existencia de muitos delles, que fizeram e podem fazer mossa no peito mais endurecido. Deixando porém reflexões que nos desviem do assumpto que incidentemente preterimos e do qual parecemos estar bem longe, vamos seguindo o comboi da *Successo* que deixámos ao sahir da barra, que talvez nos forneça argumento que colha em favor do scismatico marinheiro, ou pelo menos que dê visos de profecia ao dito dos algarves do escaler do patrão mór.

Cincoenta embarcações mercantes e cinco de guerra! Que

foi feito dellas? Nem huma existe, e bem poucas então fizeram a sua viagem redonda sem desastre! Bella viagem devia aquella ser, mas huma palavra sinistra dita em consequencia de hum facto casual, parecia ter-lhe denunciado o desgraçado termo. Bella viagem, pois era verão; tempo estio, ventinho bonançoso, pequeno mar, immensas alvacoras, judeus, toninhas e milhões de voadores, tornavam aquella vista e multidão de navios a cousa mais divertida que ha no mar; no mar que ordinariamente hé bravo, solitario e monotono! Nesta occasião parecia alegre pelas bandeiras dos signaes que se faziam, pelos escaleres que nelle transitavam, pelas manobras dos mais veleiros esperando pelos de peior marcha, dando-se reboque a hum peior de todos; pelas guinadas da *Successo* que lhes fallava; seguindo a *Ligeira* para reconhecer huma véla no horisonte, e vindo a *Leopoldina* receber ordens que transmittia aos remissos e desentendidos. Emfim, era huma vista deliciosa, e dava indicios daquelle comboi ser dos mais afortunados, favorecido por tão bonito tempo, e tal quadra de bonanças.

Não longe das Canarias deram ellas em calmaria, e á vista da Palma morreram de todo. Alguns navios foram-se encostando á terra, outros levados pela corrente e relheiros, afastando-se até ficarem de cascos alagados, e o comboi que depois do caso da *Circe* caminhava agradavelmente, posto que de vagar, tornou-se n'hum valle de lagrimas e quasi que se desfez. Calmas sempre, correntes daqui, reboques dalli, perguntas a outros, chegou a noite que se passou em grande inquietação, fazendo-se tigelinhas e tiros; e até que ao arrebol da manhã, com as bafagens, poderam reunir-se trinta e oito dos cincoenta e quatro que na vespera se divisavam. Esta dispersão foi filha da indisciplina dos capitães, que julgando-se fóra da zona infestada pelos corsarios, puxaram por todos os trapinhos, botando até remos fóra como fez o *Temerario,* e lá se foram tingando com a arajem; e o comboi de que tanto se queixaram para cohonestar o seu crime, fraqueza ou ignorancia, deixou de conservar-se unido como devia e po-

déra continuar, sem esses riscos de que fugiram, como provou a presença dos navios da esquadra nos seus logares marcados. Daquella indesculpavel separação proveio muita perda para a praça e morte de alguns, em cujo numero se comprehendeo o infeliz Sousa no *Tres Corações,* que tendo sido já seis vezes prisioneiro ou naufrago, terminou a sua carreira com a septima desgraça, sendo apresado e fallecendo.

O commandante da *Successo* quiz passar por sotavento das ilhas de Cabo Verde, não só por que varios navios dali botavam a caminho do Pará e Pernambuco, senão por ser derrota feita por elle n'outras occasiões e geralmente seguida; porém fosse corrente, de que D'Aprés nos dá exemplos, fosse má estima, o caso mudou de figura, apparecendo terra por estibordo da prôa, que se reconheceo pela ilha de Santo Antão. Como a brisa era de servir, fez-se signal ao bergantim *S. Manoel Augusto* para seguir á vante da fragata e explorar o canal entre ella e S. Vicente, por onde o comboi se metteo e foi descobrindo as duas margens n'huma excellente tarde do já dito agosto. Á sombra das ilhas novos recalmões e novas correntes: até que se despediram a *Venus,* o *Providencia,* a *Leopoldina* e a *Ligeira* com os demais navios, menos oito que restavam dos que pertenciam ao Rio e Bahia. A *Successo* deo reboque a hum mais ronceiro, de que resultou abrir-lhe agua, e foi entrar com elle neste ultimo porto; e finalmente no Rio de Janeiro só com tres, de tantos que tivera ás suas ordens, depois de noventa dias de muito enfadonha viagem.

Que foi feito dessa fragata? Perguntamos de novo. Onde estão os seus officiaes? Onde param os navios de guerra da sua conserva? Onde existem os mercantes do seu comboi?! A fragata foi condemnada logo á primeira vistoria; os officiaes foram dispersos e quasi todos falleceram passados poucos annos; os navios de guerra desfizeram-se; os mercantes foram apresados, submersos e desfeitos!... Sim, Figanière, Mal-a Terra, Braga, José Candido, Pessoa, Abreu, Mariz, Heitor, Regis, Fernando Carlos, Neves, Diogo Luiz, João Victor, Sebastião Baptista, Felner e Zimmerman, tudo morreo: *Venus*

e *Providencia* desfizeram-se; *Leopoldina* e *Ligeira* condemnaram-se no Brazil; *Nova Alliança,* foi condemnada em Gôa, morrendo-lhe logo o capitão, e depois o sobrecarga; *Vigilancia,* lá foi tambem ficar; *Tres Corações,* foi apresado, e seu capitão falleceo; *Triunfo Americano,* prisioneiro, *Bizarro,* desfez-se e seu piloto Miguel das Neves deixou de existir. N'huma palavra, nem cousas nem pessoas dessa viagem poderam supportar a acção destruidora do tempo ou effeito de outros agentes moraes e physicos, anichilando-se antes do seu fim provavel e ordinario!

E não ha *agoiros!* Quem crê nisso? Pois vejamos outro facto acontecido em frente da Cordoaria, que talvez sirva de provar quanto dizemos ácerca da *Successo,* e não deixará de fortalecer o nosso raciocinio para concluirmos que os nauticos têm sobejos motivos para scismarem nesta especie de fatalidade, que determina o curso dos corpos immersos e fluctuantes na agua salgada.

Isidoro de Almeida tinha dois navios, *Principe* e *Camões.* Em 1818 foram elles para Bengala, sendo este ultimo comboiado pelo primeiro, que além de maior e mais importante ia bem armado e commandado por hum capitão de mar e guerra. No decurso da viagem fez ou pareceo fazer o *Camões* quanto delle dependia para se apartar do *Principe,* compromettendo o seu commandante e mortificando-o de todas as maneiras. Varias vezes foi este [1] arguido pelo segundo piloto ácerca da sua bondade ou indolencia, respondendo-lhe sempre o commandante: «Não seja assim, sr. Domingos, olhe não venha a pagar pela lingua». Domingos retorquia-lhe de melhor ou peor humor: «Verá, verá, eu nunca hei de soffrer (isto e aquillo); hei de fazer e acontecer», etc. Voltaram a Lisboa com immenso trabalho e desgostos, por via do *Camões,* e o sr. Domingos sempre com o seu thema. Dali a tres annos, em 1821, era elle capitão deste navio que tornava a Bengala. Nesse tempo em que para a India carregavam n'hum barco cem e mais contos de réis, faziam-se os seus botas fóras com certa solemnidade, porque os fretes davam para tudo; e a sua

[1] O capitão de mar e guerra Joaquim José da Silva.

chegada ou sahida tornavam-se muito importantes para a praça, que tinha as suas vistas sobre vasos cheios de tantos valores. No dia de larga véla todos os indiaticos e amigos do mercante, do sobrecarga e escripturarios não só iam a bordo assistir á grande faina, mas acompanhavam-nos até Belem, subiam á torre e esperavam que a embarcação transposesse os perigos da barra, terminando a funcção com hum excellente jantar naquellas visinhanças até Pedroiços.

Aconteceo portanto, isto mesmo na occasião do bota fóra do *Camões* que, além de merecer este obsequio pela sua categoria de indiatico, levava por capitão o sr. Domingos José da Rosa que pagava a patente, e era bemquisto dos collegas e carregadores; até o ministro da marinha, Francisco Maximiano com a sua influencia vintista, quiz celebrar-lhe a sahida, comparecendo a bordo, e pondo-lhe escaleres do arsenal ás ordens conjuntamente com aquelles que auxiliavam a fragata *Perola* que o comboiava. Tambem esse dia estava lindo como aquelle da sahida da *Successo,* tambem quando o navio largou a amarração tinha calado o nordeste bonançoso, e tudo indicava a melhor viagem começada debaixo dos animadores auspicios da Constituição. Alegria no presente, confiança no futuro, e hum céo formosissimo, davam áquelle bota fóra presidido por hum ministro d'estado, marinheiro, tal superioridade, importancia, e ostentação, de arrebatar; mas no meio do contentamento geral, disse alguem que sabia do dito do commandante Silva: «Deos queira que apesar de tudo isto o Domingos não pague pela lingua».

O *Camões* fez-se bem de véla, e foi seguindo até Alcantara, onde o vento lhe acalmou e a maré o foi encostando para o sul. Á espera do norte, que andava em Monsanto e fazia moer os moinhos, sem dever tardar, foi cahindo, a pontos de que, se não lhe dessem reboque os escaleres do arsenal, pegava na rocha de Manatica, e sabe Deos o resultado da encalhadéla; mas veio para o largo, sempre á espera do norte, que falseou, que morreo nesse dia, calando em seu logar a viração de oeste, a oes-noroeste. Começava a zanga, porém não lembrára ainda

a palavra *agoiro,* porque a contrariedade era pequena, suppondo-se que ella terminaria no fim de alguns bordos. A manobra de virar por davante hé magestosa e delicada, feita em regra. Francisco Maximiano quiz honrar o capitão mandando a primeira ála e larga; depois aquelle mandou todas as outras como lhe competia. No fim de sete bordos, pouco se tinha avançado, porque a agua enchia, e a viração era fresca; perto das seis horas foi que ella começou a vasar, mas era tarde, e por conselho do piloto mór se accordou em fundear e sahir na maré da manhã. O ministro mandou por seu ajudante dar esta ordem a bordo da *Perola,* foi o ferro para o fundo, e toca a comer que nada mais restava por então.

Muita gente, variadissimos manjares, vinhos generosos, e bom appetite, davam á tolda do navio hum ar de festejo campestre, comendo á mesa quem nella coube, e por cima das capoeiras e meia laranja, quem achou logar, todos de bom humor e folgasãos. Entretidos nos brindes ao sr. capitão Domingos, ao sr. ministro da marinha, ao sr. Isidoro d'Almeida, á Constituição, e a outros objectos, ninguem attentava no que se passava ali perto, e menos presumia que o brodio seria interrompido por huma grandissima desgraça. Andava bordejando huma linda escuna ingleza que parecia querer mostrar mais sciencia ou decisão do que o navio portuguez. Com todo o panno largo, tinha virado no sul, pouco a éste do *Camões,* aproado á vasante. A agua que corria na sua maior força, pilhando a escuna pouco seguida, atirou com ella sobre a prôa do navio que não podéra vencer; pega-lhe a tralha do gaffe de tope no páo da giba, ella mette-se debaixo do gurupés, inclina-se, a marinhagem do navio corre pelo páo da bajarrona a safar a rascada, e ainda bem hum marinheiro não tinha posto o pé no estribo do páo da giba, arrebenta a tralha, rasga-se a véla, e a escuna inclina-se mais, vem de encontro á amarra, e faz da quilha portaló. De cinco homens e hum rapazinho que iam dentro, apenas este (filho do capitão) e hum marinheiro poderam salvar-se; todos os outros e o piloto da barra se submergiram com a escuna que foi a pique

por baixo do casco do *Camões!* Mas como aconteceo esta desgraça, como se perdeo esta gente ao pé de hum navio cercado de escaleres promptos a soccorre-la?! Não se sabe, hé hum daquelles casos que mal se explicam, e por isso escapou da bôca dos algarves do escaler do ministro, aquella exclamação usual: «Safa diabo, que a viagem vai *agoirada!*» Vejam lá, disseram elles, se o navio sahisse, não vinha aqui virar-se a escuna; assim por causa deste transtorno, perdeo-se hum barco, morreram cinco pessoas, ficou hum rapazinho sem pae, e talvez que por fim de contas, leve o diabo o navio com os tufões da China! Não vai para a China, bruxo, acode o patrão; vai para a India. Pois na India, que tambem lá se apanham; bem póde o mercante segura-lo que se arrisca a perdel-o, ou pelo menos a soffrer grande avaria! Com effeito, ficaram todos que se achavam a bordo consternadissimos, ninguem pôde continuar a comer, e os mais apprehensivos, receiosos pelo capitão que mal *agoirado* ia sendo no principio da sua carreira de mandar. Trataram de mudar-se para terra, até porque se aproximava a noite; mas tristonhos, e lamentando a inesperada morte daquella gente que, por meio segundo e a distancia de huma pollegada (que tanta era a grossura do cabo da tralha) se afundou!

Na seguinte manhã, 11 de junho, foi-se o *Camões*. Deos o leve a salvamento, que hontem parecia *agoirado*. O que vale, hé não ter o Domingos medo de agoiros, ser bom official, e montar bom barco; aliás já o seguro augmentava o premio do risco. Assim discorriam os habituados do escriptorio de Bernardo, onde então se discutiam as questões maritimas, e lá foi o sr. Domingos nelle, que era bonito e bom navio, como são lindos e excellentes os versos do nosso poeta. Chegou a 25 á Madeira onde o deixou a *Perola*, sahio a 7 de julho, e a 10 passou pela Palma, seguindo menos mal até depois do Cabo da Boa Esperança; depois encontrou ventos ponteiros, e no meio do golfo, hum tufão de levar couro e cabello. O capitão Domingos, homem do mar ás direitas, e conhecedor dos perigos do «não tem duvida» havia-se acautelado a tempo nan-

dando ferrar tudo, e ficando em véla destáe e polaca, porque a carranca da borrasca era de metter medo. Com aquelle sangue frio que nasce da confiança dos meios empregados n'outras occasiões, e tendo além dos já referidos, ao pé de si dois machados para elle e o carpinteiro se botarem ao mastro da mezena quando o navio não obedecesse ao leme e ás vélas de prôa, esperou resoluto pelo que désse e viesse. O mar vinha vindo soberbo e encapellado em montões de espuma, o horisonte negro e denso mostrava tal peso de vento, e tal carga de electricidade, que todo o navio por maior que fosse, lhe custaria a resistir; aquelle céo de ferro, aquella massa de nuvens, chega ao zenith da embarcação, dá o terrivel fuzil rasgado, ouve-se o pavoroso trovão, a onda levanta-se, a chuva desaba em torrentes, a rajada hé durissima, a véla destáe desfaz-se, e o *Camões* só com a polaca não arriba! Orça, chega-se á linha do vento, mette a borda debaixo d'agua, e vai sempre adornando até quasi á braçola da escotilha; não tarda que se afunde!... Neste apuro, neste derradeiro instante de vida ou morte, o habil capitão chama o sr. Grandaes [1] para dar o primeiro golpe no mastro segundo a praxe mercantil, porém aquelle, agarrado á escada da meia laranja não se larga, que ninguem se aguenta solto, nem dá palavra. Domingos, de esbirro á escoteira da gata, descarrega-lhe duas machadadas, o carpinteiro outras duas, dois marinheiros cortam-lhe tres óvens de barlavento, o páo estala, a enxarcia toda arrebenta, e com hum fragor incrivel, o mastro da mezena, seu apparelho e vergas vão pela borda fóra espedaçando talabordão e parte do convés! Dentro do barco tudo tremia, tremia o insensivel e inanimado pela concussão das vagas que o chocavam; tremiam as carnes de todo o vivente pela presença da morte que tinha diante dos olhos. Mas o *Camões* hé salvo pela pericia do seu intrepido capitão. Alliviado daquelle peso, e offerecendo ao vento objectos de resistencia só do centro de gravidade para a prôa, não tardou que fosse arribando, e

[1] Era o sobrecarga Antonio José Pires Grandaes que o tinha sido do *Principe* e deste *Camões* juntamente na viagem anterior.

désse a alheta ao mar que o ameaçava de balde, pois elle lhe fugia no momento mais opportuno.

Bravo marinheiro! Assim, aquelle que o hé, por esforço e arte desconhecidos neste mundo terreno, nesta sociedade methodica e systematica, que vive e se nutre de conveniencias, de acertos e desconcertos, deve ufanar-se da sua nobre profissão. Acolá, hum animo superior a todos que possam imaginar-se cá em terra, hum golpe de vista perspicaz, huma resolução prompta, huma alma de aço, provam que esta gente hé de outra tempera, de outra força de caracter, de outra condição differente daquella que sempre achou debaixo dos pés cousa estavel que lhe servisse de apoio; mas por isso mesmo sensivel e generosa, imaginativa, franca e leal: este hé o typo do marinheiro. Passado o perigo, trataram do termo da arribada, e de acolher-se a porto onde remediassem a avaria. Então os fracos (que tambem lá se encontram) fizeram-se valentes, e disputaram sobre a opportunidade de picar o mastro que, no seu entender, escusava perder-se, porque o navio arribaria sem aquelle sacrificio; e fortalecendo-se com o seu silencio, talvez filho do medo e abatimento, para lançarem o prejuizo sobre quem os salvára. Emfim, contra o voto de Domingos que insistia por Ceilão, resolveo-se a arribada á Ilha de França que distava o triplo do caminho por elle proposto. Em consequencia dos ventos contrarios que tinham apanhado, e que estendêra a derrota, escacearam-lhe os mantimentos, e agora com este transtorno, poseram a meia ração. Prolongou-se aquella mais, já porque o navio falto de panno, andava menos que do costume, já porque o vento lhe rondára para os ultimos quadrantes; e tanto se estendeo, que foi mister diminuir ainda a dóse da comida. Nestes termos, combatido e accusado o capitão por aquelles que deviam defende-lo, e supportando hum motim da marinhagem, teve de restabelecer a ordem por sua energia e sacrificios, conseguindo depois de longas vigilias e consumições abordar onde se conviera. Aqui fabricou, metteo novo mastro, e seguio para Bengala aonde chegou fóra de monção. Lá, vendeo mal quanto levava,

e comprou caro quanto devia trazer; mas como de qualquer modo lhe convinha largar para Lisboa, botou a caminho desta cidade em pouco mais de meia carga. Perto de Bourbon, foi assaltado por nova tormenta, da qual lhe resultou desarvorar dos tres mastaréos de gavias, e perder huma andanea de panno. Emfim, depois de muitos contratempos, demoras, perdas e avarias surgio no Tejo o navio *Camões* com o seu capitão Domingos em tal estado que, mal foi desimpedido da Casa da India, logo o encalharam nas lamas da Boa Vista, e pouco depois deo a ossada n'hum dos estaleiros do pateo da Moeda.

Não seria nada disto prognosticado por aquelle *agoiro?* Esta somma de contrariedades que tanto mortificaram o capitão e tornaram desgraçadissima a sua viagem, não seria huma consequencia daquelle primeiro recalmão do norte, daquelle salto de vento a oeste, e da perda da escuna de hum modo tão imprevisto?! Dêmos que não, porém note-se que o comboi da *Successo* foi revestido de circumstancias que revelavam a mesma origem sinistra; e posto que dois factos só não estabeleçam regra, comtudo aquelle da fragata comprehende outros que comparados com estes e os muitos já citados, conservam certa relação com o facto originario e commum; isto hé, com aquelle dito impensado e proferido ao acaso na presença de desgraça grande, que indicava fatalidade no futuro. No entretanto ainda esta collecção hé pequena prova de que haja *agoiros*, e de que os homens do mar devam rasoavelmente dar-lhe importancia; mas ha milhões delles que se explicam de hum modo analogo, e nós vamos continuando a referir varios por onde se concluirá a preexistencia de huma força motriz que leva as cousas moraes e physicas a hum resultado inevitavel, denunciado pelo dito casual da palavra *agoiro*.

Na manhã de 23 de abril de 1824, que era sexta feira de paixão, recebeo a charrua *Maia e Cardoso* huma companhia destacada para Moçambique e muitos passageiros, incluindo-se o coronel João Casimiro, tenente coronel José Ignacio, major Arouca, ex-deputados Peres, e Constancio, etc. Os soldados pareciam desgostosos, e murmuravam alto, por não lhe

ajustarem as contas. Em roda do navio tudo eram botes e escaleres carregados de mulherio da tropa, e de pessoas limpas que assistiam ao bota fóra. Já sobre hum ferro, e estando este a pôr-se a pique, nos adeoses femininos e apertos de mãos aos soldados, pésa-lhe a huma destas apaixonadas a cabeça mais que os pés, debruça-se e mergulha no charco, deixando apenas o capote ao de cima d'agua. O amigo grita, os outros gritam, correm ás armas e forma-se a companhia na tolda, dizendo todos ao som de muita coronhada: «Aqui não se vira em quanto não nos ajustarem as contas». O capitão tenente Pires chamou pelo destacamento e correo a pegar na espada seguido dos officiaes, que logo se armaram, ficando a tropa de transporte e guarnição n'huma attitude ameaçadora e no maior silencio á espera das ordens do commandante. Este nada disse, e desceo para a camara a dar parte do acontecido ao ministro Subserra, em quanto os circumstantes pareciam estaticos.

—Então, diz-nos o tenente Daniel muito de mansinho: A modo que me não cheira; mulher afogada, sahida emprasada e insurreição da soldadesca, tomo a cousa por *agoiro*.

—Agoirada já ella está de veras, responde Barros, que ouvíra o segredo, e para mim não fallemos, que tenho zanga ao navio; olhe, este veio em logar do *D. José*, que lá me ficou por desgraça, e agora aqui me vejo seu piloto, quando fui capitão delle e deste: tambem não ha de ser afortunado!

Rufino chamou o immediato e mandou-o com a parte; os passageiros retiraram-se temendo rompimento dos insurgidos, e estes conservaram-se na fórma, sem que o commandante tivesse animo de os mandar destroçar. Ao pôr do sol regressou o capitão tenente acompanhado do pagador, que ficou a bordo, para na seguinte manhã cumprir o seu dever; ajustando-se então as contas e deixando-se dinheiro ao commissario para o pret no decurso da viagem. Sem averiguarmos a fraqueza do governo, e pondo de parte a ousadia dos que mereciam asperrimo castigo, diremos que a charrua se demorou até ao dia 25, no qual se fez de vêla com destino á India, escalando por Cabo Verde e Moçambique. Calmas e ventos con-

trarios foram retardando a viagem, que se tornou hum flagello para todos, exacerbado pelas intrigas de João Casimiro, que se arrogou o commando dos militares passageiros: exigio os pesos hespanhoes destinados ao pagamento da tropa, trocou-os a patacas brazileiras em S. Thiago, e começava a querer ingerir-se na derrota. Rufino que receiou novo tumulto, ou que o afamado João Casimiro o forçasse a demandar a Bahia ou Rio, quando estivesse perto do Brazil, esmoreceo, derramou lagrimas e convocou a officialidade para arribar a Lisboa. Depois de varios debates, no dia 4 de junho, que se contavam quarenta e hum de sahida deste porto, e dezesete de S. Thiago, venceo-se a proposta do commandante, lavrou-se termo, e deo-se ao leme de encontro. Isto feito, disse o tenente Daniel:

—Olhem lá se fomos ou não *agoirados?* Vejam em que deo o mergulho da mulher?... Verga da gavia partida, mastareo do velacho rendido e por mal de peccados voltar para traz; leve o diabo as zanguinhas, que talvez não fiquem só nisto.

Com effeito a 27 de julho largámos ancora ao sueste da torre de Belem, ficando toda a gente de Lisboa espantada daquelle raro successo, que parecia combinado com os acontecimentos, ditos da abrilada.

O commandante respondeo a conselho, e os officiaes não embarcaram em quanto Subserra foi ministro. Quasi todos elles e passageiros tiveram pouco tempo de vida, começando pelo commandante que durou tres mezes, em processo; seguindo-se-lhe o immediato Pires, Antonio Daniel, piloto Barros, coronel Casimiro, tenentes coroneis José Ignacio e Cabrita, ex-deputados Constancio e Peres, e muita outra gente, ferida da malefica influencia do tal *agòiro*. Fosse por começar a faina á sexta feira, fosse porque assim tinha de acontecer, o caso tornou-se fatal, e o pobre Daniel teve delle presentimento; mas não concluamos ainda sem pesarmos as circumstancias de outra viagem começada em sexta feira, á qual já alludimos.

Tres annos depois, na noite de 12 de abril de 1827, vespera da sahida da *Princeza Real*, na acção de suspender o ferro

da enchente, o marinheiro que estava ao socairo do apparelho real, quando ia a soleca-lo, escorrega, mette o pé debaixo do cabo, e fica com elle e o tornozelo esmigalhados de encontro á sáia do cabrestante! Ai! Ai! Tem mão, tem mão. Apita-se de novo, torna-se a virar para desmorder o cabo, mas o miseravel parecia morto da dor com a carne e os ossos do artelho feitos n'hum bolo. «Valha o diabo trabalhos de noite, disse o mestre Rosa! Sempre hão de haver zangas e *agoiros!* Se fosse algum ranhoso não me admirava, mas acontecer isto a hum homem que sabe onde põe as mãos! Já embirro com a viagem, que não começa bem». Levaram o ferido para o arsenal e dali para Santa Clara onde lhe sobreveio o tetano e expirou ao amanhecer; pelas nove horas atracou a falua grande com os degradados, embarcou o general para a Madeira, e a chusma de promovidos para a India, e vamos a fazer-nos de véla. Era quinta feira santa, pouca gente appareceo no bota fóra, e havia huma especie de tristeza e recolhimento por se deixar Lisboa naquelle dia. De gavias caçadas e ferro a pique, veio a viração, de modo que se tornou a arriar a amarra, e ferrou-se o panno.

Maldito transtorno rosnavam os officiaes de prôa, mormente o mestre que estava afflicto pela morte do marinheiro em faina toda sua, pois hé sabido que no amarrar e desamarrar dos navios, só elles querem mandar. Maldita zanga, que ainda aborrece o dobro depois da gente se ter despedido; e ficou taciturno. Na seguinte manhã de sexta feira de paixão, debaixo de bastante chuva do sueste que parecia de janeiro, fez-se a charrua de véla, e foi-se por esse Tejo abaixo quasi que ás escondidas por causa da neblina que interceptava a vista dos objectos á distancia de meia amarra. Hum inglez por certo não largava neste dia aziago, e sendo constrangido a isso, não duvidava afiançar que era *agoiro;* mas os portuguezes com quanto sejam scismaticos, pouco antipathisam com a sexta feira, e muito menos Barreiros que até parecia contente da mortificação dos outros. O piloto mór que lhe pesava estar calado gritou:

—Hé botar de fóra, botar de fóra, que lá tem bordada para onde quizer, e mar bastante; isto não hé inverno. E chegando-se para a prôa, vendo o mestre de má cara, pergunta-lhe:

—Que tem? Queria ir ás trevas, ou tem *agoiro* como os inglezes? Olhe que este dia não hé o mesmo para nós que temos devoção com elle por causa do Senhor dos Passos!

—Parece-me que a procissão não ha de ser má, tornou-lhe Rosa; resta saber quem levará o andor; aquelle que esticou a canella hoje, já foi abrindo caminho.

—Olhe penitentes, já nós somos aqui encharcados, acudio o guardião, e para maior zanga, foi o impessilho de não sahirmos no mesmo dia, que hé cousa com que sempre scismei: péga, tem mão, seis dedos, e no fim arria a amarra para matar hum homem, e começarmos a viagem no meio desta carranca e aguaceirada que parece de dezembro.

—Ai que vossê crê em *agoiros,* diz-lhe o piloto Neves!

—Quaes agoiros?!

—Então que significa a sua queixa?

—Pois eu queixo-me?!

—Lamenta-se, e quanto a mim a sua pena hé de não asistir ao sermão de lagrimas e ás trevas!

—Em trevas vamos nós todos, diz o tenente Barbosa, por alcunha o Miguel das Pedras, que era bastante descambado; olhem, e tão densas que nem lombrigo a minha casa para dizer adeos a minha mulher. Ó Francisquinho (hum rapagão tambem das Pedras), vê lá se pescas alguem na janella.

Veio huma clarina, e o Miguel e o Francisquinho entraram a acenar para Cacilhas, dizendo que lá viam mulher, mãe, irmã, primas e conhecidas que, apesar daquella trabuzana de chuva, tinham corrido ao caes para verem largar a charrua, e fazerem sua chiada e gatimanhos aos navegantes que passavam perto.

No dia de larga véla, todos os passageiros estão em cima, e parecem querer arrostar a tontice do enjoo; todos querem comer, todos fazem milhares de perguntas impertinentes, e não deixam a guarnição em quanto o navio caminha direito; porém logo que elle chega á barra e faz as primeiras corte-

zias, adeos perguntas e curiosos que ficam meios mortos, e tudo são arrancos, vomitos, e peditorios de limão, bacalháo assado, e outros antidotos contra a nausea.

Desta vez não foi assim, porque a chuva os prendia, e só o general appareceo na tolda recolhendo-se dos aguaceiros no camarim. De Lisboa á Madeira, gastam-se ordinariamente quatro dias; na *D. Pedro,* dez annos depois gastámos sessenta horas, porém nesta viagem gastámos treze dias, avistando-se a terra a 26, sempre com tempo brusco e vento contrario.

Não se deo logo fundo, e só a 27 de tarde largámos ancora. O sr. D. Manoel que, pelo *Providencia* tinha sabido da nossa partida quatro dias antes, estava ancioso, e quiz obsequiar o seu successor acompanhando-o ao desembarque. Os madeirenses enthusiasmados pela alegria da época e dispostos a festejarem o anniversario da Carta e chegada de hum general que por ella pelejára em Bragança, metteram-se em quantas barquetas havia no Calháo e Pontinha, e foram-se direitos á charrua. Parecia ella pois huma gallinha com pintos. O commandante que turvou de alegria, ou mesmo por ignorante, quiz tambem dar grandes demonstrações de prazer, pois era e foi exaltado constitucional até 1828; mandou subir gente ás vergas, e salvar á chegada do general que ia ser rendido para seguir na charrua para a India. Logo que atracou a galeota, sem mais advertencias de fazer retirar os escaleres, rompe os vivas, e dá a voz de fogo. Ao primeiro tiro, tudo estremeceo, pois ninguem estava prevenido, e todas as barquetas, galeota e escaleres cortaram as boças, deixando-se cahir a ré, excepto hum barco atracado ao portaló de bombordo, donde subia gente. Ao quarto tiro, estando o escoteiro escarranchado sobre a peça com a cabeça diante da sua bôca para lhe tirar a bala, e outro segurando na aste da cocharra, dá o tiro, leva a cabeça ao primeiro, e braço ao segundo, cahindo ambos a duas varas do navio, bem como os dois homens que subiam pelos cunhos do costado. O primeiro carpinteiro que, encostado á trincheira vio aquella desgraça e era bom nadador, quer acudir a hum destes ultimos que se aguentava

bracejando, atira comsigo ao mar para lhe ter mão. Nesse momento huma desgraça ainda maior e quasi incrivel, faz que outro tiro da peça immediata, por defronte da qual este homem generoso passava, o partisse pelo meio; vendo nós cahir na agua a barriga e pernas para hum lado, e cabeça e braços para outro. Os gritos foram tantos, a bulha, os ais, que parecia o fim do mundo, de maneira que se interrompeo a continencia depois de cinco homens mortos por brutalidade e ignorancia de Barreiros!

—Lagrimas em vez de risos? Máo, máo, disse o mestre; bem me parecia a mim quando o marinheiro esmigalhou os ossos que a viagem começava por *máo agoiro!* Hoje temos o carpinteiro espedaçado, dois soldados partidos, e dois curiosos afogados; se as alegrias e continencias dão em choros e mortes, que fará se huma vez a cousa desanda em pancadaria! O sr. Valdez fez-lhe aquillo tamanha impressão, e ao sr. D. Manoel, que a ambos lhe corriam as lagrimas, assim como á sr.ª D. Jeronyma e mais passageiros, promettendo o sr. Valdez huma pensão á viuva ou familia do carpinteiro, e o sr. D. Manoel outra áquellas dos soldados. Sendo urgente o desembarque dos generaes pela proximidade da noite, todos afflictos pelas desgraças que acabavam de acontecer, foram-se retirando meios convencidos de que ellas eram annuncios de máo futuro. A viagem foi realmente huma serie de miserias, porque logo em Cabo Verde perdemos as vergas da gata e secca, e hum ferro por culpa de Barreiros, custando-nos a escapar da enseada das Eguas, onde elle nos teve quasi encalhados. No Cabo houve atracação com huma linda galera ingleza, a qual por milagre não foi a pique, tendo de arribar cheia de rombos, com muita avaria no casco e apparelho, gritando-se misericordia, e afogando-se quem cahio no mar. Na volta para Lisboa, houve segundo desastre atracando peormente com hum dinamarquez á vista da Costa do Natal; e a bordo houve facadas de hum manilha, e morreo gente de desgraça.

Quanto á guarnição da charrua, temos que o commandante acabou acutilado á bôca do paiol da polvora da náo *Rainha* na

batalha do Cabo de S. Vicente pelo negro que ali estava de sentinella; o Francisquinho, levou-lhe huma bala de artilharia a cabeça a bordo da *Princeza Real* na noite de 10 de agosto quando Sartorius atacou a esquadra de D. Miguel; e Soares d'Andrea, Barbosa, Cunha, commissario, capellão, tudo morreo dentro de poucos annos. Dos passageiros, tambem foram pelo mesmo caminho o fysico mór e sua esposa, desembargadores Fonseca e Miranda, etc.; e os outros que não tiveram esta sorte, má fortuna lhes coube. O sr. Valdez, sabe-se que abandonou a Madeira em 23 de agosto do anno seguinte, atacada pelo almirante Prego; e o sr. D. Manoel, evadio-se da Aguada para Vingorlá em 1835 n'hum escaler, acossado por muita fuzilaria. Portanto, fosse ou não *agoiro* o desastre que aconteceo ao marinheiro, de esmigalhar os ossos do tornozelo e pé contra a saia do cabrestante, pela pressão do tirador do apparelho real que lhe causou a morte; fosse ou não tambem *agoiro* aquella fatalidade acontecida na Madeira de morrerem cinco homens no acto das continencias aos generaes, que pareciam indicar-lhes honras funebres; hé certo que das pessoas notaveis daquella viagem, doze acabaram, e as restantes tem, pela maior parte, soffrido transtornos difficeis de supportar. Logo, cada hum dos termos da serie desastrosa, affecto do seu coefficiente *agoiro,* mostra que ha motivos para acreditar no quer que seja, que leva os homens e as cousas a hum certo fim, que a tal palavra e o facto donde procede quasi que fazem presentir. E daqui, as apprehensões e scismas da gente do mar, onde os mesmos factos são mais repetidos e transcendentes.

Por ultimo, outros dois casos fataes (em frase maritima) de *máo agoiro* servirão de prova infallivel do que avançâmos, pois casam tambem com o curso e fim de huma viagem infeliz, como o quarto termo de huma proporção com o seu antecedente. Fallâmos, das mortes a bordo da *Galatea* e do raio na náo *D. João VI* quando se aprestavam para o ataque da Terceira. Diga-se embora que foi acaso ellas acontecerem no dia anniversario da chegada de D. Miguel, que isto nada influio, nem podia influir no resultado da expedição, e menos

ainda na existencia do governo do usurpador; porém toda Lisboa os tomou por *agoiros*, e neste sentido se repetiam aquelles epigrammas de «raio na náo, máo, máo, máo, máo». Emfim, tome cada qual a cousa como entender, que para nós serve-nos a interpretação maritima do caso, que se passou da maneira seguinte:

Estava a esquadra meia prompta para receber a tropa do general Lemos, quando huma noite desaba tal aguaceiro e garrôa do noroeste, que foi mister arriar os mastaréos de gavia á náo; pregou com a *Galatea* no Montijo, e outros navios no Samouco e Barreiro, perdendo-se escaleres e lanchas com suas guarnições. Nessa madrugada com a vasante e agua do monte, foi cahir o *D. Sebastião* na prôa da fragata *Perola*, em consequencia do que se fizeram tiros de soccorro. Por causa destes, houve rebate nos quarteis, o conde de Basto julgou que era nova revolução da brigada, foi ao arsenal, e fez largar debaixo de muito risco o patrão mór, e seu sota para acudirem aos barcos em perigo. De bordo da náo tambem largou a lancha com hum tenente e hum voluntario, sendo o mar tanto, que não se pôde saltar para a lancha pelo costado, mas sim por meio de balços. Remou-se a muito custo para os navios atracados, porém não se pôde saltar no brigue, nem na fragata, custando immenso a deitar-lhe hum virador que servisse de espia, e aguentasse o brigue á fragata *Amazona* que demorava pela prôa dos dois. Mesmo assim, aquelle começava a inclinar-se debaixo do gurupés da *Perola*, quando virando a maré, conseguio safar-se ajudado pelas duas gavias que lhe fizeram romper a corrente da agua do monte. Veio vindo melhor tempo, receberam-se os petrechos de guerra, poseram-se as rodas dos reparos de campanha nas mesas das enxarcias da náo; os mesmos reparos, armões, cunhetes, e cartuxame debaixo da tolda, e botaram-se os mastaréos á cunha. Chegou o dia 22 de fevereiro, e embandeirou-se a esquadra. Seriam nove horas, começou a crescer huma trovoada do noroeste que ameaçava de alagar tudo com chuva. O tenente do quarto [1], co-

[1] Eramos nós que isto referimos.

nhecendo-lhe o peso, disse ao capitão tenente Carvalho que seria conveniente arriar os mastaréos de joanetes, e safar dois cobros de amarra do ferro da rossa, não cahisse vento que fizesse garrar a náo, e resultassem desgostos que as circumstancias politicas podiam aggravar. Augusto annuio, e elle foi-se ensaiando para a faina que intentava; porém, não querendo acaçapar os mastaréos, sem ter proxima a trovoada, e justificar a manobra pela carga que ella trouxesse. Estavam os enderbelos na mão, quando estalou a chispa no zimborio do Coração de Jesus, seguida de dois fuzis de igual intensidade na direcção da náo: pelo que, mandou arriar, ainda antes do aguaceiro chegar ao zenith. Tres ou quatro minutos depois, desabou a chuva copiosissima, de maneira que, os marinheiros occupados em colher os cabos e amarrar os brandaes e óvens, se abrigaram a sotavento dos calcezes. Por fatalidade, cahe o raío no galope do mastaréo de joanete grande, leva dois homens dos váos que ninguem vio, leva hum terceiro que estava nas arreigadas de gavia, que se vio ir pelo ar como hum trapo, e assombra o gageiro grande que se arriou moribundo n'hum balço, morrendo depois; atira com a cunha de ferro do mastaréo de joanete aos pés do tenente arrombando a tolda, vem pelo mastro abaixo, que ficou fumegando, gira em torno delle por entre os cunhetes de cartuxame, e sahe por huma porta do convés, chamuscando os carros manchegos. Acudio-se com muita agua a este sitio, refrescou-se o mastro que fumegava desde o galope, com a bomba de fogo, já para isso disposta; e atalhou-se o incendio, mas ficando perdidos e rachados os mastaréos de joanete e de gavia.

Lembrou pois a palavra *agoiro,* lembrou o epigramma *máo, máo, máo, máo,* e disse-se logo que a expedição e reinado de D. Miguel haviam de ser infelizes, pois tinham sido *mal agoirados.* Tres horas depois deo meio dia, e salvou-se. Ainda não tinha acabado a continencia, largou de bordo da charrua *Galatea* o escaler em busca do cirurgião da náo, para acudir a varios feridos no festejo. Parece que huma caronada velha, tinha falhas (que entre nós tudo hé mentira e impostura desde

certa época) e não ficára bem limpa quando foram a carrega-la segunda vez para completar os vinte e hum tiros; pegou fogo no cartuxo e appareceo a explosão, levando parte do corpo do primeiro carregador, o braço do segundo e alejando o chefe de peça, que tinha o polvarinho sobre o ouvido della para a escorvar. Quer dizer, morreram nesta solemnidade dois homens na *Galatea* e quatro na *D. João VI,* e por isso comparando o tenente estes dois *agoiros* com aquelles que presenceára na *Princeza Real* hum anno antes, teve para si, bem como o amigo Augusto, que elles deviam indicar resultado desastroso.

Todos os dias se tratava desta materia, e havia motivos para isso, pelos estorvos da invernada que demorava os navios no Tejo; o tempo era de tal natureza que o commandante não se atrevia a botar á cunha os mastaréos de joanetes, e muitas vezes foi preciso fechar a bateria da coberta para obstar á onda que lhe galgasse pelas portas da praça de armas, estando á vasante, ou pelas do costado, pilhando a náo atravessada: as fragatas *Princeza* e *Perola,* surtas em Belem, abriram agua, e a *Principe D. Pedro* ficou incapaz de navegar. Finalmente lá foi a grande expedição commandada pelo habil chefe Rosa, ameaçando o mar e a terra, e os pobres liberaes desamparados e foragidos na ilha Terceira. Poucos officiaes poderam eximir-se daquelle serviço [1], e a totalidade da marinha, constrangida ou voluntariamente, teve de seguir a sorte dos vinte e dois navios então promptos por ordem do usurpador.

Chegou a esquadra ao seu destino, fundeou nos pontos convenientes para atacar as baterias, a náo surgio em seis braças de fundo, e fez-se o desembarque da maneira a mais audaciosa; porém com tanta desventura dos aggressores que, seiscentos homens seus, pagaram com a vida a desgraçada tentativa de extirpar os defensores do povo oppresso. Nem hum dos que poseram pé naquelle baluarte invencivel, pôde re-

[1] Conseguimos escaparmos com licença para fazer huma viagem á China, e fomos com effeito aos portos d'Asia na galera *Carolina,* do liberal e patriotico José Nunes Silveira.

gressar a bordo, e lá foram sendo fuzilados pelos voluntarios da Rainha, que de cima das pedras lhe foram fazendo fogo a seu salvo, pilhando-os cercados de mar, sem refugio algum. O chefe, ao catavento, presenceou varias mortes na tolda, pelos tiros inimigos, sem mudar de posição, e fez apagar o fogo ateado no alforge, começando a propagar-se pela alheta. Em abono da verdade, póde dizer-se que todos se comportaram bem como soldados e marinheiros, e que o máo exito da expedição, foi devido a circumstancias imprevistas, e ao esforço sobre humano de quem a combateo. Mas em summa, o *agoiro* não falhou, e a esquadra recolheo-se desmantelada. A principal gente della foi morrendo huma depois de outra, quasi de repente, começando pelo chefe e seu filho, depois foram nas suas aguas os commandantes Joaquim e João Cunhas; os ditos Sebastião e José Pegados; os ditos Pereiras da *Galatea* e da *Principe D. Pedro;* ditos Silveira, Heitor, Tavares, Daniel, Borges, Correia, Manoel Pedro e Garção, com o seu brigue *Neptuno*, que desappareceo; major da esquadra Lobo, capitão Mafra; chegando mais tarde o fado ruim ao capitão de fragata Augusto, tenente Felner e voluntario Almeida, que expirou de improviso em S. Thomé.

Das vinte e duas vélas armadas e embandeiradas no dia do festejo, apenas sete se conservam, que são *D. João VI, Diana, Princeza Real* (Duqueza), *Tejo, Audaz, Isabel* e *Trovoada,* podres. A *Orestes* foi condemnada na Corunha, que ali arribou com o seu commandante Manoel Thomás; *Amazona* e *Perola* foram apresadas pelos francezes e ficaram em Brest; a *Galatea* foi queimada e fizeram-lhe fogo nacionaes e estrangeiros como a inimigo commum, e seu máo commandante estalou perto das ilhas de Comoro na *Princeza Real.* Desta *Galatea* disseram que, estando roubada lhe deitaram fogo para encobrirem o crime; porém o mais provavel foi acontecer o caso por negligencia e indisciplina dos encarregados della. Huma noite appareceo o navio em chammas; n'hum instante os seus mastros, cabos e panno se tornaram luminosos, e não tardou que o incendio se propagasse pelo corpo do navio.

O peor era que tinha polvora a bordo, e por causa della, podiam haver estragos incalculaveis, pois não cabia no tempo mudar-se o barco para longe do ancoradoiro antes da explosão. Convinha pois mettel-o a pique sem demora, mas ninguem se lhe chegava para lhe abrir o rombo. Então as lanchas francezas e as nossas com as suas caronadas fizeram-lhe sete tiros, e ella submergio-se. O barco do máo homem José Joaquim Pereira, que denunciou os seus officiaes, que prendêra e conduzíra elle mesmo o excellente Carvalhinho a bordo da náo, exigindo que o fechassem n'hum alvaçús em quanto elle dava parte ao conde de Basto; o barco onde tinha havido o *máo agoiro* de morrerem dois soldados pelo festejo do anniversario da chegada de D. Miguel, acabou queimado e submerso pelos tiros de nacionaes e estrangeiros!!

Ha ou não ha *agoiros?* Dir-nos-hão: «Mas tudo que relataste hé puro invento, pois bem que os factos principaes acontecessem, nenhuma das circumstancias de que os queres revestir para tirares as consequencias que te servem póde provar-se». A isto respondemos que, sendo elles verdadeiros e presenceados por pessoas que hoje os podem attestar, e outros transcriptos de derrotas que não forjámos, hé facil concluir do mesmo modo que o fazemos. Alem do que, se assim não fosse, bastaria conhecer o caracter do escriptor portuguez, para saber que nunca elle desfigurou a verdade historica em favor de opiniões particulares; pois abstrahindo da politica moderna, que tantas aberrações produz, podemos asseverar que, tudo quanto os nacionaes temos publicado, hé geralmente exacto. E se não, venha hum exemplo similhante a esse de mr. Luiz Blanc, dizendo que a batalha da Asseiceira foi ganha pelo general Rodil; como aquelle de mr. Dupin, ácerca da nossa fragata *Minerva?* Escreve elle no 2.º tomo das suas *Voyages dans la Grande Bretagne,* a paginas 88 da *Force Navale:* «Passons à d'autres exemples. Em 1811, le capitaine Du«perré (maintenant vice-admiral) est envoyé dans l'Inde avec «la frégate la *Bellone*. Chemin faisant, il prend d'abord la fré«gate portugaise la *Minerva,* supérieure à la sienne, en gran-

«deur, en hommes, en artillerie. Il arrive à l'île de France, «donne à sa prise un équipage, remet aussitôt en mer, et force «á se rendre trois vaisseaux de la compagnie des Indes orien-«tales.» ¿Pois a *Minerva,* que toda a gente se lembra de ver aqui em 1826, com bandeira ingleza, quando trouxe a Carta Constitucional, era navio de 50, como a *Bellone?* E foi tomada *chemin faisant,* como avança mr. Dupin?! Ignoraria elle que as duas fragatas se bateram duas vezes nas Braças de Bengala, aonde a *Minerva* tinha ido comboiar dois importantes navios do Rio de Janeiro? Que no primeiro combate ambas se apartaram bastante destroçadas, e que vendo mr. Duperré deixar ella de seguir os navios do seu comboi e arribar, pensou que tinha feito grande avaria, fez conselho e animou a sua gente para segundo combate? Ignorará que o commandante da *Minerva* se rendeo depois de porfiado fogo e de muita cousa que não cabe aqui contar-se? Foi isto *chemin faisant,* assim sem mais nem menos, como a frase parece inculcar? Erros (por não dizer falsidades) deste lote, nunca os portuguezes se atreveram a escrever; salvo se, fascinados pela actual politica e estrangeirismo, que desnaturalisou muita gente instruida deste paiz, dantes tão leal e sisuda, deixou o amor da verdade, das cousas patrias e do glorioso nome portuguez, ao povo analphabeto e a algum marinheiro fanatico e maniaco pela sua excellencia.

O que temos exposto, repetimol-o, foi presenceado por pessoas que hoje vivem, e tradicionalmente sabido de outras de inteiro credito, como eram os capitães de fragata Macedo e Manoel João, naufragados no *Ceilão* e na *Princeza.* Assim, sendo certo quanto avançámos ácerca dos factos, podemos concluir rigorosamente como acabámos de fazer, asseverando que o marinheiro acredita, e tem rasão para acreditar em *agoiros.* E que tem fé nos milagres, tambem o provâmos pela existencia de Ribandar e pelo Diario de Silva, juntos a esse documento exposto na freguezia de Santos, representando a catastrophe do navio *Lord.* Se porém quanto dissemos não foi bastante ácerca deste ultimo ponto. ouçamos o que afiançava o tenente coronel Francisco de Salles de Carvallio, relativa-

mente ao desarvoramento da náo *Maria I*, a bordo da qual era elle commandante da infanteria, quando nestes navios embarcavam guarnições da primeira e segunda armada, e da artilharia da côrte.

No inverno de 1796 soffreo esta náo tamanho temporal, que lhe botou os mastros todos pela borda fóra. Sem governo, entregue ao rigor do tempo e jogando de huma maneira horrivel, abrio agua, que mal se esgotava tocando redondamente á bomba; as peças do convés desatracaram-se-lhe, correndo de bombordo a estibordo, matando huns, aleijando outros e pondo a náo em riscos de se ir logo a pique. Acudiram-lhe com macas e colxões para de algum modo as susterem, em quanto não eram lançadas ao mar pelas suas portas correspondentes, e procuraram todos os meios de segurar as restantes que ameaçavam multiplicado estrago; mas crescendo sempre o perigo e a agua na bomba. Emfim, o caso tornou-se tão medonho que a tropa (que já se sabe não era de marinha) menos habituada áquelles desastres do mar, encheo-se de terror panico e fugio para o bailéo do porão; os mesmos seus officiaes começaram a preparar-se para a morte, fazendo confissões em altas vozes, chorando e batendo nos peitos como loucos. Hum destes tinha perdido a cabeça de tal modo que gritava: «Pequei, Senhor, e pequei com aproveitamento!» Outros faziam actos de contricção, proferindo cousas de espantar, communicando o seu medo e fraqueza á marinhagem que parecia apathica na presença de taes disparates e verdadeiro perigo, tanto maior, quanto era a falta de soccorros e de braços para o remediar. Quando o commandante Pedro de Mariz mandou armar huma guindola á prôa, a fim de dar algum seguimento á náo, pouca gente lhe obedeceo, pois toda estava desfallecida com tão excessivo jogar do navio; e com effeito, era tal o seu balanço que mettia as bôcas das peças do convés debaixo da agua, o que nunca chega a acontecer em vasos de tamanha altura. Daquelle modo, infallivelmente haviam de ir a pique, mas fazendo-se o que mandava o commandante, talvez não; o caso estava em que a gente acudisse

ao trabalho. Debalde forcejaram por isso, os officiaes de marinha, não lhe sendo possivel constranger ninguem pela força, os de artilharia e infanteria, menos Salles de Carvalho, faziam desanimar os soldados. Neste apuro, só pelo exemplo de algum homem arrojadissimo que lhe inspirasse confiança, ou levados de huma fé viva na misericordia divina, sahiriam daquelle estado de prostração e abatimento. Foi isso que occorreo ao mestre que entrou a gritar: «Anda aqui, marinheiros, vamos á guindola, e promettamos ao Senhor dos Passos a primeira véla que se podér largar». Seguido dos officiaes de prôa e auxiliado pelos da marinha, que todos trabalharam sem distincção, foram safando o mastaréo do velacho. Animada a tripolação com esta idéa, e pondo toda a sua esperança na promessa da véla, chegaram-se para o páo e conseguiram pol-o a prumo, içando-lhe a polaca já com o registo cozido. O certo foi que o tempo diminuio, poderam armar outras guindolas e salvou-se a náo, que foi rebocada para Inglaterra no fim do quarto dia deste novo arranjo, por aquella que commandava lord Haord. Quasi todos os officiaes de artilharia e da segunda armada deixaram a vida maritima passando para outros corpos do exercito, entregando-se alguns á mystica e tornando-se varios delles muito devotos.

Esta passagem do official de artilharia, que gritava: «Pequei e com aproveitamento» era tão repetida por Francisco de Salles, e de modo tão notorio, que não deixava duvida ácerca de outras circumstancias do desarvoramento da *Maria I*, evidenciando-se que esta foi salva, e a sua gente se animou, levada pela crença nos milagres. Portanto póde dizer-se em geral, que o embarcadiço de todos os paizes hé religioso, humano, franco, valente, sincero e apprehensivo; fallâmos daquelle que por habito vive no mar; fallâmos dos pescadores, dos marinheiros propriamente ditos e dos officiaes de guerra ou mercantes que, tendo passado grande parte da sua existencia sobre as ondas e impressionados dos grandes golpes com que ellas ameaçam desfazer e engulir os navios; presentes a essas scenas tremendas que ninguem póde encarar sem hum

certo arripio interior, ajudam muitas vezes a sua natural audacia e temeridade com huma fé viva no poder de Deos. Fallâmos desses que, desesperando de soccorro humano, e faltos de forças e de meios de combater os grandes perigos de que a vida do marinheiro hé matizada, recorrem ás promessas e acreditam nos milagres com que a Providencia os auxilia. Fallâmos desses que, visitando remotas plagas, e amestrados pela communicação com povos polidos ou selvagens, têm reconhecido que hé innata na raça humana a convicção intima de hum Ser Supremo, que véla sobre as suas acções. E posto que poderamos apresentar honrosos testemunhos que isto abonam, citando nomes de portuguezes illustres que, apesar do seu religiosismo foram sabios e valorosos; para fugir á suspeita de parcial, e mesmo para nos não fortalecermos com exemplos de gente que talvez se tenha por fanatica, apontaremos hum estrangeiro conhecido pelo mais intrepido dos maritimos do seu tempo, e o mais celebre dos seculos modernos, que mostrou devoção e audacia desde a idade de onze annos; hum hollandez que embarcou por moço, passando a marinheiro, cozinheiro, contramestre, piloto, capitão, commandante, contra almirante, vice-almirante, logar tenente almirante e duque: Ruyter, em fim, o devoto Ruyter que resava o terço e abençoava os seus velhos marinheiros que lhe beijavam a mão; e assim fortalecidos, tantas batalhas ganharam aos inglezes, indo atacal-os dentro dos seus portos! Ruyter, cuja vida foi hum composto de prodigios e de heroismo, ao pé do qual nenhum maritimo, nenhum militar se envergonhará de confiar em Deos, pois aquelle lhe attribuia as suas victorias, mostrando em tudo o que fazia, intelligencia, sensibilidade, modestia e audacia: honrando por todos os modos o seu paiz e o genero humano; honrando-os como o homem do mar, o marinheiro os deve honrar e honra, e serve, embora acredite em *milagres, visões* e *agoiros,* como dissemos e cremos que demonstrâmos.

Talvez não aborreça no fim deste Folhetim a relação dos navios que acompanharam a *Successo*, para se avaliar, pouco mais ou menos, o immenso cabedal da nossa praça, ainda em 1819. Eis os seus nomes, procedencias e destinos. De Lisboa. Galeras *Felicidade* e *Triunfo Americano*, para o Rio de Janeiro. Dita *Imperador Alexandre*, para a Bahia. Bergantins *Logo lho direi, Jardineira, Bizarro, Harmonia*, para o Maranhão. *Feliz Vencedor, D. João VI, General Noronha, União*, para o Pará. Ditos *Bomfim, Europa, Senhor dos Passos, Silveira, Tres Corações, Deos te guarde*, para Pernambuco. Galera *Nova Alliança*, para o Malabar. Dita *Vigilancia*, para a Sumatra. Bergantim *Temerario*, para varios portos da Asia. Ditos *General Sampaio*, para Benguella, *Espadarte*, para a Madeira com as escunas *Senhora da Piedade, Estrella Brilhante* e hiate *Esperança*. Escuna *Circe*, para as Canarias.

Do Porto. Galeras *Ventura Feliz, Ermelinda, Delfina, Lusitana, Victoria, Almirante, Animo Grande*. Bergantins *Véra Cruz, Estrella do Norte, Diana, Veloz, Vencedor*, para o Rio. Galera *Paquete do Rio*, e os bergantins *Amisade, Bella Escolha, Feliz Esperança*, para a Bahia. Galera *Alegria*, e os bergantins *Flor de Lavos, S. Manoel Augusto, Santa Rita* e a escuna *Ave de Penna*, para Pernambuco. Bergantins *Andorinha, Amante da Innocencia*, para o Maranhão. Galera *Conde de Cavalleiros*, para Santos. De Villa do Conde para o Maranhão, bergantim *Feliz Aurora*.

FIM DO TOMO PRIMEIRO

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE PRIMEIRO TOMO

	PAGINAS
Prologo da presente edição	V
Juiso da obra	VIII
Do editor	IX
Prologo da primeira edição	XI
Ao illustre emigrado José Estevam Coelho de Magalhães	XIII
Poesia maritima	XVII
Folhetim de agradecimento á Revista Universal Lisbonense	XXI
O marinheiro	XXIII
Resposta do auctor dos folhetins maritimos	XXVII
Em agradecimento á ill.ma e ex.ma sr.a	XXIX
O tufão	XXX
Quadros navaes. Folhetim maritimo	1
A atracação II	9
A presa III	15
O combate IV	19
Naufragio V	27
O commandante VI	37
Evoluções navaes VII	65
Typo portuguez VIII	51
O mar não tem cancellas IX	61
A inadvertencia X	67
A fatalidade XI	73
As pragas XII	81
O homem do mar XIII	143
A fragata Tritão XIV	165
Um fôro de fidalgo XV	173
A traição XVI	183
O represamento XVII	189
A paz de Tripoli XVIII	199
Barca Maria Carlota XIX:	
Primeira parte	209
Segunda parte	213
O brigue Pedro Nunes XX	220
Uma perda que faz honra XXI	223
Os sonhos XXII	231
Um cruzeiro da escuna Amelia XXIII:	
Primeira parte	281
Segunda parte	290
Terceira parte	296
Os dias do marinheiro XXIV:	
Primeia parte — Um bom dia	301
Segunda parte — Um mau dia	313
Um combate da náu Conceição XXV	321
Combate do Espik	328
Recordações	337
Os agoiros XXVI	381

ERRATAS

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
40	26	embaixo indica	bem o indica
48	18	Á huma hora	Ás cinco horas
77	29	onde, onde	onde
155	25	Onde começa novo dialogo deve entender-se que he a indicação da pergunta que vem de cima, em seguida á interrogação = Onde está a prôa? »	
216	29	reis	22 contos
216	34	e deo	deram ao dia
237	31	costando caros	custando caros
277	14	deu	deo
287	34	sudoeste	sueste
288	14	sudoeste	sueste
304	25	dizendo primeira parte, um bom dia, deve supprimir-se, pois o § pertence á designação já feita a paginas 301.	
306	16	péga	pêga
307	15	á sondareza	a sondareza
310	10	se não a ideia	se não na ideia
310	12	e sociedade	a sociedade
310	15	no coração	no coração do camponez
313	–	onde acaba o periodo com ponto final da resposta do timoneiro « Está todo, não quer arribar. » Deve começar o immediato: Salta acima, ou precedido das duas virgulas, para indicar a voz do commando.	
388	20	chegado a Macáo	de Macáo
388	27	vendeo-se	perdeo-se
393	33	attractivosas mulheres	attractivos as mulheres
407	24	aquelle	áquelle
408	–	O commandante que ao catavento, manobrava	O commandante que, ao catavento manobrava

LIBRARY
APR
5
1979
UNIVERSITY OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
551
S6
1861
t.1

Soares, Joaquim Pedro
Celestino
Quadros navaes

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 08 10 004 7